BSB Bayerische StaatsBibliothek
MDZ Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Leão, Duarte Nunes de, 1530-1608

Cronicas, e vidas dos reys de Portugal ...

Bd.: 1

Lisboa 1780

4 Port. 20 m-3
urn:nbn:de:bvb:12-bsb10691288-1

4° Port
20m

Nunnez

<36610548080010

<36610548080010

Bayer. Staatsbibliothek

CRONICAS DEL REY DOM JOAÕ

DE GLORIOSA MEMORIA, O I. DESTE NOME, E DOS REYS DE PORTUGAL O X., E AS DOS REYS D. DUARTE, E D. AFFONSO O V.

POR

DUARTE NUNES DE LEAÕ

AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY

DOM JOAÕ O IV.

NOSSO SENHOR.

TIRADAS A LUZ POR ORDEM

DO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. RODRIGO DA CUNHA,

Arcebiſpo de Lisboa, raro exemplo de Prelados, e verdadeiro Pai da Patria.

E AUTOS DO LEVANTAMENTO, E JURAMENTOS del Rey N.Senhor D. Joaõ o IV, e do Sereniſſimo Principe D. Theodoſio N. Senhor: e Propoſiçaõ das Cortes.

TOMO I.

LISBOA

Na Offic. de JOZE' DE AQUINO BULHOENS.

ANNO M.DCC.LXXX.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe em caſa de Luïz Antonio Alfeiraõ.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

CRONICA
DEL REY
D. JOAÕ, O I.
DESTE NOME, E DOS REYS DE PORTUGAL O DECIMO.

CAPITULO I.

Nacimento delRey D. Joaõ o I. He eleito Meſtre de Aviz: pertende a Rainha Dona Briatís de Caſtella ſer acclamada Rainha de Portugal: repugna todo o Reino a iſſo.

DESPOIS da morte de Dona Inez de Caſtro, houve el Rey D. Pedro de huma Tareja Lourenço, natural de Galiza, a D. Joaõ, que lhe naceo em Lisboa a 11 de Abril do anno de 357. Sua criaçaõ em quanto foi pequeno encarregou el Rey a hum Lourenço Martins, Cidadaõ honrado da meſma Cidade, que morava á praça dos canos junto á See. Paſſados os annos de ſua infancia, o entregou a Nuno Freire Dandrade, Meſtre da Ordem de Chriſto, que o teve em ſeu poder de idade de ſete annos; porque como chegou aquelle tempo, por vagar o Meſtrado de Aviz por morte do Meſtre D. Martim do Avellal, D. Nuno o levou ao lugar da Chamuſca, que entaõ era termo de Santarem, onde el Rey D. Pedro eſtava, a lhe pedir aquelle Meſtrado para el-

le. El Rei foi mui ledo de ver ſeu filho, e a boa indole, que moſtrava; e lho concedeo, e o armou Cavaleiro, e foi pelo Commendador Mór, e Cavaleiros recebido por Meſtre, e levado ao Convento de Aviz, onde tomou o habito, e ſe criou alguns annos até idade, em que começou a exercitar as armas. E porque o que D. Joaõ paſſou nos annos de ſua Adoleſcencia fica dito na Vida del Rey D. Fernando ſeu irmaõ, ſe deixa aqui de dizer: proſeguindo a vida que fez depois da morte do dito Rey, por naõ confundir a ordem dos annos, e por ſeguir o curſo da hiſtoria, e ſuceſſos dos tempos, naõ direi ſómente o que toca á vida, e feitos deſte Principe, mas o que neſtes Reynados ſucedeo até elle ſe chamar defenſor delles, pois he o fundamento do que delle ſe ha de dizer

Morto pois el Rey D. Fernando, como por ſeu teſtamento a Rainha Dona Leanor ſua molher ficou por Regente, e Governadora do Reyno, conforme aos Contratos, e Capitulaçoẽs feitas com el Rey D. Joaõ de Caſtella, começou a uſar de toda a maneira de jurdiçaõ, como ſe fora a Rainha herdeira do Reyno, e como ſohem fazer os Reys, que novamente ſucedem; e aſſi dos Póvos, como dos Grandes era em tudo obedecida: e como ella ſabia a roim opiniaõ, que ſe della tinha, por a tirar do animo das gentes, fingia-ſe mui deſconſolada; e em huma eſcura camera, coberta toda de dó, fazia grandes prantos com toda a peſſoa, que de novo a vinha ver; e com lagrimas, e com ſoluços (que ás mulheres naõ faltaõ quando lhes ſervem) ſe lamentava de ſeu deſemparo, e como el Rey deixára no Reyno muitos abuſos, e a gente muito pobre, e eſtragada, que no começo de ſeu reynado achou rica, e proſpera, ſendo elle abaſtado de grandes theſouros, que del Rey ſeu pai, e

de

de ſeus avós lhe ficáraõ. Os Officiaes da Camara de Lisboa ſe foraõ á Rainha pedir-lhe naõ ſeguiſſe os caminhos de ſeu marido, que ſe regia por conſelho de homens Eſtrangeiros apaixonados por ſeus reſpeitos, e intereſſes, que nem tinhaõ amor ao Reyno, por naõ ſerem naturaes delle, nem ſopportavaõ os encargos, que aconſelhavaõ. Mas que por conſelho dos naturaes governaſſe, e com o acordo dos homens bem entendidos; e que ſeria bem que trouxeſſe dous de cada Comarca: e aſſi lhe requereraõ algumas couſas outras de utilidade commum de toda a Républica. A Rainha, que naõ deſejava mais que inſinuarſe na benevolencia do Povo, que ſabia naõ lhe ſer mui propicio, lhes deu tal repoſta, com que ficáraõ contentes.

Entre tanto el Rey de Caſtella, logo como veio á ſua noticia a morte del Rey ſeu Sogro com a Rainha Dona Briatís, eſcreveu á Rainha ſua mãi os fizeſſe alevantar, e reconhecer por Reys: o que ella cumprio, fazendo-o ſaber a todos os Grandes, que com ella eſtavaõ, e aos auſentes; e eſcrevendo ás Cidades, e Villas do Reyno levantaſſem bandeiras por a Rainha Dona Briatís ſua filha. Mas como naturalmente todas a gentes ſaõ contrarias de ſe ſujeitar a Rey de eſtranha naçaõ, era iſto mais nos Portuguezes: aſſi pola antiga emulaçaõ, que ſempre entre elles, e os Caſtelhanos houve, qual ſohe haver entre Provincias, e Comarcas, como por as guerras paſſadas, de que os eſcandalos, e odios eſtavaõ ainda freſcos, pelo que tomavaõ de mámente o jugo.

E mandando a Rainha aos de Lisboa, que, ſegundo coſtumavaõ na ſuceſſaõ de novo Rey, levantaſſem bandeira pola Rainha Dona Beatrís, foi aſſentado pelos fidalgos, que ahi eſtavaõ, que a hum certo dia cavalgaſſem todos, e trouxeſſem o

pen-

pendaõ pela Cidade com as coſtumadas acclamaçoẽs: e pondo o em effeito, e dizendo em vozes altas, *Real*, *Real*, *por a Rainha Dona Briatís*, foi tamanha a triſteza em todo o Povo, e tantas murmuraçoẽs, que naõ havia quem as apaſiguaſſe. E diziaõ huns contra outros: *Para iſto ganháraõ noſſos avós Portugal aos Mouros á cuſta de tanto ſangue, e tantas vidas, para o nós darmos a Caſtelhanos?* O que trazia o pendaõ era D. Henrique Manoel de Vilhena, tio del Rey de Caſtella, e da Rainha Dona Briatís, que era Conde de Cea, e Alcaide Mór de Cintra, que a eſte Reyno viera com ſua irmaã a Infanta Dona Conſtancia; e paſſando deſpois a Caſtella nas alteraçoẽs, que ſe ſeguiraõ, foi Conde de Montalegre, e de Menezes. E indo elle ao terreiro da See, tendo inda andado pouco, ſe detiveraõ elle, e os que com elle hiaõ, porque ouviraõ dizer que os da Cidade eſtavaõ por aquelle caſo alvoroçados; e mandáraõ á rua nova ſaber o que a gente dizia. E dizendo entre tanto por mandado do Conde D. Henrique *Real*, *Real*, huns diziaõ que naõ eraõ contentes de tal pregaõ: e o Conde D. Alvaro Pires de Caſtro diſſe *Real*, *Real*, *por cujo for o Reyno*: o que elle entendia polos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, ſeus ſobrinhos, que andavaõ em Caſtella. Da tençaõ do Conde D. Alvaro havia muitos, que o ſoltavaõ publicamente. Os que foraõ ſaber novas do que o povo murmurava, diſſeraõ que a gente andava amotinada, ſó por ſe alevantar aquelle pendaõ; e que corriaõ riſco, ſe foſſem por diante: polo que logo ſe recolhêraõ.

CA-

CAPITULO II.

Como outras terras de Portugal resistiraõ á pertençaõ da Rainha Dona Briatís.

DA mesma maneira aconteceo em Santarem. Porque, levantando o Alcaide do Castello a bandeira com 60 homens de cavallo, que se lhe ajuntáraõ, e nenhum de pé, em vendo a gente do povo nomear a Rainha Dona Briatís, houve muita desuniaõ, e motins: e dizendo o Alcaide *Real*, *Real* por algumas vezes, ninguem lhe quis responder, tirando huma velha de muitos annos, que lhe disse *Em má hora seria isso*: *mas Real*, *Real por o Infante D. Joaõ*, *que he o direito Rey de Portugal. E como sogeitos haviamos nós ser de Castelhanos? Nunca Deos tal quererá.* E como a gente popular he vehemente quando em alguma cousa, que traga novidade, acha guia, e Capitaõ, a esta velha seguiraõ outros com outras taes palavras. Quando o Alcaide chegou á praça, e deu outro tal brado por a Rainha de Castella, muita gente, que o estava aguardando, levantando a voz, respondeu que nunca tal seria: que seu Rey havia de ser o Infante D. Joaõ: e que como fora elle ousado de tal cousa fazer, ou quem lho mandára? E era já o alvoroço, e o arruido tanto, que se naõ ouviaõ. Nesta uniaõ hum homem baixo, e de pouca conta pelliteiro, por nome Domingos Anes, arrancando da espada, disse: *Que estamos aqui fazendo*, *e que pregaõ he este*? O mesmo fizeraõ todos, os que ahi se acháraõ, dizendo que matassem o Alcaide. Os de cavallo, que com elle vinhaõ, o desempararáraõ, e lançáraõ a fogir; e o Alcaide deu de esporas ao cavallo com temor de ser morto: e com a pressa

levou

levou o pendaõ arraſtrando até o Caſtello, indo todo o povo apos elle pera o matar: e aſſi o fizeraõ, ſe as portas do Caſtello ſe naõ fecháraõ, em o Alcaide entrando. E logo tornáraõ todos dizendo a huma voz: *Viva, viva o Infante D. Joaõ.* Aſſi eſteve a gente inquieta até que a noite os apartou, e fez recolher. E naõ ha dúvida ſenaõ que, ſe o Infante D. Joaõ neſte Reyno eſtivera, aſſi por ſuas grandes partes, porque era mui amado de todos, como por o ter o povo por filho legitimo del Rey D. Pedro, fora Rey.

Outra tal aconteceo em Elvas, onde, ſendo Alvaro Pereira Alcaide do Caſtello, alçou huma bandeira, e andou com ella a cavallo pela Villa até á porta de Santo Agoſtinho, pregoando *Real, Real, pola Rainha Dona Briatís.* Gil Fernandes, aquelle valente homem, de que já fallámos na Vida del Rey D. Fernando, que entaõ naõ era na Villa, quando veio á noite, e o ſoube, ajuntou os mais da Villa, e levantou outra bandeira bradando *Real, Real por Portugal.* Alvaro Pereira, eſcandalizado muito diſto, convidou Gil Fernandes a jantar: e, acabado de comer, lhe diſſe que ſoubeſſe que eſtava prezo; e que, tendo prezo a elle, lhe parecia que tinha preza toda Elvas. Gil Fernandes ſe queixou delle que o prendera mal, e como naõ devia, e atreiçoadamente; mas que a gente miuda viria das vinhas, e o tirariaõ dalli. No que ſe elle naõ enganou: porque, como na Villa ſe ſoube que elle era prezo, e a cauſa porque, repicaraõ os ſinos, e juntouſe a gente da Villa com a que andava fóra, naõ ſómente os homens, mas as molheres, e os moços, e combateraõ o Caſtello de maneira, que, temendo-ſe Alvaro Pereira do furor daquelle povo, lhes bradou, dizendo: que lhe daria Gil Fernandes ſobre arrefens. E ficando por

por elle dous homens principaes da Villa, foi solto. E sabendo Gil Fernandez que Alvaro Pereira mandava por gente a Castella para defender o Castello, elle, e hum Martim Rodrigues com outros o começáraõ a combater, e em breve foraõ as portas queimadas, e o muro roto. Alvaro Pereira deu o Castello, com tanto que Gil Fernandez o tirasse de Elvas a salvo com sua molher, e filhos, e familia. E quando aquella noite veio o soccorro dos Castelhanos, já era rendido: polo que se tornáraõ sem fazer nada. Desta maneira aconteceo em muitos lugares do Reyno, em que houve grande contradiçaõ a se nomear por Rainha de Portugal Dona Briatís; pois em consequencia vinha el Rey de Castella seu marido.

CAPITULO III.

Escreve el Rey de Castella em favor da Rainha Dona Briatìs: e os Senhores Portuguezes trataõ alguns delles da morte do Conde Joaõ Fernandes Dandeiro.

EL Rey de Castella sabendo que em Lisboa se ajuntavaõ os Grandes do Reyno ás Exequias, que se faziaõ do mez, por el Rey D. Fernando, lhes escreveo, e assi mesmo ás Cidades, e Villas do Reyno, e mandou por seu Embaixador hum Cavaleiro da Ordem de Sant-Iago, natural de Salamanca, que se chamava Antonio Lopes de Texeda: e a substancia das cartas era rogar-lhes, e requerer-lhes quizessem como bons, e leaes Vassalos, reconhecer a Rainha Dona Briatís, e a elle por Senhores, e seus Reys naturaes, conforme aos contratos que lhes tinhaõ feitos, e jurados.

Como a infamia, que a Rainha tinha com o

Conde Joaõ Fernandes Dandeiro era taõ pública, aſſi pola grande affeiçaõ que lhe moſtrava, a qual ella como cega, e perturbada do animo naõ podia, nem ſabia encobrir, e por as muitas dadivas, e acrecentamento de honras, e rendas, que lhe procurava cada dia, foi mui deſejada ſua morte de muitos: de huns pela deshonra del Rey, de que elles como Vaſſallos leaes ſe affrontavaõ: de outros por enveja, que haviaõ de ſua valia, e privança: e ſendo eſta morte procurada aſſi del Rey, como de D. Joaõ Tello, Conde de Barcellos, irmaõ da Rainha, nunca ſe pode effeituar.

Eſta vingança parece permittio Deos ſe guardaſſe pera o Meſtre de Aviz, como a ſucceſſor do Reyno, a que competia fazer juſtiça dos malfeitores, e para com aquella morte ganhar mais a vontade do povo, que já lhe eſtava afteiçoado, e ficar mais facil vir elle a ſer Rey. E entre os que muito deſejavaõ a morte do Conde era Nunalvares Pereira: e ſendo elle chamado dantre Douro, e Minho, onde eſtava com ſua molher, por recado da Rainha pera as Exequias del Rey, veio a Liſboa com trinta eſcudeiros bem armados, e certos homens de pé, ſendo elle ſó o que com gente apercebida veio áquelle ſaimento. Acabadas as Exequias, andando elle no Paço ſó, cuidando o que havia de ſer do Reyno, que eſtava taõ deſemparado, e quem o poderia defender dos que contra elle quizeſſem vir; e como el Rey de Caſtella prendera o Conde de Gigaõ D. Antonio ſeu irmaõ, e o Infante D. Joaõ de Portugal, tanto que ſoubera como el Rey D. Fernando era morto, e que ajuntava gentes pera entrar com grande poder em Portugal; cahio-lhe na imaginaçaõ que ninguem havia, que com mais razaõ ſe oppuzeſſe por Defenſor do Reyno, que o Meſtre de Aviz como filho

del

del Rey D. Pedro, e irmaõ do Rey defuncto, e como bom Cavaleiro, e esforçado que era. Apos isto veio a cuidar que o começo de tal empreza havia de ser a morte do Conde Joaõ Fernandes Dandeiro, em quem a Rainha punha sua confiança. Andando nestes pensamentos, vio-se com Ruy Pereira seu tio, a quem os contou, declarandolhe sua boa vontade de ser naquelle feito, se o Mestre o quizesse emprender. Ruy Pereira, que em nenhuma cousa trazia mais o sentido, se foi logo ao Mestre, e lhe deu conta de tudo. O Mestre folgando muito com o que Ruy Pereira lhe dissera, mandou chamar Nunalvares, e lho agradeceu muito. Porém a mim me parece (disse o Mestre a Ruy Pereira) que naõ ouço já murmurar tanto da Rainha, nem fallar nisto do Conde, como sohia. O' Senhor, (disse Ruy Pereira) vós naõ sabeis isto como he: quando eu andava para casar com minha molher, fallavaõ todos como eu queria casar com Violante Lopes; e depois que fomos casados, nunca mais houve quem fallasse em nosso casamento. E estes, Senhor, taes saõ: usaraõ tanto de sua maldade, e por tanto tempo, que os haõ já todos por casados, e por isso naõ fallaõ nelles como de principio. O Mestre se sorrio da comparaçaõ, e rogou a Nunalvares que trabalhasse por haver de sua parte as mais gentes que pudesse, para ao outro dia ser morto o Conde Joaõ Fernandes Dandeiro.

Nunalvares Pereira foi mui ledo com o que o Mestre lhe dissera sobre a morte do Conde: e logo se partio pera sua pousada, e se começou a aperceber do que cumpria: e fazendo-o mui á pressa, o Mestre lhe mandou dizer que cessasse do que lhe dissera; que naõ podia entaõ ser: e assi se desviou por aquella vez a morte do Conde, como

muitas vezes acontecêra. Mas quando a hora chegou, logo se facilitou o meio pera isto, e foi este. Na Cidade de Lisboa vivia hum homem honrado, e rico, que se chamava Alvaro Paes, que fora Chançarel mór del Rey D. Pedro, e del Rey D. Fernando; e por ser velho, e gotozo, o aposentou a seu requerimento el Rei D. Fernando: e por sua virtude, e prudencia mandou aos Vereadores da Cidade de Lisboa que nenhuma cousa de importancia fizessem sem seu conselho, e parecer: por a qual razaõ, quando elle por sua indisposiçaõ naõ podia ir á Camara, vinhaõ os Officiaes della a sua casa, sobre o que haviaõ de fazer. Este homem naõ perdendo hum antigo odio, que tinha ao Conde Joaõ Fernandes Dandeiro por a deshonra, que a el Rey seu Senhor tinha feita, nenhuma cousa mais desejava, que vello morto: e parecendo-lhe o tempo opportuno, fallou sobre isso ao Conde de Barcellos irmaõ da Rainha, dando-lhe muitas razoẽs, por que devia tornar pola honra del Rey seu Senhor, e pola de sua linhagem. O Conde lhe disse quanto sempre desejara de o pôr em effeito; porém que naõ sucedera occasiaõ, nem agora a tinha; mas que fallasse com o Mestre de Aviz, a que isso tocava tanto como a elle; e que o Mestre tinha animo, e maneira para o fazer: e que, pois elle naõ podia com sua infermidade ir fóra de casa, faria com o Mestre que lhe viesse fallar. O Conde se foi ao Mestre, e lhe disse como Alvaro Paes tinha que fallar com elle algumas cousas de sua honra, e serviço: e porque por sua doença naõ podia vir a elle, quando cavalgasse o fosse ver. O Mestre, por lhe parecer seria cousa que tocava ao bem commum, e pera saber o que era, naõ tardou muito em lhe ir fallar: e apartados ambos, Alvaro Paes por muitas razoẽs mostrou ao Mestre a

obri-

obrigaçaõ, que tinha pera emprender a morte do Conde, e vingar a affronta del Rey ſeu irmaõ, que tambem tocava á elle, e a honra que ganharia entre os Principes, e Cavaleiros. Ajuntava a iſto que a vida do Meſtre naõ andava agora mais ſegura, que quando a Rainha, e o Conde em vida del Rei lhe tinhaõ ordenada a morte: mas naquella hora tinhaõ maiores couſas para ſe delles temerem, e mais poder, e jurdiçaõ pera o acabarem. O Meſtre aceitou de boa vontade o que lhe Alvaro Paes propoz, e outorgava de o fazer; mas punha-lhe diante muitos inconvenientes, eſpecialmente dizia que quem tal feito emprendeſſe dentro em Lisboa, o naõ podia levar ao cabo, ſem alguma ajuda do povo, por a volta que dahi podia ſuceder.

Alvaro Paes com os deſejos, que tinha, facilitou todos os meios ao Meſtre, e lhe prometeo toda a ajuda da Cidade. O Meſtre com aquella offerta lhe prometeo de o pôr em effeito: quando Alvaro Paes lho ouvio, com olhos cheios de lagrimas de prazer lhe diſſe: *He verdade iſto, que me agora dizeis, que haverá quem vingue a el Rey meu Senhor?* E certificando-lho mais o Meſtre, Alvaro Paes o beijou na face, dizendo: *Agora vejo a differença, que os filhos dos Reys tem dos outros homens.* E deſpois que falláraõ muito naquelle feito, ſe deſpedio o Meſtre.

CA-

CAPITULO IV.

Trata o Meſtre de Aviz de matar o Conde Joaõ Fernandes Dandeiro : deſcobre ſeu intento a outros Senhores.

TAnto que o Meſtre ſe determinou em matar o Conde, logo deſcubrio ſua tençaõ ao Conde de Barcellos, irmaõ da Rainha, e a Ruy Pereira, e a outros, de que ſe fiou, que lhe certificáraõ os acharia preſtes quando quizeſſe pôr ſua vontade em effeito : e porque o principal diſto era a ajuda, e favor do povo, hia o Meſtre a miude fallar com Alvaro Paes, e ás vezes com o Conde de Barcellos : e ás vezes ſò Alvaro Paes, ſem ter deſcuberto a peſſoa alguma aquella determinaçaõ do Meſtre, promettia-lhe que toda a Cidade ſeria por elle, por a má vontade que todos tinhaõ á Rainha, e ao Conde; e a boa, que tinhaõ ao Meſtre. Pelo que aſſentáraõ que, tanto que o Meſtre chegaſſe ao Paço pera matar o Conde, hum ſeu pagem, que com elle andava ſempre a cavallo, por nome Gomes Freire, foſſe logo pela Cidade bradando até caſa de Alvaro Paes, que acodiſſem ao Meſtre de Aviz, que o matavaõ. E que entaõ ſahiria elle com os ſeus á maneira de ſoccorro, e levaria conſigo quantos achaſſe pelas ruas, e que todos iriaõ de boa mente; e que aſſi ſe ajuntaria toda a Cidade em ſua ajuda. Eſte favor buſcava o Meſtre naõ por falta alguma de coraçaõ, que ninguem o tinha mais esforçado, e confiado de ſi, que elle; mas por os muitos amigos, que o Conde tinha, aſſi por o favor da Rainha, de que era taõ privado, como por andar ſempre acompanhado a todas as horas de muitos homens Fidalgos,

com

com que se assegurava, dos quaes eraõ Martim Gonçalves da Taide, Joaõ Antonio Pimentel, senhor de Bragança, Pedro Rodriguez de Fonsequa, Fernando Antonio de Miranda, e outros muitos a fóra 30 escudeiros seus, que sempre comsigo trazia continuos.

O Conde Joaõ Fernandes na noite, que el Rey D. Fernando faleceo, receandose do que tinha feito, se partira pera seu Condado de Ourem mui á pressa, sendo tempo, em que na Corte naõ havia tantos senhores, e fidalgos, de que se temer, como havia no tempo do saimento, em que se elle quis achar, sendo chamado por cartas da Rainha, como os mais fidalgos do Reyno, posto que sua molher lhe requereo naõ viesse, por lhe parecer que naõ vinha seguro. O Conde naõ curando de seu conselho como homem, a que já Deos cegava para o castigar, veio a Santarem pousar com Gonçalo Vasques Dazevedo, Alcaide mór daquella Villa, seu consogro, que mostrava ser grande seu amigo, que o recebeo mui bem: mas o reprendeo de vir vestido de preto, e naõ de burel, como todos andavaõ por el Rey; do qual logo o fez vestir, porque, naquelle tempo de luto, andar de preto era sinal de andar alegre, porque de burel branco se vestiaõ os anojados. O Conde preguntou a Gonçalo Vasques se havia de ir ao saimento? E elle respondeo que naõ, dando algumas razoés de escusas: mas a verdade era que elle sospeitava a morte do Conde, e naõ se quis achar naquella volta, sendo seu amigo, e consogro, receando o que podia suceder: e aconselhou ao Conde naõ fosse lá. O Conde, posto que se receasse de algumas pessoas, de ninguem se temia mais, que do Mestre de Aviz: mas como este receio era já antigo, e polos novos cuidados, que com a morte del Rey

cada

cada hum tinha por a ſucceſſaõ del Rey de Caſtella, naõ cuidava que já poderia ter quem lhe foſſe contrario. Elle entrou na Corte; onde de todos foi recebido com aquella feſta, e gaſalhado, que ſe faz aos privados dos Reys: mas o gaſalhado da Rainha foi o maior que todos, porque logo começou a deſpachar com elle todas as couſas do Reyno. E porque ſe dizia que el Rey de Caſtella queria quebrar o aſſento que tinha feito, e capitulado; tanto que o ſaimento ſe fez, acordou a Rainha com os do ſeu Conſelho, que o Reyno ſe defendeſſe, querendo o dito Rey de Caſtella nelle entrar; e que logo ſe mandaſſem fronteiros, e as lanças, com que haviaõ de ſervir. E ao Meſtre de Aviz couberaõ as terras de ſeu Meſtrado com as mais da Comarca dantre Téjo, e Guadiana, dando-lhe logo pera iſſo as proviſoẽs neceſſarias.

Como o Meſtre foi deſpachado, ſe deſpedio da Rainha, e ſe partio da Cidade hum dia depois de comer, e foi dormir a Santo Antonio do Tojal, que eſtá dahi duas legoas: e por tirar ſoſpeita da tornada, que queria fazer pera matar o Conde, mandou Fernaõ Alvares Dalmeida, cavaleiro da Ordem de Aviz ſeu Veedor, que ſe tornaſſe logo dormir a Lisboa; e que ao outro dia lhe fizeſſe preſtes de jantar; e que diſſeſſe á Rainha que elle ſe tornava do caminho, porque naõ hia deſpachado como cumpria. O Veedor partio logo, e chegou alta noite á Cidade: mas ainda falou á Rainha, e ao Conde o porque vinha; e como ao outro dia o Meſtre havia de tornar, por naõ ir deſpachado como cumpria. A Rainha, e o Conde diſſeraõ que tornaſſe em boa hora; que logo ſeria aviado.

Ao outro dia partio o Meſtre daquelle lugar, onde dormira; e veio ſem preſſa alguma: e no caminho

minho deſcubrio ſeu propoſito ao Comendador de Juremenha, e a Lourenço Martins de Leiria, (que era o que o criou ſendo moço) e a Vaſco Lourenço, que deſpois foi Meirinho, e a Lopo Vaſques, que foi Comendador Mór de Aviz, e a Ruy Pereira, que ao caminho o foi eſperar: e a hum dos ſeus mandou diante á preſſa, pera dizer a Alvaro Paes que ſe fizeſſe preſtes, que elle hia fazer o que lhe tinha dito: o menſageiro andou á preſſa; e, deſpois de lhe dar o recado, ſe tornou pera o Meſtre. O qual a hora de terça chegou ao Paço ſem ſe decerem noutra parte; e quando deſcavalgou, e começáraõ a ſobir, diziaõ os ſeus huns ós outros mui manſo, que foſſem preſtes, porque o Meſtre avia de matar o Conde Joaõ Fernandez. O Meſtre vinha veſtido em huma cotta de malha, e com elle vinhaõ 25 homens com cottas, e braçais, e eſpadas cingidas, como homens, que vinhaõ de caminho.

CAPITULO V.

Vem o Meſtre ao Paço, e dentro nelle mata ao Conde Joaõ Fernandez Dandeiro com grande magoa da Rainha.

AO tempo que o Meſtre chegou ao Paço, eſtava a Rainha em ſua camara, e algumas Donas aſſentadas com ella no eſtrado, o Conde de Barcellos ſeu Irmaõ, e o Conde D. Alvaro Pirez de Caſtro, e Fernando Antonio de Çamora, fidalgo principal Caſtelhano dos que ſe vieraõ para el Rey D. Fernando no tempo das guerras, com el Rey D. Henrique: e outros eſtavaõ aſſentados em hum banco; e o Conde Joaõ Fernandez, que antes eſtava na cabeceira delle, eſtava

entaõ de giolhos ante a Rainha, fallando manſo com ella; e eſtando aſſi, bateraõ á porta: e em o porteiro abrindo, entrou o Meſtre; e querendo o porteiro cerrar aos de ſua companhia, diſſe que preguntaria á Rainha ſe entrariaõ; porque como a Rainha eſtava de luto, e naõ entrava ninguem ſem lho ella mandar, ſenaõ algum ſenhor, duvidou ſe lhes abriria. O Meſtre reſpondeo ao porteiro: *Que lhe has tu de dizer?* E em dizendo iſto, entrou de maneira, que entráraõ todos com elle. O Meſtre ſe foi com muita continencia, e pauſa para onde eſtava a Rainha; e ella ſe levantou, e os que com ella eſtavaõ: e deſpois que o Meſtre fez ſua reverencia á Rainha, e corteſia a todos, e elles a elle, mandou a Rainha que ſe aſſentaſſem: e diſſe ao Meſtre: *E pois, Irmaõ, que he iſto, a que tornaſtes de voſſo caminho?* O Meſtre reſpondeo, que tornara, porque lhe parecera que naõ hia deſpachado como cumpria; porque aquella frontaria, que lhe aſſinara, era mui groſſa, e de peſſoas grandes, aſſi como dos Meſtres de S. Tiago, e de Alcantara, e de outros muitos fidalgos de grande conta; e que os que lhe ella aſſinara, pareciaõ poucos, e por iſſo tornara a lhe pedir mais gente pera ir como cumpria á ſua honra, e ſerviço de S. A. A' Rainha pareceo mui bem o requerimento do Meſtre; e folgara muito de ſer aquillo aſſi verdade, e naõ entrar niſſo algum fingimento. E logo mandou chamar o eſcrivaõ da puridade para ver os livros dos Vaſſallos daquella comarca, e ſe darem ao Meſtre todos os que quizeſſe. Em quanto o eſcrivaõ via os livros, os Condes cada hum por ſi convidaraõ ao Meſtre a jantar, e o Conde Joaõ Fernandez com mais inſtancia lhe pedia comeſſe com elle. O Meſtre ſe eſcuſou de todos, dizendo que já tinha preſtes de comer, porque

que a isso viera diante seu Veador. A este tempo disse o Mestre em voz baixa ao Conde de Barcellos, que naõ ouvio ninguem, que se fosse dali; que queria matar ao Conde Joaõ Fernandez. E elle respondeo, que naõ iria, mas estaria ali pera o ajudar. O Mestre lhe rogou que todavia se fosse logo, e que o esperasse em casa; que, tanto que aquelle negocio fosse feito, logo iria comer com elle.

O Conde Joaõ Fernandez, como sua hora era chegada, pera se lhe melhor azar a morte, e elle ficar mais só, temendose da vinda do Mestre, mandou recado aos seus, que se fossem armar, e se viessem á pressa pera elle: e logo assi os seus, como os fidalgos, que o acompanhavaõ, se foraõ do Paço armar: polo que elle se achou só quando morreo. A Rainha tambem como tinha o testemunho de sua conciencia contra si, pos olho nos do Mestre: e, vendoos assi armados, naõ ficou contente de si, e disse contra o Mestre: Bom costume he o dos Igrezes, que no tempo da paz naõ trazem armas, mas boas roupas, e luvas nas maõs como damas; e no tempo da guerra costumaõ as armas, e uzaõ dellas como homens, e taõ valerosamente, como a todos he notorio. Senhora (disse o Mestre) he muito grande verdade; mas isso fazem elles, porque o mais do tempo tem guerra, e poucas vezes paz, e podem-o mui bem fazer: mas a nós he pollo contrario, porque temos sempre paz, e poucas vezes guerra: e se no tempo da paz naõ usarmos as armas, quando viesse a guerra naõ as saberiamos tratar, nem as poderiamos sofrer. Fallando nisto, e noutras cousas, chegaraõse as horas de comer, e despediose o Conde de Barcellos, e os mais, a que deu na vontade, o que se depois fez. Ficando o Conde Joaõ Fernandez, agastavasselhe

ſelhe o coraçaõ; e tornou a dizer ao Meſtre: Senhor, vós toda via comei comigo. Naõ comerei, (diſſe o Meſtre) que o tenho feito em minha caſa. Si comereis (diſſe o Conde) e em quanto vós falais, irei eu mandar fazer preſtes. Naõ vades, (reſpondeo o Meſtre) que vos ei de falar naõ ſei que, antes que me vá, e quero me logo ir, porque ſaõ horas de comer. Entaõ ſe deſpedio o Meſtre da Rainha muito quieto, ſem moſtra de perturbaçaõ alguma; e tomou o Conde polla maõ, e ſairaõ ambos da camara a huma grande caſa, que eſtava diante; e os do Meſtre todos com elle; e Ruy Pereira, e Lourenço Martins mais perto: e chegandoſe o Meſtre com o Conde pera junto de huma freſta, ſintiraõ os ſeus que o Meſtre lhe começava de falar paſſo, e as palavras foraõ poucas, e que ninguem entendeo, e ſendo mais tempo de o matar, que de o ouvir. O Meſtre tirou hum traçado, e deulhe hum golpe polla cabeça; e os que com o Meſtre eſtavaõ, vendo iſto, arrancaraõ das eſpadas pera lhe dar: querendoſe elle acolher á camara da Rainha com aquella ferida, que naõ era mortal, Ruy Pereira meteo nelle hum eſtoque de armas, de que logo cahio em terra morto: os outros quizeraõ darlhe mais feridas; e o Meſtre lho naõ conſentio: e logo mandou a Fernaõ Dalvarez Dalmeida, e Lourenço Martins, que foſſem ſerrar as portas do Paço para que naõ entraſſe ninguem; e diſſeſſe ao ſeu pagem que foſſe á preſſa pola Cidade bradando que o matavaõ. Eſta morte do Conde aconteceo ao 6 dias de Dezembro do anno de 1383, ſendo entaõ o Meſtre de idade de 25 annos, e entrando nos 26.

O eſtrondo, que com a morte do Conde ſe fez, ſoou taõ rijo na camara da Rainha, que alguns dos de dentro cuidavaõ que era gente vinda

ao ſaimento del Rey, que faziaõ pranto como outros, que vinhaõ cada dia. A Rainha torvada com a volta, ſe levantou em pé, e mandou ſaber o que era: e ſendolhe dito que era morto o Conde Joaõ Fernandez, ouve grande pavor, e diſſe: O' Santa Maria, como me mataraõ nelle hum bom ſervidor! E morre Martyr, pois morre ſem cauſa. E eu prometo a Deos que me vá a menhãa a S. Franciſco, e que mande fazer ahi huma grande fogueira, e eu farei taes ſalvas, quaes nunqua molher fez por eſtas couſas. O que ella naõ cuidava fazer. Iſto do fogo dizia ella pollo coſtume de Heſpanha, de que nas leys, e foros antiguos ſe faz mençaõ: porque os ſoſpeitos de adulterio, e certos crimes acuſados ſe mandavaõ queimar; ſalvo ſe purgaſſem ſua innocencia com tomar ferro quente na maõ; porque criaõ que os que eraõ innocentes ſe naõ podiaõ queimar: e queimandoſe a maõ no ferro, queimavaõ o delinquente em huma fogueira. O que naõ era ſómente em Heſpanha, onde os Godos o introduziraõ, mas em outras partes, como ſe vê na Epiſtola decretal do Papa Honorio 3., que tirou aquelle abuſo. E dahi veio a dizerſe em proverbio quando querem affirmar huma couſa ſe he verdade, que tomaráõ o ferro quente na maõ, ou meteráõ a maõ no fogo.

CAPITULO VI.

Da perturbaçaõ, que ouve na Cidade, cuidando que era morto o Meſtre: e como elle ſe ſahio do Paço.

QUando a gente, que no Paço eſtava, vio a morte do Conde, e o tumulto, que ſe começava, ſe puſeraõ todos em fugida, como cada hum achava a ſaida, huns por janellas, outros por telhados. O Meſtre ſe foi pera hum

eyrado

eyrado grande, que ahi perto eſtava, onde lhe veio hum menſageiro da parte da Rainha com grande medo preguntar ſe avia ella tambem de morrer. O Meſtre lhe reſpondeo: Dizei á Rainha minha Senhora, que Deos me guarde de tal tentaçaõ: que aſſoſſegue em ſua camara, e naõ haja temor: que naõ vim aqui por desſervir a ella, mas por fazer iſto a eſte homem, que mo tinha merecido. A Rainha, como quem naõ via a hora, em que o Meſtre ſe partiſſe, porque entre tanto lhe naõ aſſoſſegava o coraçaõ, lhe reſpondeo que, pois aſſi era, que deſpejaſſe ſua caſa. Os fidalgos, que acompanhavaõ o Conde, e os ſeus eſcudeiros, naõ ſabendo parte do que o Meſtre fizera, vinhaõ todos armados: e ſendo ja juntos no Paço, a gente, que começava a crecer pellas ruas, e alguns, que de dentro ſahiraõ, lhes diſſeraõ que naõ foſſem avante; que o Conde era morto, e as portas do Paço fechadas; e a gente era já la tanta, que, ſe apareceſſem, naõ eſcaparia nenhum: e aſſi o fizeraõ, que ſe tornaraõ, e cada hum ſe pos em ſalvo.

O paje do Meſtre, que á porta eſtava a cavalo, como lhe diſſeraõ que foſſe polla Cidade, começou de ir polla Cidade rijamente a gallope pollas ruas, bradando que acodiſſem ao Meſtre, que o matavaõ nos Paços da Rainha. E aſſi chegou a caſa de Alvaro Paes, que era dahi grande eſpaço. Os que iſto ouviraõ, começaraõſe de alvoroçar, e tomar armas, e acudiraõ preſtesmente ao Paço. Alvaro Paes, que eſtava ja preſtes, e armado, cavalgou logo á preſſa, (couſa que naõ uſava) e os ſeus com elle; e bradando pollas ruas, hia dizendo: *Acorramos ao Meſtre, que o mataõ: acorramos ao Meſtre, que filho he del Rey D. Pedro.* O povo todo acudio ao Paço a livrar o Meſtre: a gente, que

acu-

acudia, era tanta, e trabalhava tanto cada hum por ser dos primeiros, que se naõ podia passar pollas ruas, e se impediaõ huns aos outros. E como chegaraõ ás portas do Paço, que acharaõ fechadas por dentro, bradavaõ de desvariadas maneiras: huns diziaõ que o Mestre era morto; outros bradavaõ por lenha, e lume pera porem fogo aos Paços, e matarem o traidor Conde, e a aleivosa da Rainha: outros gritavaõ que quebrassem as portas: outros pediaõ escadas pera subir, e entrar pollas janellas: e alguns delles estavaõ atonitos, naõ sabendo que fizessem. Muitas molheres acodiaõ com fogo, e lenha pera queimarem as casas do Paço; e como he natural dellas falarem mais mal de outras molheres, que dos homens, diziaõ muitas palavras injuriosas, e feias contra a Rainha. Alguns de cima dos Paços, temendo o furor daquella gente taõ prompta a fazer mal, bradavaõ que o Mestre era vivo, e o Conde Joaõ Fernandez morto: mas o povo o naõ cria, e diziaõ com grandes vozes que lho mostrassem, pois era vivo, pera o verem. Os do Mestre vendo taõ grande arruido, e que se hia de cada vez acendendo mais, lhe pediraõ se quizesse mostrar a huma janella, porque doutra maneira poriaõ fogo aos Paços, ou quebrariaõ as portas; e, entrando por força, naõ lhe poderiaõ tolher fazerem algum desmancho, estando com aquelle furor, e armados. O Mestre se mostrou a huma janella, que vinha sobre a rua onde estava Alvaro Paes, e a mais força da gente, dizendolhes que assocegassem, que elle era vivo. A gente toda com sua vista ficou mui alegre, e soltaraõ muitas palavras contra a Rainha, dizendo que, pois matara o traidor, porque naõ matara tambem a adultra: e outras palavras, que gente baixa junta, e indignada poderia dizer. Poloque se entendeo que, se as portas do Pa-

ço

ço se abriraõ antes do Meltre aparecer, e os aſſocegar, a Rainha fora morta, e quantos da ſua parte, e do Conde ſe acharaõ.

Decendoſe o Meſtre á janella, os do Povo lhe pediraõ com grandes vozes, que veſtiſſe, e déſſe ao demo aquelles Paços. E vendo o Meſtre quam ſeguro eſtava com ter todo o povo por ſi, deceo a baixo, e poſſe a cavalo com os ſeus, e foi acompanhado de toda aquella multidaõ, de que era requerido ſe mandava que fizeſſem alguma couſa. O Meſtre lhes agradeceo ſua offerta: e aſſi foi para a caſa do Conde de Barcellos, Irmaõ da Rainha, com quem hia jantar. As molheres pollas ruas, por onde o Meſtre paſſava, ſahiaõ ás janellas dizendolhe muitas bençoẽs, e dando graças a Deos porque o viaõ vivo, por a fama que correra de elle ſer morto. A' entrada do Rocio o veio o Conde eſperar com os ſeus, e com alguns homens fidalgos da Cidade: e como vio o Meſtre acompanhado de tanto povo, o abraçou com muito prazer, dizendolhe que viveſſe muitos annos por quam bom feito fizera. E aſſi ſe foraõ comer.

CAPITULO VII.

He morto, e tratado inhumanamente do Povo o Arcebiſpo de Lisboa, e o Prior de Guimaraẽs.

ESTando pera ſe aſſentarem á meſa a comer, veio recado ao Meſtre que acodiſſe ao Biſpo, que os do povo o queriaõ matar. O Meſtre quizera ir la, mas o Conde o eſtorvou, dizendo que naõ curaſſe diſſo, quer o mataſſem, quer naõ; que naõ faltaria outro Biſpo Portuguez, que ſerviſſe melhor, ſe o mataſſem. E aſſi ceſſou o Meſtre. O Biſpo, que era de naçaõ Caſtelhano, natural de

de Çamora, por nome D. Martinho homem grande letrado, e virtuoſo prelado, e que de Biſpo de Silves, por ſeus merecimentos, o veio ſer de Lisboa, e habitava em humas caſas, que eſtavaõ ſobre a clauſtra da Sé, pera dahi poder mais facilmente vir a todas as horas, e officios divinos: e o dia, que o Meſtre matou o Conde, e áquella hora, que era tempo de comer, eſtava elle á meſa com o Prior de Guimaraẽs, que era ſeu amigo, e o tinha por hoſpede: e aſſi hum tabaliaõ de Silves ſeu familiar, que tambem chegara neſſe meſmo dia, e ouvindo os gritos das molheres, e arroidos da gente, que hia pola rua pera os Paços da Rainha, e dizia matarem o Meſtre, levantouſe da meſa, e com aquelles convidados, e ſeus familiares ſe deceo á clauſtra: e dahi, fechadas bem as portas da Igreja, ſe ſobiraõ todos á torre dos ſinos. E quando Alvaro Paes paſſou, bradaraõ aos de cima que repicaſſem. O innocente Biſpo com o grande arroido das vozes naõ ſabia que volta era aquella; nem por que mandavaõ tocar os ſinos: e porque ſeria grande alvoroço na Cidade repicar na Sé, duvidou ſe o mandaria fazer. Quando a gente popular vio que o Biſpo naõ mandava repicar, e que eſtava na torre dos ſinos, e com as portas da Igreja fechadas, e que ſe naõ podiaõ facilmente quebrar, troxeraõ eſcadas, e entraraõ na Igreja por huma freſta, e á preſſa abriraõ as portas, e entraraõ quantos quizeraõ, mas os mais ficavaõ de fora: todos bradavaõ que foſſem acima, e viſſem quem eſtava na torre, que naõ quizera repicar os ſinos; e, ſe foſſe o Biſpo, o lançaſſem a baixo. Hum procurador do conſelho, e o Alcaide da Cidade, e outros ſubiraõ pello caracol da torre, por onde naõ podia ir ſenaõ hum ante outro, nem entrar na torre, ſe lho alguem quizeſſe defender. O Biſpo ſe

quizera pôr em defensa, por ser Castelhano, e se temer da ira daquelle povo: mas confiado em sua innocencia, e tendo seguro dos que sobiaõ pera si, e para os que com elle estavaõ, os deixou entrar: e sendo perguntado porque naõ mandara repicar, sendolhe requerido pelo povo, se desculpou com razoẽs mui suficientes, e de que se satisfizeraõ os que lhas ouviraõ. A multidaõ da gente debaixo, que estava ao pé da torre, começou a bradar que deitassem o Bispo a baixo, ameaçando aos que lá foraõ, que tambem os aviaõ de deitar a elles. Quanta mais detença faziaõ os de cima, tanto as ameaças, e gritas dos debaixo eraõ maiores: pollo que elles mataraõ o Bispo, e o lançaraõ da torre a baixo, e com elle o Prior de Guimaraẽs, e o tabaliaõ. E como a gente baixa de sua natureza he vil, e inclinada a mal, maiormente quando se acha solta, e junta em hum corpo, naõ contentes com terem morto seu pastor, e Pontifice taõ sem causa, despois de ficar nú de todas suas vestiduras, de que logo foi despojado, o ataraõ com hum baraço pellas pernas, e arrastrandoo polla Cidade com as partes vergonhosas descubertas, e com ignominiosos pregoens diante, o levaraõ ao Rocio, onde o comeraõ os caẽs até o outro dia, que por o mao cheiro o mandaraõ soterrar, como tambem fizeraõ ao Prior, e ao tabaliaõ.

CA-

CAPITULO VIII.

Vem o Meſtre a viſitar a Rainha: parteſe ella pera Alenquer: e o Meſtre trata de ſe ir pera Inglaterra.

COmo o Meſtre, e o Conde comeraõ, veioſe para elles o Conde D. Alvaro Pirez de Caſtro; e pondoſe todos a cavalo foraõ a caſa da Rainha pera o Meſtre lhe pedir perdaõ do que aquelle dia fizera em ſeus paços: e os do Meſtre entraraõ com elle armados na camara da Rainha; do que ella ſe queixou, dizendo pera elles: Que mao enſino he eſte, ou que entrada de Camara? e como todos hemos de eſtar em conſelho? Os do Meſtre ſe deixaraõ eſtar ſem falar, nem ſe moverem. E a Rainha tornou a dizer-lhes: Ora eſtai em boa hora, pois agora aſſi quer Deos. Niſto ſe aſſentou a Rainha, que ao Meſtre ſe alevantara; e o Meſtre ſe aſſentou entre os dous Condes. Deſpois de aſſentados, ſe levantaraõ todos tres, e ſe puzeraõ de giolhos ante a Rainha, dizendolhe o Meſtre que lhe perdoaſſe o erro que fizera em matar o Conde no Paço, e que elle o fizera por aſſegurar ſua vida: e que ſerviços eſperava fazerlhe, com que ſe compenſaſſe aquelle deſgoſto que lhe dera. A Rainha reſpondeo a iſto nada; mas no geſto moſtrou que lhe pezava de ver o Meſtre. Pollo que o Conde D. Alvaro Pirez lhe diſſe: Senhora, porque naõ reſpondeis ao Meſtre, e naõ lhe perdoais? naõ he hum homem mais obrigado, inda que foſſe a Deos, que pedirlhe perdaõ? Perdoailhe, pois vos pede perdaõ, e he filho de hum Rey. Naõ reſpondendo nada a iſto a Rainha, lhe diſſe o Conde de Barcellos ſeu Irmaõ outro tanto. E ſendo ella aſſi

forçada a reſponder, como em eſcarnio diſſe: De que ſerve eſſe perdaõ? elle de ſi eſtá perdoado. Falemos em outras couſas. Mudado o propoſito, diſſe a Rainha: E ſe el Rey de Caſtella vier a eſte Reyno (como dizem) que ſe fará? Diſſe o Meſtre: Senhora, ſe lhe vós requererdes que naõ venha, naõ virá; porque elle he homem de razaõ. Ponhamos (diſſe a Rainha) que lho mando eu requerer, e dis que naõ quer. Entaõ, Senhora, (diſſe o Meſtre) ajuntai voſſa gente, e eſtorvailhe a vinda. A Rainha á maneira de eſcarnio começou de ſe ſorrir, e diſſe: Boa razaõ he eſſa: era el Rey meu ſenhor vivo, e vós outros todos com elle, e naõ o podieis fazer, quanto mais agora, que com elle nos morreraõ todas noſſas eſperanças? O Conde D. Alvaro vendo o medo, com que lhes a Rainha falava, levantouſe em pé, e diſſe ao Meſtre: Senhor, levantaivos, e vamonos embora; que a Rainha noſſa ſenhora de quanto aqui falarmos ſe naõ ha oje de contentar. Entaõ ſe levantaraõ, e deſpediraõ della: e, em ſe abrindo a porta, vio a Rainha inda jazer o Conde onde o mataraõ, e diſſe contra elles: O' Santa Maria, que crueldade tamanha! naõ aveis ora dó deſſe homem, que hi jas morto taõ deshonradamente? Se quer, por ſer homem fidalgo como vós, avei compaixaõ delle, e fazeio enterrar, naõ jaza aſſi. Elles naõ curaraõ diſſo, e ſe foraõ pera ſuas pouſadas. O Conde eſteve alli todo o dia cuberto com hum tapete velho, que ninguem ouſava de lhe por maõ pera o ſoterrar: e eſtava veſtido, ainda que o tempo era de luto, em hum gibaõ de ſetim crameſim, e hum tabardo de pano preto fino. A idade daquelle Conde quando morreo era de perto de quarenta annos, e elle de corpo mui bem diſpoſto, e luſtroſo. Deſpois que foi bem noite, o mandou a Rainha encubertamente

te enterrar na Igreja de S. Martinho, que era logo junto do Paço: e na meſma noite ſe paſſou ella daquellas caſas pera os Paços Dalcaçova.

Sabendo a Rainha quaõ mal quiſta era do povo, e quantos males os homens, e molheres de Lisboa diziaõ, naõ ſabia que meio tomaſſe pera aſſegurar ſua vida, e honra: e o melhor remedio, que achou, foi irſe daquella Cidade pera a ſua Villa de Alenquer: e em feito ſe foi com toda ſua caſa. E olhando no caminho pera Lisboa, que lhe ficava atrás, como quem hia magoada, dizia que de mao fogo a viſſe inda queimada, e arrazada. Os que com ella foraõ eraõ o Conde D. Joaõ ſeu Irmaõ, Gonçalo Mendes de Vaſconcellos, ſeu tio D. Fernando Afonſo de Albuquerque, Meſtre de Santiago, Meçer Lançarote Peſano Almirante, Martim Gonçalves de Ataide, Pero Lourenço de Tavora, Joaõ Affonſo Pimentel, Senhor de Bragança, e Ayres Vaſques Dalmada, e todos os deſpachadores dos negocios da juſtiça, e fazenda: apos a Rainha em guarda de ſua recamara Joaõ Bernardon, e Martim Paulo Gaſcoẽs, que ficaraõ del Rey D. Fernando com certas lanças.

E como a tençaõ do Meſtre principal de matar ao Conde Joaõ Fernandez foi vingar a deshonra del Rey D. Fernando ſeu Irmaõ; e naõ cobiça de ſenhorio; tanto que a Rainha partio pera Alenquer, naõ ſe tendo por ſeguro della, determinou irſe a Inglaterra: e mandou fazer preſtes em duas naos de mercadores, que na Cidade do Porto eſtavaõ. E como antes da partida examinaſſe ſua conciencia, chamou Vaſco Porcalho, Comendador Mór de Aviz, e lhe contou como a Rainha lhe diſſera quando fora preſo, que o dito Vaſco Porcalho dera a entender a el Rey D. Fernando como elle ſe queria ir a Caſtella pera o Infante D.

Joaõ

Joaõ ſeu Irmaõ em desſerviço del Rey: e que por tanto o mandara el Rey prender, e que por a má vontade, que lhe tivera, e tençaõ de o matar, como defeito matara, ſe deſpois naõ cuidara que niſſo naõ ganhava honra, lhe pedia perdaõ. Vaſco Porcalho ficou eſpantado, e diſſe, deſpois de ſoltar palavras deshoneſtas, e injurioſas contra a Rainha, a que o Meſtre lhe foi á maõ: Eu, ſenhor, vos tenho em merce naõ me matardes, tendo pera vós que tanto pequei contra voſſa peſſoa: e a Deos agradeço darvos taõ bom entendimento para cahirdes na verdade. E vos juro em minha alma que nunca tal couſa diſſe, nem me paſſou pella imaginaçaõ: e queixome, ſenhor, de vós, por mo naõ dizerdes deſpois que me perdeſtes aquelle rancor; porque, ſe eu tal ſoubera quando vós mataſtes o Conde, matara eu tambem aquella falſa molher. O Meſtre lhe diſſe que naõ fallaſſe mais ſobre aquillo, e falaſſe em outras couſas.

As razoẽs, que ao Meſtre moviaõ a apreſſar ſua ida pera fora de Portugal, era conhecer a condiçaõ da Rainha; que, alem do natural das molheres, que he ſerem vingativas, ella o era mais que todas: mas como molher de grandes ſpiritos, e aſtuta que era, onde maior odio tinha, ali moſtrava mais benevolencia. Pollo que o Meſtre tinha por mui ſuſpeita a moſtra de amizade que lhe fazia, e ſe temia mais della: e tanto cria que lhe tinha maior odio, quanto mais affeiçoada era ella ao Conde Joaõ Fernandez, de que elle a apartou.

Ajuntavaſe a iſto ter ella mandado chamar a el Rey de Caſtella. Pollo que, ſendo ella Rainha, e tendo o favor del Rey preſente, naõ confiava o Meſtre que ſua vida eſtava ſegura, pois em vida del Rey D. Fernando, naõ ſendo agravada delle, o fez prender, e o fazia matar. Alem diſto muitos

dos

dos que ſe a elle chegaraõ, o deixavaõ, e ſe paſſavaõ á Rainha, como fez Vaſco Porcalho, e Martim Añes de Barbuda, commendadores de ſua Ordem, e Garcia Peres Craveiro de Alcantara, que pera elle ſe viera.

CAPITULO IX.

Trata o povo de Lisboa de diſſuadir o Meſtre da jornada, que intentava: e os meios, que para iſſo tomaraõ.

QUantos deſejos tinha o Meſtre de ſe ir, tanto tinha toda a gente de Lisboa de elle ficar: e tanto trabalharaõ pera o reter, por os grandes males, e deſtruiçaõ, que eſperavaõ lhes vieſſem, ſe cahiſſem nas mãos da Rainha Dona Leanor, ou del Rey de Caſtella: porque a Rainha, como mui afrontada que foi de palavras feas, e deshoneſtas, e por o favor, que deraõ ao Meſtre pera matar o Conde Andeiro, e por quanto tinhaõ trabalhado com el Rey D. Fernando que naõ caſaſſe com ella, deſejava (como ella dizia) de ver a Cidade deſtruida, e arrazada de ſal. A el Rey de Caſtella temiaõ muito, por lhe naõ deixarem levar ſeu pendaõ polla Cidade, e o naõ reconhecerem por Rey, e por as injurias feitas á Rainha, e ao Biſpo de Lisboa; pollo que temiaõ os caſtigaſſem nas peſſoas, e nas fazendas, e lhes puzeſſe mui duro jugo: e nenhuma ſalvaçaõ achavaõ, mais que em o Meſtre ſe naõ ir, porque viaõ nelle tanto esforço, ſaber, e authoridade; e pera com elles tanta benevolencia de todos; que, tendoo por ſeu capitaõ, ſe atreviaõ a defender de todos os perigos. Pollo que ſe foraõ a elle, pedindo-lhe os naõ quizeſſe deſemparar, deixando o Reyno,

no, que ſeus avós ganharaõ em poder de Caſtelhanos: os teriaõ em que dura ſogeiçaõ como a inimigos.

Punhaõlhe diante a indignaçaõ da Rainha, em que encorreraõ por o ir livrar a elle da morte, quando foi a do Conde Joaõ Fernandez, cuidando que o queriaõ matar; e as muitas cauſas, que tinhaõ de ſe temerem della, e del Rey de Caſtella, por quem ſe eſperava. Pediaõlhe naõ ſe quizeſſe ir, e que o tomariaõ por ſenhor, e defenſor, e que ſe ſenhoreaſſe logo de todos os theſouros, alfandegas, e almazens da Cidade, e das rendas della: e que aſſi diſto, como do caſtello, o meteriaõ logo de poſſe: e que certos eſtavaõ, que o meſmo fariaõ as Cidades, e Villas do Reyno. O Meſtre ſe eſcuzava a todos com boas palavras, e de muita humanidade, e os conſolava, e confortava que naõ deſeſperaſſem, que naõ ſeria o mal que temiaõ. Eſtas eſcuſas naõ queria o povo receber; mas cada vez que o Meſtre cavalgava, o cercavaõ, e huns pegavaõ pollas redeas do cavalo, outros pellas fraldas de ſua roupa, chamandolhe ſeu defenſor, e offerecendolhe ſuas fazendas. Sendo aſſi o Meſtre cercado de tantos, e rogãdo que os quizeſſe por Vaſſallos, Ruy Pereira diſſe ao Meſtre: Senhor, quereis que vos diga: vós dizeis que vos ides pera Inglaterra, mas a mim pareceme, que bom Londres he eſte. E hum homem fidalgo, por nome Alvaro Vaſques de Goes, ſe chegou ao Meſtre apartado, e lhe diſſe: He verdade, ſenhor, que vos quereis ir pera outra terra? O Meſtre reſpondeo que ſi. Que razaõ (tornou a dizer) vos move para o fazerdes? Moveme (diſſe o Meſtre) a vinda del Rey de Caſtella, e os mores do Reyno, que ſeguem todos a parte da Rainha, que me tem grande odio, e me fará todo o mal, e deſ-

honra,

honra, que puder. E para que parte (disse Alvaro Vasques) vos quereis ir? Para Inglaterra (disse o Mestre) E que vida (disse Alvaro Vasques) aveis lá de fazer? O Mestre respondeo que hia servir a el Rey na guerra, que tivesse com seus imigos, e ganhar honra, e fama, que todos os bons desejavaõ alcançar. Alvaro Vasques tornou: Que lá andeis quanto tempo quizerdes, e sirvais a el Rey tambem como eu entendo, que fareis, quando esperais de ganhar por armas huma Cidade como Lisboa, em que estais, e cujos moradores vos querem por senhor, e vos desejaõ servir, e dar quanto tem, e morrer por vós? E se vós honra quereis ganhar, onde tendes mais materia de a alcançar, e fazer vosso nome immortal, que defendendo a terra, em que nascestes, e onde vos criastes: e que os Reys vossos avós ganháraõ pella lança, e com gente que tanto de coraçaõ vos deseja servir: e que, se cahio em mao caso com a Rainha, foi por vos salvar a vós. E como as palavras ditas com efficacia, e em tempo, e lugar movem os coraçoẽs dos homens, e os forçaõ, fizeraõ tanto abalo no animo do Mestre aquellas palavras de Alvaro Vasques, que começou a cuidar na maneira, com que no Reyno podia ficar com sua honra, e seguridade,

Cuidando pois o Mestre no que á aquelle feito cumpria, mandou chamar Alvaro Paes, e alguns dos principaes, que lhe fallavaõ: e lhes disse, que este negocio era muito pesado, a que elle achava muitos contrarios, e inconvenientes: e que vissem naõ emprendessem cousa, com que naõ pudessem sair, e metessem o Reyno em novas guerras, e trabalhos, como tiveraõ no tempo del Rey D. Fernando: e que estava prestes pera executar tudo aquillo, que achassem que podia ser bom meio

e boa ſaida. Aquelles cidadãos, deſpois de muitas conſultas que tiveraõ, acháraõ que o melhor meio era, para quitar males, e guerras, que o Meſtre caſaſſe com a Rainha Dona Leanor, porque ella tinha o governo do Reyno por certos annos: e que entre tanto podia ſer que ouveſſe el Rey de Caſtella filho da Rainha Dona Briatís, e que ſeria trazido ao Reyno, e criado nelle, conforme as capitulaçoẽs: e o Meſtre com a Rainha ſeria regente do Reyno. E que quando o novo Rey vieſſe a ſer de idade, ficaria o Meſtre Governador do Reyno, e o maior delle: e que deſta maneira ficavaõ todos ſeguros da Rainha: e que o Papa por bem da paz diſpenſaria com elles facilmente. Iſto foi dito ao Meſtre, e polo em conſelho. E por parecer a todos bem, mandáraõ á Rainha por embaixador a Alvaro Gonçalvez Camello, que deſpois foi Prior do Crato, e Alvaro Paes, os quaes a Rainha recebeo com fingido gazalhado, porque a Alvaro Paes tinha capital odio: e propondo aſſi o requerimento do caſamento, como a ſegurança dos moradores de Liſboa por a uniaõ, que fizeraõ contra ella, no do caſamento ſe naõ acordou com elles. E quanto á ſegurança, como ella era prudente, e ſabedora, vendo que, naõ lha dando, ſegundo andavaõ levantados, ſe ſeguiria maior dano, lha deu: e pera mais firmeza ao tempo, que os aſſegurou, fingio que comungara de huma hoſtia, a qual na verdade naõ era conſagrada. E queixandoſe perante a Rainha huns fidalgos a outros, no tempo que ali eſtavaõ aquelles embaixadores de couſas de ſua fazenda, que lhe ficaraõ em Lisboa, diſſe a Rainha que de nenhuma couſa, que lhe lá ficaſſe, lhe pezava tanto como do capacete, e cota de Alvaro Paes; o que ella dizia por a cabeça, que era calva, e por o corpo, entendendo quanto lhe peſava

de

de naõ ſer morto. Polloque Alvaro Paes ſe apreſſou a tornar a Lisboa. Naõ aver eſta embaixada bom effeito, naõ era de eſpantar; porque a eleiçaõ dos Embaixadores, que a ella foraõ, naõ foi bem conſiderada: porque ſendo huma das principaes partes do Embaixador, que ſeja aceito á peſſoa a que ſe manda, ou ao menos que tenha partes pera lhe ſer aceito, e pellas quaes ſe poſſa inſinuar em ſua benevolencia; os de Lisboa mandavaõ por embaixador á Rainha Alvaro Paes, que fora a principal cauſa da morte do Conde Joaõ Fernandes, e do Biſpo, e das injurias, que á meſma Rainha foraõ ditas, e feitas: e das inquietaçoẽs, e ſediçoẽs, que já no Reyno havia.

CAPITULO X.

He o Meſtre eleito pelo povo por defenſor, e Regedor do Reyno: começa a exercitar o officio: faz novos officiaes.

EM quanto os Embaixadores foraõ a Alenquer, ouve grande alvoroço, e ajuntamentos no povo de Lisboa, ſabendo que el Rey de Caſtella ſe vinha chegando ao Reyno: e a todos pareceo couſa eſcuſada mandar recados á Rainha. Pollo que diziaõ entre ſi: Que eſperavaõ mais, que fazer ſeu defenſor ao Meſtre? Ao qual todos pediaõ tomaſſe cargo de os defender. O Meſtre vendo ſeu deſejo, outorgoulhes de o fazer, com tanto que ſe ajuntaſſem no Moſteiro de S. Domingos, onde lhes queria falar ſobre ſua eſtada, pois que tanto o apertavaõ. Juntos todos no dito Moſteiro, o Meſtre lhes propos as muitas cauſas, que tinha para ſe ir de Portugal; mas já que tanto lho pediaõ, ficaria por ſerviço, e honra do Reyno,

com tanto que o ſuſtentaſſem naquelle eſtado, e honra que cumpria para defenſaõ delle. Todos a huma voz, ſem eſperar que hum falaſſe, diſſeraõ que eraõ contentes de o ſervir com ſuas peſſoas, e fazendas até morrer por elle. O Meſtre lhes reſpondeo: Que elle era contente de tomar cargo de ſua defenſaõ, e aventurar por elles ſua peſſoa. Deſtas palavras do Meſtre tomou aquelle povo tanta conſolaçaõ, e esforço, que nenhum temor lhes ficou, mas grande eſperança de averem em ſua determinaçaõ o fim que deſejavaõ. E logo diſſeraõ ao Meſtre: Que, por quanto ſe ali naõ acharaõ todos os Cidadãos principaes prezentes, ſeria bom que foſſem chamados á Camara para outorgarem no que elles fizeraõ.

Ao Meſtre pareceo bom ſeu conſelho: e juntos em Camara foi tratado por parte dos que ao Meſtre ſeguiraõ, como todo o povo o tomava por ſeu Regedor, e defenſor. E que agora lhes requeria aos que eraõ chamados, ſe lhes aprazia conſentir no que os outros tinhaõ aſſentado? A iſto calaraõ todos, ſem algum reſponder: outros falavaõ mui manſo com os que eſtavaõ aſſentados junto com elles: de maneira, que nenhum moſtrava conſentir, porque lhes parecia difficil a empreza, e perigoſa, aſſi por receio del Rey de Caſtella, que era poderoſo, como da Rainha que era vingativa. Eſtando aſſi ſuſpenſos ſem darem reſpoſta, hum Afonſo Anes tanoeiro, que era dos que queriaõ ao Meſtre por ſenhor, vendo que nenhum dos mais nobres falava, começou de paſſear ante elles, e pos a maõ na eſpada, que trazia cingida, e lhes diſſe: Que eſtais vós aqui fazendo? ou que cuidais? Porque naõ outorgais o que outorgaõ quantos aqui eſtaõ? E como inda vós duvidais de tomar o Meſtre por Regedor deſtes Reynos? Pareceme que naõ ſois

ver-

verdadeiros Portuguezes. Aquelles Cidadãos nobres praticavaõ nisto com mais deliberaçaõ, como homens que tinhaõ mais que perder, que os plebeos, que seguiaõ ao Mestre: e porque tardavaõ em responder, o tanoeiro já mais agastado pos a maõ na espada outra vez, e disse contra elles: Vós outros que fazeis aqui? Ou outorgai a quem vos dizem, ou dizei que naõ quereis; porque eu nesta causa naõ tenho mais que aventurar, que este pescoço: e quem naõ quizer consentir, sabei que logo o ha de pagar pello seu, antes que daqui saia. Os do povo miudo, como saõ inclinados a seguir cousas, que tragaõ novidade comsigo, e muito mais quando achaõ capitaõ de sua medida, disseraõ todos o mesmo. Vendo aquelles nobres que foraõ chamados, que lhes naõ cumpria discordar daquelle povo já indinado, aprovaraõ tudo o que os outros tinhaõ feito, e o escreveraõ, e assinaraõ.

Ficando assi o Mestre por voto da Cidade feito Regedor, e defensor do Reyno, sem demora alguma começou a usar de sua jurdiçaõ. Primeiramente mandou fazer dous sellos, hum pendente, e outro chaõ, de armas Reaes direitas, assentando o escudo sobre a Cruz da Ordem de Aviz; e seu Chançarel mór o Doutor Joaõ das Regras, que era grande letrado, e discipulo de Bartolo, que naquelle tempo florecia. O titulo, que tomou, era Dom Joaõ por graça de Deos filho do mui nobre Rey Dom Pedro, Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, Regedor, e defensor dos Reynos de Portugal, e do Algarve. Os que tomou pera seu conselho, foraõ o mesmo Chançarel mór Joaõ das Regras, D. Lourenço Arcebispo de Braga, Joaõ Afonso Dazambuja. Este he o D. Joaõ, que foi Bispo de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa, e despois foi creado Cardeal do Titulo de S. Pedro ad

vin-

vincula pello Papa Joaõ XXIII. no anno de 1411, e que tornando de Roma a Portugal, faleceo na Villa de Burges do Condado de Frandes no anno de 1415. He de notar a prudencia, e entendimento do Meſtre; que ſendo mancebo de 25 annos, e homem militar, e que eſtava certo vir ás armas contra hum Rey mui poderoſo, naõ tomou em ſeu conſelho homens ſómente valentes pelo braço, ſe naõ pella cabeça, e letras, e de authoridade, e idade pera governar outros: de que a eſte Principe vieraõ as couſas ſucceder tam bem, como no diſcurſo de ſua vida ſe verá: como pollo contrario aos Principes, que com homens ſem idade, ſem doutrina, e experiencia ſe aconſelharaõ, aconteceraõ maos ſuceſſos, e fim, que em ſuas couſas ouveraõ: do que as eſcrituras ſagradas, e profanas eſtaõ cheas, e como tanto á cuſta da Republica nos tempos proximos a eſtes vimos por experiencia.

Os Dezembargadores do Paço, que fez, foraõ o Licenciado Joaõ Gil, e Lourenço Eſteves o moço, filho de Lourenço Eſteves o privado del Rey D. Pedro: Veedores da fazenda, fez o meſmo Joaõ Gil, e Martim da Maya. Corregedor de Lisboa, que entaõ era hum ſó do Civel, e Crime, fez Lopo Martins, mercador da meſma Cidade: e os mais officios repartio como Principe prudente, naõ tendo reſpeito a valias, nem adherencias como nos tempos miſerrimos mais chegados a nós; mas davaos áquelles, que melhor os ſoubeſſem adminiſtrar; encarregando os officios de letras aos mais letrados; os das armas aos mais esforçados, e praticos na guerra; os da fazenda aos que ſabiaõ mais della: e naõ andava no ſeu tempo o dito commum, e de homens ignorantes, que andou nos noſſos: Que os Reys naõ tinhaõ neceſſidade de habilidades. Contra aquella ſentença de Plataõ: Que entaõ

taõ ſe podem chamar felices as Republicas, quando os Sabedores as mandaõ, ou quando os que as mandaõ ſaõ ſabedores. Em quanto iſto ſe ordenava chegaraõ de Alenquer Alvaro Gonçalves Camello, e Alvaro Paes com repoſta, e cartas da Rainha, que o Meſtre naõ quis ler, mas em publico as rompeo, para que ſe naõ leſſe couſa, em que lhe negaſſe a Rainha o que já elle naõ aceitaria, ainda que lho concedeſſe.

Tanto que o Meſtre ſe declarou por defenſor do Reyno, e Regedor, os criados da Rainha, e ſeus familiares, e ſequazes ſe foraõ de Lisboa com medo dos alvoroços, que andavaõ, e movimentos, que eſperavaõ: e muitos deixavaõ ſuas fazendas em mãos de amigos, de que muita parte, ſendo deſcubertas, o Meſtre dava a quem lhas pedia: e de alguns theſouros, que ficaraõ eſcondidos, ouve o Meſtre hum grande da Condeça de Barcellos, que deixou ſobre a porta principal de S. Domingos, junto com o telhado, em que avia muitas baixellas, e dinheiro, e pedraria. Alvaro Paes vendo as fazendas, que ſe pediaõ ao Meſtre, e que alguns lhe aconſelhavaõ que as tomaſſe pera ſi, e naõ deſſe aſſi tantas riquezas, lhe diſſe: Senhor, tomai de mim hum conſelho, que vos ajudará a levar voſſa empreza adiante: dai o que naõ he voſſo, e prometei o que naõ tendes, e perdoai a quem vos errou. O Meſtre o fez aſſi: e dava todos os bens aſſi moveis, como de rais, nos lugares que por elle eſtavaõ, dos que andavaõ com a Rainha, ou ſe hiaõ pera el Rey de Caſtella: e aſſi meſmo prometia officios, e couſas dos lugares, que ao diante eſperava cobrar. E quantas mortes, e maleficios lhe requeriaõ, perdoava, tirando traiçaõ, ou aleive. E ainda os culpados neſſes crimes, ſe foraõ feitos antes da morte do Conde Joaõ Fer-

nandez,

nandez ; os perdoava com condiçaõ , se dentro de certos dias viessem a Lisboa para servir á sua custa , em quanto durasse a guerra.

A tençaõ do Mestre , segundo alguns dizem , quando se fez Regedor do Reyno , era ganhar honra , e gratificar á gente de Lisboa , que taõ amiga se lhe mostrava , esperando que o Infante D. Joaõ seu Irmaõ fosse solto por alguma via , e entregar-lhe o Reyno. E tendo o Mestre desejo de lho fazer saber na prizaõ onde estava , aconteceo que hum escudeiro do Infante ouvindo dizer que o Mestre se queria fazer defensor do Reyno ; e por outra parte , que se queria ir fóra da terra , determinou de fazer saber ao Infante huma , e outra cousa. E porque el Rey de Castella mandara que fossem prezos os criados do Infante , que no lugar de sua prizaõ fossem achados , por meio de hum frade em confissaõ lho mandou dizer , e tambem o que faria de si. O Infante folgou muito com aquella nova , e dizem que lhe mandou dizer : Que lhe rogava a elle , e a todos os mais criados seus , que se fossem pera o Mestre seu Irmaõ , e o servissem : e que lhe dissessem de sua parte , que em toda a maneira se chamasse Rey de Portugal , se o queria ver solto ; que , doutro modo , naõ esperava sahir da prisaõ.

Alguns dizem que sobre isto lhe escreveo huma carta. O escudeiro se partio de Toledo , e achou Joaõ Lourenço da Cunha , marido que fora da Rainha Dona Leanor , e outros criados do Infante , a que contou tudo o que lhe dissera o Infante : e por outra via o souberaõ , e se vieraõ a Lisboa pera o Mestre.

CA-

CAPITULO XI.

Mudase a Rainha de Alenquer para Santarem: segue Nuno Alvarez Pereira ao Mestre, e he favorecido delle.

A Rainha como soube fora dos de Lisboa eleito defensor, e regedor do Reyno, foi metida em varios pensamentos, todos fundados em lhe empecer: e naõ se tendo por segura em Alenquer, quizerase mudar para Santarem; mas polla rebelliaõ, que mostraraõ em naõ consentir que o Alcaide levantasse o pendaõ del Rey de Castella, como ella mandara, naõ ousava irse: escreveo entaõ a Gonçalo Vasques de Azevedo, Alcaide mór da Villa, com quem tinha parentesco, que contentasse os animos dos moradores della. Gonçalo Vasques falou com os principaes juntos em huma Igreja, dizendolhes que, cuidando elle nas cousas, que passavaõ no Reyno, e nas que podiaõ acontecer, lhe veio á memoria que seria bom que os daquella Villa fizessem hum comprimento á Rinha, que naõ estava segura em Alenquer, que se viesse pera ella, e a serviriaõ, e a recolheriaõ como sua Senhora que era: e que ella lhes ficaria agradecendo isso. Aos da Villa pareceo bem o conselho, e dissseraõ que lho escreveriaõ. Logo Gonçalo Vasques se offereceo a ser mensageiro, e levar as cartas á Rainha, a qual mandou agradecer á Villa sua offerta, prometendo a todos honras, e merces: e de feito se foi lá, deixando em o Castello de Alenquer por Alcaide Vasco Pirez de Camoẽs; e por guarda da Villa Martim Gonçalves de Ataide. A Rainha por maior dó, sendo recebida dos nobres da Villa, entrou nella sobre huma mulla de albar-

da cuberta de hum grande pano negro, e de maneira que lhe naõ aparecia o rosto, porque por o culto exterior queria ella mostrar a temperança, e continencia interior.

Ao tempo, que o Mestre matou o Conde Joaõ Fernandez, Nuno Alvarez Pereira estava em Santarem; e como o ouvio, se foi logo a D. Pedro Alvarez Pereira Prior do Crato seu Irmaõ, pedindolhe quizesse que se fossem para o Mestre ao ajudarem em huma obra taõ heroica, e honrada, como era defender o Reyno da sogeiçaõ de Castella; mas por mais razoẽs, que lhe deu, o naõ pode mover, porque sempre pareceo ao Prior desesperada a causa do Mestre: e tendo convertido ao serviço do Mestre a seu Irmaõ Diogo Alvarez, com quem veio para Lisboa, se arrependeo, e se tornou do caminho para o Prior. Nuno Alvarez seguio seu caminho, estando a Rainha ainda em Alenquer: e chegando a Alverca, onde determinava de dormir, soube a Rainha como hia para Lisboa servir ao Mestre; e quizerao mandar prender, dizendo aos que estavaõ com ella: Vistes tamanha doudice como a de Nuno, que eu criei de tamanino, que deixa o Prior seu Irmaõ, e se vai a Lisboa para o Mestre? Nuno Alvarez foi avisado, e aquella noite disse a seus escudeiros que se temia de a Rainha os mandar prender: que estivessem apercebidos para se defender, e antes se deixassem morrer, que ser presos. E toda a noite estiveraõ armados, e os cavallos sellados. Ao outro dia chegou Nuno Alvarez a Lisboa, que de todos foi recebido com muita alegria, e muito mais do Mestre, a cujo serviço elle se offereceo: e por o grande valor de Nunalvarez, e prudencia, sendo taõ mancebo, o meteo no conselho, e naõ fazia nada sem elle. Quando Eiria Gonçalves, mãi de Nuno Alvarez, soube como

elle

elle era em Lisboa, veio de Portalegre a lhe dissuadir o caminho, que tomava de seguir ao Mestre, por o grande perigo, que nisso via; mas elle lhe deu taes razoẽs, com que ella o teve por bem aconselhado, e lhe mandou por sua bençaõ, que nunqua deixasse o Mestre: e que logo faria vir para elle a Fernaõ Pereira seu Irmaõ. O Mestre sabendo da vinda de Eiria Gonçalves, e da causa della, a foi ver á sua pousada, e rogoulhe naõ mudasse seu filho de seu bom proposito, porque dahi esperava se lhe seguisse muita honra, e acrecentamento. Ella, que já estava devota do Mestre, lhe disse quanto contentamento com isso levava: e que por sua bençaõ lhe tinha mandado que sempre o servisse: e partindose, mandou logo ao Mestre Fernaõ Pereira como prometera.

CAPITULO XII.

Como ficou pello Mestre o Castello de Lisboa, e seguio sua voz a Cidade de Beja, e de alguns Castellos, que o povo tomou.

O Mestre, que em nenhuma cousa imaginava, senaõ nos meios, porque podese sahir com sua empreza, achava grande impedimento em o castello de Lisboa estar polla Rainha contra elle: e como a Rainha se temia que faria por o aver, encomendou ao Conde de Barcellos seu Irmaõ, que era Alcaide mór de Lisboa, se metesse no Castello com os seus, e gente que o guardase. Pollo que o Conde mandou a Affonso Anes Nugueira, que se viesse á Cidade, e com os mais dos seus escudeiros se apoderasse do castello. Affonso Anes se foi a Lisboa; e falando aos do Conde, achouos já mudados, e da devaçaõ do Mestre: pollo que

com 10, ou 11 escudeiros se lançou dentro polla porta da traiçaõ. Martim Affonso Valente, que era Alcaide do castello por o Conde D. Affonso, foi requerido da parte do Mestre, que o desse, e naõ consintisse que por elle viesse mal á Cidade, e ao Reyno, dandolhe muitas razoés para o fazer. Martim Affonso se escusou, dizendo: Que elle tinha aquelle Castello pollo Conde D. Joaõ, a quem fizera preito, e omenagem: e por nenhuma cousa do mundo cahiria em taõ mao caso. O Mestre determinou fazer huma machina, que chamaõ gata, pa-ra de sobre ella mandar picar o muro, e entrar dentro. Os de fóra diziaõ aos do castello, que o dessem ao Mestre, se naõ que juravaõ a Deos que poriaõ em cima daquella gata Constança Affonso, mãi de Affonso Nogueira, e Irmaã da molher de Martim Affonso Valente, e as molheres, e filhos de quantos dentro estavaõ: e que entaõ lançassem de cima fogo, e pedras, e quanto quizessem. Alguns dos de dentro receando isto, diziaõ ao Alcaide: Que antes se sahiriaõ fóra, que darem occasiaõ de lhe matarem as molheres, e filhos. Primeiro que a gata fosse feita, Nunalvarez Pereira quis falar com Martim Affonso, e Affonso Anes Nogueira, entendendo que lhe dariaõ o castello: e taes razoés lhes disse, que assi por ellas, como por verem a gente do povo alvoroçada pera lhes dar combate, e que a gente de dentro estava determinada a naõ sofrer que lhes trouxessem os filhos, e molheres onde os matassem, renderaõse com condiçaõ, que Martim Affonso o faria saber primeiro á Rainha, e ao Conde, a quem tinha feito omenagem: e que naõ sendo socorrido dentro de 40 horas, entregariaõ o castello: e pera isso deraõ Affonso Anes Nogueira em arrefens a Nunalvares: e sendo dado recado á pressa ao Conde de Barcellos, elle o dis-

ſe á Rainha, a qual reſpondeo: Que, pois em taõ pequeno termo, os naõ podia ſoccorrer, que ſe desſem: e que quem deſpois ouveſſe a Cidade, averia o caſtello. Martim Affonſo ſe veio para o Meſtre: e elle, e Affonſo Anes, e todos, os que dentro eſtavaõ, lhe foraõ leaes ſervidores.

Em quanto iſto aſſi paſſava, avia pollo Reyno muitas diſſenſoẽs entre os nobres, e os do povo miudo ſobre levantarem bandeiras por a Rainha Dona Briatís, por os nobres ſerem de ſeu bando, e da Rainha Dona Leanor, e os do povo ſofrerem mal ficarem ſogeitos a el Rey de Caſtella. E como ſouberaõ, que o Meſtre era declarado defenſor do Reyno, começaraõ a ſe esforçar mais, e perſeverar em ſua opiniaõ. Pollo que os da Cidade de Beja, eſtando o caſtello polla Rainha Dona Leanor, tiveraõ cartas della, que, ſe el Rey de Caſtella por hi vieſſe, o recolheſſem ſem nenhum temor. E comunicando iſto os principaes com os do povo, naõ quizeraõ obedecer ao mandado da Rainha; mas contra a gente de cavallo, que no caſtello eſtava em favor del Rey de Caſtella, tomáraõ armas: e pondo fogo ás portas da fortaleza, entráraõ dentro, e levantáraõ bandeira por o Meſtre. E ajuntandoſe 50 homens de cavalo, foraõ de Beja a Villa de Collos no campo de Ourique, onde lhes foi dito, que o Almirante Miçel Lançarote Peſſano chegava por ſe ir á Villa de Odemira no Reyno do Algarve, de que elle era Senhor, para ter o caſtello em nome da Rainha; e o prenderaõ, e trouxeraõ a Beja com toda a fazenda, que lhe acháraõ: e em quanto levavaõ ao Meſtre o deſpojo, que lhe tomaraõ, temendoſe os da Cidade que o Almirante ſe levantaſſe com o caſtello, foraõ lá todos requerer ao Guarda que o lançaſſe fora. E por elle o naõ fazer por medo do povo, a gente bradou

dou ao Almirante, que deceſſe a baixo da torre da omenagem, em que eſtava, e naõ ouveſſe medo: elle o ouve de fazer, cuidando de achar nelles piedade: e o matáraõ deshonradamente. Era eſte Lançarote Peſſano filho de Miçer Manoel Peſſano, fidalgo Genoves; que vindo ſervir a el Rey D. Dinis, o fez ſeu Almirante: e entre muitas couſas, que lhe deu, foraõ as caſas, e bairro coutado em Lisboa, que deſpois foi dos Marquezes de Villa Real, o qual caſando neſte Reyno com huma Dona Genebra, ouve della Carlos, e Bartholomeu Peſſanos, e ſuceſſivamente foraõ Almirantes apos ſeu pai; e por morrerem ſem filhos varoẽs, lhes ſucedeo no officio eſte Meçer Lançarote ſeu Irmaõ de ſegundo matrimonio, que deixou por ſuceſſor do officio ſeu filho Miçer Manoel Peſſano; que, por tambem morrer ſem filhos, ficou o cargo a Miçer Carlos ſeu Irmaõ, que de Dona Izabel Pereira Irmaã de Nunalvarez Pereira, com que cazou, ouve Dona Genebra 4. molher de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e primeiro Capitaõ de Cepta, com a qual o dito Conde ouve o Almirantado em cazamento, e aſſi ouve Dona Briatís Pereira 1. molher de Ruy de Mello, ſenhor de Mello, que por eſte cazamento, e por morte da dita Dona Genebra ſua cunhada, por ella do Conde naõ aver filhos, foi tambem Almirante, que he o que jaz na Capella mór da Trindade de Lisboa.

Eſtas diviſoẽs dos grandes, e pequenos avia por muitos lugares do Reyno; os grandes eſcarneciaõ dos pequenos, e plebeos, e lhes chamavaõ o povo do Mexias de Lisboa, porque eſperavaõ que o Meſtre os remiſſe da ſogeiçaõ del Rey de Caſtella: os pequenos chamavaõ aos grandes traidores, e ciſmaticos: mas o esforço começouſe taõ grande na gente miuda, que os grandes começaraõ aos temer,

e ſer

e ſer delles mal tratados, ſómente por falarem contra o Meſtre, que parecia que Deos lhes inſpirava aquelles animos, e covardia nos grandes: porque muitas fortalezas do Reyno ſe tomaraõ polla gente miuda, e deſarmada, e ſem Capitaõ, que os Reys antigos com muita gente de armas, e por longos tempos naõ podiaõ ganhar, como foi o caſtello de Portalegre, que tinha D. Pedro Alvarez Pereira, Prior do Hoſpital por a Rainha; que começando o povo de o combater polla manhãa, antes do meio dia lho tinhaõ tomado. E o da Villa de Eſtremos, que tinha Joane Mendes de Vaſconcellos tio da Rainha, ouveraõ em breve por hum ardil, que entaõ coſtumavaõ muito, que foi porem as molheres, e filhos dos que dentro dos caſtellos eſtavaõ, em huma carreta ao pé do muro, onde era o mór perigo das ſetas, e tiros de cima, dizendolhes: Que a maior offenſa, que fizeſſem, avia de ſer aos ſeus, ſem ſe poderem defender. Os de dentro ſe vieraõ dar, e fazer com Joane Mendes, que ſe rendeſſe. E naõ ſómente avia bandorias entre os homens como ſohe ſer em ſemelhantes caſos, mas entre as molheres, as quaes eraõ por o Meſtre, e perſeguiaõ aos que naõ eraõ da ſua parte, como foraõ na meſma Villa huma Mór Lourenço, e huma Margarida Anes adella, e outras molheres, que ſe levantáraõ em razoẽs contra Maria Soares, mãi de Nuno Martins de Valladares, dizendo que o dito ſeu filho diſſera mal do Meſtre, e era Caſtelhano: e ellas por ſi o matáraõ, e deitáraõ do muro abaxo.

CA-

CAPITULO XIII.

Tomase o castello de Evora: contase a furia daquelle povo, e sua crueldade, mantando a Abbadeça do Mosteiro de S. Bento.

ALvaro Mendes de Oliveira, Alcaide mór da Cidade de Evora, que tinha o castello polla Rainha, temendose, que o que a outros acontecera, acontecese a elle, e que naõ tinha com que se defender, senaõ certos criados, que consigo tinha, rogou da parte da Rainha a hum Martim Affonso mercador, que entaõ era Juiz, e casado com huma donzella da Rainha, e Gonçalo Lourenço Alcaide pequeno, Vasco Martins Pousado, escrivaõ da Camara, Ruy Gonçalves Mideiro, Martim Velho, Alvaro Vasques mercador, e outros honrados da Cidade, o quizessem ajudar a defender o castello; e sendo lançados dentro, foi sabido polla Cidade: e logo nesse dia Diogo Lopes Lobo, e Fernaõ Gonçalves da Arca, e Joaõ Fernandes seu filho, que eraõ huns dos grandes, que alli avia, com todo o povo da Cidade se levantáraõ contra elles, e foraõ combater o castello, sobindo em cima da Sé, e sobre hum postigo antigo, que inda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto de agoa da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que saõ lugares altos, donde com as béstas podiaõ empecer. E como o castello era mui forte de torres, e muro, e cerca de cava, e naõ se podia tomar sem grande difficuldade, usáraõ daquelle ardil entaõ costumado, para os fazerem em breve render; que foi porem as molheres, e filhos dos que no castello estavaõ, amarrados em carros: e chegando ás por-

tas

tas do caſtello bradaram aos de cima que ſaiſſem fóra, ſenaõ que as molheres, e os filhos lhe queimariaõ ali á viſta delles; e começaraõ de pôr fogo ás portas do caſtello com grande arruido, e alvoroço. O Alcaide mór, e os que com elle eſtavaõ, vendo aquelle furor do povo, ſe renderaõ á condiçaõ de os deixarem ir fóra do caſtello, e da Cidade em ſalvo de ſua honra. O caſtello foi logo entrado, roubado, e queimado, e devaſſo como hum pardieiro.

Andando aquelle povo miudo aſſi alvoroçado, e vendoſe junto, e ſem freo, como he ſeu coſtume fazer inſultos, e crueldades, começou cada hum de ſe vingar dos que lhe tinhaõ feito alguma offenſa, e de muitos, que lha naõ tinhaõ feita, por enveja, ou deſgoſtos leves, e contra muitos, que lho naõ mereciaõ. E a Diogo Lopes Lobo, Fernaõ Gonçalves, e outros principaes da Cidade, que antes tomáraõ por Capitaẽs, temendoſe delles, mandaraõ, que, ſe amavaõ o ſerviço do Meſtre, ſe foſſem para elle a Lisboa ao ajudar. O que elles logo fizeraõ, por naõ cairem na ira daquella gente deſmandada. Os Capitaẽs deſtes era hum alfaiate por nome Vicente Añes, e hum Gonçalo Añes cabreiro: e como hum dizia vamos a caſa de foaõ matalo, ou roubalo, logo era feito, ſem a iſſo poder valer algum dos grandes. A eſte tempo eraõ acolhidas á Cidade com medo as freiras do Moſteiro de S. Bento, que diſta pouco menos de meia legoa da Cidade, e eſtavaõ juntas com ſua Abbadeça em humas caſas ſuas. E aconteceo que entre aquella amotinada, naceo huma voz, ſegundo dizem, de Gonçalo Añes cabreiro, que diſſe: Vamos matar aquella aleivoſa da Abbadeça, que he parenta da Rainha, e ſua criada. Outros dizem que, vendo a Abbadeça aquelles inſultos, diſſera em ma-

neira que o souberaõ elles, algumas palavras, notandoos de bebados, e que elles pagariaõ aquellas solturas. E logo a foraõ buscar ás casas, onde pousava; e naõ a achando, porque era ida com as freiras ouvir missa á Sé, como costumavaõ fazer; huma sua criada quando vio aquella gente assi em assuada, e de mao proposito, foi depressa á Sé a lhe dizer, como a buscavaõ daquella maneira: ella com o grande medo, que ouve, deixou de ouvir missa, e meteose na casa do thesouro, e tomou nas mãos a Custodia, em que estava o Santissimo Sacramento, e se abraçou com ella. Os que a naõ acharaõ em casa, foraõ á pressa buscala á Sé, e com grande furia, e vozes preguntaraõ por ella. O Deaõ, e Chantre da Sé com alguns beneficiados se foraõ a elles, requerendolhes, e pedindolhes por amor de Deos, que a deixassem, e a naõ tirassem da Igreja; que elles lhe dariaõ conta della presa, e bem guardada para se fazer della direito, se algum mal fizera, ou dissera: estes rogos, nem as lagrimas, e lastimosas palavras da Abbadeça, e de suas freiras, bastaraõ pera amansar o furor daquella sacrilega, e vil gente; mas sem nenhuma reverencia do Senhor, que inda ella nas mãos tinha, lhe tiraraõ a Custodia dellas, e a tiraraõ fóra do thesouro: e levandoa assi polla Igreja, se arremeçou hum a ella, e lhe levou o manto, e as toucas da cabeça, e a deixou em cabello. E assi a tiraraõ da Sé, e a levaraõ polla rua da Selaria até á praça, ali lhe deu hum tal cutilada polla cabeça, que logo cahio morta, e apos esta lhe deraõ muitas: e deixandoa ali, foraõ continuar seus insultos. A' tarde vieraõ os que a mataraõ, e a levaraõ arrastando até o rocio, onde está o curral das vacas, e ahi deixaraõ aquelle injuriado corpo, que por alguns homens piedosos de noite escondidamente foi soterrado na Sé. CA-

CAPITULO XIV.

Manda o Mestre Embaixadores a Inglaterra : el Rey de Castella prende o Conde de Gigon, e o Infante de Portugal : e mostra sentimento pella morte del Rey.

O Mestre naõ estava ocioso, porque por huma parte escrevia ás Cidades, e Villas do Reyno, e a algumas principaes, notificandolhes como bem sabiaõ, que este Reyno estava em ponto de se perder, e el Rey de Castella vinha pera o tomar, e meter os póvos delle em sogeiçaõ contra as capitulaçoẽs, e assentos feitos, e prometidos. O que a todos devia ser taõ grave, e estranho, que antes aviaõ de aventurarse a morrer, que cair em servidaõ: e que elle por defensaõ do Reyno, e dos naturaes delle, se dispozera a tomar cargo de o reger, e defender. O que espéra em Deos poder fazer, e levar a diante com sua ajuda delles. E que lhes rogava como bons Portuguezes tivessem voz por Portugal, e que naõ curassem das cartas da Rainha, e dèl Rey de Castella, que em contrario disto lhe mandassem. Estas cartas obraraõ tanto, que logo o povo miudo foi junto em huma vontade, e em huma voz, como foi na Cidade do Porto, onde vendo sua carta, logo levantaraõ bandeira por elle.

Por outra parte mandou a Inglaterra pedir a el Rey Ricardo lhe deixasse fazer gente em seu Reyno, pera virem servir, e ajudar contra el Rey de Castella; ao que mandou por Embaixadores D. Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre da Ordem de S. Tiago; e Lourenço Añes Fogaça, Chançarel Mór, que foi del Rey D. Fernando. O D. Fer-

nando Affonſo eſtando na Villa de Palmella, avia pouco, ſe viera pera o Meſtre com todas ſuas gentes, e o reconheceo por ſenhor. Mas porque era feitura da Rainha, e cunhado de ſeus Irmãos os Condes de Barcellos, e de Neiva, receandoſe delle, que ſe poderia deitar com el Rey de Caſtella, e darlhe as fortalezas da Ordem, foi o Meſtre aconſelhado que o mandaſſe fóra, polo afaſtar daquella occaſiaõ. Chegados a Inglaterra dentro de oito dias, pela boa viagem que levaraõ, falaraõ em Londres com el Rey, e com o Duque Dalencaſtro, que a iſſo veio á Corte. A Embaixada do Meſtre era, que ſendo-o Reyno de Portugal por ſeu azo livre, e deſembaraçado de ſeus inimigos, e dandolhe a gente que lhe pedia, toda a ajuda, que os Portuguezes lhe pudeſſem dar aſſi de Galés, como de ſuas peſſoas, onde elle por ſeu ſerviço mais quizeſſe, eraõ preſtes pera o fazer. E que ſe o Duque Dalencaſtro por ſua peſſoa quizeſſe vir cobrar os Reynos de Caſtella, e de Leaõ, que por cauſa de ſua molher lhe pertenciaõ, tinha tempo opportuno para iſſo, e todo o Portugal em ſua ajuda. El Rey lhes concedeo tudo de boa vontade: e que toda a ajuda, que lhe pudeſſe dar, a daria como ſe foſſe pera defenſaõ de ſeu Reyno. E taõ contentes foraõ alguns Ingrezes deſta ajuda, que muitos delles offereceraõ dinheiro, e o empreſtaraõ aos Embaixadores: e logo mandaraõ alguma gente de armas, e archeiros para a neceſſidade, em que o Reyno eſtava E quando vieraõ, trouxeraõ cartas de grandes offerecimentos del Rey Ricardo para o Meſtre.

Entre tanto que todas eſtas couſas paſſaraõ em Portugal, deſpois da morte del Rey D. Fernando, como el Rey de Caſtella ſoube della na Povoa de Montalvaõ, onde eſtava, logo ao outro dia man-

mandou chamar ſeu Irmaõ D. Affonſo, Conde de Gigon, e lhe diſſe como lhe viera recado, que el Rey D. Fernando ſeu Pai era falecido; e que por ſer delle ſeguro, pois eſtava caſado com ſua filha, ſe temia de elle ſe lançar em Portugal, e fazer alvoroços no Reyno, como já tentara, eſcrevendo cartas em ſeu deſerviço; que avia por ſeu ſerviço, que elle foſſe preſo. O Conde ficou eſpantado de lhe dizer aquillo, negando paſſar tal couſa na verdade: e lhe pedio lhe mantiveſſe o que lhe prometera, quando com elle comungara o Corpo do Senhor. El Rey naõ curando de ſuas razoẽs, o entregou preſo a D. Pedro Tenorio, Arcebiſpo de Toledo. Pello qual eſtavaõ eſperando 50 homens de cavallo; e o Arcebiſpo o entregou a hum dos mais honrados, que com elle andavaõ, e logo foi onde o Conde pouſava, e prendeo a Condeça ſua molher, e a mandou a Toledo, que eraõ dahi ſinco legoas, onde tambem o Conde foi levado. E ſendo o Conde preſo grande tempo, deu el Rey a terra de Hurenha á Igreja de Oviedo, e confiſcou pera a Coroa todos os outros bens, que o Conde tinha nas Aſturias.

Em Caſtella andava naquelle tempo (como eſtá dito na vida del Rey D. Fernando) o Infante D. Joaõ, por razaõ de ſeus agravos, onde el Rey Henrique o cazou com huma filha ſua natural, e lhe deu as Villas de Valença, e do Real de mançanares, e outras. E poſtoque naõ tinha tanto eſtado como á ſua peſſoa convinha, era acompanhado, e ſervido de muitos fidalgos principaes em Caſtella, que o amavaõ muito pollo grande valor de ſua peſſoa, como foi D. Joaõ, filho de D. Tello, Irmaõ del Rey D. Henrique, que tinha mais caſa que o Infante, e o Marquez de Vilhena Pedro Fernandez de Vallaſco, e outros homens mui principaes,

que ſempre com elle andavaõ. E como el Rey D. Fernando ſeu Irmaõ começou a ſer doente a miude, logo el Rey D. Joaõ de Caſtella ſe receou, que o Infante pudeſſe reynar deſpois de ſua morte, e teve em olho tudo o que fazia: o que ſendo dito ao Infante, como eſtava innocente, e naõ tinha mao penſamento contra el Rey, naõ curou do que lhe diziaõ. Tanto que el Rey mandou prender o Conde de Gigon ſeu Irmaõ, logo mandou prender ao Infante por Garcia Alvarez de Griſalva nas meſmas pouſadas do Infante, e mandoulhe dizer, que o naõ prendia por couſa que delle ſoubeſſe, mas porque receava, que por cauſa da morte del Rey ouveſſe em Portugal alguns boliços contra as capitulaçoẽs, que tinhaõ feitas, e quizeſſem ao Infante por ſeu Rey: no que el Rey ſe naõ enganava, porque poſto que elle ſe fora do Reyno, e ſe declarára inimigo vindo contra elle armado em favor del Rey de Caſtella, ſempre o elegeraõ os Portuguezes por Rey, ſe o viraõ ſolto. Outros dizem que aviſandoo os do Reyno de Portugal da morte del Rey ſeu Irmaõ, lho fizeraõ ſaber, offerecendoſelhe: e que, moſtrando elle as cartas, el Rey o mandou prender.

Tanto que el Rey teve preſos o Infante D. Joaõ, e o Conde de Gigon, fez ſaimento por el Rey D. Fernando ſeu ſogro com grande aparato na Sé de Toledo, aonde el Rey foi veſtido de pano negro, e a Rainha de almafega preta, que ninguem a via: e as andas, em que hia, cubertas de pano negro, e todos os Portuguezes de almafega branca, aſſi homens, como molheres; á Rainha acompanhavaõ as dónas da Cidade. E entrando polla Igreja os Portuguezes, fizeraõ hum grande pranto, ao cuſtume daquelle tempo, e a Rainha fez o meſmo com as molheres de Portugal.

Ditas

Ditas as vesporas, se tornaraõ aos Paços, em que a salla, e Camara da Rainha estavaõ cubertas de panos negros. Ao outro dia tornaraõ el Rey, e a Rainha á Sé da mesma maneira, aonde á entrada fizeraõ outro tal pranto.

Acabada esta fórma de exequias, se apartaraõ a hum lugar escuzo, onde el Rey, e a Rainha se vestiraõ de vestiduras Reaes de panos de ouro forradas de arminhos, e se assentaraõ debaixo de hum rico docel em hum estrado tambem de panos de ouro, aos quaes veio em procissaõ o Arcebispo de Toledo vestido com capa rica, e mitra na cabeça, com todas as Dignidades, e clerezia, cantando, e trazendo a bandeira das armas de Castella com as de Portugal a baixo dellas. E chegando aos Reys, puzeraõ a bandeira ante elles. El Rey fez logo chamar Vasco Martins de Mello, que com a Rainha fora de Portugal: e por o ter por bom cavaleiro, e esforçado, o fez Alferes mór de Castella, e Portugal, e lhe mandou que tomasse aquella bandeira, e a levantasse polla Rainha, e por elle, como se faz aos novos Reys. Vasco Martins lhe disse, que lhe beijava as mãos por aquella merce; mas que tal officio naõ aceitaria, por elle aver sido Vassallo del Rey de Portugal, e seu Guarda mór. E porque poderia suceder despois guerra contra o Reyno, de que elle era natural, naõ queria cahir em caso de menos valer. El Rey deu entaõ o officio a Joaõ Furtado de Mendonça, e lhe entregou a bandeira. Este a levantou logo, dizendo: *Real, Real por el Rey D. Joaõ de Castella, e de Portugal*: e cavalgando em hum fermoso cavalo del Rey, a levou polla Cidade com muita gente, que o acompanhava dizendo o mesmo: e correndo todos apos o Alferes, veio hum grande vento, e descozeo as armas de Portugal, que

hiaõ cosidas abaixo das de Castella, e ficaraõ dependuradas como por huma linha; e o cavalo do Alferes foi topar em hum canto de huma parede, em que quebrou huma espadua, e cahio com elle. Os que isto viraõ, o tiveraõ a mao sinal: e pronosticaraõ que nunca aquelle Rey de Castella seria Rey de Portugal: e foi dito a el Rey, que naõ era bem, que trouxesse no fundo do escudo as armas Reaes de Portugal. Pollo que el Rey as mandou pôr iguaes com as de Castella. Os Portuguezes, que viraõ o caso da bandeira, e queda do cavalo com o Alferes, folgaraõ muito, parecendolhes que eraõ sinaes, que Deos dava para naõ averem de ser vassallos del Rey de Castella. Acabada a ceremonia, e procissaõ, a que veio o Arcebispo, os Reys se despiraõ daquellas vestiduras Reaes, e tomaraõ outras de luto. E dita a Missa; e acabadas as exequias, se tornaraõ, tendo acabado de comer, para a Povoa de Montalvaõ, donde o dia dantes vieraõ.

CAPITULO XV.

Vem el Rey de Castella a Portugal: entra na Cidade da Guarda: como o seguiraõ alguns fidalgos Portuguezes, repugnando outros.

ESTando el Rey naquelle lugar da Povoa, teve conselho se seria bem entrar em Portugal, logo com muita gente, e senhorearse delle: sobre o que ouve muitas altercaçoẽs; e os do conselho se partiraõ em dous bandos.

Huns que sentiaõ melhor, dos quaes, o que com mais efficacia fallou, era Pedro Fernandez de Vellasco, senhor de Brevielca, e de Medina de Pomares, Camareiro mór del Rey, homem em que avia muita prudencia, e bondade, e que a el Rey

sempre

ſempre falou verdade, e neſte caſo melhor o aconſelhou, diziaõ a el Rey, que naõ devia quebrar os contratos, que tinha feitos, e jurados, nem querer ter por vaſſallos, que deſpois teria por ſua vontade: e que a principal força para reter povos, era a benevolencia, e clemencia do Principe: e que devia ſobreſtar com o entrar em Portugal; porque, ſendo com pouca gente, meterſehia em perigo, e com muita em odio: e que devia mandar a Portugal ſeus Embaixadores, moſtrandolhes como eſtava preſtes para cumprir as capitulaçoẽs entre elles aſſentadas. E que ſe alguma couſa quizeſſem acrecentar, ou diminuir, que foſſe proveito, e honra do Reyno, eſtava preſtes para o fazer, naõ ſendo contra ſua honra, e ſerviço: e que lhe mandaſſem ſeus Embaixadores; e que quando eſtes a elle vieſſem, lhes fizeſſe muita honra, e lhes deſſe do ſeu, porque com nenhuma couſa os Principes novos ganhavaõ mais a benevolencia dos ſubditos, que com a liberalidade, mórmente quando ſaõ eſtrangeiros, que os povos nunqua aceitaõ de taõ boa vontade, como quando ſaõ naturaes. E que tambem mandaſſe dizer aos de Portugal, que com elles tinha aſſentado que a Rainha ſua ſogra foſſe Regedora do Reyno: e que ſe elles entendeſſem outra melhor maneira de regimento per algum, ou alguns do Reyno, que elles viſſem o que era mais ſeu proveito, e lho diſſeſem; que de tudo elle ſeria contente. E que com iſto lhes atrahiria aſſi tanto os animos, que todos ſeriaõ a ſeu ſerviço, e mandado. Eſte conſelho, que lhe davaõ, ſe el Rey de Caſtella o tamara, e deixara a couſa no peito dos Portuguezes, nenhuma duvida avia, ſe naõ que elle ſem contradiçaõ alguma fora Rey pacifico de Portugal; porque a Rainha Dona Leanor era mal quiſta de todo o Povo do Reyno, e naõ

lhes parecia que faltava razaõ para reconhecerem a Rainha Dona Briatís, que juraraõ, se el Rey naõ quebrára as capitulaçoẽs, e contratos, que jurára em desprezo dos povos, e tratara bem aos que o seguiaõ. Outros lisongeiros, de que ha muita abundancia nas casas dos Reys, a que naõ movia o bem publico, senaõ o particular interesse de se meterem com o Rey, que era mancebo, e altivo de condiçaõ, por lhe comprazerem, diziaõ o contrario sem algum fundamento; cujo conselho elle aprovou. Ajuntouse a isto hum Bispo da Guarda, que fora de Portugal com a Rainha Dona Briatís, o qual lhe offereceo darlhe o castello da mesma Cidade, dizendo que todos os principaes eraõ seus criados: e que, indo lá, o recolheriaõ nelle.

El Rey contra o conselho dos mais prudentes se pôs a caminho, mandando o Bispo diante para lhe ter a Cidade prestes. E com o castello se lhe naõ dar, o qual tinha hum Alvaro Gil, que naõ era amigo do Bispo, el Rey veio com a Rainha á pressa, segundo o Bispo o avisára huma manhãa, com até XXX. lanças de homens seus officiaes; e com procissaõ foraõ recebidos. Alvaro Gil Alcaide mór naõ sahio a el Rey, mas esteve quedo, sem se mostrar por qual parte estava. Martim Affonso de Mello, rico homem, Irmaõ mais velho de Vasco Martins de Mello, que tinha Celorico, e Linhares, foi o primeiro homem Portuguez, que se veio para el Rey, e alli na Guarda ficou por seu, do que muito pesou a seu Irmaõ, posto que vivia com a Rainha de Castella. Ao outro dia seguinte vieraõ a el Rey até 200 lanças; e ao 3. dia chegou D. Pedro Nunes de Lara, Conde de Mayorga, e apos elle Pedro Fernandez Vellasco, Camareiro mor del Rey, e Pedro Sarmento, e outros Capitaẽs com 500. lanças. Vendo el

Rey

Rey que Alvaro Gil lhe naő vinha falar, nem ſahia fóra do caſtello, mandou a Martim Affonſo de Mello, que lhe falaſſe; e aſſegurandoo da vinda, e da tornada, veio falar a el Rey, e ſe tornou para o ſeu caſtello ſem mais outra vez vir a el Rey. Ao outro dia mandou dizer Vaſco Martins de Mello a Alvaro Gil por ſeu filho Martim Affonſo, que fizera mui bem de ſe naő vir para el Rey, nem curaſſe de ir; e que ſoubeſſe que naő avia de ir por iſſo ſobre elle, porque paſſava por alli ſeu caminho: e que, ſe aconteceſſe que el Rey o combateſſe, lhe prometia, que elle com ſeus filhos, e com ſeus familiares, e criados iriaő ajudar a defender o caſtello.

Daquella comarca vieraő tamdem para el Rey Vaſco Martins da Cunha, Martim Vaſques da Cunha, e os mais filhos ſeus Fernando Affonſo de Mello, Alvaro Gil de Carvalho, e outros. El Rey os recebia bem, dizendolhes que lhe fizeſſem omenagem pollas fortalezas, que tinhaő; e elles lha faziaő com receber por ſua Rainha, e Senhora a Rainha Dona Briatís, e a elle como a ſeu marido, com condiçaő, que ſe guardaſſem as capitulaçoés, e aſſentos feitos com el Rey D. Fernando. El Rey naő eſtava mui contente das condiçoés, mas muito menos o eſtavaő aquelles fidalgos Portuguezes da condiçaő del Rey, porque era de poucos gazalhados, e de poucas palavras, e nada ledo: e, o que mais ſe eſtranha em Rey eſtrangeiro, vindo a Reyno novo, naő fazia merce do ſeu aos homens; que he a parte, porque mais ſe acquire as vontades. A razaő he porque, como os Reys ſaő as fontes, donde todos bebem, vendoas ſecas, perdem os homens as eſperanças, de que ſe ſuſtentaő, e ſem eſperanças naő ſe póde querer, nem ſervir. Hum fidalgo principal daquella comarca por nome

Gonçalo Vaſques Coutinho, Alcaide mór de Trancoſo, e de Lamego, e de outros lugares, eſtando em duvida ſe ſe iria para el Rey, communicouo com ſua mãi Briatís Gonçalves de Moura, que era huma dona valeroſa, e mui prudente, polla qual razaõ el Rey D. Joaõ a deu por Aya, e Camareira mór á Rainha Dona Philipa ſua molher; a qual lhe diſſe, que com os neſcios, e com os ſofregos ganhavaõ os homens: e que nas couſas de importancia, e em que avia que cuidar, a celeridade era perigoſa: que el Rey de Caſtella entrava no Reyno quebrando os contratos, e juramentos, que tinha feitos: e que, poſto que alguns ſe vinhaõ para elle, naõ folgavaõ com ſua vinda; e que Liſboa tinha jurado o Meſtre por ſeu Regedor; e muitos eſtavaõ por elle. E que as couſas del Rey naõ podiaõ levar bom caminho, nem ſe acabariaõ facilmente. Que deixaſſe ver em que eſtado ſe punhaõ as couſas, e que entaõ diſporia de ſi. Seguindo Gonçalo Vaſques o conſelho de ſua mãi, deixou de ſe ir para el Rey, e aſſi lhe ſucedeo melhor.

CAPITULO XVI.

Parte el Rey da Guarda para Santarem chamado por cartas da Rainha Dona Leanor: faslhe ella renuncia do Governo de Portugal.

A Rainha Dona Leanor tinha eſcrito ás Cidades do Reyno no principio do anno de 1484. como trabalhava com el Rey de Caſtella, que naõ vieſſe a elle: e como vio que eſtava na Guarda, mudado o conſelho, lhe eſcreveo tudo o que em Lisboa avia ſucedido: e como viera fugindo para Santarem, e porque lhe naõ fizeſſem a ella o que o Meſtre fez ao Conde Joaõ Fernandez,

nandez, e os de Lisboa ao Bispo; dandose por mui afrontada, e desacatada do Mestre de Aviz. A conclusaõ era pedirlhe vingança, e offerecerlhe o serviço dos Condes seus Irmãos, e parentes, e dos mais Nobres do Reino, que tinhaõ as principaes fortalezas, que o ajudariaõ: pedindolhe em conclusaõ que se viesse logo para ella a Santarem. Tudo isto era com desejos de se vingar da morte do Conde, e principalmente das molheres de Lisboa, de que ella dizia que naõ avia de ser vingada até naõ ter huma tonelada de lingoas dellas. Sua imaginaçaõ era, despois de se vingar, e o Reyno ficar socegado com a prezença del Rey, que tornandose elle para Castella, ficaria ella continuando seu governo em paz: o que despois lhe sahio mui ao contrario.

Partiose logo el Rey da Guarda, e foi em romaria a Santa Maria dos Açores, e dahi a Celorico, que Martim Affonso de Mello lhe tinha dado, onde esteve quatro dias, e dahi veio a Coimbra, cujo castello tinha o Conde D. Gonçalo, Irmaõ da Rainha, e estava nelle Gonçalo Mendez de Vasconcellos seu tio. Os quaes naõ quizeraõ ver a el Rey, nem o recolheraõ, mas mostraraõ que naõ folgavaõ com sua vinda. De Coimbra veio a Miranda, onde estava o Conde de Viana, que ficou por seu. Chegando a Thomar, cuidou que o Mestre de Christo D. Lopo Dias, sobrinho da Rainha Dona Leanor, se viesse para elle; mas o Mestre se foi dahi, antes que el Rey chegasse, por conselho de hum cavaleiro da Ordem, que lhe disse, que se naõ devia fazer vassallo del Rey de Castella, até ver as cousas do Reyno, e a pretençaõ do Mestre em que estado se punhaõ. E que entaõ podia fazer o que fosse mais sua honra, e proveito. De sua ausencia ficou el Rey muito pezaroso; porque,

que, por elle ser taõ chegado parente da Rainha Dona Briatís, vinha confiado de o ter por sua parte. Chegado a Santarem foi no principio apozentado fóra da Villa no Mosteiro de S. Domingos, e os seus pellos rabaldes, onde a Rainha o foi esperar, e receber. E a primeira cousa, em que dizem falou a el Rey, e a sua filha, foi pedirlhe vingança do Mestre, e da gente de Lisboa. El Rey lhe disse que elle naõ podia tomar vingança de ninguem, nem ir contra Cidade alguma, ou lugar, sem ella primeiro renunciar nelle, e na Rainha sua filha o regimento do Reyno. A Rainha, mudado seu proposito, determinouse ao fazer, sem embargo do conselho que os seus lhe deraõ, que ella naõ podia renunciar, sem o communicar com os Estados do Reyno em Cortes, por amor do assento que era feito nellas por el Rey D. Fernando; e pollo prejuizo, que dahi vinha ao povo. A Rainha lhes respondeo que naõ avia para que pôr duvida nisso: que el Rey, e a Rainha sua filha eraõ senhores naturaes do Reyno. E mandando vir hum tabaliaõ, fez huma solemne renunciaçaõ de seu governo, e o traspassou nos Reys de Castella seus filhos. E ao outro dia, tendo a Rainha já vindo á Villa a tirar a omenagem a Gonçalo Vasques de Azevedo, que era Alcaide mór, mandou abrir as portas da Villa, e entrou el Rey armado com grande apparato, e companhia de homens de armas; e á porta do castello o esperou a Rainha Dona Leanor a cavalo; a qual el Rey levou de redea, e o Infante D. Carlos primogenito de Navarra, e a Rainha Dona Briatís. E foraõ os Reys pouzar nas casas junto com a Igreja de Santo Estevaõ. Neste dia foi entregue a el Rey o castello; e o deu a Lopo Fernandes de Padilha: e a alcaçeva, a Garcia de Vilhodre, e a Sancho de Vilhodre seu Irmaõ.

CA-

CAPITULO XVII.

Começa el Rey de Castella a exercitar officio de Rey de Portugal com o favor de muitos fidalgos, e posse de algumas terras do Reyno.

ENtregue el Rey da Villa, e fortalezas, começou logo de entender nos despachos da justiça com letrados, e officiaes Portuguezes; e mandou abrir novos sellos das armas de Portugal, e Castella, partindo o escudo pollo meio; e na primeira ametade estavaõ as insignias de Castella, e Leaõ; e na outra as de Portugal, e Algarve: o seu titulo era D. Joaõ polla graça de Deos Rey de Castella, de Leaõ, de Portugal, de Toledo, de Galiza, &c. E alli em Santarem mandou lavrar moeda com o cunho daquellas insignias. Os fidalgos, que entaõ estavaõ com el Rey de Castella em Santarem, eraõ D. Henrique Manoel Conde de Cea, tio del Rey, e da Rainha, que tinha o castello de Cintra; D. Pedro Alvares Pereira Prior do Hospital de S. Joaõ, D. Joaõ Affonso Conde de Barcellos, D. Joaõ Tello Conde de Viana, Gonçalo Vasques de Azevedo, que tinha Torres novas; Vasco Pires Alcaide mór de Alenquer, Joaõ Gonçalves Teixeira, que tinha Obidos; Diogo Alvarez Pereira, e Fernaõ Pereira Irmãos de Nunalvares Pereira, e do dito Prior de S. Joaõ, Joaõ Affonso Pimentel senhor de Bragança, Vasco Martins da Cunha, Martim Vasques da Cunha, Gil Vasques, e Vasco Martins da Cunha seus filhos, Joaõ Rodrigues Portocarreiro, Vasco Martins de Mello, Martim Gonçalves de Ataide, Martim Affonso de Mello, e dous filhos, Affonso Gomes da Silva, Fernaõ Gonçalves de Sousa, Gonçalo Ro-

Rodrigues de Sousa. E pello Reyno tinha muitos fidalgos, e Alcaides móres de fortalezas, que lhe obedeciaõ: e dos que tinha comsigo mandou alguns a suas terras; e aos que ficavaõ com elle dava soldo para certas lanças: e entre elles couberaõ a Gonçalo Vasques de Azevedo, que fora Alcaide mór de Santarem, antes da vinda del Rey, e o era ainda de Torres novas, cem lanças, além de muitos escudeiros honrados, que com elle viviaõ: e indo Gonçalo Vasques huma vez ao Paço, mandou a seu Veedor que desse soldo a todo os seus. O Veedor pondo o dinheiro em moedas de ouro em huma mesa, nenhum dos escudeiros de Gonçalo Vasques o quis receber; mas tomavaõ as moedas na maõ, e riaõse dellas, tornandoas a seu lugar. Vindo Gonçalo Vasques á noite para casa, e achando ainda o dinheiro na mesa, preguntou ao Veedor, porque naõ pagara aos seus escudeiros como mandara? E sabendo delle, que o naõ quizeraõ receber, cuidou o que podia ser; e chamou a todos á parte, e lhes disse que estava espantado delles; porque, desejando de os encaminhar com el Rey, e honrar, naõ queriaõ tomar seu soldo, para o averem de servir em sua companhia: e que estava taõ confiado delles, que naõ dizia servir elle a el Rey de Castella, a que todos eraõ obrigados, como a seu Rey, e senhor; mas que, se elle se tornara Mouro, lhe parecia que elles fizeraõ o mesmo, e foraõ servir com elle a el Rey de Granada: e que agora se acha enganado; que lhe dissessem porque o faziaõ? Calando todos, hum Vasco Rodrigues lhe respondeo: Que naõ tinhaõ vontade de aceitar soldo del Rey de Castella para o servir; antes se partiriaõ todos delle Gonçalo Vasques, que tal fazer. Mas que se elle quizesse seguir a tençaõ do Mestre, e da Cidade de Lisboa, que sem ouro, e prata o

ser-

serviriaõ, e poriaõ por elle as vidas: e que nisto naõ avia mais que altercar. Gonçalo Vasques ficou espantado, e disse que os naõ queria perder de amigos, nem forçar: e que elle encaminharia suas cousas de maneira, que naõ fallassem mais nelles. E, avendo licença del Rey, se foi a Torres novas com pretexto de guardar o castello. Aquelles homens, quando viraõ sua tençaõ, foraõse delle poucos e poucos a Buarcos para Alvaro Gonçalves seu filho, que estava pollo Mestre.

Como pollo Reyno se soube que el Rey de Castella era entrado nelle, ouve muitas discordias, e divisoẽs; porque os mais dos Grandes tinhaõ por sua parte as fortalezas, e castellos: mas o povo miudo naõ tinha por elle os coraçoẽs, e vontades, que todos offereciaõ ao Mestre. Os lugares, que el Rey de Castella achou por si, foraõ estes. Na Estremadura: Santarem, Torres novas, Ourem, Leiria, Montemor o velho, a Feira, Penella, Obidos, Torres Vedras, Alenquer, Cintra. Entre Tejo, e Guadiana: Arronches, Alegrete, Castello da Villa do Crato, Amieira, Monforte, Campo maior, Olivença, Villa Viçosa, Portel, Moura, Noudar, Mertola, Almada. Entre Douro, e Minho: Braga, Lanhoso, Guimaraens, Valença, Caminha, Viana, Melgaço, Ponte de Lima, Villa Nova da Cerveira, o Castello de Neiva. Em Tralos-Montes: Bragança, Vinhaes, Chaves, Monforte de rio livre, Montalegre, o Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Lamas de Oulhaã, Villa Real de Panoyas. Na Beira: Castello Rodrigo, Almeida, Sabugal, Pena Macor, Guarda, Covilhã, Celorico, Linhares; e muitos lugares destes tinha el Rey antes que entrasse no Reyno, dos quaes sahiraõ os Alcaides móres Portuguezes a fazer muitos roubos, e danos nos termos dos lugares, que esta-

vaõ por o Meſtre, como ſe foraõ inimigos, e naõ naturaes de huma provincia, parentes, e amigos pouco antes avia. Mas a gente popular, como era toda da facçaõ do Meſtre, deſejavaõ, e em muitos lugares levantavaõ unioens, e tomavaõ muitos caſtellos aos alcaides delles, e os davaõ ao Meſtre, offerecendolhe com elles ſuas peſſoas, e fazendas.

CAPITULO XVIII.

Começaſe o Meſtre a aparelhar contra o Rey de Caſtella: o primeiro encontro, que tiveraõ.

O Meſtre em quanto eſtas couſas paſſavaõ, entendia em baſtecer Lisboa para o cerco, que eſperava, quando el Rey vieſſe; e mandou a Nunalvarez com trezentas lanças, e alguns homens de pé a Cintra, por eſtar nella o Conde D. Henrique com gente, que a podia defender, para trazer de ſeu termo alguns mantimentos: e correndo toda a terra ao redor ſem achar quem lho impediſſe, tomou muitos mantimentos de gado, trigo, e couſas, de que carregaraõ muitas azemolas. El Rey de Caſtella avia pouco que mandara de Santarem a D. Pedro Fernandes cabeça de Vaca, Meſtre de Santiago, Pero Fernandes de Valaſco ſeu Camareiro mór, Pero Rodrigues Sarmento, Adiantado mór de Galiza, e com elles mil lanças de homens de armas eſcolhidos para irem ao termo de Lisboa a dar principio ao cerco, e naõ deixar ſahir os da Cidade, e ſe eſtenderem polla terra, e fazerem algum dano: e na ſeguinte noite, que Nunalvarez partio de Cintra com ſua cavalgada, lhe deraõ novas que aquelles Capitaẽs eſtavaõ em Alenquer, e queriaõ vir ſobre elle: pollo que alguns de ſua companhia ſe partiraõ logo, e vieraõ

raõ á Cidade. Os que ficaraõ no dia seguinte lhe disseraõ que se fossem para á Cidade depressa, e naõ esperassem que viessem primeiro aquellas gentes. Nunalvarez, em quem naõ entrava medo, naõ curou disso, mas muito de vagar veio com sua cavalgada, e no caminho, muito contra vontade de todos, aguardou até o meio dia, por ver se vinhaõ os Castelhanos para lhe dar batalha. Quando o Mestre o soube, mandoulhe Ruy Pereira seu tio com cento e sincoenta lanças: e despois que foi tarde, vendo que os Castelhanos naõ vinhaõ, se vieraõ para Lisboa. Os Capitaens Castelhanos quando se determinaraõ a vir alcançar a Nunalvarez, e tomarlhe a preza, avia já hum dia, que estava na Cidade: e elles se alojaraõ no Lumiar.

Estando os Castelhanos alli alojados, sahio hum dia, por mandado do Mestre, Joaõ Fernandez Moreira, que era hum esforçado cavaleiro, com certos homens de pé, e de cavalo até hum campo, que chamaõ Alvalade o grande, que ha perto do Lumiar, para provocarem os Castelhanos a sahirem, e os trazerem até perto da Cidade. Os Castelhanos como souberaõ delles, lhes sahiraõ; e os Portuguezes deraõ volta, mas naõ se poderaõ tanto sahir, que os Castelhanos os naõ alcançassem, e prendessem muitos, e matassem alguns, e entre elles o mesmo Joaõ Fernandes seu Capitaõ, de cuja morte ha hoje em dia lembrança donde foi; porque por memoria do lugar, em que cahio, se pos na mesma terra huma Cruz de pedra levantada, que he a que está na entrada, quando da Cidade entraõ em Alvalade o pequeno á maõ direita: do qual Joaõ Fernandez Moreira ha hoje descendencia na Camara de Lisboa, porque elle foi Pai de Nuno Fernandes de Magalhaẽs, a quem el Rey D. Joaõ o II. fez escrivaõ da Camara, e avó de Christovaõ de Magalhaens.

I ii Aquelle

Aquelle meſmo dia ſahio o Meſtre em peſſoa com Nunalvarez Pereira, com trezentas lanças, e alguma gente de pé, e ſe pozeraõ em batalha em huma lombada, que ſe faz acima da Igreja de S. Lazaro, que ſaõ dous tiros de béſta da Cidade, e aguardava que os Caſtelhanos vieſſem em alcanſe dos outros, pera o acharem preſtes para a peleija: mas os Caſtelhanos quando chegaraõ, e os viraõ, naõ quizeraõ peleijar, e tornaraõſe para as aldeas.

O Meſtre, poſto que foſſe de animo invencivel, tinha muitos contrarios, que lhe pódéraõ abater aquelle vigor, ſe naõ fora maior ſeu animo, que todas as difficuldades, que lhe punhaõ diante. Porque de huma parte via os Nobres quaſi todos contra ſi: e o povo miudo, que pollo Reyno tinha por ſi ſem forças, e ſem cabeça, conhecia a alguns, que vinhaõ para elle por homens de fracos coraçoẽs, ſegundo via nos conſelhos, que lhe davaõ. De outros naõ fiava, mas duvidava de ſuas lealdades, como do Conde D. Alvaro Pirez de Caſtro, que, vindoſe para elle com D. Pedro de Caſtro ſeu filho, e communicando o Meſtre com elle o que pretendia fazer, em tudo desfazia, encarecendo quam difficultoſa couſa tinha começada; e dizialhe couſas, que podiaõ quebrarlhe o coraçaõ, e resfrialo a quem o naõ tivera taõ ardente. A cauſa diſto era o pouco goſto, que o Conde levava das couſas do Meſtre irem bem encaminhadas, por ver que, ocupando o lugar do Infante D. Joaõ ſeu ſobrinho, pretendia vir a ſer Rey; o que pudera ſer o Infante, como filho legitimo, que era reputado del Rey D. Pedro, e que o povo deſejava ter por Rey. Por outra parte naõ ſeguia a el Rey de Caſtella pella meſma razaõ de prender ao Infante D. Joaõ, e eſtar duvidozo ſe fazia melhor ſeu

par-

partido em arriſcar o que tinha em Portugal. De maneira que tinha o animo inquieto para o ſerviço de cada hum daquelles Principes entre ſi contrarios. Nunalvares Pereira naõ podendo ſofrer as razoens do Conde, lhe diſſe hum dia: Senhor Conde, já que ficaſtes com o Meſtre meu ſenhor, naõ lhe deis eſſas razoens, porque naõ volas ha de crer; nem lhe metais medo, que naõ póde entrar em ſeu coraçaõ; antes ha de ir com ſeu propoſito a diante, naõ ſómente contra el Rey de Caſtella, poſto que ſeja grande Rey, mas contra todos os Reys do mundo, no que todos os Portuguezes tem razaõ de o ſervir. O Conde ſe anojou daquellas palavras: e falando aſpero a Nunalvares, e juntamente a D. Pedro de Caſtro, que acodio por ſeu pai Nunalvares, lhe reſpondeo com mais liberdade. E para que ſe naõ procedeſſe a mais, o Meſtre mandou a todos tres que ſe calaſſem. E vendo que os Capitaẽs Caſtelhanos avia já quinze dias que eſtavaõ no Lumiar, e vinhaõ eſcaramuçar junto da Cidade, aſſentou com Nunalvares, e com os do ſeu conſelho, que era bem de irem contra elles. E tratando que Capitaẽs eraõ, quando nomeavaõ o Meſtre de Santiago, ou outro tal, fazia o Conde D. Alvaro Pirez grandes eſpantos de quam poderoſo era, dando a entender que naõ era bom conſelho ir acometer taõ valentes Capitaẽs, e com tanta gente como elles traziaõ. O Meſtre diſſe, que naõ era couſa para ſoffrer eſtarem taõ perto da Cidade a ſeu deſprezo: e mandou fazer preſtes para o outro dia. Os Caſtelhanos, que iſto ſentiraõ, foraõ-ſe á preſſa, huns para Alenquer, outros para Torres Vedras, naõ querendo eſperar. E muitos dos Portuguezes, quando viraõ que ſe hiaõ, foraõ lá, e acharaõ já as aldeas deſamparadas delles com as panelas poſtas ao fogo, e os eſpetos com as car-

nes,

nes, que naõ tiveraõ lugar pera as comer.

CAPITULO XIX.

Das liberdades, que os Castelhanos usavaõ em Santarem: e como a Rainha Dona Leanor se começou a queixar del Rey de Castella.

OS Castelhanos, que em Santarem estavaõ, ao principio mostraraõ averse brandamente com os hospedes: mas pollo tempo assi se foraõ ensenhoreando delles, como se elles foraõ donos das pousadas: e lhes faziaõ tantas semrazoens, e descortesias, que todos eraõ delles mui agravados; porque, alem de lhes tomarem o seu, os lançavaõ fóra de suas casas, e os faziaõ ir a outra parte, naõ lhes deixando levar camas, nem de sua fazenda mais que o que traziaõ sobre si. A outros lançavaõ fóra de casa, e ficavaõ elles com as molheres, e filhas; e muitas vezes diante dos olhos dos mesmos maridos, e pais as forçavaõ, dizendo: Que quanto tinhaõ, tudo era seu; e fazendolhe sobre isso outras muitas injurias. E se algum falava, ou respondia, o ameaçavaõ que o matariaõ. A outros atavaõ de pés, e de mãos, e os tinhaõ assi toda a noite. Muitos dos Portuguezes naõ ouzavaõ de sahir fóra de suas casas sem Alvarás; que, doutra maneira, eraõ prezos, e mal tratados. Em fim muitos desemparavaõ suas casas, e seus bens, e se hiaõ a Lisboa, e a outras partes. Pollo que, naõ podendo soffrer tantas semrazoens, escreviaõ ao Mestre, que lhes acudisse naquelle cativeiro; e que fossem lá em barcas, que elles os ajudariaõ: o que tambem lhe escreviaõ outros Portuguezes de fóra da Villa, que para el Rey se vinhaõ. E estando o Mestre para o fazer, o deixou despois, por as bar-

cas

cas naõ poderem ſobir de Muja, por o rio levar pouca agoa dahi para cima, e por tambem naõ ſaber ſe aquelle chamamento era algum engano, e ardil dos Caſtelhanos para o matarem, ou averem ás mãos.

Eſtando neſte tempo a Rainha Dona Leanor em amor, e paz com el Rey ſeu genro, logo como veio, fazialhe facil aver em breve todos os mais lugares, que ainda naõ eſtavaõ por elle, dizendo que os principaes do Reyno eraõ ſeus parentes; e todos os mais, que tinhaõ Villas, e caſtellos, lhe eraõ obrigados por mercês, e beneficios, e criaçaõ, que lhes fizera. E que ella eſcreveria ao Conde D. Gonçalo ſeu irmaõ, e Gonçalo Mendes ſeu tio, que eſtavaõ em Coimbra, Cidade principal do Reyno, e que logo lha dariaõ, poſto que quando por ahi paſſou o naõ recebeſſem: e que ella iria lá com elle, ſe foſſe neceſſario, e aſſi a cada hum dos outros lugares. Na Cidade de Coimbra eſtava o Conde D. Gonçalo, por a Rainha lhe eſcrever antes deſta vinda del Rey, que vieſſe para ahi da Cidade do Porto, onde eſtava; o qual trouxe conſigo cem lanças. E no caſtello eſteve por Alcaide mór o dito Gonçalo Mendes tio do meſmo Conde, e da Rainha, o qual fez promeſſa ao Conde de naõ entregar aquelle caſtello ſem ſeu conſentimento. E deſpois de o Conde ſer em Coimbra, ſe vieraõ para elle Joaõ Rodrigues Pereira, Joaõ Gomes da Silva, Alvaro Gonçalves Camello, que deſpois foi Prior do Hoſpital, Nuno Viegas de Pena Cova, Pero Gomes de Çiabra, Martim Correa, e outros, com que tinha trezentas e ſincoenta lanças. Vendo pois el Rey a boa ajuda, que ſeria ter em ſua pretençaõ taõ nobre Cidade, e peſſoas taõ principaes, como eraõ o Conde D. Gonçalo, e ſeu tio, e os mais, fez com a Rainha que lhes eſcreveſſe, e

de sua parte lhes prometesse honras, e mercês, que lhe dessem a Cidade: e a Rainha assi o fez.

Antes que á Rainha viesse reposta do Conde D. Gonçalo seu irmaõ, e de Gonçalo Mendes seu tio, sobre darem a Cidade de Coimbra a el Rey, começou entre ella, e el Rey a aver alguns desgostos, porque ella estava enfadada delle, e elle della. E o principio da discordia foi que em Castella vagou o officio do Rabinado mór dos Judeos, que era como Presidente, ou Governador, e o mais honrado cargo, que havia entre elles. E sabendo a Rainha Dona Leanor que o vinhaõ pedir a el Rey, alli em Santarem, onde estava, lho foi pedir para D. Juda, Thesoureiro mór que foi del Rey D. Fernando, que era mui rico, e honrado, e grande privado da mesma Rainha. El Rey se escuzou de lho dar, e o deu á Rainha Dona Briatis sua molher para D. David Negro, privado que tambem fora del Rey D. Fernando. A Rainha Dona Leanor, como era molher altiva, e appetitosa, e mui mimosa de condiçaõ, achouse mui afrontada, por el Rey lhe naõ conceder a primeira cousa, que lhe ella pedira, tendolhe ella feito tantos beneficios, e renunciado nelle o governo. E por a cousa, que pedia ser taõ pequena, collegio o que ao diante podia valer com elle, e queixavase aos seus muito del Rey, e dizia: Vede que senhor este, que mercês esperamos vós, e eu delle? Se huma taõ pequena cousa, que lhe pedi, me naõ quis outorgar, pedindolha huma molher, huma Rainha, huma sua Mãi, que lhe fez muito boas obras: e sendo a primeira cousa, que lhe pedi? Certificovos que vos será melhor irvos para o Mestre de Aviz, que he vosso natural, e senhor, que vos fará mais mercês: que eu, em que queira, já naõ posso, e cada vez poderei menos, segundo já vou entendendo;

do; e ſe me eu pudera ver daqui fóra, como vós, com minha honra, naõ eſtivera aqui mais hum dia. Alguns, que a ouviraõ, o fizeraõ aſſi, e ſe foraõ pera o Meſtre. A cauſa de el Rey eſtar mal com a Rainha, ſegundo alguns diziaõ, era ſer ella mais ſolta nas fallas, do que convinha a molher de ſeu eſtado, viuva de taõ pouco, e el Rey mais ſevero, e ſeco do neceſſario, porque em Portugal ganhou poucas vontades; e por ſerem taõ differentes nas condiçoẽs hum do outro, por razaõ natural, que cada hum ama o ſeu ſemelhante, e aborrece o que o naõ he, naõ podiaõ eſtar concordes.

Eſtava a Rainha mui arrependida dos erros, que fizera em trazer el Rey de Caſtella a Portugal, e em lhe largar o regimento do Reyno: e dizem que ſecretamente eſcreveo a alguns lugares dos que el Rey de Caſtella pretendia aver, dizendo em ſuas cartas: Que, ainda que elle lá foſſe, e ella meſma em companhia, lhos naõ deſſem por muitas razoẽs, que ella diſſeſe, porque naõ hia em ſua liberdade. Entre os lugares foi principalmente a Cidade de Coimbra. Neſte meio veio repoſta das cartas, que a Rainha mandara ao Conde, e a Gonçalo Mendes ſeu tio ſobre a entrega da Cidade, dizendo ambos, que lhe aprazia o que lhes mandava dizer. Mas que era neceſſario que el Rey foſſe lá com ſeu poder, moſtrando que a hia cercar; que doutra maneira o naõ perſuadiriaõ aos que com elle eſtavaõ. El Rey folgou com a repoſta, e ſe pos logo em caminho: e chegando a Tórres Novas aquella noite, foi a Rainha Dona Leanor guardada de certos homens de armas Caſtelhanos. Ella ao outro dia quando o ſoube, entendeo que eſtava preza, e aſſi o diſſe. Do que el Rey ſe eſcuſou, dizendo que por ſua ſegurança o fizera.

CAPITULO XX.

Como el Rey foi a Coimbra, levando preza a Rainha Dona Leanor: trata esta de fugir de seu poder: o meio, porque foi descuberta sua pertençaõ.

CHegando el Rey a Coimbra, pouzou nos Paços de Santa Clara alem da ponte, e o Conde Mayorgas dentro no Mosteiro, D. Pedro Conde de Trastamara, e seu irmaõ D. Affonso Henriques, filhos do Mestre D. Fradique, filho del Rey D. Affonso XI, e de Dona Leanor Nunes de Gusmaõ dentro em Santa Anna. D. Joaõ Affonso Conde de Barcellos irmaõ da Rainha, Joaõ Rodrigues Portocarreiro, e Joaõ Affonso Cabeça de Vaca pousaraõ em S. Francisco: D. Joaõ Tello Conde de Viana logo ahi perto em huma tenda: Fernaõ Gomes da Silva, e alguns cavaleiros em S. Martinho, e outros em S. Jorge, e nas almoynhas, e outros lugares. Despois de alojados naõ fizeraõ mostra de querer combater, antes o Conde de Mayorga, e outros entravaõ cada dia na Cidade a falar com o Conde D. Gonçalo, e com Gonçalo Mendes, e comiaõ com elles. Pollos quaes el Rey lhes mandou rogar que lhe dessem a Cidade, prometendolhes grandes mercês, e acrecentamentos de estado; ao que deraõ sempre a mesma reposta, que naõ dariaõ a Cidade se naõ a cuja fosse de direito.

A Rainha andava neste tempo taõ anojada, e desesperada, que todos o conheciaõ no semblante: pollo que vendo isto Dona Briatís de Castro, filha do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que andava em casa da Rainha de Castella, falando com

D.

D. Affonſo Henriques irmaõ do Conde D. Pedro de Traſtamara, que a requeſtava de amores, lhe diſſe que, ſe elle dizia que lhe queria bem, e que caſaria com ella, que acabaſſe com o Conde D. Pedro ſeu irmaõ huma couſa, que ella lhe deſcubriria em ſegredo, e com juramento: e que, avendo effeito, ſeria ſeu caſamento de muita honra, e ventajem: iſto era, que a Rainha Dona Leanor, a que ella queria muito, por a criar, e honrar, eſtava em taõ mao eſtado, e deshonrada como via, no que naõ podia ter remedio, ſe naõ ſahiſſe do poder del Rey de Caſtella: e que, ſe o Conde de Traſtamara ſeu irmaõ, que era ſervidor da Rainha, pudeſſe fazer com que ella foſſe fóra do poder del Rey, e poſta dentro da Cidade com o Conde de Neiva ſeu irmaõ, e elle D. Affonſo Henriques com ella Dona Briatís, ſeria á Rainha tornada ſua honra, e elles ambos ſeriaõ mui honradamente caſados. E que ainda lhe dizia mais: Que, ſe a Rainha ſe viſſe livre pollo Conde D. Pedro, naõ ſeria muito cazarſe com elle, e averem ambos o regimento do Reyno, porque ella tinha taes irmãos, e tantos parentes, e criados, que era força que a favoreceſſem, e puzeſſem em ſenhorio do Reydo. D. Affonſo, que nenhuma couſa mais deſejava, que comprazer a Dona Briatís, lhe reſpondeo que naquelle negocio trabalharia muito polla ſervir, e que logo daria diſſo conta a ſeu irmaõ, e que ella a deſſe á Rainha. Falando Dona Briatís com a Rainha, e D. Affonſo Henriques com ſeu irmaõ, a ambos pareceo bem o conſelho, e acordaraõ de o mandar dizer ao Conde D. Gonçalo por o meſmo D. Affonſo. O qual quando lhe foi dito, foi mui ledo; e neſſa meſma noite lhe foraõ falar o Conde D. Pedro, e ſeu irmaõ ſós; e contou tudo o que determinava fazer. O Conde D. Gonçalo lhe reſ-

pondeo que, se o puzessem por obra, ganhariaõ nelle hum grande amigo. E que a noite, que determinassem passar a Rainha, os aguardaria com suas gentes. E para este negocio se fazer sem sospeita, e cuidar el Rey que tratavaõ de seu serviço, e de o recolherem na Cidade, vinhaõ alguns do Conde D. Gonçalo falar á Rainha, e ao Conde D. Pedro. A Rainha por maior dissimulaçaõ dizia a el Rey, que pera converter seu irmaõ, era necessario falarlhe ella de rosto a rosto, porque por terceiros naõ acabava. El Rey disse, que era bem feito; mas, posto que naõ soubesse o que se tratava, naõ se assegurou que isto naõ fosse arte: e mandou na ponte fazer hum palanque, de maneira que o irmaõ pudesse falar com ella, e a naõ pudesse tomar. Quando veio o dia da falla, tomou o Conde D. Pedro a Rainha do braço, e com até vinte pessoas veio á ponte, onde já estava o Conde D. Gonçalo com tres, ou quatro com elle; e fazendo reverencia á Rainha, lhe tomou a maõ pera lha beijar. A Rainha como avisada que era, e dissimulada, mais que outras molheres, disse a seu irmaõ: Alguns beijaõ mãos, que queriaõ ver cortadas. Senhora (disse elle) he verdade, mas naõ he essa vossa. Pois se ella minha naõ he (disse a Rainha) porque naõ dais vós esta Cidade a el Rey meu filho como vos eu mando? Maravilhada estou de vós, sabendo a honra em que vos pús, e o grande acrecentamento, que em vós tenho feito; e como vós naõ meterieis pé neste lugar, se eu naõ fora, e hora por minha honra o naõ quereis dar a quem de direito pertence, e vos eu mando, e rogo. Verdade he (disse elle) o que vós, senhora, dizeis; e assi vos darei eu a Cidade a vós, se a ella quizerdes vir. Eu sou preza (disse a Rainha) e naõ posso lá ir. Porque eu vos vejo preza (disse

o Con-

o Conde) me parecia grande maldade dala a quem vos prendeo : e pois vós fizeſtes o que quizeſtes ſem meu conſelho , lá vos avinde. A iſto diſſe a Rainha , que bem ſe podia chamar deſemparada delle , e de todos os ſeus parentes , a quem fizera tantas mercês. Dito iſto , ſe ſahiraõ todos para fóra , e falaraõ ambos de maneira , que ninguem os pode ouvir , nem entender.

A Rainha , deſpois da falla com ſeu irmaõ , deu a entender a el Rey , que ella tinha eſperança da Cidade ſe lhe dar , ſem embargo das razoẽs , que com ſeu irmaõ ouvera , por outras couſas que com elle falara. Iſto dizia a Rainha para entretanto ſe ordenar ſua ſoltura. O que o Conde D. Pedro tinha ordenado era : Que el Rey havia de ſer morto huma noite por elle , e certos conjurados de ſua parte : e ſe avia logo o Conde com a Rainha de lançar na Cidade , e que elle ſe chamaſſe logo Rey de Portugal , cazando primeiro com a Rainha. E que deſta maneira ficaria ella ſenhora do Reyno , pellas capitulaçoẽs feitas , pois renunciou , como naõ devia , ſem conſentimento dos Eſtados do Reyno : e que entaõ fariaõ ſeus concertos com o Meſtre. Mas o Conde D. Gonçalo naõ ſabia parte da morte del Rey , nem do cazamento da irmaã com o Conde , que ſe avia de chamar Rey ; porque quando o Conde falou naquelle negocio , naõ lhe diſſe mais que averſe de lançar com a Rainha dentro , para a tirar do poder del Rey , moſtrandolhe que andava agravado delle , por o grande lugar , e privança , em que puzera Pedro Fernandez de Vellaſco. O terceiro de todos eſtes tratos era hum Frade , que levava recados á Rainha , e ao Conde D. Pedro da parte do Conde D. Gonçalo , o qual naõ ſabia parte da morte del Rey , nem das outras couſas , que ao Conde D. Gonça-

lo

lo naõ foraõ defcubertas. E quando efte Frade hia falar ao Conde D. Pedro fobre feu fegredo, e da Rainha, hia o Conde a el Rey dizerlhe como o Frade viera a elle fobre a entrega da Cidade, e a razaõ porque fe detinha, que tudo era por melhor. Com ifto eftava el Rey mui alegre, efperando cada dia cobrar a Cidade.

E como as coufas, que fe revelaõ mais que a hum, raramente faõ occultas, aconteceo que aquelle Frade, que andava nas embaixadas, era muito amigo de D. David Negro, a que el Rey dera o Rabinado mór de Caftella. E receando o Frade que na revolta, que fe avia de fazer ao lançar do Conde com a Rainha dentro na Cidade, recebeffe algum dano o D. David, e feus filhos pequenos, que tinha comfigo, determinou de lhe fazer faber que fe partiffe do arraial, e fe vieffe para a Cidade: e que elle bufcaria caminho, e maneira para o pôr em falvo. E ifto lhe fez faber fecretamente por hum efcrito; e que efta vinda foffe todavia antes hum dia certo, que logo lhe affinou. Quando D. David vio o efcrito, ficou efpantado, por ver aquelle recado contrario ás efperanças del Rey, e dos feus. E naõ fe lhe aquietando o coraçaõ com aquella novidade, fez tanto, que o Frade lhe veio falar encubertamente como feu efpecial amigo que era; e o D. David lhe preguntou, que efcrito era aquelle, que lhe mandára? O Frade refpondeo, que porque podia fer que no dia, em que a Cidade fe avia de dar, fe podia fazer tal revolta, que ouveffe dano nos do arraial, por tanto lho fizera a faber. E ifto dizia o Frade, por fe efcuzar de lhe defcubrir mais. O D. David, que era prudente, entendeo que naquillo havia mais; e apertou tanto com o Frade, que lhe defcubrio, que huma certa noite, defpois que o Conde mandaffe dizer que

eraõ

eraõ preſtes, aviaõ de repicar na Cidade hum ſino, e fazer moſtra que o Conde D. Gonçalo já fora com gente. E que o Conde D. Pedro, que pera iſto avia de eſtar preſtes, avia de mandar tocar as trombetas, e moſtrar que ſahia ao Conde para lhe impedir tal vinda. E que neſta ida, que o Conde D. Pedro foſſe, avia de levar a Rainha conſigo: e moſtrando o Conde D. Gonçalo que lhe fugia, avia o Conde D. Pedro ir apos elle, e entrar dentro na Cidade, e lançarſe com ſeu irmaõ, e todos os ſeus com a Rainha dentro. E que eſta era a entrega da Cidade, porque el Rey eſperava mui confiado: e com iſto ſe deſpedio o Frade. D. David ſem embargo do ſegredo, que prometeo ao Frade ſeu amigo, como vio que ſe tratava de treiçaõ do Rey, de quem elle era favorecido, logo ſe foi a elle, e lhe contou tudo.

CAPITULO XXI.

Como el Rey atalhou, e ſoube da pretençaõ da Rainha Dona Leanor, e a mandou pera hum Moſteiro de Caſtella: paſſaõſe para o Meſtre os de Alenquer.

EL Rey ficou eſpantado, e naõ podia crer o que tinha ouvido a D. David, porque o Conde era ſeu primo com irmaõ, e naõ o tinha agravado. E chamando a Rainha ſua molher, lhe fez ſaber o que paſſava. A Rainha o creo, e diſſe que ſempre lhe parecera mal a grande affeiçaõ, que via ter o Conde a ſua mãi. E quando veio o dia, em que aquella obra ſe avia de fazer, chamou el Rey ao Conde de Mayorga, e lhe deſcubrio tudo o que D. David diſſera, e lhe mandou que avizaſſe a todos os ſeus em ſegredo, que eſtiveſſem

vessem armados, e prestes á noite, e elle com elles, para que, quando o Conde D. Pedro fizesse mostra de sahir contra os da Cidade, elle, e os seus começassem de bradar treiçaõ por o Conde D. Pedro; e que entaõ o prendessem a elle, e dos seus quantos mais pudessem, ou os matassem, senaõ quizessem darse á prizaõ. E mandou hum cavaleiro, que aquella noite puzesse tal guarda na Rainha, com que naõ pudesse ser tomada, nem lançarse dentro da Cidade.

A guarda daquella noite era do Conde D. Pedro; e por aparelhar nella suas cousas melhor para aquelle negocio, que elle tinha por taõ pezado, e duvidozo como era, tardou tanto em vir ao Paço, que passava da hora, e o outro guarda se queria ir para sua pousada, e ficava el Rey sem guarda alguma. Vendo isto o Conde de Mayorga, disse a el Rey, que seria bom mandar vir sincoenta lanças das suas, pera àquellas horas naõ ficar o Paço sem guarda. Pareceo bem a el Rey, e foraõ logo prestes. Neste tempo hum escudeiro do Conde D. Pedro, com quem elle communicara seu segredo, e que andava pello Paço espiando o que faziaõ, quando vio aquella gente vir armada, sospeitou que o segredo do Conde era descuberto, e logo lhe foi dizer como estava gente do Conde no Paço. Quando o Conde D. Pedro ouvio isto, entendeo que era descuberto, e ficou taõ fóra de si, que naõ soube mais que fazer, que elle com seu irmaõ D. Affonso Henriques, tomando as melhores cousas, que tinhaõ, iremse pella ponte. E quando o Conde D. Gonçalo soube que hia daquella maneira, sem levar a Rainha, perguntoulhe como hia assi? Elle lhe disse como fora descuberto, e que hia fugindo com medo de el Rey o matar. O Conde sospeitou mal delle, cuidando que era engano

gano

gano fabricado para averem o caſtello, e naõ o recolheo na Cidade, e diſſe que pouzaſſe no arrabalde, e pouzou no Moſteiro de Santa Cruz.

Entre tanto el Rey naõ dormia, e eſtava armado em ſua camara, aguardando o ſinal, que ſe avia de fazer na Cidade: quando vio que tardava, e ſoube que o Conde era fogido, entendeo que ſoubera parte do que lhe fora deſcuberto. E logo neſſa noite mandou prender o D. Juda privado da Rainha, e Maria Perez ſua Camareira, que ſoſpeitou ſaberiaõ daquelle negocio. E como ſoube que o Conde D. Pedro eſtava no arrabalde, mandava paſſar mil lanças pollo vao do Mondego para o tomar; mas ſabendoo o Conde D. Gonçalo, mandoulhe dizer, que ſe puzeſſe em ſalvo, e a grande preſſa ſe foi para o Porto; e quando lá chegou, receberaõno no lugar, poſto que ſoſpeitavaõ que hia por engano, e com el Rey de Caſtella o ſaber, pera tomar algum lugar, porque naõ ſabiaõ o ſegredo do que paſſara. Outros diziaõ que o mataſſem, outros foraõ de parecer que o aviaõ de ter em guarda de viſta, ſem prizaõ, até o fazerem ſaber ao Meſtre.

Com aquelle acontecimento naõ cuidado eſtava el Rey inquieto, eſperando aquella manhã, para ſaber a verdade delle; e como o dia veio, ouvio Miſſa mui cedo, e mandou trazer á ſua camara D. Juda, e a Camareira Maria Perez, naõ eſtando com elle mais que a Rainha ſua molher, e o Infante Carlos de Navarra ſeu cunhado, e D. David, que deſcubrira o ſegredo, e hum eſcrivaõ para eſcrever o que paſſaſſe. E como D. Juda, e Maria Perez vieraõ, mandou el Rey que os deſpiſſem, e os meteſſem a tormento. D. Juda diſſe que naõ avia porque o deshonraſſem; que elle diria a verdade daquelle negocio: e começou a dizer como

a Rainha eſcrevera a todos os Alcaides dos caſtellos, por onde paſſaraõ, que os naõ deſſem a el Rey: e como tudo, o que tratára com o Conde D. Gonçalo, era para ſe lançar o Conde D. Pedro com ella dentro da Cidade: e como ſe avia de chamar Rey, matando a el Rey ſeu ſenhor primeiro: e tudo o mais, que acima eſtá dito. Da meſma maneira o confeſſou Maria Peres. E ſendo tudo eſcrito, e ratificado por elles, lhe preguntou el Rey ſe o diriaõ aſſi perante a Rainha? Elles reſponderaõ que ſi. Entaõ mandou el Rey por a Rainha, a qual trouxe pello braço aquelle cavaleiro, á que eſtava encomendada a guarda della. A Rainha, poſto que vieſſe preza, vinha ſem medo, e ſem mudança alguma de roſto, como molher varonil, e animoſa que era, e ella ſó entrou na camara. El Rey mandou entaõ ao eſcrivaõ, que leſſe á Rainha o que D. Juda diſſera contra ella. A qual virandoſe para o D. Juda, com palavras injurioſas diſſe que mentia no que diſſera: e que, ſe tal paſſou, elle lho enſinára; e começando de o arrezoar ſobre iſto, diſſe á Rainha Dona Briatís: Oᶠ ſenhora mãi, dentro de hum anno me querieis ver viuva, orfaã, e desherdada? El Rey diſſe á Rainha ſua ſogra, que alli naõ cumpriaõ muitas razoẽs; que elle a naõ queria matar por honra de ſua filha, poſto que lho mereceſſe, nem lhe cumpria trazella em ſua companhia: mas que a mandaria para hum Moſteiro de Caſtella, onde já eſtiveraõ Rainhas viuvas, e filhas de Reys, e alli lhe mandaria dar o neceſſario honradamente. Ella com a ſoltura, que lhe era natural, reſpondeo a el Rey, que iſſo fizeſſe elle a alguma ſua irmãa, ſe a tinha, e a meteſſe Freira neſſe Moſteiro; que a ella naõ na avia de fazer Freira, nem ſeus olhos tal veriaõ. El Rey naõ curando do que ella dizia, a entregou logo a

Diogo

Diogo Lopes de Eſtuniga, e foi levada a Caſtella ao Moſteiro de Tordezilhas. E indo ella pollo caminho, eſcreveo ſecretamente huma carta a Martin Añes de Barbuda, e a Gonçaleanes de Caſtel de Vide, rogandolhes, e repreſentandolhes muitas razoẽs, porque o deviaõ fazer, que a foſſem tomar ao caminho áquelles que a levavaõ preza. Mas as cartas ſe deraõ taõ tarde, que naõ puderaõ pôr por obra o que lhes pedia: e aſſi foi levada áquelle Moſteiro. A camareira mandou el Rey levar preza, e foi metida a tormento para confeſſar aonde a Rainha puzera ſeu Theſouro de ouro, e prata, e joias; que confeſſou eſtavaõ em Santarem em caſa de hum homem honrado da Villa: de que el Rey ouve grande parte. E a D. Juda perdoou el Rey a rogo de D. David, que deſcubrio a treiçaõ: e feito iſto, ſe partio el Rey de Coimbra para Santarem.

Quando em Alenquer ſe ſoube que a Rainha era preza, e o modo que el Rey com ella uſara, mandaraõ recado ao Meſtre por Vaſco Martins de Altero, e Alvaro Fernandez do Rego; que por elle defender eſte Reyno do jugo del Rey de Caſtella, queriaõ ſeguir ſeu bando, e entregarlhe a Villa, com condiçaõ que, ſendo a Rainha ſua ſenhora ſolta da prizaõ, em que el Rey de Caſtella ſeu genro a tinha injuſtamente, que elle lha entregaria da maneira, que el Rey D. Fernando lha dera, e lha entregaria com todas as rendas, que entretanto ouveſſe: e que aos moradores avia de confirmar ſeus fóros, e coſtumes. O Meſtre lhes aceitou a Villa com aquellas condiçoẽs, dizendo que elle teve á Rainha ſempre em lugar de mãi, e que aſſi o faria em quanto ella foſſe pola honra do Reyno; e que ao tempo, que elle lhe entregaſſe a Villa, o avia de jurar aſſi, ainda que foſſe contra

el Rey de Castella: e que lhe confirmava os fóros, prometendolhes outras graças, e mercês, de que logo lhes passou cartas.

CAPITULO XXII.

Chega el Rey de Castella a Alenquer, e a Arruda; toma conselho de cercar Lisboa: elege o Mestre por seu Capitaõ a Nunalvares contra os accometimentos dos Castelhanos.

JA' el Rey de Castella estava em Santarem: e vendo que, segundo os negocios passavaõ fóra do que elle esperava, lhe era necessaria mais gente, e mais poder, tinha mandado ao Marquez de Vilhena, e ao Arcebispo de Toledo, e a Pedro Gonçalvez de Mendoça, os quaes deixara em Torrijos junto de Toledo, que lhe mandassem até mil lanças; que logo vieraõ. El Rey partio de Santarem com suas gentes aos dez dias de Março, levando consigo a Rainha sua molher, e deixando no Castello Pedro Fernandez de Padilha; e na Alcaceva, Fernaõ Carrilho: e vindo a Alenquer, Vasco Pirez de Camoẽs o veio receber, e lhe deu a Villa, fazendolhe omenagem della, como fizeraõ Fernaõ Gonçalvez de Meira por Torres Vedras, Joaõ Gonçalvez Teixeira por Obidos, contra vontade dos moradores. E vindo el Rey pouzar a huma aldea, que chamaõ o Bombarral, onde esteve quatro dias, se passou á Arruda. Alguns do lugar com medo se meteraõ em huma grande lapa, cuidando de se defenderem alli, ou escaparem; e sabendoo os Castelhanos, lhes pozeraõ fogo, e queimaraõ quarenta pessoas. Quando el Rey vinha á Arruda, os Reposteiros, que vinhaõ diante para concertar a camara, em que el Rey avia de pouzar, acha-

acharaõ dentro nella eſcondidos dous homens Portuguezes, que tinhaõ ſuas eſpadas, e punhaes nas cintas: e ſegundo as circunſtancias de ſuas peſſoas, tempo, e lugar, em que foraõ achados, parece ſe determinaraõ, como outros Scevolas, a matarem el Rey, por livrar a patria da ſogeiçaõ, e dos trabalhos, com que a ameaçavaõ. Os Repoſteiros os prenderaõ, e tiveraõ até el Rey vir. E quando el Rey veio, e lhos aprezentaraõ, e ſouberaõ da maneira como foraõ achados, diſſe contra os ſeus: Por certo naõ podem eſtes dizer que ſe eſconderaõ aqui com medo, ſenaõ que vinhaõ pera me matar depois que eu jouveſſe dormindo. E ſem outra alguma diligencia os mandou enforcar. Alli pos el Rey em conſelho ſe hiria a Lisboa, ou andaria pollo Reyno fazendo guerra. Huns eraõ de parecer que a naõ cercaſſe, por quanto algumas de ſuas gentes começavaõ já a morrer de peſte, e que mais creceria o mal eſtando todos juntos em hum lugar, que eſpalhados pollo Reyno, e per outras razoens que davaõ; outros eraõ de parecer, que tanto que a frota vieſſe, logo cercaſſe a Cidade, por quanto era cabeça do Reyno; e que, ganhada ella, o Reyno todo ſe renderia: e que a gente, que eſtava dentro, era muita, e os mantimentos poucos, que ſe naõ poderiaõ defender muito tempo. Em fim como el Rey D. Joaõ, na eleiçaõ dos conſelhos, que lhe davaõ, foi infeliciſſimo, porque ſempre eſcolhia o peor, quis ſeguir eſte conſelho, e começou a apreſſar o cerco.

Entre tanto iſto paſſava em caſa del Rey de Caſtella, vinhaõ novas ao Meſtre como muitos homens de entre Téjo, e Guadiana ſe levantavaõ por elle, e tomavaõ por força os caſtellos aos que os tinhaõ por el Rey de Caſtella; com o que elle ſe alegrou muito. Mas logo lhe vieraõ outras novas

de

de desgosto, como el Rey de Castella mandara ao Almirante Fernaõ Sanches de Toar, que, despois que armasse a frota, que avia de vir sobre Lisboa, se viesse por terra de Alcantara, e se ajuntasse com o Mestre della, e com D. Joaõ Affonso de Gusmaõ Conde de Niebla, e com D. Pedralvarez Pereira Prior de S. Joaõ, e com outros senhores, e viessem combater os lugares, que estavaõ contra elle, e destruirem aquella terra; e como já tinhaõ estado sobre Portalegre sinco dias, e aviaõ tallado vinhas, e olivaes, e fizeraõ outro muito dano; e que assi faziaõ polos lugares por onde vinhaõ: que por tanto pediaõ ao Mestre lhes mandasse hum Capitaõ, a que todos se ajuntassem, para lançar os inimigos fóra da terra. E nomeandose alguns para isso, o Conde D. Alvaro Pires de Castro acharaõ que era parente da Rainha de Castella, e assi mesmo acharaõ duvidas em outros: pollo que ao Mestre pareceo que ninguem podia ser eleito por Capitaõ com mais razaõ, que Nunalvarez Pereira: mas o Doutor Joaõ das Regas contrariava isto muito, como homem que a Nunalvarez naõ era affeiçoado, pollo grande lugar que lhe via com o Mestre, dizendo que para aquelle cargo era necessario hum homem de mais idade, e authoridade, e saber; e que além disso tinha seus irmãos com os imigos. O Mestre naõ fazendo caso destas razoẽs, elegeo para isto Nunalvares, e lho encarregou, e elle aceitou por servir ao Mestre, e defender o Reyno: e logo o Mestre deu cartas a Nunalvarez para os lugares, que estavaõ por elle, em que lhe fazia saber como o mandava para os defender; e que tudo, o que lhes elle requeresse por seu serviço, fizessem como se elle fosse em pessoa. E para todos o servirem com mais fervor, impetrou Nunalvarez do Mestre, que lhe desse faculdade para

poder

poder dar os bens dos que fossem contra elle, e para poder fazer mercês de dinheiro, e de acrecentamentos aos que bem servissem. O Mestre lho concedeo, acrecentandolhe que pudesse dar castellos, e fazer justiça como elle mesmo. E entre a gente, que Nunalvarez levava, trabalhou que fossem ao menos quarenta homens Nobres azados para qualquer feito de honra, dos quaes foraõ Joaõ Vasques de Almada, que foi Pai de Alvaro Vasques de Almada Conde de Abranches; Mecer Manoel Pessano Almirante; Vasco Leitaõ, Neto de Estevaõ Gonçalves Mestre de Christo; Pedranes Lobato, que foi Governador da casa do Civel; Ruy Cravo, Affonso Pirez da Charneca, Alvaro do Rego, Antaõ Vasques de Almada, Joaõ Alvarez, Joaõ Lobato, Estevaõ Añes Barbudeta, Lopo Affonso da Agoa, Lourenço Affonso seu irmaõ, Lourenço Martins Pratas, Diogo Duraẽs, Diogo Dinis filho de Domingos de Santarem, e outros desta qualidade.

CAPITULO XXIII.

Partese Nunalvarez para Alentejo: busca o inimigo, ajunta soldados, aos quaes animou com huma fala, que lhes fez para o seguirem contra os Castelhanos.

SEndo já despedido Nunalvarez, por o grande amor que o Mestre lhe tinha, e estando já em Coina, o foi ver em huma Galé, e comeo com elle. E acabando de comer, sahio o Mestre com elle a hum grande rocio, que ahi ha, e lhe encomendou aquelles cavaleiros, que lhe dera por companheiros, que os tratasse bem, e agazalhasse, como elles mereciaõ, e como bons Portugue-

zes

zes que eraõ, e de ſua criaçaõ: e a elles encomendou ſerviſſem, e obedeceſſem a Nunalvarez, como a ſua meſma peſſoa: e beijando Nunalvarez as mãos ao Meſtre, ſe deſpediraõ. A gente toda, que Nunalvarez levava, eraõ duzentas lanças. Chegando aquelle dia a Setuval, com tençaõ de dormir na Villa, os moradores o naõ quiſeraõ recolher, por ainda naõ eſtarem determinados de que bando foſſem; e dormiraõ no arrabalde. E querendo Nunalvarez experimentar que gente levava, porque nella hiaõ alguns novéis, que ainda ſe naõ tinhaõ viſto em perigo, e de outros naõ ſabia as tençoẽs, e o que fariaõ quando ſe viſſem com os inimigos, diſſe a todos que, receava que alguns Caſtelhanos, dos que eſtavaõ em Santarem, vieſſem pollo Téjo abaixo; de que elle naõ ſabia parte: que queria pôr de noite ſuas guardas, e eſcuitas, huma legoa dali contra Palmela. Das quaes guardas, e eſcuitas deu cargo a hum eſcudeiro; e falou com elle á parte, que de noite tornaſſe muito á preſſa, dizendolhe que os Caſtelhanos vinhaõ a elles. Eſtando dormindo Nunalvares, chegou o eſcudeiro com grande preſſa, dizendolhe que ſe apercebeſſe, que Pedro Sarmento vinha a elle com trezentas lanças, affirmando que elle vira os fogos, onde eſtavaõ alojados. Nunalvarez moſtrou, que com as novas era mui alegre, e mandou tocar as trombetas; e logo todos foraõ juntos com elle, e armados. E começando já de amanhecer, Nunalvares ſahio com a ſua gente poſta em batalha, e aſſi foraõ em ordenança perto de huma legoa contra a parte donde o eſcudeiro diſſe, que vira os fogos. E ſendo alto dia diſſe, que aquelles fogos eraõ de almocreves, que jaziaõ em hum valle de amejoada: e começaraõ a fazer volta. Nunalvarez os olhou a todos, e os vio comſigo ſem faltar hum,

com

com grande vontade pera qualquer cousa, que succedera. Ao outro dia disse Nunalvarez áquella gente, que levava, que, para se governarem bem, era necessario aver alguns do Conselho; e que estes naõ queria elle eleger, por evitar odios, e escandalos, que se naõ podiaõ escusar, tomando huns, e deixando outros, pois todos o naõ podiaõ ser: e que os de Lisboa escolhessem certos de seus Cidadaõs, e os de Evora outros dos seus. Os que os de Lisboa escolheraõ, foraõ Joaõ Vasques Dalmada, Affonso Pirez da Charneca, Vasco Leitaõ, Pedreanes Lobato; os de Evora Diogo Lopes Lobo, Joaõ Fernandez da Arca, Lopo Rodriguez Façanha. E assi fez outros officiaes necessarios a hum justo exercito; e dahi em diante lhe chamaraõ Senhor, palavra que até áquelle tempo naõ se dizia senaõ aos Reys, e aos Condes, que era dignidade a par del Rey. O que agora está taõ corrupto, e mudado, como estaõ muitas outras cousas, que tocaõ aos bons costumes, e boa instituiçaõ.

Dalli partio Nunalvarez; e foi a Montemor o novo: cujos moradores ainda naõ eraõ bem confirmados no serviço do Mestre: e despois de falar com elles, e lhes dar muitas razoẽs, ficaraõ mui contentes de o seguirem. Ao outro dia foi á Cidade de Evora, que achou mui prompta pera servir ao Mestre. Dahi mandou chamar gente dos lugares da Comarca; donde lhe naõ vieraõ mais que trinta lanças: e assi a gente, com que se achava, naõ eraõ mais de duzentas e trinta lanças, e mil homens de pé. Com esta gente partio para Estremoz; onde achou mais novas, que aquelles senhores de Castella estavaõ no Crato, e vinhaõ cercar Fronteira; e que eraõ muitos, e mui bem concertados. Em Estremoz esperou Nunalvarez por gente de alguns lugares, a que escrevera, que era refer-

teira em vir. Em fim veiolhe alguma, de que fez alardo; e achouſe com trezentos de cavalo, e mil de pé, e cem beſteiros. A eſta gente falou Nunalvarez, declarandolhes para que eraõ juntos, e como com a confiança, que nelles tinha, eſperava de ir buſcar o Prior de S. Joaõ ſeu irmaõ, e ao Meſtre de Alcantara, e outros, que eraõ entrados no Reyno, e faziaõ muitos males; e pelejar com elles: dos quaes tinha a victoria por mui certa, ſe elles o quizeſſem ajudar com bom esforço. A iſto deraõ elles repoſta, que a cauſa era muito pezada, e requeria deliberaçaõ: no que Nunalvarez ficou pouco contente. Eſtes, que queriaõ deliberar, naõ eraõ alguns dos que com Nunalvarez vieraõ de Lisboa, ſenaõ os que vieraõ a ſeu chamamento de entre Téjo, e Guadiana; porque huns eraõ voluntarios, e outros quaſi forçados, ou ao menos importunados. Deſpois que conſigo conferiraõ, deraõ por repoſta, que elles achavaõ ſer couſa mui duvidoſa, e chea de certo perigo, ir pelejar com aquella gente, por os grandes ſenhores que traziaõ por Capitaens; porque alli vinhaõ Diogo Gomes Barroſo Meſtre de Alcantara, e D. Pedro Alvarez Pereira Prior de S. Joaõ, e D. Joaõ Affonſo de Guſmaõ Conde de Niebla, Fernaõ Sanches de Toar Almirante de Caſtella, Pedro Gonçalves de Sevilha Adiantado mór de Andaluzia, Pedro Ponçe ſenhor de Marchena, o Craveiro de Alcantara, Garcia Gonçalves de Grizalva, Garcia Fernandez de Villa Garcia, Martim Añes de Barbuda, Joaõ Rodrigues de Caſtanheda, Alvaro Peres de Guſmaõ, e outros grandes ſenhores, que traziaõ conſigo ſoma de gente de pé, e mil lanças, e muitos ginetes, e béſteiros; e que diziaõ, ſegundo Nunalvarez tinha pouca gente, que o partido era deſigual, e o perigo mui certo.

A ou-

A outra razaõ, que deraõ, foi que na gente contraria andavaõ dous irmãos de Nunalvarez: dando a entender que se refrearia elle de lhes fazer mal, e naõ pelejaria como devia. E que temiaõ que todos pereceriaõ, se a pelejar viessem com tal, e tanta gente: pello que sua tençaõ era naõ irem com elle.

Nunalvarez, que tal reposta naõ esperava de Portuguezes, que sempre pelejaraõ poucos contra muitos, ficou mui triste em seu peito. Mas fingindo rosto alegre, e gracioso, lhes disse: Que aos Capitaẽs serem muitos, e grandes senhores, tanto seria mór honra vencelos: e que o vencimento estava em Deos: e muitas vezes acontecera os poucos vencerem os muitos, mórmente na naçaõ Portugueza, como viraõ em todos os feitos passados contra Mouros, e Christãos, de que sempre ouveraõ victorias contra innumeraveis exercitos: e que alli era mais de esperar, onde os Portuguezes tratavaõ de sua honra, e liberdade: e el Rey de Castella sustentava causa injusta, querendoos sogeitar contra os contratos jurados, que fizera em desprezo da naçaõ Portugueza, fazendo da força justiça. E o que tocava a peleijar com seus irmãos, que elle os naõ tinha já nessa conta, pois vinhaõ destruir a terra, que os gerara, e criara. E que por mais irmãos tinha a elles seus companheiros, que pelejavaõ por a patria, e por a liberdade, e por a honra como bons, e leaes Portuguezes. E que em verdade lhes jurava que, se seu proprio Pai ali viera, da mesma maneira fora contra elle por serviço do Mestre seu senhor: e que se elles naquella obra quizessem ser companheiros seus, prometia ser dos primeiros, que, ferisse nos contrarios, e em seus irmãos. Mas porque a guerra naõ queria soldados senaõ voluntarios, e de animos alegres, se sua ten-

çaõ delles era a que lhe disseraõ, os que se quizessem ir para suas casas, se fossem logo com Deos: que elle com esses poucou bons Portuguezes, que consigo trazia, determinava dar batalha aos Castelhanos. Pollo que os que quizessem ir com elle, se passassem além de hum regato de agoa, que ahi estava; e os que naõ quizessem, ficassem da outra parte. Quando elles ouviraõ estas palavras, muitos dos que antes duvidavaõ, cobraraõ coraçaõ para o seguir, e acompanhar; e a outros lhe pareceo cousa vergonhoza iremse: pollo que nenhum ouve, que naõ passasse a agoa; e assi ficaraõ todos.

CAPITULO XXIV.

Como Nunalvarez veio com pouca gente buscar o inimigo, e o venceo a primeira vez; e o cometeo outras, senhoreandose de diversos lugares de Alentejo.

TAnto que foi manhaã, mandou Nunalvarez fazer sinal, e partio caminho de Fronteira, que era dali quatro legoas, aonde os Castelhanos aviaõ de vir. E indo pollo caminho, veio a elle hum escudeiro Castelhano, que já vivera com elle em casa de seu pai, e entam vivia com o Prior seu irmaõ; e vinha por mandado do Prior, e a instancia daquelles Capitaẽs amoestar a Nunalvarez que naõ se metesse em cousa de tanto perigo, como era ir acometer tanta gente, e taõ nobre, com taõ pouca, que lhe poderia ser imputado a temeridade, e pouca prudencia: e que como bom irmaõ lhe aconselhava que ou se passasse a el Rey de Castella, que lhe faria muitas mercês, e honras; ou se recolhesse em Estremoz, e os deixasse correr a terra como determinavaõ fazer: e

naõ

naõ ſe quizeſſe perder a ſi, e áquella gente. Nunalvarez reſpondeo a ſeu irmaõ que quanto naquelle negocio naõ queria ſeu conſelho: e que da tençaõ, que tinha tomada, ſe naõ avia de apartar: mas que elle, e eſſes ſenhores ſe aperçebeſſem para a batalha, que com aquelles poucos Portuguezes lhe avia de ir offerecer; e que nenhuma couſa deſejava mais, que verſe já nella, e que logo ſeria com elles. E ao eſcudeiro rogou que mui á preſſa foſſe com eſte recado a ſeu irmaõ. Quando o Prior, e os Capitaẽs ouviraõ a repoſta de Nunalvarez, ſe deraõ grande preſſa, e ſahiraõ do arraial caminho de Eſtremoz a tomarem Nunalvarez no caminho; o qual eſtava já em hum lugar mui acomodado para a batalha, onde chamaõ os Atoleiros, que he meia legoa além de Fronteira. E ſabendo que os Caſtelhanos vinhaõ perto, fez pôr a pé todos os homens de armas: e deſſa pouca gente, que tinha, fez as partes, e ordenança, que ſe fazem nos exercitos grandes, concertandoos em batalha, a vanguarda, e retaguarda, e duas alas: e poſto em cima de huma mula, andou pellas batalhas esforçando os ſeus com roſto alegre, e palavras de homem, que tinha a victoria por mui certa. E decendoſe da mula, ſe pôs na vanguarda com os primeiros diante da ſua bandeira, aſſi como o prometera, e ſe encomendou a Deos, proſtrandoſe por terra, e beijandoa. Os Caſtelhanos traziaõ vontade de peleijarem a pé: e quando viraõ os contrarios póſtos daquella maneira para morrer, ou vencer, mudaraõ o propoſito, e puzeraõſe a cavalo, e bradando huns *Caſtella*, *Santiago*, outros *Portugal*, *S. Jorge*, ſe encontraraõ; aonde dos Caſtelhanos muitos foraõ mortos: e de tal vontade pelejaraõ hum pequeno eſpaço, que os Caſtelhanos foraõ desbaratados. No primeiro aſſalto foraõ

raõ

raõ mortos 40 homens de armas de Caſtella, e deſpois ao ajuntar morreraõ até 70 ſem dano algum dos Portuguezes. Dos mortos foraõ o Meſtre de Alcantara, D. Martim Neto Craveiro da meſma ordem, Frei Gonçalo Deça Comendador de Ferreira, Frei Joaõ de Lerim Comendador de Belvis, e outros Freires; Pedro Gonçalves de Sevilha Adiantado de Andaluzia, e outros fidalgos; foraõ feridos o Almirante, o Prior de S. Joaõ, e Garcia Gonçalves de Grizalva, e outros muitos. E vendo Nunalvarez como os Caſtelhanos fugiaõ, os ſeguio huma grande legua, e mui tarde foi dormir a Fronteira. Com eſte bom ſuceſſo ſe vieraõ para Nunalvarez muitos a ſe lhe offerecer para o ſervir. No ſeguinte dia deſpois da batalha, ſem mais repouſar, ſe partio Nunalvarez para Monforte, aonde eſtava Martim Añes de Barbuda, que era hum cavaleiro Portuguez, e avido por grande homem de armas, com muita gente, com que fugira da batalha; mas, deſpois que elle foi dentro na Villa, naõ lhe quiz ſahir. E por Nunalvarez naõ levar artificios para combater o lugar, o naõ fez. Ao outro dia foi a Arronches, donde lhe mandaraõ recado, que lhe queriaõ entregar a Villa; e nella foi recebido: como foi dentro, mandou combater o caſtello; e as portas delle foraõ queimadas; e entrando por força, prendeo Gonçalo Sanches, e Affonſo Sanches, que Gil Fernandes ouve, e o meſmo fez á Villa de Alegrete; que, eſtando por Caſtella, mandou recado a Nunalvarez que foſſe lá, e ſe lhe dariaõ, como defeito deraõ.

CA-

CAPITULO XXVI.

De huma cavalgada, que fizeraõ os de Villa Viçosa, de que trouxeraõ muito gado: como foi prezo Vasco Porcalho.

NAquelle tempo estava em Villa Viçosa por Alcaide mór do castello Vasco Porcalho Comendador mór da Ordem de Aviz, que o Mestre lá mandara, privando do cargo Garcia Pirez Craveiro da mesma Ordem, por ser criado da Rainha, e lhe parecer sospeito: e mandou mais o Mestre, que Alvaro Gonçalves Coitado, natural da mesma Villa, estivesse ahi com trinta escudeiros, tambem naturaes. Este Alvaro Coitado era muito amigo de Pedro Rodriguez Alcaide mór do Landroal; e concertaraõ ambos de fazer huma entrada em Castella, que ninguem entaõ ousava fazer, por quanto Pedro Rodriguez da Fonseca estava em Olivença mui poderoso com quinhentos de cavalo, entre homens de armas, e ginetes, de maneira que toda a Comarca o temia. Tendo divizado o dia, Alvaro Coitado ajuntou os seus, trinta de cavalo, e cento e sincoenta homens de pé de Villa Viçosa; e Pedro Rodriguez quinze homens de cavalo, e sincoenta de pé do Landroal; e passaraõ de noite a ribeira do Guadiana, pelo porto que chamaõ de Cerva, e foraõ ao exido de Chelles sobre o quarto da Alva; fizeraõ preza em certos fatos de vaccas, e egoas de Garci Gonçalvez de Grizalva, e prenderaõ catorze vaqueiros, porque só escapou hum, que foi dar novas a VillaNova del Fresno, e Alconchel, lugares de Castella. Alvaro Coitado, e Pedro Rodrigues mandaraõ tanger a cavalgada aos homens de pé, e lhe deraõ

dez

dez de cavalo, que vieſſem com elles; e elles ficaraõ atraz em guarda, ſe alguma gente vieſſe para pelejarem com ella, e entraraõ no termo de Portugal com mil e quatrocentas vaccas, e ſeiſcentos novilhos, e vinte e ſeis egoas com ſeus poldros.

Feita eſta cavalgada, ſoube Pedro Rodriguez em certeza, que o Comendador mór Vaſco Porcalho ſe carteava com Pedro Rodriguez da Fonſeca, contra ſerviço do Meſtre; e o fez ſaber por hum ſeu eſcudeiro a Alvaro Coitado. Quando o eſcudeiro chegou com o recado, eſtava Vaſco Porcalho na praça; e Alvaro Coitado feſſe preſtes para o prender, fallando primeiro com os da Villa: e tomada a porta da treiçaõ com béſteiros, e homens de pé, que naõ deixaſſem entrar, nem ſair peſſoa alguma, mandou ás portas da Villa dez eſcudeiros, que as tiveſſem cerradas; e a grande preſſa mandou ao Landroal, que he dahi huma legoa, chamar Pedro Rodriguez: o qual como ouvio o ſeu recado, cavalgou com dez eſcudeiros, e ſeſſenta homens de pé, e á preſſa veio logo. Alvaro Coitado, que tinha já tomada huma torre grande, que eſtá ſobre huma das portas, lhe mandou abrir: e como ſe viraõ, fallaraõ ambos apartados; e logo com os ſeus, e com todos os da Villa chegaraõ aos Paços da Ordem, onde já o Comendador eſtava com quinze eſcudeiros, e trinta homens de pé, e dez béſteiros, e a rua dos Paços bem apalancada para ſe defender. Como a gente era muita, foi logo o palanque quebrado, e começaraõ todos a dizer em vozes altas: *Morra o tredor, morra o tredor, que nos tinha vendidos aos Caſtelhanos.* E quiſeraõlhe pôr fogo ás caſas. Mandados aquietar, fez Alvaro Coitado dizer a Vaſco Porcalho, que ou ſe ſahiſſe fóra a lhes falar, ou iriaõ elles dentro. Vaſco Porcalho deſpois que o ſegu-

ſeguraraõ a elle, e aos ſeus, ſahio, e ſe queixou da injuria, e deshonra, que lhe fizeraõ, tirandoo do cargo, que ſeu ſenhor o Meſtre lhe dera, e com taõ máo nome, como lhe punhaõ; do que o Meſtre naõ avia de folgar. Finalmente elle foi tirado do Caſtello; e mui queixoſo ſe foi ao Meſtre, e delle foi bem recebido, ſem embargo do que Alvaro Coitado, e Pedro Rodriguez lhe eſcreveraõ: e aos queixumes reſpondeo relevando tudo. E por o Meſtre lhe recompenſar aquella injuria, e afronta, como elle era confiado, e magnanimo para com homens, lhe fez algumas moſtras de favor, e benevolencia: porque comendo hum dia, lhe mandou que o ſerviſſe de copa o meſmo Comendador mór, e lhe deu agoa ás mãos; e, levantada a meza, lhe diſſe que ſe naõ agaſtaſſe, que elle o tinha por bom, e leal: e que como a tal lhe tornava a dar o Caſtello de Villa Viçoſa, para que em tudo foſſe reſtituido: e dali avante confiaria delle muito mais, que de antes: e que, ſe lhe elle naõ foſſe leal, ſeria o mais ingrato homem do mundo, e trédor, naõ ſómente por ſer Portuguez, e criado ſeu, mas por ſer cavaleiro da ſua Ordem; encommendandolhe que foſſe amigo de Alvaro Coitado, e Pedro Rodriguez, deſculpandoos com as alteraçoẽs do tempo; e lhe deu carta para elles lhe reſtituirem o caſtello. Vaſco Porcalho lhe beijou a maõ dizendo, que até li ſe contava entre os mortos; e que nunqua Deos quizeſſe que contra ſenhor, de que tantas mercês recebera, e a que taõ obrigado era, erraſſe nem de penſamento. O que elle deſpois mal cumprio. A Pedro Rodriguez pezou muito quando vio a carta do Meſtre: e, moſtrandoa a Alvaro Coitado, naõ puderaõ fazer ſenaõ o que lhe mandavaõ.

CAPITULO XXVII.

Como os Castelhanos entraraõ em Villa Viçosa: e os Portuguezes lhe tomaraõ a Alvaro Coitado, que levavaõ prezo. Contase a geraçaõ de Pedro Rodriguez.

DEpois que Vasco Porcalho foi restituido ao castello, e entrou nelle, mostravase muito amigo de Alvaro Coitado, e Pedro Rodriguez; e fez muitas bemfeitorias no castello, como que eraõ para o defender, dizendo que assi lho mandava o Mestre: e fingio tanta amizade com Alvaro Coitado, que, nacendolhe hum filho, tomou por compadre a Vasco Porcalho; ao qual baptismo veio tambem Pedro Rodriguez convidado; e despois de comerem, se foi Pedro Rodriguez pera o Landroal, e Alvaro Coitado foi dormir áquella grande torre, de que ainda estava de posse: mas como foi noite, foise para elle Vasco Porcalho, mostrando que vinha comer, e folgar com seu compadre; e detevese com elle taõ alta noite, que entraraõ sincoenta escudeiros, e duzentos homens de pé (que tinha escondidos dentro do castello) e prendeo a Alvaro Coitado, e a sua molher, e filhos, e quantos com elle estavaõ, e os fez levar subitamente á torre da Omenagem, e lhe roubou quanto lhe achou na casa: e na mesma noite entraraõ duzentas lanças dos Castelhanos, e muito de madrugada tocaraõ as trombetas, e levantaraõ bandeira na torre da Omenagem, bradando a altas vozes *Castilha*, *Castilha*. Os moradores da Villa de toda a sorte postos em grande turbaçaõ, assi polla prizaõ de Alvaro Coitado, como polla tomada da Villa, se acolheraõ, e fugiraõ por hum pos-

tigo para Borba. O Commendador, a que naõ pezava de ſe ver livre delles, os deixou ir, e a ſeus criados lhes deu os bens dos que ſe foraõ. E como Vaſco Porcalho ſe vio favorecido da gente, começou a fazer má vizinhança a Pedro Rodriguez, de maneira que os do Landroal paſſavaõ mal, por naõ terem mantimentos, e comiaõ paõ de bolotas. O Commendador fez ſaber a el Rey de Caſtella da prizaõ de Alvaro Coitado, o qual lhe mandou que foſſe levado á Torre de Olivença, onde foſſe bem guardado de Pedro Rodriguez da Fonſeca. Nunalvarez, a quem pezou muito da prizaõ de Alvaro Coitado, mandou a Pedro Rodriguez dezaſeis eſcudeiros homens esforçados para qualquer feito, dizendolhe que os tiveſſe conſigo, e ordenaſſe com elles, como Alvaro Coitado foſſe tomado, quando o levaſſem a Olivença.

Naõ tardou muito que naõ chegaſſe hum dia pola manhãa huma eſpia, que Pedro Rodriguez tinha em Villa Viçoſa; o qual diſſe que aquelle dia ſeguinte aviaõ de levar a Alvaro Coitado para Olivença. Pedro Rodriguez chamou logo os eſcudeiros perante aquelle homem, e communicaraõ todos que maneira teriaõ pera o tomar; e acordaraõ que aquella noite ſe lançaſſem em ſilada em Villa Viçoſa, junto de hum pinhal acommodado para iſſo: e que aquelle meſmo homem, que lhe trouxera a nova, o fizeſſe de maneira, que ſoubeſſe as horas, em que avia de ſer levado o prezo, e porque maneira; e mandaraõlhe que ſe foſſe, e lhes levaſſe novas áquelle pinhal. Pedro Rodriguez deſpois do ſol poſto com aquelles dezaſeis eſcudeiros de Nunalvarez, e com ſincoenta homens de pé partio do Landroal, e fingio que hia caminho de Eſtremoz. Deſpois que foi noite, deraõ volta pelo caminho mais encuberto, que puderaõ, e foraõſe

ao pinhal, e alli eſperaraõ a repoſta do homem, que mandaraõ. Era já alta noite, e naõ ſabiaõ certeza do lugar, ſenaõ quanto lhe diſſera aquelle homem, que eſperavaõ; vendo que tardava tanto, começaraõ a duvidar ſe ſeria verdade o que lhes diſſera. Alguns diziaõ que iſto podia ſer treiçaõ daquelle homem, de que Pedro Rodriguez ſe fiara, e que os teria vendidos. O que mais ſe receava diſto era o meſmo Pedro Rodriguez; e, ſe pudera, bem quizera verſe fóra daquella empreza. Niſto dous eſcudeiros hum por nome Lourenço Martinz, outro Gomez Lourenço, diſſeraõ a Pedro Rodriguez que elle viera alli por ſervir a Deos, e ao Meſtre; que Nunalvarez Pereira, quando os mandara, fora com tençaõ que foſſe livre Alvaro Coitado da prizaõ, quando o quizeſſem levar. E que, ſe aquillo era treiçaõ, já lhe naõ podïaõ fugir por nenhuma maneira, que o livraſſem pollas mãos, aguardando qualquer ventura que lhes aconteceſſe: E que por tanto elles ambos queriaõ ir com dous homens de pé tomar lingua, ſe podeſſem. E que aguardaſſem elles; que mui cedo tornariaõ. A Pedro Rodriguez pareceo bem; e lhe diſſe, que ſe naõ partiria dalli até que elles vieſſem. Os eſcudeiros ſe foraõ com dous homens de pé; e como foraõ perto da Villa, mandaraõ os de pè ao arrabalde, e elles ficaraõ quaſi em direito da porta da treiçaõ: eſtando alli, viraõ muita gente de pé, e de cavallo, e vieraõ dous homens de pé Caſtelhanos, que ſe queriaõ ir com aquelles que eſtavaõ á porta da treiçaõ, naõ por mandado do Commendador. E os eſcudeiros os prenderaõ logo, e os fizeraõ calar. Niſto vieraõ os dous homens, que foraõ com os eſcudeiros, e diſſeraõ como Alvaro Coitado era tirado do caſtello, e lhe tinhaõ huma mula preſtes, em que foſſe; e que o

nu-

numero da gente lhes parecia que seriaõ duzentos de cavalo, e muita gente de pé. Disseraõ entaõ os escudeiros aos de pé, que trouxeraõ a nova, que fossem elles alli; e como os Castelhanos começassem de cavalgar, fosse hum delles dar novas, e o outro fosse á serca, e visse em certo quanta gente seria, e por qual caminho hiaõ. Entaõ se partiraõ aquelles escudeiros com os dous Castelhanos, que prenderaõ, e se foraõ ao pinhal; e como chegaraõ, contaraõ a Pedro Rodriguez, e aos outros o que lhe acontecera: estando preguntando áquelles prisioneiros que gente estava em Villa Viçosa, chegou o homem, por quem Pedro Rodriguez esperava, e outros dos que ficaraõ no lugar, por saber o caminho, e ambos deraõ novas, como dous Commendadores, hum o de Calamea, e outro, vinhaõ com Alvaro Coitado, e traziaõ comsigo quarenta de cavalo, e sessenta homens de pé, todos escolhidos, e vinte e quatro bésteiros; e que logo os viraõ passar. Entaõ começaraõ Pedro Rodriguez, e os mais da companhia a se porem a cavalo, e ouviraõ o tom dos cavalos dos Castelhanos, e se foraõ á estrada, por onde hiaõ os Commendadores; e começando de entrar em hum campo, enrestaraõ as lanças, e ao mór correr, que puderaõ, encontraraõ os Castelhanos. Dos quaes deu hum a Alvaro Coitado huma lançada sobre huma jaqueta que levava vestida, dizendo: O' tredor vendido nos has. Alvaro Coitado se lançou da mula em terra, com huma grande adoba de ferro, que levava nas pernas, e se escudou com a mula. Pedro Rodriguez, e os outros foraõ dar nos Castelhanos, dos quaes cairaõ vinte escudeiros dos cavalos, e os de pé se acolheraõ ao monte, sem fazer cousa alguma. O trabalho, que os piaẽs Portuguezes tinhaõ, era prender aquelles escudeiros, que cahiraõ, e

apa-

apanhar lanças, e adargas, que jaziaõ polo campo; e tomar os cavalos, e fardagem dos Cõmendadores, que naõ avia quem lho tolheſſe; porque logo foraõ vencidos, e eſpalhados pelos eſtevaes. E porque era de noite, e hiaõ ſem guia, deciaõſe dos cavalos, e embrenhavaõſe, e foraõ dar comſigo em huma fraga mui pedregoſa. Os Portuguezes naõ ſabiaõ parte de Alvaro Coitado, e bradavaõ por elle. Elle jazia em hum grande juncal, ſem ouzar de reſponder, crendo que aquelle era Matim Añes de Barbuda, que o vinha tomar aos Caſtelhanos pera o levar cativo, por o mal, que lhe queria. E acertando de ir por aquelle juncal Gomez Lourenço de Sampayo, hum dos eſcudeiros, que Nunalvarez mandou a Pedro Rodriguez, e hia bradando por Alvaro Coitado, elle o conheceo na falla, e entaõ lhe reſpondeo. E alegrandoſe muito com elle, ſe deceo do cavalo, e o ajudou a ſobir; e pondolhe as eſporas, lhe deu huma lança; e Gomez Lourenço cavalgou no cavalo de hum dos Cõmendadores, que andava ſolto; e aſſi ſe foraõ para onde os outros eſtavaõ: a que Alvaro Coitado deu os agradecimentos, por virem alli por ſua cauſa, e o livrarem. Dos Caſtelhanos de cavalo foraõ prezos 9, e tomados muitos cavalos, e mulas, e azemolas com o fato, que levavaõ.

Outras muitas eſcaramuças, e cavalgadas ouve, em que Pedro Rodriguez Alcaide mór do Landroal, e Gil Fernandez de Elvas ſe ouveraõ valeroſamente, aſſi contra Payo Rodriguez Marinho Alcaide mór de Campo Maior, o qual prendendo a Gil Fernandez mal, e á treiçaõ, indolhe falar ſobre ſeguro, e reſgatandoo por mil dobras, e foi deſpois desbaratado, e morto por elle; como tambem ſe ouve contra Pedro Rodriguez da Fonſeca Alcaide de Olivença, que era hum cavaleiro mui esfor-

esforçado, e que tinha muita gente; onde ouve muitos feitos honrosos de Portuguezes, e mortes de muitos Castelhanos, homens de nome, e mui esforçados. E porque o que Pedro Rodriguez fazia contra Portuguezes, naõ era por elle naõ ser leal Portuguez, e ser hum homem virtuoso, e de que descenderaõ homens mui illustres, naõ parecerá impertinente dizer quem foi, e a causa de se passar a Castella; e quem saõ os que delle tem origem. Era Pedro Rodriguez homem fidalgo principal; e de mui antiga linhagem, por os Fonsecuas serem os mesmos, que Coutinhos, cuja nobreza já era no tempo del Rey D. Henrique I. Rey de Portugal; e por elle ser assi honrado, e de muita authoridade, e já ter ido por Embaxador del Rey D. Pedro, e del Rey D. Fernando ás Cortes de outros Reys: e porque a Rainha Dona Leanor pretendia ter por si os principaes do Reyno, para o que a huns obrigava com lianças, ou parentescos, outros com beneficios, casou com elle a Inez Dias Botelha sua donzella, e parenta, que no Paço trazia; e com ella lhe deu em dote a fortaleza de Olivença, que naquelles tempos de guerra, e por ser na raya do Reyno, era cousa de muita importancia, e confiança. E quanto parece tambem averia as terras, que tinha, ou parte dellas; porque seguindo Hieronymo de Ponte, que escreveo das linhagens de Castella, era senhor das Villas de Castello Rodrigo, de Odemira, e de outras.

Sendo pois este cavaleiro muito pontual em cousas de sua verdade, e honra; e tendo jurado por sua futura Rainha, e senhora a Rainha Dona Briatís, e a ella feita omenagem, pareceolhe que cahiria em mao caso de desleal, naõ na reconhecendo por senhora; por isso se passou a el Rey de Castella, e foi seu Guarda mór: e assi em hum testamen-

tamento, que fez mui avisado, e de homem pio, encomendou muito a seu filho fizesse muito pola honra, e lealdade; dizendo que lhe naõ deixava outra herança, porque, por ser leal, deixára em Portugal terras, de que pudera fazer tres condados, que em Castella lhe naõ recompensaraõ: e que lhe encomendava que servisse a seu Rey leal, e limpamente, sem respeito de interesse mais, que o da honra; porque os que serviaõ de cobiça, e interesse, depressa mudavaõ o serviço, e se lhes mudava a fortuna, &c. Teve pois Pedro Rodriguez mui honrada geraçaõ, porque seu filho Joaõ Rodriguez da Fonseca foi Guarda mór del Rey D. Henrique o III, e residio em Badajós, onde tinha seu morgado, e que hoje possuem seus herdeiros: teve mais D. Pedro da Fonseca Cardeal do titulo de Sancto Angelo, homem de muitas letras, e valia na Corte de Roma; deixou huma filha por nome Dona Briatís, que casou com o Doutor Joaõ Affonso de Ulhoa do Conselho del Rey D. Joaõ o II., e muito seu privado, de que nasceo o herdeiro das Villas de Coca, e Halvejos; e D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Sevilha; e de Dona Catherina filha do mesmo Doutor Joaõ Affonso de Ulhoa, e neta de Pedro Rodriguez da Fonseca, que casou com Diogo de Azevedo, filho do Doutor Azevedo, nasceo o Patriarcha de Alexandria, Arcebispo de Sanctiago, que foi pai de D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Toledo Varaõ mui illustre, que comprou ao Emperador Carlos V. a liberdade da Cidade de Salamanca, de naõ pagar peita; e fundou o grande Collegio de seu nome, em que jaz enterrado, cujo filho foi D. Diogo de Azevedo Mordomo del Rey D. Philippe II., neto do dito Pedro Rodriguez da Fonseca, cuja filha hoje he a Condessa de Fuentes.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Socorre o Meſtre os de Alenquer ſem effeito: prepara a ſua armada; chega parte da de Caſtella: acomete el Rey a Cidade de Lisboa por mar, e por terra.

ENtre tanto que eſtas couſas paſſavaõ além do Tejo, o Meſtre em Lisboa provia as couſas neceſſarias, e aparelhava ſua armada, eſperando pola de Caſtella. E aconteceo que tres Galés ſuas, e tres barcas, naõ longe do porto de Lisboa, tomaraõ duas naos carregadas de mercadorias, e hum navio de Galiza com madeira. As naos vinhaõ mui ricas de panos de eſcarlata, e ſedas, prata, e ouro; e poſto que os Patroẽs das naos bradavaõ, que eraõ de Genova, e naõ do ſenhorio de Caſtella, como entre o eſtrepito das armas tem ſilencio as leys, o Meſtre todavia as mandou deſcarregar, até ſe ſaber a verdade; e entretanto folgou com aquella ajuda, por o tempo em que eſtava; que deſpois mandou reſtituir inteiramente.

Naquelle meſmo tempo fizeraõ os de Alenquer ſaber ao Meſtre, que ſe mandaſſe lá ſincoenta homens de armas, que trabalhariaõ por tomar com elles o caſtello. O Meſtre os mandou em duas Galés, que aportaraõ huma legoa da Villa, mas o trabalho foi em vaõ; porque, perſeverando o combate deſda hora de Prima até a Veſpora, veio nova como el Rey de Caſtella, que entaõ eſtava no Bombarral, mandou gente á preſſa em ſocorro do caſtello: polo que os da Villa começaraõ a deſacorçoar, temendo o mao trato, que el Rey lhes faria; e com ſuas molheres, e filhos ſe foraõ

meter nas Galés com a pouquidade, que podiaõ levar, deixando ſuas caſas cheas. E poſto que Vaſco Pirez de Camoẽs lhes bradava, que ſe naõ foſſem, nem ouveſſem medo del Rey de Caſtella, nem dos ſeus, naõ ſe deraõ por ſeguros, viſto quam deshumanamente el Rey ſe avia com os homens, que lhe cahiaõ nas mãos, contra a regra dos bons Capitaẽs. Polo que ſuas caſas foraõ roubadas dos do caſtello; e os pobres, que naõ fugiraõ, livraraõ melhor. Ao outro dia chegou Garci Fernandez de Vilhodre com muita gente de ſocorro, cuidando que ainda os de Lisboa eſtavaõ ahi combatendo o caſtello.

E porque el Rey de Caſtella mandava armar grande armada de naos, e galés, para vir ſobre Lisboa, e lhe tapar todo o porto, que naõ podeſſe ſer ſocorrida de mantimentos de parte alguma, ouve o Meſtre de armar as Naos, e Galés, que avia no porto, para eſtarem preſtes para embargar a entrada de alguns navios, ſe entretanto vieſſem; e pera ſegurança dos que para a Cidade ſe vinhaõ, e defenſaõ do porto, com as mais, que da Cidade do Porto eſperava; e deu o cargo diſto a D. Lourenço Arçebiſpo de Braga, o qual com muita diligencia andava encima de hum cavalo, armado com ſeu roxete ſobre as armas, com huma lança nas mãos, mandando a todos trabalhar. E ſe algum eſcuſandoſe dizia que era Clerigo, dizialhe que tambem elle o era: e ſe lhe dizia que era Frade, reſpondia, e eu Arcebiſpo, que he mais. E em breve tempo foraõ armadas doze Galés, a fóra certas Galeotas, que vieraõ do Algarve. Sendo armadas ſete naos, e as Galés, fez Capitaõ dellas a Gonçalo Rodriguez de Souſa Alcaide mór de Monçaraz, e ſahio da Sé em prociſſaõ com o Eſtendarte das Armas Reaes de Portugal até á

porta do ouro, e alli foi entregue a Gonçalo Rodriguez, e posto na Gale Real; e aos quatorze dias de Maio partio para a Cidade do Porto.

El Rey de Castella, sendo aconselhado que naõ viesse cercar Lisboa até sua armada chegar, para lhe tomar de todo a ribeira, e naõ poder aver socorro de gente, nem mantimentos, detinhase na Aldea, que chamaõ o Bombarral, junto de Obidos; despois se veio chegando a Lisboa até o Lumiar, onde esteve alguns dias, e os seus polas aldeas vizinhas. Em hum dia certos Capitaés Castelhanos com gente de armas, piaés, e bésteiros sobiraõ polo vale de Sancta Barbora ao monte de S. Giaés, onde agora está a Ermida de N. Senhora do Monte, e alli se puzeraõ juntos com suas Bandeiras, apupando contra os da Cidade, todos empavezados. Dali a pouco abalaraõ contra a porta de Santo Agostinho, onde estavaõ por guardas o Conde D. Alvaro Pirez de Castro, e D. Pedro de Castro seu filho, e Mem Rodriguez, e Ruy Mendez de Vasconcellos filhos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que tinhaõ duzentas lanças, afóra outros, que com elles estavaõ em companhia. E quando viraõ estar os Castelhanos daquella maneira, sahiraõ alguns fóra a escaramuçar; e andando metidos na briga, foi prezo da parte dos inimigos hum daquelles Capitaés fidalgo principal, que chamavaõ Joaõ Ramirez de Arelhano. E cobrando os Portuguezes animo com a prizaõ daquelle Capitaõ, e perdendoo os Castelhanos, foraõ levados pelos Portuguezes por aquella ladeira abaixo; indo os Castelhanos arrastrando as Bandeiras pelos paés semeados nas costas daquelle monte, onde foraõ alguns delles mortos, e feridos. O Mestre, como soube que os seus escaramuçavaõ, sahio fóra a pé com gente de armas, e bésteiros pela porta de S. Vi-

cente naquelle chaõ, que alli faz; e como vio a eſcaramuça desfeita, ſe tornou. E a Joaõ Ramirez de Arelhano mandou prender no Caſtello honradamente, e lhe mandou veſtidos de ſeu corpo. E naquelle dia, que eraõ vinte e ſeis dias de Maio, começou a vir a armada de Caſtella, e chegaraõ á Cidade treze Galés, com que el Rey folgou muito, por ter occaſiaõ de ſe vir lançar ao redor della.

Paſſado deſpois diſto hum dia, chegaraõ alguns fidalgos Caſtelhanos ás torres, que eſtaõ em hum monte alto, defronte do Moſteiro de S. Domingos, acima da Porta de Sancto Antaõ; e diſſeraõ aos das torres, que foſſem dizer ao Meſtre, que el Rey ſeu Senhor vinha já por caminho, e queria fazer alli certas proteſtaçoẽs, e requerimentos; que mandaſſe vir alli alguns cavaleiros, e Cidadaõs. O Meſtre lhes mandou dizer, que ſe foſſem; e ſe o naõ fizeſſem, que lhes atiraſſem á béſta. Ouvindo iſto os Caſtelhanos, deixaraõſe eſtar eſperando por el Rey, afaſtados do muro. Niſto chegou el Rey com ſeu exercito á Cidade, e junto a hum monte, que chamaõ Olivéte, eſteve graõ parte do dia; e muitos dos ſeus começaraõ a cortar arvores, e deſtruir as vinhas. Naquelle dia pela manhãa antes que el Rey vieſſe, ſahiraõ alguns homens de armas, béſteiros, e alguns piaẽs pela Porta de Sancta Catherina, e ordenaraõ huma pavezada para eſcaramuçar com os Caſtelhanos, que já eraõ certos, que aviaõ de vir; entre os quaes vinha Fernaõ Pereira, irmaõ de Nunalvarez, e o Doutor Martim Affonſo da Charneca, que deſpois foi Arcebiſpo de Braga; e Joaõ Lourenço da Cunha, o que fora marido da Rainha Dona Leanor, Joaõ Affonſo de Baeça, Martim Paulo Gaſcaõ, Vaſco Martinz da Agoa, e Fernaõ Alvarez Dalmeida Vee-

dor

dor do Meſtre, e outros bons homens de armas. O Meſtre eſtava na torre, que chamavaõ de Alvaro Paes, para ver o que el Rey de Caſtella fazia com aquella gente, que conſigo tinha. El Rey eſteve quedo naquelle lugar, ſem fazer couſa alguma, paſſante de horas de Terça: e vendo como aquelles, que ſahiraõ da Cidade, eſtavaõ á viſta delle, ſem moſtrar que lhe aviaõ medo, diſſe para os ſeus: Vós outros naõ vedes como aquelles villaõs andaõ fóra da Cidade ſem ſe temerem de nós? a elles, a elles, fazellos entrar dentro; que villaõs ſaõ todos. Os que iſto ouviraõ, diſſeraõ que aquillo naõ era pera fazer; que, ainda que os levaſſem até ás portas, naõ podiaõ fazer dano a Cidade. Ouvindo iſto el Rey, ſe indignou muito; e ſem mais replicar, pedio o bacinete, e diſſe ao Meſtre de Sanctiago que foſſe diante com ſua bandeira: e fazendo elle o que lhe el Rey mandou, muitos ſe deceraõ dos cavalos, e com as lanças nas mãos ſe foraõ aos Portuguezes até chegarem huns aos outros. Os Caſtelhanos eraõ muitos, e os Portuguezes poucos: e naõ os podendo ſoffrer, foraõ forçados a tornar com preſſa para a Cidade, e outros cahiraõ na cava, onde os puderaõ matar, ou prender, ſe naõ foraõ os das torres, que os defendiaõ ás pedradas, e com os virotes. Niſto vinha el Rey de trás com muitos dos ſeus. E Pedro Fernandez de Vellaſco começou a dizer a altas vozes: A'vante, ſenhores, ávante, que noſſa he a Cidade. E o Conde D. João Affonſo Tello, irmaõ da Rainha Dona Leanor, vinha bradando: A'vante, ávante, ſenhores, que por aqui vai o caminho pera minha caſa. O Meſtre, que tudo iſto olhava, quando vio que os ſeus ſe acolhiaõ, aſſi, ſem regimento, e os Caſtelhanos endereitavaõ para a porta da Cidade, deceo á preſſa da torre, e cerrou por ſua maõ huma

ma porta, e mandou a outro que cerrasse a outra; e disse contra os seus: Volta, volta; eu vos farei que sejais bons, ainda que naõ queirais. Entaõ ficaraõ os Portuguezes todos, que estavaõ fóra, entre o muro, e a barbacam; e alli começaraõ Portuguezes, e Castelhanos a darse de lançadas. E posto que o combate durasse por grande espaço, nunca os Castelhanos os puderaõ arrancar daquelle portal da Barbacam, que era sem portas. Os muitos bésteiros, que el Rey trazia, e assi os das Galés tiravaõ aos do muro. Os de dentro tiravaõ por entre as ameas aos de fóra, e de cima das torres deitavaõ muitas pedras. O arroido da Cidade era grande, e a mais da gente acudia alli. Em quanto isto passava na Cidade, andavaõ alguns homens de pé, e bésteiros fóra da Cidade, além das Torres de S. Domingos; e veio a elles D. Alvaro Peres de Gusmaõ com muitos ginetes, e fez huma entrada contra elles, em que foraõ alguns feridos, e perderaõ dois cavalos, mas nenhum morreo alli, nem de huma parte, nem da outra. Vendo os Castelhanos que naõ aproveitavaõ, durando o combate grande espaço, deixando de combater, tendo já dos seus alguns mortos, e feridos, entre os quaes acabou a vida o Alcaide dos Donzeis, e outro, que chamavaõ Ruy Duque, e outros; dos Portuquezes foraõ mortos quatro, e feridos muitos, dos quaes foi hum Fernaõ Pereira, e Martim Paulo. E isto assi feito, tornou el Rey com os seus para donde vieraõ.

CA-

CAPITULO XXIX.

Disposiçaõ do cerco, que el Rey poz a Lisboa: como o Mestre dispoz a sua gente para a defender: e como os de Almada ficaraõ cercados, e se defenderaõ dos Castelhanos.

AO dia seguinte, que foraõ vinte nove dias do mez de Maio, chegaraõ ao porto de Lisboa quarenta naos: polo que logo ao outro dia el Rey partio com seu campo, para assentar o arraial sobre a Cidade; e chegou a horas de Terça. A somma da gente, que el Rey alli tinha, seria de sinco mil lanças, a fóra as que ficaraõ em Santarem, e em outros presidios. Além destas lanças, tinha mil de cavalos ginetes, de que era Capitaõ D. Alvaro Peres de Gusmaõ, e seis mil bésteiros. A gente de pé era muita, a fóra a que veio na armada, e outra que vinha cada dia por terra. Ao arraial mandou el Rey assentar junto com hum Mosteiro de Freiras da Ordem de Sanctiago da espada, que alli sohia estar na Igreja, onde agora chamaõ Sanctos o Velho, que despois se mudou para junto a Enxobregas. Alli fizeraõ huma casa sobradada para el Rey; e junto della assentaraõ muitas tendas, assi del Rey, como de Senhores; as outras se assentaraõ em Alcantara, e Campolide; que por essa razaõ se chama assi, por ser campo, em que os da lide estavaõ alojados; e outras se assentaraõ pola Comarca ao redor em grandes, e bem ordenadas ruas, que pela multidaõ das tendas, e bandeiras de diversas insignias, que sobre ellas estavaõ, faziaõ huma fermosa vista. E como os lugares ao redor estavaõ por el Rey de Castella, era abastado o arraial de muitos mantimentos, que lhe vinhaõ da Comarca da Cidade,

dade, e de Santarem, por mar, e por terra, e o mesmo de Sevilha. E naõ sómente era abastado de cousas de comer, mas de todas as mercadorias, e especiarias, panos, e sedas, de que avia tendas, e ruas de officiaes, como em huma grande, e bem ordenada Cidade. Guardavase o arraial de dia com muita gente de cavalo, para que da Cidade naõ podessem sair, que naõ fossem vistos: da banda do mar junto com Almada estavaõ duas Galés para naõ poderem vir á Cidade mantimentos, nem gente. A fróta das naos jazia ao longo da Cidade, desde Cataquefarás até á Porta da Cruz em boa ordenança, huma diante da outra; e de huma a outra estava deitado hum grosso calabre, para que, ainda que alguma barca quizesse passar dálem, naõ pudesse.

Os da Cidade tinhaõ recolhidos os mais mantimentos, que puderaõ ajuntar, e tinhaõ dentro muita gente do termo, e da Comarca ao redor, que á Cidade se acolheraõ, com o que puderaõ levar; e estavaõ com seus muros bem repairados, e setenta e tres torres, que ao redor tinhaõ cheas de muitas armas, e tiros, e grande quantidade de pedras; muita gente armada, que por ellas com seus Capitaẽs estava repartida com muitas bandeiras das armas, dos que as guardavaõ; e faziaõ huma fermosa apparencia. A guarda da Cidade estava repartida por quadrilhas de homens de armas, e bésteiros; e em cada quadrilha hum sino para dar sinal, quando cumprisse, e acudir cada hum a seu Capitaõ.

A gente da Cidade, com ter por seu defensor o Mestre, estava taõ animada, e confiada, que, pondose muitos nos muros com apupos, e som de trombetas, parece que provocavaõ aos Castelhanos, como desejosos de vir ás mãos com elles. O mesmo officio faziaõ os Clerigos, e Frades, que a

qual-

qualquer rebate acudiaõ armados ; e de noite velavaõ nas torres, e outros roldavaõ os muros. As portas da Cidade se abriaõ, e fechavaõ quando era necessario recolher alguns mantimentos. E na Ribeira estavaõ feitas duas grandes, e fortes estacadas, huma para a parte onde el Rey tinha o arraial, e outra junto aos fornos da cal contra o Mosteiro de Sancta Clara, para que nem a pé, nem a cavallo pudessem entrar, nem sahir. O governo da defensaõ da Cidade estava em mui boa ordem. De maneira que da parte dos inimigos era pera ver taõ grande exercito, de tanta, e taõ nobre gente, taõ luzida, e bizarra, e posta em boa ordenança, com boa esperança de victoria: da outra parte huma cidade, a maior, e mais nobre de Espanha, e taõ celebrada polo mundo, chea de gente taõ animosa, posta em armas, taõ confiada de sua defensaõ, e governada por hum taõ excellente Capitaõ.

Estando assi o Mestre cercado, lhe vieraõ novas aos onze dias de Junho como o Mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa tomara a Villa de Ourem, que estava por Castella, mais por consentimento dos moradores, que por força; onde foraõ tomados dous filhos do Conde D. Joaõ Affonso de Barcellos, e todos os homens de armas, que estavaõ em guarda delles; e que a Villa estava por elle: do que o Mestre se alegrou muito.

Naquelles mesmos dias, estando ainda a Villa de Almada pelo Mestre, chegou alli Diogo Lopes Pacheco, que andava em Castella, e com elle vinhaõ tres filhos seus, a saber: Joaõ Fernandez Pacheco, que só era legitimo; e Lopo Fernandez, e Fernaõ Lopes bastardos; com trinta homens seus, de que os quarenta eraõ de cavalo: e querendo entrar na Villa, os moradores naõ quizeraõ, porque

vinhaõ de Caſtella , e naõ ſabiaõ ſua tençaõ: ſua pouzada foi no arrabalde com outros Portuguezes, que ahi eſtavaõ. A cauſa da ſua vinda era temerſe da Rainha Dona Briatís, por odio que lhe tivera el Rey D. Fernando ſeu pai, por elle fazer vir el Rey D. Henrique a Lisboa; e por ouvir dizer que o Meſtre era defenſor de Portugal: porque, por ſer de idade de oitenta annos, e naõ ſe atrever a ir outra vez pelo mundo, como já fizera, determinou virſe de Caſtella a Lisboá, e lançarſe com o Meſtre: eſtava eſperando tempo para poder paſſar o rio a ſeu ſalvo. Neſte tempo, quando a armada chegou a Lisboa, mandou el Rey dizer aos de Almada que lhes deſſem a Villa, e lhes faria por iſſo mercê. Os da Villa lhe reſponderaõ, que elles eraõ Portuguezes, e naõ determinavaõ fazer mudança; mas como Lisboa fizeſſe, aſſi fariaõ elles. E avendo tres dias que Diogo Lopes chegara, ſabendo el Rey de ſua vinda, mandou paſſar em Galés, e batéis muita gente de armas, e béſteiros, e foraõ deſembarcar ao ribeiro de Motella, ao barco de Martim Affonſo. Em amanhecendo, os Caſtelhanos foraõ ter á eſtrada, que vem de Coina para o lugar; e as eſcuitas, que os da Villa tinhaõ, foraõ dar novas da vinda daquella gente. Os da Villa ſahiraõ, e com elles Diogo Lopes, e ſeus filhos, que faziaõ por todos oitenta de cavalo, e quatrocentos e ſincoenta homens de pé, de que alguns fugiraõ para Cezimbra. Os Caſtelhanos combateraõ logo Almada; e naõ aproveitando, lhe puzeraõ cerco vagaroſo. Diogo Lopes foi trazido a el Rey de Caſtella, que eſtava mui indinado contra elle; e o mandou pôr em bom recado. E vendo o Meſtre como Diogo Lopez veio com ſeus filhos para o ſervir, tratou de o livrar; e comprou Joaõ Ramirez de Arelhano a Perin Gaſ-

caõ,

caõ, e a hum Diogo Esteves, cujo prisioneiro era, para o dar por Diogo Lopez: contrariavaõ muitos esta troca ao Mestre, dizendo que Diogo Lopez era homem de oitenta annos, que esperavaõ morresse cada dia, e que de nenhuma cousa lhe podia servir; e Joaõ Ramirez era hum homem de armas mui valoroso, que solto lhe podia muito empecer. O Mestre, que era magnanimo, e a quem sempre moveo mais o honesto, que o util, respeitou mais a velhice de Diogo Lopes, e a vontade que tinha de o servir, que o temor da valentia de Joaõ Ramirez. E assi fez com que ambos foraõ soltos.

CAPITULO XXX.

Manda o Mestre pedir embarcaçoẽs aos do Porto: parte de lá toda a armada: vemse para o Mestre o Conde D. Gonçalo: he eleito Capitaõ da armada.

EStando as cousas na conformidade referida, o Arcebispo de Sanctiago D. Joaõ Garcia Manrique com muitos Portuguezes, dos quaes eraõ Lopo Gomes de Lyra, Joaõ Rodrigues PortoCarreiro, Fernaõ Gomez da Silva, Aires Gomez da Silva o Velho, Martim Gonçalvez de Ataide, Vasco Gil de Fornello, Gonçalo Pirez Coelho, que eraõ Capitaẽs, a fóra outros muitos Portuguezes, e Gallegos, em que avia setecentas lanças, e dous mil homens de pé, todos gente escolhida, faziaõ grande dano, e estrago nos lugares, que sabiaõ estavaõ pelo Mestre; e ouve muitos recontros com a gente do Porto, até que o Arcebispo soube ser chegada a armada das Galés, que hia de Lisboa. Apartado delles andava hum fidalgo Castelhano, homem mui principal, que se chama-

va Fernando Affonſo de Çamora, acompanhado de oitenta de cavalo, e mui bons eſcudeiros aſſi Caſtelhanos, como de outra gente. E uſava deſta manha; que quando chegava aos lugares, que eſtavaõ por Portugal, dizia que era do bando do Meſtre; e quando chegava aos que eſtavaõ por Caſtella, dizia que era da parte delles: e aſſi andava comendo, e bebendo á cuſta da gente pobre, e eſtragando a terra, ſem ninguem lho contradizer. Com eſte engano chegou a Sancto Neirſo de Riba de Ave, e lançouſe ahi a folgar com ſua coſtumada ſimulaçaõ, ſeguro de achar quem o encontraſſe. O Conde D. Pedro de Traſtamara, que por caſo da Rainha Dona Leanor eſtava omiziado no Porto, ſabendo a manha de Fernando Affonſo, e o lugar onde eſtava, o fez ſaber aos da Cidade: polo que foraõ huma noite ſobre elle; e chegando de madrugada ao lugar onde eſtava, o acharaõ com os ſeus ainda nas camas. Porém elle, ainda que tomado de improvizo, ſe defendeo como bom cavaleiro; e por fim foi prezo elle, e hum ſeu filho, por nome Joaõ de Valença, e lhe mataraõ hum ſobrinho, e ſete homens de ſua companhia; e os outros ſe acolheraõ para onde puderaõ, e lhes tomaraõ as cavalgaduras, e tudo quanto lhes acharaõ; e Fernando Affonſo, e o filho eſtiveraõ prezos até que a armada foi pera Lisboa, onde foraõ tomados dos Caſtelhanos.

Entre os Capitaẽs das Galés, que o Meſtre tinha mandadas ao Porto, era Ruy Pereira, por quem o Meſtre com carta de credito mandou pedir aos daquella Cidade o ajudaſſem na empreza, que tomara de os defender a elles, e a todo o Reyno da ſogeiçaõ del Rey de Caſtella, com todas as Naos, mantimentos, e empreſtimo de dinheiro, que pudeſſem. Os do Porto lhe reſponderaõ com grande vontade de o ſervir, e promeſſa de tudo

quan-

quanto tiveſſem ; e ſem dilaçaõ o puzeraõ por obra : e em toda a gente do povo avia a meſma vontade, e deſejo. E porque pareceo aos Cidadaõs do Porto que, ſendo Coimbra contra o Meſtre, lhe ſeria grande eſtorvo para o que pertendia ; e que, tendo o Conde D. Gonçalo, teria muita gente, que o ſeguia, lhe mandaraõ falar por D. Martim Gil Abbade de Paço de Souſa, que deſpois foi Biſpo do Algarve, e era feitura do Conde, para lhe perſuadir quizeſſe ajudar ao Meſtre na defenſaõ do Reyno, que emprendia, e ſer Capitaõ geral daquella armada, que ſe ajuntava no Porto para ir ſocorrer a Lisboa ; e lhe moſtraſſe quanta honra ganharia em defender a terra, de que era natural. O Conde lhe perguntou primeiramente, porque naõ tornava Gonçalo Rodriguez de Souſa por Capitaõ, aſſi como viera de Lisboa ? O Abbade lhe reſpondeo, que delle tiveraõ más ſoſpeitas de querer vender a armada a el Rey de Caſtella, por muitos indicios, que ouve ; e que por iſſo lhe naõ deraõ a capitania, antes eſtiveraõ pera o prender. O Conde reſolveo que, ſe o Meſtre lhe deſſe as terras, que foraõ da Rainha ſua irmãa, ſeguiria ſua parte, e ſe viria para elle. Com eſta reſpoſta ſe tornou o Abbade : a qual ſabendo Ruy Pereira, e outros que tinhaõ em cuidado as couſas do Meſtre, lho fizeraõ logo ſaber. O Meſtre naõ ſoube que repoſta deſſe a iſto, porque das terras da Rainha tinha feito mercê a Nunalvarez Pereira, que lhas pedira ; mas, por aver o Conde a ſeu ſerviço, fez ſaber a Nunalvarez os termos, em que ſuas couſas eſtavaõ. Nunalvarez, que nenhuma couſa mais deſejava, que o ſerviço do Meſtre, lhe reſpondeo logo, que, poſto que lhe tinha feito mercê daquellas terras primeiro que a outrem, averia por maior mercê dallas elle ao Conde,

de, pelo aver a ſeu ſerviço; e naõ ſómente aquellas terras, mas tudo quanto elle tinha, podia dar, e doar a quem quizeſſe, para encaminhar ſeus negocios; e que eſperava em Deos teria ainda tanto Eſtado, com que lhe pudeſſe fazer outras mercês. O Meſtre agradeceo muito a Nunalvarez aquella offerta, e lho teve a grande virtude. E prometeo as terras ao Conde D. Gonçalo, que logo ficou ſeu, e começou a ſervir, e fazerſe preſtes para vir na armada.

CAPITULO XXXI.

Eſcapa Nunalvarez de huma treiçaõ. Ha el Rey conſelho ſobre o lugar, em que as armadas haõ de pelejar: manda ir eſperar a de Portugal.

AS Naos, que o Meſtre mandara buſcar á Cidade do Porto, ſe faziaõ preſtes com a maior diligencia, que aos da Cidade era poſſivel, por ſaberem a neceſſidade, em que Lisboa eſtava poſta, de mantimentos, por a armada de Caſtella lhe impedir ſeremlhe trazidos de outras partes. Mas com toda eſta preſteza já paſſava o tempo, em que eſperavaõ. Polo que o Meſtre com a confiança, que tinha no ſaber, e diligencia de Nunalvares Pereira, lhe eſcreveo a Evora, onde eſtava, que ajuntaſſe ſuas gentes, e ſe foſſe á preſſa ao Porto a embarcar na armada, e vieſſe nella para pelejar com a armada de Caſtella, que tinha de cerco a Cidade. Nunalvarez eſcreveo ao Conde D. Gonçalo, e a Ruy Pereira, e aos fidalgos, que avia de vir na armada, pedindolhes o eſperaſſem; que mui cedo chegaria a ſer ſeu companheiro naquella viagem. O Conde, e Ruy Pereira, e os

mais

mais, como viraõ ſeu recado, por invejarem ganhar elle alguma honra naquella jornada, e a quererem toda para ſi, naõ quizeraõ eſperar, mas ſem mais dilaçaõ partiraõ com a ſua armada. Nunalvarez entretanto á grande preſſa com duzentas lanças ſe pôs a caminho, e chegou a Coimbra: ſoube como a armada era já em Buarcos: dali eſcreveo outra vez aos meſmos Capitaẽs, pedindolhes que por ſerviço do Meſtre o eſperaſſem, e naõ paſſaſſem dali, para o recolherem conſigo; que logo era com elles. Com eſte recado ſe deraõ elles mais á preſſa, e partiraõ ſem fazerem mais demora. Nunalvarez entendendo a cauſa, porque o faziaõ, diſſe que Deos os guiaſſe, e lhes naõ acoimaſſe, ſe por elle naõ ir em ſua companhia partiraõ mais cedo do que deveraõ. E eſtando elle em Coimbra, a Condeſſa de Cea, molher de D. Henrique Manoel, que tinha o caſtello de Cintra por el Rey de Caſtella ſeu ſobrinho, por odio que tinha a Nunalvarez de quando fora correr o Termo daquella Villa, e por afeiçaõ que tinha á Rainha, determinou de fazer prender a Nunalvarez; e ajuntou ſecretamente muitos eſcudeiros, e outra gente, por ter entaõ naquella Cidade muitos parentes, e amigos, e criados. A gente de Nunalvarez quando ſoube iſto, acodio mui á preſſa, e começaraõ de ſe alvoroçar, ajuntandoſe para irem ás caſas da Condeſſa, e fazerlhe nellas algum mao tratamento; mas ſabendo Nunalvarez deſte alvoroço, acudio mui á preſſa, e impedio o offenderſe a Condeſſa: polo que aſſi eſcapou Nunalvarez da prizaõ, e ella de grande perigo. E avendoſe de partir Nunalvarez, foi ao caſtello falar a Gonçalo Mendes de Vaſconcellos Alcaide mór; e a fala foi por hum poſtigo da porta. E quando Gonçalo Mendes vio alguma daquella gente de Nunalvarez taõ mal armada, diſſe aos

ſeus, deſpois delles partidos, que ſe eſpantava de taes homens como aquelles poderem defender Portugal contra el Rey de Caſtella, ſendo taõ poderoſo, ſalvo ſe Deos andava por Capitaõ delles.

Como el Rey de Caſtella ſoube que a armada do Porto era eſperada em Lisboa, e o dia em que avia de partir; e ſendolhe dito que nella vinha por General Nunalvarez Pereira, cujo nome era já mui temido, mandou chamar Fernaõ Sanches de Toar ſeu Almirante mór, e Pedro Afão da Ribeira Capitaõ mór das Naos, e aos Meſtres dellas; e aſſi mais os Capitaẽs das Galés: e com juramento, que lhes deu em hum Miſſal dentro no Moſteiro de Sanctos, e com pena de caſo maior, que lhes pôs, que naõ deſcubriſſem o ſegredo, lhes mandou que conſultaſſem em que maneira poderiaõ melhor pelejar com a armada de Portugal, ſe dentro do Rio, ſe no Mar largo; e que elle tambem o conſultaria com os do ſeu Conſelho. Ao Almirante, e aos Capitaẽs das Galés pareceo que no Mar largo. Aos outros todos pareceo que no Rio; e deſte parecer foi el Rey. Mas Pedro Fernandez de Vellaſco ſeu Camareiro mór, e homem de mui claro juizo, ſe levantou; e pondoſe de giolhos ante el Rey, lhe diſſe que os pareceres, que pedia ſobre o lugar, em que pelejaria com a armada de Portugal, lhe parecia que ouvera de ſer ſobre ſe ſe cometeria a peleja, ou naõ: e que o bom conſelho lhe parecia naõ ſe encontrar com ella; porque a victoria eſtava incerta como eſtaõ todas as couſas da fortuna; e muito mais, ſe na armada vinha Nunalvarez Pereira, como diziaõ, com a gente, que trazia já em Alentejo: e que, ſendo vencidos os Caſtelhanos, ſeria animar os contrarios para eſperarem melhor o cerco, e deſanimar a gente do arraial, que receariaõ acontecerlhe na terra ſeme-

melhante caſo ao do mar. E que, ſe os Portuguezes da armada foſſem vencidos, naõ cuidaſſe que logo ſe fazia ſenhor de Portugal; porque naquella armada vinhaõ muitos fidalgos, e homens honrados, que tinhaõ muitos parentes, e amigos pelo Reyno; e que, morrendolhes alli, ficava certo grande odio com todos elles, donde naceria naõ lhe quererem obedecer: antes os que por elle eſtavaõ, mudariaõ a vontade, e o começariaõ a deſſervir: e ainda que ſe ſenhoreaſſe dos corpos, nunca ſeria ſenhor de ſuas vontades. E que o Rey, que novamente vinha a hum Reyno, naõ ſe podia chamar ſenhor das gentes delle, como ſe fazia ſenhor dos corpos, ſe naõ ſe fazia ſenhor dos coraçoẽs; porque a paz, e quietaçaõ do Reyno naõ conſiſtia no poder do Rey para com os Vaſſallos, mas no amor dos Vaſſallos para o Rey. E que ſobre tudo lhe lembraſſe, que aquelles homens, que na armada vinhaõ buſcar a de Caſtella, traziaõ propoſito de vencerem, ou morrerem: e que com determinados a morrer, era dura couſa o pelejar. Pollo que o mais ſeguro caminho ſeria fazer alguma boa avença com o Meſtre, de maneira que elle ficaſſe grande no Reyno; no que elle viria, por ſe ver cercado de taõ grande poder. El Rey reſpondeo, que tal avença naõ cometeria; porque, ſendo o Reyno ſeu, e tendo os principaes lugares, e fidalgos de Portugal por ſi, e o Meſtre cercado por mar, e por terra, e com taõ grande campo, ſeria covardia, e abatimento moverlhe partidos, eſtando em eſtado, onde, ſe o Meſtre lhos moveſſe, podia ter duvida a lhos conceder.

Como el Rey ſe determinou a pelejar com a armada de Portugal, mandou duas Gálés de fós em fóra como eſpias, para que, quando a viſſem vir, lho fizeſſem ſaber. E eſtando as Galés ſete le-

goas da cidade , a armada de Portugal lhes começou de aparecer ; a qual era dezaſete Galés. As duas Galés como a viraõ , vieraõ dar a nova a el Rey. Quando os da armada de Caſtella ſouberaõ da vinda da de Portugal , moſtraraõ grande alegria , e toda a chuſma das Galés ſe levantou em pé ; e eſgrimindo com as eſpadas nuas , e outras armas , davaõ grandes apupos , e faziaõ grandes alaridos , cuidando que ao outro dia tinhaõ certa a victoria da armada de Portugal , e apôs ella a da cidade. Os da cidade naõ ſabiaõ a que atribuiſſem aquelle movimento , e rumor , que avia na armada contraria , até que os da armada de Portugal eſtando duvidoſos como entrariaõ , e em que maneira pelejariaõ com a armada de Caſtella , mandaraõ hum Joaõ Ramalho mercador rico do Porto , e homem atrevido no mar , em hum batel de noite , que deu conta ao Meſtre da armada , e da duvida , que tinhaõ em ſua entrada. O Meſtre alegrouſe com a vinda da armada : mas pezoulhe muito de ſaber que , tirando as Galés , que vinhaõ bem armadas , por nellas vir o Conde D. Gonçalo com os ſeus , as naos vinhaõ faltas de gente , e de armas. Aquella noite , que ſe ſoube da armada , foi grande alvoroço na Cidade : e levantandoſe toda a gente mui cedo , ſe hiaõ ás Igrejas de todo o eſtado de peſſoas com muitas lagrimas , pedindo a Deos ſocorro , e ajuda contra inimigos taõ poderoſos , e taõ chegados : pollo que huns mandavaõ dizer Miſſas , e faziaõ devoçoẽs ; e as molheres com os filhos nos braços pediaõ a Deos com grandes clamores ſocorro naquella preſſa.

Tanto que amanheceo , o Meſtre ouvio Miſſa , e ſe foi á Ribeira para armar os navios , e barcas , com que avia de ſocorrer a armada : e , feita preſtes a primeira nao , ſe quizera meter nella ,

mas

mas os da cidade lho naõ consentiraõ, dizendo que pessoa, de que tanta necessidade avia para seu amparo, e defensaõ, naõ se avia de arriscar a taõ grande perigo; que elles iriaõ, e ficasse elle na cidade. O Mestre os desenganou que elle naõ ficaria, mas que com elles avia de pelejar; que confiava em Deos que sahiria com honra sua, e da cidade, e de todo o Reyno de Portugal. A armada del Rey de Castella era de 40 naos, e de 13 Galés. E como foi manhãa, todas as naos se puzeraõ de vergadalto, e reformaraõse de muita, e boa gente: e foraõse assi as naos, como as galés a Restello o Velho, que he da cidade huma pequena legoa; e pozeraõse todas em ordem, com as proas para a terra de Almada; que assi estava ordenada sua batalha. Por outra parte mandou el Rey á gente de armas de cavalo estar junto dos muros de Nossa Senhora da Graça, e de S. Vicente de fóra, para os da Cidade se ocuparem em acudir áquella parte, e os divertir de acudirem aos da armada.

CAPITULO XXXII.

Como se encontraraõ as duas armadas: do successo da peleja: vem socorro á de Castella.

SEndo hora de terça, e enchendo já a maré, appareceo a armada de Portugal pella parte de S. Giaõ, que saõ tres leguas da Cidade; a qual vinha nesta ordem: Diante vinhaõ sinco naos; e em huma dellas, que chamavaõ a Milheira, que era a maior, vinha Ruy Pereira com sesenta homens de armas, e 40 bésteiros; e noutra que chamavaõ Estrella, vinha Alvaro Pirez de Castro; na Farinheira vinha Joaõ Gomes da Silva; na San-

grenta Ayres Gonçalves de Figueiredo: na ultima Pedro Lourenço, e Ruy Lourenço de Tavora. Após estas sinco naos vinhaõ as Galés todas juntas; e atrás dellas doze naos, que traziaõ bom vento pera entrar. Ruy Pereira como homem esforçado, e de grandes espiritos, vendo as quarenta naos de Castella estar cerradas em terra, e que ainda naõ deferiaõ, naõ sabendo sua intençaõ, as veio demandar mui chegado a ellas, e as outras quatro naos com elle. E quando vio que os Castelhanos naõ mostravaõ querer vir contra elle, fesse noutro bordo contra Almada. O Mestre entretanto entrou em huma grande nao de Genova, que no porto da Cidade estava, e com elle 400 homens de armas. A qual por naõ ser lastrada, e a gente ser mais da que devera, naõ podia governar como cumpria. Nas outras barcas, e navios pequenos entrava tanta gente, que estavaõ para se alagar: dos quaes alguns, em lugar de ir para Belém, hiaõ para Sacavem, que he o contrario posto. Querendo tambem o Mestre fazerse á vella, vendo a maré, e ventos contrarios, e que era muito peor deferir, sahiose em terra, e toda a gente com elle: e fazendo Ruy Pereira bordo contra Almada, e vindo as Galés de Portugal todas a remo em direito da armada contraria, vendo os Castelhanos que já as podiaõ ter de julavento, voltaraõ todas assi como estavaõ para ir sobre ellas. Das quaes a primeira, que se fez á vella, foi huma grande nao, que chamavaõ de Joaõ Arena. Ruy Pereira quando vio que as naos hiaõ sobre as Galés com a viraçaõ, que refrescava cada vez mais, temendo que lhe fariaõ dano, pollas embaraçar, mais com aviso, e esforço, que com temerario atrevimento (como alguns, que julgaõ as cousas pollos successos, diziaõ) fesse em outro bordo, e veio a-

ferrar

ferrar com Joaõ de Arena ; e aferraraõ com tres de Portugal ſinco de Caſtella , e huma grande Carraca ; e embaraçaraõſe as guarniçoẽs de humas com as outras de maneira , que todas hiaõ em huma maça pelejando cruelmente ; e aſſi os lançaraõ a maré , e o vento contra as barrocas de Almada junto a Cacilhas. Eſte aferrar , que Ruy Pereira fez , deu muita ajuda ás Galés de Portugal : porque as primeiras naos de Caſtella quizeraõ dar pollas Galés ; e em quanto Ruy Pereira aferrou , e ſe travou com ellas , paſſaraõ as Galés ſem as naos lhes poderem empécer , nem chegar. E avendo grande eſpaço que durava a peleja , ſe ordenou ſua morte ; porque , pelejando elle com aquelle grande esforço , e fervor , que ſempre moſtrou em ſuas obras , alçou o barbote da cellada , que já naõ podia bem ſofrer de afrontado , e lhe deraõ huma ſetada pella teſta , de que em pouco eſpaço morreo : e aſſi acabou a vida aquelle bom cavaleiro no tempo , que mais neceſſidade avia de ſeu esſorço , e conſelho : por cuja morte aſſi o Meſtre , como toda a Cidade tiveraõ grande ſentimento. As doze naos Portuguezas vinhaõ entretanto para a Cidade ; e as de Caſtella todas atrás dellas , mas naõ lhe podiaõ fazer dano , pollo muito vento que traziaõ ; e aſſi foraõ poſtas em ſalvo. Pollo que as Galés de Caſtella naõ puderaõ alcançar as de Portugal , nem as de Portugal quizeraõ atracar as de Caſtella , porque cada huma Galé de Caſtella trazia junto a ſi huma nao chea de gente de armas para lhe ſocorrer quando cumpriſſe : nem as outras naos aferraraõ , ſalvo as de que as tres Portuguezas foraõ tomadas. Na qual peleja morreraõ alguns de huma parte , e outra ; e os Portuguezes dellas foraõ todos prezos , e feridos muito grande parte delles. O Meſtre andava pola Ribeira armado a pé , acom-

pa-

panhado de muitos, recebendo alegremente da armada, que ancorou junto da terra desde as Tarracenas até á porta do mar; e a armada de Castella se tornou para Restello, que he onde agora está o Mosteiro de Belém.

Tomadas as tres naos, e acabada a peleja, mandou el Rey aos seus que lhe levassem alguns dos prisioneiros Portuguezes, que fossem homens de qualidade. E vendo Vasco Rodriguez Leitaõ, que era hum escudeiro honrado, o levaraõ a el Rey, parecendolhe que bastava para lhe dar novas do que desejava saber. El Rey lhe preguntou primeiro o que mais desejava saber, e era se vinha Nunalvarez Pereira naquella armada? E dizendolhe que naõ, lhe perguntou quem eraõ os Capitaẽs? Estando assi fallando Vasco Rodriguez com el Rey, passou a Rainha por onde el Rey estava; e Vasco Rodriguez lhe foi bejar a maõ: ella, que o conhecia por ser criado de Gonçalo Vasques de Azevedo, olhou para elle, e dissелhe: Vasco Rodriguez, cá sois vós? Aqui, disse elle, para vos servir. Passando a Rainha, e tornando Vasco Rodriguez aonde el Rey estava, el Rey lhe disse como sorrindose: Bom beijar de maõ he esse vosso, contra vossa senhora natural com a lança na maõ, para lhe fazer perder o Reyno, que he seu de direito! Merecieis que vos cortassem o beiços, e a lingua, com que lhe beijastes a maõ. Senhor (respondeo Vasco Rodriguez) naõ nolo dizem a nós assi, senaõ que, visto o fundamento desta guerra, e como entrastes no Reyno, antes do tempo, que nos contratos era posto, e quebrastes as condiçoẽs delles, perdestes o direito, que nelle tinheis; e que nós fazemos o que devemos em vos resistir, e defender nossa terra, pois desta maneira nola quereis tomar. Quando Pedro Fernandez de Vellasco, e outros,

que

que com el Rey estavaõ, ouviraõ isto, disseraõ contra el Rei: Tomai lá, senhor, o que vos dizem isto he o que nós vos dissemos por vezes; e nosso conselho naõ foi crido; e fizestes o que quizestes. E fallando nesta materia, tiraraõ aquelle escudeiro diante del Rey, e o levaraõ com os outros prisioneiros, que tiravaõ das naos. Em quanto o Mestre refazia a sua armada para pelejar com a de Castella, veio a el Rey outra, além da que ainda tinha, a saber, vinte huma naos, e tres Galés armadas, naõ sendo passados oito dias despois que a peleja fora. De maneira, que el Rey tinha sessenta e huma naos, a fóra as carracas; e dezaseis Galés, e huma Galeota, as quaes mandou deitar desde Cataquefarás até á porta da Cruz. E vendo o Mestre a desigualdade, que havia da sua armada á del Rey de Castella, cessou de sua determinaçaõ.

CAPITULO XXXIII.

Como os de Almada sofreraõ o cerco, e combates com grande falta de agoa: e ultimamente entregaraõ o Castello a partido.

AVendo já dous mezes que a Villa de Almada era cercada, e combatida continuamente da parte da terra; porque do mar, por causa da barroca, naõ podia receber dano, estando bastecida de mantimentos para seis mezes, padecia grande necessidade de agoa; porque a gente era muita, assi de naturaes, como de estrangeiros, que a ella se acolheraõ, vindose lançar com o Mestre. E sendolhe o caminho impedido com a armada de Castella, naõ tinhaõ mais que huma pequena cisterna, sobre que foi posta grande guarda, naõ dando a cada pessoa mais que huma canada de agoa.

agoa. E, ſem embargo deſta neceſſidade, ſahiaõ fóra da Villa a eſperar em certos paſſos os Caſtelhanos, que hiaõ ao ſalto pello termo, e a Cezimbra; e os matavaõ, e feriaõ de maneira, que já naõ ouzavaõ ir ſenaõ muitos juntos. E aſſi eſperavaõ os que hiaõ em bateis á Rentella, e á Mora a roubar: e hum dia mataraõ mais de trinta em huma lama, querendoſe acolher aos bateis. Eſta ſahida, e tomada faziaõ pola porta da barroca, que he contra o mar. E ſendo muitas vezes combatida ſem effeito, mandou el Rey fazer huma mina, que foſſe ſahir a huma torre; e foi ſahir a outro lugar deſviado, onde os da Villa tinhaõ contraminado com outra mais alta. Polo que, pelejando na mina, foi morto o Meſtre della; e outros feridos. Indignado el Rey, determinou de paſſar em peſſoa com muita gente para fazer combater o Caſtello; e mandou armar hum cadafalſo no campanairo da Igreja de Sanctiago, para dalli ver os combates. E aſſi ſe deu o combate mui forte com gente de armas, e de pé, e bombardas, béſtas, fundas, mantas, e outros engenhos. Durou deſde a hora de terça até o meio dia: e ſuccedeo que á hora, que el Rey fora do cadafalſo a comer na Igreja, deſparou hum Trom, e deu no cadafalſo, e matou dous, que nelle eſtavaõ; e ferio tres. Deſpois deſte combate ſe deraõ outros. E enfadado el Rey ſe foi, promettendo de mandar meter os da Villa á eſpada, ainda que ſe rendeſſem. E deixou no cerco por Capitaẽs Pedro Rodriguez Sarmento, e Joaõ Rodriguez de Caſtanheda, encommendandolhes que todos as dias combateſſem. Neſte tempo faltou a agoa da ciſterna: e quarenta cavalos, que no Caſtello avia, por naõ aproveitarem aos inimigos, foraõ lançados da barroca abaixo. Amaſſavaõ o paõ com vinho; e com vinho coziaõ a carne, e

o peſ-

o peſcado. Entaõ lhes foi forçado beber outra agoa, que era a que eſtava na alcorcova, das chuvas do inverno, em que as molheres lavavaõ ſua roupa çuja, e outras immundicias; e era verde como ervas, e corrupta, e em que jaziaõ caẽs, e beſtas mortas; que ſó viſta era couſa nojenta, e horrida. Eſta agoa coziaõ, e bebiaõ; e ainda eſſa ſe avia de tomar furtada, lançandoſe homens de noite por cordas, por eſtar da banda dos inimigos. E quando os Caſtelhanos ſouberaõ que daquella maneira tomavaõ a agoa, puzeraõ nella guarda; e alguns homens houve mortos, e feridos ſobre ella.

Neſte miſero eſtado eſtava aquella gente muito conſtante, ſem poderem mandar recado ao Meſtre; ſómente de noite faziaõ muitas almenaras, que o Meſtre, e os da Cidade entendiaõ ſerem ſobre trabalho que paſſavaõ, que de outra maneira naõ podiaõ ſignificar; mas naõ ſabiaõ de que genero, nem lhes podiaõ ſocorrer. Porém huma noite mãdou o Meſtre huma barca com hum tiro de bombarda, e muita polvora, e algumas béſtas, e armas defenſivas, cuidando que a neceſſidade ſeria de armas: a qual barca foi tomada dos Caſtelhanos, e prezos os que nella hiaõ. Neſte tempo hum cavaleiro Gaſcaõ, por nome Moyſem Aymon, homem bem inclinado, vendo o infelice eſtado, em que eſtava aquella Villa, tendo preſo hum Affonſo Galo Regedor de Almada, que foi tomado na primeira eſcaramuça com Diogo Lopez Pacheco, o trouxe atado com huma corda junto ao Caſtello, e diſſe aos de dentro, que pois aquella Villa com todo o Reyno pertencia de direito a el Rey de Caſtella, naõ lha negaſſem, nem quizeſſem cahir em mao caſo, perdendo a honra, e a vida; e que el Rey lhe faria muitas mercês: e que alli trazia Affonſo Galo, que era ſeu Regedor; que fizeſſem

o que lhes dizia; ſe naõ, que o aviaõ de matar a elle, e a todos os mais priſioneiros, que lá ficavaõ. Os da Villa com animo invencivel lhe reſponderaõ, que bem os podia el Rey matar, mas que naõ entregariaõ a Villa por nenhuma couſa do mundo; e que ſe arredaſſe dali com ſua honra, e ſe foſſe com ſeu priſioneiro. E aporfiando elle que deſſem a Villa, lhe atiraraõ com hum tiro entre as ameas; de que logo cahio morto; de cuja morte ſe enojou muito mais el Rey.

Eſtando os de Almada em taõ grande preſſa, acordaraõ de mandar recado ao Meſtre; mas nenhuma maneira viaõ para o fazer. O Meſtre, que ſoſpeitava a tribulaçaõ, em que eſtavaõ, deſejava o meſmo; mas tambem naõ achava remedio. Sabendo iſto hum homem natural de Almada, que viera na armada do Porto, cujo nome era digno de ſer ſabido, e perpetuado com mui honroſa lembrança, diſſe ao Meſtre, que elle paſſaria o mar a nado até Almada, e levaria recado aos da Villa, ſe por elle o quizeſſem mandar. O Meſtre lhe deu recado por palavra, e huma carta; e á noite ſe lançou a nado ardendo em amoroſo fogo de charidade da Patria, e paſſou aquelle mar, que he de grande meia legoa de largura; e chegou á ribeira do monte: e ſobindo pollo caminho da Barroca eſcuſo, que elle como natural ſabia muito bem, onde chamaõ Meijaõ Frio, fallou com os que vellavaõ o Caſtello. Os quaes eſpantados quando o ouviraõ, e conheceraõ, lhe abriraõ a porta, e folgaraõ muito com elle. E quando ſouberaõ que paſſara o mar a nado, e de noite, ſe eſpantaraõ muito mais. O recado do Meſtre era mandarlhes perguntar em que ponto eſtavaõ; e que ſe tiveſſem o mais que pudeſſem. Elles lhe fizeraõ ſaber quanto até alli tinhaõ paſſado, e a falta da agoa,

em que eſtavaõ, e como naõ ſabiaõ remedio a ſuas vidas. E logo naquella meſma noite ſe tornou aquelle meſmo homem a nado. O Meſtre vendo o muito trabalho daquella gente, e o pouco remedio, que elle lhes podia dar, dahi a tres dias tornou a mandar o meſmo homem; e por elle dizer aos da Villa quanto lhe pezava do que tinhaõ padecido: e pois naõ avia eſperança de remedio, que ſe deſſem a el Rey de Caſtella aos melhores partidos, que pudeſſem, e lhe entregaſſem o Caſtello. E aſſi paſſou aquelle homem o rio ſeis vezes em ir, e vir com recados. Os de Almada mandaraõ dizer a el Rey como queriaõ ſer ſeus, e darlhe a Villa. El Rey, que ſabia o aperto, em que eſtavaõ, e como naõ tinhaõ já agoa de nenhuma maneira, e morriaõ cada dia muitas crianças; e que, ou ſe dariaõ, ou morreriaõ, determinava de os naõ tomar com condiçaõ alguma; e eſta repoſta lhes deu. E avendo tres dias, que lá andavaõ os menſageiros, mandou-os a Rainha chamar, e com elles pedio a el Rey, que lhes perdoaſſe, e os tomaſſem a partido. El Rey lhes ſegurou os corpos, e as fazendas; e que cada hum eſtiveſſe em ſua caſa, e foſſe dono do ſeu. E ao primeiro dia do mez de Agoſto el Rey, e a Rainha foraõ em Galés a Almada, e lhes foi entregue o Caſtello, em que aquelles Portuguezes padeceraõ tanta tribulaçaõ. Aqui el Rey prometeo favores, e mercês, ſe lhe foſſem leaes: e deixando a guarda neceſſaria, ſe foi para ſeu arraial.

CAPITULO XXXIV.

De huma treiçaõ, que se pertendeo contra o Mestre: passase hum fidalgo para el Rey.

O Mestre assi como era mui amado do povo, assi de alguns grandes, que pertendiaõ maiores interesses. E porque á avareza, e ambiçaõ andava vendido, e arriscado ao matarem: entre os quaes contaõ a D. Pedro de Castro, filho do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que era casado com Dona Leanor filha do Conde de Viana D. Joaõ Affonso Tello, e da Condessa Dona Guimar Portocarreiro, que determinava dar entrada na Cidade a el Rey de Castella, assi porque naõ era affeiçoado ao Mestre, por pertender o Reyno, que lhe parecia pertencer a seu primo o Infante D. Joaõ, como por ser parente del Rel de Castella, fazendo conta que naõ cahia em caso de treiçaõ, pollo Mestre naõ ser senhor do Reyno; e porque por morte do Conde seu Pai, a que estava encarregada a guarda dos muros desda porta de Santo André até a porta de Santo Agostinho, ficou elle em seu lugar, tinha mais facil occasiaõ para o que determinava. E sabendo Ruy Freire que elle tinha ordenado isto, o revelou ao Mestre, por ser muito seu aceito, e privado como filho, que era de D. Nuno Freire Mestre da Ordem da Christo, que fora seu Aio. Além disso succedeo neste mesmo tempo adoecer Joaõ Lourenço da Cunha, marido que fora da Rainha Dona Leanor. E dizendo na confissaõ, que sabia muitas cousas, que se ordenavaõ em Portugal em dano da Cidade, e do Mestre, e de todo o Reyno; o Confessor lhe disse, que o naõ absolveria até que o descobrisse ao Mestre.

tre. Entaõ foi o Meſtre chamado de Joaõ Lourenço, e lhe deſcobrio muitas couſas, e entre ellas lhe diſſe como D. Pedro de Caſtro com todos ſeus vaſſallos, por grande ſomma de ouro, tinha vendida a Cidade a el Rey de Caſtella, e lhe premetera darlhe entrada, e á ſua gente dia da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, que he aos quinze dias de Agoſto: e que aviaõ de ſobir por eſcadas poſtas nos muros, cujos ferros ſe fizeraõ em Alenquer. E que o ſinal certo, a que aviaõ de vir, avia de ſer huma candea poſta em huma ſéteira do muro. Sabendo o Meſtre do ſinal, mandou pôr gente em guarda junto daquelle lugar, a qual recebeo os Caſtelhanos com ſétas, e pedras, e outros tiros. E D. Pedro foi logo naquella noite prezo, e os ſeus com elle. A gente da Cidade quando ao outro dia ſoube daquelle caſo, bradava a huma voz que o mandaſſem matar; mas o Meſtre, que de ſua natureza era clemente, os pacificou com boas palavras, e naõ conſentio fazerlhe o que o povo pedia. Mas dahi a poucos dias lançou da Cidade todos os Vaſſallos, e criados de D. Pedro, e alguns Galegos, e Caſtelhanos, que o ſeguiaõ; e lhes mandou tomar as armas. Tambem lhe naõ foi fiel D. Affonſo Henriques filho do Meſtre de Sanctiago de Caſtella, D. Fradique já dito, que viera na armada do Porto em ſerviço do Meſtre. O qual ſendo muito amigo de Joaõ Rodriguez de Sá, do tempo que eſteve no Porto com ſeu irmaõ o Conde de Traſtamara, e determinou de ſe lançar com os Caſtelhanos, diſſe a Joaõ Rodriguez que foſſem ver o arraial del Rey de Caſtella: e cavalgando ambos, Joaõ Rodriguez em hum cavalo, e D. Affonſo Henriques em huma mula, eſtando ambos olhando o exercito, diſſe D. Affonſo a Joaõ Rodriguez, que lhe empreſtaſſe aquelle cavalo, e hiria

fallar

fallar áquelles ſeus parentes; e por ir mais ſeguro, queria ir em cima delle, e naõ em mula. Joaõ Rodriguez ſe deceo, e trocou com elle o cavalo; e como D. Affonſo foi em cima do cavalo, diſſe a Joaõ Rodriguez: Irmaõ, ficai com Deos, que eu querome ir para meus parentes. E dizendo iſto, pôs as pernas ao cavalo, e foiſe ao arraial dos Caſtelhanos. Joaõ Rodriguez ſe deu por afrontado, e ſe veio ao Meſtre a lhe contar o caſo. Eſte D. Affonſo Henriquez he o que foi Almirante de Caſtella, e de que ficou grande, e illuſtre geraçaõ; e de que todos os grandes de Eſpanha, entrando ahi tambem os Reys, deſcendem: porque, ſendo elle caſado com Dona Joanna de Mendoça filha de D. Pedro Gonçalvez de Mendoça, ſenhor de Hitta, e Ruitrago, ouve della D. Fradique Henriquez, que tambem foi Almirante de Caſtella; do qual, e de Dona Tareja de Quinhones, filha de Diogo Fernandez de Quinhones ſenhor de Luna, naſceo o Almirante D. Affonſo Henriquez, e D. Pedro Henriquez Adiantado de Andaluzia, e ſenhor de Tarifa; de quem deſcendem os Duques de Alcalá, Marquezes de Tarifa; e teve Dona Joanna, que foi Rainha de Aragaõ, molher del Rey D. Joaõ II. de que naſceo el Rey D. Fernando o Catholico (o ſegundo filho, que o Almirante velho D. Affonſo Henriquez, de que aqui começamos a falar, ouve) foi D. Henrique Henriquez ſenhor de Alva de Liſte, e de Bolanhos, de que deſcendem os Condes de Alva de Liſte. E aſſi teve nove filhas, de que deſcende a principal nobreza de Caſtella: das quaes a primeira, que ſe chamou Dona Beatriz, caſou com D. Pedro PortoCarreiro ſenhor de Moguer, de que deſcendem os Marquezes de Villa nova del Freſno, e os Condes de Medelhim, da Puebla, e de Palma; Dona Leanor com D. Rodrigo Affonſo Pimen-

Pimentel Conde de Benavente; Dona Izabel com Joaõ Ramirez de Arelhano ſenhor dos Camoros, de que vem os Condes de Aguillar; Dona Aldonça com Pedralvez Oſorio ſenhor de Cabreira, e Ribeira, que por outra molher foi Conde de Lemos; Dona Inez com Pedro Alvarez de Mendoça ſenhor de Almaçaõ, de que deſcendem os Condes de Monte Agudo; Dona Conſtança com Joaõ de Tovar ſenhor de Berlanga, e Aſtridilho, de que deſcendem os Marquezes de Berlanga; Dona Branca com Pedro Nunez de Ferreira ſenhor de Pedraça; Dona Joanna com D. Joaõ Manrique Conde de Caſtanheda; Dona Maria com Joaõ de Rojas ſenhor de Monçaõ, e de Cabia, de que vem os Marquezes de Poza.

CAPITULO XXXV.

Dá peſte no arraial Caſtelhano: comete el Rey concertos ao Meſtre: recupera Nunalvarez Pereira o Caſtello de Monçarás.

DUrava o cerco de Lisboa aſſi por mar, como por terra, ſem de fóra lhe poderem vir mantimentos, nem ſocorro algum; e começando de aver falta delles, começou tambem a peſte de ſe atear no arraial dos Caſtelhanos: e pouco, e pouco ſe accendeo de maneira, que em breve eſpaço morreo muita gente, naõ ſómente da baixa, e plebea, mas os ſenhores de grande eſtado. O que lhes pôs grande eſpanto, e temor. E vendo que por a peſte aſſi crecer mais cada dia, naõ podia ſua eſtada ſer muita, e que lhes era neceſſario deſcercar a Cidade, pediraõ a el Rey, pondolhe diante muitas razoẽs, quizeſſe cometer algum concerto ao Meſtre, por levar alguma honra

da

da ſua vinda a Portugal. A el Rey pareceo bem polas razoẽs, que lhe deraõ; e mandou pedir ſeguro ao Meſtre, para lhe ir falar Pedro Fernandez de Vellaſco ſeu Camareiro mór, de que elle muito fiava. E outorgando niſſo o Meſtre, ao dia aſſinalado mandou alguns cavaleiros ao caminho, que ficaſſem em arrefens com a gente, que vinha com Pedro Fernandez, até que elle falaſſe com o Meſtre, e ſe tornaſſe; que eraõ Affonſo de Baeça, Alvaro Gonſalvez Camello, Affonſo Añes Nogueira, Mem Rodriguez, e Ruy Mendes de Vaſconcellos, e outros. Pedro Fernandez chegou á Porta de Sancta Catherina, entre o muro, e a barbacãa, onde foi a viſta, em cima de hum bom cavalo, com hum pagem detraz, que lhe trazia a lança, e ficou com os outros. O Meſtre eſtava a cavalo com cota, e braçais, e eſpada na cinta, e huma tabardilha ſobre a cota. E deſpois de Pedro Fernandez fazer ſua mezura, o Meſtre o abraçou: e o que Pedro Fernandez propôs foi, que bem via como eſtava cercado por mar, e por terra del Rey de Caſtella ſeu ſenhor; e que os mantimentos, que tinha, eraõ taõ poucos na Cidade, que ſenaõ podia manter muito tempo: e que, pois era filho del Rey, naõ ſe quizeſſe perder, mas que ſe concertaſſe com el Rey, que lhe faria muitas mercês. E que o que el Rey lhe prometeſſe, elle, e Pedro Sarmento, e outros, quaes o Meſtre quizeſſe, lhe fariaõ preito, e omenagem, e o compririaõ; e naõ o fazendo el Rey aſſi, que elles o desſerviſſem, e ajudaſſem ao Meſtre contra elle. O Meſtre lhe reſpondeo, que elle falava como bom cavaleiro, que era, e lho agradecia muito; mas que ſoubeſſe, que com qualquer ſucceſſo, que neſta empreza ouveſſe, ſempre cuidaria que ganhava. E que o Reyno de Portugal fora de ſeu pai, e de ſeus avós; e que el

Rey

Rey de Castella o queria sojugar injustamente contra os pactos, que fizera. E que pois aquelles, que com elle estavaõ, o tomaraõ por defensor de sua justiça, os naõ avia de desamparar. Sobre estas razoẽs passaraõ outras, sem o Mestre dar geito de si para falar em partido, sendo tempo em que pola peste, que com os Castelhanos andava, el Rey lho fizera grande; e em que a Cidade estava taõ apertada, que outro, que naõ fora o Mestre, o cometera, e naõ aguardara ser cometido. Pedro Fernandez de Vellasco se partio do Mestre, e se foi aos seus, e os do Mestre para a Cidade. E perguntandolhe el Rey que reposta trazia do Mestre, elle lhe disse: Daio ao demo, senhor, que nunqua outra reposta me deu senaõ *naõ*, *naõ*. El Rey se afrontou de lhe mandar cometer partido, e o Mestre lho naõ aceitar; e disse que ainda podia succeder que o Mestre lhe pedisse concerto em tempo, que fosse mao de aver.

D. Pedro Alvarez Pereira Prior do Crato, que era grande Privado del Rey, e mui amigo do Mestre, e seu compadre, disse a el Rey, que elle lhe queria ir falar, e que cria que o moveria, e saberia delle toda sua tençaõ. El Rey o naõ quiz consentir, nem despois dahi a dias. Mas o mal da peste andava já taõ cruel, que o ouve de outorgar. O Prior foi com D. Pedro Nunes de Lara Conde de Mayorga, filho bastardo de D. Joaõ Nunez de Lara senhor de Biscaya, que hia á Cidade despozarse com Dona Briatís de Castro, filha do Conde D. Alvaro Pirez de Castro. Mas o Prior naõ trouxe outra melhor reposta, que a de Pedro Fernandez de Vellasco. El Rey ficou taõ indignado, que jurou de nunca mais com o Mestre fazer avença, nem levantar o cerco até tomar a Cidade por fome, ou por feito. O Prior em respeito do

Meſtre, com quem taõ mal negociou, indo taõ confiado, por divertir ſeu irmaõ Nunalvarez Pereira de ſeu ſerviço, e cauſar entre elles diſcordia, lhe eſcreveo huma carta, em que lhe fazia ſaber como o Meſtre fazia avenças com el Rey de Caſtella, ſem delle fazer mençaõ, tendolhe feitos tantos ſerviços; pelo que podia ficar em muita deſgraça del Rey de Caſtella, e receber delle disfavores, pois ſempre andara contra Caſtelhanos. Nunalvarez, quando vio a carta, entendeo logo que aquillo era invençaõ, para lhe esfriar a vontade no ſerviço do Meſtre: e reſpondeulhe que, ſe o Meſtre ſeu ſenhor fazia com el Rey avenças, elle o conhecia por tal, e taõ valeroſo, que as naõ faria ſenaõ com muita honra ſua, e de todos os ſeus: e que ſe eſpantava delle aver taõ pouco, que andava com Caſtelhanos, e ſaber já tanta caſtelhaniſſe. E naquelle meſmo dia, em que o Prior veio falar ao Meſtre, que era o ultimo de Agoſto, recebeo o Conde de Mayorga Dona Beatris, ſendo o Meſtre preſente, e muita gente nobre, e principal do arraial, que acompanhou ao Conde; a qual o Meſtre levou de redea até fóra da Cidade, por ſer ſua parenta; e muitos fidalgos, e cavaleiros da Cidade a levaraõ até o arraial, e a ſua mãi com ella.

Neſte tempo andava Nunalvarez em Alentejo, e eſtava na Cidade de Evora, para dalli acodir a qualquer parte, onde os Caſtelhanos quizeſſem fazer dano. E ſabendo novas que Gonçalo Rodriguez de Souſa Alcaide mór de Monçaraz ſe lançára com elles, e mandára ao que por elle tinha o Caſtello, que appellidaſſe por el Rey de Caſtella, e que tiveſſe o Caſtello por elle, anojado diſto, por o lugar ſer no eſtremo de ambos os Reynos, donde elle determinava fazer algumas couſas

im-

importantes ao ſerviço do Meſtre, e tambem por fidalgos da ſorte de Gonçalo Rodriguez andarem com o Meſtre, que lhe naõ eraõ leaes, fiandoſe delles; tendo novas que o eſcudeiro, que guardava o Caſtello, naõ tinha conſigo mais que ſua molher, poucos homens, e que eſtavaõ faltos de mantimentos, deſcubrioſe a hum eſcudeiro ſeu, de que ſe fiava; e mandoulhe que com onze, ou doze, que lhe deu por companheiros, ſe foſſe de noite lançar no arrabalde do lugar: e que elle da outra parte do Caſtello mandaria lançar ſinco, ou ſeis vacas no fundo de hum valle, como que andavaõ deſemparadas, e ficaraõ de algum roubo, que os Caſtelhanos levavaõ. E que entendia que o Alcaide ſahiria a ellas pola porta da treiçaõ, e naõ curaria de a fechar, por trazer as vaccas pera o Caſtello; e que elles eſtiveſſem em eſpia, para que, como o viſſem ſahir do Caſtello, logo de improvizo ſaltaſſem todos dentro, e fechaſſem as portas ſobre ſi á preſſa. Os eſcudeiros foraõ; e huns ſe meteraõ em caſas, que eſtavaõ junto com a cerca, outros entre penedos, e barrancos, que ahi eſtavaõ perto. E ſendo as vacas ante manhaã lançadas, onde Nunalvarez ordenara, o Alcaide em ſe levantando as vio andar; e crendo que Deos lhe fazia grande mercê em lhe deparar aquellas rezes para acodir á ſua neceſſidade, ſahio logo a ellas rijamente, deixando a porta aberta, e ſem guarda, cuidando de tornar logo com as vacas. Os eſcudeiros, que eſtavaõ em eſpia, como o viraõ ſahir, foraõſe logo de preſſa á porta, e entraraõ no Caſtello, e lançaraõ a molher do Alcaide, e os que com ella eſtavaõ, fóra; e fizeraõ ſaber a Nunalvarez, que o Caſtello era tomado: do que elle folgou muito; e muito mais o Meſtre, por a confiança, que tinha em Gonçalo Rodriguez. E entaõ en-

tendeo com quanta razaõ ſenaõ fiara delle na Capitania mór da armada, que veio do Porto, que em ſeu lugar ſe deu ao Conde D. Gonçalo, como eſtá dito atraz.

CAPITULO XXXVI.

De hum encontro, que Nunalvarez teve com os Caſtelhanos junto de Badajós: e como foi deſafiado delles outra vez, e os cometeo em Palmela.

EL Rey de Caſtella, que eſtava mui ſentido da morte do Meſtre Dalcantara, que morrera no recontro de Fronteira; e da guerra, que Nunalvarez lhe fazia naquella Comarca além do Tejo; mandava ás vezes algumas gentes do ſeu arraial contra aquella parte: e entre elles foi Joaõ Rodriguez de Caſtanheda, cavaleiro notavèl, e mui esforçado, que era Capitaõ de 300 lanças; e Garcia Fernandez Comendador mór da Ordem de S. Tiago, com outra copia de cavaleiros acompanhados de muita gente, que mandou a Badajós, para por dalli fazerem entrada em Portugal.

Sabendo Nunalvarez a tençaõ daquellas gentes, foiſe caminho de Elvas, antes que Joaõ Rodriguez partiſſe de Badajós, por lhe eſcuzar trabalho. Joaõ Rodriguez como ſoube que elle era em Elvas, que diſta dalli tres legoas, mandoulhe dizer por hum trombeta, que bem ſabia como el Rey de Caſtella ſeu ſenhor per direito era legitimo Rey de Portugal: e que, ſe o elle quizeſſe ſervir, faria com elle que lhe fizeſſe muitas mercês, e acrecentamento; e que, ſe o naõ quizeſſe fazer, o iria buſcar, e que o eſperaſſe, que logo ao outro dia era com elle para lhe dar batalha, ſe elle a quizeſſe aceitar. Nunalvarez re-

cebeo

cebeo bem o trombeta, e o mandou agazalhar mui bem, e lhe deu despois em resposta, que dissesse a Joaõ Rodriguez, que bem sabia elle que nos contratos, e capitulaçoẽs, que el Rey de Castella fizera com el Rey D. Fernando, quando com elle casara sua filha, eraõ conteúdos certos capitulos, e condiçoẽs, que elle naõ cumprio, e se viera meter no Reyno contra o juramento, que tinha feito. E que elle mandasse dizer a el Rey de Castella, que levantasse o cerco de Lisboa, e se tornasse para sua terra, cumprindo as capitulaçoẽes, como nellas se continha: e que desta maneira seriaõ todos concordes com elle; e doutra maneira naõ. E que quanto ao que dizia, que o viria buscar, e darlhe batalha, que folgava muito com sua vinda; e que lhe teria feito de jantar. Ao outro dia de manhaã se partio o trombeta com esta resposta; e ainda naõ seria aquelle mensageiro fóra das vinhas, quando Nunalvarez mandou tocar as trombetas, e sahiraõ os da Villa com elle taõ ledos, como se fossem a a huma festa; e do mesmo modo os homens de armas, e os pioẽs. Os homens de peleja, que Nunalvarez comsigo tinha, eraõ quatrocentas lanças, e piaẽs, e besteiros. Joaõ Rodriguez tinha 500 homens de armas, e 500 ginetes, e muita gente de pé, assi dos que comsigo trouxera, como dos moradores de Badajós. Contando o trombeta o que passara com Nunalvarez, riaõse Joaõ Rodriguez, e os outros da reposta como em escarneo; mas Nunalvarez, que nas cousas de sua honra naõ era descuidado, foi visto logo dos Castelhanos. Os quaes espantandose da presteza, com que os veio buscar, cavalgaraõ mui á pressa, e sahiraõ da Cidade, e tentaraõ impedirlhe o porto da ribeira de Guadiana, que vai dahi perto. Mas Nunalvarez o passou, em que lhe a elles pezou; alli foi travada

huma

huma grande efcaramuça, e bem renhida; na qual foraõ prezos 20 efcudeiros de Joaõ Rodriguez, e muitos feridos; pollo que lhe foi forçado com os feus dar volta, e acolherfe á Cidade; e recolhido mandou cerrar as portas. Nunalvarez fe deteve grande efpaço ao redor do lugar hum tiro de béf-ta, a ver fe fahiaõ outra vez fóra, para fe vingarem; mas elles naõ ouzaraõ. E Nunalvarez fe veio para Elvas com fua gente pofta em ordem, e de feu vagar.

Defpois difto affi paffar, mandou el Rey de Caftella hum Capitaõ famofo de feu arraial, por nome Pedro Sarmento, Adiantado mór de Galiza, que era avido por hum grande homem de armas, ao qual deu poder que tomaffe de fuas gentes quantas quizeffe, e fe foffe a Alentejo em bufca de Nunalvarez, encarregandolhe, que de morto, ou prezo lhe naõ efcapaffe. E eftando ainda Nunalvarez em Elvas, lhe chegou recado, que no Crato eftava muita gente Caftelhana; e que do arraial del Rey, que eftava fobre Lisboa, avia de vir muita mais, para fe ajuntar com elles Pedro Sarmento, e o Prior D. Pedro Alvarez Pereira com feifcentas lanças. Sabendo ifto Nunalvarez, determinou vir-lhe ao caminho na Ponte do Soro, antes que fe ajuntaffe com as outras gentes: e partindo de preffa de Elvas, andou naquelle dia com feu exercito fete legoas, e foi alojar á fonte da Figueira, que eftá no cabo do Ameal, caminho do Cano; e como foi manhãa, partio Nunalvarez caminho da Ponte do Soro: e indo além de Aviz, lhe veio certo recado como Pedro Sarmento, e o Prior feu irmaõ aviaõ paffado por aquelle lugar caminho do Crato: do que lhe pezou muito; e dahi fe foi a Evora.

Eftando Nunalvarez em Evora, lhe veio recado

cado do Mestre como do arraial del Rey de Castella eraõ partidas seiscentas lanças para se ajuntarem no Crato com a outra gente, e lhe darem batalha; e que o encomendava a Deos. E com isto lhe mandou dinheiro para soldo de hum mez. Apôs este recado lhe chegou outro, que Pedro Sarmento, e o Prior D. Pedro Alvarez seu irmaõ, Joaõ Rodriguez de Castanheda, o Conde de Nebla, o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ, que succedera a Diogo Gomez de Barroso, que morreo na batalha de Fronteira, Martim Anes de Barbuda, que se chamava Mestre de Aviz, e despois o foi de Alcantara, e outros fidalgos, e escudeiros, que faziaõ por todos duas mil e quinhentas lanças, e seiscentos ginetes; e muitos bésteiros, e gente de pé, eraõ juntos no Crato, e ahi se faziaõ prestes para o vir buscar, e darlhe batalha; e dahi correr, e roubar toda a Comarca de Entre Tejo, e Guadiana. Polo que Nunalvarez mandou logo pela Comarca ajuntar mais gente da que tinha consigo: e foraõ todos, os que pode ajuntar, quinhentas e trinta lanças; e entre homens de pé, e bésteiros sinco mil. Aquelles Capitaẽs todos partiraõ do Crato correndo a terra; e chegaraõ á Villa de Arrayolos, a qual lhe deraõ logo os que ali estavaõ, principalmente Gonçalo Mendez de Oliveira, que era parente da Rainha.

De Arrayolos mandou Pedro Sarmento por hum fidalgo de sua companhia, por nome Garci Gonçalves de Ferreira, a Nunalvarez huma carta mui descortez, e cheia de palavras mui injuriosas, chamandolhe homem de pouco primor. A' qual carta Nunalvarez naõ quiz responder, nem darse por achado della, como homem de grande animo, que era, em quem naõ podia caber injuria. Tambem lhe mandou Pedro Sarmento huma espada de armas

de

de ambas as mãos, dizendo ao menſageiro que lha deſſe de gajas, e que o deſafiaſſe da ſua parte, e lhe diſſeſſe que, ſe viſſe a campo com elle, o avia de açoutar nas nadegas como a hum menino. Nunalvarez ſem moſtrar movimento algum em ſeu animo, com roſto mui ſereno, recebeo o menſageiro, e tomou a eſpada, e aceitou o deſafio; e ao menſageiro mandou apoſentar mui bem, dizendo que elle lhe daria a repoſta: e ouve ſeu conſelho de elle ir primeiro buſcar os Caſtelhenos, antes que eſperalos. Ao outro dia mui cedo, tendo ouvido Miſſa, mandou chamar aquelle Caſtelhano, que lhe trouxera a carta de deſafio, e lhe diſſe com ſembrante mui alegre: Cavaleiro amigo, agora vos ide com Deos, e dizei a meu amigo Pedro Sarmento, e a eſſes Capitaẽs, que eſtaõ em ſua companhia, que venhaõ ao caminho quando quizerem; que ahi me acharaõ preſtes, como elles deſejaõ. O cavaleiro ſe partio eſpantado da moderaçaõ, e esforço de Nunalvarez, e quaõ pouco caſo fez da deſcortezia da embeixada, que elle trouxera.

Eſtando Nunalvarez para comer, foi certificado que os Caſtelhanos ſe vinhaõ chegando quanto podiaõ; e logo mandou fazer ſinal ás trombetas para cavalgar: e a gente aſſi em pé comeo, e bebeo alguns bocados, e puzeraõſe a ponto mui á preſſa. Partio com todos mui ordenadamente, e foi além da quinta da Oliveira, que eſtá pouco mais de huma legoa da Cidade; e alli ſe deteve, e eſperou os inimigos, ſem elle comer couſa alguma aquelle dia, por aguardar os Caſtelhanos, mais que hum pedaço de paõ, e huma vez de vinho, que hum ſoldado de pé acertou levar, e lhe offereceo. Quando veio pola manhaã muito cedo, partioſe caminho da Ribeira do Odivor, e ahi ordenou as ſuas batalhas a pé, aſſi como antes. Alli veio Pedro

dro Sarmento, e o Prior; e os mais ordenaraõ ſua batalha a cavalo na vangarda, e retaguarda, e alas mui juntas humas das outras, e deixaraõſe eſtar quedos, ſem moſtra de quererem pelejar. Os ginetes dos Caſtelhanos cercavaõ aos Portuguezes de maneira, que de Evora naõ podia nenhum vir para a companhia de Nunalvarez, nem dos ſeus ſahir para fóra, que logo naõ foſſe prezo. E faziaõ os ginetes algumas arremetidas nos homens de pé, e onde melhor lhes parecia; mas tudo achavaõ preſtes para a defenſaõ, ſem lhes poderem fazer dano. Os Caſtelhanos eſtiveraõ eſperando hum grande eſpaço, receando começar a batalha: e mandaraõ dizer a Nunalvarez, que bem via que ſeu jogo era de partido; e que da tençaõ, que tinha, naõ curaſſe, porque viſto eſtava que ſe naõ podia defender delles: que ſe vieſſe ao ſerviço del Rey de Caſtella, e lhe faria grandes mercês, como elle merecia: e que mais ſaõ conſelho era aquelle, que perderſe a ſi, e a quantos conſigo tinha. Nunalvarez reſpondeo ao menſageiro que ſe foſſe em boa hora: e diſſeſſe aos que o mandaraõ, que naõ perdeſſem tempo; e que, pois o deſafiaraõ, e o tinhaõ ali preſtes, naõ faziaõ como bons cavaleiros em recuzarem a batalha, ſendo tantos, e taõ bem concertados; e elles polo contrario. E que, pois elles vinhaõ a cavalo buſcar a batalha, elles a deviaõ começar primeiro; ou que ordenaſſem elles ſua batalha a pé, como os Portuguezes eſtavaõ; e que os Portuguezes começariaõ. A iſto naõ reſponderaõ os Caſtelhanos, e deixaraõſe eſtar com a ſua batalha; e á noite ſe afaſtaraõ de Nunalvarez hum pedaço. Nunalvarez entendendo que faziaõ aquillo com manha, porque os viaõ eſtar esfaimados, por aver dous dias, e huma noite que eſtavaõ fóra da Cidade ſem comerem, pola preſſa com que

ſahiraõ, e que ao recolher os poderiaõ matar a ſeu ſalvo ſem batalha, determinou recolherſe a Evora aquella noite, e tornar apercebido de mantimentos, ſe os Caſtelhanos quizeſſem pelejar: e chegando Nunalvarez alta noite á Cidade, ſoube como os Caſtelhanos levantaraõ ſeu arraial, e ſe foraõ caminho de Viana cinco legoas de Evora, aonde andaraõ deſtruindo, e roubando. E dahi partiraõ Pedro Rodriguez Sarmento, e Joaõ Rodriguez de Caſtanheda com ſetecentas lanças caminho de Lisboa ao arraial; porém naõ foraõ bem recebidos del Rey, por naõ pelejarem com Nunalvarez: e querendoſe elles deſculpar, lhes naõ recebeo a deſculpa, dizendo que Nunalvarez naõ lhe podia mais fazer, que ir a buſcalos ſendo deſafiado delles, e porſe em campo, em ordem de peleja, eſperando dous dias, ſem elles ouzarem pelejar: o que ſe naõ podia imputar ſenaõ a grande covardia. Das quaes palavras del Rey ſe afrontaraõ muito aquelles cavaleiros pola falta, em que cahiraõ.

Eſtando Nunalvarez enfadado da manha, que os Caſtelhanos com elle tiveraõ, fazendoo pôr em ordem de batalha duas vezes, ſem quererem vir a ella, e roubarem a terra, de que elle era Fronteiro, deſejava de vingar aquella zombaria. E tendo eſpiado o que Pedro Sarmento, e Joaõ Rodriguez faziaõ com ſua gente, que paſſava de trezentas lanças, a fóra homens de pé, e alguns béſteiros, ſe veio a Palmella, e dahi a Almada por caminhos deſviados das eſpias, que os Caſtelhanos tinhaõ poſtas para lhes dar aviſo, ſe elle vieſſe. Em huma manhaã, eſtando ainda muitos dos Caſtelhanos na cama, entrou pelos arrabaldes de Almada; e ſem embargo da reſiſtencia, que nelles achou, e em Joaõ Rodriguez de Caſtanheda, matou muitos, e ferio muitos mais; e os ſeus roubaraõ o lugar

dos

dos cavalos, e azemelas, e armas, e das melhores cousas, que tinhaõ os Castelhanos, e deixaraõ, naõ podendo com a pressa levar alguma. Os quaes como homens atonitos, com taõ subito rebate, se escondiaõ polos telhados, e lugares escuzos, e imundos. E despois que o arrabalde foi todo esbulhado, e primeiro, que tudo, a casa de Pedro Sarmento, mandou Nunalvarez tocar as trombetas, e recolher toda a gente. Recolhidos todos, se foi a hum monte sobre o mar, e felos pôr em ala ordenada, com a bandeira estendida, dando a gente apupos, e tangendo as trombetas com final de alegria á vista del Rey de Castella, e dos do seu arraial, e de toda a Cidade: os quaes cuidavaõ que era gente da Villa, que faziaõ alardo para lhe pagarem soldo. E os da Cidade cuidavaõ que eraõ Castelhanos. Mas el Rey de Castella, que sabia que naõ lhes mandara pagar soldo, naõ sabia o que era; e cuidando que por ventura ordenaria aquillo Pedro Sarmento, o mandou chamar: e perguntandolho, Pedro Sarmento lhe disse, que naõ sabia, mas que lhe parecia ser Nunalvarez Pereira. Em verdade (disse el Rey) essa he boa reposta, serdes vós fronteiro daquelle lugar, e virvos hum escudeiro de cinco rocins fazer tal sobrançaria! Agradeceio, senhor, a Deos (disse Pedro Sarmento) e a este rio, que está entre vós, e elle; que, se isso naõ fora, aqui, onde estais, vos ouvera de vir buscar. Entaõ partio Pedro Sarmento á pressa, e meteuse em huma galé, e el Rey mandou que vogassem as outras, e metessem nellas gente de armas; o que naõ pode fazer prestes, por naõ estarem apercebidas. Nunalvarez esteve alli o tempo que lhe pareceo: de cuja vista el Rey tomou grande nojo, e os da Cidade grande prazer, quando o souberaõ. Pedro Sarmento acodio *Castilha*, *Castilha*; mas

ſendo Nunalvarez já partido: e pedindo hum cavallo dos ſeus, lhe diſſeraõ que lá o levava Nunalvarez com os mais cavalos, e fazenda, que na caſa lhe achou; e que naõ fizeraõ pouco os que eſcaparaõ vivos de ſuas mãos. E niſto pararaõ as ameaças dos açoutes, que Pedro Sarmento prometeo a Nunalvarez. O qual com os ſeus foi rindo dos feros Caſtelhanos, e deſcortezias, que deſarmáraõ em vaõ. Nunalvarez ſe foi a Coina, e á noite cear a Palmela; e no caſtello mandou fazer grandes luminarias, para moſtrar aos da Cidade que eſtava alli, e tomarem algum esforço. E o Meſtre, que com aquelles ſinaes eſtava mui alegre, mandou no eirado grande dos Paços acender muitas tochas, para moſtrar que via as de Nunalvarez.

CAPITULO XXXVII.

Padecem os cercados de Lisboa intoleravel fome: ateaſe a peſte no arraial Caſtelhano: levanta el Rey o cerco, e vaiſe para Caſtella.

EStando a Cidade de Lisboa cercada, quantos mais dias paſſavaõ, tanto menos mantimentos avia dentro nella, que por amor do cerco das naos de Caſtella naõ podia vir, e a gente era muita: porque, além da Cidadaã, e da que veio defendela, e da que veio do Porto com a armada, avia muita das aldeas, e comarcas viſinhas, que ſe veio meter nella com medo do exercito Caſtelhano. Polo que os pobres, que naõ trouxeraõ que comer, e os que viviaõ das eſmolas, e caridades dos mais ricos, começaraõ a padecer tamanha neceſſidade, e miſeria, que determinaraõ os da Cidade lançar fóra todos os pobres, e a mais gente inutil, que naõ era pera as armas, para que

naõ

naõ gaſtaſſem os mantimentos aos que eraõ pera pelejar. Os primeiros, que lançaraõ, foraõ recolhidos polos Caſtelhanos: mas quando el Rey vio que os de dentro os lançavaõ com fome, mandou que nenhum mais dos da Cidade foſſe recebido em ſeu arraial; e os que a elle vieſſem, foſſem acoitados, e tornados á Cidade, naõ ſe lembrando que muitos Principes ganharaõ muitas Cidades, e Reynos, mais pola humanidade, que com os inimigos uſavaõ, que com a força das armas, com que as combatiaõ. Porque com armas ganhaõſe os corpos, e com a humanidade os corpos, e as vontades. Em fim chegou a couſa a eſtado, que na Cidade ſenaõ achava hum paõ por nenhuma contia de dinheiro. Polo que muitos ſe ſuſtentavaõ com paõ de bagaço de azeitona, e dos queijos das malvas, e das raizes das ervas, e doutras couſas deſacoſtumadas: polas praças, e polas ruas ſe achavaõ muitos da gente pobre inchados de comerem ervas.

Após eſtes começaraõ os grandes, e ricos a padecer o meſmo; e nos roſtros amarelos, e que já naõ pareciaõ de homens vivos, moſtravaõ a fraqueza de ſeus corpos, e a triſteza de ſuas almas. Os moços pequenos andavaõ com tanta laſtima pedindo de comer pola Cidade, e com tamanha magoa, que os que os ouviaõ, e viaõ padecer, eſquecidos de ſeus males, choravaõ o daquelles innocentes. E o que mais movia á compaixaõ era, que ás molheres, que criavaõ aos peitos, faltandolhes o leite com a falta do mantimento, morriaõ os mininos, que por ſua recente idade naõ podiaõ comer aquellas immundicias, e ervas, que comiaõ os maiores. E aſſi como os enfermos com o dedo, e com a maõ moſtraõ onde lhe doe, aſſi aquella faminta gente de nenhuma outra couſa tratava, ſenaõ da falta que padecia: pelo que tudo eraõ ſuſpiros,

piros, e exclamaçoẽs; e todos a huma voz pediaõ a Deos lhes desse a morte com brevidade, e naõ taõ prolongada, e multiplicada nas penas: porque os pais, e mãis, que padeciaõ aquella extrema necessidade, viaõ estallar seus filhos, que muito amavaõ, e expirarlhes ante seus olhos, naõ de doença, nem caso fortuito, mas voluntario, por elles quererem perseverar em sua constancia: polo que rasgavaõ as faces; e as offertas, com que os enterravaõ, eraõ prantos desacostumados, e infinitas lagrimas, dando a si mesmos por culpados em suas mortes: muitos diziaõ que melhor fora naõ esperarem cerco, e deixarem antes a Cidade; outros, a que sua dôr, e a dos filhos, e molheres magoava, diziaõ que menos mal era serem sogeitos a Castella, que á morte. Mas naõ se vio pessoa alguma em tantas, e varias gentes, como alli estavaõ, que cometesse ao Mestre, que desse a Cidade, ou fizesse de si algum partido. Porque na constancia de sua liberdade estavaõ taõ seguros todos, como se de muitas provisoẽs, e vitualhas estiveraõ abastados; tendo huma guerra por fome, e outra que el Rey de Castella lhes fazia, cuja indignaçaõ, e cruel vingança temiaõ mais, que a mesma morte. Mas com toda esta fraqueza, e trabalho, quando avia algum repique, assi se ajuntavaõ, e punhaõ em armas, animosos, como se se alevantassem das mesas, e banquetes.

Por outra parte o arraial del Rey de Castella estava em outra affliçaõ, ao parecer dos Castelhanos naõ menor: porque, como está dito, a peste se hia ateando de maneira, que andando antes na gente baixa, e que se tratava, peior veio aos grandes, cujos corpos abriaõ, e salgavaõ, e tinhaõ em ataudes ao ar; e outros coziaõ para lhes tirar os ossos limpos, e os levarem a Castella ás sepulturas de seus avós.

E

E naõ ſómente iſto era na gente do arraial, mas na da armada: pelo que aſſi dos Capitaẽs da terra, como do mar, era el Rey aconſelhado que levantaſſe o cerco, e ſe foſſe; e que em tempo mais commodo tornaria a elle. A iſto naõ deferia el Rey; porque ſabendo da extrema neceſſidade de dentro, cada hora eſperava que ſe lhe rendeſſem, e naõ queria perder taõ boa ocaſiaõ, para outra vez a naõ vir buſcar com tanta deſpeza. Polo contrario o Meſtre, ſabendo a grande mortandade do arraial, eſperava que cada hora ſe levantaſſe.

A peſte ſe ateou de maneira, que cada dia morriaõ cento e ſincoenta, e duzentos, e mais; pelo que em breve eſpaço faleceraõ mais de dous mil homens de armas dos melhores, a fóra muitos Capitaẽs, e tres Meſtres de Sanctiago, a ſaber, D. Pedro Fernandez Cabeça de Vacca, D. Ruy Gonçalvez Mexia, D. Fernando Affonſo de Çamora, ſegundo Fernaõ Lopes Choroniſta Portuguez, que parece morreria poucos dias deſpois de ſer eleito, porque no Catalogo dos Meſtres naõ ſe acha. E aſſi morreraõ outros grandes, como Pedro Rodriguez Sarmento Capitaõ, de que atraz ſe faz mençaõ; Pedro Fernandez Velaſco Camareiro mór del Rey, que era peſſoa mui notavel, e de grande entendimento, e bondade; D. Fernaõ Sanchez de Tovar Almirante de Caſtella; Fernaõ Dalvarez de Toledo Marichal; D. Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorga, que avia pouco que caſara com Dona Beatriz de Caſtro, filha de D. Alvaro Pirez de Caſtro Conde de Arrayolos; D. Joaõ Affonſo de Benavides; Joaõ Martinz de Rojas; Lopo Ulhoa de Avelhaneda; treze cavaleiros del Rey da Cidade de Toledo, e outros homens de nome dos Reynos de Caſtella, e Leaõ. E foi couſa maravilhoſa, que de muitos Portuguezes, que no arraial andavaõ, dos

que

dos que ſeguiaõ a parte del Rey de Caſtella, ou priſioneiros, a nenhum ſe pegou a peſte. E vendo iſto os Caſtelhanos, ou por ſe vingarem de ſer ſó o mal delles, ou para experimentarem, lançavaõ os Portuguezes priſioneiros por força nas camas dos doentes de peſte, para ver ſe morriaõ; porem nenhum adoecia. No que parecia que tinhaõ os Caſtelhanos a Deos irado contra ſi, pelos perjurios, com que quebraraõ ſeus contratos feitos com os Portuguezes. Deſta maneira paſſavaõ os cercados, e os cercadores, e perſeveravaõ com as eſperanças mui encontradas: porque os cercados, affli&tos com fome, eſperavaõ que a peſte obrigaſſe aos cercadores aos deixar, e iremſe; os cercadores eſperavaõ que a fome obrigaſſe os cercados a ſe darem.

Andava com el Rey de Caſtella o Infante D. Carlos herdeiro de Navarra ſeu cunhado, cazado com a Infanta Dona Leanor ſua irmãa. O qual vendo a grande mortandade, que no arraial avia, e quam arriſcada andava a peſſoa del Rey, lhe aconſelhou por muitas vezes, que naõ tentaſſe a Deos, e levantaſſe aquelle cerco, e ſe tornaſſe pera ſeu Reyno; que aſſás deixava feito em ter tantas gentes em Portugal por ſi, donde fariaõ guerra ao Meſtre, e aos que por elle eſtiveſſem; e que, deſpois que ceſſaſſe aquelle mal, tornaria a cobrar o Reyno. Lembravalhe naõ quizeſſe ſer como el Rey D. Affonſo ſeu avô., que, eſtando ſobre Gibaltar, morreo no ſeu arraial de peſte; o qual, por naõ tomar o conſelho dos que lhe diziaõ que deixaſſe o cerco, e aſeguraſſe ſua peſſoa, veio a ſer ferido da meſma peſte, e perdeo a vida, e o lugar, e a mais da gente, que trazia. El Rey eſtava taõ endurecido, que, poſto que as razoẽs do Infante lhe pareceſſem bem, dizia que a Cidade eſtava em tanto aperto, que cada dia eſperava lhe vieſſem pedir

mi-

misericordia, e entregarlha. E que, se morria gente, cuidassem que entravaõ com elle em huma batalha campal, na qual morriaõ por sua honra, e defensaõ de seu Reyno: e que o caso de seu avô era differente; porque seu avô estava sobre Gibaltar, que era huma aldêa, e elle estava sobre Lisboa, que era humas das melhores Cidades da Europa; a qual tomada, lhe ficava ganhado, e pacifico o Estado de Portugal.

Estando el Rey nesta porfia, foi ferida a Rainha de duas nascidas mui rijas: por cuja causa el Rey determinou logo de se partir do cerco; e levantou o arraial hum Sabbado, despois de comer. E para que os inimigos senaõ aproveitassem do que nelle ficava, lhe mandou pôr o fogo aquelle dia, e ao Domingo seguinte; e foise aposentar da outra banda da Cidade junto com o Mosteiro de Sancto Antaõ, e esteve alli hum dia: á segunda feira, que foraõ sinco dias do mez de Setembro, partio da Cidade para Torres Vedras, muito mais triste do que vinha alegre, e confiado quando veio ao cerco. E chegando a hum lugar, donde apparecia a Cidade, dizem que disse, voltando o rostro: *O' Lisboa, Lisboa, ainda te eu veja lavrada de ferros de arado.* Este dia foi dormir á Çapataria, aldêa distante de Lisboa sinco legoas; e ao outro dia a Torres Vedras: no qual lugar a Rainha esteve em artigo de morte; mas ahi mesmo cobrou saude. E assim durou o cerco, do dia que el Rey chegou ao Lumiar, até tres dias de Setembro, em que o arraial se levantou, quatro mezes, e vinte e sete dias, naõ contando o tempo, em que o Mestre de Sanctiago, e Pedro Fernandez de Vellas começaraõ a fazer o cerco pela comarca do Lumiar; porque, contando desse tempo, se podiaõ chamar sete mezes. E de Torres Vedras se partio el Rey para Sanctarem.

CAPITULO XXXVIII.

Fazem os de Lisboa Prociſſaõ em acçaõ de Graças: faz o Meſtre Cortes: gratifica aos de Lisboa, levantandolhe muitos tributos.

QUando o Meſtre, e os da Cidade viraõ como el Rey levantára o cerco, e ſe fora com ſua gente, e os livrára Deos de tamanha tribulaçaõ, foi tanta ſua alegria, quanta ſe póde crer de homens, que da morte tornavaõ á vida; e de receios da dura ſojeiçaõ á eſperança de liberdade: polo que davaõ infinitas graças a Deos. E em huma ſolemne Prociſſaõ, em que o Biſpo da Cidade D. Joaõ Eſcudeiro, deſcalço, e reveſtido em Pontifical, hia com o Sanctiſſimo Sacramento nas mãos, foraõ ao Moſteiro da Trindade, onde ouve hum bom Sermaõ ſobre as maravilhas, que Deos uzara, livrando a Cidade do poder de tamanho Rey, e de tanta gente nobre, e luzida, de que Deos matára os primogenitos, como aos de Egypto.

Partido el Rey de Caſtella, veio Nunalvarez Pereira de Palmela a Lisboa ver o Meſtre, que o recebeo com grande alegria, e cortezia; e entre muitas couſas, que paſſaraõ, foi dizerlhe Nunalvarez, que elle ſabia como muitos fidalgos dos que conſigo tinha, lhe naõ eraõ leaes, e eſtavaõ duvidoſos de ſe paſſarem a el Rey de Caſtella. E que cumpria que o Meſtre lhes tomaſſe de novo as omenagens, e ficaſſem por ſeus Vaſſallos para o ſervirem na guerra, que eſperavaõ. Parecendo iſto bem ao Meſtre, fez que aos dous dias do mez de Outubro ſe ajuntaſſem no Moſteiro de S. Domingos; e o Meſtre lhes propôs como, tendo elle ten-

çaõ de ſe ir deſte Reyno, por os rogos dos moradores da Cidade, e dos fidalgos, que prezentes eraõ, tomára o cargo de Regedor, e defenſor do Reyno. Por a qual defenſaõ elle paſſára, e determinava paſſar muitos trabalhos. E que os que eſtavaõ por vir eraõ maiores, ſegundo a diſpoſiçaõ, em que o Reyno eſtava, e a determinaçaõ, que el Rey de Caſtella levava. E que defender os lugares, que eſtavaõ por elle, e cobrar os que eſtavaõ por Caſtella, naõ podia ſer ſenaõ eſtando todos de hum acordo; que era neceſſario tratar diſſo, e do pedido, que ſe avia de fazer para as deſpezas neceſſarias. Logo alli ſe acordou que ſobre as deſpezas para a guerra ſe trataria nas Cortes, que ſe fariaõ em Coimbra. E aos ſeis dias do meſmo mez de Outubro de mil e trezentos e oitenta e quatro, nos Paços del Rey, onde o Meſtre pouſava, foraõ juntos o Conde D. Gonçalo, D. Frey Alvaro Gonçalves Camelo Prior do Hoſpital, Nunalvarez Pereira, Diogo Lopez Pacheco, e os mais ſenhores fidalgos, e cavaleiros, que prezentes ſe acharaõ, e fizeraõ preito, e omenagem ao Meſtre de o averem por ſenhor, e o ſervir, e ajudar contra el Rey de Caſtella, e qualquer outro: e lhe beijaraõ a maõ, poſto que alguns fingidamente, como deſpois moſtraraõ: e o Meſtre lhes prometeo, e jurou de lhes guardar todos ſeus privilegios, e liberdades, e de manter o Reyno em juſtiça.

E vendo o Meſtre o grande deſejo, que os moradores de Lisboa tinhaõ de o ſervir, naõ lhes lembrando o cerco, e fome em que ſe viraõ, e a deſtruiçaõ, que tiveraõ de ſeus bens, como elle era de animo grande, e liberal, naõ ſofreo dilaçaõ em lhes remunerar em parte aquella boa vontade, nem eſperou que a Cidade lho pediſſe. E com conſelho, que ajuntou do Conde D. Gonçalo, de D. Alvaro

Gonçalves Prior do Hoſpital, de D. Lourenço Arcebiſpo de Braga, de D. Joaõ Biſpo de Lisboa, de D. Payo de Meira Biſpo de Sylves, de Nunalvarez Pereira, de Diogo Lopez Pacheco, do Doutor Joaõ das Regras, do Doutor Martim Affonſo, e de outros muitos, propôs muitas razoẽs para gratificar os ſerviços da dita Cidade. E já que de todo naõ podia ſer, em parte do que lhe merecia, e para memoria de ſua lealdade, até que pudeſſe fazerlhe mais mercês, lhe quitou para ſempre, que naõ pagaſſe relêgo, jugada de paõ, e vinho, mordomado, Anadaria, çougagem, Mealharia, Lombos, Alcavalla; e lhes fez mercê dos Paços, em que taes direitos ſe tiravaõ, e de dous Tabaliados, que avia em Veiras, e no Reguenguo de Ribamar. E que em nenhum dos Reynos, e Senhorios de Portugal, e do Algarve, aonde chegaſſem os moradores de Lisboa, pagaſſem portagem, nem outro algum direito das mercadorias, que levaſſem para cada hum lugar dos ditos Reynos, nem das que trouxeſſem de outros lugares para a dita Cidade, aſſi para ſeu uſo, como para vender: tambem fez mercê á Cidade, por aſſi lho pedir, de mandar derribar o caſtello della, que eſtava no mais alto lugar junto aos Paços, que chamaõ Dalcaçova; e logo foi poſto em terra, de que hoje em dia por memoria ficaraõ humas paredes, e janellas, que moſtraõ a grandeza, e antiguidade delle.

CA-

CAPITULO XXXIX.

Deixa el Rey de Castella Capitaẽs em varios castellos de Portugal; e ha por traça o de Torres Novas.

DEspois que el Rey de Castella partio de Torres Vedras com a Rainha saã, entrou em Santarem, levando a Rainha de redea o Infante de Navarra: e ahi fez el Rey alardo da gente que tinha, para a destribuir pelas fortalezas, que estavaõ por elle. E achou mui pouca, e mal concertada, como sohe ser a que vem da guerra, que he mui differente de quando vai a ella: e em Santarem tirou a Alcaidaria a Lopo Fernandez de Padilha, para o levar comsigo; e a deu a Diogo Gomes Sarmento seu irmaõ: e na Alcaceva da mesma Villa deixou Gomez Perez de Val de Ravanos, e com elle oitocentas lanças, e trezentos besteiros. Em Cintra deixou o Conde D. Henrique Manoel seu tio; em Torres Vedras Joaõ Duque; em Alenquer Vasco Pirez de Camoẽs; em Obidos Joaõ Gonçalves Teixeira; em Leiria Garcia Rodriguez, Meirinho mór que fora del Rey D. Fernando; em Torres Novas Affonso Lopez de Texeda, Commendador de Sanctiago, por levar comsigo Gonçalo Vasquez de Azevedo; em Penela, e Miranda o Conde de Viana; em Castello de Vide Gonçalianes; em Villa Viçosa Vasco Porcalho; em Portel Fernaõ Gonçalvez de Sousa; em Monforte Martim Anes de Barbuda, que despois foi Mestre de Alcantara; em Campo maior Payo Rodriguez Marinho; em Moura Alvaro Gonçalvez de Moura; em Olivença Pedro Rodriguez da Fonseca; em Mertola Fernaõ de Anes, Commendador mór de Sanctiago;

ctiago; em Guimaraẽs Aires Gomez da Silva; em Ponte de Lima Lopo Gomez de Lyra; em Braga Joaõ Lourenço Budal. E assi outros Alcaides mores nas fortalezas que tinhaõ. Ao Prior do Hospital D. Pedro Alvarez Pereira deixou nas fortalezas de seu Priorado, para que as guardasse. E em todos aquelles lugares ficou a gente, que parecia necessaria.

De Sanctarem foi el Rey a Torres Novas, aonde Gonçalo Vasques de Azevedo Alcaide mór o naõ sahio a receber. O qual, posto que de principio fizera com os de Sanctarem que dessem a Villa a el Rey de Castella, com tudo naõ foi ao cerco de Lisboa, nem se entremeteo mais em cousas del Rey; mas, segundo alguns diziaõ, já a este tempo estava amigo do Mestre, e tinha já recebido delle dinheiro para soldo. E com o Mestre estava já Alvaro Gonçalvez de Azevedo seu filho, que foi a Lisboa na armada de Portugal com os seus escudeiros, e esteve em serviço do Mestre até que se lançou com os Castelhanos com Gonçalo Rodriguez de Sousa. Vendo pois el Rey de Castella que Gonçalo Vasquez o naõ vinha receber, naõ foi pousar ao castello. E estando assi el Rey na Villa, nenhum Castelhano hia dentro ao castello; e Gonçalo Vasquez vinha á porta quando lhe queriaõ dar algum recado. E, posto que el Rey o mandou chamar por vezes, sempre se escuzou; arreceando o que despois lhe aconteceo. El Rey tendo disto grande pezar, e entendendo, que partindose da Villa, logo Gonçalo Vasquez a avia de entregar ao Mestre, determinou todavia por manha levalo comsigo; e para melhor se effeituar, succedeo que Inez Affonso, molher de Gonçalo Vasquez, foi visitar a Rainha Dona Briatís com quem se criara, e tinha cunhadio, por Gonçalo Vasquez ser seu parente. E dizen-

dizendo-lhe el Rey, e a Rainha como seu marido mostrava claramente naõ lhe ser leal, avendo tantas razoẽs para o contrario, por elle desejar de lhe fazer muitas mercês: ella, que era leve da cabeça, como saõ algumas molheres, lhe prometeo que traria seu marido a seu serviço.

Indo para casa, fez grandes prégaçoẽs a seu marido, sem o poder reduzir: polo que ao outro dia, sahindose pola porta da treiçaõ, se foi ao Paço sem seu marido o saber, dizendo em casa que a mandara chamar el Rey. Despois que el Rey a teve consigo, mandou dizer a Gonçalo Vasquez que lhe fosse falar: e escuzandose elle disso, lhe mandou el Rey dizer que naõ relevava; que, pois lá tinha sua molher, bastava: que se ficasse com Deos, porque ella iria a Castella. Gonçalo Vasquez, que atè entaõ naõ sabia da ida de sua molher, ficou atonito; e movido do amor, que lhe tinha, porque lha naõ levasse, foi logo falar á el Rey, e lhe entregou o castello. Como el Rey o teve consigo, mandoulhe a molher, e a nora para casa; e a elle levou para Castella com Alvaro Gonçalvez seu filho: e deixando por guarda do castello a Affonso Lopez de Texeda, partio de Torres novas, e dahi a sete dias partio a armada para Castella.

CAPITULO XI.

Como el Rey entrou triste em Castella, e fez algumas mercês a Portuguezes. Trata o Mestre de recuperar Cintra; impedeo huma chuva notavel.

AO tempo que el Rey partio de Sanctarem, se ajuntaraõ com elle todos os que levavaõ os ossos de seus parentes, ou senhores, que no cerco morreraõ de peste, que era huma grande

com-

companhia, que hia em ordem diante del Rey, ſem miſtura de gente de armas; mas cada hum hia em ſeu Ataude cuberto de negro, em Azemelas com ſeus criados ao redor a pé, todos veſtidos de grande luto, e detrás a gente de cavalo, que a cada hum acompanhava na vida, com a bandeira de ſuas armas: e hia hum diante do outro por ordem; couſa que fazia hum laſtimoſo, e triſte ſpectaculo, como era ver tantos grandes, e ſenhores, e muitos delles na flor de ſua idade, ſem fazerem algum feito honroſo, mortos ſó pola contumacia de hum Rey mancebo, inimigo de bom conſelho. El Rey hia mui triſte, aſſi polo mao ſuceſſo do cerco de Lisboa, como por ver tamanha perda de homens de porte, e valeroſos, que naquella jornada perdera; e que taõ pouco avia trouxera de ſuas terras taõ proſperos, e concertados, e taõ alegres pera o ſervirem: e que agora, como em manadas, os levava anteſi; de que daria má conta a ſuas molheres, e a ſeus filhos; e aos pais, e mãis, que lhos entregaraõ. E como el Rey foi na raya, logo os corpos dos defuntos ſe apartaraõ cada hum pera ſua terra.

E para el Rey aſſegurar a gente de Portugal, que ſeguia ſuas partes, e terem eſperança que os galardoaria, e acrecentaria; e em ſua auſencia ſenaõ mudaſſem, paſſandoſe ao Meſtre, e tambem por levar a Caſtella alguns homens de Portugal poderoſos, de que ſe temia, com pretexto de os querer galardoar; começou de lhes fazer algumas mercês em Caſtella, como foi a D. Pedralvez Pereira Prior do Crato, irmaõ de Nunalvarez Pereira, a que deu o Meſtrado de Calatrava, paſſando D. Pedro Nunez de Godoy, que o era, a Meſtre de Sanctiago, ficou entaõ o Priorado do Crato a D. Alvaro Gonçalvez Camelo, que no tempo del

Rey

del Rey D. Fernando fora privado no dito Priorado polo Graõ Meſtre de Rhodes; mas, por el Rey D. Fernando ter em vontade dalo ao dito Pedro Alvarez, o impetrou de Clemente Antipapa, a quem elle ſe acoſtara, dizendo, que o Graõ Meſtrc eſtar polo Papa Urbano Sexto naõ aprovava a eleiçaõ, que fizera de D. Alvaro Gonçalves: e deſta maneira ouve D. Pedro Alvarez o Priorado, e Alvaro Gonçalves o nome de Prior, até que, deſpois da ida de D. Pedro Alvarez, foi Prior inteiramente.

Tanto que el Rey de Caſtella ſe partio deſte Reyno, a primeira couſa, que o Meſtre emprendeo, foi aver os lugares viſinhos a Lisboa, que eſtavaõ por el Rey de Caſtella: e teve tratos com alguns da Villa de Cintra (que diſta cinco legoas da Cidade, onde eſtava por Fronteiro o Conde D. Henrique Manoel) para que lhe deſſem o caſtello; que por cauſa do alto, e fragoſo ſitio, he grande fortaleza, com a Villa ao pé, que naõ he cercada. E em tempo determinado entre elles, que era aos quatorze dias de Outubro do dito anno de mil e trezentos e oitenta e quatro, a hora de Veſpora, mandou o Meſtre ſahir fóra da Cidade a hum rocio perto della, que chamaõ de Santa Barbara, eſſa pouca gente de cavalo, que avia; e outra gente de armas, e peaẽs, moſtrando que queria fazer alardo; e deſpois que foraõ juntos, apartou o Conde D. Gonçalo, e o Arcebiſpo de Braga D. Lourenço, e outra gente, que quiz levar; e os outros mandou para a Cidade: e com aquelles, que eſcolheo, foi caminho de Cintra: dos quaes os mais hiaõ a pé, por aver falta de beſtas, de que ſe tiraraõ no cerco, por naõ as poderem manter. E indo naõ longe da Cidade, começou huma leve chuva, e humas nuvens, que pouco, e pouco creceraõ

tanto, que veio a cahir huma das maiores chuvas, que os homens tinhaõ visto; e a noite se tornou taõ escura, que pella mesma estrada naõ podiaõ passar com agoa; e excediaõ tanto as agoas por cima das pontes, que naõ podiaõ passar mais por ellas, que pelos mesmos rios. Com esta grande chuva, e continua cerraçaõ, se levantou hum espantoso vento, e tantos trovoẽs, e relampagos, que parecia que o mundo se acabava, ou que começava outro diluvio. Polo que, perdendo a guia o tino, e empeçando huns nos outros, que senaõ viaõ, acordou o Mestre, tendo já andado quatro legoas, que se tornasse cada hum como pudesse; porque lhe parecia, que Deos naõ era servido daquella sua ida. Finalmente foi a tempestade tal, que nas pontas das lanças de muitos se viraõ daquellas candêas, que os antigos chamavaõ Castor, e Pollux; e os mareantes agora chamaõ Corpo Santo. A agoa na Cidade foi tanta, que, fazendo repreza ao passar pelos canos da Mouraria, que estaõ no muro junto á porta de S. Vicente, sahia pola porta, e cobria ametade do postigo; e derrubou muitas casas, que ahi estavaõ perto, com o grande impeto da corrente: e entrando pola Cidade, derrubou a cerca de S. Domingos, e entrou dentro em altura de quatro covados e meio, e allagou as cellas dos Frades, que eraõ terreas, e huma boa livraria, que avia no Mosteiro; e sahia taõ rija pela porta da Igreja, que derrubou o muro, e hum poste do alpendre; e todo o rocio até á Ribeira parecia hum mar, em que ouvera algum naufragio; porque andavaõ muitos toneis de vinho nadando pola rua das Esteiras, e rua Nova, e huma galé na tarracena del Rey. E ao outro dia chegou o Mestre muito desacompanhado, porque a tormenta os dividio.

CA-

CAPITULO XLI.

O Meſtre toma poſſe de Almada: entra por força Alenquer: põe cerco a Torres Vedras: trazemlhe algumas novas roins

QUando el Rey de Caſtella partio do cerco de Lisboa, mandou chamar alguns dos moradores de Almada mais honrados, e lhes rogou, que lhe foſſem leaes, e bons Vaſſalos; e que por iſſo lhes faria mercê: e que para eſtar ſeguro delles, lhe deſſem em arrefens os filhos dos homens principaes da Villa, para os mandar a Caſtella na ſua armada. E que, ſendo leaes, teria elle cuidado de lhos criar, e os cazar, e lhes fazer muitas mercês. Os de Almada, vendo que naõ podiaõ al fazer, lhe deraõ 20 moços dos principaes, entre machos, e femeas, que ſe entregaraõ ao Almirante da armada. Partido el Rey, ficou a armada por alguns dias, e foi para Cezimbra, donde tornou a arribar; e quatro galés foraõ direitas a Almada, e ſahiraõ fóra muitos, ſeguros, cuidando que a Villa eſtava como dantes por ſua. Os da Villa, que entaõ começavaõ a vindimar, e andavaõ fóra, quando viraõ aos das galés ſahir em Cacilhas, que he mui perto da Villa, repicaraõ o ſino de preſſa, e foraõ juntos. Os Caſtelhanos andavaõ já no arrabalde trabalhando por levar o vinho, que achavaõ. Os Portuguezes lho defenderaõ, matando, e ferindo nelles de maneira, que lhes foi neceſſario cortar os proizes, que tinhaõ em terra, jurando os Capitaẽs que lhe aviaõ de matar os filhos, que levavaõ em arrefens; e aſſi ſe foraõ. Sabendo iſto o Meſtre, folgou muito, e lhes mandou os agradecimentos; e elles tomaraõ ſua parte,

e lhe mandaraõ dizer, que fosse tomar posse daquelle lugar, que lho queriaõ entregar, posto que soubessem que lhe aviaõ de matar os filhos. Aos tres dias, que as galés partiraõ, passou lá o Mestre com o Conde D. Gonçalo, e duzentas lanças; e os da Villa o sahiraõ a receber em Procissaõ.

Acabando o Mestre de tomar Almada, lhe veio recado dos da Villa de Alenquer, com que tinha tratado, que partisse logo para a cercar, e que fosse lá ante manhã; e embarcando huma tarde em trinta e sinco barcas, mandou gente por terra. Chegando á Villa, ouve muitas escaramuças. E avendo duvida se dariaõ combate á Villa, por os Portuguezes serem poucos, e os Castelhanos mui fortes, o Doctor Joaõ das Regras, que estava na companhia, respondeo, dizendolhes: O' senhores, essa he a verdadeira peleja, onde hum Portuguez naõ peleje com hum só Castelhano, mas com tres, e com quatro, se for necessario; e aqui naõ podeis al fazer; senaõ combater com boa vontade, posto que as portas sejaõ fortes. Entaõ se chegaraõ, e pozeraõ fogo ás portas da barbacaã; mas com a força das pedradas, importou arredaremse. E tornando outra vez á escaramuça, ouve huma grande volta, na qual morreraõ de huma virotada pelo rostro Joaõ Affonso filho de Affonso Esteves da Azambuja, e Gil Affonso criado do Mestre. E ahi aconteceo que dous bésteiros, hum da Villa, e outro do arraial, atirou hum a outro, e daquelle primeiro tiro se acertaraõ ambos, e cahiraõ logo mortos. Dahi a pouco começou a faltar agoa aos da Villa, por huma couraça, que estava começada, naõ ser ainda de tal altura, que della a podessem tomar. E vendo Vasco Pirez de Camoés os grandes aparelhos, que o Mestre já tinha para combater a Villa, de engenhos, e tiros, que mandara

vir

vir de Lisboa, ſe veio dar a partido, que ſe ſahiſſem os homens de armas, e beſteiros Caſtelhanos, e ſe foſſem para Sanctarem com todo o ſeu; e que elle eſtiveſſe por o Meſtre. E ſe a Rainha Dona Leanor, que lhe dera aquelle caſtello, tornaſſe a Portugal em ſua liberdade, ſem companhia de Caſtelhanos, para lhe ajudarem a defender o Reyno, lho entregaſſe, por naõ cahir em mao caſo; e que a gente de armas, que ficaſſe na Villa para guarda della, foſſe quem quizeſſe o meſmo Vaſco Pirez. O qual, feita a omenagem, eſcolheo para ficarem com elle, Ruy Cravo, Gonçalo Gonçalves Borges, e Fernaõ Gonçalvez da Amexoeira, e outros, que eraõ ſeus comprades, e amigos.

Como o Meſtre ouve Alenquer, partio para Torres Vedras, onde já eſtava Joaõ Fernandez Pacheco com alguma gente começando a cercar a Villa. O que tinha o caſtello, como já eſtá dito, era Joaõ Duque fidalgo Caſtelhano, que eſtava bem acompanhado de gente de armas, e béſteiros. E, porque o lugar era forte, e Joaõ Duque esforçado Capitaõ, e avia paſſado muitas eſcaramuças ſem effeito algum, determinou o Meſtre mandar fazer huma grande mina, que foſſe ſahir ao adro da Igreja de Santa Maria dentro da Villa: mas alguns, que o Meſtre trazia conſigo, e que determinavaõ de lhe fazer treiçaõ, davaõ aviſo aos inimigos de todos os conſelhos, e determinaçoẽs do Meſtre, e o deſviavaõ do modo, que queria levar naquelle negocio para ajudar aos contrarios; e deſta maneira ficarem vaõs todos ſeus deſenhos. A cauſa ſe foi continuando por eſpaço de tantos dias, até que paſſaraõ o muro, e eſtavaõ entre o muro, e o caſtello, junto da Igreja. Joaõ Duque, que de tudo era aviſado polos do conſelho do Meſtre, naquelle lugar, onde aviaõ de ſahir, mandou armar huma tenda,

da ; e abrindo outra contramina , ſe encontraraõ os Portuguezes com os Caſtelhanos : onde avendo muita reſiſtencia dos de cima com defenſoẽs de taboado, com que impediaõ a ſahida aos da mina ; e os de dentro com fogos , e com tiros , ouve muitos feridos de huma parte , e da outra , até que ceſſaraõ da porfia. O Meſtre vendo ſer iſto em vaõ , mandou fazer outra mina ; e com arteficios de fogo fez vir a terra grande lanço do muro , e certas torres. Mas como os de dentro eraõ aviſados de tudo , eſtavaõ já apercebidos , e tinhaõ por dentro feito hum muro de cubas , e toneis cheos de terra , com que ficou o lugar mais forte.

Eſtando o Meſtre anojado polo mao ſucceſſo daquelle cerco , lhe vieraõ , eſtando nelle , novas , que naõ ſentio menos : eraõ naõ ſucceder bem a Nunalvarez o cerco de Villa Viçoſa , e morrer nelle Fernaõ Pereira ſeu irmaõ ; e outras taes novas da prizaõ de D. Lopo Diaz Meſtre de Chriſto , e do Prior D. Alvaro Gonçalvez Camelo , que eſtando ſobre Torres Novas ſó com oitenta lanças , e pouca gente de pé , foraõ tomados de improviſo por Diogo Gomez Sarmento , que acudio de Santarem. E dando Affonſo Lopez de Texeda ſobre elles , pelejaraõ , e foraõ prezos , e levados a Santarem. Outras novas foraõ , que entraraõ no porto de Lisboa duas galés de Caſtella alta noite , e tomaraõ huma nao de mercadorias , e duas galés deſarmadas ; e que tudo queimaraõ , por os da Cidade acudirem , e lhes naõ darem vagar. Mas como o Meſtre era prudente , e de grandes eſpiritos , poſto que muito ſentia aquelles maos acontecimentos , a todos moſtrava roſto ſereno , e cheio de eſperanças de melhor ſucceſſo , dizendo que natural era das guerras darem nojos , e prazeres aos que nellas andavaõ. E que apôs aquellas novas de deſgoſto viriaõ outras de prazer.

CA-

CAPITULO XLII.

El Rey de Castella pretende matar o Mestre por huma treiçaõ: he descuberta, e castigado hum dos conjurados.

VEndo el Rey de Castella que os Portuguezes, que lhe resistiraõ, eraõ taõ poucos, e naõ dos principaes do Reyno; e que sómente confiados no esforço, e grande valor do Mestre, lhe resistiaõ: e que, sendo o Mestre extincto, ficariaõ como corpo sem cabeça, e sem vida, e se podia aver o Reyno de Portugal facil, e pacificamente, nenhuma cousa mais cuidava, que no modo com que fosse morto o Mestre. E o caminho, que via mais facil, e mais secreto, era ter de sua maõ alguns Castelhanos, que com o Mestre andavaõ; que, como naturaes a Castella, e naõ naturaes ao Mestre, podia com dadivas, e promessas induzilos a lhe fazerem treiçaõ. E como o Mestre era de taõ generoso animo, em que naõ cabia desconfiança, guardavase menos delles, do que a outros parecia que devia fazer. Por os quaes dizia a Rainha Dona Leanor, estando retirada em Castella, que o Mestre todos os dentes se lhe abalavaõ, senaõ hum; e por os que se abalavaõ, entendia os Castelhanos, que consigo trazia; e por hum só, que estava firme, entendia Nunalvarez Pereira seu leal servidor. Polo que, querendo el Rey de Castella tentar o que tanto desejava, escreveo huma carta a D. Pedro Conde de Trastamara, lembrandolhe a razaõ, que ambos tinhaõ, que era serem filhos de dous irmaõs, e naõ ter elle mór inimigo no mundo, que o Mestre de Aviz, a quem servia, contra quem (para bem ser) ouvera de an-

dar.

dar. Rogavalhe quizesse apartarse de seu inimigo, e servilo a elle; e em quanto em Portugal andava, trabalhasse por matar o Mestre. Pola qual obra naõ sómente lhe perdoria os erros passados, mas lhe faria grandes mercês, e o poria em grande estado. E que para effeituar o que lhe rogava, falasse com alguns seus amigos, de que se fiasse, a que tambem faria grandes, e assinaladas mercês. O Conde communicou este segredo com D. Pedro de Castro filho do Conde D. Alvaro Pirez, Joaõ de Baeça, e com Garcia Gonçalves de Valdes Castelhanos, e com alguns escudeiros seus. Os quaes movidos de taõ grandes promessas, desejavaõ de matar ao Mestre o mais cedo, que ser pudesse. E o que mais mostrou este desejo, era D. Pedro de Castro; o qual polo costume dos homens, que se lembraõ mais das injurias, que dos beneficios, lembravalhe a prizaõ, que o Mestre lhe fizera de poucos dias, e naõ as mercês, que delle recebera de muito estado, e de muitas terras; e do perdaõ, e soltura por taõ grave caso.

E ordenaraõ a treiçaõ desta maneira, que Joaõ Affonso de Baeça, e Garcia Gonçalves de Valdes, a que a execuçaõ da morte do Mestre estava encarregada, tanto que o matassem, se aviaõ lançar a correr ao castello, onde Joaõ Duque, que sabia do caso, avia sempre de ter atalaia; que, como no arraial ouvesse alvoroço, abrisse as portas, e sahisse com os seus a recolher os que fogissem. E a morte avia de ser por huma de duas maneiras. Joaõ Affonso era grande cavaleiro, e mui desenvolto, principalmente á gineta. E quando o Mestre cavalgava, e alguns dos seus com elle, hia Joaõ Affonso muito diante com huma lança na maõ, por o acompanhar como os outros; e voltando, dava de esporas ao cavalo, vindo brandindo a lança; e

quan-

quando vinha perto do Meſtre, moſtrava que a queria arremeſſar, deſviandoſe hum pouco delle; e aſſi vindo, voltava logo rijamente, dando a entender que o fazia por folgar, por o Meſtre, nem outra alguma peſſoa ter má ſoſpeita delle. E iſto determinava Joaõ Affonſo fazer tantas vezes, por ſe aſſegurar, até que viſſe geito de arremeſſar a lança de verdade, e aſſi matar o Meſtre. Fernaõ Dalvarez Dalmeida Commendador de Villa Viçoſa, Veedor do Meſtre, que ſempre andava com elle, quando cavalgava, e era mui aviſado, vendo eſte deſpejo de Joaõ Affonſo, que acometia mui a miude, e que nunca encarava com a lança ſenaõ para o Meſtre, pareceolhe deſcorteſia, naõ tendo porém delle má ſoſpeita. E vindo hum dia Joaõ Affonſo rijo com a ſua lança na maõ com a moſtra coſtumada, elle ſe pôs diante, e o deſviou com a ſua lança, e lhe diſſe: Afaſtai, afaſtai a lança: naõ tendes pejo de virdes tantas vezes deſſa maneira contra o Meſtre meu Senhor? Hora ſabei que parece mal a quantos volo vem fazer. E dizendo Joaõ Affonſo, que o fazia por folgar, e naõ por deſſervir ao Meſtre: Eſſe jogo (diſſe Fernaõ Alvarez) fazei vós a outrem, e naõ ao ſenhor, com quem viveis. E avendo ſobre iſſo razoẽs, o Meſtre os mandou calar. Joaõ Affonſo naõ tornou mais áquelle jogo; e aſſi ficou aquelle deſenho em vaõ. A outra maneira, que tinhaõ inventada para matar o Meſtre, era que, por ter por coſtume ir muitas vezes ver os engenhos, com que combatia, e naõ muito acompanhado, quando foſſe com menos gente, entaõ o mataſſem. E em quanto naõ punhaõ em execuçaõ ſeus deſejos, aconſelhavaõ ao Meſtre ſobre a empreza, em que eſtava, o contrario do que lhe parecia bem. E a Joaõ Duque davaõ aviſo de tudo, o que paſſava, em virotoẽs fendidos, nos quaes pu-

nhaõ escritos de papel, e pergaminho, que ficavaõ por pennas. E faziaõlhe saber, que onde se puzessem alguns dos seus dizendo palavras injuriosas aos do castello acenando com a maõ, entendessem que por ali hia a mina. Com as quaes invençoẽs destes roins servidores se dilatava o cerco tanto tempo sem proveito.

Além destes quatro, que procuravaõ a morte do Mestre, avia outros, que trataváõ de o servir, dos quaes era o Conde D. Gonçalo, que pouco avia fizera o Mestre seu amigo com dadivas de tantas terras, como atrás fica dito, e Ayres Gonçalves de Figueiredo. E a razaõ do alevantamento era, que Ayres Gonçalves tinha o castello de Gaya por o Conde D. Gonçalo, no qual estava sua molher com alguns escudeiros, e homens de pé, os quaes faziaõ polas aldeas ao redor taõ má visinhança, e tantas violencias, que todos se agravavaõ delles: e os da Cidade do Porto desejavaõ de o vingar. Aconteceo, para se agravar mais o caso, que a molher de Ayres Gonçalves mandou pedir aos lavradores de huma aldea certas cousas para si, e para os que consigo tinha; que lhe naõ deraõ. Polo que ella com muita indignaçaõ, e soberba foi á aldea com quantos tinha em casa para os castigar, e tomar o que lhe naõ quizeraõ dar. Sabendo isto os do Porto, sahiraõ, e tomaraõ o castello de Gaya; e despois de o roubarem, e saquearem todo, o derribaraõ por terra. Sabendo isto Ayres Gonçalves em Torres Vedras, aonde estava com o Mestre, ficou mui indignado; e queixandose ao Conde D. Gonçalo, cujo Aio fora, dizia que senaõ podia fazer aquillo sem mandado do Mestre. E andando ambos queixosos, sem embargo que o Mestre se desculpou na verdade ao Conde, falavaõ sempre muitos segredos: donde começaraõ a en-

trar más ſoſpeitas delle na gente do arraial. E ſendo iſto dito ao Meſtre, elle o diſſimulou. E aconteceo que naquelle meſmo tempo ſe affirmou, que Diogo Gomez Sarmento eſtava em Sanctarem com quatrocentas lanças, Vaſco Pirez de Camoés em Alenquer com cento e ſincoenta, Joaõ Gonçalvez em Obidos com cento, e o Conde D. Henrique em Cintra com outros cento; e que eſtes Capitaés eſtavaõ concertados com Joaõ Duque, e com D. Pedro de Caſtro, que todos ſubitamente, em huma noite, deſſem ſobre o Meſtre; e que de morto, ou desbaratado naõ eſcapaſſe. E naõ ſabendo o Meſtre o que contra elle fabricavaõ, ſómente, para ſua ſeguridade, aos oito de Janeiro de mil e trezentos e oitenta e ſinco, ordenou fazer conſelho, e mandou que todos os Capitaés apareceſſem com ſuas gentes, para ver quantos homens de armas tinha. Foi acaſo, que dos primeiros, que ao conſelho vieraõ, foi o Conde D. Gonçalo com ſeu filho D. Martinho, e Ayres Gonçalves com elle: e como foraõ na Tenda do Meſtre, elle os mandou a todos tres prender, poſto que o filho era moço pequeno; e os entregou a Vaſco Martins de Mello. O Conde D. Pedro de Traſtamara, D. Pedro de Caſtro, e Joaõ Affonſo de Baeça, que andavaõ polo campo paſſeando a cavalo, quando ſouberaõ da prizaõ do Conde, e de Ayres Gonçalves, cuidaraõ que ſua conjuraçaõ era deſcuberta; e ſem mais deliberaçaõ, com medo que tiveraõ, fugiraõ, o Conde D. Pedro para a Villa; e D. Pedro de Caſtro, e Joaõ Affonſo de Baeça para Sanctarem. E querendo Garcia Gonçalves de Valdes lançarſe no lugar com o Conde D. Pedro, pela guarda que tinha Antaõ Vaſques, foi tomado das gentes do Meſtre. Foi grande o alvoroço no arraial por a fugida ſubita de homens taõ principaes: e o Meſtre ficou

maravilhado, e naõ ſabia que diſſeſſe, como quem naõ ſabia, nem ſoſpeitava o que ſe tramava contra elle. E quando lhe diſſeraõ que Garcia Gonçalves era tomado, folgou muito, por ſaber por ſua conſiſſaõ a verdade. E trazido por ante elle, lhe perguntou que fugida era a ſua daquella maneira. E porque, eſcuzandoſe elle com razoẽs mal compoſtas, lho naõ creraõ, o Meſtre o mandou meter a tormento de açoutes. E confeſſando o que acima fica dito ſobre a morte do Meſtre, e quaes eraõ as peſſoas niſſo culpadas; e como eſtando el Rey de Caſtella ſobre Lisboa, ſe lançára por ſeu mandado com o Meſtre, para o aver de matar em companhia dos outros: o Meſtre deu graças a Deos por taõ grande mercê como lhe fizera aquelle dia, em o tirar do perigo da morte violenta, e naõ cuidada; e logo mandou que foſſe queimado Garcia Gonçalves. Ao outro dia, em que a execuçaõ ſe avia de fazer, quando o levavaõ ao fogo, mandou o Meſtre que foſſe por ſua tenda, e que ahi confeſſaſſe outra vez perante todos aquillo, que em ſecreto lhe diſſera. Garcia Gonçalves pedio ao Meſtre por mercê o naõ obrigaſſe a dizer outra vez o que já tinha confeſſado; que mór pena lhe era aquillo, que a morte que lhe mandava dar: contudo o Meſtre lhe mandou que diſſeſſe. Entaõ contou tudo por extenſo, como fora; e, acabada ſua confiſſaõ, o levaraõ a queimar. Joaõ Duque, ſabendo queimavaõ Garcia Gonçalves, com grande indignaçaõ mandou tomar ſeis, ou ſete Portuguezes dos que ali tinha prezos, e mandoulhes decepar as mãos, e cortar os narizes; e pondolhes as mãos ao peſcoço de hum delles, os mandou ao Meſtre. O qual em ſatisfaçaõ daquella crueldade, mandou que tomaſſem todos os priſioneiros Caſtelhanos, e com os trabucos lhos lançaſſem deſpedaçados dentro; mas logo, como humano que

era,

era, revogou aquella cruel ſentença. E ao Conde D. Gançalo, e Ayres Gonçalves, que mandara prender, fez levar a Evora.

CAPITULO XLIII.

Deixa o Meſtre o cerco de Torres Vedras: parte pera Coimbra a celebrar Cortes: ſua entrada na Cidade.

COntinuava o Meſtre o cerco de Torres Vedras, quando ſe levantou ſegunda vez por el Rey de Caſtellà Vaſco Pirez de Camoẽs com a Villa de Alenquer, como homem pouco conſtante na fé, que dava: porque, mandando pedir ao Meſtre por Gonçalo Tenreiro certas couſas, lhas naõ concedeo, querendo vender por preço o que naõ era ſeu. E eſtando aſſi o Meſtre no dito cerco mais tempo do que cuidava, e vendo quaõ difficultoſa lhe era de tomar aquella Villa, e que ſe vinha chegando o tempo, em que avia de ir a Coimbra fazer Cortes; aſſentou com Nunalvarez Pereira, que ahi veio ter, chamado da Cidade de Evora, onde eſtava, para falarem em couſas da guerra, que a partida foſſe dahi a quinze dias, em quanto Nunalvarez mandava vir as ſuas gentes, porque elle viera ſó com ſeſenta de mulas. Querendoſe pois o Meſtre partir, por ter novas que já os Prelados, e Procuradores das Villas eſtavaõ em Coimbra, os lavradores daquelle termo de Torres Vedras, e de Lisboa, e de outros lugares daquella comarca, vendo quaõ faltos ficavaõ de mantimentos, por razaõ do eſtrago, que nelles fizeraõ os Caſtelhanos, naõ querendo ficar em ſeu poder, ſe vieraõ ao Meſtre com ſuas molheres, e filhos, pedindolhe com grandes clamores, que ouveſſe delles

les piedade, e os levaſſe conſigo. E contaõ que até hum cego, que morava no arrabalde de Torres, ouvindo como o Meſtre partia com aquellas gentes, e as recolhera, começou a bradar, pedindo ao Meſtre por Deos, que o naõ deixaſſe em poder dos Caſtelhanos. E avendo Nunalvares Pereira dó delle, mandou que lho puzeſſem nas ancas da mula; e aſſi foi com os outros. Aſſi caminhava o Meſtre com aquellas companhias, de que hia parecendo pai, levandoos na dianteira; e elle com os ſeus detrás. As lanças, que o Meſtre levava, eraõ ſeiſcentas; mas ſó cento e ſincoenta de cavalo, e as outras todas a pé com armas veſtidas, e os bacinetes ao peſcoço nas fachas: e aſſi andavaõ de vagar, porque naõ queria o Meſtre que as jornadas foſſem maiores, do que aquella pobre gente pudeſſe andar. E ás vezes hia o Meſtre a pé, por fazer boa companhia aos ſeus, como ſempre fazia em tudo.

Chegando o Meſtre a Leiria, onde hum Garcia Rodriguez Taborda, natural de Galiza, era Alcaide, cuidou o Meſtre ſer delle bem hoſpedado, por lhe ter feito no cerco de Lisboa doaçaõ da Villa de Porto de Móz de juro, e das jugadas do paõ de Leiria, e do lugar de Nez Pereira, e de outros na terra de Viſeu; e outras maiores mercês. Mas elle eſquecido daquelles beneficios, o deſenganou, que da maõ da Rainha tinha aquella fortaleza, que a ella, e naõ a outrem a avia de entregar: tendo eſcrito muitas vezes ao Meſtre, que lha tinha por ſua, polas muitas mercês, que delle recebera. Com Garcia Rodriguez eſtava entaõ D. Alvaro de Caſtro, filho do Conde D. Alvaro Pirez, que ſe lançou entaõ á parte de Caſtella.

Chegando o Meſtre a Montemór o Velho, o ſahio a receber com muita moſtra de boa vonta-

de

de Gonçalo Gomez da Silva com os ſeus. E vindo a Coimbra, o naõ veio receber Gonçalo Mendez de Valconcellos, dizendo que tinha o caſtello por a Rainha Dona Leanor. Mas naõ eſteve muito que naõ vieſſe para o Meſtre, e lhe entregaſſe o caſtello, e lhe deſſe ſeu voto na eleiçaõ, que delle ſe fez. Os da Cidade ſahiraõ a receber o Meſtre com todos os que eſtavaõ juntos para as Cortes. Mas muito antes de todos, a eſpaço de huma legoa da Cidade, grande numero de mininos ſem lho mandar ninguem, cavalgados em cavalos de canas, com pendoẽs nellas, vieraõ ante o Meſtre correndo; e a huma voz bradando *Portugal*, *Portugal por el Rey D. Joaõ: em boa hora venha o noſſo Rey*: e aſſi foraõ toda aquella legoa. Os que com o Meſtre hiaõ, ſe eſpantaraõ daquillo, e o ouveraõ por bom agouro, e preſagio do que nas Cortes avia de ſucceder: e lhe pareceo que Deos falava polas bocas daquelles meninos, como de Prophetas. O Meſtre foi recebido em Prociſſaõ, e levado aos Paços de Alcaçova; e ſua entrada foi a tres de Março daquelle anno de mil e trezentos e oitenta e ſinco.

CAPITULO XLIV.

Fazemſe Cortes em Coimbra: Propoſta do Doutor Joaõ das Regras ſobre a ſucceſſaõ do Reyno de Portugal.

COmo os Prelados, e Procuradores das Villas, e os fidalgos, que tratavaõ de defender Portugal, foraõ juntos em Coimbra, começaraõ de communicar entre ſi ſobre o governo, e defenſaõ do Reyno; e quem ſeria bom que fizeſſem Rey. Huns eraõ de voto que o foſſe o Infante

D.

D. Joaõ, que eſtava prezo em Caſtella, como filho legitimo del Rey D. Pedro, e irmaõ do Rey defunto. E que o Meſtre governaſſe o Reyno, até que elle foſſe livre, ou delle ſe fizeſſe outra couſa; e que, morrendo o Infante D. Joaõ, ficaſſe logo ſubſtituido o Infante D. Dinís ſeu irmaõ, ou o Meſtre, ou quem viſſem que era mais razaõ: e que eleger outro Rey, ſeria couſa de grande embaraço, e alteraçaõ, viſto o eſtado em que eſtavaõ as couſas do Reyno. Deſte voto era Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmãos; e alguns ſeus parentes, e aliados. A maior parte dos fidalgos, e do povo miudo, eraõ do contrario parecer, dizendo que o Infante D. Joaõ eſtava prezo, donde nunca mais avia de ſahir: e que o mais certo caminho para nunca ſer ſolto, era elegeremno por Rey, pois eſtava em poder de quem pretendia o Reyno. E que além diſſo, poſto que tivera direito, o tinha perdido, por vir fazer guerra a Portugal em tempo del Rey D. Fernando; aſſim por parte do prezente Rey de Caſtella, como del Rey D. Henrique: e que, como inimigo, e deſnatural que já ſe fizera, naõ podia pedir o Reynado. De maneira que a couſa ſe veio a partir em dous bandos; e huns eraõ por o Meſtre, outros contra; de que o Meſtre bem ſabia, e quaes tinha por ſi. Niſto ſe chegou o tempo das Cortes, a que ſe acharaõ prezentes D. Lourenço Arcebiſpo de Braga, D. Joaõ Biſpo de Liſboa, D. Lourenço Biſpo de Lamego, D. Joaõ Biſpo do Porto, D. Frey Rodrigo Biſpo de Coimbra, D. Frey Vaſco Biſpo da Guarda, o Prior de Santa Cruz, o Abbade de S. Joaõ Dalpendorada, o Abbade de Doſtello, Ruy Lourenço Deaõ de Coimbra, e outras peſſoas Eccleſiaſticas; Vaſco Martins de Souſa rico homem, Nunalvarez Pereira, Vaſco Martins da Cunha o velho, e ſeus filhos Martim

Gil

Gil Vaſques, e Lopo Vaſques, e Vaſco Martins o moço, Gonçalo Mendez de Vaſconcellos, Men Rodriguez, e Ruy Mendez ſeus filhos, Diogo Lopez Pacheco, Joaõ Fernandez, e Lopo Fernandez ſeus filhos, Gonçalo Vaſques Coutinho, Joaõ Rodriguez Pereira, Alvaro Pereira, Gonçalo Gomez da Silva, Joaõ Gomez da Silva ſeu filho, Martim Affonſo de Souſa, Vaſco Martins de Mello, e Gonçalo Vaſques, e Vaſco Martins, e Martim Affonſo de Mello ſeus filhos, Ruy Vaſques de Caſtelbranco, Eſtevaõ Vaſques de Goes, Fernaõ Vaſques de Rezende, Affonſo Vaſques Correa, Alvaro da Cunha, Affonſo Furtado Capitaõ mór da armada, Affonſo Anes Nogueira, que chamavaõ das Leys, Gonçalo Anes de Caſtelo de Vide, Fernaõ Rodriguez, que deſpois foi Meſtre de Aviz, Martim Gil Comendador mór da Ordem de Chriſto, Pedro Lourenço de Tavora, Alvaro Gil Cabral, Lourenço Mendez de Carvalho, Gomez Martins de Lemos, Nuno Viegas o moço, Antaõ Vaſques Dalmada, Egas Coelho, Gonçalo Gonçalves Borges, Martim Affonſo Valente, Eſtevaõ Vaſques Philipe, Ruy Cravo, e outros fidalgos, e cavaleiros, e eſcudeiros de eſtima; e os Procuradores das Cidades, e Villas, que naõ eſtavaõ por Caſtella.

Eſtando os que nas Cortes tinhaõ voz, juntos em huma grande caſa para iſſo ornada, o Doutor Joaõ das Regras, que ſervia de Chançarel mór, homem de grande authoridade, e ſciencia de direito Civil, que fora diſcipulo de Bartolo, e dotado de grande eloquencia, ſendolhe encarregado o moſtrar naquellas Cortes a quem por direito pertencia a ſucceſſaõ do Reyno, para ficar ao povo a eſcolha de quem lhe pareceſſe, ſe levantou, e começou primeiramente a moſtrar por razoẽs juridicas, como era errado dizer, que os que alli eſta-

vaõ, por naõ ſerem todos do Reyno, nem a mór parte, naõ podiaõ eleger Rey. Deſpois vindo ao ponto mais ſuſtancial, tratou como a Rainha Dona Briatís naõ podia ſucceder, por naõ ſer filha legitima del Rey D. Fernando, por a Rainha Dona Leanor, antes que de feito cazaſſe com el Rey D. Fernando, ſer cazada com Joaõ Lourenço da Cunha; do qual ouve huma filha, que lhe morreo, e a Alvaro da Cunha, que alli eſtava prezente: e que, poſto que deſpois que a el Rey tomou, lhe chamaſſe ella Alvaro de Souſa, fingindo que era filho de Lopo de Souſa ſeu ſobrinho, e de huma mulher de ſua caſa, que chamavaõ Elvira, o fizera a Rainha por ſe vender a el Rey por donzela, dizendo que ſeu marido nunca ouvera della nada. Sendo verdade, que ella pario a Alvaro de Souſa. Sobre iſto lembrou como quando Joaõ Lourenço da Cunha foi doente em Lisboa, que o Meſtre o viſitou, e lhe pedio por mercê, que a Alvaro de Souſa deſſe ſeus bens, e lhos deixaſſe poſſuir como ſeu filho, que era. Porque em quanto el Rey D. Fernando fora vivo, nunca o ouzara nomear por filho. E que como ſeu filho, que era, herdou os ditos bens: polo que, avendo tres annos, que Joaõ Lourenço era cazado com Dona Leanor, el Rey D. Fernando naõ podia cazar com ella, e a Rainha naõ podia valer, por ſerem parentes: publico era, que elles ouveraõ diſpenſaçaõ, como ſabia Diogo Lopez Pacheco, e outros muitos, que alli eſtavaõ; e Vaſco de Souſa, que vio as letras, e as teve na maõ, que lhas moſtrou o Conde Velho de Ourem; polo que era ſua legitima molher: e que, ainda que iſto naõ fora, ſem diſpenſaçaõ, naõ podia el Rey cazar com a Rainha Dona Leanor, porque era ſua cunhada, por ſerem Joaõ Lourenço, e el Rey D. Fernando filhos de ſegundos com irmãos, como era noto-

notorio. Polo que o tal cazamento por todas as vias naõ podia ser valioso. Mais, que por a Rainha fazer maldade a seu marido, como era notorio, por razoẽs, que seria vergonha referir, estava incerto cuja filha fosse a Rainha Dona Briatís; porque, posto que os Doutores dissessem, que prezume o filho da adultera ser do matrimonio, isto era para successaõ de bens particulares, em que vai pouco; mas naõ para successaõ de hum Reyno, no qual senaõ avia de reconhecer por senhora, e Rainha huma filha incerta, e sospeitosa, senaõ mui certa, e sem duvida. Polo que a Rainha Dona Briatís, como filha adulterina, incestuosa, e incerta, naõ podia succeder na Coroa de Portugal.

A outra razaõ, que o Doutor propôs, foi que a Rainha Dona Briatís naõ podia succeder quando naõ ouvera os ditos impedimentos: por quanto ella nestes Reynos só devia entrar, segundo estava contratado entre el Rey D. Fernando, e el Rey de Castella seu marido: e avia de ser dahi a certos annos, e com certas condiçoẽs, que ella, e o dito seu marido juraraõ; o qual juramento elle Rey ratificou, jurando em huma Hostia consagrada, que hum Bispo revestido em Pontifical, tinha em huma patena, sobre a qual el Rey por suas mãos, tocandoa corporalmente, fez solemne juramento de nunca vir contra aquelle contrato, e assento. E que, vindo, pagasse primeiro cem mil marcos de ouro, e perdesse o direito que tinha ao Reyno de Portugal. E que assi o juraraõ todos os fidalgos, e senhores de Castella, fazendo preitos, e omenagens nas mãos de Gonçalo Mendez de Vasconcellos, que ahi estava prezente: polo que se por cada vez, que contra as capitulaçoẽs, e juramentos vieraõ, ouveraõ de pagar cem mil marcos de ouro, pouco era o Reyno de Castella para satisfazer a tantas penas.

Melhor, que tudo, moſtrou por muitas razoẽs, que, ainda que o ſobredito naõ fora, como el Rey de Caſtella era ſciſmatico, e eſtava eſcomungado, por ſer contra o verdadeiro Paſtor da Igreja de Deos Urbano VI., e favorecer ao Antipapa Clemente VII. Polo que, como homem que eſtava fóra do gremio da Santa Madre Igreja, naõ podia ſer tomado por Rey de hum povo taõ Chriſtaõ, e taõ Catholico como o de Portugal.

CAPITULO XLV.

Continuaſe a pratica do Doutor Joaõ das Regras: Prova naõ ter direito no Reyno o Infante D. Joaõ.

TEndo aſſi moſtrado o Douctor Joaõ das Regras como a ſucceſſaõ do Reyno naõ pertencia á Rainha Dona Briatís, tratou por muitas razoẽs como naõ pertencia ao Infante D. Joaõ, nem a ſeus irmãos, filhos del Rey D. Pedro, e de Dona Inez de Caſtro. Primeiramente por el Rey D. Pedro a naõ receber por molher, e ſer falſo, e fingido o cazamento, que elle publicou deſpois da morte della: e por conſeguinte o juramento, que el Rey, e as teſtemunhas fizeraõ do cazamento. E huma das razoẽs, que a iſto dava, era que, vindo á noticia del Rey D. Affonſo como ſeu filho o Infante D. Pedro eſtava taõ embaraçado com Dona Inez de Caſtro, e que muitos diziaõ ſer cazado com ella, pouzando o Infante nos Paços de Sancta Clara em Liſboa, enviara a elle Diogo Lopez Pacheco, que alli eſtava prezente, e o Meſtre Joaõ das Leys, que era de ſeu Conſelho. E por elles lhe mandou dizer que, pois ſe naõ contentava de cazar com filha de Rey, e tanto amava a Dona Inez, que caza-

zaſſe com ella, e a recebeſſe por molher: e que elle levaria diſſo goſto, e a honraria como molher, que avia de vir a ſer Rainha: e que o Infante lhe reſpondera, que naõ era contente diſſo, nem o avia de fazer em dias de ſua vida; e que niſſo lhe naõ falaſſem mais. O que era aſſás argumento de naõ ſer cazado: porque, ſendo elle taõ affeiçoado a Dona Inez, como era, ouvera de folgar com aquella ocaſiaõ, e offerta de ſeu pai. E a razaõ, que os privados do Infante davaõ a el Rey, era dizer que o Infante o naõ deixava de fazer ſenaõ por o cazamento ſer taõ diſproporcionado a elle, por Dona Inez ſer baſtarda, e de mãi naõ taõ conhecida; pela qual razaõ lhe chamavaõ Inez Pirez, antes que o Infante a converſaſſe. E dizia além diſto, que por iſto aſſi ſer, naõ ſe chamavaõ Infantes os filhos do Infante D. Pedro, ſendo eſte herdeiro do Reyno; mas nas cartas, em que lhes el Rey ſeu avô fazia alguma mercê, dizia aſſi: Querendo eu fazer mercê a D. Joaõ meu vaſſallo, filho do Infante D. Pedro meu filho, &c. E que naõ era para crer que, ſe el Rey D. Affonſo tivera para ſi, que Dona Inez fora molher de ſeu filho, a naõ mandara matar; mas, tendoa em conta de manceba, o mandou fazer, por tirar ſeu filho de peccado, e de infamia; e por naõ encher a terra de filhos baſtardos, a que elle naõ podia fazer ricos, nem era ſua honra viverem pobres.

E quanto ao ponto de dizerem que el Rey D. Pedro a publicou por molher deſpois da morte de ſeu pai, e jurou o cazamento, e o aprovou dizendo ſer a cauſa, porque o encubrira, o medo, e reverencia de ſeu pai, iſto moſtrava ſer falſo, e fingido; porque naõ era veriſimil que couſa, em que o Infante punha tanto ſegredo, e de tanta importancia como era hum Principe herdeiro de dous

Rey-

Reynos, cazar com huma molher inferior, e baſtarda, lhe naõ lembraſſe o dia, em que foi; nem, ſendo em dia taõ notavel, como o primeiro de Janeiro, e do anno, lhe eſqueceſſe a elle, e a huma das teſtemunhas, porque era couſa para lembrar dahi a cem annos. E muito menos veriſimil era dizer, que por medo de ſeu pai o naõ ouzava o Infante deſcubrir: mas, que a quem bem entendeſſe, era razaõ abſurda, e para ſe rirem della; porque, ſendo elle filho taõ deſobediente, e ſolto para ſeu pai, que trazia Dona Inez contra ſua vontade, e que naõ lhe ouve medo, nem reverencia para trazer quantos malfeitores, e degradados avia no Reyno, para lhe fazer guerra com elles, tomandolhe Villas, e caſtellos, roubando a terra, e pondolhe o fogo, como ſe fora de inimigos; e obrigando a ſeu pai a mandar guardar as fortalezas, aſoldadando gente para iſſo; como era de crer que, naõ tendo diſto vergonha de ſeu pai, a tiveſſe de lhe dizer que era cazado com huma molher formoſa, e nobre, por amores, que entre os homens todos ſe tem por couſa digna de perdaõ, e que já fizeraõ muitos Principes, e para a qual ſeu pai lhe mandava offerecer licença, como eſtá dito, ſendo tanto mais feio ſer aſſi amancebado? Dizia além diſto, que, já que fora verdade que por reverencia de ſeu pai o naõ deſcubrio em ſua vida, quem lhe tolhia publicar, logo como reynou, a Dona Inez por ſua molher, ſe tanto o deſejava? E como o deixou para dahi a quatro annos, quando já ninguem curava diſſo? E logo por claras razoẽs moſtrou, como el Rey D. Pedro reſucitou o cazamento de Dona Inez, deſpois de tanto tempo, e o fingio; porque nem em vida de ſeu pai, nem até aquelle tempo pode impetrar do Papa diſpenſaçaõ para lhe legitimar ſeus filhos, para que com aquella

la cautela nos animos de todos, ficassem avidos por legitimos, e valesse o que podesse valer.

Sobre estas razoẽs deu outras, porque quiz mostrar, que Dona Inez naõ podia cazar com o Infante D. Pedro. A primeira, por ser sua parenta filha de D. Pedro de Castro o da guerra, seu primo com irmaõ, que foi filho de D. Fernaõ Rodriguez de Castro, e de Dona Violante Sanches, filha natural del Rey D. Sancho, e de huma Dona Maria Affonso molher, que foi de D. Garcia de Uzero, e irmaõ da Rainha Dona Briatís mãi del Rey D. Pedro. A segunda razaõ, e mais urgente era que, posto que o Papa especialmente dispensara sobre o parentesco del Rey D. Pedro, e Dona Inez na Bulla, que ouve para cazar com parenta, naõ dispensou para impedimentos de futuro, como foi ser Dona Inez despois comadre del Rey D. Pedro, madrinha do Infante D. Luiz seu filho, que ouve da Infanta Dona Constança sua molher, como era notorio, e o diria Diogo Lopes Pacheco, que presente estava, que foi hum dos padrinhos daquelle Infante: ao que naõ obstava o que alguns quizeraõ dizer, que, sendo já o Infante D. Pedro affeiçoado a Dona Inez, lhe mandou dizer em segredo, que ao tempo do Baptismo naõ dissesse as palavras, que as madrinhas dizem em nome do afilhado; e que ella assi o fizera. E que por tanto naõ ficara sua comadre, e podia cazar com elle. O que posto que assi fora, e que quanto a Deos naõ ficara comadre, ao juizo exterior o ficava: e era necessario, pollo escandalo do mundo, notificalo ao Papa: o qual querendo dispensar (o que naõ fizera em cazamento taõ desigual, e de que mais podia resultar guerra, que paz) ouvera de deixar na consciencia do Infante, o que alli naõ ouve.

A outra razaõ, que ultimamente trouxe para

os filhos de Dona Inez naõ poderem ſucceder, foi, que vieraõ contra o Reyno, em ajuda, e favor de ſeus inimigos, para o deſtruir, naõ huma vez, ſenaõ muitas: porque o Infante D. Diniz em tempo del Rey D. Fernando veio em companhia del Rey D. Henrique de Caſtella armado com gentes, entrando até Lisboa fazendo guerra, roubando, deſtruindo, e matando quanto pode. E o Infante D. Joaõ viera em companhia del Rey D. Joaõ, que de preſente reynava, e por ſeu mandado cercara Trancozo, e o combateo por alguns dias. E que quando entrou no Reyno em Valdelaula, ſe deſnaturalizou do Reyno, pondolhe fogo por ſuas mãos, e que dahi veio cercar Elvas, e andou polo Reyno fazendo guerra, de que alli eſtavaõ preſentes boas teſtemunhas Diogo Lopez Pacheco, Vaſco Martinz de Souſa, Vaſco Pirez Bocarro, Gil Martinz Cochofel, e outros muitos. Pelo que indecente couſa era, e abſurda, ainda que foraõ legitimos, eleger por ſeu Rey a quem ſe deſnaturou do Reyno por ſua vontade, e veio contra elle, como publico inimigo; e deixar de dar o Reyno a quem tantos trabalhos, e riſcos da vida paſſou polo defender; e eſtava preſtes para ſofrer mais, quando cumpriſſe.

CAPITULO XLVI.

Proſegue o Doctor de novo a meſma materia, por razaõ de alguns, que avia contrarios ao ſeu parecer.

BAſtavaõ as ſobreditas razoẽs com outras muitas, que repreſentou o Doctor Joaõ das Regras, com muita authoridade, e eloquencia, para que todos, os que naõ eſtiveſſem affeiçoados, e perturbados, ſe podeſſem mover. Mas naõ baſtaraõ

raõ para logo arrancar dos coraçoẽs de alguns a affeiçaõ, que tinhaõ ao Infante D. Joaõ, assi por as boas partes, e Real condiçaõ de sua pessoa, como pola amizade antigua, e criaçaõ, que com elle tinhaõ, e naõ por odio, que ao Mestre tivessem, nem por lhes parecer que naõ era elle digno de maiores Reinos. Destes era Martim Vasques da Cunha, fidalgo mui principal, e seus irmaõs Lopo Vasquez, e Gil Vasquez da Cunha, e todos os de sua liança. Os quaes, sem embargo de taõ efficazes razoẽs, como ouviraõ ao Doctor, diziaõ que o Reino sem duvida pertencia ao Infante D. Joaõ: e que em seu nome aviaõ de fazer guerra, até ver que termo tomava sua prizaõ: e que lhe parecia a elles mui dura cousa dar nome de Rey ao Mestre, pertencendo o Reyno a outrem de direito. E hum dia avendo differentes pareceres do seu no Conselho, se sahio Martim Vasquez bradando altas vozes, e dizendo: Vós podeis fazer o que quizerdes, e elegerdes quem quizerdes por Rey, que eu hum só homem sou, e meu voto pouco val: e quem vós fizerdes Rey, eu o servirei, e ajudarei a defender o Reyno; mas que eu consinta que seja o Mestre, isto nunca o eide dizer. Nunalvares Pereira, e outros fidalgos, diziaõ que o Mestre fosse eleito por Rey.

Avendo entre aquelles fidalgos, e todos, os que nas Cortes estavaõ, tanta discordia, faziaõ muitos ajuntamentos, os fidalgos persi, e os procuradores á parte; e os mais vieraõ a ser de hum voto, que o Reyno se desse ao Mestre: com os quaes nunca Martim Vasquez da Cunha quiz concordar. E como sobre isto se encontrassem na pratica elle, e Nunalvarez Pereira, e cada hum fosse taõ apaixonado por seu amigo, muitas vezes se travaraõ de palavras pezadas, e que passavaõ da medi-

da; das quaes ao Meſtre pezava muito, e muito mais, porque Martim Vaſquez tinha muitos fidalgos do ſeu bando. E vendo quanto dano lhe faria ter Martim Vaſquez, e os ſeus eſcandalizados, rogou a Nunalvarez, que com elles ſenaõ deſavieſſe. Nunalvarez lhe reſpondeo que ninguem tinha contra ſi, ſenaõ aquelle roncador de Martim Vaſquez; mas que, ſe elle quizeſſe, o mataria, e ceſſariaõ ſuas contradiçoẽs. O Meſtre diſſe que nunca Deos tal quizeſſe; que Martim Vaſquez naõ fazia aquillo por odio, que lhe tiveſſe, ſenaõ por amor, que tinha ao Infante ſeu irmaõ, e por lhe parecer que aſſi era bem. Nunalvarez lhe replicou que o faria em quanto o naõ aſſuberbaſſem; porque, ſe o fizeſſem, naõ ſe atrevia a o ſofrer. E vindo hum dia Martim Vaſquez, e ſeus irmaõs ao Paço do Meſtre para lhe falar, foi tambem lá Nunalvarez ao meſmo com mais de 300 eſcudeiros com cotas, e bracceletes, e eſpadas, e adagas: e quando o Meſtre aſſi o vio, pezoulhe, receando o que entre elles ſe podia ſeguir, por aſſi os ver deſavindos, naõ dando porém a entender couſa alguma. Mas Nunalvarez quando entrou, naõ moſtrou geito algum de ſobrançaria, e muito chãmente falou ao Meſtre. Martim Vaſquez, e ſeus irmaõs, tambem Diogo Lopez Pacheco, e ſeus filhos, que eraõ parentes de Martim Vaſquez, quando viraõ Nunalvarez daquella maneira, foraõſe do Paço poucos, e poucos. Nunalvarez ficou ſó falando com o Meſtre, e dahi ſe foi á pouzada, O Meſtre calando o que entendeo em Nunalvarez, o teve por homem de grande coraçaõ: e chamou ao Doutor Joaõ das Regras, e diſſelhe tudo o que com Nunalvarez lhe acontecera, e o que receava aconteceſſe. Falando muitas vezes na tençaõ de Martim Vaſquez, Senhor (diſſe o Doutor) eu tenho aſſás trabalhado por moſ-

trar com vivas razoẽs, e direito, que eſtes Reynos ſaõ de todo vagos, e que a eleiçaõ fica livre ao povo; o que devera ſatisfazer a Martim Vaſquez, e a outros, que muito mais ſouberaõ: mas o amor cega o entendimento, e por iſſo ſenaõ apartaõ daquella ceita, em que eſtaõ. Porém eu vos prometo que eu proponha no primeiro dia, que ſe ajuntarem, o que eu quizera calar, que faz o caſo do Infante mais feio. E dahi em diante façaſe o que vós ordenardes.

Tornando outra vez a ſe ajuntarem os das Cortes, o Doutor Joaõ das Regras com muito mais vehemencia, que os dias de antes, lhes diſſe como elle naõ cuidara que em couſas, que elle taõ claramente moſtrara, e provara, podia ficar mais duvida alguma. Mas que, pois avia ainda quem ficaſſe por perſuadir, agora ouviriaõ couſas, em que elle naõ quizera falar por boa corteſia: porém que provocado de ſua dureza, e da muita importancia do negocio, que travavaõ, já era neceſſario naõ ficarem por dizer. Iſto era, que os Infantes filhos del Rey D. Pedro naõ naceraõ legitimos, nem o podiaõ ſer, nem ainda pera ſucceder em fazenda de algum ſeu parente. Porque, trazendo o Infante D. Pedro Dona Inez conſigo, e naõ ſendo ſabido de alguem que ella foſſe ſua molher, foi dito a el Rey D. Affonſo que o Infante ordenava de mandar a Roma pedir ao Santo Padre diſpenſaçaõ para cazar com ella. E que, pezando a el Rey muito de taes novas, trabalhou muito por o deſviar; e que ſecretamente eſcreveo ao Arcebiſpo de Braga, que entaõ eſtava em Roma, pediſſe ao Papa naõ aceitaſſe a ſuplica do Infante, porque ſeria grande eſcandalo do Reyno, e prejuizo do meſmo Infante. E porque naõ creſſem que aquillo eraõ palavras, que ſeriaõ más de provar, lhes leria a pro-

pria carta, que el Rey mandara ao dito Arcebiſpo a Roma, e a embaixada, que o Infante mandara ao Papa ſendo já Rey; e a repoſta, que o Papa mandou ao meſmo Infante D. Pedro, por naõ ſatiſfazer á ſua petiçaõ. Entaõ leo huma carta em Latim, em que el Rey D. Affonſo encarregava ao Arcebiſpo o ſobredito. E acrecentando aos ditos impedimentos outros, que tambem avia, exagerava na carta a grande afronta, que ſeria das peſſoas Reaes, e do Reyno paſſar tal diſpenſaçaõ. No fim da qual carta mandava ao Arcebiſpo, que ſe cumpriſſe, ſecretamente moſtraſſe carta ſua ao Santo Padre. Aquella carta, dizia o Doctor proſeguindo ſua fala, que fora á Corte de Roma, naõ ſendo já vivo o Papa Joaõ XXI., de quem el Rey D. Pedro, quando era Infante, ouve aquella geral diſpenſaçaõ, por cuja morte ſuccedeo Benedicto XII., e deſpois Clemente VI., e era entaõ Papa Innocencio VI. E deſpois dahi a alguns annos diſſe que ſuccedera a morte de Dona Inez, e apôs ella dahi a dous annos a de el Rey D. Affonſo. E que el Rey D. Pedro, como homem que ſabia, ou duvidava que a diſpenſaçaõ geral, que ouvera para caſar com qualquer parente, ſenaõ eſtendia a Dona Inez, em que avia outros impedimentos, mandou Embaixadores á Corte de Roma, pellos quaes pedia ao dito Papa Innocencio VI. o que alli veriaõ. E logo moſtrou hum grande rol eſcrito em pergaminho mui gaſtado já da velhice, aſſinado por Gomez Paes de Azevedo, e por o Meſtre Affonſo das Leys, e por outros do Conſelho del Rey D. Pedro. No qual entre outras couſas, que ao Papa mandava pedir em tres addiçoẽs, era encommendado o requerimento daquelle cazamento com Dona Inez ſer valioſo, e os filhos legitimados, dizendoo por eſtas palavras: Outroſi lhe direis em Camara que el Rey recebeo por

pala-

palavras de preſente Dona Inez de Caſtro (que Deos perdoe) como manda a Sancta Igreja: da qual ouve filhos, com a qual avia deudo: e que lhe pede que haja Sua Sanctidade por bem de outorgar, e ratificar, e firmar o dito deudo de linhagem, que com ella avia. Aſſi que por tal confirmaçaõ os ditos filhos, que ha, ſejaõ lidimos; e que hajaõ, e poſſaõ haver aquillo, que averiaõ naõ avendo o dito embargo de linhagem. E em eſto vos afincai para averdes dello recado. E que deſpois de algumas petiçoẽs de Biſpados, e outras couſas, dizia em outro lugar: Outroſi, ſe virdes que o Papa vos outorga cada huma das quatro couſas primeiras, em razaõ das pedidas das Igrejas, pedide logo o al em razaõ da ligitimaçaõ do cazamento; e deſpois as outras couſas pela guiza, que aqui ſaõ eſcritas: e naõ vos outorgando cada huma das quatro couſas, vós todavia fazei de guiza, que ajais deſembargo da dita confirmaçaõ do cazamento, de guiza que os moços fiquem legitimos. E quanto he das outras pedidas naõ cureis dellas, &c. Lido o rol, e regimento da embaixada del Rey D. Pedro, moſtrou logo a propria carta, que o Papa Innocencio lhe mandou em repoſta, eſcuzandoſe de naõ conceder a legitimaçaõ de ſeus filhos, nem confirmar o matrimonio de Dona Inez. Na qual ſe continha como el Rey D. Pedro lhe pedira que lhe legitimaſſe ſeus filhos, e de Dona Inez, para ficarem habilitados para ſucceder, como ſe naceraõ de legitimo matrimonio; e declaraſſe o matrimonio ſeu com a dita Dona Inez por valido: e que a Sé Apoſtolica naõ concedia taes petiçoens, aſſi do matrimonio, como das legitimaçoẽs, ſalvo em peſſoas grandes, por grande cauſa, e utilidade, que na ſua petiçaõ naõ vinhaõ expreſſas, nem vinha conſentimento, e petiçaõ daquelles, a quem a

legi-

legitimaçaõ podia prejudicar, como se requeria, &c. Lida a carta do Santo Padre, disse o Doutor que alli viaõ, sem tirar, nem acrecentar, toda a historia, como passara, do cazamento de Dona Inez, e legitimaçaõ de seus filhos. O que elle quizera escuzar por hora dos Infantes, e naõ publicar tanto na praça, e semear os defeitos de sua incestuosa nacença.

CAPITULO XLVII.

He o Mestre eleito Rey por todos os Estados de Cortes: sua acclamaçaõ: e eleiçaõ do Condestabel, e outros officiaes.

QUando o Doutor acabou sua fala, ficaraõ todos espantados, por saberem o que antes naõ tinhaõ ouvido. Polo que todos, os que estavaõ em duvida, como Martim Vasquez da Cunha, e os do seu bando, com a mais gente concordaraõ em huma voz, que elegessem Rey. Entaõ lhes fez o Doutor huma fala estando todos juntos, dizendo que, pois viaõ que estes Reynos estavaõ vagos, e postos em disposiçaõ dos que prezentes estavaõ, para eleger quem os governasse, e defendesse, elegessem tal Rey, qual lhes convinha: e que as partes, que no Principe, entre as mais, deviaõ buscar, segundo os prudentes, eraõ nobreza de sangue, grandeza de coraçaõ, e amor para os subditos. E que todas aquellas partes com muita ventagem se achavaõ no Mestre, mais que em nenhum homem do Reyno: porque, quanto á linhagem, era filho de hum Rey natural; e que de seu esforço, e valor tinha dado tantas mostras nos trabalhos, e perigos da defensaõ de Lisboa, e do Reyno, quantas eraõ notorias. E que de sua bondade,

dade, e amor para os ſubditos, todos, os que alli eſtavaõ, podiaõ ſer boas teſtemunhas: porque aſſi no geral, como no particular, naõ havia quem naõ tiveſſe delle recebido mercês, e beneficios. Polo que deviaõ amalo como a pai, veneralo, e obedecelo como a ſenhor: e que por tanto deviaõ, ſem mais detença, em nome de Deos elegelo por ſeu Rey: e com alegres, e fauſtas acclamaçoẽs o deviaõ ſaudar, e levantar ao trono Real.

Ditas eſtas palavras, todos ſem nenhum deſcrepar, com alegres ſembrantes, e mui promptas vontades ſe determinaraõ em logo o eleger: e ordenaraõ que lhe foſſe notificado. Os Prelados, fidalgos, e procuradores da Cidades, e Villas juntamente ſe foraõ ao Meſtre pedirlhe, e requererlhe lhe aproveſſe conſentir em ſua eleiçaõ, que tinhaõ feita, e aceitaſſe o officio, e dignidade de Rey, para que Deos o tinha guardado. O Meſtre lhes reſpondeo que dava muitas graças a Deos, por lhes pôr no coraçaõ de o elegerem para taõ alta dignidade: e que a elles agradecia muito os bons deſejos, e amor que ſempre nelles vira; mas que elle conhecia em ſi naõ ſer ſufficiente para taõ grande honra: e que bem ſabiaõ que nelle avia taes impedimentos, aſſi polo defeito de ſeu nacimento, como pola profiſſaõ de ſua milicia, e ordem, que naõ podia receber aquelle cargo, e honra. E que por tanto naõ podia niſſo conſentir; mas que como defenſor do Reyno trabalharia quanto podeſſe, até morrer niſſo; e eſperaria a el Rey de Caſtella, e pelejaria com elle: e que, vencendoo elle, como eſperava em Deos, ſendo hum cavaleiro como era, cobraria mui grande honra. E quando doutra maneira ſuccedeſſe, o que Deos naõ quereria, naõ cahia em tanta falta, como ſeria ſer vencido ſendo Rey. E por tanto, que ſobre o ajuntamen-

tamento das gentes, e como ſe poderia aver dinheiro, e defender o Reyno, ſe determinaſſem, e naõ ſe devertiſſem noutra couſa.

Deſta repoſta do Meſtre, porque naõ aceitou a offerta do Reyno, que lhe faziaõ, ouveraõ os Prelados, e mais gente grande deſgoſto: e vendo que, ſe elle naõ aceitava o officio de Rey, naõ faria com tanta diligencia, e obrigaçaõ o de defenſor, nem lhes ficava perpetuo, como ſendo Rey, nem os homens o ſerviriaõ com tanta lealdade, e animo, e o Reyno eſtava em perigo de vir á maõ dos inimigos, tornaraõ a dizer ao Meſtre, que o remedio, com que ás neceſſidades do Reyno podiaõ acudir, era tendo a elle por Rey, e ſenhor: e que debaixo de ſeu amparo eſperavaõ vencer, e reſiſtir a todos os trabalhos: que os naõ quizeſſe deſamparar, e deixar deſtruir, e pôr em ſervidaõ hum Reyno taõ florente, que com ſeu ſangue ganharaõ ſeus avós. E que elles o ſerviriaõ com as vidas, e com as fazendas, e o manteriaõ em eſtado, e honra de Rey: e mandariaõ pedir ao Santo Padre diſpenſaçoẽs ſobre ſua Ordem, cazamento, e confirmaçaõ do Reyno. O Meſtre vendo tanta efficacia em ſeus rogos, e as neceſſidades do público Eſtado, entendeo que Deos queria que elle Reynaſſe; e ouve de conſentir. Com ſeu conſentimento ficaraõ todos mui alegres, e Nunalvares muito mais; porque, ſendo homem mui temperado em ſeu falar, naõ ſe pode ter que naõ diſſeſſe: Deſta vez ſerá Rey o Meſtre meu ſenhor a prazer de Deos, e a pezar de quem lhe pezar. E a huma quinta feira, ſeis de Abril daquelle anno de mil e trezentos e oitenta e ſinco, foi o Meſtre levantado por Rey com muita ſolemnidade, e grandes alegrias de toda a gente, eſtando na florente idade de vinte e ſeis annos, onze mezes, e vinte e ſinco dias. E logo ſe tratou

peran-

perante elle, que fizeſſe Condeſtabel pera a guerra em que eſtávaõ, como fizera el Rey D. Fernando. E vendo el Rey que ninguem o podia, nem devia ſer melhor que Nunalvarez Pereira ſeu leal ſervidor, por ter as partes, que aquelle officio requeria, o fez Condeſtabel, ſendo elle mancebo de idade de vinte e quatro annos, e nove mezes, e doze dias.

Tanto que o Meſtre foi Rey, ordenou officiaes de ſua Caſa, e do Reyno. E ao Condeſtabel Nunalvarez Pereira fez ſeu Mordomo mór, Alvaro Pereira Marichal, Gil Vaſques da Cunha Alferez mór, Joaõ Fernandez Pacheco Guarda mór; Meirinho mór da Comarca de entre Douro, e Minho a Ruy Mendez de Vaſconcellos, Meirinho mór da Comarca de Traslos Montes Nuno Viegas o moço, Affonſo Furtado Capitaõ mór do mar, Eſtevaõ Vaſques Philipe Anadel mór, Joaõ Rodriguez de Sá Camareiro mór, Joaõ Gomez da Silva Copeiro mór, Pedro Lourenço de Tavora Repoſteiro mór, Lourenço Anes Fogaça, que eſtava em Inglaterra por Embaixador, Chançarel mór, e entretanto lá andava, o Doutor Joaõ das Regras, que já ſervia; Affonſo Martins, Alcaide mór que foi do Pombeiro, Eſcrivaõ da Puridade; Joaõ Gil, e Martim da Maia Veedores da fazenda; Lourenço Martins, Alcaide mór que foi de Leiria, Theſoureiro mór; Fernaõ Alvarez Dalmada Commendador de Jurumenha, e Craveiro da Ordem de Aviz Veedor da Caſa, como antes era; e aſſi fez outros officiaes.

CAPITULO XLVIII.

Algumas cousas, que se propuzeraõ em Cortes: como el Rey fez mercês á Cidade de Lisboa, e do Porto.

NAs Cortes, que se tinhaõ começado em Coimbra, mandou el Rey que se continuasse, e foraõ as primeiras, que el Rey D. Joaõ fez: os povos pediraõ nellas muitas cousas, especialmente a Cidade de Lisboa, a que se outorgou mais do que pedio. Entre as cousas, que os povos pediraõ, foi que naõ trouxesse no conselho criados da Rainha Dona Leanor, nem lhes desse officios em sua Casa, nem na Cidade de Lisboa, a cujos moradores tinha odio. Item que naõ fizesse guerra, nem paz, nem cazasse, sem consentimento de todos; pois eraõ cousas, que a todos tocavaõ, porque assi o costumavaõ sempre os outros Reys: e que por el Rey D. Fernando seu irmaõ sahir deste costume, succederaõ tantos males ao Reyno. Item que a ninguem obrigasse cazar contra sua vontade, por cartas de rogo, como fizeraõ o mesmo Rey D. Fernando, e a Rainha Dona Leanor, que constrangeraõ muitas molheres a cazar, que estavaõ com seus pais, e tutores, e viuvas ricas, com pessoas naõ convenientes a ellas, que lhes gastaraõ, e comeraõ o seu. E ás que naõ quizeraõ cazar por seus rogos, mandava chamar, e traziaõ arrastadas apôs si contra serviço de Deos, e da liberdade do Matrimonio. El Rey lhes respondeo, que fazer guerra, e paz, seria sempre com o parecer de seus povos. E que, quanto ao seu cazamento, que pois (como elles diziaõ) o matrimonio avia de ser livre, e os Reys antes delle no cazar foraõ exem-

ptos, elle ſenaõ obrigava a prometer tal couſa; mas que ſua vontade era, quando cazaſſe, fazerlho ſaber: e que, a cazar, naõ forçaria algum vaſſallo ſeu; e ſe alguma carta eſcreveſſe, ſeria por importunaçaõ de quem lho pediſſe; mas que cada hum fizeſſe o que lhe bem eſtiveſſe, e lhe reſpondeſſe ouzadamente, e naõ curaſſe de taes cartas.

Satisfeitos todos, naõ ſe ſatisfazia el Rey nas mercês, que fazia a Lisboa. Polo que, ſem lho a Cidade pedir, além de lhe confirmar todos os capitulos, que lhe pedio, e outras couſas mais, deſejando de lhe acrecentar o termo, e a jurdiçaõ, lhe deu por huma carta a Villa de Cintra por ſeu termo, e a Aldea com todos ſeus termos, e aldeas: e lhe deu mais por termo as Villas de Torres Vedras, Alenquer com todas ſuas aldeas, Mafara, Collares, Eiriceira, Villa Verde, e todas as outras Villas, que eſtaõ de Alenquer até á Cidade ao longo do Téjo; e como vaõ deſdas Villas de Cintra, e Torres Vedras até á ribeira do mar, tirando a Arruda, e Villa Franca, que eraõ dos Meſtrados, para que o termo da Cidade chegaſſe a oito legoas; e os moradores das Villas, que lhe dava por termo, aſſi homens de armas, e de cavallo, como béſteiros, e piaẽs, aviaõ de ſahir cada hum com ſua bandeira, quando foſſem requeridos, para acompanhar a bandeira de Lisboa, quando ſahiſſe fóra, por ſua defenſaõ, e guarda da ribeira, ou outro lugar por ſerviço del Rey, á cuſta dos meſmos Conſelhos. A qual doaçaõ aſſi o meſmo Rey D. Joaõ, como os outros Reys foraõ revogando. E aſſi deu el Rey tambem á Cidade do Porto, por muitos ſerviços, que lhe fez, por termo os julgados de Bouças da Maya, e de Gaya, que eſtaõ junto com a Cidade, e Pena fiel de Souſa, e Villa Nova a par de Gaiaõ.

CAPITULO XLIX.

Assegura el Rey o castello de Coimbra: toma o Condestabel alguns castellos, e lugares, que estavaõ por Castella.

ACabados os negocios das Cortes, determinou el Rey com conselho do Condestabel ir ao Porto, com tençaõ de cobrar alguns lugares daquella Comarca, que estavaõ por Castella. E porque naõ tinha boas sospeitas de Gonçalo Mendez de Vasconcellos, por ser tio da Rainha, pareceolhe bem, antes que se partisse de Coimbra, tomarlhe o castello, e dalo a outrem, para partir seguro. E disse a Vasco Martins de Mello que, como visse Gonçalo Mendez fóra do castello, entrasse dentro, e o tomasse. Vasco Martins o fez assi: e posto que se agravasse muito Gonçalo Mendez, elRey o contentou por outra via com outras mercês, que lhe fez; nem seus filhos Men Rodriguez, e Ruy Mendes, que andavaõ com el Rey avia muito tempo, e eraõ homens valerosos, se deraõ por achados do cazo, porque receavaõ que seu pai fizesse alguma cousa com aquelle castello, de que elles se pudessem afrontar. Entaõ deu aquella Alcaidaria mór de Coimbra a Lopo Vasques de Sequeira, Commendador mór que foi de Aviz, e o teve até á morte.

Estando el Rey com proposito de ir ao Porto, lhe chegou recado de Lisboa, como da armada del Rey de Castella estava já grande parte á vista da Cidade, e que muito sedo estaria toda. E consultado o Condestabel sobre este caso, disse a el Rey que, se elle lhe desse licença, e gente, que fosse esforçada, iria pelejar com a armada. E parecendo

do a el Rey bom conselho, lhe deu recado para a Cidade do Porto, onde fazendo o Condestabel chamar todos os melhores da Cidade, e mareantes, tratou com elles o que el Rey lhe mandára; e avido conselho, acharaõ que se naõ podia fazer cousa, que fosse com honra do Reyno, e serviço del Rey. Entaõ determinou o Condestabel ir a Sanctiago, assi por sua devaçaõ, como por pôr em cavalos os seus, dos quaes muitos hiaõ a pé, por naõ poderem achar cavalos; e por tomar de caminho alguns lugares, por onde avia de passar, e estavaõ por Castella. Partio o Condestabel do Porto sómente com cento e sincoenta homens de cavalo. E alli se ajuntaraõ todos os seus, que hiaõ a pé armados. Neste primeiro dia dormio o Condestabel em Lessa, e ao outro dia, indo pola Comarca, se lhe chegaraõ quarenta homens de armas dos lugares, que estavaõ por Castella, e muitos homens de pé, a que fez grandes gazalhados. E assi lhe vieraõ bestas, em que os seus cavalgaraõ. De maneira que quando chegou ás oitos legoas, já levava quatrocentas lanças, com bons cavalos. E indo seu caminho, chegou a Villa de Neiva, que tinha hum castello mui forte, e estava por Castella, e nelle por Alcaide hum genro de Lopo Gomez de Lyra. E mandando contra o castello rijamente, deu ao Alcaide hum virotaõ pela vizage da cellada, de que logo cahio morto, e o castello se deu a partido. A molher do Alcaide veio ao Condestabel pedirlhe que sua honra fosse guardada, e naõ se lhe fizesse algum desacato. O Condestabel a mandou mui honradamente acompanhada com gente de pé, e de cavalo a Ponte de Lima, e que a entregassem a seu pai, que naquella parte estava por fronteiro del Rey de Castella; e assi foi o castello de Neiva tomado. Ao outro dia foi tomado por combate o castel-

castello de Vianna, que tinha Vasco Lourenço de Lyra, irmaõ de Lopo Gomez, no qual de huma parte, e da outra se pelejou bravamente, vindo ajudar ao Condestabel muitos homens da terra. E por o combate ser taõ porfiado, foi derrubado o Alferez do Condestabel, e morto, que era o maior homem de corpo, e forças, que avia em Espanha, (por alcunha o Friz) que fora criado del Rey D. Fernando, do que ao Condestabel pezou muito. Ao Alcaide deraõ com hum virotaõ pelo rosto, de que foi mal ferido. Polo que, vendo jâ arder as portas do castello, e naõ vendo remedio para se salvar, se deu a partido de sahir com o seu; e se foi ter com seu irmaõ.

Assentadas as cousas de Vianna, querendo o Condestabel proseguir o caminho para Sanctiago, os moradores de Villa Nova da Cerveira, que era dahi quatro legoas, e os de Caminha, sabendo o que passára no castello de Neiva, e de Vianna, sendo taõ fortes, temendose de outro tal, lhe mandaraõ pedir mandasse quem tomasse entrega daquelles lugares; do que o Condestabel ficou mui alegre, e mandou gente para os guardarem. E indo mais adiante, chegou ao rio do Minho, que por naõ poder passar, se apozentou em huma aldea perto delle; e ahi lhe chegou recado de Monçaõ, em que lhe pediaõ o mesmo, dizendo que eraõ verdadeiros Portuguezes, e naõ queriaõ outro Rey, senaõ o de Portugal.

CA-

CAPITULO L.

Como el Rey D. Joaõ ouve o castello de Guimaraẽs, e o de Braga, que estavaõ por Castella.

EL Rey partio para o Porto, onde estavaõ aparelhadas muitas festas por mar, e por terra, com que aquella gente bem mostrava o grande amor, que sempre lhe tiveraõ. E sendo recebido com grande apparato, foi levado em procissaõ á Sé, e dahi a seus Paços, onde á tarde o veio ver a molher do Condestabel, que acaso alli se achou, a qual el Rey recebeo com grande honra, e gazalhado. E a causa de sua vinda ao Porto foi, que estando ella com sua filha detida em Guimaraẽs, que estava por el Rey de Castella, hum fidalgo seu parente, por nome Gonçalo Pirez Coelho, que estava no castello da dita Villa, as trouxe furtadamente ao Porto.

Estando assi el Rey no Porto, estava por Alcaide mór, e fronteiro da Villa de Guimaraẽs Aires Gomez da Silva com oitocentos homens nobres. Aires Gomez era já mui velho, e mal disposto; mas mui fermoso, e de gentil pessoa, e era o mais honrado homem de sua linhagem, e que trazia grande casa, por el Rey D. Fernando, cujo Aio elle fora, lhe dar muitas terras; e sua molher, segundo Fernaõ Lopes Cronista antigo do Reyno, que escreveo a Cronica deste Rey D. Joaõ primeiro, por nome Dona Urraca Tenorio, era irmaã de D. Pedro Tenorio Arcebispo de Toledo, Portuguez de naçaõ, natural de Tavira, que já fora Bispo de Coimbra; mas, segundo Fernaõ Perez de Gusmaõ, no tratado dos homens illustres de seu tempo, diz que a irmaã do Arcebispo D. Pedro Tenorio, se

cha-

chamava Dona Maria Tenorio, e foi casada com Fernaõ Gomez da Silva filho do dito Ayres Gomez da Silva. E que delles naceo D. Affonso Tenorio Adiantado de Cazorla, do qual, e de Dona Izabel Telles de Menezes, filha de Sueyro Telles de Menezes, e de Dona Maria Coronel, nasceraõ Frey Pedro da Ordem de S. Domingos, que foi Bispo de Tuy, e de Badajoz; e D. Joaõ da Silva Alferez mór del Rey, que foi Embaixador no Concilio de Bacilca, e primeiro Conde de Cifuentes. Aconteceo pois que na Villa avia hum homem principal, que chamavaõ Affonso Lourenço Carvalho, que tinha hum tio, que vivia com el Rey, e outros seus parentes, que andavaõ com o Arcebispo de Braga D. Lourenço: e porque elle era o mais honrado da Villa, e trazia aquelles parentes, receavase muito delle Ayres Gomez, e tinhao por sospeito: e hum dia lhe mandou dizer que, se naõ queria paixoẽs com elle, lançasse de si todos os seus, e os mandasse para onde quizesse, e nenhum trouxesse consigo, ou estivesse encerrado em casa, e naõ sahisse com elles; senaõ que lhe faria toda a má obra, que pudesse. Affonso Lourenço era homem, que tinha escudeiros, e homens de pé, e que na Villa tinha muitos amigos, e apaniguados: e foilhe grave lançar de si os seus; mas obedeceo á necessidade. Avia tambem na Villa outro escudeiro, por nome Pedro Rodriguez, cunhado de Affonso Lourenço, e seu grande amigo, do qual se naõ receava Ayres Gomez, posto que tivesse escudeiros, e boa casa. E tratando el Rey hum dia com o Arcebispo, como se poderia aver Guimaraẽs de salto, e naõ por cerco, respondeo o Arcebispo, que aquillo tinha elle melhor parado, do que cuidava. Entaõ lhe contou a discordia, que avia entre Ayres Gomez da Silva, e Affonso Lourenço, dizendolhe

dolhe que escrevesse a Affonso Lourenço, e a seu cunhado; e que elles ordenariaõ como a Villa lhe viesse á maõ. El Rey escreveo logo, e as cartas se deraõ em segredo; e na de Affonso Lourenço lhe rogava viesse secretamente falarlhe ao Porto, que saõ dahi oito legoas, em huma certa horta junto com a Cidade. Recebidas as cartas, Affonso Lourenço lhe mandou dizer, que lhe viria fallar a hum certo dia. Vindo o termo, el Rey fez que hia á caça; e apartandose dos seus só com Fernaõ Alvarez Dalmeida seu Veedor, de que elle muito se fiava, se veio áquella horta, onde já achou Affonso Lourenço, com quem comunicou: e despois que falaraõ, acordaraõ que se segurassem quaesquer moradores de Guimaraẽs, que viessem por mantimentos ao Porto. Affonso Lourenço se tornou, e falou com seu cunhado sobre o dar a Villa, e por que maneira seria entrada. E tornou el Rey á mesma horta hum certo dia, e na Villa naõ se achava menos; porque muitas vezes passavaõ os quatro, e sinco dias, que naõ sahia de casa; e quando sahia, andava só com hum cajado na maõ.

Assinado o dia, em que havia de ser tomada, descobrio el Rey isto a alguns fidalgos, dizendolhes que levassem os cavalos menos rinchadores que tivessem; e levou consigo trezentos de cavalo, e mui poucos homens de pé. E ouvindo Missa, e jantando cedo, partiraõ sem azemalas, nem impedimento algum; e sendo já muito noite, chegaraõ á veiga de S. Redanhas, que he meia legoa pequena da Villa, onde já estava Affonso Lourenço aguardando. Elle os levou dalli ao redor até o valle da deveza, que chamaõ Sancta Maria, que he muito espessa de arvores, e dista da Villa tres tiros de bésta: alli fez cada hum que seu cavalo naõ rinchasse; e hum, que rinchou, mandou el Rey logo

matar. Naquelle dia, que el Rey partio, foi logo ordenado que tomassem todos, os que hiaõ pelos caminhos pera o Porto, e vinhaõ, para que naõ podessem dar novas: e quando Affonso Lourenço hia fóra da Villa, Payo Rodriguez concertava dentro o que cumpria; e no dia, que Affonso Lourenço sahio fóra, falou com hum Joaõ Azedo, que tinha as chaves da porta, que chamavaõ do postigo, dizendo que lhe rogava, por quanto elle assi andava só, e queria trazer huma cuba em hum carro, lhe tivesse a porta aberta bem cedo, por ninguem o ver naquelle vil ministerio. O porteiro, que disto naõ sabia parte, disse que lhe prazia: e Payo Rodriguez teve cuidado de o requerer, para ver se vinha já seu cunhado. E elle, que o tinha prometido, abrio a porta mui cedo; e como foi aberta, Payo Rodriguez com os seus prendeo o porteiro, e esteve quedo; e pôs homens, que guardassem a porta, e outros no muro, por impedir se alguns viessem acudir. Nisto chegou logo Affonso Lourenço, e tomou huma grande pedra, e encostoua ao longo da porta, para que senaõ podesse cerrar, começando já de esclarecer; e fez logo final á atalaya, e a atalaya a el Rey, que logo á pressa começou a correr. Neste tempo acertou que hum escudeiro de Ayres Gomez, que se levantara cedo para ouvir Missa, vio no muro homens desacostumados, e por outra parte sintio o tom dos cavallos, que corriaõ; e torvando-se todo, começou a bradar *Castella*, *Castella.* Affonso Lourenço, que andava guardando a el Rey, respondeo, e disse *Portugal*, *Portugal.* Entaõ se começaraõ a ferir com as espadas muito rijo; e chegando os de cavalo já perto, voltou o escudeiro o rosto, por ver quem eraõ; e Affonso Lourenço lhe deu tal golpe, que logo cahio morto; e tambem foi morto o porteiro

Joaõ

Joaõ Azedo. El Rey hia nos dianteiros; e quando chegou á porta da Villa, o primeiro, que por ella entrou, foi Joaõ Rodriguez de Sá, o qual foi ferido no rosto de alguns, que já acodiaõ ao arroido. Mas os da Villa naõ tomaraõ armas, e folgaraõ de assi acontecer. Affonso Lourenço hia diante bradando *Portugal*, *Portugal*. Os Castelhanos, e os de Ayres Gomez da Silva naõ trataraõ mais que de se porem em salvo. Joaõ Rodriguez de Sá, que bem sabia as ruas da Villa, e como tinha outra cerca, encaminhou logo com sua lança nas maõs chamando *Portugal*, *e S. Jorge*; e isto por tomar a porta da segunda cerca, para que se naõ acolhessem a ella os de Ayres Gomez, que pouzavaõ pola Villa. E antes que lá chegasse, achou ante si Alvaro de Tor de Fumos, hum afamado homem de armas com vinte escudeiros entre homens de armas, e de pé, os quaes elle acaudelava, e recolhia. Joaõ Rodriguez de Sá, vendo que lhe naõ cumpria meterse só a cavallo entre elles, deceose logo a pé, e com a lança de armas nas maõs, os levava todos ante si, em maneira que senaõ ouzavaõ com elle; e por se acolherem á Villa, hiaõse retraindo, e nenhum Portuguez acompanhava a Joaõ Rodriguez, mas andavaõ pola Villa roubando as cousas dos Castelhanos, que achavaõ em casa dos hospedes. E como Joaõ Rodriguez de Sá vio que todos se acolhiaõ pola porta, e naõ lhe podia empécer, lançou a lança das maõs, e arrebatou hum Castelhano polas pernas; e assi arrastandoo, o trouxe prezo perante el Rey.

Nisto começou a gente de se alvoroçar para combater a Villa, e el Rey os fez socegar. E apouzentouse junto com a Igreja de Sancta Maria nas casas do Prior; e mandou que aos moradores da Villa senaõ tomasse nada, tirando aos de Ayres

Gomez da Silva; dos quaes, porque eraõ horas inda de jazer quando el Rey entrou, muitos foraõ prezos, e roubados, e outros fogiraõ para o castelo. Mas os da Villa vieraõ beijar a maõ a el Rey por Senhor. El Rey mandou requerer a Ayres Gomez lhe desse o castello, dizendo muitas razoés, porque o devia vir servir; a que elle naõ quiz obedecer.

Em fim o castello se combateo por muitas vezes, com muitos engenhos, e artificios, em cujos combates se fizeraõ feitos muito para se notarem, de huma parte, e outra. Até que Ayres Gomez veio a se render, com a condiçaõ se el Rey de Castella o naõ socorresse dentro de trinta dias; e que, passando aquelle tempo, entregaria o castello, saindose elle a salvo, e sua molher, e os seus com tudo o que tivessem. Ayres Gomez mandou Gonçalo Marinho a el Rey de Castella; o qual sabendo quanto fizera por defender a Villa, lho mandou agradecer, e desculparse de o naõ socorrer, por o prazo ser estreito: posto que já tinha feito muitas gentes para entrar em Portugal, e que naõ levasse mais trabalho, nem se arriscasse, mas que entregasse o castello. Ayres Gomez se sahio delle em colos de homens, e a poucos dias morreo, mas ainda em Portugal. Os seus bens, e de sua molher deu el Rey a Mem Rodriguez de Vasconcellos, e a Lopo Dias de Azevedo, e a Joaõ Gomez da Silva; e a Villa de Guimaraés deu ao Condestabel. A molher de Ayres Gomez da Silva se foi a Castella, onde o Arcebispo de Toledo naõ consentio nos desposorios de sua sobrinha com Gonçalo Marinho, dizendo que era de menor idade, quando com elle se desposou. E este he o que se fez Frade da Ordem de S. Francisco, em que acabou sua vida, de que na Cronica do mesmo Sancto se faz mençaõ.

No

No dia, que Guimaraẽs ſe tomou, tiveraõ os da Cidade de Braga razoẽs com os do caſtello, que andavaõ polas ruas ſobre eſtas couſas, que el Rey executava, porque ſe fez huma grande volta, e arroido, em que ouve muitas cutiladas, e lançadas. Os de fora bradavaõ *Portugal por el Rey D. Joaõ:* até que encerraraõ os do caſtello dentro delle, e lhes começaraõ a atirar com quatro engenhos, que ahi tinhaõ. E no meſmo dia mandaraõ a Guimaraẽs, que diſta dahi tres legoas, dizer a el Rey que mandaſſe tomar o caſtello, antes que lhe vieſſe algum ſocorro. Neſſe dia por noite mandou el Rey lá Mem Rodriguez de Vaſconcellos, e Martim Paulo Cavaleiro Gaſcaõ com a gente, que cumpria. E eſcreveo ao Condeſtabel, que eſtava ainda na aldea, que diſſemos, junto com o Minho, por o naõ poder paſſar, que foſſe tomar o caſtello; que já a Cidade eſtava por elle. O Condeſtabel veio, e o combateo; e havendo muitos feridos, e alguns mortos, Vaſco Lourenço, que nelle eſtava por ſeu irmaõ Lopo Gomez de Lyra, o veio dar a partido; e o Condeſtabel ficou nelle.

CAPITULO LI.

Toma el Rey por armas a Villa de Ponte de Lima, e ſuas torres.

EStando el Rey ainda no Porto, antes que vieſſe a Guimaraẽs, eſtava em Ponte de Lima por fronteiro, e Meirinho mór daquella Comarca Lopo Gomez de Lima, que fora criado del Rey D. Fernando, com ſua molher, e filhos: e tinha a Villa por el Rey de Caſtella, e conſigo tinha muita, e boa gente, de eſcudeiros, e homens de pé, e 80. béſteiros, a fora muita gente,

te, que era do lugar, e de ſeus termos. Na Villa morava hum eſcudeiro honrado, por nome Eſtevaõ Rodriguez. E aconteceo que hum dia, eſtando elle na praça, quando o Meſtre foi levantado por Rey em Coimbra, Gonçalo Lopes de Goiaẽs, Pero Vellozo, e outros eſcudeiros de Lopo Gomez começaraõ a falar com Eſtevaõ Rodriguez no alevantamento del Rey, e nas feſtas, que lhe tinhaõ feitas: das quaes zombando elles, ſoltaraõ muitas palavras contra el Rey. Eſtevaõ Rodriguez, que na vontade, e animo era Portuguez, pezandolhe muito do que ouvia, naõ ouzava falar; mas perſeverando elles, diſſe: Ainda eſſe, de que vós eſcarneceis, vos ha de lançar o agraço no olho. E com eſtas razoẽs, e outras ſe deſpediraõ delle mal contentes. Lopo Gomez ſoube do que Eſtevaõ Rodriguez diſſera, e mandouo meter na cadea. E por ſeus parentes, e amigos falarem por elle, foi ſolto. Eſtevaõ Rodriguez ſentido da afronta, e prizaõ, falou com ſeu irmaõ Lourenço Rodriguez, e com Garcia Lopes ſeu parente, que vivia com Lopo Gomez, e com outros ſete, ou oito ſeus amigos, que, pois eraõ Portuguezes, e tinhaõ Rey Portuguez, lhe deſſem aquella Villa: e vindo todos neſte acordo, pera ſegurança de ſeu ſegredo, foraõ fazer juramento a huma Ermida fóra do lugar. Iſto feito, mandaraõ chamar a Guimaraẽs, que eſtá dahi oito legoas, hum Frade de S.Franciſco, natural do meſmo lugar de Ponte de Lima, e por elle mandaraõ dizer a el Rey ao Porto, aonde ainda eſtava, que elles tinhaõ ordenado darlhe aquella Villa. E que, como viſſem tempo opportuno para ſe effeituar, o fariaõ certo diſſo. El Rey mui contente com aquelle recado, lho mandou agradecer, e rogar acabaſſem couſa taõ bem concertada, e o mais ſeguramente que podeſſem. O Frade veio, e foi tantas

vezes

vezes ſobre a maneira, com que iſto ſe podia fazer, que ouve tempo para el Rey ir a Guimaraẽs, e tornar ao Porto. Eſtevaõ Rodriguez falando com aquelles amigos da conjuraçaõ ſobre a maneira, com que a Villa ſe avia de dar, os achou arrependidos, dizendo que a couſa era ardua, e cheia de perigo, por o lugar ſer forte, e eſtar nelle muita gente. E que, a naõ ſucceder o ſeu deſenho, ficariaõ perdidos elles, e ſuas molheres, e ſeus filhos, e obrigados á morte; mas que teriaõ ſegredo no que com elles communicara.

Vendo Eſtevaõ Rodriguez que ſeus penſamentos ficavaõ fruſtrados do ſucceſſo que eſperava, com o grande deſejo que tinha de naõ faltar no que tinha prometido a el Rey, communicou o caſo com Lourenço Rodriguez ſeu irmaõ, e lhe rogou que o ajudaſſe: e concordes naquella empreza, paſſaraõ alguns dias, até que el Rey tomou Guimaraẽs. E ſoando eſtas novas pola terra, mandou Eſtevaõ Rodriguez polo Frade dizer a el Rey que hum certo dia, que lhe aſſinou, partiſſe para lá, e cobraria o lugar. El Rey mui alegre de taes novas, mandou recado ao Condeſtabel a Braga, dandolhe conta do que paſſava: e que fizeſſe preſtes para ir com elle, aſſinandolhe lugar certo, onde o devia eſperar. O Condeſtabel naõ faltou, acodindo a tempo áquelle lugar. El Rei deſpois que comeo, partio com a gente que baſtava, fingindo que hia ao Moſteiro da Coſta. E indo por aquelle caminho, deu volta para Ponte de Lima, e chegou bem noite áquem da Villa huma legoa, onde Eſtevaõ Rodriguez o eſtava eſperando; e foiſe com elle. E áquem da Villa mea legoa ficou huma cillada com o melhor da gente, e o Marichal Alvaro Pereira com ella. El Rey ſe veio a huma deveza eſcura, e cuberta de arvoredo, que ſeria dous tiros

ros de béſta do lugar com cem de cavalo dos bons, que em ſua companhia andavaõ. E alli ſe apeou el Rey com todos os mais, e ataraõ as lingoas dos cavalos com as ſedas dos cabos, por naõ rincharem, e poderem ſer deſcubertos.

A guarda, que na Villa avia, era deſta maneira: A gente do lugar, e outra, que vinha do termo, velavaõ juntamente: e todos os dias pola manhãa cedo hiaõ ſinco, ou ſeis homens de pé buſcar as devezas vizinhas á Villa, para verem ſe avia alguma gente, ou cillada, que lhe podeſſe fazer dano. Deſpois que deſcubriaõ terra, e tornavaõ para a Villa, entaõ abriaõ as portas; e os que velavaõ ſe hiaõ para ſuas caſas. Os que velavaõ, e roldavaõ de noite, dormiaõ pola manhãa até alto dia. E quando Eſtevaõ Rodriguez ſahio á tarde, por ir aguardar el Rey, onde eſtava concertado, diſſe ao que gardava a porta, que hia buſcar humas ſuas azemelas, que naõ podia achar, e cuidava que lhas furtaraõ. E deſpois que trouxe el Rey áquelle lugar, em que ſe apeou pela manhãa bem cedo, tornou á Villa, e achou as portas fechadas; e naõ tardou que naõ foſſem abertas para irem buſcar as devezas, como era coſtume. E quando aquelles homens, que hiaõ eſpiar, perguntaraõ a Eſtevaõ Rodriguez donde vinhaõ, entaõ lhes diſſe como o dia de antes á tarde andara toda eſſa terra de cá peralá buſcando as ſuas beſtas, que achava menos, e lhe naõ ficara deveza, nem valle ao redor da Villa, que naõ tiveſſe corrido, e que nunca dellas achara raſto: polo que cria que lhe eraõ furtadas, e que por tanto naõ tinhaõ elles que ir lá fazer, que tudo eſtava ſeguro, e naõ tinhaõ que buſcar: mas que, ſe todavia quizeſſem ir lá, foſſem primeiro com elle beber hum par de vezes de bom vinho, e elle os acompanharia. E porque

aquella manhãa fazia nevoeiro, e elle vinha molhado do orvalho, disseraõ dous dos que aviaõ de ir fóra, que bem dizia Estevaõ Rodriguez, que fossem beber com elle. Todos foraõ entaõ com elle para sua casa, e o porteiro fechou a porta. Estevaõ Rodriguez como os teve em sua casa, falou com sua molher, que sabia do caso; e disse contra os outros: Se nós hemos de beber, façaõnos bem de almoçar. E todos disseraõ que era mui bem; e a molher o começou a fazer, e naõ com muita pressa. Estevaõ Rodriguez lhes disse entaõ: Quereis hum bom conselho? por vossa vida que joguemos os dados. E outros disseraõ que lhes prázia: e começaraõ a jogar. Estando jogando, chamou a molher por Estevaõ Rodriguez, que acudisse ver huma cuba, que lhe parecia que se hia. Estevaõ Rodriguez disse aos outros, que jugassem em quanto elle hia ver o que aquillo era, e tirar que bebessem. E por huma sua criada mandou o vinho, e lhe mandou que, se preguntassem por elle, dissesse que esperassem hum pouco, que logo tornava: e foise com hum seu irmaõ, e com hum homem de pé á porta da Villa, e disse ao porteiro: Porque naõ abris a porta a estes velladores, que he já tarde? O porteiro lhe disse, que aguardava os que aviaõ de ir buscar as devezas. Estevaõ Rodriguez disse que, se elle os avia de aguardar, que a boas horas iriaõ elles dalli. E naõ sabeis vós (disse elle) que tal eu hoje vim de buscar as devezas, que toda a noite andei buscando as azemalas, que me furtaraõ; e como vi que toda a terra está segura, elles se foraõ comigo, e estaõ em minha casa jogando, e já naõ saõ horas de ir. Entaõ abrio a porta aos velladores, e Estevaõ Rodriguez sahio com elles, e hiaõ falando no que lhes vinha á vontade; e aquelles, que acertaraõ ir por

aquelle caminho, onde el Rei eſtava, foraõ reteúdos. Lourenço Rodriguez, quando aquelles homens ſahiraõ pela porta da Cidade, deitou eſcondidamente algumas moedas miudas entre as portas, ſegundo tinha tratado com ſeu irmaõ, e começou de as buſcar, fazendo que as perdera de noite. E em achando humas, deixava cahir outras, por dilatar a abertura das portas. Niſto os que vinhaõ pera ſahir pola porta, ajudavaõlhe a buſcar o dinheiro; e o meſmo fazia o porteiro, e os que alli eſtavaõ por guardas. Lourenço Rodriguez volveo huma pedra entre as portas das que avia, em que ſe os guardas aſſentavaõ, moſtrando que achava algum dinheiro debaixo della. O homem de pé, que eſtava na ponte, fez ſinal com a capa a Eſtevaõ Rodriguez, e elle aos del Rey, que acodio á preſſa a pé, e logo vinte de cavalo frecheiros Ingrezes; e diante del Rey vinhaõ o Condeſtabel, Ruy Mendez de Vaſconcellos, Gonçalo Vaſquez de Mello o velho, Martim Affonſo de Mello o moço, e o Doctor Martim Affonſo, e outros; e aſſi entraraõ por debaixo da ponte, e dahi por antre o muro, e a barbacãa, por hum portal devaſſo, que tinha. Os que eſtavaõ de cima do muro, quando os aſſi viraõ vir, começaraõ a bradar á preſſa aos outros, que cerraſſem as portas. Lourenço Rodriguez, a quem em ſe fecharem hia a vida, defendia que ſenaõ cerraſſem, e de tal maneira o fez com ſua eſpada, que ſenaõ pode cerrar depreſſa, nem tirar a pedra, e elles, que já tiravaõ a pedra, e puxavaõ por a porta, ficando Lourenço Rodriguez dentro pelejando, Eſtevaõ Rodriguez chegava mui á preſſa; e meteo a eſpada por entre as portas, e deu na teſta áquelle, que a cerrava, e a deixou entaõ das maõs. E Lourenço Rodriguez tirou por huma dellas, e a abrio de todo, e a tiveraõ elle,

e ſeu

e seu irmaõ Estevaõ Rodriguez com a força de suas espadas, chamando altas vozes *Portugal*, *Portugal*: nisto chegou el Rey á pressa com os seus, e entraraõ a Villa. Ao tempo que el Rey entrou, deitaraõ da torre, que està sobre a porta, huma grande pedra, que cahio junto a elle. Os de Lopo Gomez, que pouzavaõ pela Villa, e jaziaõ ainda nas camas, quando ouviraõ aquelle arroido, e viraõ consigo entrar tanta gente a som de trombetas, começaraõ de se pôr em armas, trabalhando de os receber de má maneira, defendendo as ruas mui rijamente, escudados, e armados, bradando todos *Castella*, *Castella*: mas os frecheiros os fizeraõ logo retirar, matando huns, e prendendo outros; e os fizerão meter nas torres, donde se defendião o melhor, que podiaõ. Nisto chegou o Marichal com a gente da cillada, onde ficára; e como a Villa foi despejada dos inimigos, todos trabalhavaõ de se ajudar do que nella achavaõ, que naõ fosse dos moradores; e assi tambem apozentarse o melhor, que puderaõ.

Tanto que el Rey tomou posse da Villa, determinou de combater as torres, que eraõ mui fortes, e bastecidas de armas, e de gente. Mas antes que combatesse, mandou dizer a Lopo Gomez que se rendesse, e naõ quizesse perderse a si, e aos seus: e que lhe lembrasse a honra, e mercê, que recebera neste Reyno: e quizesse antes receber delle favor, e mercê, que lhe faria, que perseverar em sua rebeldia; e mais naõ tendo castello, em que se podesse defender: e que se esperava socorro del Rey de Castella, lho mandaria como mandou a Ayres Gomez da Silva a Guimaraẽs. Lopo Gomez perseverando em seu proposito, naõ se quiz render. Mandou entaõ el Rey combater todas as torres, salvo a de Lopo Gomez: e por for-

ça de armas, e de fogo ſe deraõ todos. A torre de Lopo Gomez, que era mais forte, e eſtava nella muita gente, ſe defendeo bem quando a ella vieraõ; mas como Lopo Gomez vio que punhaõ fogo ás portas, mandou cometer a el Rey que lhe deſſe eſpaço pera o fazer ſaber a el Rey de Caſtella, para que o ſocorreſſe; e, naõ vindo, que os deixaſſe ir em ſalvo com o ſeu. El Rey naõ lhe quiz aceitar o partido, nem fazerlhe outro, ſenaõ que lhe deſſe a torre logo, e ſe foſſe. E mandoua combater; e ſobiraõ pola eſcada do muro, que hia direito á porta da torre, Joaõ Rodriguez, homem para muito, e Antaõ Vaſquez, e Martim Affonſo de Mello diante; o qual em ſe metendo ſob o arco do portal da torre, lançaraõ de cima huma pedra, que logo matou a Joaõ Rodriguez; e com outra feriraõ a Antaõ Vaſquez, e o derribaraõ, e eſteve á morte. Os que eſtavaõ pelo muro, lançavaõ a Martim Affonço alli onde eſtava fogo, e linho, e lenha para pôr fogo ás portas: e polas muitas pedras, que deitavaõ de cima, naõ ouzava de ſahir de ſob o arco; mas com a eſpada colhia o que lhe deitavaõ, de maneira que pôs o fogo ás portas. E como começaraõ de arder, Martim Affonſo ſe ſahio rijo, e foiſe pelo lanço do muro, onde outros combatiaõ. Como as portas arderaõ, ateouſe o fogo no primeiro ſobrado da torre, que eſtava cheo de lenha, e de toucinhos; e acendendoſe com grande furor, pola boa materia que achou, ardeo o primeiro ſobrado. E com o grande fumo, e labareda que hia ao outro ſobrado, naõ o podendo ſofrer os que nelle eſtavaõ, ſe punhaõ com os roſtos fóra das ameas eſperando a morte. E dalli começaraõ a bradar, e a capear Lopo Gomez, e os ſeus, pedindo a el Rey por mercê lhes perdoaſſe; que ſe queriaõ dar. El Rey eſtava em

lugar donde via tudo, e folgava de ver naquelle estado homens, a que offerecera mercês, e favores, que lhe naõ quizeraõ aceitar; e polo dano, que recebeo na morte de Joaõ Rodriguez. Aguns diziaõ que os deixasse afogar a todos, por se atreverem tanto a el Rey. Vasco Martinz de Mello pedio a el Rey ouvesse dó de Tareja Gomez, molher de Lopo Gomez, que andava prenhe, e de seus filhos, que os naõ deixasse morrer de taõ cruel morte. El Rey movido de piedade, mandou que cessasse o combate, e os decessem por cordas em hum cesto. Os quaes vinhaõ já começados a chamuscar; e a Lopo Gomez, e a sua molher mandou levar prezos ao Porto, e aos mais, onde foraõ recebidos com muitas injurias, e afrontas; e dahi foraõ a Coimbra. Na Villa deixau el Rey por guardas a Estevaõ Rodriguez, e a seu irmaõ; e a Ruy Mendes de Vasconcellos deu a terra de Frojaõ, e de Jaraz, e os mais lugares, que foraõ de Lopo Gomez: e dahi se passou el Rey a Braga, onde pouzou com o Condestabel, e dahi a Guimaraẽs.

CAPITULO LII.

Entraõ por Portugal alguns Capitaẽs Castelhanos, roubando, e destruindo muitos lugares: sabemlhe os Portuguezes, e ficaõ com a victoria, e despojo.

NEste tempo el Rei de Castella, que estava em Cordova, e tinha mandada sua armada a Lisboa para lhe pôr cerco, mandou chamar todos os Senhores, e fidalgos, e homens de armas, que se viessem para elle, para entrar em Portugal: e escreveo a D. Afforso Tenorio Arcebispo de Toledo, e alguns seus vassallos, que se ajun-

ajuntassem em Cidade Rodrigo ; e que dahi entrassem no Reyno de Portugal , a talhar as vinhas, e paẽs , e fazer todo o mal , e dano, que podessem. O Arcebispo partio logo para Salamanca a esperar ahi aquellas gentes del Rey , com que avia de fazer sua entrada ; dos quaes vinhaõ por Capitaẽs Joaõ Rodriguez de Castanheda , Pedro Soarez de Toledo Alcaide mór da mesma Cidade, Alvaro Garcia de Albernos Copeiro mór del Rey, Joaõ Rodriguez Mardome , Pedro Soarez de Quinhones , Joaõ Affonso de Truguilho , e outros fidalgos de grande estado com elles , que faziaõ quatrocentas lanças, tudo gente escolhida , a fóra os ginetes, e bésteiros , e homens de pé: e sendo juntos em Cidade Rodrigo sem Capitania alguma sobre elles, disseraõ alguns a Joaõ Rodriguez de Castanheda, que era o principal dos Capitaẽs, que a elles lhes parecia que sua entrada em Portugal naõ era taõ segura, como cuidavaõ , porque aviaõ de achar muita resistencia : porque pola parte, por onde queriaõ entrar, avia taes fidalgos (nomeandoos por seus nomes) que se saberiaõ defender bem : polo que o bom conselho seria ou ajuntaremse mais gentes, ou entrarem por outra parte , com menos arroido. Joaõ Rodripuez de Castanheda , como homem mais animoso , e esforçado cavalleiro que era , respondeo , que por essa razaõ aquelle era o lugar , por onde mais honradamente deviaõ entrar , onde o averiaõ fidalgos com fidalgos , e se veria a differença , que havia de huns a outros. E que certa estava a victoria contra Portuguezes , que sustentavaõ causa injusta , naõ reconhecendo por Senhora a Rainha Dona Briatís , que juraraõ. Os outros Capitaẽs consentiraõ nisso , dizendo que naõ aviaõ elles de ficar atrás. A esta confiança , que os Capitaẽs Castelhanos tinhaõ , se ajuntava a discordia , que avia entre os fidalgos

Por-

Portuguezes daquella comarca, pela qual lhes parecia facil cousa desbaratalos. Entaõ se fizeraõ prestes aquellas quatrocentas lanças com mais duzentos ginetes, de que hia por Capitaõ Pedro Soarez de Quinhones, e gente de pé, que entraraõ em Portugal, e vieraõ por Almeida, que estava por Castella, e dahi a Pinhel, que estava por Portugal, e pela Veiga de Trancoso; e roubando os lugares, e aldeas, por onde passavaõ, vieraõ a Viseu. Os da Cidade, por naõ terem outra cerca, nem fortaleza, senaõ a Sé, acolheraõse a ella, e muitos ás outras Igrejas com o que podiaõ levar, outros se foraõ pelos montes, pondose em salvo. Os Capitaẽs Castelhanos á vista dos Portuguezes roubavaõ, e cativavaõ, e faziaõ todo o dano, que podiaõ, como homens que naõ tinhaõ medo delles, e entravaõ nas Igrejas roubando prata, e thesouros dellas.

Neste tempo, e nesta occupaçaõ dos Castelhanos, estavaõ na Comarca da Beira Gonçalo Vasquez Coutinho; em Trancoso, de que era Alcaide mór, com muitos escudeiros, que comsigo tinha, Martim Vasques da Cunha; e Gil Vasques da Cunha no castello de Linhares; Joaõ Fernandez Pacheco em Ferreira de Avez. Entre Gonçalo Vasquez Coutinho, e Martim Vasques da Cunha, e seus irmaõs avia grande discordia, por tomadias, que cada hum dizia que o outro lhe fizera em suas terras. E como o Reyno diviso facilmente he destruído, esta discordia fazia os inimigos acometerm a sahirem com o que queriaõ; porque cada hum por si naõ era poderoso para acometer os Castelhanos, e juntos naõ podiaõ ir, porque naõ se falavaõ, nem se queriaõ ver. Joaõ Fernandez Pacheco considerando a discordia daquelles fidalgos quanto dano causava ao bem publico, e quanta vergonha era

assi

affi a elle, como aos outros, ſendo taõ viſinhos, ſofrerem tantos inſultos dos Caſtelhanos, que andavaõ perante elles eſtragando a terra, em que ſe criaraõ, e de que ſuſtentavaõ ſuas honras, e eſtados, foi ter com Martim Vaſques da Cunha, e lhe propôs tantas couſas, porque era afronta ſua conſentir aquelle eſtrago, que os Caſtelhanos faziaõ, acabou com elle que vieſſe á concordia com Gonçalo Vaſques Coutinho; e com Gonçalo Vaſques tratou o meſmo, mas naõ o pode perſuadir; e a razaõ, ſegundo entendeo de algumas ſuas palavras, era que o naõ deixava de fazer, ſenaõ por naõ ir debaixo da bandeira de Martim Vaſques da Cunha, de que elle naõ era inferior em nobreza de ſangue. Joaõ Fernandez ſe tornou a Martim Vaſques, e lhe contou o que com Gonçalo Vaſques paſſara, e o que delle entendera. Martim Vaſques da Cunha, que era homem de altos eſpiritos, e confiado de ſi, reſpondeo que por eſtado, irmaõs, e criados manifeſta era a ventagem, que elle tinha a Gonçalo Vaſques, ainda que em ſangue, e outras calidades foſſe ſeu igual; mas que por honra do Reyno, e ſerviço del Rey era contente de ir debaixo de ſua Capitania; e que foſſe Gonçalo Vaſques o Capitaõ daquella empreza, e ſua foſſe a honra de qualquer bom ſucceſſo, que Deos lhe deſſe. E que, para ſaber que o fazia de boa vontade, e perder delle toda a má ſoſpeita, queria ir ſer ſeu convidado, e comer com elle; e para que de ſua caſa o foſſem todos acompanhando. Gonçalo Vaſques foi mui contente com eſta repoſta; e Martim Vaſques foi comer com elle, levando conſigo ſeu irmaõ Gil Vaſques, Joaõ Fernandez Pacheco, e Egas Coelho, por tambem ficarem amigos.

Sendo eſtes dous fidalgos concordes, determina-

minaraõ de dar batalha aos Caſtelhanos, aos quaes mandaraõ dizer que, pois ſe atreviaõ fazer tal entrada, e eſtragar a terra del Rey ſeu Senhor, quizeſſem vir aonde elles eſtavaõ, e que lhes teriaõ preſtes de jantar. Joaõ Rodriguez de Caſtanheda reſpondeo ao eſcudeiro, que trouxe o recado, que lhe prazia muito; e que, ſe aſſi foſſe, lhe daria de alviçaras hum bom cavalo. Os Portuguezes ficaraõ mui contentes. E ſabendo que os Caſtelhanos aviaõ de vir por junto da Villa de Trancoſo com todo o roubo, puzeraõ ſua batalha em huma veiga, que eſtá meia legoa pequena do lugar, por onde neceſſariamente aviaõ de paſſar. Os Portuguezes eraõ trezentas lanças, que ajuntaraõ, todos á preſſa, por eſta amizade ſe fazer ſubitamente, e elles eſtarem deſcuidados do que entaõ lhes aconteceo. A gente de pé, que tinhaõ exercitada, era pouca, mas tinhaõ muita dos lavradores da Comarca; porém taes, que pera pelejar naõ tinhaõ arte, e que mais lhe eraõ impedimento, que ſocorro.

Tendo os Portuguezes ordenada ſua batalha a pé naquelle lugar, começaraõ a apparecer os Caſtelhanos, que, por aver muitos dias que andavaõ pola terra, ſem reſiſtencia, nem eſtrovo, traziaõ mui grande roubo de homens, molheres, e gados, beſtas, e muitas couſas, de que levavaõ mais de ſetecentas azemelas carregadas. E quando viraõ os Portuguezes poſtos daquella maneira, pezoulhes muito, e bem quizeraõ, ſe puderaõ, irſe com ſeu roubo, poſto que foſſe afronta para ſeiſcentos homens de cavalo, eſcolhidos como alli vinhaõ, e muitos béſteiros, e outra muita gente de pé. E aſſi como vinhaõ taõ bem concertados, e a ponto de guerra, com ſuas bandeiras eſtendidas afaſtavaõſe da veiga para a maõ direita, contra a ribeira de Frechas, por ſe irem pola ribeira do valle

por antre o arraial dos Portuguezes, e a fraga do monte. Os Portuguezes quando viraõ isto, passaraõ logo adiante, chegandose mais a elles de rosto, onde está huma Ermida de S. Marcos. Os Castelhanos, vendo que lhes era necessario pelejar, ou deixar a preza, e fugir por estes montes, o que lhes seria muito vergonhozo, determinaraõse de pelejar. Entaõ se deceraõ a pé os homens de armas, e ficaraõ só os duzentos dos ginetes a cavalo, e ordenaraõ de vagar sua batalha. Os lavradores, que os Portuguezes traziaõ por fazer vulto de gente, quando viraõ os campos postos daquella maneira para pelejar, como homens que só sabiaõ do arado, começaraõ a fugir para onde melhor podiaõ, sem os homens de armas Portuguezes disso saberem. Os Castelhanos vendoos desamparar o campo, naõ sabendo a calidade delles, tomaraõ mais animo do que tinhaõ, e ouveraõ por sinal de victoria: e como elles eraõ bons cavaleiros, com muito orgulho mandaraõ fazer sinal ás trombetas, e arremeteraõ aos Portuguezes com tanto impeto, que cada hum parecia querer ser o primeiro que ferisse, chamando *Castilha*, *e Sanctiago* com grandes gritas; appellidando huns *Castanheda*, e outros appellidos de suas linhagens. Os Portugnezes *Portugal*, *S. Jorge*, *Martim Vasques*, *Cunha*, *Cunha*: *Joaõ Fernandez*, *Ferreira*, *Ferreira*, e assi os mais. Ao ajuntar das alas ouve huma crua, e travada batalha, trabalhando cada hum por levar o melhor de seu contrario. Os ginetes Castelhanos, vendo fugir os piaés Portuguezes, matavaõ nelles quantos queriaõ: polo que quando elles isto viraõ, se tornavaõ com medo á batalha, da qual com medo fugiaõ. A batalha começou pola manhãa, e durou grande parte do dia, esforçandose ambas as partes a continuar sua peleja,

leja, até morrer, ou vencer; e eſcreveſe que foraõ os golpes taõ grandes, que os ouviaõ em Trancoſo, que diſſemos eſtar dahi meia legoa. Em fim porfiando os Portuguezes pola honra de ſeu Rey, e de ſuas peſſoas, foraõ os Caſtelhanos vencidos, e mortos todos, de maneira que de quatrocentos homens de armas eſcolhidos naõ eſcapou algum; ſó ficaraõ os ginetes, e pagens, que tinhaõ os cavalos, e alguns homens de pé, que fugiaõ pelos montes. E aſſi morreraõ os Capitaẽs todos atraz nomeados, como homens esforçados, de que eſcapou ſó Pedro Soares de Quinhones, que era Capitaõ dos ginetes. E a fóra aquelles Capitaẽs morreraõ o Commendador das Huelgas Lopo Gonçalvez Pé de ferro, Pedro Merchan da Cidade, Ruy Garcia Solares, Adiantado Caçorla, Alvaro Canſado, Goterre Ferreira, e outros muitos fidalgos honrados, e bons eſcudeiros, que todos ficaraõ mortos nos lugares, onde foraõ poſtos, cada hum junto a ſeu ſenhor; e o que parece couſa milagroſa, e para ſe arrecear de dizer, dos Portuguezes naõ morreo algum, ſendo os Caſtelhanos tantos, e taõ valentes, e esforçados, e que por taes eraõ de todos conhecidos, e que taõ valeroſamente morreraõ pelejando. Só daquelles ruſticos ſoldados, que á mingua de outros ſe buſcaraõ, morreraõ alguns fugindo da batalha. Pelo que aquella foi huma batalha memoravel, poſto que de pouca gente; e a melhor batalha, que nunca ouve entre Caſtelhanos, e Portuguezes; porque ſómente ficou vivo hum fidalgo, por nome Garcia Guterres, que Gil Vaſques naõ quiz matar, e o prendeo para ſe ſaber quaes, e quantos foraõ os que morreraõ na peleja, e como paſſou na verdade; porque naõ ouve outra teſtemunha. Vencida a batalha, ficou alli toda a carruagem com a grande preza, que levavaõ, e os prezos foraõ ſoltos, e alguns

prenderaõ os que os levavaõ, e lhes foi tomado o ſeu; e com grande contentamento ſe tornáraõ os Capitaés a ſuas caſas. Do que ſe póde colligir quantos proveitos traz a concordia dos Cidadãos em huma republica, e em huma familia, e hum Reyno; e quantos males a diſcordia. A honra daquella victoria ſe atribuio por todos a Martim Vaſques da Cunha, mais por vencer a ſi meſmo, que aos inimigos, ſometendoſe a quem (ſegundo elle dizia) lhe era em algumas couſas inferior, poſto que igual no ſangue: e naõ menos ſe eſtimou a bondade de Joaõ Fernandez Pacheco, por quem diſſe el Rey em publico quando ſoube o que paſſara, que bem ſabia elle que taõ boa obra a naõ faria ſenaõ o bom de Joaõ Fernandez, por ſer elle o medianeiro da concordia.

CAPITULO LIII.

He Lisboa cercada da armada de Caſtella: vem el Rey com o Condeſtabel ajuntando gente pello Reyno até Alenquer.

JA' neſte tempo ſe apreſſava el Rey de Caſtella para entrar em Portugal pela parte de Badajós; e em Lisboa eſtava já a ſua armada de quarenta naus, dez galés, e doze barcas grandes, e certos lenhatos, e barchotes carregados de mantimentos, com que lhe puzeraõ cerco. Sendo iſto dito a el Rey em Guimaraés, onde eſtava, communicou com o Condeſtabel ſobre o que ſe devia fazer. E como elle ſempre deſejara muito verſe com el Rey de Caſtella em batalha, vendo boa occaſiaõ, aſſentou com elRey, que a melhor via para juntamente pôr fim a tantos trabalhos ſeus, e do Reyno todo, era vir á batatha com el Rey de Caſtel-

Castella, ainda que elle trouxesse tanto poder.

Sem interpor mais demora alguma, el Rey se partio para o Porto, com tençaõ de ajuntar gente, e esperar el Rey de Castella, e darlhe batalha campal. Do Porto se foi a Coimbra, e dahi a Penella, que já estava por elle: porque quando el Rey D. Fernando faleceo, o Conde de Vianna se lançou da parte del Rey de Castella; e tendo a Villa por elle no tempo do cerco de Lisboa, sahio fora para tomar mantimentos contra vontade dos donos delles, como sohia fazer: e levando consigo quarenta de cavalo, se ajuntaraõ contra elle os das aldeas daquella Comarca para lhos defender; e andando com elles envolto, o cavalo cahio com elle, e hum homem rustico daquelles, por sobrenome o Caspirre, arremeteo rijo a elle; e lhe cortou a cabeça. Como os seus o viraõ morto, fugiraõ, e os da Villa tomaraõ voz por Portugal; e assi a tinhaõ entaõ, e el Rey deu a Villa a Diogo Lopes Pacheco. De Penella passou el Rey a Tomar, onde o veio servir hum fidalgo Gascaõ, de grande calidade, e bem acompanhado, por nome Mosem Joaõ de Monferrara. De Tomar partio el Rey para Torres Novas, que tinha Affonso Lopes de Texeda por el Rey de Castella, que mandou gente fóra a escaramuçar com os del Rey. Os Portuguezes feriraõ de maneira os da escaramuça, que entraraõ com elles polas portas da Villa, para onde fugiraõ, e ficaraõ encerrados no castello, mas a Villa foi saqueada.

De Torres Novas se partio el Rey caminho de Sanctarem, e alojou o arraial abaixo da Golegãa, e ao dia seguinte começou de marchar com suas gentes postas em ordenança de batalha. E levava consigo Vasco Martinz de Mello, e Vasco Martinz da Cunha, Ruy Vasquez de Castello Bran-

co,

co, Joaõ Affonſo da Azambuja, que deſpois foi Arcebiſpo de Lisboa, e Cardeal, o Doctor Gil Docem, Fernaõ Dalvarez Dalmeida, e alguns fidalgos eſtrangeiros. O Condeſtabel levava a vanguarda, e el Rey a retaguarda. E indo diante o Condeſtabel, achou nas vinhas de Sanctarem a Alvaro Gonçalvez do Sandoval, com muitos Caſtelhanos, que alli andavaõ fazendo guarda a alguns que eraõ fóra, tendo ja novas que el Rey avia de paſſar por alli; e começando de pelejar com elle os Portuguezes, naõ poderaõ os Caſtelhanos ſofrelos; mas antes que ſe acolheſſem, deixaraõ mortos dous eſcudeiros Portuguezes, a ſaber, Joaõ Paes, e Joaõ Nogueira, criados do Condeſtabel, e a Antaõ Vaſques mataraõ o cavalo, e a Vaſco Lourenço feriraõ mal; e dos Caſtelhanos morreraõ dous. Eſte acometimento dos Caſtelhanos foi muito em breve, antes que o Condeſtabel chegaſſe. Dalli chegaraõ ao Téjo junto com Sanctarem em direito de Sancta Eiria a pequena, onde avia hum vao, por que podiaõ mui bem paſſar. Neſte tempo andavaõ já no campo muitos Caſtelhanos em guarda dos que tinhaõ ido de Sanctarem á erva, porque ſabiaõ da vinda del Rey. E ao paſſar do rio ſe armou huma mui grande, e porfiada eſcaramuça com os que vinhaõ em guarda dos da erva para a Villa, e com outros da meſma Villa, que os ſahiraõ a receber. E o que alli ſuccedeo digno de memoria, foi que Vaſco Martinz de Mello o moço foi o primeiro, que da vanguarda paſſou o Téjo; e como homem esforçado, ſó a cavallo como hia, ſe lançou entre os Caſtelhanos, que eraõ muitos, fazendo tanto por ſua maõ, quanto hum mui valente, e ardiloſo cavaleiro podia fazer, até que foi derribado do cavallo, e ficou a pé; e com hum eſtoque de armas ſe defendeo mui valentemente; mas

era

era certo, que se elle naõ fora bem armado, naõ scapara das muitas lançadas, que lhe deraõ. Martim Affonso de Mello seu irmaõ, que lhe acudio, se poz a pé com dous escudeiros seus, e o ajudou a defender; e assim huns, como os outros ouveraõ de passar mal, se naõ fora o Condestabel, que mui á pressa acudio, e deraõ com os Castelhanos dentro do rio, onde foraõ mortos, e feridos parte delles. Dalli partio el Rey, e foi dormir a Leiria da Condessa. Ao outro dia passou o Téjo, e por suas jornadas foi com seu campo a Alenquer, onde assentou seu arraial nas hortas junto ao rio, e alli determinou de ficar, recolhendo as gentes, que aviaõ de vir a Lisboa, para, como as tivesse juntas, ir a Abrantes, e o Condestabel a Alentejo ajuntar as mais gentes que podessem, para com ellas tornar a elle.

Estando el Rey em Alenquer, mandou chamar os fidalgos da Beira, que se acharaõ na batalha de Trancoso, para serem com elle na batalha; e elle se partio para Abrantes, aonde mandou vir o Condestabel, o qual veio com a gente, que ajuntou, e eraõ seiscentos homens de armas, e dous mil de pé, e trezentos bésteiros.

CAPITULO LIV.

Entra el Rey de Castella em Portugal: resistemlhe os de Elvas: exercita crueldades nos Portuguezes: ha conselho se virá contra Lisboa.

EL Rey de Castella neste tempo entrou em Portugal com animo de destruir o Reyno, e vingarse dos Portuguezes; e assentou seu arraial sobre Elvas, que he na raia, por lhe dizerem que estava taõ falta de mantimentos, que logo se

lhe

lhe renderia: e tendoa de cerco quinze dias, e naõ a tomando, quiz eſtar nella mais dez: os da Villa eſtavaõ com as portas abertas, e todos os dias ſahiaõ a eſcaramuçar com os Caſtelhanos; e hum dia ſabendo os de Elvas, que aviaõ de vir as azemelas del Rey com mantimentos, e outras couſas, puzeraõ eſpias, e foraõ tomalas ao caminho, que vem de Badajós para a Cidade, e as meteraõ nella. Ao outro dia pola manhãa apartou Gil Fernandez trinta eſcudeiros, que foſſem com elle a eſcaramuçar, e tinha os homens de pé junto á Villa em ſua guarda, e á viſta del Rey de Caſtella, que pouzava dalli mui perto. Eſcaramuçaraõ hum grande eſpaço mui rijamente, de que Gil Fernandez ſahio com muita honra: na eſcaramuça morreraõ ſeis dos Caſtelhanos, e dos Portuguezes hum. El Rey de Caſtella vendo que gaſtava alli tempo em vaõ, e polas novas, que lhe vieraõ do desbarate de Trancoſo, em que lhe morrera tanta gente, deixou entaõ de entrar em Portugal, e tornouſe á Cidade Rodrigo; e antes que ſe partiſſe, polo grande odio, que tinha aos Portuguezes, e muito mais aos daquelle lugar, por lhe reſiſtirem tanto, mandou decepar as mãos a hum homem de Elvas, que tinha prezo, e aſſi decepado o mandou a Gil Fernandez com hum eſcrito ao peſcoço, em que dizia que el Rey jurava que a quantos tomaſſe de Elvas faria outro tanto. Gil Fernandez, a quem pezou muito de ver aquella crueldade, mandou logo decepar dous eſcudeiros dos Caſtelhanos, que tinha prezos, e hum delles, que era Biſcainho, ao modo daquella naçaõ, bradando que era injuſto, que por hum villaõ decepaſſe dous homens, que eraõ fidalgos. Gil Fernandez reſpondeo, que ſenaõ podia deter em fazer exame dos gráos da fidalguia de hum, e outro, nem podia dar tal; e antes queria perder

por

por bom pagador; e decepados, lhos mandou cada hum com ſeu eſcrito ao peſcoço, em que Gil Fernandez prometia, e jurava a Deos que, ſe el Rey de Caſtella mais mandava decepar algum homem Portuguez, oitenta Caſtelhanos, que tinha prezos, lhos avia de mandar todos decepados. Naõ quiz el Rey de Caſtella fazer alli mais carniçaria; e partioſe ao outro dia de manhãa: mas antes que chegaſſe a Arronches, mandou decepar a dezaſete homens Portuguezes, que tomou; e uzando taes crueldades, continuou ſeu caminho á Cidade Rodrigo. Com aquellas obras indignas de hum Principe, matando, e decepando homens a ferro, deſpois de rendidos, e fóra da peleja, dobrava o odio que lhe tinhaõ os Portuguezes, e o convertiaõ em amor del Rey de Portugal, cuja natureza era ſuave, e clemente. Polo que naõ foi o menor meio para elle ganhar a benevolencia dos homens a deſhumanidade daquelle Rey ſeu adverſario; nem os meſmos Caſtelhanos o tinhaõ por prudente, e atentado; pois fazia aos inimigos dano em couſa, que, além de naõ trazer honra, lhes ficava a vingança em prompto, porque tambem tinhaõ priſioneiros Caſtelhanos, a que fizeſſem outro tanto.

Como el Rey de Caſtella foi em Cidade Rodrigo, poſto que eſtiveſſe determinado, todavia quiz aver conſelho com os ſeus, ſe era melhor vir elle a Portugal, ou pôr fronteiros na raia do Reyno, ou fazer outra maneira de guerra. Huns foraõ de parecer que devia entrar em Portugal, onde já tinha tanta parte, e cobrar o que lhe reſtava: e que em dilatar ſua entrada naõ ganhava honra, nem proveito; e que o voltar, tendo tanto cabedal metido de gentes juntas, e armada poſta em Liſboa, mais parecia fraqueza de animo, que prudencia, e bom conſelho: e que, pois mandara dizer aos de Sanctarem,

rem, e dos lugares todos, que eſtavaõ por elle; que faria volta mui cedo aos ſocorrer, e galardoar dos ſerviços, que lhe fizeraõ; que diriaõ agora, vendoo tornar, eſtando já á porta, que nenhuma duvida avia ſenaõ que toda a devaçaõ, e bom propoſito, que tinhaõ para o ſervir, mudariaõ: e tanto mais, quanto era mais facil o tornarem as couſas a ſua natureza com os Portuguezes quererem antes Rey Portuguez, que de outra naçaõ. E que a melhor ocaſiaõ, que podia deſejar, era a que lhe eſtava offerecida de eſtar Lisboa em grande falta de mantimentos, e mui apertada da guerra, que lhe faziaõ os da Comarca, que eſtavaõ por Caſtella, e falta da melhor gente que tinha, por ſerem idos para o Meſtre de Aviz, que ſe chamava Rey de Portugal, ſem deixar Capitaõ, que a podeſſe defender: e além diſſo que o cerco da armada, que lhe tomava todo o porto, era taõ grande parte, que naõ poderiaõ al fazer, ſenaõ renderſe. E que, cobrada Lisboa, tinha todo o Reyno na maõ: e que eſte conſelho, que pedia entaõ, ouvera de ſer no principio, eſtando a couſa integra, e naõ feita tanta deſpeza, e junta tanta gente; porque o que entaõ por ventura parecêra prudencia, agora pareceria covardia. Além diſto que o Meſtre de Aviz naõ avia de ouzar eſperalo, vindo com tanto poder; mas que era certo que, conſiderando elle a pouca juſtiça, que tinha de ſua parte para fazer guerra, e a pouca poſſe com que eſtava, ſe lhe renderia: e que naõ foſſe caſo o máo ſucceſſo paſſado do cerco de Lisboa, para arrecear cometela outra vez; porque entaõ Deos offendido de alguns pecados, quizera caſtigar os Caſtelhanos com a peſte que mandou pelejando polos Portuguezes. E que agora com a ſaude, que avia em ſeus Reynos, pelejaria polos Caſtelhanos, e caſtigaria

os

os Portuguezes por ſua deslealdade, e rebeldia. Sobre tudo lembraraõ a el Rey que os Portuguezes tinhaõ mandado a Inglaterra por muitas gentes, que eſtava certo averem de vir. E que, vindo primeiro que elle entraſſe, ſe ajuntariaõ todos, e lhe dariaõ batalha: o que poria ſuas couſas em eſtado duvidoſo. E que ſe antes dos Ingrezes virem lhe deſſe batalha, podia facilmente acabar ſua empreza, e com grande certeza de victoria. Outros foraõ de contrario parecer, dando muitas razoẽs, pelas quaes, no preſente eſtado, naõ podia el Rey, nem devia entrar em Portugal. A primeira, que davaõ, era por ſua doença, de que pouco havia eſtivera mui mal, e ainda naõ eſtava ſaõ. E que, ſe lhe carregaſſe a infirmidade em Portugal, punha ſuas couſas em grande riſco, porque eſtava ſeu Reyno mui falto de bons Capitaẽs, que ordenaſſem as couſas da guerra como cumpria, na qual os erros, deſpois de cometidos, tinhaõ roim emenda; porque os melhores Capitaẽs, que tinha, foraõ todos mortos na peſte de Lisboa, e na batalha de Trancoſo: e que os que alli tinha eraõ mancebos pouco experimentados, os quaes naõ era bem que ſe enſinaſſem em huma ſó batalha, em que hia metido todo o reſto de ſua honra; porque eſtava certo que o Meſtre de Aviz, que ſe chamava Rey de Portugal, e todos, os que conſigo tinha, eſtavaõ apoſtados a experimentarem ſua fortuna em huma ſó batalha, para o que lhes acrecentava animo a recente victoria, que ouveraõ em Trancoſo, com tanta honra ſua, e os lugares principaes, que novamente cobraraõ entre Douro, e Minho, como foi a Cidade de Braga, Guimaraẽs, Vianna, Ponte de Lima, e outros mais. E que bem ſabia ſua Alteza, que quando ſe fora de Portugal, ficara devendo muitos ſoldos, que prometeo mandar pagar, que

ainda eſtava devendo ; e que vindo ſem dinheiro para a gente, que trazia, e para a que ficou no Reyno, neceſſariamente avia de ter huns, e outros deſcontentes ; o que naõ cumpria a quem vinha ganhar hum Reyno, onde avia tantos contrarios ; porque daquella maneira, nem dos ſeus ſe podia, nem devia fiar : e que o bom conſelho era deixar em Badajós mil homens de armas, e quinhentos na Comarca de Galiza, e outros tantos deſde Alcantara até Cidade Rodrigo. E que, fazendo guerra por aquellas Comarcas, e tendo Lisboa poſta em cerco, como tinha, meteria ao Meſtre de Aviz em tanta preſſa, que naõ ſaberia a que conſelho ſe acoſtaſſe ; porque, quando acudiſſe a huma parte, ſeria entrado da outra ; e aſſi o conſumiria a elle, e ao Reyno ; e que naõ devia tentar a fortuna, e arriſcar couſa taõ grande, como eraõ dous Reynos, ſuas gentes, e ſua honra, em huma ſó batalha, ſendo certo que com poucos ſe viraõ muitas vezes vencer, e desbaratar muitos. Porque em nenhuma couſa mais dominava a fortuna, que na guerra. E que ſe lembraſſe, que elle pelejava por ganhar terra eſtranha ; e os contrarios por defender a propria ; e elle com gentes, que vinhaõ a ſoldo, e com muitos homens forçados, que vinhaõ por cumprimento ; e que os Portuguezes pelejavaõ por defender ſua liberdade, por ſuas molheres, por ſeus filhos ; e, ſegundo elles diziaõ, por defender a patria, e ainda alguns acrecentavaõ por defender a Religiaõ ; porque por el Rey de Caſtella ſuſtentar as partes de Clemente (como eſtá dito) eſtava pelo Santo Padre Urbano Sexto, verdadeiro Pontifice, eſcomungado, e avido por ſciſmatico : e aſſi lhe chamavaõ os Portuguezes, que ſerviaõ a Urbano. Ouvindo el Rey humas, e outras razoẽs, conformouſe com o primeiro parecer, que avia de vir em peſſoa a

Por-

Portugal, e dar batalha campal ao Meſtre de Aviz, que ſe chamava Rey de Portugal.

CAPITULO LV.

Entra el Rey de Caſtella por Portugal fazendo crueldades : ha el Rey D. Joaõ conſelho : determinaſe a lhe dar batalha.

PErſeverando el Rey de Caſtella em ſeu propoſito, entrou em Portugal pela Comarca da Beira; e tomando de caminho o caſtello de Celorico, veio por ſuas jornadas a Coimbra, e alojou defronte do Moſteiro de S. Jorge, da outra parte do rio. A' entrada de Coimbra, entre os que paſſavaõ via direita ante a porta de Almedina, e os que ſahiraõ da cidade, ſe tratou grande eſcaramuça, em que ouve alguns mortos, e feridos de ambas as partes. E as gentes do arraial ſe eſtenderaõ pelos lugares comarcaõs, chegando até o mar, de que trouxeraõ grande preza do roubo. E álguns lavradores, que tomaraõ, mandou el Rey decepar; e aſſi fez outras muitas crueldades pelo caminho, por onde hia, aſſi em homens, como em molheres, e em moços pequenos innocentes, mandandolhes cortar as maõs, e as lingoas, e darlhes outras penas, que nem de Mouros ſe puderaõ eſperar: ſobre tudo mandou queimar muitas Igrejas, eſpecialmente a Ermida de S. Marcos junto de Trancoſo, até os fundamentos, onde fora a batalha, como quem queria apagar aquella teſtemunha do que os ſeus alli paſſaraõ. Mas, ſe tolheo o appellido da batalha de S. Marcos, naõ extinguio o da batalha de Trancoſo, que ſempre ficou em memoria. Tudo iſto fazia el Rey de Caſtella naõ ſómente pola pouca honra, que ganhara na vinda paſ-

ſada a Portugal, mas porque neſta ſegunda ninguem ſe vinha para elle; naõ ſe lembrando que a couſa, qne mais obriga as gentes a ſeguir hum Principe, e deixar todos por elle, he a clemencia, e benignidade; e a que mais aparta as vontades, he a crueldade, e o rigor. Eſtas obras del Rey de Caſtella faziaõ que ninguem deſejaſſe verſe debaixo de ſeu jogo; e os que já eſtavaõ, quererem verſe fóra delle. Dalli veio el Rey de Caſtella a Leiria, onde Garcia Rodriguez Taborda eſtava por Alcaide, o qual poſto que naõ recolheſſe a el Rey no caſtello, mandoulhe dar mantimentos por ſeu dinheiro, e offerecerlhe ſeu ſerviço, porque era Galego, e naõ Portuguez. E de feito foi deſpois com elle na batalha. Os Capitaẽs de Sanctarem, Obidos, Alenquer, e todos os outros, que eſtavaõ por Caſtella, ſabendo como el Rey de Portugal ſe fazia preſtes para lhe dar batalha, ſe lhe ajuntavaõ cada dia: o meſmo fizeraõ os Capitaẽs das naos, e galés, que eſtavaõ em Lisboa. E em Leiria ſoube el Rey de Caſtella como o de Portugal lhe queria apreſentar batalha campal.

El Rey de Portugal para ſaber a tençaõ dos ſeus, e para que o que fizeſſe foſſe com vontade, e parecer de todos, entendendo, como prudente Capitaõ, quanto importa naõ pelejarem os homens contra ſuas vontades, e pareceres, quiz propor em conſelho, e perſuadir aquillo, que elle deſejava naõ tiveſſe duvida, que era acabar ſuas contendas em huma ſó batalha. E propôs ſe viria a batalha em campo, ou uzaria da guerra (como elles entaõ chamavaõ) guerreada. Os mais eraõ de parecer que a batalha naõ ſe déſſe, porque o poder del Rey de Caſtella era mui grande em comparaçaõ do de Portugal, que era mui pequeno. E o melhor conſelho, que achavaõ, era que, pois el Rey

de

de Castella entrara em Portugal, se fosse el Rey a Alentejo, e entrasse em Castella pola parte de Andaluzia: e que quando el Rey de Castella o soubesse, o iria buscar. E que desta maneira o diverteria de lhe fazer dano, e de ir demandar Lisboa. E que, indoo el Rey de Castella a buscar, se viria elle por outra parte para o Reyno; porque desta maneira se passaria tanto tempo, até que a gente, que mandara fazer em Inglaterra, podesse chegar; ou faria entretanto algum concerto, que lhe fosse proveitoso. Ao Condestabel lhe pezou muito de ouvir aquelle parecer, como quem nenhuma cousa mais desejava, que acharse com el Rey de Castella em campo: tambem el Rey ficou suspenso. Contra aquelle parecer deu o Condestabel muitas, e efficazes razoés, porque mostrou que seria grande fraqueza, e covardia para homens Portuguezes naõ irem buscar a el Rey de Castella; e que os que esperavaõ ser defendidos del Rey seu Senhor, perderiaõ o coraçaõ, e o dariaõ aos inimigos: e que el Rey prometera aos de Lisboa, quando lhes mandou pedir a gente que alli tinha, que estivessem confiados, que impediria a el Rey de Castella de maneira, que naõ chegasse lá: o que se el Rey naõ fizesse, e o deixasse lá chegar, estava certo averem os Castelhanos a Cidade, por estarem dentro homens, que os aviaõ de trahir, como já tinha dado mostra a justiça, que mandara el Rey fazer de hum Almoxarife, que foi do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que tinha negociada a entrada dos Castelhanos por hum postigo da Cidade; e como tambem se vira polas cartas del Rey de Castella, que se ouveraõ á maõ antes que se dessem, em que fazia menção a Diogo Gomez Sarmento de outra carta, que mandara a Pedro Afan de Ribeira Capitaõ da sua armada, que fa-
lasse

lasse com algum seu amigo, para que a carta entrasse em Lisboa, e fosse lida: e que, se naquella carta de letra descuberta hia aquillo, que seria nas outras de cifras, e sinaes, que se naõ podiaõ ler? Polo que estava certo que aquelles, que eraõ falsos a el Rey, mais ouzadamente effeituariaõ sua treiçaõ quando vissem que el Rey naõ ouzava dar batalha, e se hia a Sevilha a cortar duas oliveiras. E que, vistas as pressas, e tribulaçoẽs, que a Cidade de Lisboa padecera, e determinava padecer por honra do Reyno, e serviço del Rey, naõ era boa satisfaçaõ desemparalla, e deixalla sem Capitaõ, sem gente, e sem defensaõ, morrendo como caẽs á pura fome: porque em tanto aperto estavaõ já, como quando el Rey de Castella a teve em cerco: e que, tomada Lisboa, posto o odio, que el Rey de Castella lhe tinha, por ser ella a cabeça dos que se rebellaraõ contra elle, e a que foi causa de elle perder a flor de Hespanha, que alli morreo, a avia de destruir; e por ahi ficava acabada a guerra, e Portugal todo rendido. E que taõ necessario era naõ deixar vir el Rey de Castella a Lisboa, que, ainda que el Rey tivera menos gente da que tinha, cumpria sahirlhe ao caminho, e darlhe batalha á ventura do que acontecesse. E que por tanto naõ se podia esperar pelos Ingrezes, nem ainda polos fidalgos da Beira, se naõ viessem antes dos Castelhanos passarem a Lisboa; porque despois naõ via remedio para lhe socorrer. Estas razoẽs, e outras muitas deu o Condestabel; e acabou dizendo, que naõ mudassem a el Rey do bom proposito que tinha; e que a elle nunca o mudariaõ do seu.

Ao outro dia pola manhaã, despois de ouvir Missa, mandou o Condestabel tocar as trombetas; e como homem enfadado se partio com suas gentes,

tes, ſem falar a el Rey, nem a outrem, caminho de Tomar, por onde el Rey de Caſtella avia de vir. Quando el Rey ſoube da partida do Condeſtabel, ficou maravilhado; e diante delle muitos afearaõ aquella ida, dizendolhe que fora hum grande deſacato: e outras razoẽs, com que o podeſſem omiziar com elle. Mas el Rey, que conhecia ſua bondade, e lealdade, naõ curou do que diziaõ. Entaõ fez el Rey huma fala aos ſeus, em que deu muitas razoẽs efficazes, por que a batalha ſe avia de dar; e os meteo em muitas eſperanças de victoria, prometendolhes que os que agora rindo lhe chamavaõ Rey de Aviz, lhe chamariaõ cedo, e chorando, Rey de Portugal. Com aquellas razoẽs foraõ todos de acordo, que ſe fizeſſe o que el Rey mandava, e que ſe deſſe a batalha; que preſtes eſtavaõ para o ſeguir. Com eſte aſſento mandou el Rey á preſſa chamar o Condeſtabel, para com elle communicar ſobre a batalha: e o Conde reſpondeo em publico ao menſageiro, que era Joaõ Affonſo de Sanctarem do Conſelho del Rey, que lhe diſſeſſe, que elle naõ era homem de muitos conſelhos; e que, pois já ſe determinara a naõ deixar paſſar a el Rey de Caſtella, ſem lhe dar batalha, daquelle propoſito ſenaõ avia de tirar, nem tornaria pé atraz: mas que lhe pedia por mercê o deixaſſe ir ſeu caminho; porque ſó com aquelles bons Portuguezes, que conſigo levava, determinava pelejar. E, ſe ſua Alteza lá quizeſſe ir, lho mandaſſe dizer, e o aguardaria em Tomar. Quando el Rey ouvio ſua repoſta, lhe mandou dizer por Fenaõ Alvarez Dalmeida ſeu Veedor, que todavia tornaſſe a elle; e ſe naõ quizeſſe tornar, o eſperaſſe em Tomar, e que logo ſeria com elle para ordenarem a batalha. O Condeſtabel ficou muito alegre, mas naõ tornou atraz; e partio para Tomar, aonde ao outro dia chegou el Rey.

Como el Rey foi em Tomar, fez alardo de ſua gente, e concertou ſuas batalhas; e para terem novas da gente, que trazia el Rey de Caſtella, e como aſſentava ſeu arraial, mandou o Condeſtabel quatro ginetes, para lhe tomarem algum dos inimigos; e o primeiro, que acharaõ, foi hum eſcudeiro Portuguez, que andava pelos cazaes roubando: e ficando tres dos de cavalo com o priſioneiro, veio hum dizer ao Condeſtabel como tinhaõ ao eſcudeiro. O qual vindo a elle eſcondidamente, o avizou da gente, e couſas do arraial. A eſte mandou o Condeſtabel ſob pena de morte naõ diſſeſſe a alguem a verdade, que a elle lhe diſſera: mas que perante el Rey, e perante todos os mais affirmaſſe, que el Rey de Caſtella trazia fraca gente; e que mais valiaõ cem lanças dos Portuguezes, que mil dos Caſtelhanos. E aſſi o fez, desfazendo muito nelles: e que facilmente ſe podiaõ desbaratar. Com que os Portuguezes tomaraõ grande alento.

Além do avizo, que deu aquelle eſcudeiro, quiz el Rey ter maior certeza do que paſſava no arraial dos Caſtelhanos: e por hum ſeu eſcudeiro mandou dizer de palavra a el Rey de Caſtella que lhe requeria da parte de Deos, e do Martyr S. Jorge, ſe ſahiſſe de ſeu Reyno, pois nelle naõ tinha direiro; e ſe algum tivera, o tinha já perdido, por quebrar os concertos feitos, e jurados. E que, guardada ſua honra, lhe faria todo o bom partido, por remir a vexaçaõ, que delle recebiaõ ſeus vaſſallos; e que naõ quizeſſe, que por ſua cauſa ſe derramaſſe tanto ſangue de Chriſtãos, por proſeguir huma cauſa taõ injuſta. El Rey de Caſtella reſpondeo ao eſcudeiro polos conſoantes, e perguntoulhe, que queria dizer *guardada ſua honra*? O eſcudeiro diſſe que, ficando Rey como era, e no eſtado, em que Deos, e os povos o puzeraõ. Diſ-

to

to ſe indignou el Rey muito, dizendo que diſſeſſe ao Meſtre que nunca em toda ſua vida tal veria; e que primeiro ſe perderia o Eſtado de Caſtella, que ſer elle Rey do Reyno, que lhe naõ pertencia. E que da parte de Deos, e do Apoſtolo Sanctiago lhe requeria ſe ſahiſſe logo delle; e que todo o mal, e dano, que ſe ſeguiſſe, lho demandaria Deos rigoroſamente. O eſcudeiro replicou a el Rey de Caſtella que, pois de outra maneira naõ queria, que da parte del Rey ſeu Senhor lhe diza que o determinaria por batalha, onde elle quizeſſe, e o dia, que aſſinaſſe. Ao que el Rey reſpondeo, que era contente. Tornado a Tomar, contou a el Rey da multidaõ das gentes del Rey de Caſtella, e do grande aparato, que elle vira. Do que el Rey moſtrou fazer pouco caſo: e mandou ao eſcudeiro naõ diſſeſſe aquillo a outrem, mas desfizeſſe nos Caſtelhanos quanto podeſſe, por animar aos ſeus.

CAPITULO LVI.

Marchaõ os dous campos Portuguezes, e Caſtelhanos: aviſtaõſe em Algibarrota: conſulta o Caſtelhano ſobre a conveniencia da batalha.

ATé eſte tempo eſtava el Rey em Tomar, donde partio em ordenança, e foi marchando para Ourem, que ſaõ dahi tres legoas, e alojou o arraial ao pé da Villa contra a Atouguia das cabras; e como foi alojado, levantouſe hum corço no meio do arraial, e correndoo todo á roda, nunca pôde ſer morto, nem ferido, ſenaõ na tenda del Rey, onde ſe foi meter; o que todos tiveraõ por bom ſinal. Ao Sabbado ſeguinte partio el Rey de Ourem, e o Condeſtabel diante delle

na vanguarda: e foi o arraial alojarſe a Porto de Mós, que era dahi ſinco legoas, onde no Domingo folgaraõ. Segunda feira de madrugada, que eraõ catorze dias de Agoſto veſpora da Aſſumpçaõ da Virgem Maria noſſa Senhora, mandou o Condeſtabel tocar as trombetas; e antes que amanheceſſe, ouvio Miſſa; e na tenda, onde elle eſtava, ſe deu o Sancto Sacramento aos que queriaõ commungar: e tanto que foi dia, partio todo o exercito, e foraõ caminho daquelle campo, onde deſpois foi a batalha, que diſtava dalli huma pequena legoa. O Condeſtabel foi diante; e quando el Rey chegou, achou já tudo ordenado. E poſto a pé, começaraõ de ordenar ſua batalha, de vanguarda, retaguarda, e alas, pagens, e carruagens, todos detrás cercados dos béſteiros, e de homens de pé, para que naõ podeſſem receber dano. E puzeraõſe de roſto para Leiria, donde os inimigos aviaõ de vir.

Sendo já o dia perto das dez horas, em quanto os inimigos naõ vinhaõ, fez el Rey muitos cavaleiros; e animava os ſeus, dandolhes grande eſperança da victoria, e falando a todos com roſto alegre. Eſtando niſto, começaraõ a apparecer as gentes del Rey de Caſtella, que faziaõ huma eſpantoſa viſta, e parecia que cobriaõ toda a terra. E como o Sol lhe dava nas armas, que traziaõ reſplandecentes, fazia parecer que eraõ muitas mais, e cauzavaõ temor aos que os viaõ; e ſendo já horas de meio dia, chegaraõ juntos dos Portuguezes. E quando os Caſtelhanos os viraõ eſtar na eſtrada, aonde agora eſtá a Ermida de S. Jorge, naõ quizeraõ pelejar com elles de roſto, mas começaraõ de ſe ir contra Algibarrota, da parte que he contra o mar.

Os Portuguezes pezarozos por cuidarem que os

os Castelhanos naõ queriaõ esperar a batalha, diziaõ huns aos outros: Vaõse, e naõ querem pelejar. E passando assi aquelle exercito hum bom pedaço além delles, detiveraõse, querendose assegurar. El Rey de Castella para saber como estavaõ os Portuguezes, mandou a Pedro Lopez de Ayala, e a Diogo Fernandez Marichal de Castella, e a Diogo Alvarez irmaõ do Condestabel, como que o faziaõ de si mesmos, por proveito de huma parte, e da outra. E despois que se viraõ, e abraçaraõ os irmaõs, trataraõ aquelles terceiros da pouca razaõ, que el Rey de Portugal tinha, e o Condestabel polo contrario da pouca del Rey de Castella, e da quebra de sua fé, e juramento. E no fim lhe disse Diogo Alvarez da parte de seu irmaõ Pedro Alvarez Pereira, que se tirasse do perigo, em que estava, e se passasse á parte del Rey de Castella, que lhe faria grandes mercês, e lhe daria grande estado. O Condestabel lhe respondeo como homem que tinha perdido o medo, e o mais leal servidor, que el Rey tinha. E assi se tornaraõ aquelles cavaleiros, e dous fidalgos Gascoẽs, que por ver a pessoa do Condestabel, que muito desejavaõ conhecer por sua grande fama, vieraõ em sua companhia.

El Rey de Castella por ser doente de maleitas, vinha em andas; e sendo aquelle o dia da cezaõ (segundo alguns dizem) jazia encostado a hum cavaleiro, quando Pedro Lopez de Ayala, e os outros tornaraõ, tratando do meio, que tomariaõ naquella batalha; e despois que perguntou por os Portuguezes, e soube que seu proposito era livrarse a cousa por batalha, Pedro Lopez lhe disse que o dia hia declinando, porque era perto de vespora, e toda a gente de seu exercito naõ avia ainda comido, nem bebido, e estavaõ cansados do caminho, e encalmados; e muitos dos besteiros naõ

eraõ

eraõ ainda vindos, por ficarem com a carruagem do exercito, que vinha de vagar: que ſeu parecer era que, pois eſtavaõ em campo bem ordenados, e preſtes, avia Sua Alteza de mandar que eſtiveſſem quedos: e que os Portuguezes neceſſariamente aviaõ de fazer de duas huma, ou ſahiriaõ daquella ordenança, em que eſtavaõ, ou naõ quereriaõ ſahir: e que, ſe ſahiſſem, o campo eſtava em tal ordem, e tudo taõ preſtes, que naõ avia que fazer mais, que aproveitaremſe das maõs. E ſe naõ ſahiſſem, já moſtravaõ o medo, que tinhaõ. E que, além diſſo, a noite ſe vinha chegando; que era de crer que muitos Portuguezes ſe iriaõ do campo com pavor de ver tantas gentes contra ſi; e que ſobre tudo naõ tinhaõ mantimentos mais que pera aquella noite; e os ſeus os tinhaõ para muitos dias: pelo que deviaõ de ſobreſtar até ver o que os Portuguezes determinavaõ.

Outros eraõ de contrario parecer, e diziaõ a el Rey que a peleja ſenaõ avia de dilatar, pola muita ventagem, que levava aos Portuguezes no numero das gentes, e Capitaẽs taõ principaes; e pola juſtiça de ſua cauſa, que era pedir o Reyno, que era ſeu. Joaõ de la Ria Francez, Embaixador del Rey de França, e do ſeu conſelho, que vinha com el Rey de Caſtella, homem velho, e experimentado na guerra, e que dahi a poucas horas morreo pelejando, ouvindo as razoẽs de huns, e de outros, diſſe a el Rey que elle pola idade, que tinha, ſe achara em muitas batalhas, aſſi de Chriſtaõs, como de Mouros, quando eſtivera além do mar; e que polo que via acontecer, aprendera que huma das couſas, em que hum Capitaõ póde levar mór vantagem a ſeu inimigo, he porſe em boa ordem, aſſi em batalha, como em guerra guerreada; e que duas batalhas, em que ſe elle vira com Philippe,

lippe, e Joaõ, Reys de França ſeus ſenhores contra el Rey de Inglaterra, e o Princepe de Guaulles ſeu filho, ambas ſe perderaõ, por naõ terem nellas boa ordem. Polo que a elle lhe parecia bem a razaõ de D. Pedro Lopez de Ayala; e que eſſa ſe devia ſeguir. E el Rey ſe acoſtou áquelle parecer.

Outros pelo contrario diſſeraõ, que el Rey devia naõ dar tal batalha, porque os Portuguezes eraõ huns poucos de homens deſeſperados, que ſe determinaraõ de levar adiante aquella porfia, que tinhaõ começada, e morrerem ſobre ella; e que pelejar com taes homens, naõ convinha a el Rey; porque, ſe os vencia, naõ levava honra delles mais da que levaria hum grande juſtador, que derribaſſe hum menino: e que, ſe aconteceſſe ſer vencido delles, ſeria o mais deshonrado Rey, que no mundo ouve, e de todos ſeria avido por mao Capitaõ, arriſcando tanta, e taõ nobre gente, como alli trazia, a huma pouca de gente pobre, em que naõ podia aver igualdade da perda, e ganho: polo que melhor conſelho ſeria paſſar com ſeu campo, como o trazia ordenado, a Sanctarem, e dahi a Lisboa; e como elle foſſe partido, ſe eſpalhariaõ os Portuguezes, e que difficultoſamente ſe tornariaõ a ajuntar; e ſe ſe ajuntaſſem, primeiro elle teria acabado o que pertendia, que era tomar Lisboa, a qual, ſendo tomada, tinha todo o Reyno na maõ.

D. Joaõ Affonſo Conde de Maiorga, e que já o fora de Barcellos, naõ lhe ſofrendo o ſangue Portuguez ouvir tamanho fero contra a honra dos Portuguezes, e a quem como bom cavaleiro pareciaõ melhores os conſelhos honroſos, que os de proveito, diſſe a el Rey: que, os que lhe aconſelhavaõ que naõ deſſe batalha aos Portuguezes, naõ eraõ amigos de ſua honra, e ſerviço; porque ao que diziaõ que naõ ganhavaõ honra, pelejando com

os

os Portuguezes, e que fizessem conta que tinha vencidos; e que, por serem taõ poucos, os tomaria ás maõs, naõ era cousa para se falar ante Sua Alteteza: e o contrario era a verdade; porque quanto ao vencimento, que já davaõ por feito, vista a pouquidade dos Portuguezes, e a multidaõ dos Castelhanos, naõ era taõ facil como elles o faziaõ; porque aquelles homens, que o vinhaõ buscar, e dar batalha, e estavaõ alli com as armas nas maõs, bem sabiaõ quaõ poucos eraõ, e quantos eraõ os inimigos, que vinhaõ buscar. E estava certo averem de proseguir o que tinhaõ começado, e sobre isso aviaõ de morrer. Polo que a quem aquelle conselho lhe dava, muito lhe avia de custar arrancallos, donde estavaõ. A isto atalhou D. Pedro Dias Prior de S. Joaõ dizendo, que aquillo dizia o Conde D. Joaõ, por ser Portuguez como aquelles. O Conde lhe respondeo, que o naõ dizia por isso, mas porque conhecia mui bem os mais dos homens que alli vinhaõ, que se naõ aviaõ de deixar assi tomar ás maõs, como alli se praticava; e que naõ era para dizer que naõ ganharia el Rey honra em vencer aquella batalha, porque vencia hum Rey, ainda que lho elles naõ chamassem, com todo o seu poder: e que lhe embargava hum Reyno, que lhe pertencia de direito, e lhe dava que fazer. E que ao que o Prior dizia, que era Portuguez, disso se prezava elle mais, que de nenhuma outra cousa: e que áquelle Portuguez naõ avia elle naquelle dia pôr o pé diante. E deixando ao Prior, volto o Conde para el Rey lhe disse, que vencendo elle ao Mestre chamado Rey, ficava pera naõ levantar mais cabeça, e lhe deixaria o Reyno desembaraçado, e se iria fóra delle. E que seria grande vituperio para hum Rey taõ grande, como elle era, tendo tanta gente junta, e o inimigo alli em

cam-

campo com taõ pouca, esperando a batalha; e tendoo já desafiado, passar por elle, e naõ ouzar de pelejar. E que para isto assi ser, melhor fora naõ vir a Portugal, que vir com tanto custo mostrar tamanha covardia. E que, se elle pertendia subjugar hum Rey, e hum Reyno, alli os tinha como gado metidos em hum curral; por a qual occasiaõ devia dar graças a Deos, pois estava em tempo, onde em poucas horas podia tomar vingança delles. E que, se, estando alli tantos, e taõ bons como tinha, receavaõ de pelejar com taõ poucos, mais receo teria ao diante, quando visse com aquelles, que alli estavaõ, os fidalgos da Beira, que até entaõ naõ eraõ vindos, e os Ingrezes, se mais se detivesse: e que de crer era, que quem agora o esperava sem medo, como via, e com bailes, e cantares, que fariaõ despois que se vissem ajudados de outros? E que fosse certo que, se elle lhe naõ apresentava batalha, e se hia, apôs elle aviaõ de ir ladrando, até que tornasse a elles, e lha dessem. Com estas razoens do Conde se foraõ alguns: e aos mais em geral parecia que a batalha se avia de deixar para outro dia. Mas el Rey, a quem as palavras do Conde moveraõ, mandou que á pressa se fizessem prestes, e acabassem de se ordenar.

CAPITULO LVII.

Numero da gente dos dous exercitos: sua disposiçaõ para a batalha: contaõse os fidalgos do exercito Portuguez.

QUanto ao numero da gente, que nesta batalha se achou de cada parte, ha incerteza entre os Historiadores. Os Castelhanos fazem grande o numero dos Portuguezes, e calaõ os seus como homens affeiçoados: o que a

hiſtoria naõ ſoffre, porque he teſtemunha dos tempos, e anunciadora da verdade: e ſe aos eſtrangeiros, como deſintereſſados, ſe ha de crer, Forſardo hiſtoriador Francez daquelle meſmo tempo, entre os ſeus de muita authoridade, e naõ contrario a Caſtelhanos, cujas partes os Francezes ajudavaõ, diz que o Campo del Rey de Caſtella era de vinte mil homens de cavallo, em que entravaõ duas mil lanças de Francezes Gaſcoens, e Bearnezes; outros Eſcriptores poem outra ſoma, naõ menor do que diſſemos: mas Fernaõ Lopez Hiſtoriador Portuguez, que eſcreve eſta batalha, e que em tudo ſe deve ſeguir por ſua fé, e authoridade, e modeſtia na relaçaõ das couſas dos contrarios, e por ſer Guarda mór da Torre do Tombo, e archivo Real, onde as couſas do Reyno todas ſe vaõ regiſtar, diz que no exercito dos Caſtelhanos avia oito mil homens de cavallo, e ſeis mil lanças, e dous mil ginetes, oito mil béſteiros, e quinze mil piaẽs, que por todos faziaõ trinta e hum mil homens de peleja. E vereſimel he que ſeriaõ eſſes, ou mais, porque com el Rey de Caſtella vinha a flor de Heſpanha, ſem ficar homem grande em Caſtella, e Reyno de Leaõ, e a gente mais nobre de Portugal, e muita de Navarra, que o Infante D. Carlos ſeu cunhado mandou, a fóra a gente de Francezes, e Gaſcoens, que trazia a ſoldo. E como el Rey vinha para couſa taõ importante, como era cobrar hum Reyno, que tinha eleito outro Rey; e para deixar preſidios nos lugares, que tomaſſe, naõ he de crer traria de Caſtella menos gente de cavallo, que a que os Reys de Caſtella, e Leaõ ſohiaõ ajuntar, que ſempre foraõ dez mil de cavalo, como ſe póde ver nas Cronicas antiguas. Pelo que, ſe ouveſſe erro no que diz aquelle Hiſtoriador Portuguez, ſeria em eſcrever menor numero da gente

con-

contraria, do que na verdade era; pois, além da de Castella, vinha tanta de Portugal, de França, e Navarra. A carruagem de carretas, e azamelas era grandissima; e com grande multidaõ da gente de serviço, parecia cobrir os campos; ao que ajudavaõ oito mil cabeças de gado grosso, e algumas do meudo, que tomaraõ em Portugal. O exercito dos Portuguezes era sómente de mil e setecentas lanças, e algumas dellas naõ bem concertadas, oitocentos bésteiros, e quatro mil homens de pé, que por todos de pé, e de cavalo faziaõ seis mil e quinhentos homens: nem era veresimil que tivesse mais, porque o mais do Reyno estava por Castella, e os fidalgos, que el Rey trazia, eraõ poucos, e todos de pequeno estado, e a batalha se determinou de repente, sem estar premeditada, nem esperada. Pelo que fica quadrando com a verdade o que alguns antigos escreveraõ, e deixaraõ de maõ em maõ, que a gente dos Castelhanos eraõ oitenta e sete mil, e a dos Portuguezes onze mil; o que se entende contando os pagens, e gente de serviço de cada hum dos exercitos.

El Rey de Portugal ordenou sua batalha em hum campo chaõ cuberto de urzes, no meio da estrada por onde os Castelhanos haviaõ de vir: e porque sua gente era taõ pouca, ordenou sómente duas pequenas Azes. Na vanguarda estava o Condestabel com sua bandeira estendida, e dobrados escudeiros por guarda della, e de seu corpo. Nesta Az avia sómente seiscentas lanças; na Ala direita, que nacia da ponta desta Az, hiaõ Mem Rodriguez, e Ruy Mendes de Vasconcellos, e de outros bons fidalgos huma companhia, que por sua honra, e defensaõ do Reyno determinavaõ defender o lugar, onde eraõ postos, e chamavaõ a esta Ala *dos namorados*, que a seu proposito traziaõ huma bandei-

ra verde. Da outra parte na Ala esquerda hiaõ de mistura com Antaõ Vasquez Dalmada, e outros Portuguezes, Mossem Joaõ de Monferrara, Martim Paulo, Bernardim Sola, e alguns estrangeiros, e huns poucos frecheiros Ingrezes, e homens de armas, que seriaõ por todos duzentos, como na outra Ala. De maneira que faltavaõ a estas duas Alas, de sua direita ordenança, duzentos homens de armas. Estes tinhaõ huma bandeira de S. Jorge. Detrás dos homens de armas, que havia nas Alas ambas, estavaõ bésteiros, e homens de pé postos em tal ordem, que lhe podessem fazer ajuda, e empécer aos imigos. Na Az dianteira naõ avia nenhum destes bésteiros, ou homens de pé, porque naõ serviaõ em tal lugar. Da vanguarda até a retaguarda avia hum arrezoado espaço, de maneira que a algum desastre, ou trabalho podessem por alli socorrer com brevidade. Nesta Az, cujas pontas cerravaõ com a vanguarda, forrada com homens de pé, e bésteiros, em que avia setecentas lanças, estava el Rey com sua bandeira, que trazia Lopo Vasques da Cunha por seu irmaõ Gil Vasques auzente, que era Alferes mór; e os que eraõ guarda del Rey junto com elle; e assi mesmo os que aviaõ de guardar a bandeira. Após esta retaguarda havia hum espaçozo terreiro, onde estava a carruagem, a saber: pagens, cavalos, azemalas de mantimentos, gente de serviço, e todas as mais cousas do exercito: estes eraõ todos cercados de gente de pé, e bésteiros, de maneira que nas espaldas da retaguarda, e na carruagem naõ podia ninguem fazer dano, que naõ achasse tudo apercebido.

Tendo el Rey, e o Conde assi ordenadas suas batalhas, e o Sol partido por meio, ás horas que com razaõ se devia fazer, cuidando que os Castelhanos, como ouvessem delles vista, os viriaõ logo

logo acometer, elles paſſaraõ da parte da Ala eſquerda contra Algibarrota, como eſtá dito. Pola qual razaõ foi forçado a el Rey, e ao Condeſtabel mudarem ſuas batalhas da ordem, em que as tinhaõ ordenadas com o roſto para Leiria, e as voltarem para a parte, onde eſtavaõ os imigos; e aſſi paſſou a vanguarda pela retaguarda, dando huns a outros lugar, e poſſe diante contra a parte, donde os Caſtelhanos vinhaõ. Os Portuguezes, nem em o lugar, e ſitio, onde puzeraõ as batalhas, levavaõ ventagem aos Caſtelhanos, por naõ aver montes, e valles, e por tudo ſer campina igual. Mas niſto eſtavaõ peor os Portuguezes, que quando a alva do dia começou a romper, já tinhaõ ſua batalha ordenada; e eſtiveraõ toda a ſeſta por Sol muito quente, qual he o de Agoſto, até a tarde, armados, e os mais delles ſem comer, nem beber, por ſer veſpora de tal feſta; e ficoulhe o Sol com o pó, e vento nos roſtos; e com iſto aguardavaõ os imigos com grande alvoroço, e alegria: e por iſſo dizia Moſſem Joaõ de Monferrara a el Rey, que eſtiveſſe confiado da victoria daquella batalha, porque elle ſe achara já em ſete batalhas campaes, e com aquella eraõ oito, e que nunca vira roſtos taõ alegres de homens taõ poucos, eſperando pelejar com tantos, e taõ luſtrozos. E porque em ſemelhantes feitos coſtumavaõ antigamente os cavaleiros por galantaria, ou fantazia fazerem alguns votos, que elles chamavaõ denodados, que queriaõ dizer *de atrevimento*, *e audacia*, Vaſco Martinz de Mello o moço prometteo prender a el Rey de Caſtella, ou pôr as maõs nelle; Gonçaleanes de Caſtel de Vide fez promeſſa de primeiro que nenhum outro ferir com a lança.

El Rey de Caſtella pela meſma maneira, como aſſentou com os ſeus que ſe déſſe batalha, or-

dena-

denaraõ ſuas Azes dous tiros de béſta afaſtados dos Portuguezes. A Az primeira da vanguarda fizeraõ dobrada, a que deraõ mil e ſeiſcentas lanças: e em huma das alas, em que hia o Meſtre de Alcantara, puzeraõ ſetecentos homens de armas, de Gaſcoẽs, e outros eſtrangeiros; e na outra, de que era Capitaõ D. Pedralves Pereira Meſtre de Calatrava, outros ſetecentos: na Az primeira vinha D. Pedro filho do Marquez de Vilhena, Condeſtabel primeiro de Caſtella, Diogo Furtado filho de Pedro Gonçalvez de Mendoça, Alferez mór del Rey com a Bandeira Real, que era das inſignias de Caſtella, e de Portugal; e D. Pedro Diaz Prior de S. Joaõ, D. Joaõ filho de D. Tello, primo com irmaõ del Rey, Joaõ Fernandez de Toar Almirante de Caſtella, Alvaro Gonçalvez do Sandoval, e outros muitos ſenhores, e fidalgos em grande numero, com ſuas bandeiras, e pendoens. Neſta Az dianteira vinhaõ todos os Portuguezes, que a el Rey de Caſtella ſeguiaõ, por ſe moſtrarem bons, e fieis vaſſallos. Na retaguarda, em que avia tres mil lanças, vinhaõ grandes ſenhores, e Capitaẽs, D. Fernando filho do Conde D. Sancho de Albuquerque, primo com irmaõ del Rey, Diogo Gomez Manrique Adiantado de Caſtella, Pedro Gonçalvez de Mendoça Mordomo mór del Rey, Diogo Lopez Sarmento Marichal de Caſtella, e outros grandes fidalgos. Os béſteiros, e piaẽs eſtavaõ onde pudeſſem ſervir bem.

Com el Rey de Portugal eſtavaõ poucos fidalgos, mas bons, e leaes cavaleiros, poſto que de pequeno eſtado, por os mais, e os maiores ſerem lançados com el Rey de Caſtella, de que huns vinhaõ com elle, outros ficavaõ em Caſtella, outros eſtavaõ em guarda das fortalezas, que ſuſtentavaõ por Caſtella. Os fidalgos, que com el Rey ſe

acharaõ,

acharaõ, eraõ Nuno Alvarez Pereira Condeſtabel, o Marichal Alvaro Pereira ſeu irmaõ, Joaõ Rodriguez Pereira, Diogo Lopez Pacheco, e ſeus filhos, Mem Rodriguez de Vaſconcellos, Ruy Mendez ſeu irmaõ, Lopo Vaſques da Cunha, Martim Affonſo de Souſa, Vaſco Martinz de Mello o velho; Vaſco Martinz o moço, e Martim Affonſo de Mello ſeus filhos, Joaõ Gomez da Silva, D. Lourenço Arcebiſpo de Braga, Martim Affonſo da Charneca, que deſpois foi tambem Arcebiſpo de Braga, o Doutor Joaõ das Regras, o Doutor Gil Docem, Fernaõ Rodriguez de Sequeira Comendador mór de Aviz, Joaõ Rodriguez de Sá, Joaõ Affonſo de Santarem, Affonſo Anes das Leys, e outros, que aqui ſe naõ contaõ: de que fez el Rey aquelle dia cavaleiros a Joaõ Vaſques de Almada, Ruy Vaſques de Caſtel branco, Affonſo Pirez da Charneca, Lopo Diaz de Azevedo, Gonçaleanes de Caſtel de Vide, Antaõ Vaſques de Almada, Pedro Lourenço de Tavora, Lopo de Mouraõ, Pedreanes Lobato, Joaõ Lobato, Lopo Affonſo da Agoa, Alvaro do Rego, Gonçalo Perez, Rodrigo Affonſo de Aragaõ, Pedro Affonſo de Ancôra, Joaõ Gonçalvez Vieira, Diogo Lopez Lobo, Eſtevaõ Fernandez Lobo, Fernaõ Lopez Lobo, Joaõ Fernandez da Arca, Martim Gonçalvez da Repreza tio do Condeſtabel, Nuno Fernandez de Moraes, Vaſco Leitaõ, Martim Gonçalvez de Faria, Vaſco Lobeira, Lourenço Mendez de Carvalho, Eſtevaõ Vaſques Goes, Eſtevaõ Vaſques Phelippe, Vaſco Martinz de Gá, Eſtevaõ Fernandez Chamorro, Rodrigo Affonſo Lobo, Nuno Viegas o moço, Martim Ichoa, Ruy da Cunha, Martim Gomez Comendador de Aljuſtrel, Vaſco Gonçalvez Teixeira, Pedro Botelho, Vaſco Lourenço Meirinho, James Lourenço Cabeça, Alvaro Garcia

cia de Faria, Eſtevaõ Lourenço Gayo: dos quaes, e de outros foi el Rey naquella batalha bem ſervido. Quando el Rey eſtava em Alenquer (como eſtá dito) mandou chamar os fidalgos, que na Beira reſidiaõ, de que eraõ os principaes Gonçalo Vaſques Coutinho, Martim Vaſques da Cunha, Vaſco Martinz, e Gil Vaſques ſeus irmaõs, Joaõ Fernandez Pacheco, e Egas Coelho: e por a confiança, que el Rey tinha em Joaõ Fernandez, lhe eſcreveo, e rogou que elle foſſe o que os incitaſſe a virem, como fez, a ſe concordarem para a batalha de Trancozo. Sendo aquelles fidalgos rogados del Rey, e ſolicitados de Joaõ Fernandez Pacheco, davaõ boa repoſta, mas dilatavaõ ſua vinda. A razaõ era, porque naõ ſe lhes podia perſuadir que el Rey de Portugal podia com tanto poder. E porque a couſa era taõ duvidoza, e eſtava mais á maõ crer que os Caſtelhanos averiaõ a victoria, deixavaõſe eſtar, fazendo conta que, ſe el Rey de Caſtella venceſſe, como elles cuidavaõ, melhores partidos fariaõ donde eſtavaõ, que de outra parte. E ſe o de Portugal ficaſſe de ganho, ſeus eraõ todos, e podiao eſcuſar ſua vinda. E aſſi o moſtrou Martim Vaſquez da Cunha, quando el Rey de Caſtella para ahi veio; que, mandandolhe pedir a Cidade da Guarda, de que era Alcaide mór, reſpondeo que foſſe em boa hora fazer ſeu negocio; que daquelle, por quem Deos déſſe a ſentença, ſeria a Cidade, e os mais lugares. Em fim Martim Vaſques da Cunha, contra a ley de Solon, quiz ficar ſendo neutral: Joaõ Fernandez Pacheco, vendo que o tempo da batalha a ſeu parecer ſe vinha chegando, partiraõ elle, e Egas Coelho com 60 lanças, e 100 homens de pé eſcudados. Aquelles fidalgos, que naõ quizeraõ vir, foraõ muito vituperados de todos, mórmente Gil Vaſques da Cunha,

nha,

nha, por ſer Alferez mór; e desfizeraõ muito em ſua reputaçaõ, e acrecentaraõ muito na del Rey, e do Condeſtabel; porque, ſegundo elles ganharaõ grande nome, e opiniaõ na batalha de Trancoſo contra quatrocentas lanças, e duzentos ginetes, e dous mil homens de pé, aſſi pelos Portuguezes, como pelos Caſtelhanos ſe lhe ouvera a elles de attribuir o bom ſucceſſo, que ouve, e todo o louvor ſe lhe ouvera de dar. Joaõ Fernandez Pacheco ſe deu tanta preſſa por ſe naõ dar a batalha ſem elle eſtar nella, que em hum dia andou 20 legoas, ficando alguns dos ſeus divididos pello caminho, que o naõ puderaõ aturar. Eſtando a batalha pera ſe dar, aſſomou, vindo por Porto de Moz, por ſima de huma ladeira, que alli faz. Os Caſtelhanos cuidando que eraõ dos ſeus, naõ foraõ a elles. E vendo Joaõ Fernandez huma pequena companhia de homens de huma banda, e huma mui grande da outra, entendeo que os poucos eraõ os Portuguezes, e ſe lançou com elles. O qual del Rey, e de toda a gente foi mui feſtejado, por vir a tal tempo, e com tal preſſa, polo qual tinha dito Diogo Lopez Pacheco ſeu pai, quando lhe el Rey dizia que tardava, que, ſe Joaõ Fernandez ſeu filho era vivo, elle viria. E por animar a gente dizia Joaõ Fernandez, que naõ receaſſem aquella multidaõ dos Caſtelhanos; que, ſe os conheceſſem como elle, que pouco avia lavara as maõs no ſeu ſangue, naõ os teriaõ em muito. Com iſto lhes contava o bom ſuceſſo da batalha de Trancoſo, e como ſem morte de algum cavaleiro Portuguez pereceraõ tantos Caſtelhanos, taõ avantejados aos que alli tinhaõ prezentes, para lhes dar eſperança de outro taõ bom ſuceſſo na batalha, que eſperavaõ.

CAPITULO LVIII.

Faz el Rey de Portugal falla, animando os ſeus ſoldados: da-ſe a batalha de Algibarrota.

QUando os Caſtelhanos foraõ preſtes de todo, eraõ horas de Veſperas, e a ſua batalha eſtava mui bem ordenada, e em campo chaõ, e capaz de muito maiores exercitos, e naõ em lugar deſigual, ſegundo alguns Hiſtoriadores ſoſpeitos dizem, como hoje ſe vê do meſmo lugar da batalha: porque a terra (como diz o Sabio) ſempre eſtá em hum eſtado, e naõ ſe póde mudar. A grandeza do exercito de Caſtella, e o apparato delle, era para ver, e o reſplandor das armas ricas dos ſenhores, e fidalgos, que nelle vinhaõ, aſſi Heſpanhoes, como Francezes, que com os grandes penachos, e ornamentos, que traziaõ, faziaõ huma fermoza, e eſpantoza viſta. Os Portuguezes pelo contrario eraõ taõ poucos como eſtá dito, e a mór parte da gente naõ bem ornada, nem armada, por aver naquella companhia taõ poucos grandes, e a mór parte do Reyno eſtar por Caſtella; que quem os vira, e naõ conhecera ſeus animos, e esforço, mais podera ter delles laſtima, e receo, que confiança. Cuja viſta junta com os Caſtelhanos ſe podera bem comparar com a pouquidade do exercito de Alexandre Magno, quando ſahio de Macedonia com os ſeus armados de armas ſem luſtre, e ferrugentas, e ſe ajuntou com o innumeravel exercito dos Perſas armados de ricas armas, e douradas. O Condeſtabel andava a cavallo animando a ſua vangarda, desfazendolhe o receo, que podiaõ ter polo deſigual numero dos inimigos, cujos apupos, e gritas, que fazia a gente da bagagem, pa-

recia

recia que aſſombravaõ. Andando neſta occupaçaõ, o Conde D. Joaõ Affonſo Tello, que eſtava na vanguarda dos Caſtelhanos, lhe mandou por pagens, e desſafio per hum ſeu eſcudeiro huma eſpada de armas. O Condeſtabel a recebeo com alegre ſembrante, e lhe mandou em retorno huma facha de chumbo. El Rey, que aquella manhãa mui cedo ſe confeſſara, e tomara o Sanctiſſimo Sacramento, e a bençaõ do Arcebiſpo de Braga, pôs nos peitos huma Cruz vermelha; e o meſmo fizeraõ os ſeus. Feito iſto com roſto ledo, e que moſtrava ter certa a victoria, com palavras de muita efficacia animou os ſeus de maneira, que ſofriaõ já mal a tardança da batalha. Por outra parte andava o Arcebiſpo de Braga armado de todas as armas com ſua Cruz adiante levantada, fazendo o meſmo, abſolvendo a todos, e outorgandolhes as Indulgencias, que o Papa Urbano concedia aos que peleijavaõ contra os ſciſmaticos, como entaõ eraõ os Caſtelhanos, por ſeguirem Clemente Antipapa; e amoeſtando a todos o Arcebiſpo, que ao tempo de começar a ferir nos imigos, diſſeſſe cada hum a meude: *Et Verbum caro factum eſt.* Alguns dos homens plebeos, e ignorantes perguntavaõ, que queriaõ dizer aquellas palavras? e reſpondendolhes alguns gracioſos, que queriaõ dizer *mui caro feito he eſte*, diziaõ elles como homens, em que naõ avia medo: *Verdade he, mas quererá Deos que ſeja hoje barato.*

Os Caſtelhanos eſtavaõ taõ confiados em vencerem, que naõ pareceo neceſſario a ſeus Capitaẽs esforçalos com palavras, mas tinhaõ os Portuguezes por ſandeus, e temerarios em ſe atreverem a os eſperar; e naõ tratavaõ já ſenaõ dos que matariaõ, e dos que deixariaõ cativos. Sómente dous Biſpos, e alguns Frades Prégadores outorgavaõ Indulgencias do Antipapa Clemente contra os Portu-

guezes, a que elles tambem chamavaõ ſciſmaticos.

Antes de romperem as batalhas, alguns piaẽs dos Portuguezes, que ſeriaõ até 30, ſe ſairaõ dentre a carruagem, onde foraõ poſtos com outros para guarda della; e fugindo para Porto de Moz, os ginetes dos Caſtelhanos, que andavaõ ao redor da carruagem, os ſeguiraõ, e mataraõ; o que fez naõ fugirem os daquella parte. Os da vanguarda dos Caſtelhanos, ſendo já paſſada a hora de Veſpora, poſto que foſſem tantos, e tam bem guarnecidos, ainda naõ acometiaõ aos Portuguezes, mas primeiro lhes fizeraõ muitos tiros dos que traziaõ diante, para eſpantar os imigos, e os fazer fugir; com que fizeraõ algum dano, e mataraõ dous irmaõs eſcudeiros do Condeſtabel, ambos juntamente, o que alguns dos Portuguezes tomaraõ por mao ſinal, e principio infauſto: e vendo hum eſcudeiro eſte temor, e agouro, diſſe que naõ avia de que ſe eſpantarem, antes o deviaõ ter por bom ſinal, e de Deos lhes dar victoria; porque aquelles dous irmaõs naõ avia oito dias, que elle os vira matar em huma Igreja a hum Clerigo, que eſtava reveſtido dizendo Miſſa: e que eſtava claro que Deos quiz purgar, e expiar aquelle exercito com a ſua morte, e naõ permittio que aquelles foſſem participantes da victoria, que naquelle dia avia de dar aos Portuguezes: ouvindo aquillo, o tiveraõ por juizo Divino, e tomaraõ confiança. Finalmente as batalhas ſe ajuntaraõ a ſom de trombetas, que de ambas as partes ſe tocaraõ, apelidando os Caſtelhanos *Caſtilha*, *e Sanctiago*; e os Portuguezes *Portugal*, *e S. Jorge*: e ſe encontraraõ com grande impeto, vindo o Conde D. Joaõ Affonſo Tello na dianteira da vanguarda diante dos outros eſpaço de huma lança, e o Condeſtabel Nuno Alvarez diante da ſua bandeira. Alli ſe aſſinalou Gonçalo Anes de

Caſtel

Caſtel de Vide, que prometeo ſer o primeiro que feriſſe de lança, o qual foi derrubado; mas ſendo ſocorrido, ſe levantou. Ao ajuntar das batalhas ſe feriraõ huns, e outros cruelmente: os béſteiros faziaõ ſeu officio, que, por ſerem tantos os da parte dos Caſtelhanos, parecia que choviaõ ſettas, e virotoẽs ſobre os Portuguezes; outros ſe ſerviaõ de pedradas. Os ginetes Caſtelhanos trabalhavaõ quanto podiaõ por entrar na carruagem dos Portuguezes; mas o trabalho foi em vaõ, porque eſte lugar eſtava apercebido de maneira, que lhe naõ puderaõ fazer dano. Os Caſtelhanos quando viraõ que a batalha ſe dava a pé, o que elles naõ cuidavaõ, nem quizeraõ, cortaraõ as lanças, que traziaõ para as menear melhor; do que deſpois ſe arrependeraõ. E deixadas as lanças, vieraõ ás maças, e ás eſpadas, que entaõ eraõ curtas, e largas, e lhe chamavaõ eſtoques. O lugar, aonde a peleja começou, foi junto com a bandeira do Condeſtabel, onde agora eſtá a Ermida de S. Jorge, que elle deſpois no proprio lugar mandou fazer. Alli ſe travou huma forte, e crua peleja, onde ouve golpes, que pareciaõ dos que contaõ as fabulas antigas. Tanto fervor avia nos Portuguezes, por ſe livrarem da ſogeiçaõ, e defenderem ſua terra; e nos Caſtelhanos por os ſubjugarem, e tomarem delles vingança! E por a vanguarda dos Caſtelhanos ſer de tanta gente, e dobrada, e a dos Portuguezes ſingella, foi rota a dos Portuguezes, e entrada de muitos, que abriraõ hum grande portal, por onde entrou a mór parte da gente contraria da vanguarda com bandeira de Caſtella até perto donde eſtava a do Condeſtabel; e alli foi a maior força da peleja. As alas, em que vinhaõ Mem Rodriguez, e Antaõ Vaſques, quando viraõ iſto, dobraraõ ſobre elles, e ficaraõ entre a vanguarda, e a retaguarda, onde

huns, e outros pelejavaõ mui esforçadamente, de maneira que os golpes se ouviaõ dalli a grande espaço. Na ala dos namorados, que os Castelhanos cuidavaõ desbaratar primeiro que tudo, foi dobrado o trabalho, onde Mem Rodriguez, e seu irmaõ Ruy Mendez, e outros fidalgos foraõ muito feridos, naquella parte mais, que em outro lugar. El Rey quando vio a vanguarda rota, e o Condestabel em tamanha pressa, abalou rijamente com sua Bandeira Real, dizendo em voz alta: Senhores, avante, *S. Jorge*, *Portugal*, *que eu sou el Rey* (Isto dizia el Rey, porque té entaõ, dizem, que os Princepes, nem outros cavaleiros usavaõ trazer cotas de armas, por as quaes fossem conhecidos nas batalhas) E tanto que chegou aonde era aquella pressa, e grande trabalho dos seus, deixada a lança, começou de ferir de facha com tanta desenvoltura, e ardil, como qualquer cavaleiro desejoso de ganhar honra por seu braço. Andando assi ferindo a huma parte, e outra, a caso se encontrou com elle Alvaro Gonçalvez do Sandoval, homem mancebo, e cazado de pouco, que era hum esforçado cavaleiro. E alçando el Rey a facha pera lhe dar, elle recebeo o golpe, e travou por ella taõ rijo, que a tirou a el Rey das maõs, e o fez ajoelhar de ambos os joelhos; e foi logo levantado por Martim Gonçalvez de Macedo, hum homem fidalgo, que se achou em muitas cousas de seu serviço. E quando Alvaro Gonçalvez alçou a facha para dar a el Rey com ella, elle recebeo o golpe, e a tirou a Alvaro Gonçalvez das maõs, assi como lhe fizera a elle; e querendolhe dar com ella, já estava morto pelos que ahi estavaõ prezentes. Crecendo cada vez mais a furia da batalha, e sendo mui renhida de ambas as partes, a bandeira Real de Castella foi abatida, e o Pendaõ da deviza com

ella,

ella, e alguns dos Castelhanos começaraõ de voltar atraz os pagens Portuguezes, que tinhaõ os cavallos; e muitos dos outros, que com elles estavaõ, começaraõ altas vozes a bradar: *Já fogem os Castelhanos, já fogem*; e elles na verdade o faziaõ assi. El Rey de Castella vendo sua bandeira abatida, e que os seus voltavaõ atrás, e se acolhiaõ nos cavallos, que achavaõ; e que os Portuguezes levavaõ o melhor da batalha, antes de se acabar de perder, determinou de se retrahir, e irse. Pedro Gonçalvez de Mendoça rico homem, e seu Mordomo mór, quando vio que contra seu parecer, e de outros cavaleiros velhos se dava a batalha sem ordem, como homem, que entendia o fim della, se poz sempre junto da pessoa del Rey, para lhe acodir quando cumprisse; e o deceo da mula, em que andava por sua indisposiçaõ, e o subio em hum cavalo, e poz fóra do perigo: e querendo tornar, el Rey lho naõ consentia; mas elle se veio: e dizendolhe alguns dos que fogiaõ da batalha, para que tornava a ella, estando já todos desbaratados, disse que tornava a morrer, por lhe naõ dizerem as Donas de Guadalajara, que lhe trouxe seus maridos, e seus filhos a morrer, e que tornava elle vivo; e assi tornando á batalha para esses, que ainda ficavaõ na peleja, acabou valerosamente pelejando.

CA-

CAPITULO LIX.

He desbaratado o Campo Castelhano: foge seu Rey. Ha el Rey de Portugal a victoria, e grande despojo do inimigo.

ABatida a bandeira dos Castelhanos, e ido el Rey, e muitos fugidos; e sendo já morto grande numero de homens, assi de cavallo como de pé, e quasi todos os Portuguezes, que com os Castelhanos vinhaõ na dianteira da vanguarda, disse el Rey ao Condestabel, que acodisse á gente de pé da retaguarda, que estava em grande aperto, pola muita gente, que carregava sobre elles; o que era assi em effeito, porque o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ estava a cavallo com certos ginetes nas espaldas dos Portuguezes, e queria pelejar com os bésteiros, e homens de pé, que estavaõ alli postos por guarda da carruagem. Os quaes se defendiaõ de maneira, que os de cavallo lhe naõ podiaõ fazer dano, antes os recebiaõ delles, morrendo alguns dos tiros, e das lanças de arremeço. E elles aos Portuguezes fizeraõ proveito, porque os piaẽs daquella parte, ainda que quizessem fugir, o naõ podiaõ fazer. E assi lhes cumpria defenderemse. Despois o entenderaõ os Castelhanos, considerando que naõ deixaraõ portal aberto, por onde podessem fugir os Portuguezes, e lhes ficava necessario o pelejar. E logo o Conde tornou contra a retaguarda, assi a pé como estava: e por andar mui cançado do trabalho da batalha, e estar armado, e aver grande calma, quaes saõ as do mez de Agosto, naõ podia ir taõ á pressa como quizera: polo que Pedro Botelho Comendador mór de Christo, que vinha encima

de

de hum bom cavalo, lho deu, vendoo ir a pé; e nelle foi aos da retaguarda, que achou em tanto perigo, e trabalho, por ſerem os Caſtelhanos muitos, que eſtavaõ já pera ſerem rotos. Mas, como o Condeſtabel chegou, cobraraõ tal esforço, e reſiſtiraõ de maneira, que naõ ouzaraõ os Caſtelhanos chegar a elles. Vendo os Caſtelhanos que ſeu Rey fugira da batalha, e que de toda a parte eraõ vencidos, e perdendo a eſperança, e com ella a vontade de pelejar, começaraõ a tornar atraz, e deſemparar o campo, e em mui breve eſpaço amainou todo o fervor daquelle grande, e luſtrozo exercito de homens taõ grandes em eſtado, e cavalaria, porque naõ durou a batalha mais que meia hora até moſtrar ſer vencida. Naquelle tempo ſe viraõ muitos cavalgar nas beſtas, que podiaõ alcançar para ſe porem em ſalvo. Outros ſe deſcarregavaõ das armas, que tinhaõ veſtidas; outros fugiaõ a pé, e ſe hiaõ deſarmados, para andar mais ligeiramente; outros mudavaõ os trages, por naõ ſerem conhecidos, e eſcaparem; mas a lingoa os deſcobria, e eraõ tomados, ou mortos; outros, que naõ tinhaõ boas cavalgaduras, e os que polo cançaſſo, e afronta naõ podiaõ fugir á ſua vontade, metiaõſe pellos matos; e por naõ ſaberem o caminho, andavaõ de huma parte á outra, ſem acharem onde ſe acolher: polo que a gente da terra, que acudio o outro dia ao lugar da batalha, os matava; e ſe ſe queriaõ defender, vinhaõ outros, que os acabavaõ de matar: e por o lugar, onde a batalha ſe deu, ſer campina raza, naõ ſe podiaõ eſconder ao perto, ſenaõ longe: e aſſi os tomavaõ a certos paſſos a gente baixa, cuja natureza he menos piedoza, e faziaõ nelles grande mortandade, principalmente nos que fugiaõ a pé, como homens, que hiaõ derramados ſem paſtor, e ſem

coraçaõ, e por terra de imigos, qualquer ruſtico aldeaõ matava ſete, e oito, e os prendia, ſem elles lhe reſiſtirem. Aos Portuguezes, que pelejavaõ por Caſtella, matavaõ de melhor vontade; e ſe alguem lhes queria perdoar por parenteſco, ou amizade, nas meſmas maõs lhos matavaõ, ainda que foſſem dos mais nobres. Nem valeo a Diogo Alvarez Pereira ſer irmaõ do Condeſtavel, nem ſer entregue por el Rey a Egas Coelho que o guardaſſe, que nas maõs lho naõ mataſſem. El Rey cançado do grande trabalho, que paſſara, lançouſe a repouzar ſobre hum vil, e baixo encoſto, que alli achou, até que lhe vieſſe algum cavalo, em que cavalgaſſe; e tendo prezos junto conſigo D. Pedro de Caſtro, e Vaſco Pires de Camoẽs; e jazendo aſſi daquella maneira, chegou Antaõ Vaſques de Almada embrulhado na Bandeira Real de Caſtella, e a apreſentou a el Rey, vindo bailando com ella por graça; ao que el Rey naõ reſpondeo couſa alguma, nem fez mais que rirſe, e a mandou guardar. Alli ouve diferença entre Lourenço Martinz do Avellal, e outros, dizendo cada hum, que elle dirribara a Bandeira: mas naõ ſe ſoube de certo quem fora. Eſtando fallando niſto, chegou hum pagem del Rey com o cavalo, e trazia hum Caſtelhano prezo encima de huma mula, com as eſporas no braço, e o loudel veſtido ás aveſſas, por naõ ſer conhecido, e o matarem. El Rey quando aſſi vio hum homem, que parecia de bem, e de bom corpo, lhe perguntou como ſe deixava aſſi prender daquelle moço? ao que elle reſpondeo, que melhor era que o prendeſſe aquelle moço, que matallo o melhor homem de armas, que el Rey alli trazia. Entaõ fez el Rey cavalgar o Caſtelhano na mulla para reconhecer os mortos, e lhos moſtrar, e dizer os nomes dos que conhecia. Os quaes

o Caſ-

Caſtelhano lhe moſtrou, fazendo grande pranto quando achava algum daquelles grandes. Alli ſe tomou grande, e rico deſpojo de ouro, prata, baixelas, e guarniçoens de muito preço, cavalos, mulas, e armas, aſſi del Rey, como dos ſenhores, que com elle vinhaõ, que traziaõ naõ para a guerra, e para logo ſe tornarem, mas para eſtarem no Reyno, e triunfarem delle como couſa, que era ſua.

CAPITULO LX.

Numero da gente, que morreo neſta batalha de Algibarrota: levanta el Rey ſeu arraial: fazemſe feſtas em Lisboa.

NO numero dos que na batalha morreraõ de huma, e outra parte, ha entre os Eſcriptores muita diverſidade. Os Caſtelhanos, que diſſo eſcreveraõ, naõ contaõ o ſeus quantos foraõ, nem nomeaõ, ſenaõ mui poucos, deixando de nomear taõ grandes homens, cuidando que era mais honrozo á ſua naçaõ paſſalos com ſilencio, ſendo tanto ao contrario; porque homens taõ nobres, e taõ valerozos, que morreraõ pelejando ante ſeu Rey, e por couſa tanto de ſua honra, e deſpois ſem ſeu Rey, que os deſemparou na batalha, naõ ſe ouvera de encubrir ſua memoria, mas ficar viva para honra ſua, e incitamento de ſua deſcendencia; porque o vencer, e ſer vencido, muitas vezes he da fortuna; e por iſſo ſe diz que em nenhuma couſa ella mais domina, que na guerra. Polydoro Virgilio homem docto, e de naçaõ Italiano, que na lingua Latina eſcreveo a Hiſtoria de Inglaterra, com pouca honra ſua, como acontece aos que eſcrevem hiſtorias alhêas, e o que naõ viraõ, mas ſó

por informaçoens mal tomadas, contando o processo desta batalha, veio a dizer mil desconcertos, dando muita parte desta victoria ao Conde de Cambris, por adular aos Ingrezes; dizendo que viera a Portugal ajudar el Rey D. Joaõ, e que com o esforço dos seus se vencera esta batalha: sendo isto mera falsidade; porque a vinda deste Conde foi em tempo del Rey D. Fernando, de que elle, e sua molher foraõ taõ descontentes, como está dito na vida do dito Rey. Apoz este erro diz outro, que da parte dos Castelhanos morreraõ dez mil homens, e foraõ prezos mil; e que dos Portuguezes morreraõ perto de dous mil, e dos Ingrezes seiscentos. Semelhantes cousas desta batalha conta Froissardo historiador Francez taõ longe da verdade por outras taes informaçoens. A verdade disto he o que escreve Fernaõ Lopez Chronista Portuguez, vizinho daquelles tempos, conforme a huma carta do mesmo Rey D. Joaõ, que á Cidade de Lisboa escreveo, dandolhe conta da batalha, e successo della, por que se vê que os que nella morreraõ da parte dos Castelhanos foraõ duas mil e quinhentas lanças, e da gente de pé mui grande numero, a que se naõ soube conto certo; porque muitos dos que escaparaõ da batalha, morreraõ em diversos lugares dos caminhos, onde os tomavaõ, por irem a pé, e terem longe os lugares, que estavaõ por Castella, em que se podessem recolher. O que consta certo he, que os de cavalo foraõ os mais nobres, e grandes senhores do exercito, porque naõ ouve naquelle tempo casa em Castella, e seus senhorios, em que naõ ouvesse luto, e falta de pai, filhos, irmaõs, parentes, ou senhores. Os de que ha melhor lembrança, foraõ D. Pedro filho de D. Affonso Marquez de Vilhena primeiro Condestabel de Castella da Casa Real de Aragaõ, cunhado del Rey de

Castella, D. Joaõ de Castella senhor de Aguilar de Castanheda filho do Conde D. Tello, senhor que foi de Viscaya, D. Fernando filho do Conde D. Sancho, neto del Rey D. Affonso nono, e primo com irmaõ del Rey, D. Pedro Diaz Prior de S. Joaõ, o Conde de Vilhalpando, D. Diogo Manrique Adiantado maior de Castella, D. Pedro Gonçalvez de Mendoça Mordomo mór del Rey, D. Joaõ Fernandez de Tovar Almirante de Castella, D. Diogo Gomez Manrique, D. Diogo Gomez Sarmento Adiantado de Galliza, Pedro Gonçalvez Carrilho Marichal de Castella, Joaõ Perez de Godoy filho do Mestre de Santiago, D. Pedro Moniz de Godoy, que antes fora Mestre de Calatrava, Fernaõ Carrilho de Priego, Fernaõ Carrilho de Maçuello, Alvaro Gonçalvez de Sandoval, Fernaõ Gonçalvez de Sandoval seu irmaõ, D. Joaõ Ramirez de Arelhano senhor dos Cameros, Joaõ Ortiz senhor de las Cuevas, Ruy Fernandes de Tovar, Goterre Gonsalvez de Quirôs, Gonçalo Affonso de Cervantes, Diogo de Tovar, Ruy Barba, Diogo Garcia de Toledo, Joaõ Alvarez Maldonado, Garcia Dias Carrilho, Lopo Fernandez de Sevilha, João Affonso de Alcantara, D. Gonçalo Fernandez de Cordova, Pedro de Velasco, Ruy Dias de Rojas, Gonçalo Gonçalvez de Avila, Sancho Carrilho, Joaõ Duque, Ruy Vasques de Cordova, D. Pedro Buil, e hum seu filho, Pero Gomez de Parras, e dous filhos seus, Ruy de Tovar irmaõ do Almirante, o Commendador mór de Calatrava, Gomes Goterrez de Sandoval, Alvaro Nunez Cabeça de vaca, Lopo Fernandez de Padilha, Joaõ Fernandez de Moxica, Pero Soares de Toledo, Fernaõ Rodriguez de Escovar, Alvaro Rodriguez de Escovar, Lopo Rodriguez de Assa, Ruy Ninho, Lopo Ninho, Joaõ Ninho irmaõs, Garcia

Gon-

Gonçalvez de Quiroz, Lopo Gonçalvez de Quiroz irmaõs, Sancho Fernandez de Tovar, Ayrez Pirez de Camoés galego. Dos Francezes morreraõ Monſeur de la Ria Embaixador del Rey de França, Geofroy Richon, Moſſem Geofroy de Partenay, e outros muitos dos Gaſcoens, Moſſem Arnao Lemiſin, Monſeur de Longas, Monſeur de Loſpre, Monſeur de Beaim, Monſeur de Bordes, Monſeur de Moriana, Moſſem Pedro de Ber, Moſſem Bertrando de Berges, Moſſem Raymondo Donhach, Moſſem Joaõ Aforlege, Moſſem Manaut de Saramen, Moſſem Pedro de Salabieres, Moſſem Stefano de Valentin, Moſſem Raymundo de Couraſſe, Moſſem Pedro de Hauſane, e a fora eſtes outros muitos cavaleiros de Gaſcon. Dos fidalgos Portuguezes, que ſeguiaõ a el Rey de Caſtella, morreraõ D. Joaõ Affonſo Tello Almirante de Portugal, Conde de Mayorga, que já fora de Barcellos, irmaõ da Rainha Dona Leanor, que foi cauſa de ſe dar a Batalha; D. Pedro Alvarez Pereira Meſtre de Calatrava, e Diogo Alvarez Pereira irmaõs do Condeſtabel de Portugal, Gonçalo Vaſquez de Azevedo, Alvaro Gonçalvez de Azevedo ſeu filho, Joaõ Gonçálvez Alcaide mór de Obidos, Garcia Rodriguez Taborda Alcaide mór de Leiria, e outros muitos, cujos nomes naõ lembraõ.

Os Portuguezes, que morreraõ da parte del Rey de Portugal, foraõ Vaſco Martinz de Mello, que, por cumprir o voto que fizera de prender el Rey de Caſtella, ou de pôr as maõs nelle, vendoo fugir ſe foi ſó após elle; e metendoſe entre a gente, que o acompanhava, foi conhecido pola Cruz de S. Jorge que era Portuguez, e foi logo morto por ſua, ſe generoſa, imprudente ouzadia, e mais temeraria promeſſa. Na batalha morreraõ

Ber-

Bernardo Solla, Mossem Joaõ de Monferrara Gascaõ, e Martim Gil de Corexas, e alguns poucos de pequeno nome; dos homens de pé com os trinta, que á primeira fugiraõ de entre a carruagem (como está dito) morreraõ até cento e sincoenta, e naõ todos na batalha. Porque, sendo ella já vencida, vindo muitos Castelhanos de cavalo tomar a prata da baixella, e Capella de seu Rey, sobre que ouve grande arroido, nelle morreraõ parte destes Portuguezes de pé, e hum só de cavalo, por nome Mendo Affonso de Beja.

Esta foi a celebrada batalha de Algibarrota, assi chamada, por se dar junto de huma pequena povoaçaõ daquelle nome. A qual foi huma das mais memoraveis, que entre Christaõs ouve em Hespapanha, respeitando o pouco espaço, em que se venceo, e a grande potencia do Rey vencido, e a pouca, que entaõ tinha o vencedor, e ser o sucesso della o Juiz, porque se acabou taõ grande litigio, como era a successaõ de dous Reynos, e por os Capitaẽs daquelle feito serem dous mancebos de taõ pouca idade, como era el Rey D. Joaõ de pouco mais de vinte e seis annos, e o Condestabel D. Nunalvarez pouco mais de vinte e quatro, contra tantos, e taõ grandes Capitaẽs como el Rey de Castella tinha exercitados nas guerras avia tantos annos, a fora os estrangeiros, de que se ajudou.

Acabada a batalha, fazendose já tarde, andou o Condestabel mui occupado em pôr guarda no arraial; e acabando alta noite, sem ainda ter comido aquelle dia, foi ver el Rey á sua tenda, que despois da victoria ainda o naõ tinha visto. E falando em cousas daquella batalha, assi elles, como todos os mais tinhaõ aquelle successo por milagroso, e davaõ muitas graças a Deos por elle. E, segundo

gundo o coſtume das batalhas , el Rey eſteve tres dias no campo ; mas porque o fedor dos corpos mortos era intoleravel, por ſer eſtio, e os dias de grandes calmas , naõ ſe deteve mais ; e mandando primeiro enterrar dos imigos o corpo do Conde D. Affonſo Tello, e levar do campo para o Moſteiro de Alcobaça , que he dahi tres legoas , e os corpos dos Portuguezes , que morreraõ na batalha, partio para lá com ſeu arraial cheio de honra, e de riquiſſimos deſpojos, como cada hum quiz tomar, ſem el Rey, nem o Condeſtabel quererem parte, tirando huma grande Cruz de ouro , e pedraria , em que vinha o lenho da Vera Cruz ; o que el Rey de Caſtella trazia em ſua Capella , e ſohia eſtar em Burgos, o qual o Condeſtabel ouve, e remio de hum eſcudeiro ſeu com promeſſa de grande mercê.

Partio el Rey , e foi aſſentar ſeu arraial á Ponte da Chaqueda perto do Moſteiro de Alcobaça, e ahi acharaõ muitos Caſtelhanos mortos, dos que fugiaõ, e foraõ tomados naquelle paço dos homens , que o Abbade de Alcobaça mandava com mantimentos ao arraial. E entre outros mortos eſtava mui feio, e com muitas feridas Ruy Diaz de Rojas, cuja molher era Camareira del Rey, ao coſtume daquelle tempo , que os Reys, e Princepes aſſi em Caſtella , como em Portugal, tinhaõ molheres, que lhes alimpavaõ os veſtidos, e lhos prefumavaõ, a que chamavaõ cuvilheiras, que he tanto como cubicularias, ou camareiras. E eſta molher quando os ſenhores entravaõ na Camara del Rey, levantavalhes as roupas , e perfumavaos , e dizialhes em deſprezo dos Portuguezes , que lhes fazia aquillo , porque perdeſſem os maos cheiros , que traziaõ das caſas daquelles chamorros, cujos hoſpedes eraõ. E ao tempo, que el Rey chegava áquel-

la

la ponte, Diogo Lopez Lobo levava eſta Dóna preza. E vendo ella jazer ſeu marido aſſi morto, que poſto que eſtiveſſe mui feio, e acutilado, o conheceo, começou de chorar, e fazer grande pranto ſobre elle, e hum homem de pé, que a conhecia, e ſabia o que dizia dos Chamorros; aos que preſumava, diſſe contra ella: Dona honrada, que he feito das rozas defumadiças, que punheis aos que hiaõ ao Paço? Miſter avia agora voſſo marido humas poucas dellas, que taõ mal cheira alli aonde jaz. E com eſtas palavras a pobre molher chorava mais. Tantos revezes da fortuna póde cada hum temer, quando a ſeu parecer eſtá ſeguro, que ſempre deve de ter por ſoſpeito, e incõſtante o melhor eſtado, em que ſe vê.

Como a Cidade de Lisboa amava como mãi a el Rey D. Joaõ, e com razaõ o podia chamar feitura ſua, pois os moradores della o elegeraõ por defenſor do Reyno, e o conſtrangeraõ a ſe naõ ir delle, e meteraõ o ſceptro na maõ, e ſe temiaõ por iſſo mais, que nenhum lugar outro do Reyno, da ira del Rey de Caſtella, que deſejava aſſolala, eſtava mui ſolicita antes da batalha, e fazia muitas prociſſoẽs, e rogativas a Deos. E em congregaçaõ de letrados, e varoẽs Religioſos, que na Camara ajuntaraõ, fizeraõ votos, prometendo a Deos de os guardarem para ſempre, e de nunca mais uſarem de ſuperſtiçoens, feitiços, encantamentos, invocaçoens de demonios, e ſortes; e de deixarem todos os ritos gentilicos, como he cantar janeiras, fazer mayas, e outras feſtas em outros mezes, nem ſe carpirem ſobre finados, nem ſe depenarem cabellos ſobre elles, como até entaõ ſe faziaõ; ſobpena de terem o finado oito dias em caſa por enterrar; e certas penas de dinheiro. E aſſi quando chegou certa nova da grande victoria, que

el Rey ouvera, ſe fizeraõ na Cidade grandes feſtas, e ordenaraõ huma ſolemne prociſſaõ, em que de todo o eſtado de homens, e molheres foraõ deſcalços a N. Senhora da Eſcada, que entaõ era caſa de grande devoçaõ: nella levavaõ com grande triunfo a Imagem de S. Jorge. E quando lhes el Rey mandou a bandeira Real de Caſtella, em que vinhaõ juntas as armas de Portugal, e tambem os pendoens das armas de Caſtella, e outra deviſa del Rey do falcaõ, e outras bandeiras, que foraõ tomadas com as mais dos ſenhores grandes na batalha; os Cidadaõs de Lisboa foraõ todos armados a recebellas, e em grande prociſſaõ trouxeraõ huma bandeira das armas de Portugal levantada, e as outras todas de Caſtella por ordem huma diante da outra arraſtando. E vindo á Igreja Cathedral, ouve hum Sermaõ, em que ſe tratou das maravilhas, que Deos com os Portuguezes uſára. E aſſi como antes da batalha ſe obrigou a Cidade a votos, aſſi fez deſpois della de certas prociſſoẽs, que em cada hum anno ſe aviaõ de fazer. De que ficou huma prociſſaõ ſolemne, como a de Corpus Chriſti, que hia ao Moſteiro de N. S. da Graça veſpora da Aſſumpçaõ de N. S., que foi o dia da batalha; e na prégaçaõ ſe recontava a batalha, e a victoria, que os Portuguezes ouveraõ dos Caſtelhanos. Acabouſe a ſolemnidade deſta prociſſaõ com as occaſioens do tempo; mas renovouſe com a feliz acclamaçaõ del Rey D. Joaõ o IV. na reſtauraçaõ do Reyno, a pezar da inveja, que a pozera em eſquecimento. Aſſi como em Lisboa ouve grandes feſtas, e alegrias por eſta victoria, aſſi foi geral em todo o Reyno; de maneira que naõ avia lugar em Portugal, em que naõ ouveſſe feſta, e contentamento, ainda nos que eſtavaõ por el Rey de Caſtella: e polo contrario nenhum avia em Caſtella,

la, em que naõ ouvesse pranto, gemidos, e desconsolaçoẽs por parentes, senhores, ou amigos.

CAPITULO LXI.

Acolhese el Rey de Castella da batalha para Sanctarem, e dahi para Sevilha, mostrando grande sentimento.

TOrnando ao caminho, que el Rey de Castella levou, elle o continuou sem fazer detença; e cansou o cavalo, que levava, e deraõ-lhe outro. O que guiou a el Rey por aquelle caminho, para que naõ cahisse em perigo da morte, ou de prizaõ, dizem que foi hum fidalgo Castelhano, que por alcunha se dizia Lhama, que, como homem que sabia a terra, se offereceo a el Rey para o pôr em salvo; e por este serviço, dizem, lhe fez el Rey mercê das terras do Infantado de Bavia. Tendo el Rey andado onze legoas e meia, que avia do lugar de Algibarrota a Sanctarem, chegou á Villa á meia noite, e poucos com elle, por lhe cansarem os cavalos: vindo á porta do castello, e batendo os seus que viessem abrir a el Rey, Rodrigo Alvarez de Santorio, sobrinho de Diogo Gomez Sarmento, que no castello ficara por seu tio, naõ crendo que era assi, e duvidando muito, naõ queria abrir a porta; e el Rey lhe disse, que era el Rey, que nunca fora. Rodrigo Alvarez quando o conheceo na fala, veio á pressa abrir a porta, e el Rey entrou com o rosto cuberto, como vinha, e assentouse em hum banco com vulto triste. E porque elle era doente de maleitas, e aquelle dia o da cezaõ, e em poucas horas andara tanto caminho, acrecentavaselhe a tristeza. Estando assi assentado hum pouco, naõ ouzando alguem

falarlhe, levantouſe rijo, e começou de falar comſigo, dizendo grandes magoas, pedindo a Deos lhe déſſe a morte, pois fora taõ mao Rey, e ſem ventura, que naõ morrera com os ſeus. E indo depreſſa para huma parede, deu com as maõs nas faces; e ficando as palmas no roſto, pôs a cabeça na parede, e chorando dizia: O' bons vaſſallos, e amigos, que mao Rey, e que mao companheiro tiveſtes em mim, que vos trouxe todos a morrer, e naõ vos vali! E quando voltou o roſto, os ſeus o conſolavaõ, dizendolhe: Que, ſe perdera a gente, naõ perdera ſeu Eſtado; que gente lhe ficava em Caſtella, com que cobraria o que perdera, e tornaria a aver ſeu Reyno. A iſto reſpondeo el Rey: Se elle perdera Caſtella, e lhe ficaraõ os ſeus, que lhe morreraõ, confiava que com elles podera cobrar Caſtella, e Portugal; mas, pois que ſeus fidalgos eraõ mortos, tudo tinha por perdido, e elle eſtava o mais envergonhado Rey, que ouve no mundo. Em dizendo iſto, tornavaſe a aſſentar: e mandou que lhe torraſſem huma fatia de paõ para comer. Gomez Perez de Val de Rabanos vendo em el Rey aquella fraqueza de animo, e do corpo, e que naõ podia comer o que pedio, começou de lhe falar aſpero, e reprehendelo dizendo, que tomaſſe exemplo de ſeu pai, que, ſendo vencido, e desbaratado na batalha de Najara, e vindo por terras alheas, nunca moſtrou falta de coraçaõ, e trabalhou com que vingaſſe ſua perda, e pelejou com as gentes del Rey D. Pedro ſeu irmaõ, e o venceo, e lhe tomou o Reyno: e que aſſi avia elle de fazer. El Rey lhe reſpondeo, que bem ſabia que já muitos, e grandes Reys foraõ vencidos; e que aſſi aconteceo a ſeu pai; mas que ſeu pai fora vencido do Principe de Gales, que era hum grande ſenhor, e taõ venturoſo, que, pelejando com el Rey de França,

ça, o venceo, e levou prezo a Inglaterra; e que fora vencido de Ingrezes, que eraõ flor da cavallaria do mundo; e que, vencido por elles, naõ deixava de ser honrado. Mas que elle fora vencido, e desbaratado do Meſtre de Aviz, que nunca fizera couſa, que foſſe para contar, e que fora vencido dos Chamorros. Aſſi chamavaõ os Caſtelhanos naquelle tempo, e ainda deſpois, aos Portuguezes por deſprezo, parece porque ſe coſtumaraõ a troſquiar contra o coſtume da outra gente de Heſpanha, que traziaõ cabelleiras largas. Porque Chamorro quer dizer troſquiado; e aſſi chamavaõ, e chamaõ hoje alguns Caſtelhanos, chamorras as ovelhas troſquiadas.

E como el Rey de Caſtella tinha para ſi que todos os ſeus eraõ mortos, e aos homens desfavorecidos da fortuna, e poſtos em alguma miſeria perſegue mais o medo, que aos outros homens, receavaſe do que eſtava ſeguro: e cuidando que eſtando em Santarem algum eſpaço da noite, podia receber algum dano, mandou que lhe fizeſſem preſtes huma barca, em que logo ſe podeſſe ir a Lisboa. E com alguns dos ſeus entrou nella, levando o roſto cuberto, e ſó quatro tochas mui baixas, que o alumiavaõ. Ao outro dia ſeguinte, que era dia de Noſſa Senhora, a hora da terça, chegou á Cidade, e eſteve aquelle dia, e o ſeguinte em huma nao; e á quinta feira, que eraõ dezaſete de Agoſto, partio para Sevilha em huma galé, que acompanhavaõ outras tres: e á armada mandou que ſe foſſe como tiveſſe tempo. A entrada del Rey em Sevilha foi de noite, receando o clamor, e choro das gentes: e ſabendoſe ao outro dia como viera, e de que maneira, ſe fez polos homens honrados, e Donas da Cidade tal pranto, por filhos, maridos, parentes, e ſenhores, que era couſa

ſa horrenda, e laſtimoſa. E aſſi continuavaõ niſto cada dia, com que el Rey recebia grande pena, e triſteza; e conſtrangido deſta magoa, ſe foi logo para Carmona, que he dahi ſeis legoas. E o dia, que chegou a Sevilha, mandou os ſeus officiaes alimparlhe os Paços: faziaõ vir os Portuguezes, que eſtavaõ cativos nas Tarracenas, que foraõ tomados nas naos do Porto, quando foi a peleja da armada de Lisboa, para os varrerem, e alimparem: e andando varrendo huma ſalla, em que el Rey eſtava, hum criado del Rey deu hum couce a hum Portuguez, dizendo que varreſſe preſtes, chamandolhe mui roins nomes. El Rey, que vio aquillo, agaſtouſe muito com aquelle ſeu criado, dizendo: Deixaios em hora má; que os Portuguezes ſaõ bons, e leaes, e naõ ha razaõ para ſe lhes fazer mal; porque os que foraõ contra mim, me venceraõ ſervindo a ſeu ſenhor; e os que me ſeguiraõ, eu os vi morrer todos ante mim; e os meus me tiraraõ a Coroa da cabeça. E ao outro dia mandou que ſoltaſſem todos os Portuguezes. O trajo del Rey naquelles dias, era veſtirſe todo de negro, e aſſi a cama, e meza, e paramentos, como a quem acontecera o mais grave caſo, que podia acontecer.

A Rainha Dona Britis, que ficara em Avila, quando lhe deraõ as novas da perda da batalha, cahio em terra como morta, e em ſua caſa ſe fizeraõ grandes prantos; e muito mais, por naõ aver novas del Rey, ſe era vivo. E o meſmo foi por todas as Cidades de Caſtella, que a todos tocava, aſſi por os mortos, como polos vivos, de que naõ ſabiaõ parte. E como naturalmente o mal ſe crê mais facilmente, que o bem, porque acontece mais vezes, todos tinhaõ para ſi que el Rey era morto, e os parentes, que cada hum tinha na guerra: polo que, alvoroçados os de Avila, prin-

cipal-

cipalmente a gente popular, diziaõ que fossem logo matar a Rainha, como causadora de tanto mal; e aos Portuguezes todos, que com ella estavaõ. E sendo já muita gente junta, a que isto parecia bem, outros estavaõ em duvida naõ sabendo o que fizessem. Nisto chegou o Arcebispo de Toledo, que ficara em guarda da Rainha para os pacificar, dizendolhes que estivessem quedos, porque naõ sabiaõ em certo se aquellas novas eraõ verdadeiras. E que se seguiria daquelle feito grande perigo: porque, se el Rey era vivo, e prezo, tinha remedio sua prizaõ; e mais facil seria sua soltura, sendo sua molher viva, e os que com ella estavaõ. E que se el Rey era morto, ainda lhes ficava tempo para fazerem o que quizessem: e por tanto que se aquietassem, até saber o que passava. E assi cessou aquella gente da furia, e mao proposito, em que estavaõ.

CAPITULO LXII.

Ha el Rey de Portugal o Castello de Sanctarem. Da prizaõ de Pedro Lopez: vai-se para Castella, e outras pessoas illustres.

AO tempo que el Rey de Castella chegou a Sanctarem desbaratado, ficaraõ mui confusos o Mestre de Christo, e o Prior de S. Joaõ, e Rodrigo Alvarez Pereira irmaõ do Condestabel, que foraõ prezos em Torres Novas, e levados ao Castello de Sanctarem, naõ sabendo o que el Rey quereria fazer delles, e daquella Villa, se a deixaria em grande guarda, por ser cabeça da frontaria, ou quereria estar nella, ou mandalos a elles matar por vingança da batalha, e perda della: e antes que el Rey se fosse embarcar para

ra Lisbboa, Rodrigo Alvares Santorio lhe disse, que elle naõ se atrevia a ficar na Villa, nem defendela com taõ poucos. Porque, posto que os Portuguezes, que alli estavaõ por Castella, eraõ muitos, temia que com o costume dos homens, que geralmente seguem quem vence, se mudassem com o sucesso da batalha. E que, se sua Alteza quizesse ficar, estaria em sua companhia até a morte. El Rey lhe quitou entaõ a omenagem, e mandou que o seguisse. E perguntandolhe o que faria do Mestre de Christo, e do Prior, mandou el Rey os levasse consigo. E dizendolhe o Santorio que levaria nelles grande perigo; porque ou elles, ou outros por os soltar, o matariaõ: disse el Rey, como quem estava depressa, por se por em salvo, que os désse ao demo, e os deixasse.

Ao outro dia pela manhãa seguinte, despois del Rey partido, chegou o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ, que com os ginetes pelejara contra os da carruagem, despois da batalha vencida; e com todos os Castelhanos derramados se veio atraz del Rey com muitos de cavalo, que se hiao chegando a elle, por virem seguros. E com a pressa cansavaõ muitos cavalos, a que cortavaõ as pernas, por naõ aproveitarem aos Portuguezes. E como o dito Mestre soube que el Rey era partido, naõ fez mais detença alguma; e passando o Téjo, tomou o caminho de Castella, e com elle todos os que avia em Santarem de cavalo: e Rodrigo Alvares Santorio, Gomes Peres de Val de Rabanos, que tinhaõ o Castello, e a Alcaceva, os quaes faziaõ todos numero de tres mil de cavalo, a fóra muitos de pé. Quando o Mestre de Christo, e o Prior viraõ que os Alcaides eraõ partidos, quebraraõ os ferros, e puzeraõ guardas ás portas; e levantaraõ pola manhãa muito cedo o

Pen-

Pendaõ de Portugal, bradando todos os Portuguezes: *Portugal*, *Portugal*: *Morraõ os ſciſmaticos*. Os Caſtelhanos, que naõ ſabiaõ da vinda del Rey, nem da ida, e eſtavaõ ainda nas camas, ouvindo aquelles apellidos, cuidaraõ que era el Rey de Portugal, ou o Condeſtabel, que aviaõ entrado na Villa; e com o temor da morte, começaraõ a fugir por diverſos lugares: polo que todos foraõ mortos, e prezos, e ſaqueado quanto tinhaõ.

El Rey de Portugal partio do Moſteiro de Alcobaça, e chegou a Santarem por ſuas jornadas, quando já os Caſtelhanos eraõ fugidos. E aſſi do Meſtre, Prior, e dos mais prezos, foi recebido com muita alegria, dando todos muitas graças a Deos por o bom ſuceſſo da batalha. E aqui ſoube el Rey, que as Igrejas, e Moſteiros eſtavaõ cheas de Caſtelhanos, que naõ ouzavaõ a ſahir por medo de os matarem: a fóra os prezos, que eraõ tantos, que, por o lugar ſer falto de agoa, e de taõ roim ſerventia, e naõ aver beſtas de ſerviço com a guerra, os levavaõ ao Téjo prezos por cadeas, e por cordas a beber, como manſos animaes; e por naõ aver na Villa mantimentos por cauſa das guerras, padeciaõ muita fome, e neceſſidade. Polo que naõ querendo delles vingança, nem reſgate, mandou el Rey que foſſem logo todos ſoltos, e lhes naõ fizeſſem mal, e os deixaſſem ir para ſuas terras; e os mandou acompanhados até as raias do Reyno, para que foſſem bem ſeguros: e era certo que muitos daquelles prizioneiros, que hiaõ beber atados, eraõ homens nobres, e de grandes qualidades, que fugiraõ da batalha, e diſſimulavaõ quem eraõ, por naõ ſerem mortos, ou, ſendo prezos, os obrigaſſem pagar per ſi grandes reſgates, como ſe vio em hum delles, que, por roto, çujo, e maltratado, naõ entendiaõ com elle, nem achou quem

o prendeſſe, e pedia eſmola pellas portas: polo qual, por ſuas boas partes, peſſoa, e valor, naõ devemos paſſar em ſilencio. Eſte homem era Pedro Lopes de Ayala, de que já ſe fez mençaõ, Chançarel mór del Rey de Caſtella, ſeu Copeiro mór, e Aprezentador mór, e Alcaide mór de Toledo, Meirinho mór das encartaçoens de Guipuſcoa, e Geral do Reyno de Murcia, que por ſua muita prudencia, e authoridade foi embaixador nas Cortes de Roma, França, e Aragaõ; o que eſtando em França em ſerviço del Rey, Carlos ſexto o fez ſeu Camareiro mór, e do ſeu Conſelho, por ſe achar com elle na batalha, que venceo em Roſembergue contra os Framengos, e Ingrezes, que vinhaõ em ſua ajuda ſobre o direito das appellaçoens; e por ſeu esforço, e prudencia foraõ vencidos. Eſte he o Pedro Lopes de Ayala, que dava a el Rey de Caſtella o bom conſelho de naõ pelejar aquelle dia da batalha de Algibarrota, e que a deixaſſe para mais vagar. Sendo pois elle Alferes do Pendaõ da bandeira, por ſer cavaleiro della, e mui esforçado, vendoſe ſó, e cercado dos Portuguezes, ſe defendeo tam bem, que até ſer mui mal ferido, e lhe quebrarem os dentes, lhe naõ tomaraõ o Pendaõ: e aſſi ferido, entre outros ſe acolheo a Santarem. Mudado aqui o veſtido por hum mui roto, e remendado, por naõ ſer conhecido entre outros pobres, a que a Condeſſa velha de Barcellos Dona Guimar de Villalobos cada dia mandava dar reçaõ; indo hum dia buſcar a ſua, foi conhecido de hum criado da Condeſſa. Sendo dito á Condeſſa, mandou que lho levaſſem. Pedro Lopes ſe eſcuzava muito, dizendo, que hum homem pobre como elle, taõ roto, e taõ çujo, naõ era para aparecer ante tal Senhora. Quando vio que o forçavaõ de todo, indo pelo caminho, deſco-

briose

brioſe aos que o levavaõ, prometendolhes de os fazer ricos, e honrados: e que ſe foſſem com elle á Caſtella, e naõ o levaſſem á Condeſſa; receando o que lhe aconteceo. Naõ lho outorgando elles, o aprezentaraõ á Condeſſa, que o mandou pôr em boa guarda, eſperando em troco delle cobrar o dano, que os Caſtelhanos lhe fizeraõ. Sabendoo el Rey, o mandou pedir á Condeſſa para a troco delle aver outros prizioneiros. Enfim Pedro Lopes eſteve reteúdo, até que deu por ſi trinta mil dobras cruzadas de ouro, e trinta cavalos Caſtelhanos. Foi Pedro Lopes grande privado dos Reis de ſeu tempo; e ſeguindo as partes del Rey D. Henrique, foi prezo na batalha de Najara: e a authoridade, que com todos teve, procedeo de ſer taõ eminente nas letras, como nas armas: foi muito docto em muitas diſciplinas, e na Philoſophia moral, em que gaſtava o tempo da paz. Eſcreveo as Cronicas dos Reys de Caſtella de ſeus tempos, e hum livro de caça, por ſer grande caçador, outro de doutrina de cortezaõs em metro, porque era elle grande cortezaõ; trasladou da lingua Latina em Heſpanhol os Moraes de S. Gregorio, Iſidoro do Summo bem, Boecio de Conſolaçaõ, Tito Livio, e as Caidas dos Principes de Boccacio, e outras obras, polo que com razaõ ſe recontou entre os varoẽs mais illuſtres de ſeu tempo.

Soltos os Caſtelhanos, mandou el Rey chamar as molheres, que ahi eſtavaõ, cujos maridos ſeguiraõ a el Rey de Caſtella, dos quaes alguns foraõ mortos. Deſtas eraõ Inez Affonſo molher de Gonçalo Vaſquez de Azevedo, Dona Sancha filha do Conde D. Joaõ Fernandez Andeiro, molher de Alvaro Gonçalvez filho do dito Gonçalo Vaſquez; a Condeſſa Dona Maria Ponce, molher que fora do Conde D. Alvaro Pires de Caſtro, e

outras ; e lhes perguntou que determinavaõ fazer de ſi. E ellas reſponderaõ , que o que elle mandaſſe. E falando ſobre ſua ida algumas couſas , diſſe el Rey á molher de Gonçalo Vaſques (porque ſabia que ella fora cauſa de ſeu marido ſeguir as partes de Caſtella , ſendo antes muito ſeu ſervidor) Dizeime , Inez Affonſo , de qual Burgos , ou de qual Cordova era voſſo marido natural , para ſe lançar antes com os Caſtelhanos , que com os Portuguezes ? Entaõ lhes diſſe el Rey , que as que quizeſſem ir para Caſtella , foſſem ; e as que quizeſſem ficar , ficaſſem. E ellas diſſeraõ que ſe queriaõ ir : el Rey lhes deu licença , e algumas dellas ſe vieraõ meter na armada , e outras foraõ por terra : e o meſmo fez a Condeſſa Dona Beatriz Dalbuquerque , filha de D. Joaõ o do Ataude , molher do Conde D. Joaõ Affonſo Tello de Barcellos , e a Condeſſa de Vianna Dona Guimar PortoCarreiro , molher de D. Joaõ Affonſo Tello de Menezes Conde de Vianna , e ſenhor de Alvito , e de outros lugares , o que morreo em Penella ſeguindo as partes del Rei de Caſtella.

CAPITULO LXIII.

He o Condeſtabel feito Conde com muitas mercês. Deſafia os ſenhores de Caſtella viſinhos : entralhe ſuas terras.

Estando el Rey em Sanctarem , fez muitas mercês , e doaçoẽs de terras , caſtellos , e dinheiro aos que na batalha o ſerviaõ : e a fortaleza de Sanctarem deu logo a Vaſco Martinz de Mello , e lhe mandou entregar o Conde D. Gonçalo , e ſeu filho , e Ayres Gonçalvez , e outros. E como amava mais , que todos , ao Condeſtabel ,

bel, e lhe devia mais, ſobre as mercês, que lhe tinha feito, lhe diſſe que o queria acrecentar a titulo honrado de Conde, com terras, que lhe daria. O Condeſtabel lhe reſpondeo, que lho tinha em mercê, com condiçaõ que naõ avia de fazer outro Conde em vida delle Condeſtabel; e que, doutra maneira, o naõ aceitaria. El Rey lho premeteo; e o fez Conde de Ourem, com todas as Villas, terras, e rendas, que o Conde D. Joaõ Fernandez tinha. E lhe deu, além daquelle Condado, Villa Viçoſa, Borba, EvoraMonte, Eſtremoz, Portel, MonteMór o novo, Almada, Porto de Moz, Rabaçal, Alvayazere, Bouças, Terra de Baſto, e Terra de Pena, Arco de Boulhe, Terra de Barrozo, Sacavem com ſeus Reguengos, e o ſerviço, que pagavaõ os Judeus de Lisboa, por cuja converſaõ á Fé lhe ſubſtituiraõ os Reys a dizima do peſcado da meſma Cidade, que agora rende; e aſſi lhe deu mais todas as rendas, que tinha na Cidade de Sylves, e na Villa de Loulé no Algarve. A qual doaçaõ foi avida por a mais nobre, e liberal, que nenhum Rey de Heſpanha fizera a algum ſeu vaſſallo, que naõ foſſe ſeu filho, ou parente.

E por as grandes partes, e merecimentos do Condeſtabel, foi el Rey louvado dos bons por taõ boa gratificaçaõ, e remuneraçaõ: porque, bem attento, ao Condeſtabel devia verſe taõ em breve Rey de todo o Reyno pola batalha, que lhe fez dar, e fez vencer. Aquella mercê do Condado de Ourem, que el Rey fez ao Condeſtabel, foi pronoſticada por hum guarnecedor de eſpadas, a que os antigos, por nome Arabigo, chamavaõ Alfageme; e foi aſſi: que pouco antes, que foſſe a morte do Conde D. Joaõ Fernandez, eſtando Nunalvarez Pereira em Sanctarem com o Prior do Crato ſeu irmaõ; e indo hum dia ſó paſſeando para a Igreja

de

de Sancta Eiria, paſſando pola porta daquelle official, violhe ter na maõ huma eſpada mui limpa, e bem concertada; e como os homens inclinaõ áquillo, que amaõ, e de que ſe prezaõ, tomandoa Nunalvarez na maõ, lhe perguntou, ſe lhe guarneceria huma ſua daquella maneira? E reſpondendo o official que ſi, e melhor ainda, mandou por ella, e lha deu a guarnecer. O outro dia tornando Nunalvarez por ahi, a achou concertada, e muito á ſua vontade, e mandoua a hum homem ſeu que pagaſſe ao official ſeu trabalho muito bem: e o official diſſe: Senhor, eu por hora naõ quero de vós nenhuma paga; mas ireis muito em boa hora, e tornareis por aqui Conde de Ourem, e entaõ me pagareis o que mereci. Nunalvarez lhe diſſe, que lhe naõ chamaſſe ſenhor, que elle o naõ era; mas que todavia queria que lhe pagaſſem bem. Senhor, diſſe o Alfageme, eu vos digo verdade; e aſſi ſerá cedo, prazendo a Deos. E aſſi foi deſpois que ſendo eſte official muito apaixonado por a Rainha Dona Britiz; e fazendo por iſſo tantos eſtremos, que lhe chamaraõ o Sciſmatico, hum eſcudeiro da Villa, quando el Rey veio a Sanctarem, lhe pedio os bens delle, e el Rey lhos deu, e o corpo por preſioneiro. A molher vendo ſeu marido prezo, e esbulhado, foiſe ao Condeſtabel, e lembroulhe o que ſeu marido com elle paſſara ſobre a eſpada, dizendo que entaõ era tempo de lha pagar, pois tornava por alli Conde de Ourem, e ſeu marido era prezo, que lhe ouveſſe del Rey, que foſſe ſolto, e lhe entregaſſem ſeus bens. O Condeſtabel, a quem nunca aquillo eſquecera, cavalgou logo, e ſe foi a el Rey, e contoulhe o que lhe acontecera, pedindolhe por mercê o tiraſſe daquella obrigaçaõ: el Rey ſe maravilhou do preſagio do Alfageme, e o mandou logo ſoltar, e tornarlhe todos ſeus bens.

Neſte

Neſte tempo logo no mez de Setembro, vendo o Condeſtabel que, por os Caſtelhanos eſtarem taõ occupados em ſuas triſtezas, e deſcuidados de os Portuguezes os irem buſcar, era tempo de fazer em Caſtella algumas entradas de honra ſua; da Cidade de Evora, onde eſtava, mandou chamar gentes da Comarca, e ajuntou mil lanças, e dous mil homens de pé. Juntos todos, o fez a ſaber aos ſenhores daquella parte de Caſtella, e aos Meſtres de Sanctiago, e Alcantara, que queria entrar em ſuas terras, para que naõ diſſeſſem que, porque os via deſapercebidos, e triſtes com a recente quebra, que tiveraõ, os acometia. Polo que aquelles ſenhores de Caſtella, huns porque viaõ que cumpria aſſi a ſuas honras, pois eraõ deſafiados, outros porque naõ ſe acharaõ na batalha com ſeu Rey, que elles deſejavaõ vingar, e cuidavaõ que, ſe elles lá ſe acharaõ, a couſa paſſara de outra maneira; outros, porque o Condeſtabel, que lhes avia de entrar por ſuas terras, como melhor jugador, lhes dava arrhas, fazendolhe primeiro ſaber, e dandolhe tempo para ſe aperceberem; o que elles attribuiraõ a menos eſtimaçaõ ſua; ſe determinaraõ a lhe virem ao encontro: e aſſi ſe ajuntaraõ muitas gentes, e grandes ſenhores por Capitaẽs delles, como foi D. Joaõ Affonſo de Guſmaõ Conde de Niebla, D. Gaſtaõ de Lacerda Conde de Medina Celi, D. Pedro Nunez de Godoy Meſtre de Sanctiago, D. Martim Anes de Barbuda Meſtre de Alcantara, natural de Portugal, Fernaõ Gonçalvez de Souſa, que fora ſenhor de Porte, e naquelle tempo era ſenhor das Villas de Segura, e de Cafra, Gonçalo Rodriguez de Souſa tambem Portuguez; D. Gonçalo Nunez de Guſmaõ Meſtre de Calatrava, D. Pedro Ponce de Leaõ ſenhor de Marchena, D. Affonſo Fernandez de Aguilar, Dio-

go

go Fernandez, e Gonçalo Fernandez ſeus irmaõs, Martim Fernandez Porto Carreiro, os Vintequatro de Sevilha, com o pendaõ da Cidade, na qual, como nas mais cidades de Andaluzia, ſe deitou pregaõ, que todos tomaſſem armas, e ſahiſſem contra os Portuguezes.

O Condeſtabel, que naõ ſe deſcuidava, foi mais cedo em Caſtella do que os Caſtelhanos cuidavaõ, ſuppoſto que já eſtavaõ apercebidos. E aos dous dias de Outubro daquelle anno ſe alojou em Badajós, ſem contradiçaõ alguma dos da cidade. E em chegando, ſe levantou hum grande porco montez, que breve eſpaço foi morto com grande prazer dos ſeus, porque o tomaraõ por bom pronoſtico de aver de morrer naquella empreza algum daquelles grandes, como deſpois aconteceo. Ao outro dia foi dormir ao Almendral, lugar que diſtava dalli ſeis legoas, e ahi ordenou ſua batalha. Dalli foi á Villa da Parra, aonde o Meſtre Martim Anes de Barbuda veio da Villa da Feira, onde eſtava, com trezentas lanças, moſtrando que queria dar na carruagem do exercito: mas quando vio que o Condeſtabel lhe ſahia, poſto que com pouca gente, naõ aguardou. E aſſi caminhou o Condeſtabel a Cafra, e a Fonte do Meſtre, e a Villa Garcia, que com temor ſeu os moradores deſempararaõ.

CAPITULO LXIV.

He o Condeſtabel deſafiado dos Caſtelhanos: acometeos muitas vezes com milagroſos ſucceſſos. Alcança Antaõ Vaſques de Almada huma grande victoria.

EStando o Condeſtabel em Villa Garcia, chegou alli hum trombeta com recado dos inimigos, e com hum grande molho de varas na maõ; e poſto de joelhos, lhe diſſe, que o Meſtre de Sanctiago D. Pedro Nunez de Godoy, ſeu ſenhor, ſabendo que elle eſtava em ſua terra, e lha vinha eſtragar, o mandava deſafiar; e em ſinal diſſo, lhe mandava aquella vara; e dandolhe huma, que o Condeſtabel recebeo, tomou o trombeta outra, e diſſe outro tanto da parte do Conde de Niebla; e aſſi pela meſma maneira lhe deu as mais varas, cada huma em nome daquelles Meſtres das Ordens, e ſenhores, que alli vinhaõ por Capitaẽs, moſtrando elles naquelle ſoberbo prezente, que o aviaõ de caſtigar com outras taes varas, como homens pouco lembrados dos caſos deſvariados, que na guerra, mais que em outros negocios, acontecem. O Condeſtabel com huma ſerenidade, que era propria ſua, tomou com ſua maõ todas as varas, e diſſe ao trombeta, que elle foſſe bem vindo com taes novas, como lhe trazia, que naõ podera ouvir outras com mais goſto, ſalvo ſe el Rey de Caſtela o mandara deſafiar: e que diſſeſſe ao Meſtre, e aos outros ſenhores, que elle agradecia muito ſeu deſafio, e muito mais as varas, que lhe mandaraõ, com que eſperava de os caſtigar a todos: e ao trombeta mandou dar cem dobras de ouro, pola nova que trouxera. Com eſta repoſta ficaraõ os Caſtelhanos maravilhados: e o Condeſtabel ſe foi a Ma-

gazella, e dahi a VillaNova da Serca; e logo por cima de Merida duas legoas caminho de Valverde, sem os inimigos que estavaõ perto, ouzarem cousa alguma. Estando alli alojado, soube o Condestabel por prisioneiros Castelhanos, que tomaraõ, que ao outro dia se ajuntava toda Andaluzia com os conselhos de Sevilha, e Jaem, e das Manchas de Aragaõ, que para aquella jornada foraõ chamados: e posto que os Castelhanos se jactavaõ, que aviaõ de vir buscar ao Condestabel ás raias, quando elles mandaraõ saber se entrava, estava elle já catorze legoas dentro por Castella, indo devagar, sem contradiçaõ alguma: e estando alojado o Condestabel, lhe veio hum seu cavaleiro dizer em publico, que os Castelhanos, que vira, eraõ tantos, como a erva dos campos; e que já lhe levavaõ roubado grande parte do gado, que no exercito trazia. O Condestabel lhe respondeo, que provéra a Deos que tivera elle alli todas as gentes de Castella juntas, que tanta mais honra ganhara; e que a perda do gado naõ importava muito, porque em terra estava, onde bem a podia refazer. Naquelle dia á tarde, já perto da noite, passaraõ por junto do arraial dos Portuguezes todas as gentes dos Castelhanos, que eraõ muitas sem comparaçaõ. O Condestabel quizera logo dar nelles; e por ser taõ tarde, deixou de o fazer.

Ao seguinte dia partio o Condestabel caminho de Valverde, contra aquella parte, onde os Castelhanos foraõ passar a ribeira de Guadiana, que he dahi huma legoa e meia, por hum passo perigoso, e máo, por naõ aver outro melhor. E antes que os Portuguezes chegassem ao porto, eraõ já alli juntas todas as gentes dos Castelhanos, que era cousa espantosa de ver. Dos quaes huns tinhaõ passado o rio, e outros estavaõ áquem; o que faziaõ

ziaõ por impedir aos Portuguezes a paſſagem, cuidando que alli os desbarataſſem. Quando o Condeſtabel chegou, os Caſtelhanos lhe cercaraõ o arraial, e o tomaraõ no meio, de maneira que dizem, que pareciaõ os Portuguezes huma pequena eira em hum eſpaçoſo campo. Tendoos aſſi cercados, começaraõ de eſcaramuçar huns com outros, e aſſi ouve feridos de huma parte, e da outra; porém os Caſtelhanos ouveraõ de abrir hum largo portal contra ſua vontade. Ao paſſar do vao era a duvida mui grande; porque da banda dalem da ribeira eſtavaõ quaſi dez mil Caſtelhanos, entre homens de cavalo, e béſteiros, e gente de pé, a fora os muitos, que detraz ficavaõ. Quando o Condeſtabel vio ſua tençaõ, e que por aquella maneira determinavaõ de o desbaratar, concertou ſua vanguarda, e retaguarda, e alas, e ſe pôs em ordem, levando no meio a carruagem, gado, e priſioneiros, que trazia: e tudo concertado como ſe ouveſſe de dar batalha, paſſou o rio com ſua vanguarda por aquelle mao porto, a pezar de tanta gente, e tornou por a retaguarda, e carruagem, ſem lhe ficar couſa, que naõ paſſaſſe; mas fazer com que os Caſtelhanos lhe deſembargaſſem o porto, naõ foi ſem grande trabalho, porque primeiro ouve huma mui forte peleja de muitas lançadas, ſettadas, e pedradas, em que ouve muitos feridos, e mortos. Mas o maior dano foi o dos Caſtelhanos. A tençaõ daquelles Capitaẽs, ſegundo alli moſtraraõ, naõ era virem á batalha com o Condeſtabel, porque tiveraõ tempo, e lugar pera o fazer; mas ſó de o eſpantar com aquella grande copia de gente; e aſſi lhe vinhaõ ladrando alguns, que ſe ajuntaraõ ao Meſtre Martim Anes de Barbuda, com algumas pequenas eſcaramuças, e ſempre ſe acolhiaõ a cabeços altos, ſem ouzar de vir

a campo, receando algum desastre como o passado.

O Condestabel, que entendeo como os Castelhanos o temiaõ, e que por arte o queriaõ ir pouco, e pouco consumindo, e desbaratando, naõ querendo deixar sua pertençaõ a risco de huma só batalha, abalou com sua vanguarda para hum cabeço, que lhe ficava diante, onde se puzeraõ muitos mais Castelhanos, dos que na ribeira ficaraõ; e por força lhes fez deixar o cabeço. E assi foi ao outro, em que estavaõ muitos mais, que tambem fez que o desemparassem; e pola mesma maneira foi a outro terceiro cabeço, onde estava gente innumeravel, nas quaes entradas ouve mortos, e feridos de ambas as partes. Estando o Condestabel neste derradeiro cabeço, repouzando do trabalho destes assaltos, vio que sua retaguarda estava em grande pressa, polos muitos Castelhanos, de que foi acommetida, e a traziaõ atropelada. Polo que mandou aos seus, que estivessem quedos com sua bandeira, como estavaõ, e acodio á retaguarda, e carruagem; e fez com que aballasse tudo, e andasse por diante; e tornouse á sua vanguarda. Em hum lugar amontado como serra, que estava diante delle, vio tanta gente dos imigos, que fazia medo. Nella estavaõ o Mestre de Sanctiago, e o Mestre de Alcantara, e os outros homens grandes, e Capitaẽs. E mandou á sua bandeira, que andasse por diante, e acommeteo subir aquella ladeira, onde daquella multidaõ de gente lhe foraõ arremessadas muitas lanças, e settas, e atiradas muitas pedras, que por virem de lugar alto lhe faziaõ muito dano. Alli foi o Condestabel ferido de huma settada num pé. Estando nisto, vio que sua retaguarda estava em mór perigo do que tivera antes, quando a fora soccorrer, e lhe pareceo que esta-

eſtava já desbaratada. Po!o que ceſſou do trabalho, em que eſtava, deixando ſua bandeira, e foi esforçar aquella gente. Andando aſſi animando os ſeus naquelle trabalho, em que eſtavaõ, deſapareceo de entre elles; e naõ ſabendo a gente que fizeſſe, nem ſe atrevendo a aballar adiante ſem ſeu Capitaõ, mandaraõno buſcar á preſſa, para ver o que fariaõ; porque, eſtando aſſi quedos, naõ morreſſem todos. Hum cavaleiro, que o foi buſcar, o achou de joelhos entre dous penedos, rezando com os olhos fixos no Ceo, e ſeu pagem com a mulla perto delle, com a lança. Quando ſe vio taõ fóra do cuidado, em que elles eſtavaõ, poſto que receou de o perturbar, lhe diſſe o eſtado, em que os ſeus eſtavaõ, e o dano, que recebiaõ; ao qual o Condeſtabel reſpondeo, que ainda naõ era tempo; que o aguardaſſem hum pouco, que acabaria de orar. Niſto veio a elle outro cavaleiro, pedindolhe que deixaſſe o rezar para outra hora, e fizeſſe andar a ſua bandeira, porque eraõ os ſeus maltratados, e avia muitos mortos, e feridos, e naõ podiaõ ſofrer mais; o Condeſtabel lhe naõ reſpondeo, nem fez mudança alguma de ſi, mas com muita quietaçaõ perſeverava em ſua oraçaõ. Dahi a hum eſpaço pequeno ſe levantou o Condeſtabel, e com alegre ſembrante ſe veio aos ſeus, que logo tomaraõ esforço; e vendo no alto daquelle monte muitas bandeiras, das quaes huma era maior, e mais alta, que lhe pareceo ſer do Meſtre de Sanctiago, mandou ao ſeu Alferez, que lhe foſſe pôr ſua bandeira junto com aquella, e logo endereçou ſua batalha por aquella ladeira aſſima, deſejozo de chegar áquelles ſenhores, que alli eſtavaõ juntos; e os que de antes faziaõ aos ſeus grande dano, lhe fizeraõ a elle lugar, ainda que lhes pezou. Em ſobindo aſſi, deſceraõ a elle muitos Caſtelhanos,

entre os quaes, como bom cavaleiro, que era, vinha o Meſtre de Sanctiago D. Pedro Nunez com muita gente de pé, e de cavalo. O Condeſtabel, e os ſeus hiaõ a pé: e por os Caſtelhanos ſerem muitos, e elles poucos, o Meſtre os tratava mal, e foi a batalha bem pelejada de huma parte, e da outra; mas os Portuguezes romperaõ as gentes dos Caſtelhanos de maneira, que o Meſtre entendeo que os ſeus queriaõ fogir; e pelejando elle, e acudindo aonde era neceſſario, como bom Capitaõ, lhe mataraõ o cavalo; e cahindo elle, foi logo morto, e lhe cortaraõ a cabeça, que trouxeraõ a Portugal. Muita da ſua gente morreo alli com elle mui esforçadamente, e alguns Portuguezes. E aſſi foi o cabeço entrado, e a gente fugida, e derramada.

Os ſenhores, que naõ pelejavaõ, eſtavaõ dalli arredados em mangotes; e quando viraõ fugir a gente, e a bandeira do Meſtre abatida, ficaraõ eſpantados, e naõ ſabiaõ que diſſeſſem. Eſtando aſſi como indeterminados, chegou hum eſcudeiro do Conde de Niebla á preſſa, dizendo ao Conde que ſe acolheſſe, que ſeu parente o Meſtre de Sanctiago era morto, e todos os bons cavaleiros, que com elle eſtavaõ, ſem ficar nenhum. O Meſtre de Alcantara D. Martim Anes de Barbuda, diſſe que naõ fizeſſe aſſi, mas que elle acometeria de huma parte os Portuguezes, e o Conde acometeſſe por outra; porque por ſerem poucos, e ficarem canſados, ſeria facil o desbaratalos. E ſem mais eſperar, foi contra a carruagem, e começou a ferir nos que a guardavaõ. O eſcudeiro amoeſtou ao Conde, que naõ tomaſſe o conſelho do Meſtre, nem ſe fiaſſe delle, porque era Chamorro, e trazia entre os Portuguezes muitos parentes, e amigos; dandolhe a entender que faria alguma trei-

çaõ.

çaõ. O Conde ceſſou de ſeu propoſito, e tratou de ſe acolher, como fizeraõ os mais homens de conta, que alli vinhaõ, e os vinte e quatro de Sevilha, com ſeu pendaõ, que em pouco eſpaço naõ appareceo nenhum.

O Condeſtabel vendo ſeus inimigos derramados, mandou ſeguirlhes o alcance, e elle os ſeguio perto de huma legoa; e por ſe chegar a noite, lhe naõ deu mais lugar. E ao outro dia partio caminho de Portugal com os ſeus, cheos de deſpojos dos inimigos, de gados, beſtas, e priſioneiros. Eſta victoria foi de todos eſtimada em muito: e que ſó ella podera dar immortal fama ao Condeſtabel, por elle ſó ſem mandado del Rey com taõ pouca gente ouzar meterſe tantas legoas por Caſtella em buſca de tantos inimigos, de que naõ fora provocado; mas que eſtavaõ magoados, e cheos de deſejos de vingança; em que dizem ſe ajuntaraõ muitos mais em numero, que na memoravel batalha de Algibarrota, poſto que naõ ouveſſe nelles tantos grandes, e nobres, nem foſſem taõ concertados. O Condeſtabel tanto que chegou a Portugal, mandou pedir perdaõ a el Rey do exceſſo, que fizera em entrar por Caſtella, ſem licença ſua. El Rey lhe reſpondeo, que taes erros como aquelles, dignos eraõ de perdaõ: e com iſto lhe mandou huma doaçaõ do Condado de Barcellos com todos ſeus direitos, e juriſdiçaõ, que agora he Ducado; porque tal foi aquelle Principe, que naõ eſperava que lhe pediſſem ſatisfaçaõ dos ſerviços, que lhe faziaõ, e de que lhe a elle conſtava.

CA-

CAPITULO LXV.

Recupera el Rey de Portugal alguns caſtellos: poem cerco, e toma a Villa de Chaves, e outros deſpojos dos Caſtelhanos, entrando por Caſtella.

AO tempo, que o Condeſtabel ordenou entrar em Caſtella, mandou, entre outros, chamar hum fidalgo, por nome Antaõ Vaſquez de Almada, homem mui esforçado, que entaõ eſtava em Lisboa, e naõ ſe podia aperceber a tempo, que o achaſſe; e querendo ir após elle, os de Eſtremoz lho naõ conſentiraõ, por o Condeſtabel defender que ninguem o ſeguiſſe, por cauſa do Meſtre Martim Anes de Barbuda, que andava por aquella comarca com muitas gentes, de que podiaõ receber dano. Polo que Antaõ Vaſquez de Almada ſe veio a Evora, e ahi mandou lançar pregaõ, que quem quizeſſe entrar com elle em Caſtella, lhe vieſſe falar, e lhe daria do ſeu, e parte da cavalgada, que fizeſſem. E em Evora ajuntou trezentos homens de pé, e dahi foi a Béja, onde ajuntou numero de quatrocentos, tambem de pé. Com eſtes, e com doze homens de armas, e quarenta de cavalos ligeiros, ſe foi a Serpa, e paſſou a Arronche, e Aracena, onde andou fazendo muitas prezas. Deſpois ſe encontrou na ribeira de Chança com os Caſtelhanos, que eraõ muitos, e os desbaratou em huma batalha, que lhes deu com aquelles poucos, que levava, de que foraõ mortos duzentos e ſeſſenta, e prezos cento e quarenta; dos Portuguezes foraõ feridos tres, e morto hum: e aſſi veio a Serpa com grande preza de quatro mil vacas, e ſinco mil ovelhas, e mil por-

cos;

cos; e entre os prezos vinhaõ Ricos homens, que deraõ por ſi grande reſgate.

Entretanto que iſto paſſava, eſtava el Rey em Sanctarem. E como os que tinhaõ as fortalezas do Reyno por Caſtella, viraõ a batalha vencida, e el Rel de Caſtella ido, as deſempararaõ ſem nenhuma força. Polo que em pouco tempo cobrou el Rey a mór parte dellas; e alguns dos Alcaides mandavaõ pedir a el Rey ſalvo conduto, para ſe irem ſem dano: e aſſi lhes deixavaõ os caſtellos. E alguns, que ſenaõ quizeraõ render, ſendo deſpois cercados, ſe deraõ a partido, como a diante ſe dirá. A armada, que eſtava ſobre Lisboa, ſe partio aos treze de Setembro do dito anno, e nella ſe meteraõ os que eſtavaõ nos caſtellos, ſeguindo as partes del Rey de Caſtella.

De Sanctarem partio el Rey para Leiria, e ſe meteo no caſtello, que os Caſtelhanos deixaraõ, e cobrou grandes alfaias da recamara da Rainha Dona Leanor, que ahi eſtavaõ em guarda. De Leiria paſſou a Coimbra, e dahi ao Porto: e ahi, e em outras partes de entre Douro, e Minho, ás quaes el Rey foi com muitos engenhos, muniçoens, e apparato de guerra, e mantimentos, mandou apregoar, que todo o homem que delle tiveſſe tomado ſoldo na guerra paſſada, ſe vieſſe a elle ſobpena de perder todas as honras, e mercês, que delle tiveſſem. E de Villa Real mandou chamar a Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmaõs, e a Gonçalo Vaſques Coutinho, e a outros ſenhores da Beira, e caminhou para Chaves, com tençaõ de a cercar: chegou a S. Pedro de Coſtem, que he huma Aldea meia legoa da Villa veſpora do Natal. A Villa eſtava baſtecida de gente da terra, e alguns Gallegos, com que Vaſco Gomez de Seixas, cavaleiro de Orenſe a veio ſoccorrer; e

de mantimentos ſómente de agoa tinha muita falta, por naõ terem outra ſenaõ a do rio, que lhe foi tomada: e ſó avia dentro huma mui enxofrenta, como de Caldas, que ſenaõ podia beber. O Alcaide mór da Villa era Martim Gonçalvez de Ataide, fidalgo honrado Portuguez, cazado com Mecia Vaſques, irmaã de Gonçalo Vaſques Coutinho, que ſe achou na batalha de Trancoſo.

Paſſado o Natal, e vindo Janeiro de mil e trezentos e oitenta e ſeis, lhe poz el Rey cerco, lhe impedio ſahirem a tomar agoa com huma baſtida, que fez junto da ponte: e ſó concedia levarem hum cantaro de agua cada dia a Mecia Vaſques por amor de ſeu irmaõ. A baſtida, poſto què eſtava encarregada a muitos que a guardaſſem, determinaraõ os cercados de a desfazer hum dia, que era a guarda de Váſco Pirez de Sampayo: ſendo elle a cear ao arraial, que era bom pedaço dahi, atreveraõſe os da Villa a ir muitos delles, e ainda que pezou aos que a guardavaõ, pozeraõ fogo á baſtida, e ardeo toda, antes que do arraial podeſſem ſer ſocorridos. Polo que dahi em diante tinhaõ os da Villa quanta agua queriaõ. Ouve el Rey diſto muita triſteza, e eſtranhouo muito de palavra a Vaſco Pirez, e ordenou fazer outra baſtida mais perto do arraial, junto de huma das portas da Villa, onde eſtá huma torre, naõ taõ chegada, que della lhe podeſſem fazer dano. A baſtida era taõ forte, que por muitos tiros que lhe faziaõ de dentro, com grandes pedras dos engenhos, nunca lhe fizeraõ algum prejuizo. Deſta baſtida, que era mais alta que o muro, naõ ceſſavaõ os de fóra de atirar aſſi á béſta, como com pedradas áquelles, que andavaõ polo muro, de maneira que nenhum ouzava de eſtar nelle. Os engenhos da meſma maneira de dia, e de noite

tira-

tiravaõ, e derribavaõ na Villa, e no castello muitas casas, e matavaõ muita gente. Os da Villa sahiaõ ás vezes, e escaramuçavaõ; polo que avia mortos, e feridos de huma, e da outra parte. El Rey para sustentar sua gente, mandava a miude correr a terra, e roubar, entrando em Galiza oito, e dez legoas a terra de Porqueira, e Sandiaens, e de Alharóz, e outros lugares daquella comarca, com bons Capitaẽs em guarda das azemalas, que sempre hiaõ mais de mil, e tornavaõ carregadas de vitualhas de muitas castas. Sobre el Rey naõ sómente carregava o trabalho do cerco, que tinha posto, mas o de cobrar outros lugares, que naquella comarca se lhe rebellavaõ, e lhe faziaõ guerra, como Bragança, Vinhaes, Outeiro de Miranda, e outros: e porque elle estava junto com Galiza, e perto de Castella, determinava, se el Rey de Castella viesse, a descercar Chaves, pelejar com elle, e darlhe batalha; e se naõ quizesse vir, que com aquella gente, que tinha junta, e com a mais, que podesse ajuntar, ordenaria a guerra contra os rebeldes. Para isso mandou chamar os Conselhos de Lisboa, Coimbra, Sanctarem, e de outros lugares do Reyno, que se fossem para elle.

Estando el Rey nesta determinaçaõ, chegou hum cavaleiro Ingrez, por quem o Duque Dalencastro lhe mandava dizer, que, por quanto ouvera recado seu, em que lhe fazia saber como el Rey de Castella era desbaratado na batalha, que com elle ouvera, que sua determinaçaõ era sem falta alguma vir a Castella, para aver o senhorio della, por quanto lhe pertencia por sua molher a Infanta Dona Costança, filha maior del Rey D. Pedro, a quem o Reyno por direito vinha, por naõ deixar filho varaõ. E que lhe pedia lhe mandasse alguns navios, e galés para ajuda de sua passagem.

El Rey ficou mui contente com a embaixada, por a guerra em que andava, vendo que a faria mais a ſeu ſalvo, vindo o Duque por outra parte, e divertindo el Rey de Caſtella, que naõ poderia acudir a ambos taõ bem como a hum ſó. E logo em Lisboa mandou armar doze naos, e ſeis galés.

Quando as cartas del Rey chegaraõ a Liſboa, os da Cidade lhe mandaraõ com muita brevidade, e boa vontade a gente, que poderaõ fazer logo, que foraõ duzentas e dez lanças, a ſaber: duzentas da Cidade, e as dez de Cintra, que entaõ tinhaõ por ſeu termo; e duzentos e ſincoenta béſteiros, e duzentos homens de pé, todos pagos por tres mezes: os duzentos de cavalo da Cidade hiaõ todos de huma libré, e cada hum trazia hum L de prata ao collo, que he a inſignia da Cidade, e a letra de ſeu nome, que alguns levavaõ de ouro, e pedraria. Por Capitaõ deſta gente hia Eſtevaõ Vaſques Philippe Anadel mór do Reyno. O Alferes da bandeira era Gonçalo Vaſques Carregueiro, e com elles hia Silveſtre Eſtevens Procurador da Cidade, com o dinheiro, que cumpriſſe, e alguns officiaes neceſſarios áquella companhia. Além deſta gente veio o Condeſtabel com a ſua. A Villa ſe começou a combater; e tanto a apertaraõ, que Martim Gonçalvez de Ataide, receando ſer entrado por força, mandou commeter a el Rey, que lhe déſſe eſpaço de quarenta dias, em que o fizeſſe ſaber a el Rey de Caſtella; e naõ lhe vindo ſocorro dentro nelles, lhe entregaria a Villa, e elles ſe ſahiriaõ com ſeus bens. El Rey era aconſelhado que o naõ fizeſſe; mas por amor dos irmaõs de Mecia Vaſques, e por naõ perder alguns homens no combate, o ouve por bem. Entaõ lhe mandou Martim Gonçalvez hum filho em arrefens, e logo recado a el Rey de Caſtella, que eſtava em

Ca-

Çamora do que tinha paſſado. El Rey lhe reſpondeo, que lhe agradecia o muito tempo, que alli detivera ao Meſtre de Aviz no cerco, e que naõ ſómente defendera Chaves, mas muitos lugares de Caſtella, onde o Meſtre podera fazer entrada. E que, pois elle ao prezente o naõ podia ſocorrer, largaſſe o lugar, e lhe quitou a omenagem, eſcrevendolhe que ſe foſſe para ſeu Reyno, que lhe daria terras, em que viveſſe honradamente. O dia, em que ſe acabou o prazo, mandou Martim Gonçalvez dizer a el Rey que lhe queria dar o caſtello, avendo quatro mezes que o cerco ſe puzera. Antes diſto tinha já mandado ſua molher acompanhada de ſeus irmaõs, que a levaraõ honradamente com ſeus filhos a Monte Rey, que he em Galiza. Com licença del Rey Martim Gonçalves, e Vaſco Gomez de Seixas ſahiraõ do caſtello armados com muitos apupos dos moços, e da gente plebea, como fazem aos que ſahem de lugar cercado. Cobrada a Villa de Chaves, fez el Rey doaçaõ della ao Condeſtabel. E aos fidalgos, que naquelle cerco ſe aſſinalaraõ, fez outras mercês, de que coube a Goçalo Vaz de CoſtelBranco, entre outras couſas, a honra de ſobrado, e terra da Paiva, com ſua juriſdiçaõ, e reguengos, que já fora de Payo Soarez, e de Dona Inez, avós de ſua molher.

Mas tornando a Martim Gonçalvez, com toda ſua perſeverança no ſerviço del Rey de Caſtella, a quem lhe pareceo tinha obrigado, por elle ſer fidalgo taõ principal, e hum dos deſcendentes de Egas Moniz, que de Viegas ſe começaraõ a chamar Ataides. E ſua molher por outra parte, e ſeus filhos naõ ſe paſſaraõ a Caſtella; mas viveraõ neſte Reyno, e deixaraõ nelle muita geraçaõ. Dos quaes Alvaro Gonçalvez, o mais velho, foi governador

nador da caſa do Infante D. Pedro, e deſpois Ayo del Rey D. Affonſo o V.; e foi o primeiro Conde de Atouguia, e Alcaide mór de Coimbra; e de ſua molher a Condeſſa Dona Guimar de Caſtro, que foi filha de D. Pedro de Caſtro, filho do Conde D. Alvaro Pirez de Caſtro, ouve dous filhos, que foraõ Priores do Crato ſucceſſivamente, a ſaber, D. Joaõ de Ataide, e D. Vaſco de Ataide, que por razaõ da Ordem naõ caſaraõ, e D. Martinho de Ataide, que lhe ſuccedeo no Condado, e D. Alvaro de Ataide, que foi ſenhor da Caſtanheira, Povos, e Chilleiros, de que naceo D. Antonio de Ataide primeiro Conde da Caſtanheira, veador da Fazenda del Rey D. Joaõ o III., e grande ſeu privado: e aſſi ouve mais o Conde D. Alvaro Gonçalvez, e filhas mui honradas Dona Joanna molher do Marichal D. Fernando Coutinho o velho, Dona Philippa molher de D. Joaõ de Noronha Alcaide mór de Obidos, Dona Mecia molher de Fernaõ de Souſa, ſenhor da ſerra de Gouvea, e Alcaide mór de Montalegre, Dona Leanor de Menezes molher de Gonçalo de Albuquerque, ſenhor de Villa Verde. E deſtes outra nobre deſcendencia.

CAPITULO LXVI.

Toma el Rey a Villa de Almeida: tem de cerco tres ſomanas Coria ſem a tomar: levanta o cerco: volta para Portugal.

TOmada a Villa de Chaves, partio el Rey com ſeu campo caminho da Torre de Moncorvo, e na ribeira de Valhariça fez alardo, em que achou muito mais gente, e melhor armada, e ataviada, dá com que ſe achou na batalha de

de Algibarrota taõ afrontoſa para os Caſtelhanos, porque tinha mais conſigo o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias, Alvaro Gonçalvez Camello Prior do Crato, Gonçalo Vaſques Coutinho, Martim Vaſques da Cunha, e Gil Vaſques ſeu irmaõ; com que tinha quatro mil e quinhentas lanças, e com mui boas armas, que ficaraõ do deſpojo da batalha: a fóra eſta gente de armas, achou muita gente de pé: e receandoſe Joaõ Affonſo Pimentel, que tinha o caſtello de Bragança, que lhe aconteceſſe a elle o que aconteceo a Martim Gonçalvez de Ataide em Chaves, a que el Rey de Caſtella naõ pode ſocorrer, fazendo experiencia em cabeça alhea, tratou com el Rey de eſtar por elle; com tanto, que lhe ficaſſe a cidade com tudo, que nella tinha. E levantando bandeira por Portugal, ſe veio para el Rey.

El Rey, que ficava na Valhariça, partio com ſeu campo, e paſſou o Douro pela Comarca da Beira; e indo pelo pé do monte de Caſtel Rodrigo, que eſtava por Caſtella, naõ curou delle, por ſer fórte, e naõ querer fazer demora, pela tençaõ que levava de entrar em Caſtella; e caminhou para Almeida, onde eſtava por Alcaide hum cavaleiro Caſtelhano, chamado Lopo Gonçalvez Pé de ferro, que dalli fazia guerra a Pinhel, e a outros lugares, que eſtavaõ por Portugal. E naõ levando el Rey tençaõ de tomar aquella Villa, por caſo o veio a fazer; porque por os de dentro ſahirem a defender humas colmeas, que alguns ſoldados Portuguezes quizeraõ tomar, e eſtavaõ ao redor da barreira, travandoſe algumas eſcaramuças rijas, acodiraõ do arraial ſubitamente, e combateraõ a Villa. El Rey, ſem cujo mandado aquillo ſe acometeo, vendo como o combate crecia de cada vez mais, mandou que naõ ceſſaſſem delle, e durou

deſdo

desdo meio dia até o Sol posto: polo que foi força recolheremse a seu alojamento: mas para que senaõ deitasse alguma gente no lugar, mandou el Rey a Ruy Vasques de Castello Branco, que era hum fidalgo esforçado, e de que elle muito se fiava, que guardasse aquella noite com gente a porta da treiçaõ. Ao outro dia mandou tocar as trombetas; e todos armados abalaraõ para o lugar. O Alcaide quando vio que naõ poderia resistir, se deu a partido; e a Alcaidaria mór do lugar deu el Rey ao mesmo Ruy Vasques de Castello-Branco, por ser lugar de muita importancia, e na frontaria de Castella. Era este lugar de Almeida taõ forte, e defensavel, posto que está em lugar plano, que o mesmo Rey D. Joaõ de Castella o teve cercado sete somanas em tempo del Rey D. Fernando, com muitas muniçoẽs, sem o poder entrar: e el Rey a escudo, e lança o tomou em poucas horas.

De Almeida se foi el Rey seu caminho por junto de Cidade Rodrigo, sem achar impedimento; e passou por Gata, lugar chaõ, que foi saqueado com outros lugares pelo pé da serra, até que chegou á Ribeira de Coria. Dalli corriaõ os Portuguezes contra Plazencia, e Galisteu, e outros lugares. Alli veio o Condestabel, com quem el Rey foi jantar este dia, e puzeraõ seu arraial junto de Coria, em huma grande veiga, que ahi está, ficando o rio de Alagon, que vai pelo pé da cidade, entre ella, e o arraial.

A'quelle tempo estava el Rey de Castella em Burgos, sem tratar de descercar Coria: e porque Martim Vasques, e outros fidalgos da Beira naõ eraõ ainda chegados, ajuntou o Arcebispo de Tolledo mil e quinhentas lanças, para lhe vir ao caminho, cuidando que seriaõ até trezentas lanças.

E quan-

E quando ouve delles vifta, e vio como era verdade que eraõ oitocentas, naõ ouzou darlhe batalha, e tornoufe a Salamanca; pofto que a fua gente era tanta mais. Tanto que Martim Vafques, e aquelles fidalgos chegaraõ com a gente de Lisboa, determinoufe el Rey a combater a cidade. Para iffo mandou armar huma efcada raza, e levantar o arraial, donde eftava; porque, por fer Eftio, adoecia com a vizinhança do rio muita gente, e alojoufe áquem delle por toda a cidade. Na parte, em que el Rey combatia entre outros, que eftavaõ com elle, era Antaõ Vafques de Almada, o qual por moftrar feu esforço, appellidando feu nome, dizia *chegar*, *chegar*; e taõ perto do muro chegou, o qual naõ tinha barbacãa daquella parte, que deu nelle com a adaga muitas vezes, naõ por naõ ter outra arma, mas porque a adaga o fazia mais junto ao mefmo muro. O feu Alferez feguindoo tambem, tanto fe ajuntou, que com huma grande pedra o mataraõ. Alguns pavezados chegaraõ, fem embargo das muitas pedradas, que do muro lançavaõ, e que atiravaõ daquelle lugar. Combatia por outra parte Martim Vafques da Cunha, com outros fidalgos, e a gente de Lisboa. O Condeftabel com os da vanguarda pozeraõfe em armas, mas naõ combatiaõ, porque fora elle de parecer, que a Cidade fe naõ avia de combater, nem conconfentia niffo, dizendo que, pois naõ tinha artificios de que fe ajudar, que combater as paredes mais fervia de matar homens, que de tirar honra, nem proveito: e que elle naõ queria que lhe mataffem a gente de balde, fenaõ onde foffe com louvor; o que naquelle combate naõ avia; e por a Cidade fer de muro forte, e bem torreada, e eftar baftecida de boa gente, e naõ aproveitava o chegarfe, fe arredaraõ os combatentes, fendo al-

guns feridos de virotoẽs, e pedradas: el Rey estando em sua tenda, e naõ contente de alguns que se naõ chegaraõ como elle quizera, veio a falar nas cousas, que no combate aconteceraõ, e dizer meio em graça: Grande falta nos fizeraõ aqui hoje os bons cavaleiros da Tabola redonda; porque, se elles aqui se acharaõ, nós tomaramos este lugar. Destas palavras se affrontou Mem Rodriguez de Vasconcellos, que ahi se achou com outros fidalgos; e com a liberdade, que he natural nos espiritos generosos, logo respondeo a el Rey: Senhor, naõ fizeraõ aqui mingoa os cavaleiros da Tabola redonda; que aqui está Martim Vasques da Cunha, que he taõ bom como D. Galaz; e Gonçalo Vasques Coutinho, que he taõ bom como D. Tristaõ; e exaqui Joaõ Fernandez Pacheco, que he taõ bom como Lançarote (e assi disse de outros, que vio) e ex me aqui, que valho tanto como D. Quea: assi que naõ fizeraõ mingoa esses cavaleiros, que vós dizeis: mas faznos aqui mingoa o bom Rey Artur, senhor delles, que conhecia os bons servidores, fazendolhes muitas honras, e mercês, porque dezejavaõ de o servir. El Rey vendo que o tomaraõ por injuria, respondeo, que esse Rey naõ tirava elle fóra, porque tambem era companheiro da Tabola redonda, como cada hum dos outros. Entaõ alcançado do que dissera, lançou o feito a zombaria, e mudou a pratica a outra materia. O Condestabel, posto que áquelle dito del Rey estava ausente, tambem se tomou delle, quando o soube; e quando veio a el Rey, teve huma disputa com elle sobre qual era mais honroso, se pôr cerco a lugares de seus inimigos, ou andar correndo a terra á sua vontade. El Rey defendeo com muitas razoẽs, que pôr cerco era mais honroso; e o Condestabel o contrario com outras razoẽs mais urgen-

gentes : e avendo tres ſemanas que el Rey tinha cercada aquella Cidade, vendo o pouco que faziaõ ſem engenhos, nem machinas para combater, e que a ſua gente adoecia de maleitas, e outras doenças más, por falta de bons mantimentos, e polo ſitio da terra, e que alguns ſeus fingiaõ ſer doentes, por a pouca vontade que tinhaõ de continuar aquelle cerco, ſe levantou delle, e veio para ſeu Reyno. Dalli paſſou a Pena Macor, donde mandou o Condeſtabel para além do Téjo, e elle foi a pé a noſſa Senhora de Guimaraẽs, como tinha prometido.

CAPITULO LXVII.

Soccorre el Rey ao Duque de Lancaſtro: entra eſte por Galiza: faz concertos com el Rey ſobre a reſtituiçaõ dos Reynos de Caſtella.

EStavaõ ainda em Inglaterra o Meſtre de Sanctiago, e Lourenço Anes Fogaça, Embaixadores que el Rey, ſendo Governador do Reyno, mandára a el Rey Ricardo no anno de 1386. a pedir gente, e offerecer ajuda ao Duque de Lancaſtro para cobrar o Reyno. Aos quaes chegando nova da eleiçaõ del Rey, e da victoria da batalha de Algibarrota, ſe viraõ com o Duque, e lhe lembraraõ quanta occaſiaõ entaõ tinhaõ de ir cobrar o Reyno de Caſtella, e paſſar a Heſpanha. O Duque, que folgou muito com as novas, e com o offerecimento, ſe eſcuſou do tempo paſſado com a guerra de Eſcocia, a que lhe fora neceſſario acudir, por honra da caſa de Inglaterra; mas que agora eſperava de o pôr em effeito.

A Infanta Dona Coſtança ſua molher lhe pedia com muitas lagrimas, dizendo, que naõ dei-

xalle nas maõs dos filhos do baſtardo traidor, que lhe matára ſeu pai, taõ grandes Reynos, por premio de ſeu parricidio, e treiçaõ. O Duque, eſtando el Rey ſeu ſobrinho com os do ſeu conſelho, lhe pedio licença para paſſar a Heſpanha a cobrar os Reynos de Caſtella. El Rey lha deu ſem outra mais deliberaçaõ; e mandou tratar certas capitulaçoẽs de amizades, e paz para ſempre com os Embaixadores de Portugal, que para iſſo tinhaõ poder baſtante. As pazes feitas, e o Duque preſtes, chegou a armada de Portugal a hum porto de Inglaterra, chamado Fauvio do Ducado de Corvalha, de que hia por Capitaõ Affonſo Furtado. E de Antona, e Preamuá partio o Duque com ſua molher a Infanta Dona Coſtança, e ſua filha Dona Catherina, e Dona Philippa filha mais velha do primeiro matrimonio do Duque, com duas mil lanças, e tres mil archeiros, a fóra outra gente em huma armada de cento e oitenta vellas, das quaes eraõ doze naos groſſas de Portugal, além das galés que avia em Lisboa, que tambem foraõ. Deſtas gentes vinhaõ por Capitaẽs Monſeur Joaõ de Hollanda Conde de Huntinglon, Condeſtabel de Inglaterra, irmaõ del Rey Ricardo por parte de ſua mãi, que vinha eſpoſado com Izabel filha do meſmo Duque de Lancaſtro. E o ſenhor de Scallas, e o ſenſtor de Ponins, e o ſenhor de Haſtingues, e o ſenhor de Ferros, e ſeu irmaõ Monſeur Thomas Frecho, Monſeur Thomas Symon, Monſeur Richart Burley Marichal, Monſeur Richart Perſi; Monſeur Thomas Per, Monſeur Darmoin, Monſeur Joaõ Falcont, Monſeur Baldovin de Freul, e muitos outros nobres ſenhores: e aos vinte e ſinco dias de Julho, que era dia de Sanctiago, daquelle anno de 1386. chegou á Corunha, porto de Galiza, de que eſtava por guarda hum fidalgo Gallego,

lego, por nome Fernaõ Perez de Andrade, que entregou ao Duque a Villa; dahi paſſou á Cidade de Sanctiago de Galliza, em que foi obedecido por Rey; e a mais da terra de Galliza ſe lhe rendeo, vindoo reconhecer os principaes da Provincia: e parecendolhe que aſſi ſeria obedecido em Caſtella, declarou o Papa Urbano por verdadeiro Pontifice, e elegeo em Sanctiago Arcebiſpo, e Deaõ por D. Joaõ Garcia Manrique andar com el Rey de Caſtella. Era o Duque homem de ſeſenta annos, poſto que, por naõ ter caãs, parecia de menos idade, de eſtatura grande, e poucas carnes, de membros bem proporcionados; affavel, e de boa condiçaõ, e nas palavras modeſto, e vagaroſo, e que repreſentava bem quem era.

E porque deſte Duque de Lancaſtro deſcendem o Reys de Portugal, e de Caſtella, e ſe trata aqui do direito, que pertendia nos Reynos de Caſtella, e Leaõ, por razaõ de ſua molher, naõ deve parecer deſneceſſario tratar de ſua peſſoa, e parenteſco, que em Heſpanha tinha. E como na vida del Rey D. Pedro eſtá tocado, el Rey D. Pedro de Caſtella vendoſe deſapoſſado do Reyno por D. Henrique ſeu irmaõ, que ſe coroára entaõ em Burgos, e tomara titulo de Rey; e vindo ſobre elle, fugio, e ſe foi do Reyno, e veio a Portugal; onde naõ ſendo acolhido, nem acorrido del Rey ſeu tio, ſe paſſou a Bayona de Inglaterra, fazendo avença com o Principe de Gaules ſobre a ajuda, que lhe avia de dar com ſua peſſoa, e gentes, para vir contra o irmaõ. Foi entre elles concordado, que até o Principe, e ſuas gentes averem pagamento de ſeu ſoldo, ficaſſem ſuas filhas reteudas em arrefens no Reyno de Inglaterra. Sendo pois el Rey D. Pedro, com ajuda do Principe, reſtituido em ſeu Reyno, e desbaratado D. Henrique,

vol-

voltou o Principe para Inglaterra mal contente, e ſem lhe ſer feito pagamento. Sendo depois el Rey D. Pedro vencido, e morto polo dito D. Henrique ſeu irmaõ, ficaraõ as Infantas ſuas filhas orfaãs de tudo, e em terra alhea, ſem terras, e ſem rendas, das quaes faleceo a Infanta Dona Briatis naquelle deſemparo. Reynava naquelle tempo em Inglaterra Duarte III. do nome, que de ſua molher Madama Philippa, filha do Conde Henault, tinha ſeis filhos varões D.Duarte Principe de Gaules, acima nomeado, Guilhelmo de Heat Feld, Leonel Duque de Clarenza; Joaõ Duque de Lancaſtro, Edmundo de Langloy Conde de Cambris, Thomas de Vuodctor Duque de Gloceſtre, e duas filhas molheres, Maria molher do Duque Joaõ o quinto de Bretanha, e Izabel Condeſſa de Belfort. Sendo pois eſte Rey mui humano, e nobre de condiçaõ, vendo a orfandade daquellas Infantes, que na ſua caſa tinha por hoſpedas, e penhor, caſou a mais velha das que ficaraõ, por nome Dona Coſtança, com ſeu filho Joaõ de Gand, que eſtava viuvo de Madama Blanca filha de Henrique Duque de Lancaſtro, e Conde de Ardid, herdeiro daquelle Eſtado de Lancaſtro, de que lhe ficaraõ Henrique, que foi Conde de Ardid, e Duque de Heres fort, e deſpois Rey de Inglaterra, por el Rey Ricardo morrer ſem filhos; Joanna, que foi Condeſſa de Woſtmerland, e Philippa, que foi Rainha de Portugal molher del Rey D. Joaõ, de que tratamos; Izabel, que cazou com Joaõ de Hollande Conde de Huntinglon, Duque de Eceſtre, irmaõ del Rey Ricardo por parte da mãi, como eſtá dito atraz. E ao terceiro filho, que era o Conde de Cambriz, que deſpois foi Duque de Lort, cazou com a Infante Dona Izabel filha outroſi del Rey D. Pedro: polo que, por o dito Rey naõ deixar filho varaõ,

o Rey-

o Reyno de Castella pertencia á Infanta Dona Costança, como filha mais velha que era sua: pella qual raza o Duque João trazia consigo sua molher Dona Costança, e a Infanta Dona Catharina, que della ouvera, chamandose em seus titulos João Rey de Castella, e de Leaõ; e a sua molher a Rainha Dona Costança.

Estando el Rey em Lamego, da tornada de Corja, teve novas da vinda do Duque, como estava em Galiza, a quem el Rey logo escreveo, e da mesma maneira o Duque a el Rey. Após as cartas mandou el Rey Vasco Martinz de Mello, e Lourenço Anes Fogaça, que fossem visitar o Duque, e tratar das vistas aonde seriaõ. O Duque teve conselho, e assentou com os Embaixadores, que viessem verse em a Ponte de Mouro; e convidando os Embaixadores, com os senhores Ingrezes, que com elle vinhaõ, foraõ despedidos. O Duque chegou ao Mosteiro de Cella Nova, que he da Ordem de S. Bento do Bispado de Orense, junto com Milmanda em Galiza, sendo já o mez de Outubro, e ahi alojou sua molher, e as filhas. El Rey de Portugal partio do Porto com quinhentos homens de armas, com sobre vestes de pano branco, e cruzes de S. Jorge; e elle levava outra semelhante de seda branca; e com os fidalgos, e os mais, levaria dous mil de cavalo, a fóra a gente, que acompanhava o Condestabel, que a estas vistas veio chamado del Rey, e vinha mui bem concertada. Diante del Rey hiaõ 40. cavalos, facas, e mulas á destra ricamente ajaezados, e encubertados com telizes de suas insignias. E indo assi el Rey da parte dáquem da Ponte do Mouro, appareceo o Duque da outra parte, que vinha por junto de Melgaço. Quando el Rey vio que o Duque vinha, passouse da parte dálem, e encontraraõse

ambos

ambos em huma ladeira. El Rey hia armado com todas as armas, naõ lhe faltando mais que a cellada; e muitos dos seus da mesma maneira. Os do Duque traziaõ cotas, e braçaes, com jorneas ricas, e brosladas: e vinhaõ todos mui louçãos, e com elles alguns cavaleiros Galegos, e Castelhanos, dos que se vieraõ para o Duque. E alli se recebéraõ, abraçandose, fazendo suas cortezias com grande mostra de prazer: dahi se passaraõ áquem do rio, onde el Rey tinha suas tendas postas, em que se desarmaraõ, e se assentaraõ ambos a comer: e foi em dia de todos os Santos primeiro de Novembro. Acabado de comer, foise o Duque para seu alojamento, e el Rey ficou alli. Ao outro dia se armou junto ao rio huma grande, e rica tenda, que na batalha Real foi tomada a el Rey de Castella: nella faziaõ el Rey, e o Duque seus conselhos.

Despois de muitas praticas, que passaraõ, el Rey, e o Duque fizeraõ suas avenças, porque ficaraõ amigos, e obrigados a hum ajudar ao outro, a saber, el Rey de Portugal de ajudar ao Duque a cobrar os Reynos de Castella; e o Duque de ajudar a el Rey a defender os de Portugal: e que el Rey em pessoa com duas mil lanças, mil bésteiros, e dous mil homens de pé ajudasse ao Duque contra o usurpador dos ditos Reynos á sua propria custa, desdas as oitavas do Natal seguinte, até o derradeiro de Agosto, que eraõ oito mezes; e se ajuntassem á entrada de Castella pola parte, que acordassem: e se antes que os oito mezes passassem, o tredor dos ditos Reynos de Castella quizesse dar batalha ao Duque, e o dia assinado para ella passasse além daquelle tempo, que em tal cazo el Rey de Portugal fosse obrigado esperar todo o mez de Setembro á sua propria custa, e ser

na

na batalha em ajuda do dito Duque. E se a batalha fosse dada durante o tempo dos oito mezes, que el Rey de Portugal se tornasse para os seus Reynos, ou onde mais quizesse: e se, tornandose assi, o Duque ouvesse mister alguma de sua gente, que el Rey lhe desse licença para ficarem: e que isto seria á custa do Duque; e que acontecendo tal cazo despois que el Rey de Portugal tornasse para seus Reynos, e viessem certas novas, que o usurpador do Reyno de Castella quizesse dar ao Duque batalha, e o Duque o mandasse requerer que viesse a ella, fosse obrigado ir com seu exercito, e ser prezente pessoalmente o mais á pressa, que o podesse fazer, sem engano, nem detença; e dada por aquella vez tal batalha, ou naõ, que el Rey sendo requerido outra vez, naõ fosse obrigado a ir lá. E outras mais condiçoens, tocantes a este contrato de ajuda, e soccorro. E para mais liança, que o Duque desse sua filha Dona Philippa a el Rey de Portugal por molher, para a receber, avida a dispensaçaõ do vinculo militar, a que estava obrigado: e por razaõ deste matrimonio, e ajuda, que ao Duque avia de fazer, o Duque, e a Infanta sua molher como Reys, que diziaõ ser de Castella, aviaõ de dar a el Rey de Portugal, para a Coroa de seus Reynos para sempre, huma parte dos Reynos de Castella, e de Leaõ, a saber, as Villas de Ledesma com seus termos, o castello de Matilha, a Villa de Monleon, assi como hia o caminho, que se chamava de Plata com a Cidade de Plazencia: e dahi indo direito ao lugar, que dizem Grimaldo, e ao Canhaveral, e dahi passando a Alconeta, e dahi a Carceres, e a Losca; e dahi a Minda, e á Fonte do Mestre; e dahi a Çafra, e pellas torres de Medina; e dahi direito a Freixinal, e quaesquer outras Villas,

e lugares, que entre estes assima ditos, e os Reynos de Portugal fossem conteudos, com todos seus termos, e lugares, salvo as Villas de Alcantara, e Valença de Alcantara; porque, por serem das Ordens, daria outras por ellas semelhantes em rendas, e em bondade, ou as mesmas, se as Ordens quizessem fazer permutaçaõ. E assi seria, se algum outro dos sobreditos lugares fosse de alguma Ordem. E que quando por algum modo o naõ podesse fazer, que elle daria a el Rey em compensaçaõ outros semelhantes em rendas, e bondade junto de Portugal. Os quaes lugares el Rey averia a seu poder, assi como se fossem cobrando, e viessem á obediencia do Duque, sem el Rey por os ditos lugares ser obrigado a reconhecer alguma superioridade.

CAPITULO LXVIII.

Cazamento del Rey D. Joaõ: celebrase no Porto: faz el Rey casa á Rainha, que fica com o governo da justiça.

ANtes do cazamento del Rey com a filha do Duque se effeituar, alguns lhe aconselhavaõ, que cazasse antes com Dona Catherina, por ser neta del Rey D. Pedro; e poderia suceder que viesse a herdar os Reynos de Castella: outros diziaõ que antes devia tomar Dona Philippa, por ser mais velha. El Rey se declarou, que naõ era sua vontade cazar com a Infanta Dona Catherina, porque lhe parecia cazamento de arroido, e litigio, e para nunca sahir de guerra quem com ella cazasse, por causa da successaõ do Reyno de Castella, que de sua mãi pertencia aver; e que deixando quem com ella cazasse tamanha auçaõ

aos

aos Reynos de Caſtella, lho atribuiriaõ a fraqueza, e ſeria ſempre vituperado. E que, pois elle eſtava com victoria de ſeus inimigos, naõ determinava fazerlhe mais guerra, que até cobrar de todo o que lhe tinhaõ tomado, e até que eſtiveſſe em paz: e entaõ queria deſcançar em ſeu Reyno governandoo em juſtiça. E dizia el Rey que iſto vinha melhor ao Duque; porque, falecendo a el Rey de Caſtella ſua molher a Rainha Dona Briatis, cazaria com eſta Infanta, ou cazaria com o Principe de Aſturias ſeu filho. E que aſſi neceſſitariaõ contendas com honra de hum, e do outro. O que a elle naõ podia acontecer. Polo que ſe determinou em cazar com a Infanta Dona Philippa.

Ficando aſſi el Rey, e o Duque concertados, vieraõ cartas dos Embaixadores, que el Rey tinha em Roma, como o Papa diſpenſara com elle ſobre o cazamento, e o mais. Polo que o Duque ordenou mandar ſua filha ao Porto, para el Rey a receber: e hum dia, em que el Rey o convidou a comer, e a todos os cavaleiros Ingrezes, e Eſpanhoes, que com elle vinhaõ, em hum grande banquete, o Condeſtabel ſervio de Veedor, aſſentado cada hum, ſegundo ſua preheminencia.

El Rel mandou logo ao Moſteiro, aonde a Rainha Dona Coſtança, e a Infanta Dona Philippa eſtavaõ, por procuradores a D. Lourenço, Arcebiſpo de Braga, e Vaſco Martinz de Mello, e Joaõ Rodriguez de Sá. E em hum auto publico, a Rainha, e a Infanta outorgaraõ todas as capitulaçoẽs, que o Duque ſeu marido, e pai aſſentara com el Rey, com juramentos ſolemnes, que alli fizeraõ, eſtando o Duque prezente. Naquelle tempo mandou el Rey o Condeſtabel a Alentejo fazer gente, e elle ſe partio dahi para o Porto, e do Porto a Lisboa, onde deſpois de eſtar ſete dias, ſe paſſou

a Alantejo, a dar pressa ao ajuntar das gentes; e em quanto elle estava em Evora, foi trazida a Infanta Dona Philippa ao Porto, acompanhada de Ingrezes, e Portuguezes, onde foi recebida com muita festa, e contentamento de todos, e se foi apozentar nos Paços do Bispo. El Rey partio de Evora, e o Condestabel com elle; e quando chegou ao Porto, achou já alli a Infanta, e elle foi pouzar a S. Francisco. E por naõ ter vista a Infanta, a foi visitar, e lhe falou hum bom espaço perante o Bispo de Acre Ingrez, e dahi se tornou a comer no Mosteiro, donde mandou mui ricas joias á Infanta, e ella a elle outras; e despois de el Rey alli estar alguns dias, se foi a Guimaraẽs a ordenar o que cumpria ao negocio da guerra.

E porque vindo el Rey a falar em seu cazamento, se achou, que se no dia seguinte lhe naõ fossem as bençoens feitas, senaõ podiaõ fazer dahi a muitos dias, por estar propinqua a septuagesima, escreveo logo ao Bispo da Cidade, que ao outro dia estivesse prestes para lhe fazer as bençoẽs, o qual cavalgou na mesma tarde, e andou toda a noite aquellas oito legoas, e veio amanhecer ao Porto. A Infanta foi trazida dos Paços á Sé, e alli, com muita solemnidade, a recebeo el Rey, sendo entaõ a festa da Purificaçaõ de nossa Senhora, que foraõ onze de Fevereiro do anno de 1387., sendo el Rey de idade de 29 annos, e a Rainha de 28: e da quinta feira seguinte a oito dias, determinou de fazer suas bodas; e com o tempo ser taõ breve, se fizeraõ muitas justas, e torneos de grande qualidade. E a gente da Cidade em jogos, danças, e outras festas, significou bem o grande amor, que tinha a el Rey. A quarta feira vespora do dia das bodas, foi el Rey dormir aos Paços, onde estava a Infanta. E a quinta pola manhaã

foi

foi toda a gente junta. El Rey ſahio em hum fermoſo cavalo branco, veſtido de panos de ouro, e a Rainha do meſmo modo em hum palafrem da meſma cor, com coroas de ouro nas cabeças, ornadas de rica pedraria. Os grandes, que os acompanhavaõ, hiaõ todos a pé, e o Arcebiſpo de Braga levou a Rainha de redea. Detraz da Rainha hiaõ muitas molheres fidalgas cazadas cantando, como era coſtume das bodas daquelle bom tempo.

E aſſi foraõ á Sé, onde o Biſpo, que eſtava reveſtido de Pontifical, os recebeo, e lhe deu as bençoens. Aquelle dia deu el Rey hum real banquete, onde ouve muitas mezas, com grande apparato, e magnificencia, aſſi para el Rey, como para o ſenhores Prelados, e cavaleiros, e todas as donas do Paço, e da Cidade. O Condeſtabel ſervio aquelle dia de Meſtreſalla, o qual poz em taõ boa ordem toda aquella gente nobre, como a em que ordenava ſuas batalhas. No que ſe verificou bem o dito de Paulo Emilio, que dizia: Naõ ſer menos de hum bom Capitaõ ordenar bem hum banquete, que huma batalha. Neſtas bodas ſenaõ acharaõ o Duque pai da Rainha, nem a Duqueza ſua molher, pola occupaçaõ de chegarem ſuas gentes a el Rey. Naquelles dias continuamente ouve juſtas Reaes, e feſtas; e aſſi ſe fizeraõ polo Reyno grandes alegrias.

El Rey ordenou logo caſa á Rainha de muitos officiaes, e Donas, e donzellas, que a ſerviſſem. Ao Meſtre de Chriſto D. Lopo Diaz de Souſa fez ſeu Mordomo mór; Lourenço Anes Fogaça, que viera da Embaixada de Inglaterra, e era Chançarel mór do Reyno, fez Governador de ſua fazenda; a Affonſo Martins, que deſpois foi Prior de Santa Cruz de Coimbra, Veedor de ſua caſa; Gonçalo Vaſquez Coutinho ſeu Copeiro mór; Fer-

naõ

naõ Lopez de Abreu, ſeu Repoſteiro mór. E aſſi lhe deu todos os mais officiaes da caſa, que agora tem as Rainhas, e muitos eſcudeiros Portuguezes, e Ingrezes. As molheres foraõ Dona Briatis Gonçalvez de Moura, dóna de grande prudencia, e authoridade, que fora molher de Vaſco Fernandez Coutinho, ſenhor do Couto de Limil, para Camareira mór. As donas foraõ Dona Briatís de Caſtro filha de D. Alvaro Pirez de Caſtro, que poucos dias antes avia ſido cazada com D. Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorga, e duas filhas Dona Briatiz Gonſalvez de Moura, a Camareira mór, a ſaber, Dona Tareja Vaſquez Coutinho, que veio ſer molher de D. Martinho filho do Conde de Neiva, irmaõ da Rainha Dona Leanor; e Dona Leanor Vaſquez, que deſpois cazou com D. Fernando ſenhor de Bragança, filho do Infante D. Joaõ; Dona Biringeira Nunez Pereira prima com irmaã do Condeſtabel, filha de Ruy Pereira, o que morreo em Lisboa na peleja das naos; e Dona Britis Pereira filha do Marichal Alvaro Pereira, irmaõ do Condeſtabel; e Dona Leanor Pereira ſua irmãa: e aſſi outras damas deſta qualidade, e muitas moças de Camara, e donas em grande numero. E até que a Rainha tiveſſe rendas, com que podeſſe ſuſtentar ſeu Eſtado, lhe deu as rendas da alfandega de Lisboa, e da portagem, e do Paço da madeira, de que podia aver vinte ſinco mil dobras cada anno. As quaes caſas agora neſte tempo importaõ cada anno a el Rey duzentos contos a caſa da alfandega; e a da madeira dez; e a da portagem oito.

Em quanto el Rey celebrou ſuas bodas, e folgou no Porto alguns dias, paſſou o termo em que avia de começar a ajudar ao Duque, porque avia de ſer na entrada do anno, e eſtava já em

Março

Março daquelle anno de 1387.: polo que el Rey com a Rainha foi ter com o Duque a huma Aldea do termo de Bragança, e se desculpou da tardança dizendo, que os mezes se contassem do tempo, em que partira do Porto para vir alli. O Duque recebeo bem suas desculpas; e despois de folgarem alguns dias, se despedio a Rainha para Coimbra, onde avia de estar despachando as cousas, que tocavaõ á Justiça; para o que mandou el Rey que estivessem com ella os Prelados do Reyno, e Dezembargadores.

CAPITULO LXIX.

Entraõ el Rey, e o Duque de Lancastro por Castella saqueando alguns lugares: successos, que nisto ouve.

PArtio a Rainha: el Rey, e o Duque ordenaraõ logo de entrarem em Castella, e passaraõ seu exercito polo Douro, por huma ponte de barcas, que mandaraõ fazer. No Reyno naõ ficou fronteira alguma presidiada, senaõ entre Téjo, e Guadiana Vasco Martinz de Mello, e seus filhos; e Martim Gonçalvez tio do Condestabel, e Gomez Garcia de Foyos, e alguns outros com duzentas e sincoenta lanças. A gente, que el Rey levava, eraõ tres mil lanças, dous mil bésteiros, e quatro mil peaẽs, a fóra outros que chegaraõ, por outro geral mandado, como quando foi sobre Corja. E assi levou mais gente, da que era obrigado, por segurança sua, se o Duque fizesse algum partido com Castella. O Duque naõ levava toda a gente, que trouxe, por ser muita parte della morta em Galiza de doenças, e outros casos; porque assi como alguns daquella Comarca se vie-

raõ

raõ no principio pera o Duque, aſſi deſpois, mudado o propoſito, lhe faziaõ muito dano, e eſcondidamente matavaõ quantos Ingrezes podiaõ; polo que ſe dizia, que os que lhe reſtaraõ, naõ paſſavaõ de ſeiſcentas lanças, e outros tantos archeiros. Eſtando preſtes para fazer ſua entrada, quiz el Rey que o Duque de Lancaſtro, como peſſoa mais principal, levaſſe a vanguarda, como levara na batalha de Najara, naõ ſe chamando ainda Rey. O Condeſtabel o naõ conſentio, dizendo que de ninguem do mundo fiaria a vanguarda, ſenaõ de ſi. Em fim partiraõ, e aos vinte e ſinco de Março chegaraõ a terra de Alcanizes, que he a primeira de Caſtella; e dahi a huma ribeira, que chamaõ Tavora, onde, por ſer veſpera de Ramos, tiveraõ a Paſcoa. Paſſada a feſta, chegaraõ a Benavente de Campos, lugar grande, e mui bem cercado, que eſtá quatorze legoas da raia.

Quando lá chegaraõ, hiaõ já em ordenança. O Condeſtabel D. Nunalvarez, e Monſeur Joaõ de Holland Condeſtabel do Duque, e o Prior do Hoſpital na vanguarda. Em huma das alas hiaõ Martim Vaſquez da Cunha, Gil Vaſquez, e Lopo Vaſquez ſeus irmaõs, e a gente do Meſtre de Chriſto, que entaõ eſtava enfermo, com os cavaleiros de ſua Ordem, e de ſuas terras, os quaes em vez de bandeira levavaõ hum grande plumaõ em huma lança de armas; porque o Meſtre, deſpois que foi prezo em Torres, naõ trouxe mais bandeira. Na outra ala hia Gonçalo Vaſquez Coutinho, e Ruy Mendez de Vaſconcellos com outros fidalgos de ſua quadrilha. Na retaguarda hiaõ el Rey, e o Duque com a Duqueza, com muita gente de armas; e a carruagem toda no meio, que tomava muito campo.

El Rey de Caſtella com a vinda do Duque,

e Du-

e Duqueza de Lancaſtro; e com a entrada del Rey de Portugal com elle, eſtava muito receoſo, pola pouca gente, que lhe ficou deſpois da perda das batalhas paſſadas. Polo que mandou a Benavente, Vilhalpando, Valença, e outra partes daquella banda, por onde entravaõ aquelles Principes, a mais gente que pode, aſſi de Caſtelhanos, como de Francezes; e á Cidade de Leaõ mandou D. Joaõ Garcia Manrique Arcebiſpo de Sanctiago, e outros a outras partes; porque elle determinava ſó tratar de defender ſeu Reyno, e naõ vir a batalha campal. Em Benavente eſtava por Fronteiro Alvaro Pires de Oſorio fidalgo Leonez, com ſeſenta lanças, a fóra Moſem Robi de Bracamonte, e outros fidalgos Gaſcoens, e Francezes. Tanto que el Rey, e o Duque chegaraõ, logo os de dentro ſahiraõ a eſcaramuçar, e ahi morreo Moſem Joaõ Falcont fidalgo Ingrez mui principal. El Rey mandou ao ſalto por eſſes lugares ao redor a Martim Vaſquez da Cunha, e ſeus irmaõs, e Joaõ Fernandez Pacheco, os quaes, chegando a Caſtro Calvo, lugar dahi diſtante ſinco legoas, contra Aſtorga, o combateraõ, e entraraõ por força, e o roubaraõ; e o meſmo fizeraõ por outros muitos lugares chãos, e aldeas.

Sendo dia de feſta, ao outro dia, que foraõ em Benavente, vieraõ alguns cavaleiros de dentro falar com os de fóra, á ſalva fé (como he coſtume, e ahi ſe deſafiaraõ hum Alvaro Gomez criado do Condeſtabel, e outro gentil homem Caſtelhano, para correrem algumas lanças; e aſſi ſe deſafiou hum fidalgo Gaſcaõ do Duque de Lancaſtro, por nome Marbon, com Moſem Robi Francez, que na Villa eſtava. Ao primeiro dia vieraõ Alvaro Gomez, e o Caſtelhano, ao qual encontrou Alvaro Gomez de maneira, que deu com elle em ter-

ra; e tornando o Caſtelhano outra vez a cavalgar, correraõ a ſegunda carreira: e por o Caſtelhano naõ levar a lança firme, e quieta, entrou a Alvaro Gomez baixo, de que o ferio de maneira, que veio a morrer da ferida dahi a poucos dias.

El Rey deu ſeguro a quantos quizeſſem da Villa vir correr lanças; e por eſta razaõ ſahiaõ muitos fóra. Entre elles vinha hum Caſtelhano tratado como homem honrado; e falando com alguns Portuguezes ao correr das lanças, ſoltavaſe muito em palavras contra el Rey, chamandolhe ſempre Meſtre de Aviz, e outras palavras de pouca cortezia, como pola mór parte fazem os Caſtelhanos, que ſempre desfazem nas couſas dos Portuguezes, como he coſtume de naçoens vizinhas, e que tiveraõ differenças, de que naõ levaraõ a melhor. Os que iſto ouviaõ, pezavalhes muito, e paſſavaõ por iſſo, porque el Rey eſtava perto olhando, e porque os tinha ſegurados: mas naquelle dia á noite, pedindo el Rey collaçaõ, diſſeraõlhe das deſcortezias do Caſtelhano; e como por elle lhe ter dado o ſeguro, naõ uzavaõ de lho contradizer. El Rey lhes reſpondeo, que elle os ſegurara para virem folgar, mas naõ para falar mal; que, ſe algum ſe deſmandaſſe, naõ averia por mal tornarem por iſſo. Ao ſeguinte dia correraõ ſuas lanças os cavaleiros eſtrangeiros, de que Marbon Ingrez levou a melhor.

A ver eſtes cavaleiros ſahiraõ mais cavaleiros Caſtelhanos, e eſtrangeiros da Villa, que o dia de antes, e entre elles aquelle Caſtelhano, que ſoltava contra el Rey algumas palavras; e ſe antes falou mal, eſſe dia falou peor. Alvaro Coitado, que (como atrás he dito) era hum bom cavaleiro da Companhia do Condeſtabel, e que ouvira a el Rey o acima dito, e lhe naõ eſquecera, de

in-

induſtria andava perto do Caſtelhano , por ouvir o que dizia. E quando o vio arrezoar taõ mal, ſendo já as lanças corridas , por naõ eſtorvar o prazer aos outros, chegouſe ao Caſtelhano aſſi como eſtava a cavalo , e tomouo pelo cabeçaõ com huma maõ, e com a outra lhe deu tanta punhada, que logo o atordoou , e tirou taõ rijo por elle, que o lançou fóra da ſella da mulla, em que eſtava, e foraõ ambos a terra, onde lhe deu muitos couces, e punhadas, e o tomou pelo colar, dizendo que foſſem ante el Rey. Alli foi hum mui grande alvoroço dos que ſe ajuntaraõ a ver. E os Caſtelhanos diziaõ, que aquillo fora mui mal feito, virem ſeguros a folgar, e receberem tal affronta. Hum fidalgo Caſtelhano, por nome Pedro Diaz de Codorniga , o contou a el Rey , e ſe queixou muito, porque, vindo ſeguros por Sua Alteza a folgar , tornavaõ injuriados. El Rey lhe reſpondeo, que elle os ſegurara da vinda, e tornada para verem o jogo, e folgarem com os do arraial, mas que naõ os ſegurara para huns, e outros falarem deſcortezias. E com iſto ſe foraõ ſem mais correrem lanças, por lhes naõ acontecer outra tal.

Eſteve el Rey ſobre Benavente oito dias; e por naõ levar engenhos, e machinas para o combater, o deixou; e no caminho, que levava, tomou muitos lugares cercados, e chaõs, como o caſtello de Matilha, e o de Roales, que era daquelle Alvaro Perez Oſorio ; e o lugar de Valdeiras, que era do meſmo, foi roubado. E porque avia differença ácerca do ſaco , que ſe dava aos lugares, entre os Ingrezes, e Portuguezes, por os Ingrezes dizerem, que as fortalezas , e villages eraõ ſuas; concertou el Rey com o Duque que naquella Villa roubaſſem o Ingrezes primeiro até horas de meio dia, e daquellas horas em diante os Portuguezes.

E porque os Ingrezes traziaõ os mantimentos, de que avia mais neceſſidade, ſoffrendoſe mal os Portuguezes, foraõ antes de meio dia roubar de miſtura com os Ingrezes: do que queixandoſe o Duque a el Rey, elle ſahio a cavalo a preſſa agaſtado, por naõ obedecerem a ſeu mandado; e acezo em grande ira, com a eſpada nas maõs, fez ſahir fóra aos que achava pola rua, e ferio muitos, e a hum degolou por ſuas maõs, e outro fez ſaltar por cima dos muros, que morreo logo do ſalto; e, dado o meio dia, foraõ os Portuguezes a roubar.

Deſpois que el Rey andou quinze dias por aquelles lugares, foi a Villalobos, que era huma Villa bem cercada do meſmo Alvaro Pirez Oſorio. A cerca tinha huma cava, parte da qual tinha agoa, e a outra parte eſtava ſeca; e determinando el Rey dar combate á Villa, mandou encher a cava de erva para a gente paſſar por cima, e foi lançada per tres dias: mandou el Rey pela erva, e por guarda dos que a hiaõ buſcar Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmaõs, e outros fidalgos com certa gente. E partindo do arraial as azemalas, e muitos dos que hiaõ por guarda dellas, ficaraõ Martim Vaſquez da Cunha, Lopo Vaſquez, e Gil Vaſquez ſeus irmaõs, e Martim Lourenço, Martim do Avellal, e outros cavaleiros, e eſcudeiros até dezoito por todos, e hiaõ para lá falando muito de ſeu vagar; e por aquelle dia fazer grande nevoeiro, naõ atinando com a terra, por onde hiaõ, erraraõ o caminho. E ſendo já huma grande legoa do arraial, foraõ dar comſigo na ribeira, que vem de Mayorga, em que jaziaõ quatrocentas lanças de Caſtelhanos, e muitos homens de pé, entre huns alemos, que alli avia, onde dormiraõ aquella noite, de que eraõ

Capi-

Capitaẽs D. Fradique Duque de Benavente, irmaõ baſtardo del Rey, Alvaro Perez Ooorio, Rodrigo Ponce de Leaõ, e outros. E quando os viraõ taõ junto conſigo, conheceraõ que eraõ Portuguezes, e começaraõ a bradar *Mata, mata: Caſtilha, Caſtilha.* Os Portuguezes, vendoſe em tal preſſa, começaraõ a dizer a altas vozes *S. Jorge, S. Jorge: Portugal, Portugal*; e mui á preſſa ſe deſviaraõ logo a hum lugar algum tanto mais levantado, porque tudo era campina chaã; e deſcavalgando das beſtas, as pozeraõ ao redor de ſi atadas humas com as outras; e elles no meio com as lanças nas maõs, e as coſtas huns contra outros, dizendo logo entre ſi, que cumpria hum delles ir á preſſa dar aviſo ao arraial, que lhes acudiſſem. E como cada hum ſe eſcuſaſſe de ſer o embaixador, dando a entender que o fazia por pelejar, diſſe hum eſcudeiro, por nome Diogo Pirez do Avellal, que vivia com Martim Vaſques da Cunha, que qual era mais honroza couſa, e de homem mais eſforçado, ajudalos a defender aſſi como eſtavaõ, ou paſſar por entre tantos inimigos, e ir pedir ſocorro ao arraial? Todos a huma voz diſſeraõ, que maior valentia era aventurarſe a paſſar por entre tantos inimigos. Pois que aſſi he (diſſe elle) quero eu ſer eſſe. Entaõ cavalgou, e foi por entre aquelles, que o dezejavaõ matar; e poſto que lhe arremeçaſſem muitas lanças, nenhuma lhe acertou. E quando a elle vinhaõ de huma parte, e da outra para o averem de levar de encontro, eſtendiaſe ao longo do cavalo, e aſſi lhe eſcapava, de maneira que elle ſe poz em ſalvo, ſahindo polo meio de todos elles, e foi dar novas ao arraial. Os Caſtelhanos cercaraõ entretanto os dezaſete, que ficavaõ, ſubindo pela ladeira daquelle pequeno cabeço; e arremeçandolhe muitas lanças, aſſi das que

tra-

traziaõ, como das que tomavaõ aos homens de pé: e naõ lhe chegavaõ, porque as arremeçavaõ debaixo para ſima; outros naõ ouzavaõ a ſe chegar, porque os Portuguezes tornavaõ a lançar aos Caſtelhanos as lanças, que lhes elles arremeçavaõ. E porque tiravaõ para baixo, e os Caſtelhanos eraõ muito baſtos, quantas arremeçavaõ, tantas lhe faziaõ dano, e os feriaõ: e aſſi ſe defendiaõ, matando ſeus inimigos com as lanças, que elles meſmos lhes davaõ. E os cavalos, que feriaõ, topavaõ huns nos outros, matando alguns. Alli morreraõ quarenta Caſtelhanos de cavalo, e muitos cavalos; e dos Portuguezes nenhum foi morto, nem ferido, tirando Marboni, que ſahindo fóra para tomar das lanças, e arremeſſar, acolhendoſe para dentro, lhe veio de arremeço huma lança da maõ de Martim Gonçalvez de Ataide, que naquella companhia dos Caſtelhanos vinha. E entrandolhe a lança por entre as laminas, o ferio da ferida, de que morreo dahi a poucas horas. As novas daquelle aperto chegaraõ ao arraial, e logo o Condeſtabel ſahio por lhes acorrer. E por o nevoeiro ſe ir já levantando, por ſer o dia crecido, ouveraõ os Caſtelhanos viſta do ſoccorro, que vinha, e logo ſe retiraraõ, e foraõ. E entre ſi hiaõ falando, que até as hiſtorias de Triſtaõ, e Lançarote, dahi em diante ſe podiaõ deixar de ler, e falarſe no esforço de Martim Vaſques da Cunha, que com dezaſete homens de armas ſe defendeo de quatrocentas lanças por taõ grande eſpaço, em taõ fraco lugar.

Por aquelle caſo, que aconteceo a Martim Vaſques, e por o grande nevoeiro, naõ veio erva ao arraial, como devera, porque ſe apartaraõ huns dos outros: e por a falta, que aquelle dia ouve de erva, e por ſe dizer no arraial que os da Villa moviaõ partidos para ſe darem, ao outro dia ſe-

guinte

guinte se levantou huma voz, sendo horas do meio dia, sem o mandar el Rey, dizendo alto huns a outros, *á erva, á erva, que rendida está a Villa*: e como começaraõ de o dizer, foraõ lá alguns moços, e Azemeis, e homens de pé, e logo foi levada quanta erva estava na cava. El Rey ficou por isso mui indignado, e mandou que prendessem quantos a foraõ tomar; e trouxeraõ prezos seis moços culpados nisso, e levados ante el Rey. O Condestabel, que de sua condiçaõ era mavioso, e humano, receava que el Rey lhes mandasse decepar as maõs. E pedio a el Rey por mercê com quanta efficacia pôde, que naõ fizesse aquelles homens inuteis com lhes mandar cortar as maõs, mas que respeitasse a sua pouca idade, e simplicidade. El-Rey lho naõ concedeo: polo que o Condestabel se veio á tenda com os olhos cheios de agoa, e se deitou de bruços sobre a cama, chorando a justiça, que se avia de fazer daquelles moços, naõ lhes podendo valer. Tambem hum escudeiro, que servia mui bem a el Rey na guerra, lhe pedio, em satisfaçaõ de seus serviços, perdoasse a hum daquelles moços, que era seu irmaõ; o que naõ pôde impetrar. Polo que se desnaturou do Reyno, e se passou logo para Castella. E aos moços mandou el Rey decepar as maõs, sendo de sua condiçaõ mui piadoso, parecendolhe que cumpria assi á disciplina militar, que elle de nenhum modo queria se corrompesse, ou desprezasse.

Vendo pois os de Villalobos como el Rey naõ tinha engenhos, e artificios, com que os combatesse, e que a erva da cava era tirada de todo, e que tarde viria alli outra tanta, cobraraõ animo para se defender, e naõ quizeraõ vir a partido: e hum dia por huns paos, que atravessavaõ a cava de huma parte a outra á maneira de ponte, sahiraõ

raõ da Villa muitos dos Caſtelhanos, e paſſaraõ a cava, por darem no arraial, e fazerem o dano, que podeſſem. Ruy Mendez de Vaſconcellos, e Gonçalo Vaſquez Coutinho pouzavaõ naquella parte, para onde elles vinhaõ; e quando os viraõ, lançaraõſe fóra das tendas com alguns conſigo ſem mais armas, que os eſcudos nos braços, e arremeçoẽs nas maõs, e foraõ á preſſa aos Caſtelhanos, e ajuntaraõſe de maneira, que os Caſtelhanos os naõ poderiaõ ſoffrer; e deraõ volta pera a Villa, mais á preſſa do que ſahiraõ. E naõ podendo caber pelos paos da minhoteira, foraõ alli muitos mortos a ferro, e outros morreraõ na agoa da cava, em que cahiaõ: e tornandoſe já Ruy Mendez, e Gonçalo Vaſques, hia el Rey para lá, por ver que era aquillo: e quando os vio vir daquella maneira, e ſoube o que paſſava, poſto que folgou com o que fizeraõ aos imigos, pelejou com elles, por aſſi ſahirem deſarmados, ſendo taes homens a que naõ convinha, porque com hum vil homem lhes podera acontecer hum deſaſtre.

Ruy Mendes trazia huma pequena ferida no braço direito, de que corria ſangue, e de que elle naõ fazia cazo; e diſſe a el Rey: Senhor, em tal tempo naõ cumpria fazer doutra maneira. E com iſto alçou o braço ferido com a lança, dizendo por palavras galegas: *A la fé eu ſon Rodrigo, que taõ bem las fago, como las digo.* El Rey, e os outros, rindoſe daquellas palavras, ſe vieraõ para as tendas. Eraõ eſtes dous fidalgos notaveis cavaleiros, ambos amigos, e no esforço, diſpoſiçaõ, gentileza do corpo, e na idade iguaes, e mui grandes cavaleiros, e deſtros em todo o exercicio de armas: e aſſi eraõ conhecidos dos Caſtelhanos pelas obras que faziaõ, e polas armas que veſtiaõ, que muitos reçeavaõ de ſe encontrar com elles. E

naõ

naõ ſómente eraõ nomeados, e temidos dos imigos, mas muito louvados dos Ingrezes: e tanto, que dizia o Duque de Lancaſtro por elles, que ſe ouveſſe de aventurar o Reyno de Caſtella, e pôr ſeu direito em maõ de hum ſó homem, que o combateſſe, cada hum daquelles dous era baſtante para iſſo. Vendo pois os da Villa a perda das gentes, que ouveraõ, commeteraõ logo partido ao Duque, e levantaraõ bandeira por elle.

CAPITULO LXX.

Voltaõ para Portugal el Rey, e o Duque de Lancaſtro. Tem no caminho dous encontros com a gente do Infante.

EL Rey vendo, que nenhum dos lugares, a que chegavaõ, ſe movia a receber o Duque por ſenhor, nem outros alguns: e que aquellas fracas Villas eraõ tanto no interior do Reyno, e mal acommodadas para as ſoſtentar, e que a tal guerra pello Reyno era pouco honroſa, e de muito trabalho, deu parte ao Duque, e lhe diſſe que, pois todo o Reyno era contra elle, naõ o querendo por ſenhor; e além diſſo, por ter ſeu adverſario tantos eſtrangeiros por ſi, e outros mais, que eſperava; e elle afaſtado de ſuas terras, e com taõ poucas gentes, que lhe parecia que, ſe elle determinava tomar toda Caſtella Villa, e Villa, era couſa infinita; porém que, ſe queria continuar a empreza que começara, que elle eſtava preſtes com a gente, que trazia, e com outra mais, ſe cumpriſſe; mas que os ſeus eraõ taõ poucos para tamanho negocio, que velos era grande falta para hum taõ grande Principe, como elle era: e que por eſſa razaõ os imigos creciaõ cada vez mais, e

 toma-

tomavaõ atrevimento de ſe chegar a elles : e que de duas couzas havia de fazer huma , ou ir a Inglaterra buſcar mais gente , ou vir a alguma honroſa concordia , e tranſacçaõ , ſe por ſeu adverſario lhe foſſe commetida.

Pareceraõ bem ao Duque as razoẽs del Rey; e reſpondeo , que já alguns lhe tinhaõ dito , que el Rey de Caſtella viria a qualquer avença , que foſſe de honra de ambos , eſpecialmente de o Infante primogenito de Caſtella cazar com ſua filha : e que elle lhe naõ reſpondera de ſi , nem de naõ , mais que ſer ſua vontade tornar a Inglaterra pera trazer mais gentes. Mas que , ſe ſó outro partido lhe fizeſſe el Rey de Caſtella , o aceitaria.

Deſpois que el Rey , e o Duque tiveraõ ſeu conſelho de ſe tornar ao Reyno , naõ o quiz el Rey dar a entender , ſenaõ que andava correndo a terra , e naõ deſiſtia da guerra começada. Polo que naõ tornaraõ por onde foraõ , e caminharaõ a Vilhalpando : e indo aquelle dia Ruy Mendez de Vaſconcellos com outros correr a Caſtro Verde , e andando eſcaramuçando , lhe deraõ com hum virotaõ huma pequena ferida por cima do mangote junto com o hombro , e entrou taõ pouco , que andava o virotaõ pendurado , e naõ curava delle ; e como tornou a ſua tenda , diſſe aos que ahi eſtavaõ , que elle eſtava ferido de erva : e dizendo os outros que naõ , elle aporfiava que ſi. E ſendo dito a el Rey , mui pezaroſo com tal nova veio alli logo para lhe tirar aquella imaginaçaõ ; e esforçandoo que naõ era couſa de importancia , reſpondeo elle que ſempre ouvira dizer que aquelles , a quem ferem com erva , lhe formiguejavaõ os beiços ; e a elle parecia que , quantas formigas no mundo avia , todas tinha nelles. El Rey lhe diſſe , que pois aſſi era , bebeſſe da ourina , que era muito proveitoſa para

iſſo.

iſſo. Elle diſſe, que a naõ beberia por nenhuma couſa do mundo: e porfiando el Rey com elle, e elle dizendo que naõ, como Principe humano que era, e deſejozo da ſaude de taõ bom vaſſallo, por lhe tirar o nojo, provou da ourina, que mandou vir, e diſſelhe: Como naõ bebereis vós do que eu bebo? E elle o naõ quiz fazer. El Rey o vinha ver duas, e tres vezes cada dia: e ao terceiro dia, eſtando com elle falando, e esforçandoo, diſſe a el Rey, que lhe tinha em grande mercê ſuas palavras, e viſita; mas que entendia que naõ avia nelle ſenaõ morte; porque, onde elle devia folgar com ſua fala, e bom esforço, e com taõ alta mercê, como lhe fazia, naõ ſe anojava menos com ſua viſta, do que fizera, ſe elle fora hum homem, a que elle naõ quizeſſe bem. El Rey como lhe ouvio iſto, volveolhe as coſtas, e ſahioſe da tenda com os olhos banhados em lagrimas, dizendo aos outros como tinha a mao ſinal aquillo, que Ruy Mendez lhe diſſera: e naquelle meſmo dia deu a alma a Deos: cuja morte foi mui ſentida del Rey, e do Duque de Lancaſtro, e de todos os do arraial; e muito mais, por ſer de huma couſa taõ leve: e ſeu companheiro, e grande amigo Gonçalo Vaſquez Coutinho moſtrou por elle notavel ſentimento, porque eraõ hum par de amigos, como os que os antigos celebraraõ. O corpo de Ruy Mendez mandou trazer a Portugal mui honradamente.

De Vilhalpando partio el Rey, e veio alojarſe acima de Çamora, duas legoas junto com o Douro defronte de Sancta Maria do Viſſo: e el Rey mandou tentar o rio, ſe poderia paſſar a vao: e entre os que foraõ a iſſo, foi hum Alvaro Vaſquez Alcaide de Alcanhede, que ſe afogou no rio, cahindo o cavalo com elle: e outros acharaõ deſ-

pois lugar, por onde passassem a seu salvo. Ao outro dia, que eraõ quinze de Maio, partio el Rey com todo o exercito polo vao, assi de pé, como a cavalo: e no dia seguinte foraõ alojar a hum lugar, que chamaõ Corrales perto de Çamora, onde estava D. Lourenço Soarez Mestre de Sanctiago com muita gente, mas naõ quiz sahir a escaramuça alguma. Dalli partio ao outro dia caminho de Cidade Rodrigo, entre Salamanca, e Ledesma: e vindo o exercito para aquelle lugar, sahio de Salamanca, onde estava o Infante D. Joaõ, e com elle Diogo Lopez de Angulo, genro de Pedro Lopez de Ayala, o que foi prezo em Sanctarem, com outros Fronteiros: e porque Diogo Lopez entaõ chegara novamente, quiz provar alguma cousa, em que ganhasse honra. El Rey vinha com sua gente ordenada em batalhas: e Diogo Lopez com 300 ginetes, que trazia, se chegou taõ perto da retaguarda, que podiaõ jugar ás lançadas. El Rey indignado daquella temeraria afouteza, passou pola carruagem, e chegou á vanguarda, e disse ao Condestabel, que escolhesse da sua gente a melhor encavalgada, e elle faria o mesmo da sua; e que fossem contra aquelles ginetes, que taõ atrevidos eraõ. O Condestabel disse a el Rey, que seria detença fazer essa escolha; mas que passasse a carruagem, e elle com a retaguarda iria a elles com os que o podessem seguir. Passou entaõ a carruagem, despois el Rev, cuidando os inimigos que o faziaõ com medo. Nisto sahio o Condestabel rijamente a elles, e alguns del Rey em sua companhia: e taõ de vontade os acommeteraõ, que todo o orgulho, que traziaõ, perderaõ, tornando atraz cada hum como melhor podia: e como traziaõ os cavalos folgados, e bem pensados, sahiraõse mui ligeiramente logo no principio; e a pouco espaço, antes

que correſſem mea legoa, começaraõlhe a cançar os cavalos: e os Portuguezes, que lhe foraõ no alcance, prendiaõ, e matavaõ nelles. Diogo Lopez ſaltou em terra com ſua eſpada, e adarga ſem fazer defenſaõ alguma, porque lhe naõ cumpria áquelle tempo. Foraõ dos Caſtelhanos mortos quinze, e prezos quarenta e oito, e os mais ſe acolheraõ. Sendo trazido ante el Rey Diogo Lopez de Angulo, lhe perguntou como ſe deixava aſſi tomar, trazendo taõ bom cavalo? Elle reſpondeo, que por acudir a huns ſeus amigos, e criados ſe deteve tanto, até o tomarem. O Duque de Lancaſtro vio a preſteza, com que os Portuguezes refrearaõ a temeridade daquelles ginetes; e moſtrou grande prazer, dizendo para os ſeus, *O' que bons Portuguezes*!

Caminhando el Rey com ſeu exercito para Cidade Rodrigo, o Infante D. Joaõ, Martim Anes de Barbuda Meſtre de Alcantara, Garcia Gonçalvez de Grizalva, e outros Capitaẽs Caſtelhanos, e Francezes, que eſtavaõ polas Fronteiras, e traziaõ quatro mil lanças, tiveraõ novas como muita gente do arraial hia doente; e por diverſos caminhos vieraõ ter áquella Cidade, com tençaõ de pelejarem com el Rey: e em amanhecendo, ſe puzeraõ todos a pé, arredados da Cidade dous tiros de béſta, aguardando el Rey, que vinha dalli huma legoa. O Condeſtabel trazia ſua vanguarda, e as alas concertadas em boa ordem. E quando os Caſtelhanos o viraõ, cuidaraõ que naõ eraõ mais, porque a retaguarda naõ aparecia ainda; e determinaraõ de pelejar com elles. O Condeſtabel avia neceſſariamente de paſſar hum pequeno rio por huma ponte eſtreita, a qual era já guardada dos inimigos. Martim Gonçalvez Commendador mór de Chriſto com as gentes do Meſtre, e outros com

elle, chegaraõ alli; e eſtando a pé, conſtrangeraõ aos inimigos a deixar aquelle porto. O Condeſtabel paſſou; poſ-ſe em batalha ordenada, porque naõ ſabia o que os Caſtelhanos queriaõ fazer: niſto aſſomou el Rey com ſua retaguarda; e ſendo viſto dos inimigos, diſſeraõ huns para os outros, que aquella gente era mais da que cuidavaõ; e que naõ ſeria bom conſelho embaraçarſe com elles. El Rey quando vio os Caſtelhanos daquella maneira, naõ tendo ainda paſſado o rio, que o Condeſtabel paſſara, pedio outro cavalo, e a cellada; e foiſe para onde os Caſtelhanos eſtavaõ. E indo para lá, chegaraõ Alvaro Coitado, e Joaõ Affonſo Pimentel, que vinhaõ de ver o campo; e diſſeraõ a el Rey, que naõ foſſe por aquelle caminho, que alli hia hum paſſo de hum regato cavado, e mao de paſſar por huma ponte eſtreita, e que lha podiaõ deffender. Polo que ſe deteve, e mandou aos ſeus que naõ levaſſem aquelle caminho. Os Caſtelhanos vendo que el Rey tinha ainda por paſſar o rio, que o Condeſtabel já tinha paſſado, e que avia de deſcer a elle por huma ladeira abaixo, puzeraõſe muitos a cavalo, para lhe atirarem lanças de arremeſſo na decida; o que bem podiaõ fazer a ſeu ſalvo.

Quando el Rey vio ſeu intento, entendendo o que queriaõ fazer, mandou chamar todos os béſteiros, que vinhaõ na retaguarda, e que ficaſſem alli á paſſagem, para atirar aos de cavalo: e deu cargo a Gonçalo Vaſques Coutinho, que os acaudelaſſe; o qual, como esforçado que era, encima de hum cavalo, ſem outro homem de armas, os ordenava deſta maneira, que em quanto huns atiravaõ, armavaõ os outros. E como alguns dos Caſtelhanos ſe queriaõ adiantar, hiaſe Gonçalo Vaſques a elles; e os béſteiros o ſeguiaõ atirando;

do ; e assi os fazia afastar de si. Desta maneira passou toda a gente da retaguarda , e nenhum teve geito de poder arremessar lança , com temor dos bésteiros. Como el Rey passou , ajuntouse com elle o Condestabel , e apozentouse o arraial meia legoa acima da Cidade. Dalli partio el Rey para Portugal , e veio alojarse a Val de la Mulla. Ao outro dia chegou a Almeida primeiro lugar do Reyno.

CAPITULO LXXI.

Chegaõ el Rey , e o Duque a Portugal : faz el Rey de Castella concerto com o Duque de Lancastro : escapa el Rey de huma doença.

COmo el Rey foi em seu Reyno , mandou ao Condestabel a Alentejo guardar a terra ; e elle foi cumprir com outra romagem , que tinha prometida a nossa Senhora da Oliveira de Guimaraés , antes que entrasse em Castella : foi lá a pé. E o Duque de Lancastro entretanto ordenou ir a Coimbra ver a Rainha sua filha : e estando em Trancoso , lhe chegou recado del Rey de Castella sobre avenças , e tratos de pazes ; porque , como el Rey de Castella ouvio que o Duque tornava a Inglaterra buscar gente , e o parentesco , que com el Rey de Portugal tinha , pareceolhe que devia evitar males , e guerras á custa do seu. Polo que lhe mandou requerer cazasse Dona Catherina sua filha , e da Infanta Dona Costança filha mais velha del Rey D. Pedro , com D. Henrique seu filho primogenito , herdeiro de seus Reynos , a quem daria em casamento o que fosse razaõ , para sustentaçaõ de seus Estados. E naõ avendo nisto differença , ouvea no mais , que o Duque lhe pedia. Em fim vieraõ a acordar que el Rey désse em dote

te a ſua nora a Cidade de Soria , e as Villas de Almaçan , Atiença , Déſſa , e Molina : e déſſe á Duqueza ſua Mãi em ſua vida Guadalajara , Medina del Campo , e Olmedo : e que o Duque déſſe para as deſpezas , que fizera , ſeiſcentos mil francos de ouro , pagos a certos tempos , e cada anno mais em ſua vida , e de ſua molher , qual delles mais viveſſe , quarenta mil francos , pagos a certo termo : e que o Duque , e ſua molher ſe deceſſem de toda demanda , e contenda , que contra os Reynos de Caſtella aver podeſſem. E para todas as capitulaçoẽs melhor ſe effeituarem , aſſentaraõ que o Duque ſe partiſſe , e ſe foſſe para Bayona , lugar do Ducado de Guiana , que era del Rey de Inglaterra , e que lá lhe mandaria el Rey ſeus Procuradores , para ſe fazer eſcritura diſſo. E idos os Embaixadores , o Duque ſe foi a Coimbra , onde a Rainha ſua filha eſtava. E como el Rey de Caſtella poſſuia o Reyno , que ſeu pai uſurpou a el Rey D. Pedro ſeu irmaõ , que matara , nenhuma couſa mais temia , que aver alguem de ſeu ſangue , que lhe fizeſſe ſeu eſtado duvidoſo , ou podeſſe ſer cauſa de alguns movimentos nos Reynos de Caſtella : pelo que huma das capitulaçoens , que aſſentou com o Duque de Lancaſtro , foi que lhe avia de entregar D. Joaõ de Caſtilha , filho del Rey D. Pedro , que eſtava em Inglaterra em arrefens , com as Infantas ſuas irmãs , que pertendia ſer legitimo , e Principe herdeiro del Rey D. Pedro , e pertencerlhe a elle o Reyno ; porque , tendo o dito Rey D. Pedro repudiado a Rainha Dona Branca de Borbon , filha do Duque de Borbon , com que dizia naõ poder ſer caſado , por muitas proteſtaçoẽs , que fizera antes de ſeu cazamento com ella ; e tendo occulto o cazamento de Dona Maria de Padilha , que elle converſava , e de que ouvera as ditas

Infan-

Infantas, e outros filhos; casou em effeito, e por concerto, e com lhe assinar Villas em dote, com Dona Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro senhor de Sarria, e Lemos, Mordomo mór que foi del Rey D. Affonso seu pai, que fora molher de D. Diogo Lopes de Haro, neto de D. Diogo Lopes de Haro senhor de Viscaya; com a qual celebrou bodas publicamente: e sem estar mais com ella que a primeira noite, a deixou prenhe sem nunca mais a ver: da qual nasceo o dito D. Joaõ de Castilha, em figura de matrimonio; chamandose sempre a dita Dona Joanna até à morte Rainha de Castella, e de Leaõ. Mas el Rey, que tinha recebida occultamente a Dona Maria de Padilha, em humas Cortes, que fez em Sevilha, declarou ser casado com ella, e serem legitimos os filhos, que della ouve: polo que polas ditas avenças, que o Duque de Lancastro fez com el Rey de Castella, lhe entregou o dito D. Joaõ prezo, para seguridade de ambos. O qual deu el Rey de Castella em guarda a hum fidalgo Aragonez, por nome Beltran de Arriel, para que o tivesse prezo no castello de Soria, de que elle era Alcaide mór.

Estando D. Joaõ assi prezo, em estreita prizaõ de grilhoẽs, para tentar se se podia ver fóra della, tratou de pedir por molher ao Alcaide Arriel Dona Elvira de Arriel sua filha; e de feito a recebeo: dahi a certos dias declarou ao sogro a tençaõ de seu casamento, e o bem que lhe podia vir de sua liberdade, que era pôlo em estado de ser Rey de Castella, como filho varaõ que era del Rey D. Pedro, nacido de huma Rainha em figura de matrimonio. A filha por outra parte de joelhos, e com muitas lagrimas pedia ao pai em dote a soltura de seu marido. Mas naõ aproveitou; porque na mesma guarda, e prizaõ, em que D. Joaõ

a principio foi posto, o teve sempre sem mudança alguma, antepondo a fidelidade, que devia a seu Rey, ao amor que tinha a sua filha. D. Joaõ esteve toda a vida na prizaõ naquelle castello, e nella morreo; e ouve filhos, de que descendem os do appellido de Castilhoa. Seus ossos passou a Madrid ao Mosteiro de S. Domingos o Real Dona Costança sua filha, sendo nelle Prioreza, junto á sepultura del Rey D. Pedro seu pai, onde está sua figura de vulto, com huns grilhoés nos pés, por memoria da prizaõ em que viveo, e morreo sem culpa.

Vindo el Rey do Porto a Coimbra da sua romaria, a que fora a Guimaraés, adoeceo de febres, sendo fim de Junho, em huma quinta que está no meio do caminho: e foi a doença taõ aguda, que em pouco espaço de dias chegou ao ultimo da vida: polo que à Rainha partio á pressa de Coimbra, e o Duque seu pai com ella; e quando chegaraõ, estava já el Rey taõ fraco, que naõ podia falar; e de sua vida avia pouca esperança. O nojo da Rainha foi taõ grande, que logo moveo huma criança, porque se via taõ prestes viuva, com perda de hum marido, e Rey taõ valeroso, e que ella em estremo amava, e em terras estranhas: polo que nunca cessava de chorar, e andava como assombrada: mas quando estava com el Rey, estava dissimulando as lagrimas, e o consolava, e esforçava. Em fim por suas oraçoés, que era huma Princeza sancta, e polos rogos do povo, el Rey cobrou melhoria, que naõ foi menos estimada de todos, que se resucitara da morte á vida cada hum delles; porque, além do amor, que a el Rey tinhaõ, sabiaõ que com sua morte se acabava Portugal. Nesta doença pedio o Duque a el Rey seu genro perdoasse ao Conde D. Gonçalo, e a seu filho,

lho , e a Ayres Gonçalvez de Figueiredo , e os mandasse soltar ; o que el Rey lhe concedeo.

CAPITULO LXXII.

Parte o Duque para Bayona. Algumas disposiçoẽs, que el Rey fez sobre as prezas do mar, e governo de Justiça. Dá o Mestrado de Aviz, e Sanctiago.

EStando el Rey em Coimbra, aonde logo foi convalecer, lhe foi descuberta huma treiçaõ, que se fabricava contra o Duque de Lancastro seu sogro : e era o caso, que vindo el Rey entre Çamora, e Touro, quando elle, e o Duque entraraõ em Castella para a aldea, que chamaõ Corrales, ajuntaraõse huma vez gentes de cavalo, assi de Portugal, como de Castella, para sahirem huns contra os outros, como se costuma fazer : e dos Castelhanos sahio hum homem de cavalo, correndo quanto podia, por se lançar com os Portuguezes, que com brados vinha dizendo, que lhe acudissem : e atraz elle vinhaõ alguns, fingindo que o queriaõ prender ; e elle, que trazia o cavalo mais ligeiro, sahiase delles quanto queria. Os Portuguezes vendoo, sahiraõ a elle para o defender ; e perguntandolhe que era aquillo ? elle respondia a todos : Levaime a el Rey de Castella o Duque de Lancastro, e á Rainha Dona Costança minha senhora, e a elles o direi. Sendo levado ao Duque como pedia, disse que elle vinha a elles como a seus senhores naturaes, e herdeiros del Rey D. Pedro seu senhor, que o criara a elle, e lhe dera huma comenda, e terra, que tinha : e que tudo deixava por os servir, e ajudar a vingar a morte del Rey D. Pedro seu senhor. O Duque, e a Du-

queza, quando o ouviraõ, o tiveraõ por homem de primor, e leal; e como tal o tratavaõ, e o tinhaõ em conta. Este homem vinha para lhes dar peçonha: e andando elle assi como homem pouco prudente, veiose a desavir com hum seu criado, que sabia parte desta maldade: o qual a descubrio a el Rey, e ao Duque, que disso ficaraõ mui espantados: e sendo aquelle homem prezo, e negando o maleficio, e affirmandoo o criado, foilhes dado campo a seu requerimento; e entrando nelle o criado, lho fez conhecer: e confessando, foi mandado queimar.

De Coimbra, onde o Duque estava avia alguns dias com a Rainha sua filha, partio com sua molher, e familia para o Porto, onde aviaõ de embarcar, e com elles el Rey, e a Rainha; e no Porto folgaraõ alguns dias: e no fim de Setembro em catorze Galés, de que hia por Capitaõ Affonso Furtado, partio o Duque com os seus, e em poucos dias chegou á Cidade de Bayona, do Ducado de Guiana, e do senhorio entaõ de Inglaterra, onde os Embaixadores de Castella foraõ confirmar os contratos, que entre aquelles Principes eraõ feitos.

E porque as ordenaçoens, e estillos dos antigos muitas vezes vem a servir aos prezentes, e podem servir aos vindouros, maiormente em cousas, que mais consistem em costume aprovado, que em lei escrita, naõ parece desnecessario lembrar aqui o que el Rey D. Joaõ ordenou naquelle tempo, que as galés de Portugal tornaraõ de Bayona, quando levaraõ o Duque de Lancastro, sobre as prezas de algumas naos, que entaõ fizeraõ, avendo duvida como se avia de fazer a repartiçaõ por os que as tomaraõ. E foi que na nao, ou barca entrada por força, todas as cousas, que sobre tilha

eraõ

eraõ achadas, foſſem daquelles, que as tomaſſem, tirando ouro, prata, perolas, e pedraria, trenas, e ouro fiado, ſeda, panos de ouro, e de ſeda, e peças de pano inteiras, que eſtas foſſem del Rey. E tudo o mais, que achaſſem ſob tilha, foſſem del Rey, com o corpo do navio, e apparelhos, e homens: e que os navios pequenos de vinte e ſinco toneis para baixo, que naõ foſſem tilhados, nem guindaſſem, que foſſem dos patroés das Galés, que os tomaſſem; e os Alcaides ouveſſem de cada hum huma corda, e huma ancora; e a fazenda, e os homens foſſem del Rey: e que tudo, o que em terra pilhaſſem, e os homens que prendeſſem, foſſem daquelles, que os tomaſſem, ſalvo priſioneiros de quinhentas dobras para cima; porque a eſtes taes, ſe el Rey os quizeſſe tomar, daria por cada hum delles mil dobras; porque tanto achou que os Reys ſeus anteceſſores davaõ por elles: e ſe os que tomaſſem eſta pilhagem, ou priſioneiros, foſſem homens de armas, e béſteiros, ouveſſem a terça parte os patroés; e do que pilhaſſem os galeotes, ouveſſem o terço os Alcaides. E do que os arraezes, e marinheiros percalçaſſem, nenhum ouveſſe delle terço, mas foſſe tudo ſeu. E que as armas dos patroés das galés, ou dos Meſtres das naos, ou de baixeis, ou de homens de armas, ou béſteiros, ou marinheiros, foſſem dos patroés, ou de quem quer que as tomaſſe; e tomandoas outrem, que ouveſſem a terça parte os patroés, ou Alcaides, como eſtá dito nas outras couſas: e que iſto ſe naõ entendeſſe nas armas dos almazés dos corpos dos navios, porque eſtas ſeriaõ del Rey; e que as armas, e baixella de prata, e roupas talhadas do patraõ da galé, que foſſe tomada, ouveſſe o patraõ, que com ella aferraſſe; e a outra prata, ou ouro que achaſſem, que naõ foſſe bai-

xella,

xella, ouvesse el Rey: e se algum subisse ao mastro, e visse algum navio, de qualquer genero que fosse, ouvesse huma dobra, se fosse tomado. E quando as Galés tomassem outras galés, os remos, armas, e gente fossem del Rey, salvo hum bastardo, e hum cabre, e huma ancora, que seria dos Alcaides da galé, que outra tomasse; e que as cousas, de que os patroẽs, e Alcaides ouvessem de aver o terço, se terçassem desta maneira, que fizessem tres quinhoens de tudo, e os tomadores escolhessem hum primeiro, e os patroẽs, e Alcaides ouvessem outro; e o terceiro, que ficasse, ouvessem os tomadores: e destas cousas, que assi fossem tomadas, o Almirante, nem Capitaõ naõ ouvessem quinto, nem outro direito, salvo do que el Rey levasse para si. E que acontecendo que alguns dos patroẽs tomassem navios, dos que ouvessem de aver para si, naõ fossem ouzados tomar os homens, que na armada hiaõ, e mandalos tornar com elles para a parte, donde partiraõ.

Tambem se moveo a el Rey neste tempo duvida sobre as sentenças, que se deraõ, e processos, que se ordenaraõ no tempo, que el Rey de Castella andou neste Reyno nos lugares, que por elle estavaõ, como em Santarem, onde ouve despacho de Dezembargadores, que por elle faziaõ justiça; e assi as escrituras, que se fizeraõ em nome do dito Rey, se seria tudo valioso? Aquelles, em cujo favor as sentenças eraõ dadas, ou feitas as escrituras, diziaõ que si deviaõ ser valiosas; pois os officiaes eraõ Portuguezes, e julgavaõ polas leis de Portugal, e foraõ officiaes del Rey D. Fernando. Os que ouveraõ as sentenças contra si, diziaõ que el Rey de Castella naõ fora Rey de Portugal approvado por Cortes, nem com consentimento geral do Reyno, posto que algumas Villas

se

ſe lhe deſsem por medo de ſeu muito poder; nem elle podia ſer Rey contra vontade do povo, e com quebra de ſeus contratos, e juramentos. E por tanto, por tirar duvidas, el Rey determinou que, viſto como eſtes Reynos foraõ livres por morte del Rey D. Fernando, e a elle foi dado o regimento, e ſenhorio delles, outorgado polos grandes, e ficara pacifico Rey pela victoria que ouvera do dito Rey de Caſtella, que todas as ſentenças, que foraõ dadas, e execuçoens por ellas feitas foſsem nulas; e da meſma maneira os proceſsos, que pendiaõ, naõ procedeſsem por elles; e que tudo tornaſse ao eſtado, em que as couſas eſtavaõ antes que el Rey de Caſtella entraſse neſtes Reynos.

Por aquelle meſmo tempo, retendo ainda el Rey em ſi o Meſtrado de Aviz, deſejava de o dar a Mem Rodriguez de Vaſconcellos, a quem já o tinha dado; e Fernaõ Rodriguez de Siqueira, Cõmendador mór de ſua Ordem, eſperava de o aver; e Fernaõ Dalvarez Dalmeida Veedor da caſa del Rey, e Commendador de Juramenha, que era Craveiro, e pertendia aver a Comenda maior, deſejava o meſmo. El Rey vendo a pertençaõ delles, e o muito ſerviço, que lhes fizeraõ; e como naõ podia contentar a todos, por ſe ſahir de tal encargo, quanto a Deos, e quanto ao mundo, diſſe aos dous que ouveſsem a eleiçaõ dos cavaleiros da Ordem; e foſse Meſtre qual elles elegeſſem. Fernaõ Rodriguez ficou anojado por as palavras, que lhe el Rey diſsera. Entaõ determinou el Rey de fazer aver a Mem Rodriguez o Meſtrado de Sanctiago, que era de mór honra, e mais renda. E tendo já os Freires elegido por ſeu Meſtre hum filho de Nuno Freire, por nome Ruy Freire, que fora Meſtre de Chriſto, ſem embargo de lhe el Rey ter boa vontade, por ſeu pai aver ſido

ſeu

ſeu Aio, como ſoube de ſua eleiçaõ, eſcreveo aos Freires, que a naõ avia por boa, e que elegeſsem a Mem Rodriguez: e elles o fizeraõ aſſi; e ó Papa o confirmou: polo que deraõ a Ruy Freire a renda de Palmela, e Arruda, além do que já tinha: e aſſi ficaraõ os pertendentes ſatisfeitos.

Por aquelles meſmos tempos D. Pedro de Caſtro, filho do Condeſtabel D. Alvaro Pirez, que fugio com Joaõ de Baeça em Torres Vedras, pola treiçaõ, que delles ſe dizia queriaõ cometer, mandou pedir a el Rey de Portugal licença para ſe vir para elle, mas que lhe daria a Villa de Salvaterra, que el Rey de Caſtella lhe dera em Galiza; e el Rey lha deu: aſſi que ſua ida, e ſua vinda foi em offenſa de ambos Reys. Tambem ſe veio no meſmo tempo D. Pedro da Guerra, filho baſtardo do Infante D. Joaõ; e el Rey o recebeo bem, e com muito gazalhado, e lhe fez mercês. Após a vinda deſtes fidalgos, diſseraõ a el Rey, que o Infante D. Diniz ſeu irmaõ ſe vinha a Portugal para elle; e el Rey lhe mandou fazer preſtes pouzadas, e o ſahio a receber meia legoa; e naõ trazia mais que ſinco, ou ſeis conſigo: e querendo beijar a maõ a el Rey, lha naõ queria dar; mas por fim o ouve de fazer. Alli no Porto lhe fez el Rey muita honra, e mercê, partindo com elle grandemente, e os encaminhou para ſe ir a Inglaterra, por ſenaõ levantar em Portugal algum eſcandalo por ſua cauſa: e indo já no mar ſeu caminho, ouve ſeu conſelho de ſe tornar, dizendo que por ventura o mandavaõ lá para o matar; e tornandoſe, foi tomado, e prezo por huns Bretoẽs: poſto em terra, ſabendo os que o tomaraõ que era irmaõ del Rey de Portugal, pediaõ por ſeu reſgate cem mil francos de ouro. E eſcrevendo elle ſobre iſſo a el Rey, e pedindolhe o ſoccorreſ-

ſe,

ſe, el Rey lhe reſpondeo que, pois elle naõ curava de ir para onde elle o encaminhara, que naõ curaria de ſua prizaõ. Os Bretoẽs vendo que ninguem fazia por elle, por ſe eſcuzarem de custo ſem proveito, o ſoltaraõ, e ſe foi para Caſtella.

CAPITULO LXXIII.

Cerca el Rey a Villa de Melgaço: ſua entrega, e ſahida dos Caſtelhanos.

EStando el Rey na Cidade do Porto, veio a elle hum embaixador chamado Ambroſio de Marinis, enviado por Antimoto Adorno Duque de Genova, e dos anciaõs daquella communidade, per que mandavaõ pedir a el Rey a valia das mercadorias das naos Genovezas, que foraõ tomadas no tempo do cerco de Lisboa. Sobre o que el Rey deu boa repoſtā, ſem o remeter aos officiaes da fazenda, como agora ſe faz: e o que montava nellas, que eraõ ſeſenta mil dobras de ouro, lhe mandou logo el Rey pagar; com que o embaixador foi mui contente.

Neſſe meſmo tempo partio el Rey para Braga, onde fez Cortes ſobre couſas do Eſtado do Reyno, e partio para Melgaço ſinco legoas acima de Tuy, e meia legoa do Minho, Villa do Reyno bem cercada, que eſtava por Caſtella. El Rey chegou a ella no mez de Janeiro de 1388 com ſeu campo, em que hiaõ D. Pedro de Caſtro, o Prior do Hoſpital, e Joaõ Fernandez Pacheco, e outros, que ſeriaõ por todos mil e quinhentas lanças, e muita gente de pé. Os de dentro, que eſtavaõ por defenſaõ da Villa, eraõ Alvaro Paes de Soto Mayor, e Diogo Preto, e Xemeno, com trezentos homens de armas, e outros tantos homens de pé eſcuda-

dos. El Rey aſſentou ſeu arraial, e começou a combater com todo genero de artificios, e engenhos, a que chamavaõ trons, com que atiravaõ grandes pedras; a que tambem os de dentro reſpondiaõ com outras: e aſſi ouve muitas eſcaramuças. E vendo os de dentro huma taõ grande baſtida, que el Rey mandou fazer de muitos ſobrados, em que hiaõ os béſteiros, a qual ſe movia por carros, e engenhos, ſendo mui alta, e de grande largura, receando que a Villa podeſſe ſer entrada, mandaraõ dizer a Joaõ Fernandez Pacheco lhe foſſe falar; e el Rey o mandou: e chegando á barbacaã, e Alvaro Paes ao muro, falaraõ de vagar, e naõ ſe concertaraõ ſobre a entrega da Villa. Neſſe dia ouve huma eſcaramuça mais para ver, que as que até alli eraõ paſſadas; porque duas molheres bravas, huma do arraial, e outra da Villa, ſe deſafiaraõ, e vieraõ aos cabellos: e por fim venceo a do arraial, como mais coſtumada a andar na guerra.

Neſte meio tempo chegou a Rainha a Monçaõ, tres legoas de Melgaço: vinhaõ com ella o Doctor Joaõ das Regras, Joaõ Affonſo de Sanctarem, e outros cavaleiros: dahi ſe veio ao Moſteiro de Feaés, huma legoa de Melgaço. Ao arraial chegou o Conde D. Gonçalo, e Joaõ Rodriguez Pereira; e eſcaramuçaraõ os do Conde com os da Villa, e foraõ feridos de ambas as partes, e nenhum morto. A aquelle tempo veio recado a el Rey que a Villa de Salvaterra, que lhe deu D. Pedro de Caſtro, hum tabaliaõ do lugar, e dous homens de armas a deraõ a Payo Sorodea. El Rey mandou logo lá o Prior D. Alvaro Gonçalvez com muita gente, mas naõ aproveitaraõ nada: e querendo el Rey mudar o artificio da baſtida para proſeguir o combate de Melgaço, mandou chamar a Rainha, para que a vieſſe ver como ſe entregava. E a huma

ma ſegunda feira, que eraõ tres dias de Março, deſpois de comer, mandou el Rey que abalaſſe á baſtida com ſeus engenhos contra a Villa, e ſe moveo com grande força de gente, e andou dezoito braças. Após ella moveo huma ala, e deſpois outra, e eſtiveraõ ambas arredadas do muro. Deſpois moveraõ a baſtida outra vez, e foi bem: e chegou tanto á Villa, que punhaõ hum pé dentro do muro, e outro na eſcada; e ſobio muita gente do Prior primeiro que todos, e mandou el Rey que ſe retiraſſem a fóra. Entaõ ſe fez preſtes para mandar combater, e mandou a dez homens de armas que ſobiſſem no mais alto ſobrado, onde hiaõ as pedras de maõ, e moveo tudo juntamente, as eſcadas, e a baſtida, em que hiaõ os homens de armas, e béſteiros. Da baſtida ſahiraõ homens com groſſos paos, que acoſtavaõ ao muro, e punhaõ tantos delles, que ficavaõ emparados os debaixo das pedras, e fogo, que de cima do muro lançavaõ; mas os de baixo lançavaõ muitas pedras aos de dentro, por naõ terem defenſaõ. E enfadados os da Villa, mandaraõ outra vez pedir a el Rey lhes mandaſſe falar; e tornou lá a iſſo o Prior, naõ querendo el Rey conſentir em avença alguma, ſendo couſa que aos outros lugares concedia benignamente; mas queria tomalos por força, para ſe vingar de algumas palavras deſcortezes, que contra elle tinhaõ dito: e ſobre iſſo ouve altercaçaõ entre el Rey, e os ſeus. Joaõ Rodriguez de Sá diſſe a el Rey, que lhe parecia bem fazerlhe partido, pois o cometiaõ; porque, tomandoos por força, lhe podiaõ matar algum homem, com que foſſe anojado. El Rey lhe diſſe com ira, que quem tiveſſe medo, naõ entraſſe na eſcala. Eu, ſenhor, diſſe Joaõ Radriguez de Sá, naõ no tenho, ſe dizeis iſſo por mim: mas cuido que

nunca me conhecestes por tal. Nem eu (disse el Rey) o digo por vós; mas digoo, porque os tenho já por rendidos. A gente miuda, com dezejo de roubar, queriaõ qne perseverasse até tomar a Villa por força. Os nobres estavaõ por Joaõ Rodriguez. Em fim el Rey consentio na entrega a partido; e tornou lá o Prior, o qual assentou com elles, despois de muitas razoẽs, que dessem a Villa, e o castello, e elles sahissem em calsas, e giboẽs, sem outra cousa. Desta maneira foi dada a Villa de Melgaço, avendo sincoenta e tres dias que estava cercada. Dada a Villa por esta maneira, correo nova polo arraial que todos os cercados aviaõ de sahir despidos com suas varas nas maõs. Os moços, sem lho alguem mandar, ouvindo aquillo, foraõ colher varas, e cada hum trouxe seu feixe, e pozeraõse á porta da Villa, para, quando os cercados sahissem, lhas meterem nas maõs a cada hum. Nisto, primeiro que todos, sahio hum mancebo pouco mais de vinte annos, e chegou onde el Rey estava: e, posto de joelhos diante delle, disse que elle era hum fidalgo, que viera áquelle lugar per servir a el Rey seu senhor, cujo vassallo era: e por sua desaventura, sendo aquellas as primeiras armas, que tomara para o servir, via que lhe era forçado perdelas, segundo o que com os da Villa sua Alteza tinha tratado, que era a cousa de maior tristeza para elle de quantas lhe poderaõ acontecer, naõ por a perda das armas, que sua valia era pouca, mas porque lhe parecia que já com outras naõ averia nenhum bom acontecimento, se aquellas, que primeiro vestira, as perdesse de tal maneira. Por tanto lhe pedia por mercê lhas mandasse tornar: e quereria Deos que ainda lhe fizesse com ellas tal serviço, salva a honra del Rey seu senhor, e sua lealdade: com que as

ou-

ouvesse nelle por bem empregadas. El Rey, em que avia muita humanidade, e cavallaria, vendo a boa indole daquelle mancebo, mandou que suas armas lhe fossem tornadas; e naõ se achando, lhe dessem quaes elle escolhesse: e assi só elle sahio armado. Ao outro dia foraõ lançados todos fóra despidos em calsas, e em giboẽs: e os moços, naõ entrando aquillo no partido, metiaõlhe a cada hum sua vara na maõ, e elles as tomavaõ; e alguns por graça diziaõ aos que lhas davaõ: Rogote que me dês huma bem direita, e boa. Assi ouve el Rey a Villa, e o castello, de que deu a Alcaidaria a Joaõ Rodriguez de Sá: e partindo com a Rainha, tornou a Monçaõ.

CAPITULO LXXIV.

Cérca el Rey, e toma a Villa de Campo Maior. Dá huma sentença mui rigoroza. Cérca, e toma a Cidade de Tuy em Galiza.

DE Monçaõ partio el Rey para Lisboa, aonde deixou a Rainha, por ir cercar Campo Maior, huma boa Villa entre Téjo, e Guadiana, que estava por el Rey de Castella, e nella por Alcaide Gil Vasques de Barbuda, primo de Martim Anes de Barbuda Mestre de Alcantara. E chegando a Estremoz, ouve conselho de cercar primeiro Olivença, que tinha Pedro Rodriguez da Fonseca Portuguez por el Rey de Castella. Sabendo Pedro Rodriguez a determinaçaõ del Rey, fezlhe a saber que queria ser seu, e fazerlhe omenagem do lugar. El Rey mandou lá Affonso Vasquez Correa Commendador da Hortalagoa, e Gonçalo Lourenço Escrivaõ da Puridade, para firmarem com elle o que lhe mandara dizer: e elle, feitos taes

pro-

prometimentos, sem vontade de os guardar, se tornaraõ a el Rey, assi como foraõ. El Rey partio logo, e foi cerçar Campo Maior, e chegou sobre o lugar a quinze dias do dito mez de Setembro. Estando sobre elle, o Infante D. Joaõ veio a Olivença; e Pedro Rodriguez o recebeo na Villa, e faltou na palavra, que deu a el Rey; porque elle naõ fez a promessa senaõ fingidamente, por lhe estorvar que naõ viesse contra elle. Por este tempo veio a Badajoz muita gente com os Mestres de Sanctiago, e Calatrava, e de toda a Andaluzia. E sabendo Martim Affonso de Mello da vinda destas gentes, partio do arraial á meia noite, e foisse lançar em silada huma legoa de Badajoz: e como a alva veio, pos-se em atalaia. E em amanhecendo vio vir oitenta de cavalo, que sahiraõ da Cidade, e hiaõ ver o arraial: e tornandose, se foi a elles de rosto; e os Castelhanos começaraõ a fugir, e derribou alguns delles, e os outros se acolheraõ á Cidade: e os que derribou, trouxe prezos, de que soube que a gente, que era entrada, fazia numero de duas mil lanças.

El Rey mandou preparar seus engenhos, e artificios para tomar a Villa: e foilhe dito que os de Olivença queriaõ ir dar nos da guarda da erva entre ambos os lugares; e el Rey foi lá com parte da sua gente, para pelejar com elles, e naõ quizeraõ vir. Dalli se partiraõ alguns, e foraõ contra Badajoz, para escaramuçar com os contrarios: e na escaramuça foraõ mortos, e feridos alguns da Villa. Dos Portuguezes morreo Antaõ Vasquez de Almada, que era hum mui esforçado cavaleiro, de cuja morte el Rey ficou muito pezaroso, porque foi sempre delle mui bem servido. El Rey se tornou para seu arraial; e Martim Affonso foi correr Albuquerque, e ficou meia legoa da Cidade

em

em ſilada: e mandou alguns que foſſem correr ao redor, ſendo tempo de vendima, e lhe trouxeraõ novas, que áquellas horas entrára Garçia Gonçalvez de Grijalva, e ſeu irmaõ Fernaõ Garcia dentro na Villa com algumas lanças, que com os da Villa faziaõ todas duzentas e vinte; e Martim Affonſo tinha ſetenta: e dando Garcia Gonçalves nos que Martim Affonſo mandara, e correndo com elles, ſahio Martim Affonſo da ſilada: e Garcia Gonçalvez naõ ſe atrevendo a eſperar, deu logo volta, e foraõ grande parte dos ſeus mortos, e prezos. Mas ſahio Affonſo Perez Sarrazinho de traveſſa, e encontrou Martim Affonſo, e deu com elle em terra, e foi ferido em huma maõ: e por eſſa cauſa eſcapou Garcia Gonçalvez de ſer morto, ou prezo. Martim Affonſo todavia trouxe cavalgada de prizioneiros, dos quaes era hum ſobrinho de Garcia Gonçalvez; e com elles ſe tornou ao arraial.

Entretanto el Rey combateo o lugar, tendo já a cava entupida. E indo ceros homens na eſcalla, a mandou arrimar a huma torre já começada a derribar; e quebrando a eſcalla ferio muitos, ſem morrer algum. El Rey ouve grande deſprazer, pola detença de fazer outra, que foi de quinze dias. E acabando com ella, foi a Villa entrada por força aos treze dias de Outubro do dito anno de 1388: os que nella eſtavaõ ſe acolheraõ ao caſtello; mas o Alcaide, que ſe naõ podia defender, avendo dezoito dias que a Villa fora entrada, ao primeiro dia de Novembro cometeo a el Rey que, ſe dentro de trinta dias el Rey de Caſtella o naõ ſocorreſſe, lhe entregaria o caſtello. Para iſſo poz em arrefens hum ſeu filho, que chamavaõ Vaſco Gil: e naõ lhe vindo o ſocorro, entregou o caſtello, que el Rey deu a Martim Affonſo: e

par-

partindo dalli, veio a Lisboa fazer Cortes.

Estando el Rey em Lisboa, aconteceo em casa del Rey hum caso digno de se notar. E foi que entre as molheres, que em casa da Rainha Dona Philippa andavaõ, era huma muito fermosa, e muito nobre, a quem el Rey fazia muitas honras, e dava mais moradia, que ás outras Damas; porque onde as outras tinhaõ por mez cento e sincoenta livras, tinha ella mil: com esta Dona, que era viuva de hum Titulo muito honrado, veio a ter amores hum Fernando Affonso Camareiro del Rey, irmaõ de Joaõ Affonso de Sanctarem; ao qual, por ser mui gentilhomem, e avizado, e ter outras boas partes, era el Rey mui affeiçoado. E sendo el Rey na criaçaõ dos seus, e governo de sua casa mui atentado, e muito mais na honestidade das molheres, que serviaõ a Rainha, com as quaes naõ consentia conversaçaõ, nem joguetes, ainda que fossem despozados, tendo sospeita destes amores, amoestou a Fernando Affonso que se apartasse delles, e que lhe faria nisto a vontade; e que doutra maneira se perderia com elle: e isto lhe disse algumas vezes. Hum dia pedio Fernando Affonso licença a el Rey para ir em romaria a Guadalupe; e os dias, que nisso podia tardar, esteve escondido na pouzada daquella senhora. E huma tarde fingio que vinha da romaria; e el Rey o entendeo, e dissimulou, e naõ lho deu a entender: e falou como a homem, que vinha da romaria.

Crecendo a fama do que Fernando Affonso fazia, lhe mandou el Rey que se fosse de sua casa, e naõ apparecesse mais nella, nem diante delle. Fernando Affonso, em vez de se ir do Paço, meteuse mais nelle, encerrandose na pouzada da mesma senhora: el Rey, que sobre elle trazia espias, mandouo chamar a casa pola sésta: e dizen-

dolhe

dolhe o meſſageiro que o naõ achava, diſſelhe el Rey, que em caſa de fulana o acharia; e ſendo chamado, veio de lá ante elle, ficando maravilhado como ſe ſoubera onde eſtava, cuidando que a cegueira que avia nelle, podia aver nos que naõ tinhaõ ſua affeiçaõ: e poſto que vieſſe de mámente, a grande confiança que tinha no muito favor, que el Rey lhe moſtrava, lhe fez perder o medo. El Rey como Fernando Affonſo foi na camara, mandou chamar o Corregedor da Corte, e lhe diſſe que o mandaſſe á cadea. O Corregedor, como Fernando Affonſo era homem de tanta qualidade, e privado del Rey, o levava conſigo praticando, crendo que era alguma couſa leve; e decendo do Paço, indo perto da porta Dalfofa, Fernando Affonſo lhe fugio com muita ligeireza, e ſe meteo no Moſteiro de Sancto Eloy, que ahi eſtava perto; e fechando ſobre ſi as portas, o Corregedor ficou de fóra, que logo o foi dizer a el Rey. O qual ſe teve por mais eſcarnecido, que o meſmo Corregedor. Polo que acezo em ira, pela metade da ſéſta, aſſim como eſtava cuberto com hum manto, no coſtume daquelle tempo, e meio calçado, á pé, e deſacompanhado, ſalvo de alguns moços da camara, e dous, ou tres eſcudeiros, que áquellas horas ahi ſe acharaõ, ſe foi áquella Igreja, levando já alguns mais conſigo, que pelo caminho ſe lhe ajuntaraõ: e Fernando Affonſo foi levado prezo de maneira que naõ fogiſſe. E naquelle dia mandou elle dizer a aquella meſma ſenhora, ſe lhe aprazia que diſſeſſe que era ſeu marido, por eſcapar da ira del Rey? ella lhe mandou dizer, que por qualquer via, que elle entendeſſe podia eſcapar, o fizeſſe. Entaõ ſe começaraõ ambos a chamar marido, e molher: paſſado hum dia, ao ſeguinte mandou el Rey ás Juſtiças, que o levaſſem

a queimar, com pregaõ ao Rocio. A Rainha, e todos os fidalgos da Corte o pediraõ a el Rey, o qual a todos respondeo com asperas palavras, que o naõ avia de fazer. Com tudo isso taõ confiado era Fernando Affonso na bona vontade del Rey para com elle, que lhe parecia, indo naquelle estado, que aquillo era fingido para terror seu, e olhava, quando o levavaõ para as janellas do Paço, esperando se o mandāva el Rey tornar dalli. E a todos que prezentes eraõ, a que a miseria daquelle caso magoava, parecia o mesmo. E porque el Rey sospeitou o porque se detinhaõ, mandou que lhe dessem o fogo logo: e assi morreo Fernando Affonso por violar a casa de seu senhor, que ouvera de guardar, cuja morte poz espanto em todos os criados del Rey. Aquella senhora cuidou tambem ser participante na pena, como o foi na culpa: e trabalhou por saber del Rey o que determinava fazer della. El Rey a lançou de casa, e ella se foi para Castella a casa de sua mãi.

De Lisboa partio el Rey para entre Douro, e Minho, onde achou Embaixadores del Rey de Castella, sobre assentar tregoas por alguns mezes, em quanto se falava em outras cousas. E acabado o tempo dellas, el Rey se determinou em cercar a Cidade de Tuy em Galiza. E a causa porque se moveo a isso foi, porque Payo Sorodea cavaleiro Galego, que no lugar estava para o defender, mandou dizer a el Rey, que queria ser seu, e que fosse áquella Cidade, e que lha entregaria logo: o que elle fazia com engano, para o acolher dentro. E alguns diziaõ, que el Rey de Castella era sabedor deste engano. El Rey cuidando que o Alcaide lhe falava verdade, moveose a ir sobre a Cidade; e vendo que o Gallego o enganára, determinou de aver a Cidade por força, e poz cerco

so-

ſobre ella, e começoua a combater com baltidas, mantas, e artificios; e para a Rainha ver como ſe combatia, mandou que vieſſe do Porto, onde eſtava. Naõ deixaraõ de aver eſcaramuças, em que ouve mortos, e feridos de huma parte, e outra. Eſtando el Rey combatendo, ouve novas como el Rey de Caſtella ajuntava gentes, para vir deſcercar a Cidade, e á preſſa mandou chamar o Condeſtabel, que andava em Alentejo, e alguns fidalgos da Eſtremadura, e ajuda da Cidade de Lisboa, e do Doctor Joaõ das Regras, que avia hum mez cazara em Coimbra com huma filha de Martim Vaſques da Cunha; e armadas mui preſteſmente ſeis galés, embarcaraõ nellas, e em quatro dias vieraõ a Tuy. Mas as novas naõ eraõ como as contavaõ. Porque el Rey de Caſtella eſtando em huma Aldea, que chamaõ Soutos Alvos, tres legoas de Segovea, ſoube como el Rey de Portugal lhe tinha cercada ſua Cidade, e quizeralhe ſocorrer: mas porque carecia de bons Capitaens, e de gentes de armas, por as perdas paſſadas, deixou de vir. E por naõ parecer que deſemparava a Cidade, mandoua ſocorrer por D. Pedro Tenorio Arcebiſpo de Toledo, e Martim Anes de Barbuda Meſtre de Alcantara, ambos Portuguezes, que ſe ajuntaſſem com D, Joaõ Garcia Manrique Arcebiſpo de Sanctiago. Mas el Rey combateo a Cidade de maneira, que ſe lhe deu, e Payo Sorodea ſe fez ſeu vaſſalo. Mas logo faltou na palavra, e ſe foi para Caſtella, e el Rey deu o caſtello a Gonçalo Vaſques Coutinho.

CAPITULO LXXV.

Capitúla tregoas el Rey de Castella com o de Portugal: morre o de Castella: succedelhe el Rey D. Henrique, e faz novas tregoas com Portugal.

EStando el Rey em Braga, os Embaixadores de Castella Fr.Fernando de Ilhescas Frade de S. Francisco, Confessor del Rey, e os Doctores Pedro Sanchez, e Antaõ Sanchez trataraõ com elle sobre avenças, e tregoas: e concordaraõ que, por parte del Rey estivesse o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camello, e Lourenço Anes Fogaça Chançarel mór. Nas cartas, e procuraçoẽs chamava el Rey de Portugal ao de Castella, o seu adversario de Castella: el Rey de Castella nas suas cartas chamavase Rey de Castella, e de Leaõ, e de Portugal, e os sellos eraõ das armas de Portugal, misturadas com as de Castella. Estes Embaixadores se foraõ a Monçaõ de riba do Minho, e alli acordaraõ tregoas entre estes dous Reys, assi por mar, como por terra: e entre seus aliados, a saber, el Rey de França, e o de Escocia por parte de Castella, e el Rey de Inglaterra aliado de Portugal, se nestas tregoas quizessem vir: e isto por seis annos, cumpridos os tres, que antes disto el Rey de França, e o de Inglaterra, por si, e por seus aliados aviaõ concordado, em que entravaõ el Rey de Castella, e o de Portugal, se em ella quizesse ser, e por outros tres além destes, com certas condiçoẽs, das quaes foi huma, que el Rey de Portugal deixasse a el Rey de Castella Tuy, que lhe avia tomado, e Salvaterra de Galiza. E el Rey de Castella largasse ao de Portugal Olivença, e

Mer-

Mertola; e em Riba de Coa Caſtel Rodrigo, e Caſtel Mendo, Caſtel Melhor; e que Miranda, e o Sabugal, que el Rey de Caſtella mais tinha, ficaſſem em poder do Prior, como fiel deſtes negocios, para que fazendoſe guerra entre Portugal, e Caſtella, naõ fizeſſe delles guerra a nenhuma parte, e outras condiçoens, com que foraõ firmadas as tregoas aos 29 de Novembro de 1389.

No anno ſeguinte de 1390 fez el Rey de Caſtella Cortes em Guadalajara, nellas lhe foi dito por alguns Procuradores das Cidades, que as tregoas que fizera com Portugal, foraõ feitas com muito pouca honra ſua, principalmente em dar tantos lugares, que tinha de Portugal por dous, que el Rey de Portugal lhe tinha tomado. A iſto reſpondeo el Rey que naõ entendiaõ bem o conſelho, que niſſo tivera. Porque com manter aquelles lugares, ſentia tal gaſto, e enfadamento, que ſe de graça os mandaraõ pedir, os dera. E que as tregoas fizera elle, por ver ſeus póvos mui gaſtados com tantas peitas, e que tiveraõ tantas perdas, que era neceſſario tomarem folego, para outra vez fazer a guerra. E que além diſſo eſtava falto de gentes de armas, e Capitaẽs para emprender couſa de ſua honra: e que eſperava em Deos, acabadas as tregoas, tornar por ella como veriaõ, e de feito ſeus dezejos eraõ vingarſe: e para iſſo buſcava já maneiras, como foi a ordem, e diviſa, que tinha ordenada para certos cavaleiros, que era hum colar de raios do ſol, e em elle huma pomba branca; e outra diviſa da Roza, que fez para eſcudeiros, com certas condiçoẽs de feitos de armas, em que primeiro ſe aviaõ de provar. E para ter gentes, perdoou a todos os omiziados, e malfeitores do Reyno, tirando ao Conde de Gijon ſeu irmaõ, que tinha prezo.

Tan-

Tanto era o dezejo, que el Rey de Castella tinha de aver o Reyno de Portugal, e ser senhor delle, que se determinou em deixar o Reyno de Castella. E antes que começasse as Cortes, chamou alguns grandes de seu conselho em grande segredo, e lhes disse que avia alguns annos, que elle trazia na vontade de deixar seus Reynos ao Infante D. Henrique seu filho em sua vida, ficandolhe a elle sómente as Cidades de Cordova, e Sevilha, e o Bispado de Jaen, com toda a frontaria, e as terras do Reyno de Murcia, e senhorio de Viscaia, e as rendas das terças das Igrejas, que o Papa lhe dera: e que tudo o mais fosse do Infante seu filho, e que se chamasse logo Rey de Castella, e de Leaõ. E que as razoẽs que o moviaõ eraõ, que os Portuguezes lhe disseraõ sempre, que o naõ haviaõ de ter por seu Rey, por senaõ unirem os Reynos de Portugal com os de Castellá; e que tomando elle as rendas sobreditas, e dando a seu filho os Reynos, se chamaria elle sómente Rey de Portugal, e traria as armas de Portugal direitas sem mistura. E que quando os Portuguezes vissem que tinhaõ Rey seu particular, se chegariaõ a elle, e lhe obedeceriaõ. A esta pouco prudente determinaçaõ, responderaõ os do conselho por muitas, e bem fundadas razoẽs, como o naõ devia, nem podia fazer.

A todos estes pensamentos interrompeo a improvisa morte del Rey; porque estando em Alcalá de Henares, vieraõ a elle sincoenta cavaleiros Christaõs, que viviaõ em Marrocos, daquelles que no tempo que os Mouros ganharaõ Hespanha, por rogo do Conde Juliaõ foraõ mandados a Marrocos por o Miramolim; e estes se chamavaõ Farfancos, os quaes el Rey mandara vir com suas familias, para lhes dar terras em seus Reynos. E

hum

hum Domingo, que foraõ nove dias de Outubro daquelle anno de 1390 acabada a Miſſa, cavalgou el Rey em hum cavalo, e com elle o Arcebiſpo de Toledo, e muitos ſenhores, e ſahio para ver aquelles cavaleiros, que com ſuas molheres, e filhos vinhaõ entaõ de caminho; e ſahindo da porta, que chamaõ de Burgos, arremeçando o cavalo para correr huma carreira, tropeçou no meio della, e o cavalo o tomou debaixo de maneira, que lhe quebrou todo o corpo, e logo alli eſpirou, ſendo de idade de trinta e dous annos; e aſſi ceſſaraõ todas ſuas pertençoẽs.

Acabada a tregoa dos tres annos, que era aſſentada entre el Rey de Portugal, e o de Caſtella, ſendo o anno de 1393 ficou el Rey de Portugal de guerra com el Rey D. Henrique, ſucceſſor do Reyno de Caſtella, a que ficaraõ por Tutores pelo teſtamento de ſeu pai D. Pedro Tenorio Arcebiſpo de Toledo, D. Joaõ Garcia Manrique Arcebiſpo de Sanctiago, e D. Gonçalo Nunez de Guſmaõ Meſtre de Calatrava, e Joaõ Furtado de Mendoça ſeu Mordomo mór. E tendo já deixado o titulo de Rey de Portugal, que ſeu pai tomara, de conſelhos dos ditos Tutores, e dos grandes do Reynos, e procuradores de quatro Cidades, que em ſeu conſelho andavaõ, vendo os grandes males, que o Reyno de Caſtella padecera nas guerras paſſadas, que tivera em Portugal; e que a cauſa que ſeu pai tinha, naõ avia lugar nelle, por naõ ſer filho da Rainha Dona Britis, mandaraõ a el Rey de Portugal por ſeus Embaixadores o Biſpo de Siguença D. Joaõ, e Pedro Lopez de Ayala, Alcaide mór de Toledo, e o Doctor Antonio Sanchez, a tratar de pazes, e concertos. El Rey ordenou por ſua parte o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camelo, e o Doctor Joaõ das Regras, que trataſſem

com

com elles por sua parte: os quaes assentaraõ entre si pazes por quinze annos, com certas condiçoẽs. Huma dellas era que de hum Reyno a outro se naõ fizesse guerra por mar, nem por terra, nem se tomassem, nem roubassem Villas, Cidades, nem castellos. A outra condiçaõ foi que todos os prizioneiros, que em cada hum dos Reynos estivessem por causa de arrefens, ou por suas redempçoẽs, fossem livremente soltos do dia da confirmaçaõ das tregoas a seis mezes seguintes: e que para esta soltura se effeituar, fossem escolhidos vinte e seis Religiosos da Ordem de S. Domingos, oito Castelhanos, e oito Portuguezes, que andassem por Castella buscando os prizioneiros, para os fazer soltar. E em Portugal fossem oito da Ordem de S. Francisco, quatro Castelhanos, e quatro Portuguezes; e que naõ querendo dalos os que os tivessem prezos, elles se socorressem ás justiças para lhos fazer entregar. E naõ o querendo fazer, se socorressem a el Rey. E o que assi naõ cumprisse, pagasse mil dobras cruzadas por cada prizioneiro. Em outro capitulo se continha, que por quanto em humas tregoas de certos mezes, e dias se fizeraõ roubos, e males de hum Reyno a outro, que se puzessem Juizes de huma parte, e outra, que conhecessem dos taes danos, e dessem sentenças no caso, como fosse justiça. E que as dadas contra os naturaes de Castella, el Rey as mandasse executar por Juiz, que para isso daria, e o mesmo seria em Portugal; e que naõ fazendo as ditas execuçoẽs, se podesse fazer tomadia nos bens dos subditos da parte negligente. E para mais firmeza deraõ em arrefens por parte de Castella doze filhos de homens fidalgos principaes, e por parte de Portugal seis, a fóra filhos de pessoas honradas, e Cidadaõs, que tambem se deraõ. Estes

todos

todos ſe auiaõ de pôr em Portugal em poder do Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camelo, como deſpois os teve no caſtello de Sanctarem. E eſtes arrefens ſe aviaõ de mudar de quatro em quatro annos, ſubſtituindo outros taes em lugar dos que tiraſſem, por naõ ſer ſofrivel que eſtiveſſem em huma eſpecie de cativeiro os meſmos tanto tempo como ſaõ quinze annos. Dos doze Caſtelhanos nobres, que ſe deraõ a principio em arrefens, foraõ hum filho baſtardo do Conde de Niebla, que chamavaõ Pedro Tenorio, ſobrinho do Arcebiſpo de Toledo, Joaõ de Arelhano ſobrinho do Arcebiſpo de Sanctiago, filho de ſua irmaã Dona Tareja Sueiro, hum ſobrinho do Meſtre de Sanctiago, hum ſobrinho do Meſtre de Calatrava filho de ſeu irmaõ Alvaro Nunez de Guſmaõ, Inigo de Mendoça filho de Joaõ Furtado, hum filho de Diogo Fernandez Marichal de Caſtella, hum filho de Sancho Fernandez de Tovar, hum filho de Joaõ Gonçalvez de Avelhaneda, hum filho de Martim Fernandez PortoCarreiro. Os ſeis fidalgos de Portugal foraõ hum filho do Meſtre de Aviz, hum filho de Gonçalo Vaſques Coutinho, Rodrigo Affonſo Pimentel filho de Joaõ Affonſo Pimentel, ſenhor de Bragança, hum filho de Gonçalo Vaſquez de Mello, hum filho de Fernaõ Dalvarez de Almeida Veedor del Rey, a fóra alguns filhos de Cidadaõs.

Pregoadas as tregoas, todos ós prezos, que em Portugal eſtavaõ de Caſtella, foraõ logo ſoltos: mas naõ foi aſſi em Caſtella, principalmente na Andaluzia; porque a huns eſcondiaõ, para que ſe nõ podeſſem deſcobrir; a outros, que achavaõ, naõ queriaõ ſoltar; outros traſpaſſaraõ ao Reyno de Aragaõ, e a outras partes, a fóra muitos, que morreraõ de má vida, e deſamparo. Além diſto os

meſmos Religioſos foraõ maltratados em alguns lugares; de que ſe queixaraõ a el Rey de Caſtella. Aõ que el Rey ſatisfazia com cartas, que mandava; mas os Religioſos tornaraõ, faltando por entregar cem priſioneiros. Além diſſo as ſentenças dos letrados, que el Rey de Portugal mandou á arraia de Caſtella, entre Caſtello Rodrigo, e S. Felizes, porque condenaraõ aos naturaes de Caſtella em quarenta mil dobras, naõ ſe davaõ á execuçaõ: polo que el Rey mandou a Caſtella Joaõ de Alpoem ſeu letrado para fazer requerimentos a el Rey ſobre a execuçaõ daquellas ſentenças, e ſatisfaçaõ dos danos, e ſoltura dos prezos, que faltavaõ. Avendo já tres annos, que as tregoas eraõ apregoadas, e que el Rey de Caſtella dilatava a ſatisfaçaõ daquellas couſas, el Rey D. Joaõ lhe mandou dizer, e proteſtar, que ſe ſatisfaria contra elle, como contra parte que naõ cumpria os contratos, e capitulaçoens; e faria penhora nos bens dos moradores de Caſtella, e em ſuas Villas, e Cidades: e diſſo tomou inſtrumentos.

CAPITULO LXXVI.

Falta el Rey de Caſtella ao contrato das tregoas: procura o de Portugal recompenſaçaõ: toma por induſtria a Cidade de Badajoz.

EStando aſſi el Rey de Portugal enfadado do pouco cumprimento, que os Caſtelhanos fizeraõ dos contratos, e capitulaçoẽs das tregoas; e como, conforme ao que aſſentaraõ, el Rey de Caſtella tinha cahido em pena de duzentas e ſincoenta mil dobras; e eſta ſomma era taõ grande, que ſe naõ podia fazer recompenſaçaõ em bens moveis, ſenaõ em alguma Cidade, ou Villa, commu-

municou com Martim Affonſo de Mello ſeu Guarda mór, e do ſeu conſelho, como ſe poderiaõ aver alguns lugares de Caſtella por manha? Martim Affonſo lhe diſſe que, ſe el Rey quizeſſe, elle trabalharia por lhe dar Badajoz, e Albuquerque, ou alguns delles. El Rey lho agradeceo, e rogou o pozeſſe por obra. Martim Affonſo partio logo de Viſeu, onde el Rey eſtava, e veio a Campo Maior, e dalli hia muitas vezes a Albuquerque, que era dahi quatro legoas, ver como ſe velava, e rondava: e viſtas as rondas, tornavaſe ante manhãa a Campo Maior, ſem o acharem menos: Iſto meſmo fazia em Badajoz, que era dahi tres legoas. Na Cidade de Badajoz eſtava omiziado avia muitos dias hum eſcudeiro Portuguez, por nome Gonçalo Anes Caçaõ, natural de Elvas, com ſua molher, e filhos, com o qual Martim Affonſo de Mello tinha muito conhecimento: e determinando de lhe deſcubrir eſte ſegredo, o mandou chamar, rogandolhe que vieſſe a elle, por quanto lhe cumpria muito. Gonçalo Anes lhe reſpondeo, que elle era omiziado; que naõ ſe atreveria ir lá ſem hum ſeu aſſinado, por que o ſeguraſſe; que logo Martim Affonſo ao outro dia lhe mandou. E porque Gonçalo Anes era homem avizado, poſto que naõ ſabia o pera que era chamado, deu conta a Affonſo Sanchez (que era o Principal da Cidade, para ſegurança do que ſe podia ſeguir) como Martim Affonſo o mandava chamar; e que, ſe lhe elle deſſe licença, iria lá; e, doutra maneira, naõ; e Affonſo Sanchez lha outorgou. Gonçalo Anes, por tirar ſoſpeita, lhe pedio licença para levar conſigo hum eſcudeiro Caſtelhano; e ſendolhe outorgado, partiraõ ambos. Chegando a Campo Maior, Martim Affonſo os agazalhou bem; e falando á parte com Gonçalo Anes, lhe deſcobrio como el

Rey dezejava aver Badajoz, e Albuquerque; e a caufa porque. Gonçalo Anes diffe que de Albuquerque naõ prometia nada; mas que a Badajoz lhe daria nas maõs antes de oito dias, fe lhe déffe para effe effeito fincoenta homens de armas, e outros tantos de pé, e huma efcalla qual cumpriffe; para a qual mandaria a medida do muro. Praticado ifto, e faindo para fóra, diffe Martim Affonfo ao efcudeiro Caftelhano que lhe fazia queixume de Gonçalo Anes, que naõ podera acabar com elle que lhe compraffe hum par de bons cavalos. O Caftelhano defculpou Gonçalo Anes, dizendo que, fe tal coufa fizeffe, o enforcariaõ logo em o tomando. Tornados a Badajoz, contaraõ a Affonfo Sanchez como foraõ chamados fobre compras de cavalos. Indo Gonçalo Anes dahi a tres dias verfe efcondidamente com Martim Affonfo, veio encarregado de ver fe podia aver as chaves da Villa, ou a forma dellas em cera para fazer outras, pois o Porteiro era feu amigo. Partido Gonçalo Anes, e imaginando como acommeteria o Porteiro, que era hum homem muito pobre, fingio hum engano; e diffe que elle fabia no termo de Elvas, onde eftava huma cova de trigo em lugar defpovoado, que queria ir lá furtalo; e que feria pera ambos, fe elle quizeffe abrir a porta a horas, que vieffe feguro, fem lho acharem: e como a pobreza inclina os homens, e os perfuade a qualquer roim feito, quando cahe em efpiritos baixos, parecèolhe ao Porteiro que fenaõ dilataffe taõ boa dita como aquella. Ambos concordes nifto, Gonçalo Anes hia, e vinha a Elvas, e Martim Affonfo lhe dava o trigo: e, para mais fegurança de as portas fe abrirem a diverfas horas, ás vezes trazia o trigo a humas horas, hora a outras: ás vezes dizia Gonçalo Anes ao Porteiro que traria

ria as beſtas até á cerca velha, e que dalli as levaſſe elle. E aſſi ſe fazia, cuidando o Porteiro que Deos lhe vinha a ver. Uzando deſta manha Gonlo Anes foi a Evora dizer a Martim Affonſo como tinha á porta preſtes: e por Martim Affonſo ſer ido a receber ſua eſpoſa filha de Joaõ Affonſo Pimentel, naõ pode entaõ ſer.

Dilatandoſe a execuçaõ deſte negocio da tomada de Badajoz, que já eſtava preparada, como a occaſiaõ he precípite, e ſe quer logo tomada, aconteceo, que andando Gonçalo Anes pola praça de Badajoz, eſtando os Principaes em conſelho, foi chamado delles, e lhe diſſeraõ que os ſenhores, que alli eſtavaõ, acordaraõ que elle ſe foſſe fóra daquella Cidade, e naõ tornaſſe mais a ella, porque tinhaõ ſoſpeita que a podia dar a el Rey de Portugal. Gonçalo Annes lhes reſpondeo, que aquillo era falſo teſtemunho, que lhe aſſacavaõ, porque queriaõ mal aos Portuguezes: e, que pois ahi avia aſſás fidalgos, e eſcudeiros, lhe certificaſſe hum que tal couſa era verdade; e que elle ſe mataria com elle, quer a pé, quer a cavalo, logo antes que comeſſe, nem bebeſſe. E foilhe reſpondido que naõ avia quem ſe pozeſſe a tal aventura. Entaõ diſſe Gonçalo Anes que, pois por feito de armas naõ queriaõ experimentar a verdade, pozeſſem dous eſteios em huma praça, e em hum o ataſſem a elle; e no outro quem lhe aquillo aſſacava, e lhe puzeſſem o fogo; e que Deos moſtraria quem dizia verdade. Elles reſponderaõ o meſmo, e que com tudo iſſo naõ ſe tirava a ſoſpeita, que delle tinhaõ; e que ſe foſſe logo da Cidade. Por mais que Gonçalo Anes ſe queixou, nenhuma razaõ lhe valeo, nem para o deixarem eſtar no arrabalde. Entaõ mandou a molher, e filhos para Elvas: e elle por diſſimular como omi-

ziado,

ziado, se foi a Sevilha, onde se mostrava aos que hiaõ de Badajoz.

Tanto que Gonçalo Anes soube que Martim Affonso era vindo a Evora, foi logo verse com elle: e mostrandose Martim Affonso pezaroso de elle ser desterrado de Badajoz, porque já naõ poderia effeituar o que começara, Gonçalo Anes disse que, sem embargo disso, iria lá: e parecendo a Martim Affonso que o prenderiaõ, e com tormento confessaria o segredo daquelle negocio, elle o assegurou que nenhum tormento bastaria para isso: e que, se em Badajoz entrasse, se concertaria com o Porteiro; e como Martim Affonso soubesse que elle lá era, se partisse para Campo Maior. Gonçalo Anes se foi a Badajoz, e andava pola Cidade conversando com seus amigos como antes. A cabo de alguns dias, ajuntandose os da governança da Cidade em huma certa casa, chamaraõ Gonçalo Anes, e lhe fizeraõ perguntas, porque razaõ contra seu mandado tornára á Cidade, donde como sospeito fora lançado? Ao que respondeo que já dissera que se mataria com quem dissesse que elle daria aquella Cidade a el Rey de Portugal, e assi o faria áquella hora: e que a causa de sua vinda fora arrecadar dinheiro de certo paõ, que vendera quando o lançaraõ da Cidade, cuidando que lhe desem logo o dinheiro, e que lho naõ tinhaõ ainda dado; e que ahi estava para fazerem delle toda a justiça. Entaõ lhe mandaraõ que se fosse logo, e naõ tornase mais. E assi se despedio mui amigo do Porteiro, a quem fez queixume da falsa sospeita, que tomaraõ delle; mas que naõ deixaria de trazer as bestas com o trigo de noite, e que tomase delle o que ouvesse mister; e que do outro lhe fizese dinheiro, porque o naõ ouzava levar a outra parte, por naõ se saber donde o trazia.

Gon-

Gonçalo Anes foi outra vez a Evora a verse com Martim Affonso de Mello; e porque o vio nisto mais frio, do que elle quizera, e porque tinha neste negocio metido muito cabedal, arriscandose a tantos perigos, escreveo huma carta a el Rey, que já estava em Sanctarem, como tinha tudo prestes: e que, pois Martim Affonso tardava, lhe naõ pozessem a elle culpa, se a Cidade senaõ cobrasse. El Rey escreveo logo ao Condestabel, que estava em Arrayolos, e com o qual Gonçalo Anes tratou em que lugar se ajuntaria a gente. Entaõ partio Martim Affonso para Campo Maior, e levou huma noite comsigo Rodrigo Affonso de Brito seu tio, e lhe foi mostrar por onde avia de escalar o castelo de Albuquerque; para o que foi falar com Vasco Lourenço Meirinho a Guadiana, dizendolhe como tinha determindo de tomar aquelles dous lugares; que se achasse com elle, sómente com os criados, de que mais fiasse, na noite, que lhe faria a saber, assinandolhe o lugar em que avia de descavalgar. Gonçalo Anes, que esperava por aquelle dia, foi falar ao Porteiro, dizendo que ao outro dia de madrugada tivesse a porta aberta, e fosse por as cargas de trigo, onde lhas elle sohia trazer. Pola manham foi Gonçalo Anes a pé á porta, e achoua já aberta, e o Porteiro levantado, e disselhe: Andai por aqui, e trareis as bestas com o paõ. E como foraõ ambos na cerca velha, aonde o Porteiro sohia ir polo trigo, disse Gonçalo Anes: Aguardai aqui, e naõ vos bulais em nenhuma maneira; e irei aonde ficou o meu homem com as cargas. Entaõ se foi ao vao do Mouro, donde deixára Martim Affonso de Mello, que já tinha mandado Rodrigo Affonso a Albuquerque com trinta homens de armas, e bésteiros, e homens de pé, e certos escudeiros

aos

aos caminhos, que detivessem os que achassem por elles, por naõ levarem novas. Tambem mandou recado a alguns seus a Elvas, que, como tangessem ás Matinas, fizessem repicar os sinos rijamante, bradando que Badajoz era tomada, que fossem lá todos á pressa. Isto fazia por dous respeitos: hum se tomasse Badajoz, que o ajudassem pola pouca gente que levava: e se o naõ tomasse, tivesse soccorro, se os Castelhanos viessem a elle. E disse mui alegre Gonçalo Anes: Aberta temos a porta, e o Porteiro fóra, onde lhe costumo dar o paõ: daime dez homens de armas á pressa, que se vaõ comigo, e tomarei a porta em quanto vós chegais; porque, se formos todos juntos, podernoshaõ sentir, e seremos descubertos. Entaõ foi diante com aquelles dez homens, e entrou pola porta do rio da cerca velha, e deixouos ao pé da torre de fóra, e foi á porta, e achoua huma sobre a outra, e pozlhes os hombros, e abrio huma dellas. A molher do Porteiro estava detraz em pé; e quando o vio, falou primeiro, e disse: Senhor Gonçalo Anes, venhais em boa hora. Que he feito de meu marido? Lá vem (disse elle) com as bestas carregadas. E em dizendo isto, abrio a outra porta. Ao que a molher disse que naõ abrisse mais. Gonçalo Anes respondeo que as bestas eraõ muitas, e naõ caberiaõ assi. Entaõ o consentio ella: e elle tomou quatro cantos, e encostou dous a cada porta, e pozse sobre o rebate. Nisto se descobriraõ detraz da torre o Capitaõ dos dez homens, e hum homem de pé de Gonçalo Anes. A Castelhana, quandos os vio, apertou as maõs, dizendo: Que cousa he esta, Gonçalo Anes? Entaõ lhe lançou elle maõ da garganta rijo, e mandava que a degolassem. Ella pedio que a naõ matassem, que naõ falaria mais. Alli vieraõ todos os dez, e puzeraõ-

se

ſe entre as portas, as quaes Gonçalo Anes diſſe, que as naõ deſemparaſſem, por cauſa que aconteceſſe: e elle foi rijo chamar Martim Affonſo, o qual entrava já pola porta do rio da cerca velha, apreſſando os ſeus que ſenaõ detiveſſem; e tomou hum, que conhecia, por trombeta, e foraõ ambos diante ſós: e elles, que chegaraõ á porta, começaraõ a dizer de cima: *Armas*, *armas*, *Caſtilha*, *Caſtilha.* A eſte appelidar acudiraõ alguns á porta; e o trombeta começou de tanger, envolvendoſe já huns com os outros, de maneira que ficou a porta ſó, e os dez foraõ acima do muro. Niſto chegou Martim Affonſo com os que levava, ſem achar embaraço algum; e entrando rijo com ſuas gentes, fazendo cada hum o que lhes mandaraõ, aſſi no ſubir do muro, e guarda da porta, como na prizaõ dos principaes da Cidade. O appelido de S. Jorge, e de Portugal era tanto, que fazia grande temor nos que o ouviaõ, e esforço nos que entravaõ a Cidade. Logo chegou Alvaro Coitado com o conſelho de Elvas, aſſi de cavalo, como de pé, e muitas gentes de Olivença, e Campo Maior; e todos ſe apoderaraõ da Cidade, ſem aver mais outra peleja, ſalvo em duas torres, que ſe quizeraõ defender, mas naõ lhes valeo nada. Eſte aſſalto da Cidade de Badajoz foi dia da Aſcenſaõ de noſſo Senhor do anno de 1396. Foraõ alli prezos Gonçalo Gonçalvez de Grizalva Marichal de Caſtella, Affonſo Sanches, e o Biſpo da Cidade: em nenhuma outra peſſoa alguma tocaraõ, nem fizeraõ mal, nem lhe tomaraõ o ſeu, por aſſi lho mandar el Rey.

Como o Condeſtabel ſoube que a Cidade de Badajoz era tomada, foiſe a Elvas, e dahi proveo as gentes, que nella aviaõ de ficar. Rodrigo Affonſo eſcalou Albuquerque, e entrou no caſtello;

e naõ foi aviſado de ir pela eſcala acima, e tomar as torres; e por hum brado, que deu hum velho, que jazia no caracol, quando os ſentio, fogiraõ dezaſeis, que já eraõ em cima; e foraõ á porta da treiçaõ, e quebraraõ os fechos, e ſahiraõ fóra, ſalvos tres, que foraõ tomados, e deitados do caſtello abaixo; e tomaraõlhe as eſcadas, beſtas, e armas, que levavaõ; e aſſi perdeo por pouco tento a Villa de Albuquerque.

CAPITULO LXXVII.

Fazem os Caſtelhanos acometimentos em Portugal: fogem, vindo el Rey contra elles: prende eſte o Prior do Crato.

TOmada a Cidade de Badajoz, logo el Rey mandou dizer a el Rey de Caſtella por Affonſo Vaſques Commendador de Orta Lagoa, que elle naõ tomara Badajoz por quebrar as tregoas que tinha feitas, mas em penhor do que eſtava por ſe lhe reſtituir: e que por iſſo ſoltara as principaes peſſoas, que na Cidade foraõ prezas; mas que, tanto que foſſe reſtituido, lhe entregaria a Cidade. El Rey de Caſtella mandou a Portugal Garcia Gonçalvez de Grizalva, e os Doctores Pedro Sanchez, e Antaõ Sanchez, queixandoſe de lhe ſer tomada a dita Cidade contra os pactos, que tinhaõ feitos. E que elle queria reſtituir, e ſatisfazer o que foſſe obrigado; e ſobre a maneira, que ſe avia de ter na ſoltura dos prezos, e pagamento do que ſe devia aos naturaes de Portugal, e ſobre a entrega da Cidade, foraõ, e vieraõ aquelles embaixadores. O Condeſtabel mandou dizer a el Rey, que ſe guardaſſe del Rey de Caſtella, e ſenaõ fiaſſe delle, porque fazia muito apparato de guerra.

guerra. El Rey lhe reſpondeo que já avia de eſperar a primeira pancada. Eſta foi que el Rey de Caſtella mandou armar certos navios em Viſcaya, que tomaraõ no cabo de S. Vicente duas naos groſſas de Portugal, que do retorno do trigo, que levaraõ a Genova, traziaõ o preço empregado em armas, e muniçoens. Neſta vinda, que os embaixadores de Caſtella vieraõ a el Rey, cometeraõ Martim Vaſques da Cunha, e ſeu irmaõ Lopo Vaſques a el Rey de Caſtella, que o iriaõ a ſervir; do que el Rey de Caſtella ficou mui contente: e aſſi ſe paſſaraõ a elle, cuja ida foi cauſa de tambem ſe paſſarem a Caſtella outros fidalgos principaes ſeus parentes, como adiante ſe dirá.

Como a tregoa foi quebrada, ajuntaraõſe alguns fidalgos Caſtelhanos com boa copia de gentes, de que era Capitaõ D. Ruy Lopes de Avalos, o Condeſtabel de Caſtella, em cuja companhia vinhaõ Martim Vaſques da Cunha, e ſeu irmaõ Lopo Vaſques: e chegando á Cidade de Viſeu, a queimaraõ toda, e em ſua Comarca fizeraõ muito dano. El Rey, que eſtava em Sanctarem, recebeo muito pezar quando o ſoube, e mandou chamar ſuas gentes para ir a elles: e nenhum dos que chamava ſe vinha para elle, e muito menos o Condeſtavel, que del Rey andava aggravado por lhe querer tirar algumas das terras, que lhe dera. Mas ſendo chamado muitas vezes, reſpondeo a el Rey que ſe naõ devia anojar por em ſua terra entrarem aquellas gentes, pois tinha ſenhores, e fidalgos, a que podia encommendar que foſſem contra elles, poſto que elle lá naõ foſſe. Deſta repoſta ficou el Rey mui ſentido, por ſer do mór ſervidor, que tinha, e a que elle fora ſempre mais affeiçoado. Porém o Condeſtabel naõ deixava entretanto de ajuntar ſuas gentes. E mandando el Rey outro ſe-

melhante recado ao Condeſtabel, lhe reſpondeo o meſmo, que de antes. Tendo porém já juntas duas mil e duzentas lanças, aforrado com ſó vinte de mullas, ſe foi ver com el Rey. El Rey ſahio á preſſa ao receber, e o abraçou, e lhe deo conta daquellas gentes. O Condeſtabel lhe diſſe que naõ fizeſſe muita conta dellas, que pera iſſo vinha aſſi a pedir-lhe licença para ir a elles: e ahi deraõ a el Rey novas que eraõ já partidos. Entaõ acordou de entrar por Caſtella, e partio para Coimbra: e ao Conde mandou que foſſe a Evora por ſuas gentes, e tornaſſe a elle logo.

Eſtando el Rey em Coimbra concertando ſua partida com o Condeſtabel, ſoube como o Meſtre de Sanctiago de Caſtella D. Lourenço Soarez de Figueiroa, e os Meſtres de Calatrava, e Alcantara, com muitas gentes da Andaluzia, e das fronteiras, eraõ idos para entre Téjo, e Guadiana, e roubavaõ, e matavaõ, e faziaõ quantos males podiaõ pelos termos de Béja, Moura, Serpa, e pelo Campo de Ourique, até Alcaçar do Sal. Logo el Rey deixou a ida de Caſtella, para a qual eſtava preſtes; e partio de Coimbra com grandes jornadas: e chegando a Monte Argil, teve novas como os Caſtelhanos o dia de antes pela manhãa paſſaraõ o Guadiana pelo porto de Serpa, indo já a ribeira taõ chêa, que lhe ficara grande parte da cavalgada, que naõ pudera paſſar; e, ſe hum pouco mais tardaraõ, naõ acharaõ vao, por a muita agoa do rio, que crecia, e el Rey os achara dentro de ſeu Reyno. Tanta preſſa era porque tiveraõ novas que el Rey hia contra elles. Diſto ficaraõ el Rey, e o Condeſtabel mui anojados, e todos os do exercito. Ao outro dia chegou el Rey a Arrayolos, e ahi moſtrou ao Condeſtabel alguns recados, que lhe mandaraõ das más maneiras, que

D.

D. Alvaro Gonçalvez Camello Prior do Crato, Marichal de ſeu Campo, tinha contra ſeu ſerviço, e que o queria mandar prender: e de feito logo fora prezo, ſe o Condeſtavel o naõ eſtorvara. Ao outro dia foi el Rey a Evora: e viſtas humas cartas, que foraõ tomadas, que el Rey de Caſtella mandava ao Prior em repoſta de outras que lhe mandára, como queria ſer ſeu, e irſe para elle, el Rey o mandou logo prender, e foi entregue a Martim Affonſo de Mello Alcaide mór de Evora. Em Evora fez el Rey alardo, em que achou quatro mil lanças bem concertadas: e querendo entrar em Caſtella, lho diſſuadiraõ, por ſer já tempo de Inverno. Partindoſe para Coimbra, deixou entregue o Prior a Lopo Vaſques Alcaide do caſtello, o qual lhe fugio da prizaõ: e andando pelo Reyno, mandou pedir a el Rey lhe perdoaſſe, e lhe entregaſſe o ſeu. El Rey, como era clemente, o fez aſſi, tirando os caſtellos, que já tinha dados.

CAPITULO LXXVIII.

Paſſaõſe alguns fidalgos Portuguezes para Caſtella, e ahi ſaõ grandes ſenhores. Paſſa el Rey o Minho com perda de muita gente.

TOrnando el Rey a Coimbra, lhe vieraõ novas que Martim Vaſques da Cunha, Joaõ Fernandez Pacheco, e ſeus irmaõs Gil Vaſques da Cunha, Egas Coelho, e Joaõ Affonſo Pimentel eraõ paſſados a Caſtella; e que el Rey D. Henrique cobrara as Villas, e caſtellos, que elles tinhaõ. A cauſa, porque eſtes fidalgos, e Martim Vaſques da Cunha, ſendo taõ leaes ſervidores, ſe paſſaraõ para Caſtella, foi que, como elles fizeraõ

tan-

tantos, e taõ notaveis serviços a el Rey, e á Coroa de Portugal, que sustentaraõ, e defenderaõ taõ esforçadamente, naõ lhes fez el Rey aquella honra, e mercê, que elles mereciaõ, e esperavaõ; e como elles eraõ homens taõ fidalgos, e altivos, tinhaõ olho nas mercês, e favores, que el Rey fazia ao Condestabel D. Nunalvarez, a que naõ eraõ affeiçoados, em cuja comparaçaõ elles se viaõ desestimados, e andavaõ descontentes. Chegavase a isto naõ olhar el Rey de taõ bom rosto a Martim Vasques da Cunha, e aquelles seus parentes desdo tempo das Cortes de Coimbra, em que o elegeraõ por Rey, cuja eleiçaõ ninguem encontrava senaõ Martim Vasques, e aquelles fidalgos de seu bando, clamando sempre que o Reyno se désse ao Infante D. Joaõ, a que de direito diziaõ pertencer. Estes disfavores achavaõ maiores em el Rey, quando já o Reyno era cobrado, e as guerras acabadas, e as pazes quasi feitas ao costume dos mais Reys, que por os seus serviços passados passaõ como cousa naõ devida.

A causa de Joaõ Affonso Pimentel se passar a Castella, teve outra particular razaõ, além da geral de naõ ser elle dos que seguiraõ o bando contra Castella: porque, como está dito, Joaõ Affonso sendo senhor de Vinhaés, e de outras terras, cazou com Dona Joanna Telles de Menezes, irmã bastarda da Rainha Dona Leanor Telles, com a qual lhe deu el Rey D. Fernando em dote a Cidade de Bragança; porque como se rebellou o Conde de Gijon, a que fora dada em cazamento, os moradores de Bragança se queixavaõ de danos que recebiaõ dos seus: polo que foi dada a Joaõ Affonso, para que a ganhasse, e deitasse della as gentes, que nella tinha o Conde: o qual com o favor dos seus parentes, e da Rainha, cobrou

brou a Villa, e ſe apoderou della, e a fortificou: e por o parenteſco, que ſeus filhos tinhaõ com a Rainha Dona Briatis ſeguio as partes del Rey D. Joaõ de Caſtella. Mas vencida a batalha da Algibarrota, e vendo que el Rey D. Joaõ de Portugal eſtava ſobre Chaves, e a tomara, por lhe naõ acontecer a elle aſſi, ſe preiteou com el Rey, e ſe entregou, com condiçaõ que lhe ficaſſe Bragança com tudo o mais, que nella, e fóra della avia.

Tinha Joaõ Affonſo huma filha, por nome Dona Britis Pimentel, qne el Rey lhe cazou com Martim Affonſo de Mello, Alcaide mór de Evora; a qual matando Martim Affonſo mal, e ſem culpa, pedio Joaõ Affonſo a el Rey lhe fizeſſe delle juſtiça. E por el Rey naõ tornar por iſſo como devia, ou por a boa vontade que tinha a Martim Affonſo, ou por a pouca que tinha a Joaõ Affonſo, deſnaturandoſelhe primeiro do Reyno, ſe paſſou a Caſtella naquelle tempo das tutorias del Rey D. Henrique III. quando o Duque de Benavente D. Fradique filho baſtardo del Rey D. Henrique II. ſe rebellou: pola qual razaõ avendoſelhe tomado ſeus bens, ſe tratou da parte del Rey com Joaõ Affonſo Pimentel, que entregaſſe as fortalezas de Bragança, e de Vinhaés, com ſuas terras, e juriſdiçaõ; e entregues, as tiveſſe por el Rey de Caſtella, e eſtiveſſe á ſua obediencia; e que ſe lhe daria Benavente com o titulo de Condado, com nova confirmaçaõ das fortalezas de Bragança, e Vinhaés: e que, ſe por mandado del Rey entregaſſe as ditas terras a outra peſſoa, ſe lhe faria compenſaçaõ de outras taõ boas, ou melhores. Feito aſſi, lhe foi dado o Condado. Mas vindo el Rey D. Henrique a governar, mandou a Joaõ Affonſo Pimentel que entregaſſe as ditas fortalezas de Bragança, e Vinhaés a D. Diogo Fernandes de Villa Garcia,

Com-

Commendador mór da Ordem de Sanctiago de Castella, para fazer dellas o que fosse seu serviço: e pedindo elle a compensaçaõ, se lhe naõ deu. Mas a seu filho Rodrigo Affonso Pimentel fez el Rey D. Joaõ o II. muitas mercês, com que acrecentou sua casa, e estado, que hora tem, que he dos maiores de Castella.

Em fim, como estes fidalgos Portuguezes, que se passaraõ a Castella, eraõ taõ valerosos, fóra da patria, na qual os homens de maiores qualidades sempre valeraõ, podera cada hum delles dizer por si o que Themistocles disse quando se vio na Persia prospero, sendo desterrado de Athenas: *Perderame, se me naõ perdera*: porque a Martim Vasques da Cunha cazou el Rey com a Condessa de Valença Dona Maria, sua prima com irmãa, filha do Infante D. Joaõ de Portugal, e de Dona Constança filha del Rey D. Henrique II. sendo viuvo de Dona Maria Girona, donde agora decendem os Condes de Valença, Duque de Najara, e por D. Affonso Telles Giraõ, do matrimonio primeiro, os Condes de Urenha, que agora saõ Duques de Ossuna. E a Lopo Vasques da Cunha deu o Condado de Bom Dia, de que decendem os Condes de Bom Dia, e os senhores da casa de Pinto, e a do Marquez de Salces, que saõ Carrilhos da Cunha, decendentes do Arcebispo D. Affonso Carrilho da Cunha, filho do dito Lopo Vasques da Cunha. E a Gil Vasques deu as Villas de Roa, e Mansilha, que elle deixou, por se tornar a Portugal. E a Joaõ Pacheco deu a Villa de Belmonte da Mancha: de cuja filha Dona Maria Pacheca, senhora de Belmonte, e de D. Antonio Telles Giron naceraõ dous maiores senhores de Hespanha, a saber D. Joaõ Pacheco Duque de Escalona, Marquez de Vilhena, Mestre de Sanctiago, e D.

e D. Pedro Giraõ Meſtre de Calatrava, autor do Condado de Uruenha, que eſteve em veſporas de cazar com a Rainha Dona Izabel, que cazou com el Rey D. Fernando o Catholico; e podera ſer Rey de Caſtella, ſe a morte o naõ atalhara, eſtandoſe fazendo preſtes para vir receber ſua eſpoſa. A Egas Coelho, que era homem de antiga nobreza, decendente de Egas Monis, e filho de Pedro Coelho, a que el Rey D. Pedro tirou o coraçaõ pelas eſpadoas pela morte de Dona Inez de Caſtro, deu el Rey de Caſtella a Villa de Montalvo, de quem deſcendem os ſenhores daquella caſa: dos quaes fidalgos, e de D. Joaõ Affonſo Pimentel deſcendem hoje todos os grandes, e ſenhores de Caſtella, que ficaõ parecendo ramos deſtes troncos.

El Rey, poſto que recebeſſe nojo pola ida daquelles bons cavaleiros, naõ mudou o propoſito de ir a Galliza fazer guerra a ſeus inimigos. E de Coimbra ſe foi a Ponte de Lima, onde fez ſeu alardo, e achou quatro mil lanças, e muitos piaẽs. E eſtando nas Choças, que ſaõ tres legoas do Minho, teve novas que da parte dálem do rio, junto a Salvaterra, eſtavaõ muitas gentes para lhe impedir o caminho, e ſe irem lançar dentro da Cidade de Tuy, ſabendo que el Rey a hia cercar. A verdade diſto era, que Diogo Perez Sarmento, Adiantado de Galliza, com outros fidalgos, ſabendo que el Rey hia para aquella Comarca, e conjecturando que hia ſobre Tuy, quizeraõſe lançar dentro; e os da Cidade o naõ conſentiraõ, dizendo que elles eraõ baſtantes para ſe porem em defenſa, e dar boa conta da Cidade: polo que receando a ida del Rey, paſſaraõ ſeu caminho. El Rey quiz mover á preſſa ſeu arraial, e paſſar da banda dálem do rio, para ver ſe os podia tomar; e chegando perto de Monçaõ, pediraõ os que hiaõ

diante a Diogo Gomez de Abreu, Alcaide daquella Villa, que lhe mandasse hum seu escudeiro, que chamavaõ Fernaõ de Arias, para lhes ir mostrar o vao: e elle, e outro foraõ para serem seus guias.

Sendo já Sol posto, e perto da noite, e o tempo nubrado, porque ficava menos claridade do que para tal passagem cumpria, chegaraõ ao vao das estacas, que naquelle lugar era largo. El Rey fez chamar huma guia daquellas para encaminhar a gente; e elle entrou em cima de seu cavallo, dandolhe a agoa pelos peitos. O vao naõ era em direito, mas desviado para cima, e chêo de pedregulho de muitos seixos, e a altura da agoa toda igual, naõ mais alta em hum lugar, que em outro; mas estava junto daquelle vao hum pégo mui fundo, apparelhado para muitos nelle cahirem; do que poucos sabiaõ parte. A guia passou além; e tornou mais rijo, do que foi, por a grande corrente da agoa que decia. El Rey para animar a gente, e passarem mais depressa, mandou passar a Bandeira. Joaõ Gomez da Silva, que era Alferez mór, foi além, e alguns com elle abaixo pela beira do rio, a direito onde el Rey ficava, na qual parte a agoa era mais alta, e perigosa, que foi causa da perda que depois se seguio. Porque ao som das vozes donde elle estava, tirava a gente para lá direito, indo o vao desviado mais acima; e assi se perdiaõ muitos. Tornando a guia para encaminhar outra ida, foi com elle muita mais gente, que da primeira. E quando veio a terceira vez, foraõ tantos, que com a espessura das bestas creceo a agua, fazendo de si parede, porque lançou grande parte delles no pégo, sem dos que estavaõ em terra serem vistos. Além disto a noite, por ser escura, fazia topar huns nos outros; e alguns dos que lhe hiaõ vizinhos, por se terem a elles, os

leva-

levavaõ comsigo ao fundo. Desta maneira, e doutras morriaõ muitos, até que os que hiaõ detraz atentaraõ que se perdia a gente, e o disseraõ a el Rey; e mandou que naõ passassem mais. Huns se afogavaõ, que naõ surdiaõ mais; com outros nadavaõ as bestas; e quando chegavaõ á beira da agoa, por a aspera sahida da borda do rio, que era empinada, naõ podiaõ subir, e vingar acima: e assim se despenhavaõ, e morriaõ bradando que lhes acudissem, sem aver quem o podesse fazer. Porque, posto que alguns se nomeassem quem eraõ, e lhes quizessem socorrer seus criados, e servidores, naõ podiaõ em tamanha pressa. El Rey esteve hum bom pedaço áquem do rio, naõ sabendo quaes, nem quantos eraõ mortos; e andando muita parte da noite muito abaixo, donde foi esta perda, passou em huma barca, e despois delle todos os que o poderaõ fazer.

Quando foi o dia claro, e el Rey soube dos que morreraõ, ficou maravilhado, e mui anojado, por assim se perderem por taõ máo tento, e desastrado caso. Alli se deteve alguns dias por recolher os mortos, que surdiaõ, e sahiaõ; e outros, que tiravaõ com redes, que mandava soterrar. Achouse que os que alli se perderaõ entre pobres, e plebeos foraõ quinhentas pessoas, que foi a maior perda de gente que el Rey teve em nenhum feito de guerra.

CAPITULO LXXIX.

Cobra el Rey de Portugal Salvaterra: poem cerco a Tuy. Trata o Castelhano socorrella. Entregase a partido.

COm este trabalho passou el Rey o Minho, e cobrou Salvaterra; e por Souto Maior veio pôr seu arraial sobre Tuy, e o cercou de maneira, que na Cidade senaõ podia entrar, nem sahir della.

O que estava em defensaõ da Cidade era Payo Sorodea, e com elle Pedro Fernandes de Andrade seu sogro, que o veio ajudar, e Pedro Dias de Cardona, e Gonçalo Açores, que tinhaõ trezentas lanças, a fóra bésteiros, e muita pionagem, e copia de mantimentos, e muita vontade de se defenderem. El Rey mandou pôr ao redor seus engenhos, que começaraõ a desparar grandes pedras: e por o muito dano, que os de dentro faziaõ aos de fóra, e os de fóra aos de dentro, vieraõse a concertar, que os engenhos del Rey naõ atirassem de noite, nem os de dentro com sétas ervadas: e el Rey consentio nisso, porque naõ se destruisse huma Sé taõ antiga, e honrada, como era a daquella Cidade, e em que jazia o Corpo de S. Fr. Pedro Gonçalvez. Os de dentro sahiraõ a escaramuçar; e com a boa bestaria, que tinhaõ, tratavaõ mal aos Portuguezes, sem lhe aproveitarem suas boas armas: polo que muitos foraõ feridos, e alguns mortos. Vendo el Rey que se naõ dava bem o combate, por a escala naõ chegar como cumpria, mandou que se afastasse do muro: do que os de dentro estavaõ mui contentes; e el Rey, e os seus mui pouco.

Os

Os de dentro, vendo que os Portuguezes se afastavaõ, começaraõ de os apupar, e zombar delles, e dizerlhes muitas palavras injuriosas. Mas el Rey, que naõ tinha proposito de desistir, mandou á pressa concertar a escala, para quando ouvesse de dar outro combate.

Os da Cidade quando viraõ fazer aquella obra, e entenderaõ a vontade del Rey de perseverar no cerco até os tomar, começaraõ de se temer, e buscaraõ maneira para fazer saber a el Rey de Castella o trabalho, em que estavaõ postos, e os que mais esperavaõ, pedindolhe soccorro. El Rey de Castella teve sobre isso conselho; no qual hum conselheiro chêo de odio, e indignaçaõ, disse, que se esperava da casa Real de Castella, taõ nomeada polo mundo, vir a taõ mao estado pelos peccados do povo, que huns poucos de Portuguezes, com hum cavaleiro, que tomaraõ por seu Rey, lhes corria a terra a seu despeito; e naõ contente com o Reyno, com que se levantara sem lhe pertencer, entrava ainda nos senhorios de Castella, a cercarlhe as Cidades, e Villas, a que naõ podiaõ soccorrer; e, o que mais era, vindo o Mestre de Aviz com taõ poucos homens, que lhe ficaraõ da passagem do Minho: e com ter ahi o Condestabel, que trazia a mais da gente, em lugar taõ alongado, e no cabo do Reyno, e tendo o Minho para passar, se atrevera ir sobre Tuy, e o tinha em risco de o tomar. E que, desque homens se acordavaõ, sempre os Reys de Castella tiveraõ sogeitos aos de Portugal, quando para seu serviço os aviaõ mister, a quem destruhiaõ a terra, se o naõ queriaõ fazer, avendo delles muitas ajudas assi por mar, como por terra, como ouvera el Rey D. Affonso XI. de seu sogro el Rey D. Affonso IIII. de Portugal, a quem mandara chamar, por ir com elle á

bata-

batalha do Salado , onde logo fora com todo ſeu poder : e que deſpois el Rey D. Pedro ſeu filho ouvera del Rey D. Pedro de Portugal que o foſſe ſervir na guerra , que trazia com el Rey de Aragaõ : e que para iſſo lhe mandara gente , e por Capitaõ della D. Martim de Avelal Meſtre de Aviz ; e per mar 10. Galés pagas á ſua cuſta , e por Capitaõ dellas Mecer Lançarote Peſſano ſeu Almirante ; o que tudo fora por via de ſogeiçaõ , e por mais naõ poderem fazer. E que vencerem a el Rey D. Joaõ na batalha de Algibarrota , naõ era maravilha ; que tambem fora vencido el Rey D. Henrique del Rey D. Pedro ; e deſpois D. Henrique tornara a vencer , e matara ſeu adverſario , e lhe tomara o Reyno , de que ſua Alteza ſeu filho , e herdeiro era ſenhor : e que naõ avia , porque perderſe o esforço , e a eſperança de tornar a reſtituir a Caſa Real de Caſtella a ſeu bom foro , mas trabalhar por levar ſuas honras adiante , como fizeraõ ſeus antepaſſados : e que logo ſe avia de mandar ſocorro áquelles cavaleiros de Tuy , que por honra de ſeu Rey eſtavaõ em tanto trabalho , e riſco.

Eſtas , e outras palavras falſas , e ſem fundamento ſe diſſeraõ naquelle conſelho , como em vingança dos Portuguezes por as couſas paſſadas , cuja dor eſtava freſca. Logo naquelle conſelho ſe determinaraõ duas couſas. A primeira , que o Infante D. Dinis ſe intitulaſſe Rey de Portugal , e do Algarve : e que todos os Portuguezes , que em Caſtella andavaõ , ſe ajuntaſſem a elle ; e que deſta maneira , entrando no Reyno , muitos ſe lhe dariaõ. Iſto dizem que ſe moveo por conſelho de Martim Vaſquez da Cunha , e dos outros Portuguezes , que em Caſtella andavaõ. O outro conſelho foi que el Rey ſoccorreſſe a Tuy com a mais gente que podeſſe : e que deitaſſem fama que el Rey em peſ-

ſoa hia lá para dar batalha a el Rey de Portugal: e que o Meſtre de Sanctiago ajuntaſſe a mais gente que podeſſe; e diſſeſſe que hia a Alentejo: e que por outra parte ſe fizeſſe huma armada, e ſe mandaſſe contra Lisboa. E que aſſi diverteriaõ a el Rey do cerco de Tuy: e que deſta maneira ſe faria o Infante D. Dinis Rey de Portugal; e que el Rey de Caſtella o contentaria com hum bom Ducado, e elle lhe largaria o Reyno. Eſtas, e outras taes couſas ſe trataraõ no conſelho de Caſtella, que, fazendo a conta (como dizem) ſem a hoſpeda, imaginavaõ aquelles conſelheiros eſtando á ſombra.

Querendo os Caſtelhanos effeituar ſeus conſelhos, mandaraõ aos de Tuy recado que ſe defendeſſem fortemente; que logo ſeriaõ ſoccorridos; e lhes declararaõ a maneira porque havia de ſer: com que os cercados ficaraõ taõ contentes, que com eſſa confiança começaraõ a ſoltarſe em mui fèas, e deshoneſtas palavras contra el Rey, e contra os Portuguezes, como pouco prudentes, que naõ entendiaõ quam incertas ſaõ as couſas futuras, e os acontecimentos das guerras. As gentes ſe ajuntaraõ em Caſtella com preſteza, mais por vingarem ſeus odios, que por ſocorrerem aos cercados. Por huma parte vinha D. Ruy Lopez de Avalos Adiantado de Murcia, a Condeſtabel de Caſtella, com muitas gentes para deſcercar Tuy, deitando fama que el Rey de Caſtella vinha alli. Por outra ſahio o Infante D. Dinis com duas mil lanças caminho da Beira. Do Porto de Sancto André de Viſcaya partio huma armada contra Portugal de vinte e ſete naos, e duas Galés. O Almirante D. Diogo Furtado de Mendoça com treze Galés, e outros tantos navios, partio da meſma maneira de Sevilha; e todos ſe ajuntaraõ no porto de Liſboa.

boa. El Rey D. Joaõ, que de tudo ſoube parte, naõ deixava de ſe fazer preſtes para de novo combater Tuy: e em publico, que lho ouviraõ muitos, diſſe: Venhaõ quantos Caſtelhanos quizerem; aqui me haõ de achar, por mais palavras que digaõ, e por mais gentes que tragaõ. E ſe el Rey vem, naõ póde o cerco desfazerſe ſenaõ por batalha; e eu eſtou preſtes para lha dar aqui em ſua terra; e vencida eſta (como eſpero em Deos que ha de ſer) darei outra ao novo Rey de Portugal D. Dinis meu irmaõ.

Eſtava naquelle tempo o Condeſtabel D. Nuno Alvarez em Monte mór o novo, onde el Rey lhe mandou recado que ſe foſſe logo para elle, com a gente que tiveſſe. E foiſe logo a Evora para abreviar ſua partida. Após eſte chamamento del Rey, lhe veio recado de Gonçalo Vaſques Coutinho, e de alguns lugares da Beira, como o Infante D. Dinis, que ſe chamava Rey de Portugal, com os fidalgos Portuguezes, que em Caſtella andavaõ, de que eraõ Capitaẽs Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmaõs, Joaõ Affonſo Pimentel, Joaõ Fernandez Pacheco, e Egas Coelho, andavaõ deſtruindo aquella comarca. Por outra via lhe veio recado que o Meſtre de Sanctiago ajuntava muitas gentes para vir á comarca de entre Tejo, e Guadiana ſatisfazerſe, e vingarſe da entrada, que o Condeſtabel fizera em Caſtella. Polo que o Condeſtabel ſe via apertado de maneira, que naõ ſabia aonde acodiſſe; e querendo ir buſcar o Infante primeiro, que eſperava desbaratar, e dahi ir a Tuy, aonde el Rey o chamava, achou ſeus ſoldados meio amotinados por as más pagas, que ſe lhe faziaõ, ſobre tantos trabalhos, que tinhaõ paſſado. E por o Condeſtabel eſtar ſem dinheiro, e em tal preſſa, Martim Affonſo de Mello lhe offe-

receo

receo ſua gente ; e pagando o ſoldo de poucos dias, partio levando conſigo Martim Affonſo, e o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camello, a fim de o reconciliar com el Rey.

Vindo a Caſtelbranco, achou recado que o Infante eſtava no termo da Covilhaã, que eraõ dalli ſete legoas, donde o Infante eſcreveo a muitas peſſoas do Reyno, dizendolhes como a Rainha Dona Britis renunciara nelle o direito, que tinha no Reyno, e que com a ajuda del Rey eſperava de o cobrar, que faria muito grandes mercês aos que para elle ſe vieſſem, além de ſerem elles obrigados a ſeguillo, como a ſeu Rey. Mas com todas as promeſſas, ninguem ſe veio para elle. O Condeſtabel eſcreveo huma carta ao Infante, eſtranhandolhe a empreza, que tomara taõ contra ſua honra: e que cedo ſeria com elle, pedindolhe o eſperaſſe. Mas o Infante naõ fez tanta demora, que a carta lhe podeſſe ſer dada. E como ſoube que o Condeſtabel hia a elle, ſe tornou, porque entendeo que lhe avia de dar batalha. E ſe eſpantou do Condeſtabel ſe atrever a ir contra elle.

Os Portuguezes, que com o Infante vinhaõ, trabalhavaõ por que elle eſperaſſe ao Condeſtabel, e vieſſem ás maõs, mas os Caſtelhanos foraõ de contrario parecer, porque lhes lembrava o ſuceſſo da recente batalha de Algibarrota, mórmente quando viraõ que para o Infante ſenaõ fora peſſoa alguma de Portugal: polo que o Infante tornou a Caſtella com pouca honra. E aſſi quando hia ao Paço, os lacaios, e moços, que eſtavaõ com os cavalos, lhe diziaõ em paſſando: *Rey D. Diniz*, *aonde is*? Da meſma maneira ſe tornou a armada de Lisboa, ſem fazer couſa alguma, e o Condeſtabel ordenou ir a Tuy, e Martim Affonſo de Mello com alguma gente guardar á comarca de Alentejo.

Em quanto ſe el Rey fazia preſtes para combater a Cidade, e refazer as eſcalas, ſoube da gente com que vinha D. Ruy Lopez de Avalos; e quando foi certo que eſtava dahi huma jornada, mandou ir dalli as barcas para a outra parte, defendendo ſobpena de morte, que naõ foſſem lá mais com peſſoa alguma. Os da Cidade tomaraõ muito esforço com a vinda daquellas gentes, mas el Rey muito mais prazer, eſperando darlhes batalha. D. Ruy Lopez de Avalos chegou taõ perto do arraial de Portugal, que naõ eſtava meia jornada; e eſtando el Rey eſperando por elle, ſoube que ſe arredaraõ, e foraõ caminho de Sampayo huma Aldêa, que diſtava de Tuy, onde el Rey eſtava ſeis legoas.

Ao outro dia ſe foraõ a Ponte Vedra, onde eſtava o Arcebiſpo de Sanctiago, em quem naõ acharaõ bom gazalhado, porque trazia já penſamentos de ſe lançar em Portugal, por aggravos, que trazia del Rey D. Henrique. Porque aſſegurando o Arcebiſpo por ſeu mandado ao Duque D. Fadrique de Benavente, el Rey o prendeo, de que o Arcebiſpo, como generoſo que era de ſangue, e muito mais de eſpiritos, ſe ſentio muito, e ſe paſſou deſpois a el Rey de Portugal, que o fez Biſpo de Coimbra, na qual dignidade dizem que morreo. Em fim D. Ruy Lopez de Avalos, e os que com elle vinhaõ, ſe tornaraõ ſem fazer couſa alguma.

Perſeverando os Portuguezes em ſeus combates veſpora de S. Tiago do anno de 1398., tendo os Portuguezes arrimada ſua eſcala a huma torre, os de dentro puzeraõ nella fogo, que naõ poderaõ ſoportar, e trabalharaõ pola arredar dalli, e atirou hum engenho de dentro huma pedra á eſcala, que tambem lhe fez muito dano; polo que ceſſou o combate daquelle dia. Ao dia ſeguinte, que

era

era de Sanctiago, naõ esperando os de dentro por combate, mandou el Rey tocar as trombetas, e chegar a escala para combater. Os da escala por sobir, e entrar; os de dentro por se defender, tiveraõ huma dura peleja, de maneira que os de fóra fizeraõ aos de dentro desamparar o muro, e as torres, e de huma séta mataraõ o Mestre do engenho, que logo deixou de atirar.

O primeiro que saltou na torre, foi hum Vasco Farinha. Os de dentro desesperados de se poderem defender, começaraõ a bradar aos de fóra, que estivessem quedos, que queriaõ tratar de partido. Pedro Fernandez de Andrade sahio fóra para falar a el Rey; e posto de joelhos em terra, lhe disse, que lhe pediaõ os cercados de mercê mandasse cessar do combate, que lhe queriaõ dar a Cidade, deixandoos ir com seus corpos, armas, e bens, que nella tinhaõ: e que naõ devia Sua Alteza ter a mal defenderem a Cidade por suas honras, e outras razoẽs. El Rey lhe disse, que naõ lhe tinha a mal defenderem a Cidade, por guarda de suas honras, e serviço de seu senhor; mas que era para estranhar, para homens que vestiaõ armas, soltaremse em palavras deshonestas, como molheres: e que por isso mereciaõ que lhes mandasse a todos cortar as cabeças, e as lingoas. A isto respondeo Pedro Fernandez com taõ modestas palavras, que por ellas, e por na entrada da Cidade naõ acontecer algum desastre a algum Portuguez, lhe concedeo que sahissem em salvo com suas armas, e os bens ficassem á disposiçaõ de seu arbitrio. Pedro Fernandez lhe beijou a maõ; e tornandose para dentro, cessou logo o combate.

Ao outro dia entrou pola escala Joaõ Gomez da Silva, com a bandeira Real estendida, e muitos com elle armados, com grande estrepito de instru-

ſtrumentos. Ao pé da eſcala fez el Rey cavaleiro ſeu filho natural D. Affonſo : e pola porta que chamaõ da Pia, entrou deſpois Gonçalo Vaſquez Coutinho com muitos homens de armas. Na Igreja Cathedral foi achada muita riqueza, que os da Cidade, e termo alli depoſitaraõ ; o que tudo deu a Lopo Vaſquez, Commendador mór de Aviz, para elle, e para os que com elle ficavaõ por guarda da Cidade, de que o deixou por Fronteiro. Alli veio el Rey a ver o Condeſtabel aforrado, a quem el Rey ſahio a receber, e a ſeu rogo foi reconciliado com el Rey o Prior D. Alvaro Gonçalves Camello, que com elle vinha.

CAPITULO LXXX.

Trataſe de tregoas entre os Reynos de Portugal, e Caſtella : ha muitas duvidas até ſe effeituarem.

ERa feita outra nova convença entre os Reys de Portugal, e Caſtella, ſobre a tomada de Badajoz da parte del Rey de Portugal, e da del Rey de Caſtella ſobre as naos, e bens dos Portuguezes, e por reſpeito dos priſioneiros, que naõ foraõ ſoltos, que el Rey de Caſtella déſſe ſincoenta mil dobras a el Rey de Portugal pagas em certos termos, e mais as deſpezas, que fizera na Cidade de Badajoz : e que fizeſſe ſoltar em ſeu Reyno todos os priſioneiros Portuguezes, mandando lá el Rey quem os buſcaſſe : e que ſendo negligente, el Rey de Caſtella pagaſſe trezentas dobras Caſtelhanas por cada priſioneiro, com outras mais condiçoẽs ; e porque eſte concerto ſe guardou taõ mal, como as tregoas paſſadas, começouſe outra vez a guerra, e por iſſo foi el Rey ſobre Tuy, e o tomou.

Ven-

Vendo el Rey de Caſtella como eſtava deſpojado de duas Cidades ſuas nos eſtremos do ſeu Reyno, as quaes naõ poderia cobrar ſem grande difficuldade, determinou de as aver por concerto, e falou áquelle Genovez homem prudente, e de negocio, que ſe chamava Meſſer Ambroſio de Marinis, de que já falámos, que viera a repetir o preço das naos, que el Rey tomara no tempo da guerra, e o mandou a Portugal. O qual propondo a el Rey quanto ſerviço de Deos, e bem do povo era o fazerem pazes, elle, e el Rey de Caſtella lhe diſſe que nenhum meio avia para iſſo melhor, que poremſe ambos em maõs de Juizes arbitros. E que ſe iſto queria que ſe effeituaſſe, entretanto deviaõ fazer tregoas; para o que elle trazia poderes mui baſtantes. El Rey reſpondeo, que das avenças elle ſeria contente: e que hum dos Juizes arbitros conſentia que foſſe elle Meſſer Ambroſio, e concordaraõ que o Condeſtabel D. Nuno Alvarez, e o Biſpo de Coimbra D. Joaõ foſſem por huma parte Juizes, e de Caſtella vieſſem D. Lourenço Soarez de Figueiroa Meſtre de Sanctiago, e D. Ruy Lopez de Avalos, Adiantado de Murcia, e Camareiro mór del Rey, e ſeu Condeſtabel.

Feitas tregoas de certos mezes para ſe tratar das pazes, e avenças entre os Reys, o Meſtre de Sanctiago, e Ruy Lopez de Avalos vieraõ a Villa Nova de Barca Rota, e com elles Meſſer Ambroſio, e o Doutor Pedro Sanchez; e Meſſer Ambroſio concertou que foſſem ao lugar das viſtas cada hum com ſincoenta de cavalo armados de cotas, e braçaes a huma parte, que eſtariaõ afaſtados em guarda, e dous cavaleiros com cada hum dos arbitros. O Condeſtabel o dia que ſe aviaõ de ver, cavalgou em hum formoſo cavalo, com cota, e braçaes, e huma jaqueta preta, e arnez, de pernas

nas de malha, ſob humas botas, e hum traçado na cinta, levando conſigo Gonçalo Anes de Abreu, e Pedro Anes Lobato, e ſincoenta entre cavaleiros, e eſcudeiros, armados da meſma maneira, e Martim Gonçalvez tio do Condeſtabel ficava com a outra gente em Olivença.

Na ribeira onde ſe aviaõ de ajuntar, avia hum ilheo, onde foraõ juntos todos oito, a ſaber, o Meſtre de Sanćtiago, Ruy Lopez de Avalos, Meſſer Ambroſio, e Pedro Sanchez da parte de Caſtella: e da parte de Portugal o Condeſtabel, o Biſpo de Coimbra, o Bacharel Ruy Lourenço, e Alvaro Pirez Eſcholar: e afaſtados da parte de cada Reyno, eſtavaõ os ſincoenta. E quando ſe encontraraõ, ſe abraçaraõ os ſenhores, e deſpois os cavaleiros, huns, e outros, e começaraõ de falar. Pola juſtiça de cada hum dos Reys foi diſputado aſſás por ſeus procuradores, e dados os pareceres polos Juizes; mas os Caſtelhanos acrecentavaõ tantas couſas, que os Portuguezes as naõ aceitaraõ, e o negocio ficou indeciſo, como de antes; e aſſi ſe tornaraõ.

Em quanto durava a tregoa dos nove mezes, ſe paſſou a Caſtella o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camello, como dias avia ſe entendia delle, cujo Priorado el Rey tinha prometido ao Condeſtabel, que o daria a Lourenço Eſteves Cõmendador da Vera Cruz, que avia bem ſervido, e acompanhado, ſe Alvaro Gonçalves o perdeſſe por direito. Mas determinava de o dar a Fernaõ Dalvarez de Almeida, Aio de ſeus filhos: e primeiro fez ſaber ao Condeſtabel ſua determinaçaõ, por a promeſſa que lhe tinha feito. O Condeſtabel mandou a el Rey Gil Ayres Muniz ſeu eſcrivaõ da puridade, pedindolhe naõ lhe revogaſſe a mercê, que tinha feita a Lourenço Eſteves, ſendo taõ bom

cava-

cavaleiro, e servidor; e deixasse os Freires eleger, porque naõ ouzavaõ fazelo. Tantas razoẽs passaraõ sobre isto, que el Rey ouve de mandar que os Freires elegessem quem lhe parecesse mais idoneo: e elegeraõ a Lourenço Esteves.

Por este tempo soube el Rey como o de Castella naõ queria que as tregoas dos nove mezes, que já eraõ acabadas, se prorogassem por mais tempo. Polo que estando em Sanctarem, ouve seu conselho com o Condestabel para irem sobre Alcantara. El Rey partio logo pelo Téjo acima, e o Condestabel tornou a Evora, a ajuntar suas gentes para seguir a el Rey, com quem logo se ajuntou, e se achou el Rey com quatro mil lanças, e grande numero de piaẽs, e bésteiros; e em hum Sabbado do mez de Maio do anno de 1410. chegou sobre Alcantara. E em quanto esperava por huma ponte para passar o Téjo, mandou ao Condestabel, que fosse correr aquella Comarca, porque lhe começavaõ de mingoar os mantimentos. Com o Condestabel foi Martim Affonso de Mello, que tinha a Cidade de Badajoz, e passou por Caceres, e dahi por Montancles, e entrou dezaseis legoas por Castella além de Alcantara. E de huma ribeira, que chamaõ Boteja, mandou correr a huma parte Martim Affonso, e á outra D. Lourenço Esteves Prior do Crato. Martim Affonso foi até sinco legoas, onde se encontrou com o Commendador mór de Leaõ, que se vinha lançar em Caceres com cento e sincoenta lanças, e pelejou com elle, e o desbaratou, e lhe prendeo 28. entre cavaleiros, e escudeiros, e outros prisioneiros; e trouxe grande preza de gado.

O Prior D. Lourenço veio por outra parte, tambem com grande preza de gado, e prisioneiros. Com esta preza se foi o Condestabel caminho

de

de Alcantara. E eſtando nas Broças, lhe veio recado del Rey que ſe foſſe á preſſa, por quanto além do rio chegaraõ para ſe lançar em Alcantara o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camello, e Martim Vaſques da Cunha, e outros Portuguezes, e D. Ruy Lopes de Avalos com dúas mil e quinhentas lanças. El Rey vendo que a ponte naõ vinha, e para combater a Villa lhe era neceſſario gaſtar muito tempo, levantou o arraial, e partioſe dalli.

Eſtando as couſas neſtes termos, tratouſe entre os Reys que falaſſem em paz perpetua, e compuzeſſem ſuas duvidas. El Rey de Portugal mandou por ſeus embaixadores D. Joaõ Arcebiſpo de Lisboa, Joaõ Vaſques de Almada, e o Doctor Martim Docem. Os quaes em 60. cavalgaduras foraõ a Segovea. El Rey de Caſtella, e os do ſeu conſelho deraõ aos embaixadores por eſcrito as condiçoẽs, com que conſentiriaõ na paz, que eraõ mais para vir a novos odios, que para mitigar os paſſados; porque as perdas que diz que ouveraõ os Caſtelhanos no quebrantamento das tregoas de quinze annos, e por as injurias que receberaõ, pediaõ a el Rey de Portugal ſeiſcentos mil francos de ouro, e quarenta mil dobras em cada hum anno, em vida del Rey D. Henrique, e da Infanta Dona Maria ſua filha: e que lhe déſſe cada anno dez Galés por ſeis mezes, armadas á ſua cuſta, e mil homens de armas por terra, pagos tambem â ſua cuſta: e iſto em vida de ambos os Reys. E que ſe el Rey de Caſtella tiveſſe guerra com Mouros, que el Rey de Portugal foſſe a ella em peſſoa. Item que perdoaſſe, e recebeſſe em ſeu Reyno todos os Portuguezes, que em Caſtella andavaõ, deſdo tempo que a Rainha Dona Britis cazara, e lhe entregaſſe todos ſeus bens. Item que entregaſſe Badajoz, e os mais lugares, que lhe ti-

nha

nha tomados, e os fidalgos de Caſtella, que tinha em arrefens. Item, que el Rey de Caſtella tinha direito no Reyno de Portugal, como mais chegado parente legitimo del Rey D. Fernando. E que por elle deixar eſte direito, e por as injurias recebidas, lhe avia de dar em Portugal outro tanto, como el Rey D. Joaõ ſeu pai dera ao Duque de Lancaſtro, por outra tal, e outras taõ duras condiçoẽs. Polo que, deixada a pratica das pazes, que aos Embaixadores de Portugal pareceo eſcuzada, vieraõ falar na tregoa; e naõ ſe podendo nella concordar, aſſentaraõ que Martim Docem vieſſe a Portugal dar razaõ a el Rey.

Sobre eſta differença das tregoas ajuntou el Rey Cortes em Sanctarem, e aos grandes do Reyno, e procuradores deu por eſcrito os apontamentos del Rey de Caſtella, que a todos pareceraõ mal; e mais para elles averem guerra, que paz. Polo que com mui honeſtas condiçoẽs reſponderaõ a elles: que ſe entregaſſem Villas por Villas, e priſioneiros por priſioneiros, e que ſe ſoltaſſem os arrefens, e que ſe quitaſſem os dinheiros das ſentenças, que ſe deraõ de huma parte, e da outra; e as dobras das penas, em que cahiraõ, e quaeſquer outras dividas. E quanto aos fidalgos, que andavaõ em Caſtella, diziaõ os fidalgos do Reyno nas Cortes, que lhes perdoaſſe el Rey a todos, e lhes tornaſſe os bens patrimoniaes, comprandoos por ſua juſta eſtimaçaõ aos que já os tinhaõ; e que os bens da Coroa ſe lhes naõ tornaſſem. Os Procuradores das Cortes reſponderaõ a eſte artigo, que aos que ſe foraõ em tempo da Rainha Dona Britis, a que el Rey perdoava, e tornava o ſeu, e naõ queriaõ vir, que a eſtes naõ perdoaſſe, ſalvo ſe por elles ſe tornaſſe á paz: mas que a Martim Vaſques da Cunha, e Joaõ Fernandez Pacheco, que

por aggravos ſe foraõ, que a eſtes tornaſſe a recolher, e lhes déſſe todo o ſeu, por os bons ſerviços, que lhe fizeraõ, que deviaõ de pezar mais, que a culpa de ſua ida. A's mais capitulaçoẽs ſenaõ reſpondeo, por ſerem mais eſcandalos, que contratos de paz, e amizade.

Com a repoſta que os povos deraõ, tornou el Rey a mandar o Doutor Martim Docem; e deixando as razoẽs que ſobre iſſo ouve, os Caſtelhanos decendoſe de ſuas odioſas condiçoẽs das tregoas, foraõ concordes, em que ouveſſe por dez annos tregoas, com certas capitulaçoẽs; de que ficaraõ eſtas para ſe ſaberem. Que nem el Rey de Caſtella, nem ſeus herdeiros fariaõ guerra por parte da Rainha Dona Britis, nem do Infante D.Dinis, nem lhes conſentiraõ que a fizeſſem com gentes de outra naçaõ, nem ſua: e quando a quizeſſe fazer, que elle lho impediria com todo ſeu poder. Item, que ſe entregaſſem de hum Reyno a outro todos os lugares, que foraõ tomados por qualquer maneira que foſſe, a ſaber de Portugal a Caſtella, Badajoz, Tuy, Salvaterra, e S. Martinho; e de Caſtella a Portugal, Bragança, Vinhaẽs, Caſtello da Piconha, Miranda, Pena Macor, Pena Garcia, Segura, e Noudar. As quaes entregas aviaõ de ſer por eſta maneira: que a certos dias, deſpois da publicaçaõ da tregoa, foſſem poſtos por arrefens em poder do Condeſtabel na ribeira de entre Villa Nova, e Olivença, D. Alvaro Perez de Guſmaõ, Juſtiça mór de Sevilha, e o Marichal Diogo Fernandez de Cordova, e Gomez Soarez filho maior de D. Lourenço Soarez Meſtre de Sanctiago; e que do dia que lhe foſſem entregues, até vinte dias primeiros ſeguintes, el Rey de Portugal entregaſſe a Cidade de Badajoz ao dito Meſtre de Sanctiago livre, e deſembargada; e entregue Badajoz até dous mezes,

zes, se entregasse a el Rey de Portugal Bragança, Vinhaës, e Noudar, tirando os bastimentos, e artificios de guerra, que com elles estivessem, para aquelles que em poder as tinhaõ, e todas as mais cousas suas: e que daquelle dia, em que estes quatro lugares fossem entregues, a vinte sinco dias, o Condestabel tornasse a entregar os tres arrefens, que lhe foraõ dados naquelle lugar, onde os recebera. E entregues os ditos arrefens, que dahi até hum mez el Rey de Portugal fosse obrigado a entregar ao dito Mestre de Sanctiago de Castella outros arrefens de seu Reyno, que fossem estes Joanne Mendes de Vasconcellos, irmaõ de D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, Mestre de Sanctiago de Portugal, Gonçalo Pereira filho maior de Joaõ Rodrigues Pereira, e Vasco Fernandez Coutinho filho outrosi maior de Gonçalo Vasques Coutinho, Marichal de Portugal naquelle mesmo lugar, onde foraõ entregues; e do dia que fossem entregues até quarenta dias seguintes, fosse el Rey de Portugal entregue de Miranda, Pena Macor, Pena Garcia, e de Segura. E do dia que estes lugares fossem entregues até hum mez, fosse entregue a el Rey de Castella a Cidade de Tuy, Salvaterra, S. Martinho; e feitas as taes entregas, tornassem os Portuguezes, donde foraõ levados por arrefens, e naquelle mesmo dia, e lugar fossem entregues Inigo de Mendoça, Gonçalo de Cuñiga, e todos os outros, que eraõ vivos, e foraõ postos em arrefens nas tregoas dos quinze annos; e que como as taes entregas fossem feitas, fossem logo soltos todos os prisioneiros de hum Reyno a outro, segundo entre elles foi assentado.

CAPITULO LXXXI.

Morto el Rey de Castella, faz a Rainha pozes com Portugal: suas condiçoẽs. Offereceselhe el Rey de Portugal para a guerra contra os Mouros.

FIcou acabada a guerra, por causa destas tregoas; restava falarse na paz, sobre a qual, segundo estava concordado entre os Reys, se avia de tratar entre Elvas, e Badajoz; mas por impedimentos, que ouve, senaõ fallou nella senaõ dahi a quatro annos, que foi no anno de 1407. entre S. Felizes, e Castello Rodrigo, sendo já naquelle tempo falecido el Rey D. Henrique: e entretanto a Rainha Dona Catherina, como virtuosa que era, e irmaã da Rainha Dona Philippa de Portugal, desejava muito de ver assentada a paz com pessoas, com que tanta razaõ tinha, e todos os dias o lembrava, e persuadia a el Rey D. Henrique seu marido. O que elle dizia queria fazer em Cortes para isso chamadas, para as pazes se fazerem firmes, e como deviaõ; mas como el Rey era enfermo, anticipouselhe a morte. Polo que a mesma Rainha Dona Catherina, que procurava a dita paz, ficou regendo o Réyno, como Tutora de seu filho, que ficou minino de vinte e dous mezes, juntamente com o Infante D. Fernando seu cunhado, irmaõ del Rey seu marido. Donde assi pelo assento, que el Rey D. Henrique tomára, como por os desejos, que tinha de concluir o negocio das pazes, assentou com el Rey D. Joaõ, que mandassem seus Embaixadores á raia entre Castello Rodrigo, e S. Felizes: e ella mandou por sua parte D. Joaõ Bispo de Siguença, D. Pedro Vilhegas Alcaide

cayde mór de Cordova, e o Doutor Pedro Sanches. De Portugal foraõ D. Joaõ Arcebispo de Lisboa, Martim Affonso de Mello, e o Doutor Gil Martinz. E vindo a hum rio junto de Escarigo, fallaraõ estando todos em mulias, cada naçaõ com sessenta homens de cavallo, que os guardavaõ affastados. Em fim, da parte dos Castelhanos se repetíraõ muitas cousas, que já foraõ tratadas, e naõ aceitadas pelos Portuguezes. Os quaes responderaõ, que mais honra, e proveito era Del Rei seu Senhor, e do Reyno ficar em guerra com Castella, que aceitar paz taõ pouco honrosa, e com tanto dano seu, e com isto se tornáraõ.

A Rainha Dona Catherina, que desejava a paz, e via quanto cumpria a seu filho, e ao Reyno de Castella, mandou outra vez a Portugal pedir a El Rey quizesse lá mandar seus Embaixadores. El Rey lhe respondeo, que já os mandara lá muitas vezes, e tornáraõ taõ sem conclusaõ; e determinou de os naõ mandar lá mais. Dahi a alguns dias veyo a elle, estando em Sanctarem, hum Arcediago de Gordon, por quem a Rainha lhe pedia lhe mandasse sua tençaõ, e resoluçaõ no negocio das pazes, a que El Rey deu a mesma reposta, que os seus Embaixadores lá deraõ, e outras muitas razões mui bastantes, para naõ aceitar as impertinentes condições, que lhe propunhaõ. Despois de muitas altercações, e palavras do Arcediago, que lhe prometteo bom effeito, disse que mandaria á Rainha seus Embaixadores, e a isso mandou Joaõ Gomez da Silva, Alferez mór, o Doctor Martim Docem, e o Doctor Fernaõ Gonçalvez Belcagoa, pelos quaes escreveo á Rainha, pedindo-lhe breve resoluçaõ de paz, ou de guerra, porque se affrontava das demoras, em que com elle andavaõ com taõ injustas, e desvariadas condições, com que lhe vinhaõ cada dia. Des-

Deſpois de muitas praticas, e altercações, que os Embaixadores de Portugal tiveraõ com os do Conſelho, e Procuradores Del Rey de Caſtella, e privadamente com a Rainha, que como irmãa, e amiga Del Rey, e da Rainha de Portugal deſejava paz, e como mãy Del Rey de Caſtella queria as condições a elle mais proveitoſas, que honroſas, para quem as aceitaſſe; vieraõ a ſe concertar, e aſſentáraõ as pazes com muitas condições, de que as ſubſtanciaes ſaõ eſtas. Que El Rey de Portugal fizeſſe emenda aos Portuguezes, que em Caſtella entaõ andavaõ, e ſe foraõ com a Rainha D. Britis, e em tempo Del Rey D. Joaõ ſeu marido, a ſaber áquelles que o naõ reconheceraõ por Senhor, nem eſtiveraõ ſob ſua obediencia, e iſto dos bens patrimoniaes, que em Portugal tinhaõ, quando ſe foraõ delle. E da meſma maneira fizeſſe El Rey de Caſtella áquelles, que em Portugal andaſſem, e em Caſtella tiveſſem bens. Item, que os Portuguezes que em Caſtella houveraõ bens patrimoniaes, ao tempo que a guerra ſe começou, que lhes foſſem tornados, ou feita emenda delles, e que o meſmo foſſe feito aos Caſtelhanos, que alguns bens de ſeus patrimonios tinhaõ em Portugal. Eſta era a ſubſtancia das pazes. E porque El Rey naõ tinha idade para conſentir neſta paz, e a confirmar, firmou-ſe com juramento da Rainha, e do Infante D. Fernando, e dos grandes de Caſtella, e de tudo ſe fizeraõ autos, e inſtrumentos na Villa de Aylhon, ao derradeiro dia de Outubro do anno de 1411.

A differença que na concordia deſtas tregoas ouve principalmente, e porque tanto tempo ſe dilataraõ, era a dura condiçaõ, que ſe punha a El Rey de Portugal de aver de ajudar ao de Caſtella com certas galés, e gente para a guerra dos Mouros, que El Rey de Portugal naõ quiz conceder. Porque ſe-

ſegundo elle dizia, ſe a ajuda àvia de ſer por amizade, naõ ſe queria obrigar pòr contrato a fazella. Porque o beneficio avia de ſer gratuito, e eſpontaneo; e ſe era forçado, já naõ era ajuda, nem beneficio, ſenaõ ſervidaõ, e foro; e porque os Embaixadores Del Rey de Portugal, e elle meſmo por ſeus recados, e cartas á Rainha de Caſtella ſempre diſſeraõ, que certo eſtava, quando ouveſſe entre elles pazes, ajudar El Rey de Portugal ao de Caſtella com tudo quanto pudeſſe, como tambem eſperaria elle, que nas ſuas neceſſidades o ajudaſſe El Rey de Caſtella, como parente, e amigo, quiz a Rainha D. Catherina, ſegundo parece, tentarſe El Rey o cumpriria aſſi. E pouco tempo deſpois dos Embaixadores, que concluíraõ ás tregoas, ſerem em Portugal, eſcreveo huma larga carta a El Rey ſeu cunhado, chêa de branduras, e amizades, pedindo-lhe quizeſſe ajudar a El Rey ſeu filho, para o Veraõ que vinha, com dez, ou doze galés para a guerra dos Mouros, o que álèm de ſer ſerviço, que faria a Deos, a ella faria grande prazer, por ſer couſa, em que muito hia de ſua honra, e de ſeu filho, e de ſeguridade de ſeu Reyno; e que outra tal ajuda acharia elle ſempre em ſeu filho, quando lhe cumpriſſe.

El Rey que era de animo generoſo, e magnanimo lhe reſpondeo logo, que levava muito contentamento, em ſe querer ajudar de ſuas couſas, e da boa vontade, que tinha de a comprazer em tudo. E que o que lhe pedia das galés faria mui inteiramente; e porque El Rey cuidou que naquillo fazia pouco, por lhe parecer que ficava já comprada a offerta, que fizera das galés com os muitos rogos, de que a Rainha uſara em ſua carta, dahi a pouco tempo ſendo já o Infante D. Fernando Rey de Aragaõ, ſe lhe mandou offerecer, que determinando

El

El Rey de Caſtella continuar ſua conquiſta contra Mouros, que elle por ſeu corpo, e com ſeu poder o ajudaria mui de vontade. El Rey de Aragaõ ficou muito alegre com tal offerecimento, e o puzera em effeito, ſegundo ſempre o deſejou, ſe a morte o naõ anticipara. Poloque El Rey ſe mandou offerecer outra vez a Rainha D. Catherina, a qual reſpondeo, que ella era mulher, a que naõ pertenciaõ feitos de guerra, nem a ſeu filho por ſua pouca idade. E deſpois de El Rey ſer em idade para reger ſeus Reynos, lhe fez os meſmos offerecimentos, ſem ſer para iſſo requerido, de ir em peſſoa; e ſenaõ quizeſſe que elle foſſe em peſſoa, mandaria os Infantes ſeus filhos; e de todas as vezes, que lhe offereceo iſto, ſempre a reſpoſta Del Rey de Caſtella foi, que lhe agradecia o offerecimento, e que em breve lhe reſponderia, o que nunca fez.

CAPITULO LXXXII.

Emprendem os Infantes de Portugal a conquiſta de Ceita; concede-lha El Rey; manda explorar a terra: começa-ſe a fazer preſtes.

EStando aſſi o Reino de pazes, como he natural, deſpois dos trabalhos grandes, tomarem os homens algum alivio, vendo El Rey ſeus filhos homens valeroſos em idade, e diſpoſiçaõ para tomarem a ordem de cavalaria, determinou de fazer todo hum anno feſtas, e juſtas, e torneos reaes, e convidar para iſſo, e provocar cavaleiros de outras nações, para naquelles exercicios dar honra a ſeus filhos, e elles moſtrarem que a mereciaõ: mas os Infantes, que eraõ de eſpiritos generoſos, e altos, naõ ſe ſatisfaziaõ com iſto, nem lhes parecia que conſiſtia a honra, em pompas,

pas,

pas, e gaſtos, em que ſe moſtrava mais a riqueza, que o valor do animo, fazendo conta que armarſe cavalleiros entre danças, e ſaráos á ſombra de ſeus paſſos, lhes naõ dava crédito nas armas, pois qualquer rico homem podia fazer o meſmo; poloque deſejavaõ de ſe offerecer couſa, em que polas armas pudeſſem moſtrar, que mereciaõ veſtillas, naõ á ſombra entre criados, e ſervidores, mas entre os inimigos em campo. E como a guerra de Granada, em que ſeu pai muito deſejou acharſe, ſenaõ podia entaõ emprender, por o Infante D. Fernando de Caſtella ſe embaraçar com a ſucceſſaõ do Reyno de Aragaõ, e a de Caſtella era acabada, eſtavaõ cuidando onde iriaõ buſcar occaſiaõ, e materia de honra ſua.

Eſtando os Infantes, e o Conde de Barcellos ſeu irmão tratando hum dia deſta materia, e dando diſſo parte a Joaõ Affonſo, Védor da Fazenda del Rey, homem de grande entendimento, e mui acceito a el Rey, lhes louvou ſua determinaçaõ, e lhes diſſe, que ſe tal vontade tinhaõ, lhes aſſinaria huma couſa em que elles bem, e honradamente podeſſem moſtrar, que eraõ filhos de ſeu pai, e que aquillo era a Cidade de Ceita, que era mui azada para ſe tomar, como tinha por informaçaõ, de quem havia pouco que a vira. E que ſegundo o deſejo del Rey, e o ſeu delles, naõ tinhaõ couſa, que com mais louvor pudeſſem emprender; que tomar aquella Cidade taõ nobre, e taõ celebrada, e que tanto jugo punha aos Chriſtãos, que paſſavaõ o eſtreito, e que deviaõ fallar niſſo a el Rey ſeu pai, e ſe cumpriſſe importunallo.

Os Infantes, a que aquillo ſatisfez muito, ſe afervoraraõ tanto, que logo o propuzeraõ a el Rey, e lhe pediraõ com muita efficacia quizeſſe conſiderar aquella occaſiaõ taõ grande, que ſe lhe offere-

cia de ſervir a Deos, e honrar aſſi, e a elles ſeus filhos. El Rey, que naõ ſe movia de ligeiro, ſe ria do que ſeus filhos lhe diziaõ; mas cuidando naquillo conſigo, naõ lhe pareceo fóra de propoſito, nem couſa para deſprezar; e quanto mais niſſo imaginava, melhor lhe parecia; mas aſſi para o ſegredo, que aquillo requeria, ſe o emprendeſſe, e para experimentar o fervor de ſeus filhos, e o diſcurſo, que ſobre aquillo faziam, lhes poz muitas objeçoens, huma da falta do dinheiro, que naõ tinha por reſpeito das guerras paſſadas, outra ſe o pediſſe ao povo, o eſcandalo que dahi reſultava, e o deſcobrimento do ſegredo; a falta de gente, e de naos, e armada grande, que ſe requeria. A facilidade com que el Rey de Caſtella tomaria Granada, tomada Ceita, com que ſe faria mais poderoſo, e lhe faria dano, em vingança do paſſado; outra era o trabalho de conſervar taõ grande Cidade, em provincia remota álèm do mar, ſem ſer ſenhor do campo, polo que ſuſtentala ſeria difficultoſo, e o largala deſpois de tomada, grande afronta. Sobre iſto mandou a ſeus filhos que cuidaſſem, e lhe deſſem a repoſta.

Eſtas razoens del Rey naõ eraõ de quem queria deſiſtir, mas de quem ſe queria ſatisfazer, e ver os pareceres de ſeus filhos naquellas duvidas. Os Infantes ficaraõ mui triſtes por aquelles obſtaculos, que a ſeu Pai ouviraõ, e lhe reſponderaõ muitas razoens em contrario, e mandando elle chamar ao Infante D. Henrique, que falava mais niſto, e o deſejava, como quem eſtava eleito por Deos para deſcobrimento de mayores conquiſtas, lhe diſſe, que porque o outro dia o vira falar mais naquella materia, que ſeus irmãos, queria que lhe diſſeſſe, o que lhe parecia á cerca de os Caſtelhanos tomarem Granada.

O

O Infante lhe disse, que quando elle falara era á sombra de seus irmãos e que sò naõ tinha idade, nem saber para dar parecer, mas que por obedecer diria o que lhe parecia, e era naõ ver cousa, que sua Alteza podesse temer, por que se ao tempo que Deos quis que elle ouvesse nome de Rey, naõ tinha mais que Lisboa, sem o Castello, e quasi todo o Reyno contra si, e que ouvera por vontade de Deos, e á força de seu braço todo o Reyno contra tam poderoso adversario, como era el Rey de Castella, e contra todos os grandes de Portugal, que agora, ainda que o Reyno de Granada viesse a el Rey de Castella, poder lhe ficava, naõ só para se defender de qualquer dano, que se lhe fizesse, mas para offender. E que naõ era justo negar a guerra aos infieis, por se seguir della alguma força, ou proveito a el Rey de Castella em acrecentamento da Fé de Christo por muito inimigo que fosse seu, porque os Mouros eraõ inimigos por natureza, e os Castelhanos por accidente, e que naõ era de crer, que por elle ganhar aquella Cidade, a paz, e amizade, que com el Rey de Castella tinha, se podia desfazer, mas acrecentar, porque de feito taõ honroso ficava o nome dos Portuguezes, e seu esforço de mayor opiniaõ, e credito, e se conheceria por el Rey de Castella, que a tomada daquella Cidade lhe era grande occasiaõ para melhorar sua conquista. E que ainda que esse conhecimento nelle faltasse, naõ era a conquista de Granada taõ facil de acabar, nem despois de acabada taõ boa de conservar, e manter; e que sobre tudo, Deos por cuja Fé e honra taõ honrado feito emprendesse, seria sempre por sua parte, para lhe naõ empecerem seus inimigos.

Foi el Rey taõ alegre daquellas palavras

do Infante, que com muito prazer o levou nos braços, e lhe deitou sua bençaõ, e lhe disse, que aquella reposta era a mesma, que elle tinha considerado, e que elle com a ajuda de Deos determinava de proseguir aquelle feito, até o trazer a execuçaõ, e que pois falando com elle se acabara de determinar, queria que elle fosse o messageiro de taõ boa nova a seus irmãos, e lhe declarasse sua tençaõ, pollo que o Infante que no desejo de passar a Africa era o mais inflamado, prostrado de joelhos, beijou as mãos a seu Pay. Os Infantes, e o Conde de Barcellos, que até aquelle dia nunca tiveraõ maior contentamento, que o daquellas novas, cavalgaraõ logo todos, e foraõ ao Paço beijar a maõ a el Rey por tamanha mercê, e outro tanto gosto tinha el Rey de ver seus filhos taõ contentos com occasiaõ de ganhar honra.

Como el Rey se determinou na passagem de Africa, vendo que o fundamento de todo este negocio consistia no segredo delle, e na certeza do sitio de Ceita, e altura dos muros, e torres, para saber as machinas, e instrumentos, que eraõ necessarios; e em saber os portos do mar, e saidas em terra, elegeo para isso a Alvaro Gonçalvez Camello, que fora Prior do Hospital, que já estava em sua graça, e Affonso Furtado Capitaõ mór do mar. O Prior para divisar a Cidade, e Affonso Furtado para o mar, e cousas que ao mar tocavaõ, e para naõ se entender o fim para que hiaõ, fingio hũa embaixada para a Rainha D. Branca de Cicilia, que estava viuva del Rey Martim primogenito del Rey Martim de Aragaõ, e despois casou com o Infante D. Joaõ de Aragaõ, que por ella veio a ser Rey de Navarra, por morrerem todos os Irmãos da dita Dona Branca. A esta Rainha, que era moça, e estava em determinaçaõ de casar, como el Rey sabia, polo

reque-

requerimento, que lhe ella mandara fazer que quizeſſe com ella caſar o Infante D. Duarte, mandava-lhe el Rey cometter, que aceitaſſe o Infante D. Pedro, poſto que ſabia que ella o naõ avia de fazer o que comettia por paliar aquella ida a Ceita, e ſaberem que era a Cicilia. E deſcuberto o ſegredo a eſtes dous Cavaleiros, os mandou em duas galés mui bem concertadas, e a gente veſtida de ſuas cores, como que hiaõ a couſa de caſamento.

Partidos aquelles Embaixadores de Lisboa com grande apparato, e publicando que hiaõ caſar o Infante, apportáraõ em Ceita, aonde todos os navios de Chriſtãos, que navegavaõ o mar Mediterraneo entaõ hiaõ livremente, pagando certo direito da agoada, e como homens que queriaõ tomar algum deſcanſo, anchoraraõ naquelle porto. Alvaro Gonçalvez de ſua Galé, onde eſtava, olhou toda a terra, e ſitio della. O Capitaõ da outra parte eſpiou as praias, e o que nellas avia, e quaes eraõ mais acommodadas para nella ſe deſembarcar, e deſpois que foi noite, mandou ſondar, andando em hum batel todas as anchorações, que avia ao redor da Cidade. Ao outro dia levantáraõ ſuas anchoras, e proſeguiraõ ſua viagem até o Reyno de Cicilia, onde de ſua chegada o fizeraõ ſaber á Rainha. Ella os mandou ir á Corte, onde foraõ recebidos com muita honra, como Embaixadores de tal Rey, e que hiaõ com tanto apparato. A ſumma da embaixada era, que deſejando el Rey, por as muitas qualidades da Rainha, tela por filha, por negocios que ſe movêraõ, e requerimento de ſeus vaſſallos naõ pudera al fazer, ſenaõ dar palavra em Caſtella de o Infante D. Duarte ſeu filho aver de caſar com a Infanta Dona Catherina, mas que por o grande contentamento que elle levaria de naõ deixar de ter a meſma razaõ com huma Princeza de tantas perfeições, e por o Infante

te D. Pedro ſeu ſegundo filho, ſer hum Principe dotado de muitas virtudes, e grandes partes, de quem ella ſeria mui bem caſada, e contente, folgaria muito que ella de ſeu caſamento ſe contentaſſe, e que elle partiria taõ largamente com elle, como com filho, que muito amava, e que caſava tanto a ſeu goſto, e que de ſua vontade lhe mandaſſe a certeza. A Rainha, a que parecia abatimento ſeu, pedir o Primogenito herdeiro do Reyno, e darem-lhe o ſegundo, que ouvera de ſer ſeu vaſſallo, reſpondeo logo aos Embaixadores, que ella naõ eſtava entaõ em tempo, para dar repoſta em ſemelhante caſo; por tanto ſe foſſem em boa hora, e lhe ſaudaſſem a el Rey, e a Rainha de ſua parte. E como a embaixada era fingida, ſem mais replicar ſe deſpedíraõ, e vieraõ a Portugal.

Como os Embaxadores chegáraõ ao Reino, ElRey os ouvio em conſelho, para os que nelle ſe achavaõ, todos terem para ſi, que a embaixada fora para caſar o Infante D. Pedro, e alli deraõ razaõ de ſua viagem, tirando o ſegredo da diligencia, que fizeraõ em Ceita, e quando a el Rey deraõ a repoſta da Rainha de Cicilia, fez o ſembrante triſte, para maior diſimulaçaõ. E deſpois de arrazoar ſobre iſſo, moſtrou que era melhor deixar a replica para outro tempo. Deſpois em ſecreto diſſeraõ a el Rey, e aos Infantes do ſitio da Cidade, e das boas praias, e anchorações, e a commodidade do mais para vir a ſer Senhor de Ceita.

Reſtava hum impedimento para el Rey mui grande, porque por a Rainha ſer fraca da compreiçaõ, e mal diſpoſta, fugia el Rey de a deſcontentar, e naõ ſabia ſe conſentiria em irem ſeus filhos fóra do Reyno a guerra voluntaria, e naõ forçada. Mas os Infantes, a que toda a dilaçaõ era mui penoſa, acabaraõ com ſua mãi, que por aquella jornada ſe ordenar

denar

denar para elles ganharem o grao da cavalaria, com maior louvor, que á sombra em seus paços entre as festas, que lhe el Rey seu pai quizera fazer, lhe pediaõ naõ sómente o ouvesse ella por bem, mas a el Rey incitasse a isso, pois tinha nas mãos taõ boa occasiaõ, como era tomar Ceita aos Mouros. A Rainha que era de generosos espiritos mui contente de ver aquelle animo em seus filhos, lhes prometeo de assi o fazer, e assi o pedio a el Rey como se vio com elle.

Vendose el Rey rogando da Rainha naquillo que elle tanto desejava, lhe descobrio seus desejos, e pedio ouvesse por bem, que elle fosse companheiros de seus filhos naquella empreza. A Rainha, que naõ folgou de ouvir aquillo, respondeo que quaõ justo lhe parecia o requerimento de seus filhos, taõ fóra de razaõ lhe parecia o seu; porque seus filhos naõ tinhaõ ganhado honra até entaõ, e lhes era necessario arriscar suas pessoas, e offerecellas a trabalhos pola alcançar; mas que elle, que ja tinha posto sua fama em seguro, e ganhada mais honra, que todos os Reys de seu tempo, naõ parecia bom conselho, naõ sucedendo cousa que a isso o obrigasse, arriscar ao perigo de huma hora, o que tinha adquirido em tantos annos, porque as cousas da fortuna, que em tudo eraõ incertas, nas cousas da guerra o eraõ muito mais; e que alem disso sua idade, que já era grave, requeria mais occuparse no governo de seus Reynos, e cousas de espirito, e deixar seus filhos buscar o que suas idades, e disposiçoens lhes pediaõ: e que quando acontecesse a seus filhos algum caso contrario, melhor era ter com que os vingar, que abranger a contraria fortuna a todos, como seria indo elle, pois estava certo naõ ficaria no Reyno homem, a que ou a cobiça da honra, ou a vergonha naõ movesse. El Rey lhe

res-

respondeo, que aquellas considerações eraõ para quem se movesse só por ganhar honra temporal: mas que elle se movia sómente por aver contaminado as mãos em sangue de Christãos; o que postoque fosse causa justa, naõ estava satisfeito, até que as naõ lavasse em sangue de infieis, e expiasse seus peccados, resgatando a troco de seu sangue alguma casa das em que o nome de Mafamede se adorava, dedicandoa a nosso Senhor Jesu Christo, onde seu Santo nome se celebrasse. A Rainha que toda era chêa de piedade, e religiaõ lhe disse, que contra serviço de Deos naõ fallava. Mas que ao mesmo Deos pedia, que em seu proposito o ajudasse.

Havida a outorga da Rainha, el Rey disse aos Infantes, que o que principalmente faltava, era o parecer do Condestabel, o qual por sua grande authoridade, e experiencia na guerra, e felices successos, senaõ approvasse sua ida a Africa, todos teriaõ que naõ era para fazer, e teriaõ menos animo para o ajudarem naquella empreza. Vendose el Rey com o Condestabel em Alentejo, onde foi montear com seus filhos, e dandolhe em segredo conta de sua determinaçaõ, e em que naõ avia que consultar.

CAPITULO LXXXIII.

Poem el Rey sua jornada em conselho, e fingidamente desafia o Duque de Holanda.

JA avia tres annos, que el Rey começara a falar aos Infantes na jornada de Ceita, e sendo importunado delles, mandou vir a Torres Vedras os de seu conselho, e antes de communicar com elles, fallou com o Condestabel os receios que tinha, que expondo sua ida ás razoens do conselho temia que alguns com medo do perigo fossem de contrario voto.

voto. O Condeſtabel lhe diſſe, que naõ puzeſſe a couſa em deliberaçaõ, nem perguntaſſe pareceres, como couſa que eſtava duvidoſa; mas que lhe fazia ſaber, como couſa que tinha aſſentada, para os aviſar. E que ordenaſſe com que elle Condeſtabel votaſſe primeiro naquelle conſelho; porque elle fallaria de maneira, que os outros lhe naõ contrariaſſem ſua determinaçaõ.

Vindo o dia, em que ajuntóu o conſelho, el Rey lhes fez huma pratica, por naõ eſtranharem a novidade do juramento, que lhe deu de guardarem ſegredo no que alli lhes diſſeſſe. E lhes propôs como até alli lho naõ deſcobrira, por primeiro querer ſaber ſe avia algum impedimento, que lhe eſtorvaſſe ſeu propoſito; mas que agora que eſtava certo, que o naõ avia, lho quiz dizer, pera o ajudarem em taõ ſancta, e honroſa empreza, que lhes trouxera Deos ás maõs, e aconſelharem como melhor, e mais em breve ſe podeſſe executar, e ſe fazerem preſtes das couſas neceſſarias. Entaõ lhe contou toda ſua determinaçaõ.

Tanto que el Rey acabou de fallar, tocava ao Infante D. Duarte, como peſſoa mais principal, votar no primeiro lugar, ao coſtume daquelle tempo. Mas el Rey mandou ao Condeſtabel que fallaſſe primeiro; e fazendo que o recuſava por amor do Infante, elle o fez a ſeu rogo. E diſſe a el Rey que elle naõ tinha naquillo que dizer, mais que dar graças a Deos, que o trouxera a tempo, em que em taõ grande, e ſancta couſa ſe podeſſe achar. E a Sua Alteza beijava as maõs, por delle ſe querer ſervir nella, na qual o ſerviria como ſempre fizera. E dito iſto, ſe levantou, e beijou a maõ a el Rey. O Infante D. Duarte diſſe a el Rey, que, pois o Condeſtabel, que era homem de tanta experiencia, e em que tanta noticia avia da diſ-

ciplina militar era daquelle parecer, naõ tinha que dizer mais, que folgar de se achar em tempo, e idade, onde com tanta sua honra podesse tratar as armas, e servir a Sua Alteza, e lhe beijou a maõ; e por conseguinte seus irmaõs. E como estes senhores encareceraõ tanto, e louvaraõ o proposito del Rey, naõ poderaõ os outros do conselho al fazer, senaõ approvarem todos, sem nenhum discrepar.

E porque no segredo deste feito consistia o bom successo delle, assentaraõ todos, que para desviar os pensamentos, e juizos das gentes de cahirem nelle, e cuidarem outra cousa, era necessario algum fingimento: e assentaraõ que el Rey mandasse desafiar ao Duque de Holanda, e para isso elegeo el Rey Fernaõ Fogaça, Veedor do Infante D. Duarte. O qual como foi em casa do Duque, lhe deu sua carta de crença, e lhe pedio tempo para lhe dar sua embaixada. E antes que a desse, mandou dizer ao Duque secretamente, que relevava antes que o ouvisse em publico, fallar com elle em segredo; e fazendoo assi o Duque, Fernaõ Fogaça lhe descobrio como el Rey determinava fazer hum serviço a Deos, e ir contra os inimigos da Fé passando a Africa; e porque relevava sua tençaõ ser encuberta, para maior descuido dos inimigos, e os que vissem o apercebimento da armada, e gentes que fazia, naõ tivessem que sospeitar, e deixassem de lançar juizos, acordára de o mandar desafiar. E por tanto lhe mandava pedir ouvesse por bem o desafio, e o aceitasse: e para confirmaçaõ disso, fizesse alguma mostra de apercebimento, e que quereria Deos que alguma cousa lhe traria á maõ, onde mostrasse o agradecimento de sua boa vontade, e despeza que nisso fizesse. O Duque respondeo, que elle agradecia muito a el Rey fazello

par-

participante de tamanho ſegredo, e de o confiar delle. E que quanto ao deſafio, elle faria de maneira, com que el Rey ouveſſe por bem empregada a confiança, que nelle tivera.

Paſſados dous dias, o Duque mandou dizer a Fernaõ Fogaça, que ſenaõ agaſtaſſe em naõ o ouvir logo, porque queria mandar chamar ſeus conſelheiros, em cuja preſença queria ouvir ſua embaixada; porque hum taõ grande Principe, como era el Rey D. Joaõ, naõ podia mandar embaixada, ſenaõ ſobre couſa de grande pezo, e importancia; e logo os mandou chamar por ſuas cartas. O Duque fazia iſto, aſſi por dar contentamento áquelles ſeus Vaſſallos de naõ fazer nada ſem ſeu parecer, como para por elles ſe divulgar mais a nova de ſeu deſafio. Vindos, e juntos com o Duque em conſelho, Fernaõ Fogaça propôs ſua embaixada de queixumes, que el Rey mandava ao Duque de muitos roubos, e danos, que ſeus vaſſallos tinhaõ feito aos naturaes de ſeus Reynos, e faziaõ cada dia, aſſi quando hiaõ áquellas partes de Holanda, como por outros mares; e que queixandoſe diſſo ao Duque, nunca lhes mandara fazer juſtiça. Polo que os damnificados ſe tornavaõ a el Rey de Portugal, e que eſtava claro, que o Duque era em conſentimento diſſo: e por tanto lhe requeria da parte del Rey ſeu ſenhor lhe mandaſſe fazer inteira emmenda de tudo; e ſenaõ que elle avia por deſafiado ſua peſſoa, e todas ſuas terras, para nellas fazer guerra por mar, e por terra: e que por tanto o mandava primeiro aviſar.

O Duque moſtrou grande nojo, e afronta com aquella embaixada, e os ſeus ficaraõ eſpantados; e mandando ſahir para fóra Fernaõ Fogaça, o Duque ſe fingio impaciente, e fez muitos feros dizendo, que nem a el Rey de Portugal, nem a to-

da a Heſpanha temia. Eſte deſafio naõ vinha taõ fóra de propoſito, que naõ tiveſſe muita cor; porque os Holandezes tinhaõ feito muitos roubos a Portuguezes, e os faziaõ cada dia. O que dahi em diante ceſſou, pola amizade em que o Duque ficou com el Rey, pola parte, que lhe deu de ſeu ſegredo. Os do conſelho foraõ de parecer, que o Duque mandaſſe a el Rey repoſta mui commedida, lembrandolhe como era hum Rey mui ardiloſo, e esforçado, e bem afortunado em ſeus negocios: e que os ſeus vaſſallos eſtavaõ mui alterados, e bravos polas vitorias, que ouveraõ contra os Caſtelhanos; e que el Rey, que avia muito ſe apercebia, podia de ſubito vir ſobre elle.

O Duque, que ſe fingia mui afrontado, mandou chamar a Fernaõ Fogaça, e lhe diſſe que lhe parecia, que ſeu Rey com os mimos da fortuna eſtava aſſi orgulhoſo; mas que pois era prudente, que devia entender que a fortuna naõ eſtava ſempre em hum lugar: e que em ſuas terras avia homens, que ſabiaõ tratar as armas tambem, como os ſeus Portuguezes: e que naõ tinhaõ menos vontade de o ſervir, que os ſeus a elle, e que de ſua vinda era mui contente; e lhe promettia de o ir receber a qualquer lugar, onde ſua armada aportaſſe; e lhe mandou, que com aquella repoſta, e com huma carta de crença ſe partiſſe. Quando foi noite, o Duque mandou ir ao Paço Fernaõ Fogaça; e dandolhe muitas encomendas para el Rey, e para os Infantes; e fazendolhe a elle mercê, o deſpedio; e logo ſe divulgou por toda Holanda, como o Duque fora deſafiado.

CAPITULO LXXXIV.

Ajunta el Rey de Portugal grande armada : manda fazer prestes os senhores, e gente do Reyno.

EM quanto hia a embaixada a Holanda, mandou el Rey per toda a costa de Galiza, Viscaya, Inglaterra, e Alemanha fretar quantos navios grossos pudessem achar; polo que em todas as partes da Christandade soou da armada que el Rey D. Joaõ fazia, e soava mais do que a cousa era; e como el Rey era Principe taõ valoroso, e de tanta authoridade lá por essas partes, se lançavaõ muitos juizos, para onde armaria: e elle mandou que se divulgasse, que os Capitaẽs daquella armada eraõ seus filhos D. Pedro, e D. Henrique; mas naõ que se dissesse determinadamente que aviaõ de ir sobre Holanda, posto que sua vontade era, que todos o cuidassem assi. Ao Infante D. Henrique mandou logo á Comarca da Beira a apurar a gente; e o Conde de Barcellos á Comarca de entre Douro, e Minho, os quaes todos aviaõ de embarcar no Porto. A gente da Estremadura, de entre Téjo, e Guadiana, e do Reyno do Algarve, ordenou que embarcasse em Lisboa, sob a Capitanía do Infante D. Pedro, ao qual encarregou a apuraçaõ da gente daquellas Comarcas. Ao Infante D. Duarte, que entaõ fazia vinte dous annos, encarregou o governo da justiça, e da fazenda; e a el Rey ficava o cuidado de sua armada.

E logo escreveo aos senhores, e fidalgos do Reyno, e a homens de conta sobre apercebimentos, nas quaes cartas lhe fazia saber, como tinha determinado mandar os Infantes D. Pedro, e D. Henrique por Capitaẽs de sua frota, para o servirem

rem no que lhes elle mandasse, com quem elle queria que fossem aquelles, a que elle escrevia: e que se fizessem prestes, e lhe mandasse cada hum dizer a gente, com que o aviaõ de servir para lhe mandar seu soldo. Com isto ouve em todo o Reyno taõ grande alvoroço, e fervor, que naõ se fallava, nem fazia outra cousa; e como o povo he hum animal vario, e de muitas cabeças, eraõ infinitos os juizos, que se lançavaõ sobre a tençaõ del Rey. Huns diziaõ que seus filhos hiaõ a Napoles, e a Sicilia a casar com as Rainhas daquelles Reynos, que estavaõ viuvas: outros que hiaõ a Roma, e a Hierusalem pagar o voto, que seu pai fizera por si, quando dera a batalha de Algibarrota; outros que levavaõ a Infanta Dona Izabel casar a Inglaterra; outros que hiaõ a Avinhaõ contra o Antipapa Clemente em favor do Papa Urbano 6. Muitos criaõ que hiaõ a Holanda; porque, posto que aquelle segredo assi fosse calado, por ordem del Rey, os criados de Fernaõ Fogaça o contavaõ a seus amigos em segredo, e aquelles a outros; e o segredo fazia que se cresse. Outros diziaõ outras cousas, como entendiaõ.

CAPITULO LXXXV.

Temem se da armada del Rey de Portugal, e mandaõ Embaixadores os Reys de Castella, e Aragaõ.

E Como el Rey D. Joaõ taõ pouco havia tivera tantas differenças com el Rey de Castella, de que as chagas estavaõ recentes, e naõ lhe soubessem causa de differença, que com algum Rey tivesse, e naõ se persuadissem que fizessem tamanho movimento contra o Duque de Holanda, naõ

naõ deixavaõ os Caſtelhanos de temer, como outros muitos faziaõ; ajuntouſe a iſto que huns mercadores Genovezes de Lisboa, eſcreveraõ a outros ſeus parceiros eſtantes em Sevilha, da armada que el Rey fazia; e que, poſto que avia muitos pareceres ſobre o lugar onde el Rey iria, que os mais ſezudos tinhaõ para ſi, que hia ſobre Sevilha; e que elles diſſimuladamente tiraſſem dahi todas ſuas mercadorias, e couſas, em que pudeſſem receber dano.

Os 24. da Cidade ſe ajuntaraõ; e deſpois de terem ſuas conſultas, eſcreveraõ a el Rey, e á Rainha ſua mãi, que eſtavaõ em Palencia, avendo ſobre iſſo conſelho; e parecendo a todos que ſe tal fora, hum Principe como el Rey D. Joaõ naõ mandara ſeus Embaixadores a pedir pazes. Hum Biſpo d'Avila, que era natural de Sevilha, e eſtava no conſelho, deu muitas razoẽs com que quiz perſuadir, que aquella ida del Rey de Portugal naõ podia ſer ſenaõ contra Caſtella: e que ſeu parecer era, que a Cidade de Sevilha ſe avia de fortalecer, e repairar, e fechar, e as chaves della ſe aviaõ de entregar a peſſoa de muita confiança; e que aviaõ de mandar a todos os fidalgos comarcaõs, ſe vieſſem para ella; e que todas as naos, e navios, que eſtiveſſem em tarracenas, ſe proveſſem, e naõ lhe faltaſſe nada, para quando cumpriſſe.

Entre aquelles do conſelho de Caſtella eſtava o Adiantado de Caçorla, homem naõ velho em idade, mas mui prudente, e aviſado, o qual ſe eſtava ſorrindo quando o Biſpo fallava; e diſſe ſe era bem, que tomaſſem os Caſtelhanos mór quinhaõ de medo, do qual por ventura a outrem cabia mór parte? E como poderiaõ elles fazer movimento algum, que naõ foſſe grande afronta para el Rey de Caſtella, temendoſe ſem cauſa, e para o de Portugal deſconfiando delle? E que tendo

com

com elle pazes, e lianças aſſentadas: e avendo tanto parenteſco entre el Rey D. Joaõ ſeu ſenhor, e as Infantes de Portugal, ſendo el Rey de Portugal hum Principe taõ magnanimo, e verdadeiro, como aviaõ de crer que quebraſſe ſua verdade, e ſua fé, onde nunca ſe achou que outra tal fizeſſe? E que naõ era bem, que o conſelho del Rey ſe moveſſe, polo pavor dos mercadores, que aquellas novas eſcreveraõ; porque, como homens timidos, e mercantis, que naõ tinhaõ mais bens, nem honra que ſeu dinheiro, tratavaõ de o aſſegurar. Polo que ſeu parecer era, que elles naõ deviaõ fazer mudança alguma, porque deſſem a entender que naõ tinhaõ as pazes por duvidoſas: e que para naõ eſtarem em duvida, e ſe aſſegurarem do que receavaõ, lhe parecia que em nome del Rey ſe aviaõ de mandar Embaixadores a Portugal para tomarem juramento a el Rey ſobre a confirmaçaõ das pazes, como ficou aſſentado com ſeus Embaixadores, que foraõ a Caſtella; e que deſta maneira, jurando el Rey, eſtariaõ ſeguros. E ſenaõ quizeſſe jurar, entaõ teriaõ cauſa honeſta de ſe aperceber, e tratarem de ſe aſſegurar. Naquelle conſelho eſtava o Duque de Ariona, e o Meſtre de Calatrava, o Prior de S. Joaõ, o Conde de Benavente, o Arcebiſpo de Toledo, D. Paulo Biſpo de Burgos, e D. Affonſo de Carthagena Deaõ de Sanctiago, ſeu filho, grande letrado, qne deſpois ſuccedeo a ſeu pai no Biſpado, e muitos Doutores, e cavaleiros, os quaes todos approvaraõ o conſelho do Adiantado, e o louvaraõ muito.

Logo a Rainha de Caſtella tutora del Rey mandou por ſeus Embaixadores a Portugal o Biſpo de Mondonhedo, e Dia Sanches de Benavides, com grande apparato, e companhia, por ſerem os primeiros Embaixadores, que vinhaõ em nome del

Rey

Rey ſeu filho. Os quaes vindo receoſos de ſerem mal recebidos del Rey de Portugal, pola fama, que avia de elle querer ir contra Sevilha, como chegaraõ ao eſtremo do Reyno, logo ſe deſenganaraõ; porque acharaõ hum criado del Rey, que os eſperava, para os vir agazalhando polo caminho; e provendo do neceſſario. E aſſi mandaraõ logo recado á Rainha, como foraõ bem recebidos, e as ſoſpeitas, que del Rey tomaraõ, ſerem vans. E quando chegaraõ a Lisboa, que foraõ recebidos de toda a Corte com muita honra, o entenderaõ melhor.

Vindos ante el Rey, e dando ſua carta de crença, propuzeraõ ſua embaixada, com que requereraõ o juramento, a que el Rey, ſem dilaçaõ para o outro dia, como he coſtume, logo reſpondeo, que eſtava preſtes para jurar, e para em tudo o mais tratar as couſas del Rey ſeu ſobrinho, e de ſeus naturaes, como as ſuas proprias; e que para o juramento ſe fazer, como cumpria, mandaria chamar algumas peſſoas, que alli naõ eſtavaõ. El Rey, e ſeus filhos fizeraõ o juramento pola maneira que ſe fez em Caſtella, de que os Embaixadores foraõ mui contentes, e muito mais dos grandes gazalhados, e mercês, que del Rey receberaõ; e o Biſpo muitas dadivas de grande preço; porque o Dia Sanches de Benavides adoeceo, e morreo em Lisboa, fazendoſelhe na cura por mandado del Rey muita diligencia, e no enterramento muita honra, achandoſe a ſuas exequias toda a Corte: polo que, por ſua virtude, e magnificencia foi el Rey mui louvado, e desfeita a deſconfiança, que delle mal ſe tomara.

El Rey D. Fernando de Aragaõ quando ſoube da embaixada de Caſtella, e da repoſta, que ſe a ella deu em confirmaçaõ das pazes, naõ ficou

por iſſo deſcanſado, mas muito mais receoſo de ſer elle, o contra quem el Rey queria ir. Ajudava a el Rey crer iſto o grande apparato de armada, que a fama fazia maior, e parecia ſenaõ faria para contra huma ſó Cidade, e por o credito que deu a hum fidalgo principal de Valença, que lhe affirmou que o Conde de Urgel ſe tinha confederado com el Rey de Portugal, offerecendoſe, que ſe ſua armada chegaſſe ás coſtas do Reyno de Valença, ſegundo a parte que tinha nelle, com mui pouca reſiſtencia cobraria aquelle Reyno. E ſe tomaſſe a empreza de favorecer ſua juſtiça, que notoriamente lhe fora roubada, por naõ ter filho varaõ, caſaria duas filhas ſuas com dous filhos del Rey de Portugal; e o que caſaſſe com a maior, ſeria Rey de Aragaõ; e o que caſaſſe com a menor, ſeria Conde de Urgel, e das mais terras que tinha, que era hum mui grande Eſtado.

Ajuntavaſe a iſſo ſerem os Aragonezes homens de grandes movimentos, e livres, e elle quaſi eſtrangeiro, e ſaber que a obediencia, que lhe moſtravaõ, era mais conſtrangida, que voluntaria; que os Reys ſempre devem ter por ſoſpeita. Polo que ſe determinou em mandar ſua embaixada a el Rey D. Joaõ, cuja ſubſtancia era: que avia muito tempo, que ouvia dizer dos apercebimentos de guerra, que fazia; e que em quanto naõ foi muito ſoado, ſempre lhe pareceo que ſeria alguma couſa pequena; mas agora que ouvira como mandava aperceber toda a gente de ſeu Reyno, e buſcar por Reynos eſtranhos naos, e navios, que entendia que taõ alto Principe como elle, e de taõ grandes eſpiritos naõ ſe moveria, ſenaõ para mui grande empreza; e que quanto menos certeza avia de ſua tençaõ, tanto ſe devia cada hum mais prover ſobre iſſo; e que entre muitas couſas, que as gentes

tes diziaõ, era que elle armava ſobre duas partes, que a elle tocavaõ, a ſaber, o Reyno de Aragaõ, para que o Conde de Urgel lhe pedia ſoccorro, e lhe fazia largas promeſſas, como faz quem dá do alhêo; e a outra ſobre o Reyno de Sicilia, em que elle tinha tanta parte, como ſabia. E que lhe pedia, que conſideraſſe a muito boa vontade, que ſempre nelle achara para ſuas couſas, e o direito, que tinha no Reyno de Aragaõ, julgado por ſentença dos maiores letrados delle, e confirmado polo S. Padre, por bem da qual elle foi metido de poſſe, e recebido, e jurado por Rey, e ſenhor; e ſe aſſi era, como lhe foi dito, naõ quizeſſe contra juſtiça, e contra o que devia a ſi, a quem Deos fizera Principe taõ magnanimo, e dotára de tantas virtudes, por reſpeito de algum intereſſe humano moverſe contra elle: e que de ſua determinaçaõ lhe mandaſſe a certeza, poſto que elle nunca crêo, que em taõ Real coraçaõ podia caber couſa taõ injuſta.

El Rey ſem alongar mais, logo reſpondeo aos Embaixadores, que diſſeſſem a el Rey D. Fernando que ſua armada naõ era contra elle, nem contra couſa, que a elle tocaſſe; e que com melhor vontade o ajudaria a ganhar outro Reyno, em que elle tiveſſe alguma juſta parte, e razaõ, que darlhe goſto, e inquietaçaõ, ſobre o que elle com tanta juſtiça poſſuia; e que ſabia quanto contentamento elle niſſo levára. E que ſe elle determinara de deſcobrir aquelle ſegredo a algum Principe, elle fora o principal; mas que prazendo a Deos, cedo teria certo recado de ſua pertençaõ. Os Embaixadores com a boa repoſta del Rey, e com os grandes gazalhados, e dadivas, que delle receberaõ, foraõ mui ledos, e muito mais o ficou el Rey de Aragaõ, que naõ acabava de exalçar as cou-

ſas del Rey D. Joaõ, e ſua magnificencia.

CAPITULO LXXXVI.

Manda el Rey de Granada Embaixadores: voltaõ ſem a ſ gurança, que pediaõ. Traz o Infante D. Henrique ſua frota.

ASſi como os Principes Chriſtaõs ſe temiaõ do apercebimento del Rey, muito mais ſe temia el Rey de Granada, e tanto mais, quanto menos lugar acharaõ ſuas offertas em el Rey D. Joaõ no tempo, em que lhe eraõ neceſſarias; porque quando tinha guerra em Caſtella, muitas vezes foi requerido por el Rey de Granada, offerecendolhe gentes para o ajudarem a deſtruir ſeus contrarios, que naõ quiz aceitar; e outra vez cometendolhe que fizeſſem pazes, ou tregoas, nunca com elle as quiz fazer. Polo que o medo era nos Mouros maior, e com muita mais razaõ, por verem que el Rey D. Joaõ naõ tinha differenças com algum Principe Chriſtaõ.

Sendo pois el Rey de Granada informado do que paſſava em Portugal polos Mouros forros delle; e como os Reys de Caſtella, e de Aragaõ eſtavaõ ſeguros de ir contra elles, colligiraõ que naõ podia aquelle ajuntamento fazerſe ſenaõ contra o Reyno de Granada. Polo que el Rey mandou certos Mouros principaes com embaixada a el Rey D. Joaõ, que deſdo principio do Reyno de Portugal nunca entre os Reys delle, e os Reys de Granada ouvera diſcordia, nem differença; porque os vaſſallos de hum Reyno, e outro deixaſſem de tratar, e levaſſem de hum Reyno a outro ſuas mercadorias; mas antes elle Rey de Granada lhe teve ſempre tanta affeiçaõ por ſuas grandes virtudes, que o

conſ-

conſtrangeo muitas vezes a viſitallo com ſeus preſentes, o que nunca fizera a nenhum Rey Chriſtaõ. E porque alguns homens do ſeu Reyno de Granada receavaõ de vir a ſeus Reynos com ſuas mercadorias, como antes vinhaõ, por as novas que ſoavaõ de ſua armada, ſoſpeitando que por ventura ſeria para algum lugar de ſeu ſenhorio; e outros deixavaõ o comercio, com recêo de ſuas mercadorias lhe ſerem reteudas, lhe pedia, por evitar aquella ſoſpeita, lhe mandaſſe certa ſegurança, que huns, e outros pudeſſem eſtar, e contratar amigavelmente, como ſempre fizeraõ. El Rey lhes reſpondeo, que naõ avia cauſa para el Rey de Granada ter tal ſoſpeita delle; porque, poſto que elle mandaſſe aperceber ſuas gentes para mandarem ſeus filhos a ſeu ſerviço, ſua tençaõ eſtava mui longe do que elles cuidavaõ, nem via razaõ para lhes fazer tal ſegurança: e que por tanto diſſeſſem a ſeu Rey, que pois com elle nunca tivera contenda, nem trato, era eſcuzado fazer com elle innovaçaõ alguma; e que com iſto ſe foſſem.

Os Mouros, que com aquella repoſta naõ levavaõ bom recado, fallaraõ á Rainha por inſtrucaõ, que já traziaõ, e lhe diſſeraõ da parte da Rainha de Granada, a que elles chamavaõ a Rica Forraque, era a principal molher; que, porque ſabia quanto as molheres acabavaõ com ſeus maridos, lhe pedia favoreceſſe a embaixada del Rey de Granada ſeu marido ante el Rey; e que pois tinha a Infanta ſua filha para caſar, lhe prometia para ella o mais rico enxoval, que ſe dera á Princeza alguma Moura, ou Chriſtãa. A Rainha lhe reſpondeo, que entre Principes Chriſtaõs naõ ſe coſtumava entremeteremſe as molheres nos feitos de ſeus maridos, mórmente em couſas publicas, e de ſeus Eſtados, para que tinhaõ ſeus conſelhos; e que

reque-

requereſſem a el Rey ſeu Senhor, que ſe ſua petiçaõ era juſta, eſtiveſſem certos que lha aceitaria. Vendo os Mouros que com a Rainha naõ acabavaõ nada, foraõſe ao Infante D. Duarte, para tentarem ſe com ſuas grandes promeſſas o podiaõ mover, e lhe diſſeraõ, que o que queriaõ a ſeu pai era ſegurança do comercio, que ſempre ſeus maiores tiveraõ; e que como os Portuguezes em Granada eraõ bem tratados, e com tanto favor, aſſi foſſem os Granadinos em Portugal. O que era fundado em razaõ, e de direito natural; e que el Rey de Granada, como quem com elle deſejava a meſma amizade, que com el Rey ſeu pai, lhe mandava pedir foſſe niſſo bom terceiro. E que lhe prometia, como Rey que era, ſe aquella ſegurança lhe impetraſſe, lhe mandaria hum preſente, que de grande foſſe ſoado em muitas partes; e que diſſo lhe daria qualquer ſegurança, que quizeſſe. O Infante ſe deſpedio delles, dizendo que os Principes de Portugal naõ vendiaõ ſuas boas vontades por preço de dinheiro, nem mercadejavaõ com os beneficios, que faziaõ, nem a el Rey ſeu pai ſe podiaõ fazer requerimentos, que naõ foſſem juſtos; e que el Rey de Granada naõ tinha cauſa para pedir tal ſegurança, nem ſe lhe movia couſa, para que deſconfiaſſe. Com eſta repoſta ſe partiraõ os Embaixadores Granadinos mal contentes.

Por eſte tempo vieraõ á Corte hum Duque, e hum grande Baraõ Alemaẽs, cujos nomes, e titulos os Eſcritores daquelles tempos naõ diſſeraõ, offerecendoſe a el Rey, para a empreza, e expediçaõ que queria fazer por mar, de que em ſuas terras corria fama. O Duque pedio a el Rey lhe declaraſſe o lugar, para onde armava ſua armada; porque contra tal Principe, podia ſer que o naõ poderia niſſo ſervir, El Rey lhe agradeceo ſua boa

von-

vontade, dizendolhe que a elle cumpria naõ descobrir o secreto daquelle negocio a alguma pessoa fóra do seu conselho, que se assi se contentasse de ganhar honra, lho teria em serviço. O Duque mostrou sua determinaçaõ naõ ser tal, e com licença del Rey, e dadivas de joias, que lhe deu, se tornou.

O Baraõ, que era homem de estado honrado, ficou, e servio a el Rey mui bem, com quarenta gentis homens mui bons cavalleiros. E assi vieraõ alguns senhores estrangeiros aventureiros. Entre os quaes foraõ os mais conhecidos tres fidalgos gentis homens da Casa de França: hum avia nome Mossem Arredentaõ, outro Pedro Severim Batalha, e o terceiro Gibotilher, os quaes largando suas terras, vieraõ ganhar honra debaixo da bandeira de taõ excellente Rey, e Capitaõ.

Como el Rey soube que o Infante D. Henrique tinha prestes sua armada, mandoulhe que viesse com ella o mais breve que pudesse. A armada veio mui luzida, e bem armada, e embandeirada, e a sua gente nobre toda vestida das cores do Infante; e os criados de cada hum das librés, e divisas de seus amos, que faziaõ huma alegre vista. Os Capitaẽs das galés eraõ o Infante D. Henrique, o Conde de Barcellos seu irmaõ, D. Fernando de Bragança, filho do Infante D. Joaõ, Gonçalo Vasques Coutinho Marichal, Joaõ Gomez da Silva Alferes mór del Rey, Vasco Fernandes de Ataide Governador da Casa do Infante, Gomez Martinz de Lemos Aio, que fora do Conde de Barcellos. Os Capitaẽs das naos, de que lembraõ os nomes, foraõ D. Pedro de Castro, Gil Vasques da Cunha, Pedro Lourenço de Tavora, Diogo Gomez da Silva, Joaõ Alvarez Pereira, Gonçaleanes de Sousa, Martim Lopez de Azevedo, Luiz

Alva-

Alvarez Cabral, Fernaõ Alvarez Cabral ſeu filho, Eſtevaõ Lopez de Mello, Garcia Muniz, Mem Rodriguez de Refoyos, Alvaro da Cunha, Vaſco Martinz de Albergaria, Alvaro Fernandez Maſcarenhas, Ayres Gonçalvez de Figueiredo, que ſendo de noventa annos, ſem ſer chamado, ſe veio offerecer ao Infante armado com muitos eſcudeiros, e gente de pé, Joaõ Rodriguez de Sá, Payo Rodriguez de Araujo, Garcia Muniz, Fernaõ Lopez de Azevedo; e com grande recebimento, que lhe o Infante D. Pedro fez com todas as galés, e armada, que em Lisboa eſtava, entrou o Infante D. Henrique com grande alegria de todos.

Eſtando aſſi a Rainha com el Rey em Sacavem, morreraõ alguns de peſte, que em Lisboa andava mui acceza. Polo que el Rey diſſe á Rainha que ſe foſſem dalli logo, antes de comer. A Rainha fez com el Rey que ſahiſſe logo, e que como ella acabaſſe de rezar ſeus officios, ſe iria logo; porque em molheres velhas naõ avia tanto que recear. El Rey partio caminho de Odivellas, e a Rainha naõ quiz partir até o meio dia, como tinha dito; e eſtando na Igreja, lhe deu o mal da peſte, que ella naõ cuidava ſer ſenaõ outra infermidade. O mal ſe augmentou tanto em pouco eſpaço, que os Infantes entenderaõ, que o fim de ſua mãi ſe chegava; polo que trataraõ com el Rey que foſſe daquelle lugar, e ſe naõ achaſſe á ſua morte, por a pena que lhe daria a elle, e perigo, em que poria ſua peſſoa; o que naõ quiz fazer, dizendo que naõ era juſto deſemparar elle na morte, quem lhe foi taõ boa companheira na vida, e de que elle fora mui contente ſer companheiro na partida. Mas tanto fizeraõ os Infantes, e os do ſeu conſelho, que o forçaraõ a paſſar o rio, e ir a hum lugar pequeno, que chamaõ Alhos Vedros;

e aſſi

e aſſi ſe apartou da Rainha com as moſtras de ſentimento de quem ſe apartava para ſempre da couſa, que mais amava.

Partido el Rey, a Rainha mandou que lhe trouxeſſem o Corpo do Senhor, o qual tomou com grande devoçaõ, e acatamento, e logo foi ungida; e em lhe abrindo hum carbunculo, que lhe naceo, fez chamar ſeus Capellaẽs, e mandou que rezaſſem com ella o Officio de defuntos; e em ſe acabando a derradeira Oraçaõ, levantou os olhos ao Ceo, e ſem nenhuma pena deu a alma a Deos, ficando tambem aſſombrada, que parecia eſtava rindo. Foi a Rainha Dona Philippa Princeza de grandes, e heroicas virtudes, e taõ zeloſa de bem fazer, que naõ ſómente naõ ouve queixa della, nem ſe ouvio ſem razaõ que fizeſſe, ou diſſeſſe; mas ſeu trabalho todo era arredar offenſas, e meter paz entre ſeus vaſſallos, ainda que do ſeu muito lhe cuſtaſſe. Nos trajos de ſua peſſoa era honeſtiſſima, aſſi como o era nos coſtumes, e taõ temperada, que em ſeus veſtidos, nem ſe podia notar ambiçaõ, nem eſcaceza, ou pouquidade; e o que he raro em molheres, foi mui calada, e naõ fallava, ſenaõ quando, e como cumpria; e ſuas fallas eraõ com tanta modeſtia, e manſidaõ, que mais parecia ſubdita, que Rainha. O em que parecia Princeza, era na gravidade, e pezo das palavras: e como ella era caſtiſſima, amava mui o, e tinha em grande conta as molheres honeſtas, e recolhidas, e as favorecia muito. O roſto daquella ſancta Rainha era teſtemunha de ſeus coſtumes. A poſtura de ſua peſſoa era trazer os olhos baixos, e no roſto a côr, de que ſe tingem as donzellas vergonhoſas; no comer era temperada, como quem o naõ tomava mais, que para ſuſtentar a vida: ſeus jejuns eraõ taõ frequentes, que por ella ſer de

compreiçaõ fraca, gaſtou muito de ſua ſaude. A mór parte de ſua occupaçaõ era rezar os Officios Divinos, nos quaes era taõ deſtra, e no mais culto Divino, que muitas vezes nas ceremonias pronunciaçaõ, e em o mais, enſinava ſeus Capellaẽs. O tempo que lhe reſtava, trabalhava como qualquer outra molher; e aſſi fazia occupar em honeſtos exercicios as molheres de ſua caſa. Entre as mais virtudes deſta Princeza ſe contava o cuidado, que teve da criaçaõ de ſeus filhos em letras, e bons coſtumes; e fóra dos mimos, e errada criaçaõ dos ſenhores Heſpanhoes, porque foraõ huns dos mais valoroſos Principes, que ouve em ſua idade; e aſſi do tempo da Rainha Dona Philippa, e de ſeus filhos para cá, ouve em Portugal na policia, e tratamento das Peſſoas Reaes muita mudança, e bons eſtillos; e muita differença na lingoagem. e nos conceitos. Faleceo a Rainha a 19. do mez de Junho do anno de 1415., ſendo de idade de 64. annos.

CAPITULO LXXXVII.

Apreſtaſe el Rey para a jornada de Ceita: parte de Lisboa: fidalgos, que o acompanharaõ.

TAnto que a Rainha faleceo, logo foi enterrada ſecretamente, por o tempo ſer mui quente, e ao outro dia lhe foraõ feitas as exequias. Os Infantes ſe partiraõ de Odivellas com os ſenhores, e fidalgos, que ahi eſtavaõ, e ſe foraõ a huma Aldêa, que chamaõ Reſtello, junto donde agora eſtá o Moſteiro de Bethlem, polo qual meſmo nome de Reſtello chamavaõ, e chamaõ hoje o porto de Bethlem. Ao outro dia em amanhecendo foraõ ver a el Rey ſeu pai, com o qual deſpois de ſe condoerem com muitas lagrimas de ſeus

nojos,

nojos, lhe perguntaraõ os Infantes, o que determinava fazer ácerca de sua partida? El Rey lhes disse, que elle estava tal que naõ sabia cuidar em outra cousa, senaõ em seus males; que se ajuntasse o Infante D. Duarte, e os do seu conselho, e vissem o que lhes parecia que se devia de fazer; e que o que acordassem, lho fizessem saber a elle, para dahi tomar o que melhor lhe parecesse.

Vindo os Infantes para Restello, fizeraõ ajuntar os do conselho, que estavaõ mais perto, que foraõ quatorze, com os Infantes, cujos votos foraõ partidos em duas partes iguaes; e os Infantes com quatro do conselho acordaraõ, que todavia el Rey devia partir como tinha ordenado; porque diziaõ que tantos trabalhos, como tinhaõ levado, e tamanhas despezas, como eraõ feitas, naõ deviaõ assi ficar em vaõ, quanto mais sendo aquella empreza para serviço de Deos; e que morrer a Rainha naõ devia ser causa de estorvo, pois sua morte naõ trazia mais impedimento que a tristeza presente, que com a occupaçaõ, e bom successo da vitoria, que esperavaõ, abrandaria: e que vergonhosa cousa seria saberse polo mundo, onde andava taõ divulgada aquella expediçaõ, que por intolerancia do nojo por huma molher, que era mortal, deixavaõ de proseguir cousa de tanta honra sua.

Os outros do conselho eraõ de parecer que el Rey em nenhuma maneira devia ir; porque se por serviço de Deos fazia aquella jornada, bem se mostrava que a Deos naõ aprazia, por os manifestos sinaes, que viraõ, como era a grande peste, que mandara, de que morrera, e morria tanta gente; e que naõ avia duvida senaõ que despois que embarcassem, se accenderia muito mais com a muita frequencia, e aperto de gente, de que naõ ficaria

caria pessoa viva; e que o remedio que avia para aquelle mal se applacar, era derramarse a gente; e que poderia ser, que se agora partissem, assi como morreo a Rainha, morreriaõ pessoas, que causariaõ maior dano; e que o outro sinal foi o eclypse do Sol, que precedera á morte da Rainha, que foi o mór que viraõ em seus dias, por estar duas horas o mundo em trévas. E o outro foi levarlhe a Rainha, por cujas oraçoẽs, e sanctidade esperavaõ escapar de quaelquer perigos, por a qual se mostraria pouco sentimento, se acabado de adar á terra, fossem fazer guerra voluntaria, e naõ necessaria, sem meter nisso algum espaço. E que além disto por morte da Rainha se desaviaraõ muitas cousas, para concerto das quaes era necessario tempo de hum mez; e que elles estavaõ em fim de Julho, e que passado aquelle mez, de que tinhaõ necessidade, estavaõ em fim de Agosto, que era entrada de Inverno, em que por mar senaõ podia começar feito algum. Polo que deviaõ de sobrestar na execuçaõ daquelle negocio.

Sendo estes votos assi differentes, e por igual numero, ouve no conselho muitas alteraçoẽs com os Infantes sobre irem naquelle dia a el Rey com a reposta; mas porque elles todos tres eraõ de huma parte, differaõ os da outra, que fossem com elles outros tres, dos que tiveraõ o contrario voto, e assi foraõ.

El Rey despois de ouvir as razoẽs de huma, e outra parte, deu muitas razoẽs, porque a ida se naõ devia dilatar, espantandose de aver quem aconselhasse o contrario; e animando aos que o ouviaõ, que tivessem por mui certa a victoria, e disse que de sós quatro dias seria sua detença; e que quarta feira em que acabavaõ, partiria, que tudo estivesse prestes: e por quanto em feitos de armas

naõ

naõ ſervia triſteza, nem dó, nem veſtidos de luto, ſe veſtiſſem todos das melhores couſas, que tiveſſem, com que ſe lhes alegraſſem os olhos, e os coraçoẽs; e naõ ouveſſe peſſoa, que levaſſe veſtido de dó, mas ſe veſtiſſem de cores alegres, como antes faziaõ, e ainda melhor; e que outro tempo eſcolheriaõ, que com mais razaõ poderiaõ trazer dó pola Rainha.

Logo os Infantes, e a mais gente foraõ veſtidos de alegres cores, e as galés embandeiradas, e toldadas; e das naos começaraõ a ſoar as trombetas, e atambores. Os pregoẽs ſe começaraõ a dar para ſe recolher a gente, qne com a preſſa fervia, eſtando já em penſamento que el Rey naõ iria; polo qne no povo ouve muitos juizos, e todos culpavaõ a el Rey, e aos Infantes principalmente, por naõ deſiſtirem com tantos ſinaes, que parece lhes inſinuavaõ o contrario.

Naquella quarta feira, que el Rey diſſe, ſe meteo na Galé, de que era Capitaõ ſeu filho natural D. Affonſo, e foraõ para elle os Infantes, e muitos dos ſenhores, que alli eraõ, e veio cear, e dormir a Reſtello. Ao outro dia, que era veſpora de Sanctiago, partio el Rey dalli, e mandou lançar ancora junto a Sancta Catharina, para que a gente ſe recolheſſe com maior preſſa. E ao dia de Sanctiago ſe meteo em ſua galé, e mandou tocar as trombetas; e aſſi fizeraõ todos os mais navios, fazendo ſinal que deſſem á vella, o que em hum ponto ſe fez; e el Rey levava a Capitania das galés, e o Infante D. Pedro das naos, e cada hum levava ſeu farol para regimento das outras; e para lembrança daquelles cavalleiros, que com el Rey foraõ naquella expediçaõ, digna de ſer mais lembrada, que a de Colcos, ſe pozeraõ aqui os Capitaẽs, que lembraraõ.

O In-

O Infante D. Duarte, herdeiro do Reyno; o Infante D. Pedro, o Infante D. Henrique; D. Affonſo filho natural del Rey, que foi Conde de Barcellos, e deſpois o primeiro Duque de Bargança, D. Fernando ſenhor de Bargança filho do Infante D. Joaõ, D. Affonſo de Caſcaes, filho do meſmo Infante; o Condeſtabel D. Nunalvarez Pereira, D. Lopo Dias de Souſa Meſtre da Ordem de Chriſto, D. Alvaro Gonçalvez Camello Prior de S. Joaõ do Hoſpital, Gonçalo Vaz Coutinho, Meſſer Lançarote Peſſano Almirante do Reyno, D. Pedro de Menezes Conde de Vianna, Alferez do Infante D. Duarte, o Capitaõ mór do mar Affonſo Furtado de Mendoça, D. Joaõ de Noronha, D. Henrique de Noronha ſeu irmaõ, D. Joaõ de Caſtro, D. Fernando de Caſtro ſeu irmaõ, Lopo Alvares de Moura, Gonçalo Anes de Souſa, D. Alvaro Pirez de Caſtro, D. Pedro de Caſtro ſeu filho, Martim Affonſo de Mello Guarda mór del Rey, Nuno Vaz de CaſtelloBranco, que foi Alcaide mór de Moura, e Monteiro mór del Rey D. Joaõ, e del Rey D. Duarte, e Veedor da Fazenda, e do Conſelho del Rey D. Affonſo o quinto, Lopo Vaz de CaſtelloBranco, Gil Vaſques de CaſtelloBranco, Payo Rodriguez de CaſtelloBranco, Joaõ Soares de CaſtelloBranco, Diogo Soares de CaſtelloBranco todos irmaõs, filhos de Gonçalo Vaz de CaſtelloBranco ſenhor da honra de Sobrado, Joaõ Vaſques de Almada, Pedro Vaz, e Alvaro Vaz de Almada ſeus filhos, Nuno Martins da Silveira, Diogo Gomez da Silva, Joaõ Gomez da Silva Alferez mór del Rey, Gil Vaz da Cunha, Diogo Soares d'Albergaria, Vaſco Martins de Albergaria, Pedro Lourenço de Tavora, Joaõ Alvarez Pereira, Gonçalo Lourenço de Comide Eſcrivaõ da puridade, Joaõ Affonſo de Sanctarem, Gonçalo

çalo Nunez Barreto, Alvaro Mendez Cerveira, Mendo Affonſo Cerveira ſeu irmaõ, Diogo Lopez de Souſa, Vaſco Fernandez Coutinho, Alvaro Gonçalvez de Ataide, Governador da Caſa do Infante D. Pedro, que foi Conde primeiro da Atouguia, Vaſco Fernandez de Ataide, Governador da Caſa do Infante D. Henrique, Joaõ de Ataide, Gonçalo Pereira de Bouzella, Alvaro Pereira ſobrinho do Condeſtabel, Joaõ Rodriguez de Sá, Martim Vaz da Cunha; o Doutor Martim Docem, Affonſo Vaz de Souſa, Joanne Mendez de Vaſconcellos, Ayres Gonçalvez de Figueiredo, Gonçalo Anes de Abreu, Gomez Martinz de Lemos, Joaõ Affonſo de Brito, Diogo Alvarez Meſtre Salla del Rey, filho de Alvaro Paes, Luiz Alvarez Cabral, Fernaõ Dalvarez Cabral ſeu filho, Diogo Fernandez de Almeida, Alvaro Fernandez Maſcarenhas, Alvaro da Cunha, Joaõ Affonſo Dalenquer, Ruy de Souſa, Eſtevaõ Soares de Mello, Ruy Gomez da Silva, Ruy Vaz Pereira, Gonçalo Pereira das Armas, Lopo Dias de Azevedo, Martim Lopez de Azevedo, Gonçalo Gomez de Azevedo, Alcaide mór de Alenquer, Garcia Muniz, Diogo Lopez Lobo, Pedro Gonçalvez Malafaia, Luiz Gonçalvez Malafaia irmaõs, Pedro Peixoto, Joaõ Pereira, Ruy Vaſques Ribeiro, Alvaro Ferreira, que deſpois foi Biſpo de Coimbra, Gomez Ferreira, Alvareanes de Sarnache, Joaõ Rodriguez Taborda, Alvaro Peixoto, Pedreanes Lobato, Pedro Gonçalvez de Carazelo, Gil Vaſquez de Barbuda, Mem Rodriguez de Refoyos, Alvaro Nogueira, Payo Rodriguez de Araujo, Joaõ Fogaça, Vaſco Martins do Carvalhal, Fernaõ Vaſquez de Sequeira, Fernaõ Gonçalvez da Arca, todos eſtes ſenhores, e fidalgos eraõ Capitaẽs de gente muita, ou pouca, cada hum, ſegundo

gundo ſeu eſtado; a fóra eſtes, hiaõ com el Rey muitos homens nobres Portuguezes, e outros eſtrangeiros, de que eraõ hum o Baraõ de Alemanha, e os Francezes de que atraz ſe faz mençaõ, que vieraõ aventureiros por ganhar honra, e hum rico homem Ingrez, que com quatro, ou ſinco naos veio ſervir a el Rey com muitos archeiros, e outra gente. No Reyno ficavaõ muitos fidalgos repartidos polas Comarcas, para guarda das fronteiras, e ſobre elles o Meſtre de Aviz Fernaõ Rodriguez de Sequeira, a que ficou encarregado o governo do Reyno, e a guarda dos Infantes moços.

Foi aquella armada para aquelles tempos, em que naõ ſe navegava tanto, avida por grande, e deſacoſtumada; mas de quantas vellas foſſe, e do numero da gente de peleja, que nella hia, naõ fez memoria alguma Gomez Anes de Zurara, que emprendeo eſcrever eſta jornada, ao qual em o mais della ſeguimos, ſendo a couſa mais ſubſtancial daquelle feito; e tanto mais de culpar, quanto aquelle author foi mais viſinho daquelles tempos, e podéra ter informaçaõ dos que naquella armada foraõ; mas Hieronymo Curita eſcritor de muita authoridade das couſas de Aragaõ, que iſto enveſtigou com mais diligencia, diz na vida del Rey D. Fernando primeiro de Aragaõ, que a Armada, em que el Rey D. Joaõ paſſou a Ceita, foi de trinta e tres naos groſſas, de vinte ſete galés de tres remos por banco, e trinta e duas de dous remos; e outros cento e vinte navios menores. Com eſte meſmo numero de navios confórma hum Ephitaphio grande, que eſtá no Moſteiro da Batalha, em huma taboa, na ſepultura do dito Rey, que diz que foi a armada de mais de duzentas vellas, das quaes as mais eraõ naos groſſas, e galés;

mas

mas da gente naõ se faz mençaõ, donde polos navios a poderá cada hum estimar.

Tanto que deraõ á vella, e aquella lustrosa, e grande armadá começou a navegar com bom vento, que fazia, dava de si huma formosa vista; e á gente que da Cidade, e da praia a estava vendo fez muita saudade, por verem ir el Rey, e seus filhos Principes taõ bem quistos de todos, e tantos senhores, e nobres do Reyno, sem saberem para onde, nem o fim que averiaõ. E a muitos, que por mandado del Rey ficaraõ para guarda da terra, fazia grande inveja o naõ se acharem em taõ gloriosa armada, ou jornada, parecendo-lhes que era afronta ficarem em casa como molheres; e com muitas rogativas, que a Deos faziaõ, lhe pediaõ boa viagem; e os mesmos da armada, que hiaõ em extremo alegres, por irem para cousa de honra debaixo de taõ grande, e feliz Capitaõ, estavaõ confusos, até se lhes declarar aonde hiaõ.

CAPITULO LXXXVIII.

Navega el Rey com sua armada: dá noticia a todos os seus de sua jornada: avistaõ Ceita.

NEsta fórma que dissemos foi vellejando a armada, quando ao Sabbado seguinte foraõ ter ao Cabo de S. Vicente, onde em o dobrando, por razaõ de algumas reliquias, que alli aviaõ, abaixaraõ as vellas em final de reverencia; e aquella noite foi toda a armada ancorar na Bahia de Lagos. Ao Domingo sahio el Rey em terra, e teve seu conselho, onde se assentou que se declarasse publicamente sua tençaõ. E em huma prégaçaõ que hum Religioso fez, se divulgou como hia sobre Ceita, e juntamente se publicou a

Bulla da Cruzada , que el Rey do Sancto Padre impetrou , para os que naquella jornada foſſem ſervir a Dos.

As palavras do Prégador , e o lugar , onde as diſſe , naõ baſtavaõ áquella gente para crer que el Rey hia a Ceitá ; mas tinhaõ todos para ſi , que el Rey hia a Sicilia ; e que taõ certa era a nova de Ceita , como fora a de Holanda. Eſteve el Rey naquelle lugar até a quarta feira , que partio pera Faro ; e porque ſeguindo ſua viagem lhe acalmou o vento , foilhe neceſſario eſtar alli até a outra quarta feira , que foraõ ſete dias de Agoſto , e entaõ partio caminho do Eſtreito. A ſeſta feira , hum pouco antes da noite , ouveraõ viſta da terra dos Mouros , e alli mandou el Rey andar todos os navios de mar em roda , porque naõ era ſua vontade entrar pola boca do Eſtreito , ſenaõ de noite , por os da terra naõ ſaberem taõ azinha de ſua armada , e da viagem , que levava. E tanto que foi noite , começaraõ de encaminhar pola boca do Eſtreito.

Ao Sabbado á tarde foi el Rey ancorar entre as Algerizas , o que pós grande eſpanto aos Mouros de Gibaltar , e aos outros daquella parte. Eſtes naõ ſouberaõ melhor conſelho , que ajuntarem as melhores couſas que puderaõ aver , e levaraõnas a el Rey em preſente : e lhe diſſeraõ os que as levavaõ , que os moradores , e viſinhos de Gibaltar lhe mandavaõ aquelle ſerviço , naõ como couſa decente á grandeza de taõ alto Principe ; mas como ſe podia aver por ſemelhantes peſſoas , certificandolhe que lhe naõ era offerecido com menos vontade , do que ſeria a el Rey de Granada ſeu ſenhor , ſe preſente foſſe ; porque entendiaõ que todo o ſerviço , que lhe fizeſſe , o averia elle por tambem empregado em ſi meſmo : e que lhe mandavaõ pedir por mercê , que naõ ouveſſe por mal

de

de elles mandarem fechar ſuas portas, e pôr recado em ſua Villa; o que faziaõ, porque lhes foi certificado, que elle naõ quizera dar ſeguro de ſua frota a el Rey de Granada ſeu ſenhor, quando lho mandou requerer; e tambem porque alguns daquelles Mouros mancebos naõ podeſſem ſahir fóra da Villa; porque poderia ſer que ſe travaſſe entre huns, e outros alguma eſcaramuça, de que Sua Alteza levaſſe deſprazer: e que lhe pediaõ lhe mandaſſe declarar ſua tençaõ ácerca do que a elles pertencia. El Rey lhes reſpondeo, que ſe elle iſſo naõ quiz declarar a el Rey de Granada, que com tanta efficacia lho requereo, naõ avia agora razaõ de o fazer a elles; porque de ſua determinaçaõ naõ ſabiaõ mais que os do ſeu conſelho, no tocante a dar tal ſegurança: e que quanto era ao preſente, lho aceitava por deſejar fazerlhes mercê em alguma outra couſa fóra da que lhe pediaõ. Os Mouros ficaraõ mui triſtes, ouvindo tal repoſta; porque tiveraõ para ſi, que a armada vinha contra elles, pois eſtava ancorada á viſta de ſua terra.

Naquelle tempo eſtava por Alcaide del Rey de Caſtella em Tarifa hum nobre cavalleiro, que fora natural de Portugal, que ſe chamava Martim Fernandez PortoCarreiro, e era irmaõ da Condeſſa Dona Guimar, e tio do Conde D. Pedro de Menezes, que foi o porteiro de Villa Real; e como os de Tarifa ouveraõ viſta da armada, quando chegou á cabeça do Eſtreito, ſendo taõ grande multidaõ de naos, qual nunca viraõ, ficaraõ maravilhados. E como dahi a pouco amainaraõ as vellas, e deſapparecetaõ, pareceolhes que era viſaõ; mas ao outro dia pola manhaã começou a armada a paſſar ante os muros; e avendo grande nevoa, que a encobria, ſe começou a ouvir o ſom das trombetas, e outros inſtrumentos. Acabada a nevoa,

voa, e apparecendo o Sol, foi viſta aquella formoſa armada; e logo Martim Fernandez diſſe, que naõ podia aquella couſa taõ grande ſer ordenada, ſenaõ por el Rey D. joaõ, cujas obras eraõ grandes; e como a frota ancorou entre as Algerizas, mandou logo fazer preſtes hum grande preſente de vaccas, e carneiros, que por ſeu filho Pedro Fernandez PortoCarreiro mandou a el Rey, o qual metendoſe em hum batel, veio fallar a el Rey; e deſpois de lhe beijar a maõ, lhe diſſe que ſeu pai lhe mandava pedir ſe ſerviſſe de ſuas couſas, ſe em alguma o pudeſſe fazer; e que elle naõ vinha beijarlhe a maõ, e acompanhalo, porque tinha a cargo aquella fortaleza por el Rey de Caſtella ſeu ſenhor; mas que delle ſeu filho lhe fazia ſerviço, porque eſtava em idade, e diſpoſiçaõ para o poder ſervir; e que lhe mandava aquelle refreſco, que na terra avia para ſua gente. El Rey lhe agradeceo muito o offerecimento, mas naõ aceitou o gado, por dizer que lhe naõ era neceſſario; e que melhor ſeria para guarniçaõ de ſua fortaleza, e que ſempre ſeria lembrado de lhe fazer mercê. Como Pedro Fernandes ſahio do batel, cavalgou em hum formoſo ginete, que trazia, e começou de alançear o gado ao longo da praia, por o naõ tornar a levar; e os da frota quando viraõ aquillo, mataraõ todas as vaccas, e carneiros, e aproveitaraõſe delles. O que el Rey, e os que com elle eſtavaõ, tiveraõ a bem áquelle fidalgo; e por aquelle ſerviço, e por hum Almogarabe do Reyno de Granada, que andava ſalteando os moços, que ſahiaõ á fruita, que lhe alli tomou, e enforcou, ſem embargo das pazes, que avia entre el Rey de Caſtella, e o de Granada, lhe fizeraõ deſpois em Portugal el Rey, e o Infante muitas mercês de dinheiro, e joias ricas, que lhe deraõ.

Eſtan-

Eſtando el Rey aſſi ancorado naquelle lugar, teve conſelho de ir ſobre a Cidade a ſegunda feira ſeguinte; e em fazendo aquelle dia a ſua viagem, ſobreveio huma mui grande cerraçaõ, que naõ deixou a frota governar direitamente para onde queria; e porque as correntes ſaõ alli mui grandes, lançaraõ toda a frota das naos caminho de Málega, a fóra huma, em que hia Eſtevaõ Soares de Mello, e as galés, e fuſtas, e navios pequenos foraõ naquelle meſmo dia ante a Cidade de Ceita, de que os Mouros tiveraõ alguma turvaçaõ: e naõ foi maior, porque naõ viaõ toda a frota junta, aſſi como viaõ as galés, nem cuidavaõ que el Rey hia ſobre aquella Cidade. Polo que fecharaõ ſuas portas, e pozeraõſe por cima dos muros, mais para ver, que para ſe defenderem.

Calembaçala, e alguns Mouros mais prudentes, começaraõ a deſconfiar, e eſcreveraõ logo aos dos lugares comarcaõs, que vieſſem a elles com ſuas armas, e apercebidos até ver em que parava aquella vinda. E dos Mouros que eſtavaõ polos muros, começaraõ alguns a atirar com ſuas béſtas, e trõs, como homens que hiaõ perdendo a eſperança da paz; mas faziaõ pouco dano aos Chriſtaõs, porque os navios eſtavaõ afaſtados do muro, tirando a galé do Almirante, que logo no principio foi ancorar mais perto da praia, que as outras, onde ficou mui ſogeita ao perigo das ſétas, o qual por nenhuma maneira ſe quiz mais afaſtar; poſto que lhe foſſe dito por algumas peſſoas, a que elle reſpondia, que pois a ventura alli o aportara, alli queria eſperar qualquer perigo, que lhe vieſſe. E pois que eraõ alli vindos para ir adiante, naõ era razaõ que elle tornaſſe atrás.

Dos Mouros mancebos ſahiraõ alguns á praia a eſcaramuçar com os Chriſtaõs, e os Chriſtaõs

aſſi

aſſi meſmo ſahiaõ nos bateis, e andavaõ ao longo daquella praia atirando huns aos outros; e aſſi gaſtaraõ hum bom eſpaço. Alguns daquelles Mouros occuparaõ hum penedo que eſtava no mar, para terem dalli melhor azo, e empecerem aos Chriſtaõs; mas Eſtevaõ Soares de Mello conhecendolhe aquella vantagem, ſe foi rijamente a elles, e lhe tomou o penedo; e aſſi andaraõ hum pedaço até que dos Mouros morreraõ alguns, e os outros tomaraõ por melhor partido recolheremſe á Cidade.

Ao outro dia, que eraõ 14 de Agoſto, veſpora da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, teve el Rey conſelho de ſe paſſar da outra parte da Cidade, onde ſe chama Barbaçote, com tençaõ de eſperar alli as naos, que a corrente lançara em Málega. E deſpois de lá ſer, porque as naos tardavaõ muito, mandou ao Infante D. Henrique, que foſſe na ſua galé, e fizeſſe vir o Infante D. Pedro, e diſſeſſe a toda a outra frota que trabalhaſſem muito por ſe ajuntar com elle. O Infante D. Henrique partio naquella quarta feira perto da noite, e neſſa meſma noite chegou a ſeu irmaõ, o qual deu aviſo á armada, que vieſſe o mais á preſſa que pudeſſem. E os Infantes tornaraõ ambos na galé; e deſpois que foraõ com ſeu pai, toda a frota ſe ajuntou aquelle dia como lhe foi mandado. El Rey teve conſelho de tomar terra, em direito de algumas ſalgas, que ahi eſtavaõ, nas quaes aconteceo que alguns ſahiraõ fóra, aſſi como homens de pouco cizo; e ſaindo os Mouros a elles, começaraõ de ſe embrulhar de maneira, que morreo hum Chriſtaõ, polo qual os da frota ſe pozeraõ em tamanho alvoroço, que quizeraõ a maior parte delles ſahir fóra, ſenaõ fora o temor del Rey, que o mandou defender, porque fora mui grande o perigo, por cauſa da multidaõ dos Mouros, que eſtavaõ perto,

to, e de outros, que puderaõ recrecer. Os quaes todos em volvendose, fora causa de grande perdiçaõ dos Christaõs, pola vantagem do lugar, que os Mouros tinhaõ.

CAPITULO LXXXIX.

Apartase a armada de Ceita por causa do tempo: ha varios pareceres contrarios sobre o virem outra vez contra Ceitá.

EStando el Rey assi neste conselho para tomar terra, sobreveio huma tamanha tormenta, que o obrigou a se partir dalli para outra parte; porque por causa do lugar a frota naõ podia alli parar. O que parece foi por misericordia de Deos, como adiante se dirá. E assi foraõ as galés dobrar a ponta da Almina, e as naos naõ puderaõ taõ prestes fazer sua volta. Andando assi pairando ao mar, abrandou a tormenta; e quando quizeraõ seguir a viagem das galés, que eraõ tornadas ás Algeziras, onde primeiro estiveraõ, lançouas a corrente á parte de Málega, assi como antes fizera. Daquelle alevantamento que a frota fez, ficaraõ os Mouros muito ledos; mas como os animos muitas vezes se enganaõ, cegandoos seus proprios desejos, aquella foi huma grande occasiaõ para a Cidade ser em breve tomada; porque a determinaçaõ del Rey era tomar terra pola parte de Barbaçote, como está dito, cuidando que a naõ poderia tomar taõ desembaraçadamente da outra parte. A qual cousa, (se assi fora) pudera ser que, posto que a Cidade despois se tomára, fora com muito trabalho, e á custa de muito sangue dos Christaõs, por ser o lugar mui fragoso, e grande a multidaõ dos Mouros; porque, além da muita

gente

gente da Cidade, eſtavaõ ahi mais de cem mil homens de fóra: e aquella tormenta fez, que eſcuzaſſe eſſe perigo; porque como os Mouros viraõ partir aquella frota, cuidaraõ que ſe hiaõ de todo; e porque os Mouros de fóra lhes faziaõ já nojo, por naturalmente ſerem elles daninhos, e eſtragadores das cóuſas alhêas, mandou Calabemçala, a requerimento dos da Cidade, que ſe foſſem para ſuas caſas, pois ſua preſença ſe podia já eſcuſar, agradedecendolhes ſeu ſoccorro. Naquelle lugar onde el Rey foi aportar, quizera ter ſeu conſelho, porque toda a outra armada levara a corrente, e mandou outra vez ao Infante D. Henrique, que foſſe com as galés para trazer as naos, como antes fizera.

Como os da armada viraõ que o tempo, e a neceſſidade os fizera partir, e que já eraõ fóra da praia de Ceita, cuidaraõ que el Rey fazia ſua viagem para Portugal. E começaraõ os plebeos a entrar em diverſos razoamentos como ſohe ſer em multidaõ de povo junto, e muitos praguejavaõ do Prior Alvaro Gonçalvez Camello, dizendo que por preço, que recebera de Bençala, quando fora a Sicilia, os trazia alli vendidos; e que nenhum delles ouvera de ficar vivo, ſe acertaraõ de tomar terra; e naõ era iſto na gente baixa ſómente, mas nos nobres, que o culpavaõ como author daquella ardua empreza. O que elle ouvia, e diſſimulava; e chamando el Rey os do conſelho, lhes diſſe que bem viaõ com quanta deſpeza, e trabalho viera ter áquelle lugar para ganharem a Cidade de Ceita, ſobre o que tinha feito o que tambem tinhaõ viſto; que lhes diſſeſſem o que lhes parecia devia elle fazer.

Entre os do conſelho ouve muitas altercaçoẽs, e ſe dividiraõ em tres pareceres. Huns diziaõ que naõ cumpria a ſua honra deixar de tomar

mar a Ceita, outros que tomasse Gibaltar, outros que se tornasse logo a Portugal. Dos que foraõ de parecer qne se tomasse Ceita, foraõ principalmente os Infantes, os quaes responderaõ a elRey, que lhe devia lembrar quanto tempo avia que começára aquella empreza, e quantas cousas tinha movidas para chegar ao fim. Pola qual razaõ aquelle negocio fora soado por todo o mundo; e que posto que no principio o encubrisse, o tinha já revelado; e que tornandose entaõ para Portugal, ou pertendendo outra cousa de menos importancia, ainda que ouvesse victoria, naõ podia ser sem grande afronta sua, e muito mais por naõ experimentar suas forças sobre a grandeza daquella Cidade; porque se por ventura a tivera cercado algum tempo, naõ tivera o mundo porque lhe dar tanta culpa; mas que tornandose assi, sem provar sua fortuna, pareceria que a sombra dos Mouros o espantara; e que dahi ficariaõ os mesmos Mouros taõ alterados, que lhes ficaria atrevimento para correrem com seus navios a costa do Algarve, mais do que até li faziaõ. Polo que Sua Alteza devia tornar sobre a Cidade, e cercalla, e combatella: e que pois aquella jornada se fazia por servir a Deos, elle alentaria sua tençaõ. A este parecer dos Infantes, e do Conde de Barcellos seguiraõ muito poucos do conselho.

Os que foraõ de parecer que fossem sobre Gibaltar, davaõ estas razoens; que se o cercar aquella Cidade, e tomala fora possivel, ainda que fora com morte de muitos, e á custa do sangue de todos, era bem naõ tornar atrás; mas que naquillo viaõ muitas impossibilidades, huma era que aviaõ de acudir áquella Cidade, como a porta, por onde podia todo o restante de Africa ser entrada, e que aviaõ de vir como a perdoens de todo o estado de homens; e que sendo taõ immenso o cir-

cuito da Cidade, naõ era baſtante toda Heſpanha para a cercar, e que ſobre tudo naõ traziaõ mantimentos baſtantes, para quem eſtava ſobre tamanha Cidade, nem tinhaõ eſperança, que de outra parte lhe podeſſem vir outros taõ preſtes. Polo que já que eraõ ſahidos de ſuas caſas, deviaõ acommeter Gibaltar, porque naõ avia tempo para mais, nem occaſiaõ; pois eraõ 19. dias de Agoſto, e para aſſentar ſeu arraial, e concertar a artelharia, e machinas, paſſariaõ mais de dez de Setembro, onde já alli naõ poderiaõ mais parar, por cauſa daquelles mares ſerem tempeſtuoſos, e que naõ conſentem eſtarem navios ancorados muito eſpaço.

Os que eraõ de parecer que el Rey, ſem mais fazer, ſe tornáſſe para Portugal, diziaõ que aſſás eſtava dito polos precedentes ſeus companheiros, para ſenaõ tratar de tornar a Ceita; e que além das razoẽs que deraõ, eſqueceo huma mui principal, que era naõ fazerem conta do tempo do cerco, do qual naõ ſeria honra levantarſe, deſpois que o tiveſſem poſto: e que ſe devia el Rey de lembrar de quantos annos D. Affonſo XI. de Caſtella eſtivera ſobre o cerco de Aljezira. E que ſe el Rey ſobre Ceita eſtiveſſe hum anno, averia miſter muitos theſouros, ſómente para pagar os fretes de tanta multidaõ de naos eſtrangeiras, como alli tinha, ſe elles de ſua vontade o quizeſſem eſperar; o que naõ fariaõ, por as mercadorias que tinhaõ para levar; e que quanto ao de Gibaltar, naõ era para fazer, porque ſeria grande injuria del Rey de Caſtella, cuja aquella conquiſta era, e com quem tinha pazes; e que offerecendoſe Sua Alteza a el-Rey de Caſtella para ir em ſua companhia áquella conquiſta, elle o naõ aceitara, e lhe reſpondera naõ ſómente como homem, que naõ folgava com a offerta, mas que lhe pezava de lha fazer; e que

poderia

poderia ſer que em quanto elle eſtiveſſe ſobre Gibaltar, os Caſtelhanos averiaõ as pazes por quebradas, e trabalhariaõ por fazer alguma novidade em ſeus Reynos, o que ſeria occaſiaõ de grande perigo. E por quanto Sua Alteza começara aquella empreza por ſerviço de Deos, que elle receberia ſua boa tençaõ; porque naõ era elle ſervido de ſe levar tanta gente a morrer, ſem alguma eſperança de victoria. El Rey lhes naõ quiz reſponder, mas diſſe que deixava a determinaçaõ daquelle caſo para deſpois; e mandou fazer preſtes toda a frota, que ſe foſſe lançar á ponta do Carneiro, o que todos fizeraõ de mui boa vontade, cuidando que naõ avia já mais que tornaremſe a Portugal.

CAPITULO XC.

Ancora outra vez a armada á viſta de Ceita: poemſe todos os Capitaens della á ordem del Rey para deſembarcarem.

COmo a frota foi toda junta na ponta do Carneiro, el Rey ſahio em terra, e ajuntou todos os do Conſelho, e aſſentouſe no chaõ, e elles todos ao redor, e lhes diſſe, que quanto ao que lhe diziaõ, que ſe tornaſſe, avendo tantos annos que andava naquelle trabalho, do qual todo o mundo eſtava eſperando o fim, vergonha averia elle fazello, quando já eſtava ante a Cidade, que com tantos deſejos viera buſcar deſpois de viſta, como ſe o medo o forçara; e que naõ menos feio ſeria ter poſto o ponto, e o ſentido em Ceita, Cidade taõ grande, e ir desfechar em Gibaltar, huma Villa taõ pequena. E que allí lhes declarava que ſua vontade era naquelle dia ir ſobre a Cidade de Ceita, e ao outro dia tomar

terra, e dahi em diante profeguir fua empreza; até que Deos trouxeffe a feus feitos aquelle fim, que por feu ferviço ouveffe.

Defpois que os do confelho viraõ que el Rey, e os Infantes eftavaõ conftantes em feu propofito, naõ tiveraõ mais que contradizer. Mas naceo outra maior contenda fobre o lugar, onde aviaõ de defembarcar, naõ menor que a outra do cerco; porque el Rey dizia que queria affentar feu arraial na Almina; o que era contra a opiniaõ de todos. Polo que diziaõ a el Rey, que lhe cumpria impedir aquella parte do Sertaõ; porque bem fabia que os Mouros naõ tinhaõ tamanho poder por mar, como por terra, e teria abaftança de agoas, e melhores, e feria feguro de elles poderem mandar recados a nenhuma parte; e que pofto que vieffe grande multidaõ de Mouros, poderia fortalecer feu arraial de cavas, e artificios de madeira, de modo que nunca lhe poderiaõ empecer. E fe eftiveffem na Almina, os Mouros poderiaõ meter quanta gente quizeffem dentro da Cidade, e entrar, e fahir quando lhes aprouveffe, e adubarem fuas vinhas, e pomares, e trazerem feus fruitos para fuas cafas, como fe o arraial ahi naõ eftiveffe: e que daquella maneira onde vinha cercar, ficaria cercado. Eftas, e outras muitas razoens paffaraõ fobre aquella queftaõ, mas el Rey refpondeo que mais folgaria de ter naquella parte feu arraial, porque naõ avia mifter outro palanque; e que fómente avia de ter cuidado, defpois que alli eftiveffe, de pelejar com os Mouros da Cidade; e que fe eftiveffe da outra parte, teria dous cuidados, hum de pelejar com os Mouros da Cidade, e o outro em fe defender daquelles, que vieffem a feu foccorro.

E porque o Infante D. Henrique tinha antes pedido a el Rey em Lisboa quando fe determinou

em

em paſſar , que quando foſſem ante a Cidade de Ceita ouveſſe por bem , que elle foſſe o primeiro que tomaſſe terra , da qual petiçaõ el Rey dilatou a repoſta para o tempo, que lá ſe achaſſem , diſſe ao Infante , que bem lhe lembrava o que lhe pedira ; e que por tanto lhe prazia , que elle naõ foſſe como companheiro , mas como principal Capitaõ ; e que aquella noite , em que aviaõ ancorar ſobre a Cidade , elle foſſe com a ſua armada , que trouxera do Porto , direitamente á Almina , e ahi fizeſſe lançar ſuas ancoras , e alojar ſua armada ; e que elle iria da outra parte dos banhos , para que quando os Mouros viſſem a maior parte da armada naquelle lugar , entendeſſem que alli havia de ſer ſua principal deſembarcaçaõ , pola qual razaõ acudiriaõ alli a mór parte delles , para lhe impedirem a ſahida , e deſoutra parte de Almina naõ fariaõ grande conta pola ſoſpeita , que teriaõ que o Infante naõ avia alli de tomar terra ; e que tanto que viſſe ſeu ſinal , lançaſſe logo pranchas em terra , e ſahiſſe o mais deſpachadamente que pudeſſe ; e que deſpois que ſoubeſſe que tinha a praia tomada , mandaria ſua armada para junto da delle Infante , de maneira que naõ tardaſſe muito. E que, para que a corrente naõ tiveſſe lugar de lhe lançar as naos caminho de Málega , como já fizera duas vezes , teria maneira de levar ſuas galés por tal ordem , que , poſto que alguns dos navios de ſua companhia quizeſſem eſcorregar por força da corrente , que naõ tiveſſem algum lugar de correr mais avante. O Infante mui alegre com taõ boas novas para elle , beijou a maõ a el Rey ſeu pai.

O Infante mandou logo fazer todos preſtes , e endereçou ſuas galés pela ordem , que ſeu pai lhe mandára , e foi caminho de Ceita , e el Rey caminho de Aljezira ; o que nas gentes cauſou

muita

muita confusaõ. E como os Mouros á noite sentiraõ a armada, ante a Cidade, encheraõ as janellas de candêas, por mostrarem que eraõ mais do que os Christaõs cuidavaõ, e que os naõ tomavaõ descuidados. O qual espetaculo era formosa cousa de ver, pola grandeza da Cidade. E tanto que foi manhaã, el Rey mandou fazer prestes huma galeota; e metendose nella, se ferio em huma perna, que lhe inchou; mas naõ deixou por isso de fazer o officio de bom Capitaõ, e com huma cotta vestida, e sua espada na cinta, e huma barreta na cabeça com a perna doente desarmada, andou por aquelles navios animando a todos, e dandolhes aviso do que aviaõ de fazer. E taõ alegre lembrante trazia, que metia áquellas gentes certa esperança de vencerem; e a todos avisou que naõ sahissem em terra, senaõ despois que o Infante D. Henrique tivesse tomada a praia daquella parte, onde estava; mas que de tal maneira estivessem prestes, que naõ tardassem muito em ser com elle. E chegando a galé do Infante D. Henrique, começou de se rir, vendoo já todo armado, e os seus da mesma maneira juntos com elle á borda da galé.

Calambeçala, que, como está dito, era senhor daquella Cidade, e de Tangere, e Arzila, e de outros lugares daquella cósta, e da linhagem dos Marins, que em Africa he avida por mais illustre, e homem avisado, e de muita idade, quando vio a el Rey D. Joaõ sobre sua Cidade, teve mui grande recêo; porque lhe lembrava que era aquelle o Rey, que com taõ pouca gente dera batalha campal a el Rey de Castella, vindo taõ poderoso, e o vencera, e desbaratara, e ganhara Portugal aos Castelhanos, e aos mais dos Portuguezes; e que em todas as mais contendas, que com os Castelhanos tivera, sempre fora vencedor.

E que

E que aquella empreza de Ceita, por ſua prudencia tivera tanto em ſegredo, que naõ ſouberaõ de ſeu mal, ſenaõ quando appareceo de improviſo ſobre elle: e que naõ era de crer, que vir elle em peſſoa com ſeus filhos, e com a flor de ſeu Reyno, e com taõ grande armada, podia ſer ſem grande confiança de aver victoria. Muito maior era ſeu recêo, porque naõ tinha tempo para ſe aperceber, nem para ſe valer de ſeus amigos. Os Mouros de menos idade, e experiencia, o reprehendiaõ de ſua deſconfiança, e lhe davaõ grande eſforço, que eſperavaõ em Deos aconteceria muito ao contrario do que elle cuidava; e que a vinda del Rey de Portugal ſeria para mais honra da naçaõ Africana, e ſuas baixelas de ouro, e prata ſeriaõ ſeus deſpojos: e que naõ era para recear a peleja com homens, que todos vinhaõ cobertos de ferro, e pezados, que ſe huma vez cahiaõ, naõ ſe podiaõ mais levantar.

CAPITULO XCI.

Deſembarcaõ os Infantes: entraõ por força de armas na Cidade de Ceita aſſinalandoſe outros em obras de muito eſforço.

NEſte tempo eſtava o Infante D. Henrique com a prancha preſtes, e todos os ſeus apercebidos para quando viſſem o ſinal. E os outros da armada, vendo que o Sol começava já de ſe eſquentar, e que o ſinal tardava, anojavaõſe, principalmente porque viaõ os Mouros já pola ribeira fazendo ſeus algazares, com que os provocavaõ a ſahir. Polo que Joaõ Fogaça, que era o Veedor do Conde de Barcellos, naõ podendo ſoffrer tamanha tardança, mandou endereçar ſeu batel

tel á praia ; e o primeiro homem , que della saltou em terra , foi Ruy Gonçalvez , Veedor que foi despois da Infanta Dona Izabel , molher do Infante D. Joaõ , e Commendador de Canha ; e como foi em terra , começou a ferir nos Mouros de maneira , que os fez afastar daquelle lugar , onde os dos bateis aviaõ de sahir. O Infante D. Henrique , que tinha sua prancha algum tanto afastada da terra , lançouse dentro em hum batel , que achou á maõ , e meteo comsigo Estevaõ Soarez de Mello , e Mem Rodriguez de Refoyos seu Alferez , e mandou as trombetas , que fizessem rijamente sinal para sahirem todos em terra ; e tanto que o Infante foi em terra , começou a gente a recrecer ; e Ruy Gonçalvez que sahira primeiro , andava já diante envolto entre os Mouros , e com elle hum gentil homem Alemaõ , os quaes derribaraõ hum grande Mouro , que entre todos os outros mostrava mais esforço.

O Infante D. Duarte sahio de sua galé , em quanto el Rey andava provendo a outra frota , e se foi para aquella parte , onde o Infante D. Henrique tomara terra , e com elle Martim Affonso de Mello , e Vasques Anes Corte Real ; e assi o ouveraõ de fazer outros muitos , se lho elle consentira ; mas com receo del Rey , deixavaõ de o fazer : nisto seriaõ já sahidos em terra dos Christaõs até 150 , e assi começaraõ mui rijamente de se meter entre os Mouros até os fazerem meter pela porta de Almina ; e o primeiro homem , que com os Mouros entrou dentro , foi Vasqueanes Corte Real , e outro apoz elle. E indo assi pelejando com os Mouros , acertou o Infante D. Henrique conhecer seu irmaõ o Infante D. Duarte ; e fazendolhe sua mezura , lhe disse que dava muitas graças a Deos , por lhe dar taõ boa companhia , e as dava ao

Infan-

Infante por o vir ajudar. Nisto foraõ levando os Mouros contra a porta da Cidade, ferindo, e matando nelles sem piedade, porque avia já com os Infantes numero de trezentos homens, e ordenaraõ alli sua batalha com tençaõ de esperarem a el Rey; e ao Infante D. Duarte pareceo que naõ deviaõ fazer detença alguma, porque os Mouros estavaõ alli taõ junto delles; e que se os lançassem assi, poderia ser que entrariaõ de volta com elles, ou ao menos os affadigariaõ tanto, que naõ pudessem fechar a porta; e entretanto acudiria a sua gente, e entrariaõ a seu despeito. Isto pareceo bem ao Infante D. Henrique, e começaraõ a seguir os Mouros tanto, que os fizeraõ tirar de entre as cisternas, e hum chafariz, que alli estava.

Entre aquelles Mouros andava hum grande de corpo da cor negro, e crespo, e de medonho aspecto, e nú, o qual deitava muitas pedras com tanta força, que parecia que sahiaõ de alguma bombarda, e com huma dellas deu a Vasco Martinz de Albergaria no bacinete, que trazia, e lhe lançou o barbote fóra; mas Vasco Martinz, que naõ perdeo o tento, o passou logo com a lança de parte a parte; e como aquelle Mouro foi morto, logo todos voltaraõ as costas, e se acolheraõ á Cidade, e os Christaõs de volta com elles; e o que polas portas da Cidade entrou primeiro com elles, foi o mesmo Vasco Martinz de Albergaria; e assi como foi elle, que se avantajou dos outros, no tempo de entrar a Cidade, assi o fez em muitas cousas, que com muito esforço fez naquelle dia. Como as novas da entrada da Cidade se deraõ a Calabençala, com os olhos cheos de lagrimas, disse aos seus, perdendo de todo a esperança de sua defensaõ, que pois assi Deos o quizera, que perdessem sua honra, e sua terra; que

cada hum ſalvaſſe as vidas, por onde melhor pudeſſem.

Os Infantes, e o Conde de Barcellos ſeu irmaõ, e os que eſtavaõ com elles, deſpois que foraõ dentro da Cidade por conſelho do Infante D. Duarte, ſe foraõ a huma altura, que alli eſtá, onde eſtiveraõ hum pouco eſperando que recreceſſe mais gente, porque naõ eraõ ainda mais de quinhentos homens, que com os Infantes entraraõ, e a Cidade era mui grande, e era neceſſario que aquella gente ſe eſpalhaſſe por ella; e poderia ſer que naõ viriaõ outros, que aos Mouros impediſſem fechar as portas. Mas naõ tardou muito que ſe naõ ajuntaſſem alli outros muitos, porque os da armada naõ ſe deraõ vagar ao ſahir. E naõ ſe contentando Vaſco Fernandez de Ataide de entrar por aquella porta, por onde os Infantes entraraõ, apartouſe com alguns ſeus, e com alguns outros de pé de Conçalo Vaz Coutinho ſeu tio, e foiſe pôr junto do muro pela parte de fóra, a outra porta, que eſtava acima daquella, e começou de a quebrar. Niſto chegaraõ alguns outros, e á força de machados, e de fogo foraõ as portas desfeitas; o que lhes naõ foi facil de fazer, porque morreraõ alli ſete, ou oito homens daquelles, que naõ eraõ bem armados, por ſerem os Mouros ainda muitos ſobre os muros, e recuarem para alli muitos mais, cuidando defender a entrada aos Chriſtaõs com grande multidaõ de pedras, e armas, que lançavaõ de cima, de que o meſmo Vaſco Fernandez foi ferido, mas as portas foraõ entradas.

Eſtando os Infantes naquelle alto, em que ſe puzeraõ, chegou a elles Joaõ Affonſo, Veedor da Fazenda mui alegre, como quem fora o que moveo aquella taõ ſancta, e honrada viagem; e diſſe aos Infantes, que mais honradas feſtas eraõ

as daquelle dia, que as que el Rey ſeu pai queria fazer em Portugal para os armar cavalleiros; e que melhor pareciaõ alli, e por aquellas calmas tratando couſas de guerra, que nas logeas frias de Cintra, tratando das de ſua fazenda.

Neſte tempo que os Infantes eſtavaõ naquelle lugar, naõ ceſſava a gente de armas de crecer; e porque já era muita, mandou o Infante D. Henrique que ſe repartiſſe cada hum por ſua parte, a ſaber, o Conde D. Affonſo por huma rua, e a ſua bandeira com parte daquella gente por outra. E ao Infante D. Duarte pareceo bem, que elle, e o Infante D. Henrique foſſem para junto do muro tomar todos os lugares altos, que ſe achaſſem, porque os Mouros naõ tiveſſem poder de ſe acolher a elles. E porque o Sol era mui grande, e a coſta aſpera de ſubir, tirou o Infante D. Duarte parte das ſuas armas, de maneira que naõ ficou mais que com huma cota, e trabalhou por alcançar ſeu irmaõ, e o ſeguio tanto, até que o achou no fim da primeira altura; e tornandoſe dalli o Infante D. Duarte; em ſaltando humas paredes, foi neceſſario a cada hum apartarſe para ſua parte. Porque o Infante D. Henrique cuidou, que pois aquella altura era tomada, que ſeu irmaõ tomaſſe para baixo; mas o Infante D. Duarte foi aſſi tomando todas as alturas, até que chegou ao cabo da maior, onde ſe chamava o Ceſto, e naõ era a paſſagem deſtes lugares ſem muito trabalho, porque a Cidade por todas as partes eſtava chea de Mouros, nem podiaõ os homens andar por parte alguma, que naõ topaſſem com muitos; mas como avia tanto tempo que o Infante D. Duarte deſejava de ſe ver naquelles encontros, ainda aquelles Mouros lhe pareciaõ poucos; e aſſi moſtrou naquelle dia ſeu grande animo, e esforço, com que ſua eſpada foi

banhada em aſſás ſangue de Mouros; e poſto que alguns valentes homens com elle foſſem, toda a a força de ſua gente ficava ainda na frota.

Todos os da frota del Rey eſperavaõ ſahir por outra ordenança, ſegundo eſtava aſſentado, e naõ eſtavaõ bem preſtes como o caſo ſe offereceo; mas como viraõ que todos os da frota do Infante D. Henrique ſahiaõ com tanta preſſa, e como deſpois que entraraõ a Almina, naõ tornaraõ mais; e como os Mouros, que eſtavaõ no muro corriaõ todos para a porta, ſentiraõ que toda a força do feito eſtava naquelle lugar; e porque el Rey andadava ainda polos navios, que por a frota ſer mui grande, avia de fallar com muitos, mandou o Infante D. Pedro hum ſeu Veedor, que foſſe em hum batel dizer ao Infante D. Duarte, ſe lhe parecia bem tomarem terra, que o Infante D. Henrique ſeu irmaõ já era na Almina, e eſtava junto das portas, ſegundo lhe parecia no ſahir da gente de ſua frota.

Quando o Veedor tornou com o recado, como o Infante D. Duarte era fóra, mandou o Infante a Diogo de Seabra ſeu Alferez, que puzeſſe ſua bandeira no ſeu batel, e mandou ás trombetas fazer ſinal a todos os outros navios, que ſe fizeſſem preſtes. E eſtando para ir fallar a el Rey ſeu pai, chegaraõ alguns daquelles ſenhores, que vinhaõ buſcar el Rey, o qual acertou logo de chegar alli, com tençaõ de dizer ao Infante, que ſahiſſe o mais preſtes que pudeſſe, para tomarem terra, elle, e todos os da frota. A bom tempo (diſſeraõ alguns daquelles fidalgos) podemos nós já ir para levarmos daqui honra, quando a Cidade he já entrada. Entaõ contaraõ a el Rey o grande arroido, que ouviaõ dentro, e como lhe parecia que ás vezes ouviaõ o ſom das trombetas. Niſto chegaraõ as no-

vas

vas de certo, como a Cidade era entrada, e os Infantes, e o Conde de Barcellos andavaõ dentro espalhados cada hum por sua parte.

Grande pressa tiveraõ todos para sahirem em terra, mas muito maior era a inveja, que tinhaõ dos que já eraõ na Cidade; os senhores, e homens fidalgos, por a honra, que ganharaõ de que a elles naõ deixaraõ quinhaõ: os plebeos polo proveito, que teriaõ feito no saco de taõ rica, e taõ grande Cidade, de que lhe parecia lhe naõ ficaria parte, senaõ do que os outros naõ podessem levar; polo que huns, e outros tinhaõ por vaõ todo o trabalho, que levaraõ; e assi sahiraõ o melhor que puderaõ, até que el Rey chegou á porta da Cidade, onde fez detença, assi por a perna, que levava ferida, como porque naõ convinha a sua pessoa Real partir dalli, senaõ ao combate do Castello, visto como a Cidade já estava em tal ponto. E todos os outros se espalharaõ por varias partes da Cidade, a saber: a bandeira do Infante D. Duarte com todos os seus, por huma: o Infante D. Pedro com sua gente por outra: o Condestabel, e o Mestre de Christo, e outros por outra, onde a ventura os levava; mas naõ ouve algum, que naõ passasse muito trabalho, porque todas as ruas estavaõ ainda chêas de multidaõ de Mouros; e Ruy de Sousa, que era sobrinho do Mestre de Christo, e pai que foi de Gonçalo Rodriguez de Sousa, que foi Capitaõ dos ginetes, querendo fazer vantagem, levou os Mouros por huma rua, onde recreceraõ tantos, que o cercaraõ em huma torre, que se chamou dahi em diante o postigo de Ruy de Sousa, e alli se defendeo mui valentemente, até que foi soccorrido; e Nuno Martins da Silveira foi naquelle dia bem conhecido polo muito esforço, que mostrou. E estando el Rey assentado á porta, chegou

a elle

a elle Gonçalo Lourenço seu Escrivaõ da Puridade acompanhado de 400 homens de sua libré, e os mais delles de sua creaçaõ, e lhe pedio que em satisfaçaõ de seus serviços, e por o honrar, o quizesse fazer cavalleiro, o que lhe el Rey de boa vontade concedeo, e logo alli armou.

CAPITULO XCII.

Continuase a entrada de Ceita: relatase a generosidade, e esforço do Infante D. Henrique.

O Infante D. Henrique, de quem só ficou lembrança do que passou naquelle dia, em que muito se assinalou, querendo ir pola rua, que chamavaõ direita, chegaraõse a elle muitos Christaõs, que seriaõ numero de 500, e vinhaõ fugindo dos Mouros, que os perseguiaõ; e vendoos o Infante, cerrou a cara do bacinete, e embaraçou o escudo, que trazia, e deixou passar por si todos os Christaõs, até que chegaraõ os Mouros, os quaes o Infante acommeteo taõ valorosamente, que os fez por força virar as espaldas. Os Christaõs, que conheceraõ o Infante, cobraraõ esforço, e fizeraõ outra vez volta sobre os Mouros, e os levaraõ diante de si até humas casas, em que pousavaõ os mercadores Genovezes, que se chamava Aduana; e como alli foraõ, ou porque se lhe ajuntaraõ outros Mouros de novo, ou porque viraõ que os Christaõs cansavaõ, voltaraõ outra vez sobre elles, e fizeraõlhes virar as costas com maior pressa, que da primeira; e trazendoos os Mouros ante si, toparaõ outra vez com o Infante, o qual quando vio assi os Christaõs desbaratados, dobroușelhe a ira, e saltou outra vez entre os Mouros, e taõ fortemente os acommeteo, que os fez espalhar

lhar para huma parte, e pera outra; mas os Chriſtaõs, pelo medo que traziaõ, a mór parte delles paſſaraõ pelo Infante, ſem nenhum o conhecer, e naõ tornaraõ mais adiante.

Os Mouros que ficaraõ, ſaltaraõ com o Infante, no meio daquella preſſa, e ouveraõſe de tal maneira, que alguns delles cahiraõ alli; e outros ſe tornaraõ, naõ podendo ſoffrer a fortaleza daquelles golpes; mas o Infante os naõ quiz deixar, como fizeraõ da primeira, antes os ſeguio, levandoos ante ſi, até que chegaraõ á ſombra dos muros do caſtello. Alli morreraõ muitos Mouros; e a razaõ era, por a eſtreiteza daquella rua, como ſaõ as mais dos Mouros, porque aſſi tem ſeus lugares por mais defenſaveis, que ſendo de ruas mais largas, de que hoje ſe vê grande ſinal nas Cidades, e lugares de Heſpanha, que foraõ ſuas, em que ha as ruas mui eſtreitas, e eſſas naõ direitas, mas obliquas, de maneira que os Chriſtaõs primeiros, e os Mouros derradeiros, naõ podiaõ alli pelejar, ſenaõ mui poucos. Dos quaes ſempre foi dianteiro o Infante D. Henrique. E aſſi ſe foraõ os Mouros recolhendo até que chegaraõ á ſombra dos muros, onde receberaõ algum ſoccorro, porque ſe ajuntavaõ alli tres muros; o muro do caſtello, e hum muro de Barbaçote, e outro muro, que parte ás Villas ambas.

Vendoſe os Mouros entre os muros, e confiando na eſtreiteza do lugar, e na multidaõ dos ſeus, que eſtavaõ ſobre os muros, cuidavaõ que poderiaõ cobrar ſuas forças, e naõ era ſem razaõ; porque o lugar era geitoſo para poucos poderem fazer muito dano a muitos, ſe eſtiveſſem em baixo, ou os fazerem tornar atraz; e os que o Infante tinha conſigo, quando alli chegou, naõ eraõ mais de dezaſete; porque os mais poucos, e poucos

ſe

ſe apartaraõ delle , huns ,com cobiça do roubo , outros forçados da grande ſede , que traziaõ , por o Sol ſer entaõ mui quente , no que ſentiaõ mais trabalho , polos mantimentos que comiaõ , ſerem ſalgados ; polo que ſe naõ podiaõ ver fartos de agoa. E com aquelles poucos ſuſtentou o Infante ſua peleja perto de tres horas. Andando nella , feriraõ a hum eſcudeiro , que ſe chamava Fernaõ Chamorro , que ſem nenhum acordo cahio em terra eſtendido , e os Mouros trabalharaõ muito polo tomar ; mas o Infante , e os que com elle eſtavaõ , lho tolheraõ ; e ſobre aquelle homem durou a contenda hum grande eſpaço , até que o Infante fez huma ſahida , que os Mouros naõ quizeraõ eſperar ; e começando de ſe retrair , foraõ taõ fortemente ſeguidos , que lhes cumprio por força deixar toda aquella rua , e meteremſe por aquella porta , que hia para a outra Villa , e o Infante deu volta com elles ; mas daquelles dezaſete , que primeiro o acompanhavaõ , o naõ ſeguiraõ mais que quatro , que foraõ Alvaro Fernandez Maſcarenhas , que deſpois foi ſenhor de Carvalho , Vaſco Eſteves Godinho , e Gomez Diaz , que viviaõ com o Infante , e Fernaõ Dalvarez hum eſcudeiro del Rey.

Ninguem cria que o Infante , nem aquelles ſeus quatro companheiros podiaõ eſcapar ; porque ſobre aquella porta eſtava o muro , que era groſſo , e forte , no qual avia duas ordens de amêas , de maneira que de ambas as partes era defenſavel , e havia mais huma torre com huma abodeda furada em certos lugares ; e daquella torre ſahia a ſegunda porta feita em volta , e aſſi hiaõ por entre aquelle muro , e a barreira , até que chegavaõ á terceira porta. E quando os de cima ſentiraõ que os Chriſtaõs hiaõ de volta com os ſeus , pu-

zeraõ

zeraõſe ſobre os buracos da abobeda, para com as pedras que lançaſſem de cima, poderem impedir aquella paſſagem aos Chriſtaõs, quando foſſem por baixo; mas o Infante paſſou além com aquelles Mouros, que levava ante ſi, ſem os de cima lhe fazerem dano. O que parece foi, que como os Mouros eraõ muitos, e os Chriſtaõs taõ poucos, recearaõ de lançar as pedras, porque eſtava mais certo fazerem mal aos ſeus, que aos Chriſtaõs. Aſſi que foraõ aquelles Mouros forçados a paſſarem á terceira porta, o que naõ foi ſem grande trabalho dos Chriſtaõs, e grande eſtrago dos Mouros, que alli cahiraõ, cujas mortes os de cima lamentavaõ.

Deſpois de os Mouros paſſarem a terceira porta, que hia para a Villa de fóra, lembrandoſe que ſe aquellas portas foſſem fechadas, que teriaõ elles de todo perdida a eſperança de já mais cobrarem aquella Villa primeira, pozeraõ toda ſua força por a impedir. O Infante, e os que com elle eſtavaõ, deſejavaõ o contrario, e trabalharaõ por acabar de fechar aquellas portas; mas trabalhando muito, naõ puderaõ fechar mais, que huma dellas; porque quando queriaõ fechar a outra, logo os Mouros os acommetiaõ rijamente. Ajudavaõſe os Chriſtaõs de huma parede, ante a face daquella porta, que impedia aos Mouros pelejarem muitos; e aſſi tanto eſtiveraõ naquella porfia, que cada hum daquelles eſcudeiros provou por ſua vez o ter maõ naquella porta; mas naõ a podiaõ muito eſpaço ſoffrer, aſſi por a força do trabalho, como por o dano, que os Mouros lhe faziaõ nas pernas, com azagaias que lhe metiaõ por debaixo. E como o Infante vio que ſua eſtada alli nada aproveitava, fez de todo ſoltar as portas, e ſaltou fóra, e os outros com elle, e começou a

ſeguir os Mouros, os quoes ſem nenhuma moſtra de defenſaõ começaraõ a ſe derramar, como homens que fogiaõ de algum touro. Daquella ida, que os Mouros fizeraõ, teve o Infante tempo para com os ſeus fechar a ſua porta, como deſejava; e neſte trabalho gaſtaraõ duas horas.

Como o Infante ſe metia nos perigos, e tardava tanto, tinhaõ todos para ſi, que era morto, e naõ ouſavaõ de o dizer a el Rey. Mas em fim quando o veio a ouvir, reſpondeo que foſſe em boa hora, pois que morrera em ſeu officio; e deſpois que lhe contaraõ o que paſſara, ouve muito grande prazer, porque lhe queria muito, e nenhum ſe parecia tanto com elle em tudo, como o Infante D. Henrique. Entre tanto os Mouros, que eſtavaõ em cima dos muros recebiaõ muita pena, vendo que o Infante lhes tinha a porta fechada, e naõ lhe podiaõ empécer. E iſto era por cauſa da volta do muro, ſob cuja ſombra ſe amparavaõ; e a detença que alli fazia o Infante, naõ era a outro fim, ſenaõ para eſperar que foſſem alli ter os ſeus, para pelejar com os Mouros de novo, até os lançar de todo fóra. E quando vio que tardavaõ tanto, mandou a hum daquelles, que com elle eſtavaõ, que os foſſe chamar, ou quaeſquer outros que achaſſe, que o podeſſem ajudar; cada hum reſpondeo por ſi, que de nenhuma maneira o faria, naõ por recear o perigo do caminho, mas porque o naõ queriaõ deixar taõ deſacompanhado; e que ſe alguma couſa lhe recreceſſe, ſeria grande mal naõ ſe acharem todos com elle; polo que já que a ventura aſſi acertara, mortos, ou vivos junto a elle os aviaõ de achar.

Como as novas da morte do Infante ſoaraõ, muitos correraõ para aquella parte, por onde elle entrou, para terem certeza diſſo; e quando viraõ

o paſſo

o paſſo della taõ perigoſo, tornaraõſe triſtes, e tinhaõ o Infante por morto; porque além do grande perigo, que era paſſar as portas, ſabiaõ delle que ſenaõ avia de temperar, ſem que paſſaſſe além, onde naõ avia remedio que o eſcuzaſſe da morte a elle, e aos que com elle foraõ. E que ſe foraõ vivos deſpois de tantas horas, já ouveraõ de apparecer; e porque viaõ que eſtava a morte certa, a quem aquellas portas acommeteſſe, naõ avia quem as entraſſe. Vaſco Fernandez de Ataide, que era hum daquelles que vinhaõ buſcar o Infante D. Henrique, querendo acommeter a entrada da porta, lhe lançaraõ os Mouros huma grande pedra de cima, com que logo cahió em terra morto, com cuja ſó morte, de toda a companhia daquelles fidalgos, que vieraõ a Ceita, ſe pagou todo o riſco da tomada daquella grande Cidade; mas Garcia Muniz, que fora guarda do Infante quando era moço, chegando áquelle lugar, e ouvindo o receo, que tinha de ſua vida, e de ſua tardança, ſem mais dilaçaõ ſe arremeçou ás portas; e entrando por ellas, foi ter onde o Infante eſtava, e o reprehendeo muito pola ſobeja audacia, e riſco, a que ſe puzera, entrando por aquellas portas; e lhe pedio ſe ſahiſſe a parte, onde podeſſe ganhar honra com mais ſeguridade de ſua peſſoa. Aſſi o fez o Infante, e como veio fóra, ainda teve outros recontros com Mouros, que fez fugir. Niſto lhe chegou recado do Infante D. Duarte, que ſe foſſe para elle a huma Meſquita onde eſtava; que deſpois foi Sé Cathedral, e ahi achou todos ſeus irmaõs.

Entretanto Calabençala, deſpois que vio que a Cidade era entrada, entendeo que naõ avia outro remedio, ſenaõ perderſe de todo; e a certos ſeus ſervidores, de que mais ſe fiava, entregou ſuas

molheres para lhas porem fóra da Cidade. E elle ficou paſſeando por aquellas caſas de ſeus ricos Paços, chorando tamanha perda, e taõ mal cuidada delle, até que cavalgou em hum ginete, e ſe foi fóra da Cidade. Naquelle dia ſe fizeraõ polos Chriſtaõs grandes façanhas em armas contra a multidaõ dos Mouros, que na Cidade avia; e pelejavaõ como quem tratava de defender as couſas, que dos homens ſaõ mais amadas, a lei, patria, molheres, filhos, e fazenda; mas como os homens daquelle tempo, ainda que mui deſtros nas armas, no culto das letras, e policia eraõ rudes, naõ fizeraõ pôr em memoria os grandes, e heroicos feitos, que naquelle dia ſe fizeraõ; porque de crer he que el Rey D. Joaõ o I. de boa memoria, e o grande Condeſtabel D. Nunalvarez Pereira, o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias, e D. Pedro de Menezes, que ficou por Capitaõ da Cidade, e o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camello naõ eſtariaõ ocioſos, mas fariaõ, e diriaõ couſas dignas de perpetua lembrança. Porque até Ayres Gonçalves de Figueiredo que (como eſtá dito) era de 90 annos, pelejou todo aquelle dia armado com todas as armas, em que deu grandes moſtras de ſeu eſforço; mas o Eſcriptor, que emprendeo eſcrever aquella jornada, que nós ſeguimos, e de que ſó tomámos a informaçaõ, e todo o fundamento deſta hiſtoria, ſendo couſa, que paſſou em ſeu tempo, fez ſoſpeita ſua negligencia, por ſer elle criado do Infante D. Henrique, a quem ſó quiz celebrar, paſſando polos mais em ſilencio.

CA-

CAPITULO XCIII.

Desampara o Alcaide o castello de Ceita : entraõ nelle os Infantes : tirase grande despojo da terra ; e o numero dos que morreraõ.

MOrto Vasco Fernandez de Ataide, aquelle grande Portuguez, de que fallámos no Capitulo passado, começaraõ os Mouros de despejar toda aquella primeira Villa, e logo aquelles senhores começaraõ de aver conselho, e determinaraõ, que por aquella noite naõ fizessem mais que pôr guarda ao castello, para no outro dia o combaterem. E assentando que guarda avia de ser, indo aquelles, que para isso eraõ escolhidos seu caminho; e acertando hum delles de olhar contra o castello, vio estar sobre elle huma banda de pardaes, de que collegio que era Calambeçala partido delle com os outros, e o castello despejado; o que sendo dito a el Rey, mandou logo chamar Joaõ Vaz de Almada, que trazia a bandeira de S. Vicente, por ser a da Cidade de Lisboa, e lhe mandou que a fosse pôr sobre a mais alta torre do castello. Indo Joaõ Vaz caminho do castello, e querendo quebrar as portas, que estavaõ fechadas, appareceraõ sobre o muro dous homens, que estavaõ dentro, hum Genovez, e outro Viscainho, e lhe disseraõ que naõ tomasse trabalho em quebrar as portas, que nenhum impedimento tinhaõ em sua entrada; porque os Mouros eraõ idos, e elles sós ficaraõ alli, que logo lhe iriaõ abrir. Tanto que o castello foi aberto, entraraõ dentro o Infante D. Duarte, e o Infante D. Pedro, e o Conde de Barcellos, e muitos fidalgos, dando graças a Deos, que por tal maneira os puzera em posse de tudo:

e por

e por as muitas cousas, que no castello estavaõ, avia muitos, que se quizeraõ nelle aposentar, e ser companheiros de Joaõ Vaz; mas el Rey o naõ quiz consentir, e mandou ao Infante D. Henrique, que os fosse fazer sahir; e que a posse do castello ficasse só a Joaõ Vaz, e aos seus, onde achou mui rico despojo.

Tanto que o castello foi tomado, mandou logo o Infante D. Duarte a D. Pedro de Menezes seu Alferez, que levasse sua bandeira á outra Villa de fóra, e a puzesse sobre a torre de Fés; mas isto naõ se fez taõ facilmente, porque muitos Mouros, que naõ acabavaõ comsigo o deixarem sua amada patria, andavaõ atonitos, e como homens que juntamente queriaõ perder as vidas, onde perdiaõ o mais, se ajuntaraõ, e travaraõ huma grande escaramuça com os Christaõs, que acompanhavaõ a bandeira á sahida da porta, que chamaraõ de Fernando Affonso, na qual mataraõ hum Alferez de D. Henrique de Noronha. Mas isto aproveitou pouco aos Mouros, porque a bandeira hia acompanhada de mui nobres, e esforçados homens, dos quaes eraõ D. Henrique de Noronha seu irmaõ, Nuno Martinz da Silveira, Nuno Vaz de Castello-branco, e seis irmaõs seus, Diogo Fernandez de de Almeida, Alvaro Nogueira, Vasco Martinz do Carvalhal, e o graõ Baraõ de Alemanha, que naquelle dia mostrou ser hum esforçado cavalleiro, e outros muitos fidalgos, os quaes puzeraõ a bandeira sobre a torre, e a guardaraõ aquella noite; e D. Fernando de Castro, e D. Joaõ seu irmaõ sahiraõ pola outra parte escaramuçando com os Mouros, até que os lançaraõ fóra por outra, que se chamou de Alvaro Mendez.

Quando veio ás sete horas do dia, a Cidade era de todo livre dos Mouros, porque huns eraõ mor-

mortos, outros fugidos; e outros que por fraqueza sua, ou idade se naõ foraõ, e algumas molheres, e meninos se deixaraõ estar nas proprias casas, onde moravaõ, e onde naceraõ, e naõ sabiaõ, nem podiaõ desapegarse dellas. Os quaes foraõ tomados, e cativos pelos Christaõs, a fóra os muitos, que na peleja tomaraõ, e mandaraõ aos navios. Os despojos que se acharaõ na Cidade foraõ mui grandes, de muito ouro, prata, e outras cousas de preço; porque como ella era das mais ricas de toda a Africa, e fertil; e era hum Emporio, aonde de Damasco, e de Alexandria, e de toda a Lybia; e das outras partes de Africa, e Europa vinhaõ muitas, e mui ricas mercadorias, e avia grande concurso de mercadores de diversas naçoens, acharaõ muitas especiarias, drogas, escarlatas, pannos, sedas, e cousas de volume, que os Mouros naõ puderaõ levar, de que, segundo o máo, e cruel costume da gente soldadesca, mais foi o dano que fizeraõ, que o proveito que dahi levaraõ; porque naõ lembrando, que aquella Cidade era já sua, e que daquellas cousas se podiaõ ainda aproveitar, com as fachas, e armas esfarrapavaõ os sacos de preciosas especiarias, e as derramavaõ para naõ prestarem, como cousas que eraõ dos Mouros. E pelas ruas avia corrente de mel, e azeite, conservas, manteigas, como podia haver de agoa.

A occupaçaõ dos nobres eraõ aquella noite fallarem nos casos, que lhes aconteceraõ aquelle dia, e os golpes, que deraõ, e as proezas dos Infantes, e fidalgos. Sobre tudo era louvado o conselho, que el Rey tivera no segredo daquella empreza, sem o qual o naõ podera acabar; e polo costume que louva os homens, ou os vitupera, e julga as cousas pelos successos, ao Prior do Hospital,

pital, que veio espiar Ceita, e fez a el Rey facil a empreza, e a Joanne Affonso, que foi causa principal de tudo, aos quaes antes de tomarem a Cidade, chamavaõ traidores, que os levavaõ vendidos. Despois de tomada, e de se verem ricos, e honrados, os louvavaõ, e punhaõ nas estrellas; e ao Infante D. Henrique, a quem antes chamavaõ mancebo temerario, quando solicitava a armada, e incitava seu pai, entaõ o gabavaõ, e lhe davaõ nome de prudente, e esforçado Capitaõ.

Do numero dos Mouros, que na Cidade foraõ mortos, naõ ouve certeza alguma; porque quem escreveo a historia, naõ se achou presente, nem fez nisso diligencia. E os que se acharaõ presentes, como naõ tinhaõ lembrança de se fazer historia, naõ o deixaraõ em memoria, como tambem naõ ficaraõ lembrados muitos feitos notaveis, que na tomada se fizeraõ. Huns faziaõ os mortos dez mil, outros sinco mil, outros mais, e outros menos; mas he de crer, que sendo a Cidade populosa, e tomada taõ de subito; e sendo inimigos da Fé, e taõ infestos a Hespanha, que os soldados Christaõs se encarniçariaõ nelles. Basta que pelas ruas se naõ podia passar com a multidaõ dos corpos, que por naõ corromperem os ares, mandou el Rey lançar no mar; o que se soube em certo he, que dos Christaõs morreraõ oito, sinco á porta, que Vasco Fernandez quebrou, e tres na Cidade, entrando nelles o mesmo Vasco Fernandez, e o Alferez de D. Henrique de Noronha.

CA-

CAPITULO XCIV.

Dasse noticia da Cidade de Ceita : qual seja seu proprio nome : benzese nella a Igreja , e dizem a primeira Missa.

OS Mouros , que da Cidade sahiraõ , como ao outro dia o Sol naceo , tomaraõ suas molheres , e filhos , que estavaõ embrenhados , e os levaraõ para cima da serra , onde os deixaraõ acompanhados dos mais velhos ; e os que eraõ para pelejar , se vieraõ caminho da Cidade para tentarem sua fortuna fóra dos muros , e provocarem aos Christaõs a sahirem a elles ; naõ porque esperassem cobrar a Cidade , que tinhaõ já perdida com as fazendas , mas porque aos Christaõs naõ custasse taõ barato ; ouveraõ algumas escaramuças , a que o Infante D. Duarte sahio em hum cavallo , que achou , e com elle muita gente , de que ordenou suas batalhas , mas os Mouros naõ quizeraõ decer. Desta maneira correraõ algumas vezes ; ao que querendo o Infante outra vez sahir , el Rey lho estorvou dizendo : que cada dia se inquietariaõ , se ouvessem de sahir aos Mouros , que viessem ; que elle naõ era alli vindo a escaramuçar com elles , senaõ a lhe tomar a Cidade , de que já estava em posse.

Aos Mouros naõ ficou entaõ mais que fazer , que lamentarem a perdiçaõ de sua Cidade , sobre o que diziaõ palavras taõ lastimosas , e cantavaõ cantares taõ sentidos , que moviaõ a compaixaõ a seus mesmos inimigos. Porque quando viaõ em maõs de seus contrarios aquellas casas , em que naceraõ , e as mesquitas do seu falso Propheta , e os soberbos edificios , que naquella Cidade

dade avia, e as grandes torres, e fortalezas, em que dous dias avia eſtavaõ pacificos, e a ſeu parecer ſeguros; e viaõ ſuas molheres, filhos, pais, e irmaõs cativos taõ repentinamente, queixavaõſe em vaõ, e culpavaõ a Deos, e aos homens, que os naõ ſouberaõ guardar; e como as couſas nunca ſe tem em mór preço, que quando ſe perdem, entaõ ſe lhes repreſentava a grandeza, e opulencia daquella ſua Cidade, e do grande trato, que tantas, e diverſas naçoẽs nella tinhaõ.

Por eſta maneira ſe ganhou aquella famoſa Cidade de Ceita taõ celebrada de Mouros, e Chriſtaõs, e de que a Chriſtandade tanta ſogeiçaõ tinha, aſſi por o dano que faziaõ com ſahidas contra o Algarve, e outras partes de Portugal, e outros Reynos de Heſpanha, como por a obediencia, que os que paſſavaõ polo Eſtreito lhe aviaõ de fazer; porque todas as naos, e quaeſquer navios aviaõ de ir demandar aquelle porto, e pagar certo tributo da ancoragem, ou agoada, ou arriſcaremſe a ſer tomados dos Mouros, que infeſtavaõ aquella coſta, naõ levando recadaçaõ. Além diſſo como eſtavaõ taõ fronteiros do Reyno de Granada, todas as vezes que os Mouros daquelle Reyno ſe viaõ em alguma preſſa, ou queriaõ meter aos Chriſtaõs ſeus viſinhos nella, tinhaõ o ſoccorro certo. E os Mouros de Africa quando em Heſpanha queriaõ fazer entradas, as faziaõ a ſeu ſalvo por aquelle porto, e polo do Reyno de Granada, onde eraõ recolhidos; polo que naõ ſemrazaõ, ſe chama a Cidade de Ceita chave da Chriſtandade, e terror de Heſpanha.

Da origem de Ceita, e ſua antiguidade, naõ ſe acha em Author antigo memoria alguma; e aſſi he ignoto, como he a de outras muitas Cidades das Provincias de Africa; que ſendo antiquiſſimas,

por

por a barbaria dos que as habitaraõ, e por falta de letras, que ſaõ as que daõ vida, e nome ás couſas, naõ ſe ſabe dellas. Joaõ Leaõ, que eſcreveo alguns livros da deſcripçaõ de Africa, donde elle era natural, e viveo nos tempos chegados a nós com o Papa Leaõ X., a que ſe dá muito credito, e com razaõ, ſegundo pareceo, no que toca ás couſas, que os Portuguezes fizeraõ em Africa, conforme a verdade do que paſſou, diz que Ceita foi huma grande Cidade, edificada de Romanos: e que já foi taõ habitada, e populoſa, que lhe chamavaõ Cabeça da Mauritania. Com iſto conforma o nome de Septa, que parece ſer Romano, á *Sepiendo* por cercar, ou murar: e aſſi ſe deve chamar, e naõ Ceita, como vulgarmente ſe eſcreve, como tambem ſe vê em huma Lei do Emperador Juſtiniano, que he a ſegunda do Titulo do perfeito Pretorio de Africa, na qual manda pôr em Septa hum Tribuno com alguns ſoldados, e navios ligeiros, para guarda do Eſtreito, e para dar aviſo ao Capitaõ, que reſidia na Cidade de Ceſarea, que era a Cabeça da Mauritania (onde Ceita eſtá) do que paſſaſſe nas partes de Heſpanha, e França; e para o Capitaõ de Ceſarea dar aviſo ao Meſtre da milicia do Oriente, que, ſegundo parece, era generaliſſimo Capitaõ dos Capitaẽs das outras Provincias.

Da meſma maneira lhe chama Procopio, Hiſtoriador Grego, e nos livros, que eſcreveo dos edificios de Juſtiniano, cujo criado, e Secretario foi, onde diz que na meſma Cidade de Septa mandou o dito Emperador fazer huma Igreja mui ſumptuoſa, dedicada a noſſa Senhora. A qual ſoſpeitaõ, que he a que hoje chamaõ noſſa Senhora de Africa; mas ſem razaõ, porque naõ ſe parece com a grandeza dos edificios, que Juſtiniano mandara

fazer que todos eraõ de grande mageſtade, e a Igreja de noſſa Senhora de Africa, diz Joaõ de *Barros* na primeira Decada de Aſia, cap. 7. que a edificou o Infante D. Henrique de fraca architectura, que deve de ſer aſſi, como ſaõ as couſas dagora.

Outros homens doctos dizem que Septa ſe diz deſte vocabulo numeral *Septem* Latino, que quer dizer *ſete*, por eſtar junto de huma ſerra, em que ha ſete montes levantados, e todos de huma igual altura, a que os Gregos por iſſo chamavaõ *Hepta*, *Delphi*, e os Latinos *Septem fratres*, que quer dizer *ſete irmãos*, de que Plinio, e outros Geographos fazem mençaõ, e os ſituaõ naquella parte de Africa, onde eſtá Septa, junto do monte Abyla, que agora chamaõ a Serra Ximera, por os muitos ſimios, ou bogios, que nella ha, que fazem huma das duas columnas de Hercules, e eſtá da banda de Africa, fronteiro de Calpe, que he outro monte da banda de Heſpanha, onde eſtá o lugar de Gibaltar, que fazem a outra columna.

Eſta Cidade de Ceita veio deſpois ſer dos Godos, e nella tinhaõ hum ſenhor, que a governava, até o tempo del Rey Roderico, em que foi tomada pelos Mouros, pola injuria que elle fez á Cava filha de Juliano Conde da dita Cidade? Que numero de vizinhos tiveſſe ao tempo, que el Rey D. Joaõ a tomou, naõ o eſcreveo o Croniſta Portuguez, como tambem deixou outras muitas couſas, que tocavaõ á conquiſta daquella Cidade, de que facilmente pudera entaõ ter informaçoẽs, ſe fizera diligencia: Joaõ Leaõ diz que era a mais formoſa Cidade, e a mais populoſa, que avia na Mauritania, aſſi por os edificios, templos, e Collegios, onde ſe enſinavaõ as diſciplinas, e letrados em varias ſciencias, como polos officiaes de todos os officios.

Neſta

Neſta Cidade ſe lavrava a obra de mais primor de couro, ſeda, e couſas de arame, que em nenhuma parte do mundo, e mais eſtimadas diz que eraõ as peças, que daquelle metal ſe faziaõ, que de prata, e ſe levavaõ dalli para muitas Provinçias. O termo deſta Cidade era mui freſco, e nelle avia muitas, e formoſas quintas, e grandes vinhas, de que os Mouros tinhaõ grande colheita de ſua paſſa, de que mais caſo ſe faz entre elles, porque lhes fica em lugar do vinho, que por ſua lei lhes he defezo.

A eſta Cidade por ſua grandeza, e lugar, e ſitio, em que eſtá, e por ſervir de Emporio a Africa, e a Europa, vinhaõ todo genero de aromatas, drogaria, e mercadorias de outros lugares de Africa, e de Alexandria; e as que a Alexandria vinhaõ da India, e doutras partes do Oriente, e as de Italia, França, Heſpanha, pelo que era mui rica, e taõ grande, como hoje moſtraõ os alicerces dos muros antigos. Polo que os Portuguezes ouveraõ nella hum grande, e rico deſpojo.

Deſta Cidade, por ſua nobreza, fez el Rey Biſpo primeiro a Aymaro, que antes era Biſpo titular de Marrocos, que o Papa Martinho V. lhe confirmou a quatro dias de Março do quarto anno de ſeu Pontificado, que foi no anno de 1421. ſegundo eu vì pelas meſmas letras, e aſſi foi Sé Cathedral.

A ſeſta feira ſeguinte, deſpois de tomada a Cidade, que foraõ vinte tres dias do mez de Agoſto, mandou el Rey a ſeu Capellaõ mór, que para o Domingo ſeguinte tiveſſe preſtes a Meſquita maior, para nella ouvir Miſſa, e prégaçaõ. E ao Domingo, ſendo antes limpa de todas as immundicias, que nella avia, foraõ juntos todos os Capellaẽs, e outros Clerigos, que vinhaõ naquella com-

pa-

panhia, que faziaõ hum grande Collegio; e posto que naõ se achou Bispo algum presente, se benzeo a casa com muita solemnidade, e se fizeraõ os officios com grande magestade, e riqueza de guizamentos, e capas ricas, que para isso avia. E acabada de benzer, começaraõ o Hymno *Te Deum laudamus*, com grande estrepito de mais de duzentas trombetas, que no exercito avia, a fóra atabales, e chamarelas. Ao que ajudava o repique de dous grandes sinos bentos, que os Mouros avia muito tempo trouxeraõ cativos de Lagos, e os homens daquella Villa buscaraõ pola Cidade com muita diligencia; os quaes aquelle dia parece que mostravaõ alegria, e conhecimento de sua liberdade para gloria de Deos.

CAPITULO XCV.

Saõ os Infantes armados Cavalleiros, e outros senhores: manda el Rey divulgar a nova de sua victoria.

ACabada a Missa, os Infantes se foraõ para suas pouzadas a se armar, e todos juntamente tornaraõ á Igreja com grande magestade, e apparato, porque elles eraõ homens de grandes, e formosos corpos, e mui airosos em todos seus meneos, e vinhaõ vestidos de riquissimas armas, e formosas plumagens, e em cima suas cotas de armas. Diante vinhaõ as trombetas, atabales, e chamarelas, e com elles grande companhia de senhores, e fidalgos riquissimamente vestidos, como tambem el Rey, e todo o exercito sahio aquelle dia, em que se avia de fazer o primeiro sacrificio da Missa, naquella profana casa, em que tantos annos se honrara Mafamede, e como

mo chegaraõ ante el Rey, que com grande gozo os via, e com algumas lagrimas, que lhe trouxeraõ as lembranças de quanto a Rainha sua molher desejava ver aquelle acto, antes que morresse.

O Infante D. Duarte se poz primeiro de joelhos, e tirou a espada, que sua mãi lhe dera para se armar cavalleiro, da bainha; e beijandoa, a meteo na maõ a seu pai, que com ella o fez cavalleiro, e pella mesma maneira aos Infantes D. Pedro, e D. Henrique. Acabado aquelle acto, os Infantes lhe beijaraõ a maõ; e afastandose cada hum para sua parte a fazer cavalleiros de sua quadrilha, ficou el Rey fazendo muitos outros. Da maõ do Infante D. Duarte receberaõ á ordem de cavallaria o Conde D. Pedro de Menezes, que foi o primeiro Capitaõ de Ceita, D. Joaõ de Noronha, e D. Henrique seu irmaõ, Nuno Martinz da Silveira, Nuno Vaz de Castellobranco, Pedro Vaz de Almada, Diogo Fernandez de Almeida; e assi outros alguns.

O Infante D. Pedro fez cavalleiros Alvaro Vaz de Almada seu grande servidor, que despois lhe pagou bem aquella honra, querendo ser seu companheiro na morte, como a diante se dirá: fez mais a Ayres Gomez da Silva, filho de Joaõ Gomez da Silva, Aires Gonçalvez de Abreu, Martim Correa, Joaõ de Ataide, Martim Lopez de Azevedo, Diogo Gonçalvez Travaços, e Fernaõ Vaz de Sequeira. Da maõ do Infante D. Henrique foraõ cavalleiros D. Fernando senhor de Bragança, filho do Infante D. Joaõ, Gil Vaz da Cunha, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandez Mascarenhas, Vasco Martinz de Albergaria, Diogo Gomez da Silva, Alvaro Pereira, Joaõ Gonçalvez Ozarco.

Tanto que el Rey teve a Cidade em seu poder, logo mandou recado ao Alcaide mór de Tavira

vira, Martim Fernandez PortoCarreiro, assi por a vontade, que nelle achou de o servir, como porque semeasse aquellas novas polos lugares maritimos de Castella, a que muito importava vir Ceita a maõ de Christaõs, cujo poder sempre temiaõ, o qual teve por tamanha honra fazelo el Rey logo participante daquella boa nova, que naõ cabia de prazer, nem acabava de crer tamanha cousa; porque (como elle dizia) muito mais tardava em se cobrir de tinta huma meada de fiado, que a Ceita se mandava tingir, do que durou o cerco, e tomada della. A mesma alegria tiveraõ os moradores de Tavira, a quem se tirou tamanho cuidado, como o em que os punha taõ má visinhança. Tambem mandou el Rey logo messageiro a el Rey D. Fernando de Aragaõ, que foi Alvaro Gonçalvez da Maia seu Veedor da fazenda do Porto, dandolhe novas de sua victoria, offerecendolhe o porto de Ceita para suas armadas, quando quizesse emprender alguma conquista de alguns lugares de Mouros, como já tinha tratado. El Rey de Aragaõ, que ficou mui ledo com taõ boas novas, polas quaes deu grandes alviçaras, lhas mandou agradecer, e dizer que estava taõ mal de sua infermidade, que naõ sabia se viviria tanto que pudesse ver tamanho contentamento, e valerse da offerta, que lhe fazia.

Este messageiro, diz Fernaõ Perez de Gusmaõ na Cronica del Rey D. Joaõ II. de Castella, que deu as novas a el Rey de Aragaõ, estando em Perpinhaõ: e Zurara diz, que el Rey de Aragaõ mandou dizer a el Rey D. Joaõ, que logo se viria ver com elle á raia de Portugal, assi doente como estava, para fallarem em seus negocios; e que logo partido Alvaro Gonçalvez, começando de caminhar para Portugal, falleceo primeiro, que

Alvaro

Alvaro Gonçalvez tornaſſe a el Rey com a repoſta, he erro manifeſto contra a computaçaõ dos tempos, porque neſte meſmo tempo eſtava el Rey D. Fernando em Perpinhaõ occupado com o Papa Benedicto, que tinha por hoſpede, e eſperando por o Emperador Segiſmundo, que tambem alli veio, por cuja cauſa entaõ el Rey chegára a Perpinhaõ ao derradeiro de Agoſto, para tratarem de negocios taõ arduos, como eraõ pacificar a Igreja de Deos polo ſciſma, que nella avia por Joaõ, Gregorio, e Benedicto pertenderem o Pontificado: e a morte do dito Rey D. Fernando foi em Abril do anno ſeguinte de 1416. na Villa de Igoalada, indo a Caſtella perſuadir a el Rey ſeu ſobrinho negaſſe a obediencia ao Papa Benedicto, de quem eſtava mui queixoſo, e eſcandalizado; por fazer proceſſo, e dar ſentença contra elle de excomunhaõ, e privaçaõ de ſeus Reynos, nem era veroſimel, que eſtando ainda el Rey D. Joaõ em Ceita, o vieſſe taõ dante maõ ver hum Rey de taõ grave idade, e de doença, ao eſtremo de Portugal, de huma Provincia de França, onde eſtava, ſem aver cauſa, nem propoſito para iſſo.

CAPITULO XCVI.

Fica por Capitaõ de Ceita o Conde D. Pedro de Menezes com bom preſidio. Parte el Rey para o Reyno; apremea aos que o ſerviraõ.

COmo el Rey teve a Cidade pacificamente, e era tempo de tratar da tornada para Portugal, avia diverſas opinioẽs ſobre a guarda da Cidade. Polo que el Rey ajuntou os do conſelho, a que propoz como ſua vontade era deixala ſob a guarda de Deos, e obediencia de ſua Coroa

Real. E que ſua tençaõ, quando tomara aquella empreza, fora ſervir niſſo a Deos, e tomar huma Cidade nobre, e taõ infeſta á Chriſtandade, avendo já ſido de Chriſtaõs, e reſtituila á Igreja de Deos, cuja fora. E que doutra maneira pouco ſerviço fazia a Deos, ſe os Mouros logo a ella ouveſſem de tornar, e honrar Mafamede, onde já do Corpo de noſſo Senhor JESUS CHRISTO fora feito ſacrificio; e que ficando Ceita em maõs de Chriſtaõs, alguns Principes da Chriſtandade, com ſancta inveja; ou os Reys vindouros de Portugal, ſe moveriaõ a proſeguir a conquiſta de Africa, e revendicarem das maõs dos infieis aquellas terras, que já foraõ de fieis.

A outra razaõ era, para que os Portuguezes com o ocio, e com os vicios, que logo a paz ſohe trazer conſigo, naõ perdeſſem o vigor das armas, e o exercicio dellas; mas foſſe Ceita aos Portuguezes, o que era Carthago aos Romanos, que lhe chamavaõ a ſua pedra de aguçar. E que elle era cada dia importunado de ſeus cavalleiros para lhes dar licença de irem fazer armas por Reynos eſtranhos; e que agora teriaõ hum lugar, onde com mais ſerviço de Deos, e menos trabalho, e deſpeza as podeſſem fazer; e que além diſſo muitos homens, que por delictos eraõ deſterrados do Reyno, ſe hiaõ por eſſe mundo, e deſnaturavaõ para ſempre, e que agora teriaõ hum lugar certo, onde cumprindo com ſua juſtiça, fizeſſem ſerviço a Deos, e pudeſſem tornar as ſuas terras. Eſtas, e outras muitas razoẽs urgentes deu el Rey, porque a Cidade ſenaõ ouveſſe de largar; mas como os homens raramente ſe concordaõ em hum parecer, ouve diviſaõ entre os do conſelho, e ſe partiraõ em duas partes.

Os de huma concordaraõ em tudo com o pare-

parecer del Rey ; os da outra diziaõ , que Ceita eſtava mui afaſtada de Portugal , e no meio de inimigos , que por vingança de ſua injuria trabalhariaõ quanto pudeſſem , e achariaõ muitas gentes , a que os que em Ceita ficaſſem , naõ poderiaõ reſiſtir , e a que ſeria neceſſario com grande armada ſoccorrer muitas vezes. O que naõ podia fazer ; e fazendoo , ſeria com grande deſpeza , e trabalho ſeu , e de todo o Reyno ; e que para defenſaõ de tamanho corpo da Cidade , lhe era neceſſaria muita gente , e eſſa eſcolhida. E que ao que dizia de aver Igrejas em Africa , em que ſe celebraſſem os Officios Divinos , que muitas avia no Reyno deſtruidas , onde eſſe cuidado de as levantar , e reſtaurar ſeria melhor empregado , que em fazer outras de novo ; e que mais reſpeito ſe devia ter aos homens , que eraõ templos vivos de Deos , ſegundo o Apoſtolo , os quaes ficavaõ entre infieis arriſcados a perigo das vidas , e das almas. E além diſſo , que ſe os homens de Portugal ſoubeſſem em certo , que a pena de ſeus deliɛtos avia de ſer degredo para tal parte , naõ receariaõ delinquir.

El Rey lhes reſpondeo , que os inconvenientes , ou proveitos , que podia aver em ſuſtentar Ceita , já os tinha cuidado , e examinado , antes que ſobre ella vieſſe ; e que pois por ſerviço de Deos a ganhara , e com ſua ajuda , com a meſma eſperava de a ſuſtentar.

Naquelle meſmo conſelho diſſe el Rey a Martim Affonſo de Mello fidalgo principal , que ſe fizeſſe preſtes para ficar por fronteiro naquella Cidade ; e que elle deixaria com elle fidalgos , que bem o ajudaſſem , e as couſas , que foſſem neceſſarias para ſua defenſaõ. Era Martim Affonſo hum cavalleiro mui esforçado , e aceito a el Rey , e bem exercitado na guerra ; e que fóra do coſtume ,

e rudeza dos fidalgos daquelle tempo, efcreveo hum tratado da difciplina militar. E fendo efta offerta del Rey muito de fua honra, lhe pedio tempo para deliberar. Mas a fua deliberaçaõ naõ foi honrofa, porque por confelho de dous homens feus familiares, que quìzeraõ livrarfe de ficar com elle, fe efcuzou defte cargo; o que de todos lhe foi mui eftranhado.

El Rey fabendo por cujo confelho Martim Affonfo fe efcuzara, e o fim porque lho meteraõ em cabeça, mandou que entre os que em Ceita ouveffem de ficar, foffem aquelles dous confelheiros. E antes que el Rey fizeffe outra eleiçaõ de Capitaõ, D. Pedro de Menezes mandou pedir a el Rey polo Meftre de Chrifto feu primo, lhe fizeffe mercê daquella Capitania, porque fua determinaçaõ era ficar alli, o que lhe el Rey concedeo. E Ruy de Soufa, que defpois foi Alcaide mór de Marvaõ, foi o primeiro fidalgo, que requereo a el Rey que o deixaffe naquella Cidade com 400. homens feus bem armados, o que lhe el Rey agradeceo.

Entaõ diffe el Rey aos Infantes que efcolheffem de fuas cafas certos fidalgos, e efcudeiros, que ficaffem alli. Os que ficaraõ foraõ eftes: Lopo Vaz de Caftellobranco Monteiro mór del Rey, e Alcaide mór de Moura, que ficou por Coudel de todos os del Rey, que por numero eraõ 300. Os do Infante D. Duarte ficaraõ á governança do Conde D. Pedro de Menezes. Os do Infante D. Pedro com Gonçalo Nunes Barreto. Os do Infante D. Henrique com Joaõ Pereira, que fez muitas coufas notaveis naquella Cidade, e em outras muitas partes, aonde foraõ elle, e outros homens de preço antes da tomada de Ceita, os quaes andando nas guerras de França, e Inglaterra, como ouviraõ

raõ novas da armada, que el Rey fazia, vieraõ logo para o ſervir. Os companheiros de Joaõ Pereira eraõ Diogo Lopez de Souſa, Pedro Gomez Malafaya, Alvaro Mendez Cerveira. A fóra eſtes ficaraõ em Ceita Ruy Gomez da Silva, Pedro Lopez de Azevedo, Luiz Vaz da Cunha, Fernaõ Furtado, Alvaro Anes Sarnache, Joaõ Ferreira, Diogo de Ciabra, Mem Ciabra, Lourenço de Elvas, Diogo Alvarez Barbas, Gomez Diaz, Pedro Vaz Pinto; finalmente com toda a gente faziaõ ſomma de dous mil e quinhentos homens. Ordenado iſto, mandou el Rey ao Infante D. Henrique que foſſe meter de poſſe do caſtello ao Conde D. Pedro; e que nenhuma homenagem queria delle, ſe naõ o conhecimento, que tinha de ſua bondade. E aſſi foi o Infante tomar o caſtello da maõ de Joaõ Vaſquez de Almada, e dallo ao Conde D. Pedro, a quem entregou as chaves de ſua maõ, e o deixou metido de poſſe.

Eſtando as couſas da Cidade todas poſtas em ordem, determinou el Rey de ſe vir a Portugal; e a huma ſegunda feira, que foraõ dous dias do mez de Setembro daquelle anno de 1415. ſendo preſtes a frota para partir, todos aquelles fidalgos, que ficavaõ em Ceita, vieraõ beijar a maõ a el Rey, aos quaes elle fez grande gazalhado, e ao Capitaõ encommendou o bom, e ſuave tratamento daquelles fidalgos, e da mais gente; e aos fidalgos a obediencia ao Capitaõ.

E tanto que el Rey foi dentro de ſua Galé Real, mandou fazer ſinal, para que todos os outros navios largaſſem as vellas; e aſſi começaraõ a fazer viagem para o Algarve, com grande prazer de todos os da armada, e grande ſaudade dos que ficavaõ em Ceita, que com lagrimas os eſtiveraõ vendo todo aquelle dia de cima dos muros; e

aſſi

aſſi aportaraõ todos em Tavira. Aqui chamou el Rey ſeus filhos, e lhes diſſe, que por o muito ſerviço que delles naquella jornada recebera, os queria galardoar, tirando ao Infante D. Duarte, a quem por ſer ſucceſſor, e herdeiro de ſeus Reynos, naõ avia em que o melhorar. Mas que ao Infante D. Pedro fazia Duque de Coimbra, e ao Infante D. Henrique Duque de Viſeu; e que por o grande trabalho que levou na armada, que fez no Porto, e na tomada de Ceita, o fazia tambem ſenhor de Covilhaã. Os Infantes todos tres beijaraõ a maõ a el Rey, e com muita ſolemnidade foraõ feitos Duques, e alli em Tavira deſpedio el Rey com muitas mercês, e dadivas todos os que o foraõ ſervir, e com palavras cheas de agradecimento; e as naos dos eſtrangeiros, que o levaraõ, com bons pagamentos.

CAPITULO XCVII.

Vem el Rey a Portugal: trata de pazes com Caſtella: he neſte tempo cercada Ceita, e ſoccorrida del Rey.

TAnto que el Rey deſpedio ſuas gentes, encaminhou para a Cidade de Evora, onde eſtavaõ os Infantes ſeus filhos D. Joaõ, e D. Fernando; e como da vinda del Rey ſe ſoube, os Infantes com o Meſtre de Aviz, e toda a gente da Cidade o ſahiraõ a receber com grandes alegrias, onde ouve muitas lagrimas de contentamento, vendo tornar ſeu Rey, que todos amavaõ como pai, diante do qual vinhaõ as molheres, e mininos cantando cantigas de ſeus louvores; e vindo ao Paço, achou a Infanta Dona Izabel ſua filha, além das damas, e donas de ſua caſa, a-

com-

companhada de todas as nobres molheres, que avia naquella Cidade, que á salla o veio receber. Esta publica alegria era maior, por virem todos sãos, e salvos, sem aver luto, nem choros por mortos na guerra, que he o preço porque se compraõ as vitorias; e por a tornada ser taõ em breve, como era em espaço de pouco mais que hum mez, parecia a todos aquella obra, que el Rey fizera huma grande, e memoravel façanha; e muito mais quando se lembravaõ, que tomaraõ Ceita em taõ poucas horas.

Estavaõ neste tempo em suspenso as pazes com Castella até el Rey as confirmar, polo que no anno de 1318. mandou el Rey D. Joaõ de Portugal a el Rey de Castella seus Embaixadores negocear a paz perpetua, em que já tinhaõ fallado muitas vezes; mas os Castelhanos, posto que por huma parte viaõ polos danos passados, de que ainda estavaõ as chagas frescas, quam importante era aos póvos de Castella a paz, que se pedia, faziaselhes vergonha concedela, avendo recebido tanto dano dos Portuguezes, e sendo taõ pouco avia passada a batalha de Algibarrota, onde os pais, irmaõs, e parentes de cada hum dos grandes de Castella, daquelle conselho, morreraõ, que elles muito desejavaõ vingar, ou ao menos mostrar que esperavaõ occasiaõ de vingança. Polo que lhes foi respondido, que el Rey naõ era de idade, e que por isso naõ podia determinar nada até que cumprisse quatorze annos, em que avia de tomar o governo de seus Reynos, e que entaõ podiaõ vir.

No seguinte anno de 1419. polo mez de Junho, sendo já vindo o tempo em que el Rey cumpria os quatorze annos, para que dilatou as pazes, tornou el Rey a mandar Embaixadores a Castella, aos quaes em presença del Rey, e dos Infantes de

Ara-

Aragaõ, e dos mais ſenhores, que ahi eraõ, propuzeraõ a el Rey que bem ſabia como outra vez eraõ vindos Embaixadores del Rey ſeu ſenhor a concertar as pazes, de que ſe tinha tratado; e como ſe dilatou a repoſta para aquelle tempo, em que elle foſſe de idade, que pudeſſe adminiſtrar ſeus Reynos; e que pois pola graça de Deos o tempo era vindo, e a idade, em que a adminiſtraçaõ delles lhe era dada, lhe aproveſſe reſponder o que neſte caſo lhe aprazia; porque a paz entre os Chriſtaõs era a Deos mui aceita, e que a todos convinha buſcaremna: para o que hum Doctor, que entre os Embaixadores vinha, propoz muitas couſas das Santas Eſcrituras, e Santos Doctores, porque a paz ſe devia dar aos que a pediaõ, mórmente ſendo Chriſtaõs, e parentes taõ conjunctos, aos quaes el Rey reſpondeo que deliberaria niſſo com os de ſeu conſelho, e lhes reſponderia. Chamados todos os do conſelho, ouve entre elles grande diverſidade de opinioẽs; e por iſſo el Rey reſpondeo aos Embaixadores, que elle determinava mandar tambem a Portugal ſeus Embaixadores com a repoſta, do que lhe tinhaõ propoſto; e com iſſo os deſpedio.

Deſpois que a Cidade de Ceita ſe ganhou, nunca os Mouros ſe aquietaraõ; mas como era Cidade taõ importante ao Eſtado daquellas Provincias de além do mar, e aos dos Reys de Granada, ſentiraõ em grande eſtremo a perda della, e nunca deraõ dia de ocio ao Conde D. Pedro de Menezes Capitaõ. Porque aſſi os Mouros naturaes da Cidade, como os comarcaõs, ſempre continuaraõ por mar, e por terra a fazer todo o dano, que pudeſſem; e poſto que o regimento, que el Rey deu ao Capitaõ, era naõ ſahir da Cidade ſem grande neceſſidade.

Os

Os fidalgos Portuguezes, que eraõ homens assinalados, e esforçados, soffriaõ mal estarem encerrados, vendo os Mouros que os vinhaõ provocar, e naõ lhes sahir, lhes parecia vergonhoso. E muitas vezes com licença do Capitaõ, que lha dava, sahiaõ a escaramuçar com elles, de que sempre os Mouros por mar, e por terra tornavaõ descontentes, e menos dos que vinhaõ. Nos quaes encontros ouve feitos notaveis, que em historia particular do Conde D. Pedro escreveo Gomez Anes de Zurara Cronista, por mandado del Rey D. Affonso V., onde ao largo se podem ver, polo que Ceita se sustentou polo grande esforço, e prudencia de taõ valoroso Capitaõ; e se defendeo com grande honra da naçaõ Portugueza, com tanta multidaõ de inimigos, e Reys contrarios de huma banda do mar, e da outra.

Neste trabalho continuo esteve o Conde D. Pedro, até este anno de mil quatrocentos e dezanove, em que veio a outros maiores; porque até li naõ ouve cerco ordenado, nem se ajuntou grande multidaõ de Mouros, com proposito de ganharem a Cidade, mais que de desfazerem pouco e pouco aos Christaõs, esperando que vencidos de tantos trabalhos, lhes largassem a Cidade, naõ na podendo sustentar: e a causa de naõ virem os Mouros com mais poder porlhe cerco, como todos elles desejavaõ, eraõ as divisoẽs, e continuas guerras, que entre elles entaõ avia; porque Mulei Buçaide, e Aco seu irmaõ contendiaõ sobre o Reyno de Fez; Mulei Buali Rey de Marrocos com hum grande senhor seu Vassallo por outra parte trazia grandes differenças, de maneira que sempre tiveraõ que fazer em suas casas; polo que naõ poderaõ acudir a Ceita. Mas el Rey de Granada da tomada da Cidade recebia muito dano, além do geral, que

lhe tocava como Mouro; porque além da perda dos navios, e gentes, que os Chriſtaõs lhe tomavaõ cada dia, ſeu governo, e eſperanças, e toda ajuda contra el Rey de Caſtella, que tinha por vizinho, e em continua guerra, pendia dos Reynos de Benamarim, e Marrocos; polo que com muita inſtancia requeria áquelles Reys, que acabaſſem ſuas contendas; e convertendo ſuas iras, e armas contra os Chriſtaõs, tornaſſem pola honra de ſua lei, e de ſua terra; e para iſſo os provocava a miude com Embaixadores, para ſe ajuntarem, e pôr cerco a Ceita.

Polo que como Buçaide teve morto ſeu irmaõ, e teve de paz ſeu Reyno, el Rey de Granada fez acordarſe el Rey de Marrocos com ſeu contrario, e tratou com todos, e com Calabençala, que fora ſenhor de Ceita, que lhe largaſſem o ſenhorio della para a Coroa de Granada; e que elle viria contra os Chriſtaõs com todo ſeu poder, aſſi por mar, como por terra; porque certo eſtava, que ſem armada naõ podiaõ acommeter aquelle negocio com ſeu proveito, mas com ſeu dano certo.

Tanto fez el Rey de Granada até que ſe ajuntaraõ, e por mar, e por terra cercaraõ Ceita, e a combateraõ por muitas vezes, com grande perda, e mortandade ſua, até que ſe levantaraõ; o que foi mais para cobrar novas forças, que para deixar o começado. Polo que vindo de novo com maior poder, a pozeraõ em tanto aperto, que naõ podendo já os Chriſtaõs matar tantos, nem continuar, ſendo taõ poucos, a defenſaõ de tamanha Cidade, como ainda entaõ era Ceita, pediraõ ſoccorro a el Rey, que a iſſo mandou os Infantes D. Henrique, e D. Joaõ, pelo que os Mouros foraõ vencidos, e levantaraõ o cerco, e ſe foraõ muitos menos dos que vieraõ. Naquelles annos deſpois da toma-

tomada de Ceita, e naquelles cercos se fizeraõ tantos feitos assinalados, que contandose, parecem incriveis; o que tudo se attribuia ao esforço, e vigilancia do Conde D. Pedro, que de todos era amado, e obedecido, e avido por maior Capitaõ, que avia naquelle tempo, polo que el Rey lhe fez sempre assinaladas honras, e mercês.

CAPITULO XCVIII.

Manda o Infante D. Henrique descobridores das Ilhas de Porto Santo, e Funchal.

NO anno de mil e quatrocentos e vinte, que na memoria dos homens deve sempre ser lembrado, se começaraõ os descobrimentos de mares, e ilhas, que foraõ principio de as portas do Oriente se abrirem aos Portuguezes; e as do Occidente, e novo mundo se manifestarem aos Castelhanos, por esta maneira. Sendo o Infante D. Henrique, despois que de Ceita veio, mui desejoso de descobrir terra ao longo da costa, de que os Portuguezes até aquelle tempo naõ sabiaõ mais que até o *Cabo de Naõ*, tendo por taõ impossivel passalo, que por proverbio se trazia naquelle tempo entre os navegantes Hespanhoes: *Quem passar o Cabo de Não, ou tornará, ou não*; mandou tantos navios, até que chegaraõ ao cabo de Bodajor, que está dentro do cabo de Naõ sessenta legoas, e alli pararaõ todos; porque como a navegaçaõ daquelles antigos era naõ se affastando da costa, e alli as agoas tem grande corrente, e parece que fervem pelos baixos, que alli ha, de que elles se naõ sabiaõ afastar, fazendo-se ao largo, parecialhes que o mar dalli a diante era todo aparcellado, e que se naõ podia navegar; mas o espirito

do Infante naõ se satisfazia, a que parece Deos revelava tudo o que despois foi.

Vindo o Infante de Ceita, Joaõ Gonçalvez Zarco, e Tristaõ Vaz Teixeira dous seus criados, que na guerra de Ceita o tinhaõ bem servido, onde de sua maõ elle armara cavalleiro ao dito Joaõ Gonçalves Zarco, se lhe offereceraõ, que se para os descobrimentos, que emprendia, armasse alguns navios, os mandasse nelles; porque entendiaõ que nisso o podiaõ bem servir. O Infante, que nenhuma cousa mais desejava, agradecendolhes as boas vontades, mandou armar hum navio, e deulhes por regimento, que corressem a costa de Berberia, até passarem aquelle temido cabo Bojador, e dahi fossem descubrindo o mais que achassem. A estes cavalleiros antes que chegassem á costa de Africa, succedeo tamanho temporal de ventos contrarios a sua viagem, que se deraõ por perdidos, por ser o navio pequeno, e o mar taõ grosso, e levantado, que parece que os comia. Polo que lhes cumprio correr em arvore seca á vontade delle; e como os marinheiros naquelle tempo eraõ costumados a navegar á vista de terra, e segundo lhes parecia, eraõ mui alongados da costa de Portugal, andavaõ attonitos, sem saberem em que paragem eraõ; mas cessando aquella tempestade, que para elles foi de felicissimo successo, acharaõse á vista de huma Ilha, a que por os segurar do perigo, em que se viraõ, lhe chamaraõ Porto Sancto.

Vista a Ilha, e sitio, e disposiçaõ della, se tornaraõ ao Reyno dar nova della ao Infante, elle ficou taõ contente com aquelle primeiro fruito, que via de seus trabalhos, que lho naõ sabia encarecer, e muito mais por lhe dizerem, que por os bons ares, e frescura da Ilha, queriaõ lá tornar, e provala, por verem que a terra era grossa, para fru-

fructificar todas as plantas, e sementes; e naõ sómente Joaõ Gonçalvez, Tristaõ Vaz, e os de sua companhia se offereceraõ a povoar aquella Ilha, mas outros muitos, e entre elles Bertholameu Perestrello, fidalgo do Infante D. Joaõ, por comprazer ao Infante D. Henrique.

Vendo o Infante o alvoroço, com que aquella gente hia á Ilha, mandou armar tres navios, de que hum deu a Perestrello, e outros dous a Joaõ Gonçalvez, e a Tristaõ Vaz. Todos hiaõ apercebidos de todas as sementes, plantas, e cousas, como colonos, que hiaõ povoar, e assentar naquella terra; e entre outros animaes, que levavaõ, foi huma coelha prenhe, que em huma gaiola mandara levar Bertholameu Perestrello, que pelo mar pario, de que todos ouveraõ grande prazer, tomandoo por bom pronostico do que na terra avia de fazer; mas a cousa succedeo ao contrario, porque chegados á Ilha, e solta a coelha com seu fructo, em breve tempo multiplicou tanto, que naõ podia aver planta, nem cousa que os coelhos, que ferviaõ como bichos, naõ roessem. Polo que importunados daquella praga, começaraõ de aborrecer a terra, e Bertholameu Perestrello se veio para o Reyno.

Dalli da Ilha do Porto Sancto apparecia huma certa sombra grande, em que Joaõ Gonçalvez, e Tristaõ Vaz se naõ podiaõ determinar; porque humas vezes lhes parecia que eraõ nuvens grossas, hora lhes parecia que era terra. Finalmente como naquella parte naõ viaõ lugar desasombrado, como em outras partes, movidos do desejo de investigar o que era, em dous barcos, que fizeraõ de madeira da Ilha, em que estavaõ, passaraõse áquelle lugar, em que acharaõ huma Ilha grande, a que por o espesso, e muito arvoredo de

que

que era cuberta, chamaraõ da Madeira. Esta Ilha por razaõ da humidade de muitas agoas, que nella avia, e espessura do arvoredo, porque os vapores da terra naõ se podiaõ exhalar livremente, fazia que parecessem alli nuvens grossas. Joaõ Gonçalvez com seu barco (segundo dizem) sahio em terra naquella parte da Ilha, onde agora chamaõ Camara de lobos, junto do Funchal, e Tristaõ Vaz sahio na ponta de Tristaõ, que se chamou assi de seu nome. E por a sahida que cada hum fez nestes lugares; lhe coube a sorte da terra, que lhe foi dada pelo Infante em Capitania.

O arvoredo desta Ilha era taõ espesso, que naõ avia outro lugar descuberto mais que huma grande lapa, a modo de camara abobedada, que se fazia debaixo de huma terra eminente sobre o mar. O chaõ daquella lapa, dizem que estava trilhado dos pés de lobos marinhos, que alli hiaõ ter. Polo que áquelle lugar Joaõ Gonçalvez chamou Camara de lobos, e della tomou o appelido de Camara, que deixou a sua descendencia. O Infante despois que estes Capitaẽs vieraõ ao Reyno por consentimento del Rey seu pai, repartio a Ilha em duas Capitanias: a Joaõ Gonçalvez, como pessoa mais principal, deu de juro a Capitania, que chamaõ Funchal, onde se edificou a Cidade daquelle nome. A Tristaõ Vaz deu tambem de juro, onde hora está a povoaçaõ de Machico; a Bertolameu Perestrello deu a Ilha do Porto Sancto; cuidando que lhe dava boa parte; mas o tempo mostrou que foi a menor parte. Porque as cousas da Ilha com as plantas dos assucares, e mais cousas, foraõ em grande crecimento, e as da Ilha de Porto Sancto, por causa dos coelhos, que os moradores naõ podiaõ vencer, naõ se povoou tanto como a da Madeira, e por naõ aver ribeiras para regar as fazendas.

En-

Entretanto el Rey vendose em paz, e quieto, só se occupava na reformaçaõ dos bons costumes, e governo da justiça de seus Reynos, e por ser já introduzido no Reyno de Aragaõ, desdo anno de 1358.; e no de Castella de 1383, que senaõ contassem mais os annos da era de Cesar, como até entaõ se fazia, mas da cousa mais admiravel, e pera os homens mais se lembrarem de quantas no mundo aconteceraõ, que era fazerse Deos homem: parecendo a el Rey D. Joaõ cousa absurda, e indecente, que em seus Reynos se contasse mais da era de Cesar, e por o comercio, que tinha com aquelles Reynos comarcaõs, em que fazia confusaõ a diversidade de contas, fez huma lei, porque mandou que o anno de mil e quatrocentos e sessenta, se dissesse do nacimento de mil e quatrocentos e vinte dous; e assi se continuasse dahi em diante, por a era de Cesar levar de excesso ao nacimento de nosso Senhor trinta e oito annos.

CAPITULO XCIX.

Assenta el Rey de Portugal tregoas com o de Castella: Faz o Infante D. Pedro sua peregrinaçaõ: Faz el Rey algumas leis para a Justiça.

NEste mesmo tempo, querendo el Rey D. Joaõ de Castella satisfazer ás embaixadas del Rey de Portugal, que no tempo de suas tutorias avia mandado á Ráinha sua mãi, e ao Infante D. Fernando seu tio, pedindolhe paz perpetua, que se avia outorgada, até elle ser de idade, e sobre o mesmo negocio aviaõ ido outras vezes, como acima está dito, a que respondeo que man-

mandaria ſeus Embaixadores a Portugal, determinou de o pôr em execuçaõ. E mandou a Portugal D. Affonſo de Carthagena Deaõ de Sanctiago, e de Segovia de ſeu conſelho, que deſpois ſuccedeo a ſeu pai D. Paulo no Biſpado de Burgos, e com elle Joaõ Affonſo de Çamora ſeu Eſcrivaõ da Camara; e mandou ao Deaõ que fizeſſe tregoas com el Rey de Portugal, por o menos tempo que pudeſſe, com certas condiçoens, que levava por cõmiſaõ.

Sobre o concerto deſtas pazes eſteve o Deaõ de Sanctiago em Portugal todo o reſto daquelle anno, e alguns mezes do anno ſeguinte de 1423. com que encheo o tempo de hum anno inteiro, por a muita differença que avia, do que el Rey de Portugal pedia; ao que el Rey de Caſtella queria conceder. A primeira differença era, que el Rey de Portugal queria que as pazes, ou tregoas ſe outorgaſſem na fórma, que a Rainha Dona Catharina, e o Infante D. Fernando as tinhaõ outorgadas, no que el Rey de Caſtella naõ queria ſucceder. Mas deſpois de muitas altercaçoẽs paſſadas entre el Rey, e o Deaõ de Sanctiago, ſe concluiraõ por eſta maneira que foſſem as tregoas até el Rey de Caſtella ſer de vinte nove annos, como Fernaõ Perez eſcreve na Cronica do meſmo Rey D. Joaõ II. porque ſómente ſe aſſentaraõ por onze annos que avia, até el Rey ſer dos vinte nove; e que ſe algum dos Reys naõ quizeſſe eſtar polas tregoas do dito tempo em diante, naõ pudeſſe fazer guerra ao outro Rey ſem lho fazer a ſaber anno e meio antes, que a começaſſe.

E porque muitas peſſoas do Reyno de Caſtella aviaõ recebido dano del Rey de Portugal, e de ſeus Reynos; e muitos de Portugal o aviaõ tambem recebido del Rey de Caſtella, e de ſeus

Rey-

Reynos, que foſſem deputados dous Juizes, hum da parte del Rey de Caſtella, e outro da parte del Rey de Portugal, para que ouviſſem, e determinaſſem as demandas, que ante elles foſſem poſtas, e deſſem nellas ſentenças, ſegundo o que por direito achaſſem: e que eſtes Juizes eſtiveſſem juntos certo tempo em hum lugar de Caſtella, que foſſe fronteiro de Portugal, e outro tanto tempo em outro lugar de Portugal fronteiro de Caſtella. E para publicar eſtas pazes, que eſtes dous Juizes foſſem juntos, e que ſe apregoaſſem em peſſoa de cada hum dos Reys, e dos Embaixadores da outra parte.

Aſſentado iſto aſſi, mandou el Rey de Portugal a el Rey de Caſtella por ſeus Embaixadores D. Fernando de Caſtro, e o Doctor Fernando Affonſo da Silveira do ſeu conſelho, para em ſua preſença as tregoas ſe apregoarem na Corte de Caſtella; e aſſi ſe apregoaraõ na fórma, que era acordado. Eſtava el Rey de Caſtella na Cidade de Avila, ao tempo que os Embaixadores foraõ, e avia juſtas, em que D. Fernando de Caſtro como deſtro naquelle exercicio, mais que no officio de Embaixador, quiz entrar. Polo que dizendo a elRey, a que muito aprouve, como moço que era, e mui inclinado a juſtar, o dito Embaixador, contra o decóro de ſeu officio, que he repreſentar na gravidade, e authoridade a peſſoa, que o manda, e naõ ſe entremeter em couſa ludrica, e de jogo; como he o das juſtas, ſahio a ellas mui bem armado, e acompanhado de D. Fadrique de Caſtro Conde de Traſtamara ſeu primo, que deſpois foi Duque de Arjona, e de muitos fidalgos outros; e correndo tres, ou quatro carreiras, ſem encontrar, nem ſer encontrado, Ruy Diaz de Mendoça, que foi mordomo mór del Rey, lhe deu ta-

manho encontro nas cordas do escudo, que D. Fernando, e seu cavallo foraõ ao chaõ. E tamanha foi a quéda, que esteve fóra de si, amortecido, duas, ou tres horas, e em cama tres dias, pola qual razaõ as justas cessaraõ. E com muitas dadivas, e favores foi despedido del Rey. E porque as tregoas se aviaõ de apregõar tambem em Portugal, tornou el Rey de Castella a mandar a isso o mesmo Deaõ D. Affonso de Carthagena, e Joaõ Affonso de Çamora, em cuja presença foraõ apregoadas.

Como ouve pazes assentadas por aquelles mesmos annos, que a todos pareciaõ serem já perpetuas, o Infante D. Pedro, que era Principe de altos espiritos; vendose solteiro, por lhe naõ passar o tempo sem alguma honrosa occupaçaõ, determinou de fazer alguma peregrinaçaõ, na qual além de visitar o Sancto Sepulcro de Hierusalem, e outros lugares sanctos, que desejava ver, visse tambem terras, e as Cortes de alguns Principes, e os conversasse; sabendo quanto, para a prudencia humana faz ver costumes de muitos homens. Polo que no anno de 1424, com alguns fidalgos, e criados, que bastassem para o serviço de sua pessoa, e lhe naõ fossem impedimento a sua viagem, com muito dinheiro, e credito para todas as partes, como quem era, sahio da casa del Rey seu pay, e foi peregrinando. E como elle era filho de hum Rey taõ nomeado, e liado por sangue com todos os Reys Christaõs; e por sua pessoa taõ valoroso, e de grande authoridade, por ser já áquelle tempo de trinta e dous annos, foi em todas as partes, assi da Europa, como de Asia, e Africa, tratado como as pessoas dos mesmos Reys das terras, entre os quaes, por sua grande prudencia, ganhou muita honra, usando com as gentes, por onde passava, de muita liberalidade; porque com os caval-

leiros,

leiros, e peſſoas menores, gaſtava o ſeu, e o que os Principes lhe davaõ.

Indo á Corte do graõ Turco, que naquelle tempo reynava, e á do graõ Soldaõ de Babilonia, de todos recebeo muitas honras, e gazalhados, e preſentes, que lhe faziaõ. Das quaes partes, e das outras vindo para Roma, foi recebido do Papa Martinho quinto, que entaõ preſidia, com muita honra, por o grande preço de ſua peſſoa, além de ſer filho de tal Rey, e entre muitas graças, que concedeo, de ſeu motu proprio, foi huma Bulla, porque lhe aprouve, que os Reys de Portugal pudeſſem ſer coroados, e ungidos, como ſaõ os Reys de França, e de Aragaõ. Na qual o Summo Pontifice com muitas palavras exaggerava a grande ſabiduria, e qualidades do Infante D. Pedro.

De Italia ſe paſſou a Alemanha, e a Ungria, e ao Reyno de Dacia, cujos Reys tinhaõ deſcendencia dos de Portugal, onde (como conta Eneas Silvio, que deſpois foi Papa Pio II. na hiſtoria de Boemia) com gente que ajuntaraõ el Rey de Dacia, e o Infante D. Pedro ajudaraõ ao Emperador Segiſmundo; e polas muitas couſas, que o Infante fez contra os Turcos, e em Italia contra Venecianos, lhe fez o Emperador doaçaõ da Marca Triviſiana, que com ajuda do Infante ganhou, ſegundo conſta pola propria doaçaõ, que eu vi na torre do Tombo, em que ſe contém grandes louvores do Infante; o qual Eſtado, parece por as condiçoẽs das pazes, que o Emperador fez com os meſmos, tornou a quem antes o poſſuia.

De Alemanha veio a Inglaterra, que elle muito deſejava ver, por ſer patria da Rainha ſua mãi, pola qual elle parecia natural Ingrez; e aſſi era chamado de todos, aonde de el Rey Henrique quarto foi recebido com muitas honras, e feſta; e

aſſi o foi del Rey de Caſtella ſeu primo com-irmaõ, que lhe ſahio ao encontro, meia legoa de Aranda do Douro, onde eſtava, e lhe offereceo ricos preſentes; e del Rey de Navarra ſeu ſobrinho, que o ſahio a receber de Pena Fiel, recebeo outros taes preſentes de cavallos ajaezados de grande preço; por eſta taõ longa peregrinaçaõ, em que gaſtou quatro annos, veio a gente vulgar a lhe chamar o Infante, que andou as ſete partidas do mundo, e eſcrevem á ſua conta muitas fabulas, que naõ viraõ, nem avia. Da qual peregrinaçaõ o Poeta Joaõ de Mena faz mençaõ entre outros louvores do Infante.

Neſte meſmo tempo vendoſe el Rey de Caſtella mui embaraçado, e receoſo de guerras com el Rey de Aragaõ, além das que com os Infantes ſeus irmaõs trazia, ſobre a prizaõ do Infante D. Henrique, por naõ ter concluido na eleiçaõ dos Juizes, que avia de nomear para reſtituiçaõ dos danos, que os Caſtelhanos, e Portuguezes tinhaõ recebidos huns dos outros, tornou a mandar a iſſo o meſmo Deaõ de Sanctiago, D. Affonſo de Carthagena a Portugal, para ſe nomear de cada Reyno ſeu Juiz.

El Rey D. Joaõ, com a paz, naõ eſtava ocioſo, e todo o tempo occupava no governo de ſeu Reyno, e reformaçaõ da juſtiça, e coſtumes; para o que fez muitas leis, que eſtaõ enxeridas nos livros das Ordenaçoẽs, que hoje eſtaõ em uſo: além diſſo, no anno de 1425. por conſelho do Doctor Joaõ Fernandez das Regras, que era grande letrado, ordenou hum livro em lingoa Portugueza; em que ſe ajuntaſſem as leis do Codego de Juſtiniano mais practicaveis neſte Reyno, com algumas declaraçoẽs de Accurſo, e Bartholo ſobre ellas, de maneira que as opinioẽs de Accurſio, e Bartolo approva-

das

das por elle, fossem authenticas, e valessem como leis, e por ellas se determinassem as cousas. Isto tudo foi por a grande affeiçaõ, que o Doctor Joaõ das Regras tinha a Bartolo, cujo discipulo fora em Bolonha, de que teve origem a lei deste Reyno, que manda que na decisaõ das causas se siga a opiniaõ de Bartolo, quando naõ ouver texto, nem glossa, ou commum opiniaõ em contrario.

CAPITULO C.

Casamento do Infante D. Duarte com a Infanta Dona Leanor: festas, que fizeraõ a esta senhora no caminho, e sua chegada a Portugal.

ERa já o Principe D. Duarte de idade de 36 annos, e sem casar, fóra do costume dos primogenitos dos Reys, por respeito que el-Rey seu pai teve em quanto andou em guerra, ou a podia ainda ter com algum Rey Christaõ, para ver onde lhe cumpria liarse. Polo que como esta razaõ cessou, veiose a concertar com el Rey D. Affonso de Aragaõ, e de Napoles, estando fazendo Cortes em Valença no anno de 1428 para o casar com a Infanta Dona Leanor sua irmãa, que estava em Castella com a Rainha Dona Leanor sua mãi; polo que mandou a isso por Embaixador, e procurador de seu filho a D. Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa, neto del Rey D. Fernando de Portugal, filho da Condessa Dona Izabel sua filha natural, e neto del Rey D. Henrique 2. de Castella, filho de D. Alvaro Conde de Gijon.

Trouxe esta Princeza em dote duzentos mil florins; cem mil lhe deu a Rainha sua mãi, e os outros cem mil avia el Rey de Aragaõ de dar em dez annos; á qual se deraõ de arras trinta mil florins,

de:

de ouro de Aragaõ , e aſſinouſelhe por Camara ametade das rendas , que tinha a Rainha Dona Philippa mãi do Infante. E que ſuccedendo elle no Reyno , tiveſſe tudo o que a dita Rainha tinha. Entre outras mais condiçoẽs ſe aſſentou , que el Rey de Portugal , e os Infantes ſeus filhos , por moſtrar perpetuo amor aos Reys de Aragaõ , e de Navarra , e aos Infantes D. Henrique , e D. Pedro ſeus irmaõs , naõ dariaõ conſelho , nem favor , nem aſſiſtiriaõ a nenhuma peſſoa conſtituida em dignidade contra elles , ainda que lhes foſſe mui chegados em parenteſco ; e ao meſmo ſe obrigaraõ os meſmos Reys de Aragaõ , e de Navarra , e Infantes ſeus irmaõs a el Rey de Portugal.

Eſtava naſte tempo a Infanta Dona Leanor em Caſtella com a Rainha de Aragaõ ſua mãi ; polo que antes de vir a Portugal , foi a Aragaõ a ſe deſpedir del Rey D. Affonſo ſeu irmaõ , acompanhada de D. Alvaro de Oſorio Biſpo de Cuenca , e de Inigo Lopez de Mendoça ſenhor de Hita , e Ruy Trago , o que foi primeiro Marquez de Santilhana , e de Pedro de Mendoça ſenhor de Almaçan , e de outros muitos nobres ; e aſſi a recebeo por palavras de preſente em nome do Infante D. Duarte o Arcebiſpo de Lisboa , por procuraçaõ , que para iſſo levava. De Valença partio a Infanta acompanhada dos meſmos , e do Arcebiſpo de Liſboa , e de muitos outros ſenhores de Aragaõ , e de Valença , e de ſua Camareira mór a Condeſſa Dona Conſtança de Tovar , molher de D. Ruy Lopez de Avalos Condeſtabel de Caſtella , que pouco avia faleceo em Aragaõ. E como el Rey D. Joaõ de Navarra , e o Infante D. Henrique irmaõs da Infanta , eſtavaõ em Caſtella , a foraõ eſperar aos confins de Aragaõ , e a acompanharaõ até Valhadolid.

Quau-

Quando chegou a Valhadolid, foi recebida del Rey ſeu primo, e dos grandes com muita pompa; e á ſua vinda fizeraõ muitas juſtas, e torneos, e outras feſtas. Primeiramente o Infante D. Henrique ſeu irmaõ ordenou com grande apparato, na praça de Valhadolid, duas fortalezas de madeira, huma fronteira da outra, cubertas de pano, pintadas de maneira, que parecia ſer de pedra, com ſuas ameas, e torres, e muitas ſallas, e camaras, em que eſtava elle com os mantenedores, e nas fronteiras os aventureiros; que quando pediaõ juſta, tocavaõ hum ſino tantas vezes, quantas carreiras queriaõ correr. O principal da feſta foi hum torneo de cincoenta cavalleiros, por cincoenta, e na juſta ouve mui aſſinalados encontros, dos quaes morreo hum aventureiro, por nome Goterre de Sandoval, ſobrinho do Conde de Caſtro. Acabada eſta feſta, o Infante deu hum Real banquete aos Reys de Caſtella, e Navarra, e ás Rainhas, e ás Infantas, e a todos os grandes ſenhores, que avia na Corte; e neſſe dia deu muitas dadivas, e peças a fidalgos, e a damas.

Ao outro dia el Rey de Navarra por honra de ſua irmaã fez outra feſta com grande apparato, e veio metido em huma carroça grande, que moviaõ muitos carretoens, donde ſahio riquiſſimamente armado, e com hum grande, e poderoſo cavallo, diante delle vinhaõ quarenta cavalleiros, que ſe partiraõ 20 por 20, e começaraõ hum torneo, e logo ſe tornaraõ a ajuntar, e começaraõ a juſta, em que elRey de Navarra com ſeis cavalleiros manteve a tea. Entre os aventureiros ſahio o Condeſtabel D. Alvaro de Luna com 12 cavalleiros de ſua caſa, mui ricamente arreados, a fóra outros muitos aventureiros, em que ouve grandes encontros, e muitas lanças quebradas. El Rey

de

de Navarra deu de comer a el Rey, e ás Rainhas, e a todos os Principes, e ſenhores, que foraõ na feſta de ſeu irmaõ.

El Rey fez outra feſta per ſi, em que manteve a juſta com 12 cavalleiros, que vìnhaõ em habito de Monteiros com chuças nas mãos, e bozinas nas eſpaldas, diante del Rey levavaõ hum grande Leaõ atado a duas cadêas, e hum Uſſo atado da meſma maneira. Vinhaõ mais com el Rey trezentos Monteiros a pé, veſtidos de verde, e de vermelho, e ſuas bozinas ao colo, e lanças monteiras nas maõs; e cada hum delles levava hum libreo pola trella, e ouve vinte cavalleiros aventureiros.

Com el Rey juſtou Ruy Diaz de Mendoça ſeu Mordomo mór, em que el Rey quebrou tres lanças; e como el Rey ſe deſarmou, mandou a Ruy Diaz o cavallo com os aparamentos, que eraõ de rico brocado carmeſi forrado de Martas Zebellinas. El Rey deu de comer a el Rey, e á Rainha de Navarra, e aos Infantes, e ás Infantas, e a todos os ſenhores, damas, e donas, que na Corte ſe acharaõ.

Acabadas as feſtas deſtes Principes, o Condeſtabel D. Alvaro de Luna fez hum torneo de 50 por 50 brancos, e vermelhos, em que fizeraõ tres entradas, no qual andaraõ todos mui bem, e melhor que todos o Condeſtabel, o qual, ſendo homem pequeno de corpo, foi o maior cavalgador da brida de ſeu tempo, e deſtro em todo o exercicio de armas, e de muita força.

Sendo tempo de partir, a Infanta pedio licença a el Rey, á qual, deſpois de fazer muitos preſentes de ricas joias de ouro, brocados, e dinheiro, deſpedio, indo com ella mais de meia legoa fóra da Villa, e os grandes mais de legoa;

e com

e com ella mandou a Portugal o Arcebiſpo de Sanctiago D. Lopo de Mendoça, e o Biſpo de Cuenca, e cento e cincoenta homens nobres de ſua caſa mui ricamente arreados. E aſſi foraõ ſuas jornadas a Portugal, onde, no primeiro lugar, ouve hum grande arruido entre os criados do Arcebiſpo de Lisboa, e os do Arcebiſpo de Sanctiago, de que ſahiraõ muitos mortos, e feridos, por a gente do lugar ſe meter na volta; do que o Infante D. Duarte foi taõ deſcontente, que mandou enforcar alguns do lugar, e açoutar muitos; e ao Arcebiſpo de Lisboa deu grande reprehenſaõ.

CAPITULO CI.

Caſamento dos Infantes D. Pedro, e Dona Izabel de Portugal: Pertende el Rey de Portugal fazer pazes entre os de Caſtella, Navarra, e Aragaõ.

NO meſmo tempo, que ſe concertou o caſamento do Infante D. Duarte com a Infanta de Aragaõ, entrou em Valença aos 24 de de Julho o Infante D. Pedro, que vinha de ſua peregrinaçaõ, em que avia quatro annos, que andava, onde lhe foraõ feitas por parte del Rey, e por parte da Cidade grandes feſtas, e magnifico recebimento, e ahi ſe concertou ſeu caſamento com huma filha do Conde D. James de Urgel, o que morreo na prizaõ, onde foi poſto por el Rey D. Fernando, ſobre o naõ reconhecer por Rey, e dizer pertencerlhe o Reyno de Aragaõ a elle, como mais propinquo parente varaõ del Rey Martim, do qual foraõ quatro filhas, de que a mais velha foi Dona Izabel, que ſe deu ao Infante D. Pedro. A ſegunda, Dona Leanor, que caſou com Raymon

Urſino Conde de Nola, grande ſenhor de Aragaõ. A terceira, Dona Joanna, que caſou com o Conde de Foz em França, e ſegunda vez com D. Joaõ Raymon Folo filho do Conde de Prades. A quarta, Dona Catharina, que morreo ſem caſar; polo que no mez de Setembro ſeguinte mandou o Infante ſeus procuradores a Alcolea, onde Dona Izabel eſtava, e ſe celebraraõ os eſpoſorios; e no anno ſeguinte de 1429. foi levada a Portugal, onde el Rey lhe mandou fazer grande recolhimento, e feſta, como a nora ſua, e neta do Rey de Aragaõ, de que ella cuidou ſer Rainha, por ſeu pai naõ ter filho varaõ: naquelle anno de 1429. o Duque Philippe de Borgonha, Conde de Frandes, e de outros muitos Eſtados, eſtava viuvo de duas molheres, que tivera, de que naõ ouve filhos; das quaes a primeira foi Miguela filha de Carolo 6. Rey de França; a ſegunda, Bona, filha do Conde de Urgel, que fora viuva do Conde de Nevers; polo que deſejando de aver ſucceſſaõ, e de ter parenteſco com el Rey D. Joaõ de Portugal, lhe mandou pedir a Infanta Dona Izabel ſua filha. El Rey, que era já velho, e deſejava em ſeus dias ver ſua filha caſada, e por o Duque Philippe ſer taõ grande Principe em ſangue, e Eſtado, e valeroſo por ſua peſſoa, lho outorgou.

O dote que com ella lhe deu el Rey foraõ cento e cincoenta mil cruzados, ſegundo vi pola propria quitaçaõ, que achei no Cartorio de Liſboa, no tempo que reformei os Eſtatutos daquella Cidade. A Infanta foi levada a Frandes, e as bodas ſe fizeraõ na Cidade de Bruges, as quaes o Duque celebrou com mais feſta, e triumpho, que nenhuma das paſſadas, aſſi por a grandeza de ſeu ſogro, como por o grande contentamento, que levou em ver a peſſoa da Infanta, que foi huma

Prin-

Princeza de grandes virtudes, e perfeiçoẽs, sem cujo conselho o Duque naõ movia cousa alguma de paz, nem de guerra por seu grande aviso, e prudencia.

Escrevem os Historiadores de Frandes, que sobre muitas, e grandes festas, momos, e danças, justas, e torneos, que se fizeraõ todos os dias, que duraraõ as festas das bodas, que naõ foraõ poucos, estava no terreiro do Paço, levantado em alto, hum grande Leaõ de pedra, que lançava por huma maõ huma bica de vinho branco do Rin, para quantos o queriaõ; e que ante a Capella do Paço do Duque estava hum Cervo, o qual tambem por hum pé, em que tinha huma bica, lançava vinho vermelho; e que na entrada do Paço estava hum Unicornio, que ás horas de jantar, e de cear, por hum pé lançava agoa rosada, para cada hum dos que hiaõ comer, lavar as maõs, e o rosto. Fóra destas horas, lançava o mesmo Unicornio por quatro partes quatro generos de vinho precioso: Malvasia, vinho Romano, Moscatel, e Clarea. Esta festa foi entaõ avida por mui grande, por ser em terra, em que taõ pouco vinho ha, e tanta vontade de o beber.

Por mais honra da Infanta, no primeiro dia das bodas, instituio o Duque huma nova Ordem de cavalleiros, debaixo do Patrocinio do Apostolo Sancto André, que chamou do Tosaõ, por a insignia de hum vello de laã de ouro, que os cavalleiros aviaõ de trazer (naõ alludindo ao vello de Gedeaõ, como os vulgares cuidaõ) mas ao de Jason, e seus companheiros Argonautas, como se vê da mesma carta, e prefaçaõ da instituiçaõ da Ordem, por a qual divisa queria significar a expediçaõ, que queria, ou pertendia fazer com seus cavalleiros, para a guerra do Ultramar, á imitaçaõ da de Jason.

Deste casamento naceo o Duque Carlos, a que chamaraõ o *Ardido* homem bellicoso; e de sobejos espiritos, que muito tempo andou em guerra com Luiz XI. Rey de França, e veio morrer na batalha de Nancy, que lhe deu o Duque de Lourena no tempo, que el Rey D. Affonso V. de Portugal andava em França. Do Duque Carlos naõ ficou mais filho, que a Duqueza Maria sua herdeira do Estado, que casou com Maximiliano Archiduque de Austria.

Por aquelle mesmo tempo avia entre el Rey de Castella, e seus primos os Reys de Aragaõ, e Navarra, muitas guerras, e differenças, mais travadas, que nunca, por a grande potencia do Condestabel D. Alvaro de Luna, a que elles nunca poderaõ resistir, porque andavaõ aquelles Principes, ao menos os Infantes, que podiaõ menos, mui trabalhados; do que el Rey era anojado, assi por serem Principes Christãos, e taõ conjunctos entre si, como por serem seus sobrinhos, netos de sua irmã a Infanta Dona Britis; polo que mandou a el Rey de Castella seus Embaixadores, que eraõ Martim Gonçalvez de Ataide, e Nuno Martins da Silveira, fidalgos de grande authoridade, os quaes propondo sua embaixada, disseraõ que el Rey seu senhor tinha grande sentimento em ver a guerra, que estava começada entre elle, e os Reys de Aragaõ, e Navarra, e os Infantes seus irmaõs; e que lhe pareceo que era razaõ que elle intercedesse nisso, e buscasse alguns meios, para que a guerra cessasse, e as cousas viessem a alguns bons termos, como era razaõ, que viessem, avendo entre elles taõ estreito parentesco por tantas vias. Por tanto que se a elle aprouvesse, elle Rey de Portugal tomaria qualquer trabalho, que pudesse; e em quanto nelle fosse, teria maneira, porque todos os debates

bates entre elles vieſſem a bom fim; e que lhe pedia muito naõ ſe ouveſſe taõ rigoroſamente contra aquelles Reys, e Infantes, como ſe avia; o meſmo lhe mandaraõ pedir os Infantes D. Pedro, e D. Duarte. El Rey de Caſtella reſpondeo aos Embaixadores de Portugal, que dava muitas graças a el Rey, e aos Infantes ſeus primos pola boa tençaõ, com que ſe moveraõ a intervir naquelle negocio; e que folgaria muito que elles quizeſſem ſaber com fundamento todas as couſas, e porque modo aviaõ procedido; porque ſendo bem informados, naõ teriaõ para ſi, que fora ſem razaõ o que elle tinha feito. E por tanto elle mandaria relaçaõ largamente do paſſado, e fazer certo a el Rey de Portugal, e aos Infantes ſeus primos, para ſaber, o que niſſo deviaõ fazer. E quando os Embaixadores foraõ a Caſtella, já hum delles avia ido aos de Aragaõ, e de Navarra, ao qual elles diſſeraõ que folgariaõ muito de ſe porem eſtas ſuas differenças em maõ del Rey de Portugal, ſe el Rey de Caſtella diſſo foſſe contente.

No anno ſeguinte de 1430. eſtando ainda as differenças dos Reys de Aragaõ, e de Navarra, e dos Infantes ſeus irmaõs neſte eſtado, teve el Rey de Caſtella conſelho, ſobre o que devia fazer, ácerca das fortalezas, que a Rainha de Aragaõ tinha em Caſtella; e parecendolhe ſegundo as couſas paſſadas, e as que ſe eſperavaõ ſucceder, que naõ era razaõ que ella as tiveſſe, determinou de lhas pedir, para que durando a guerra, as tiveſſe por el Rey, e por ella hum fidalgo, de quem ſe podeſſem bem fiar. Iſto mandou el Rey dizer á Rainha por os Doctores Fernaõ Dias de Toledo ſeu Ouvidor, e referendario; e Affonſo Garcia Cherino ſeu Juiz maior de Viſcaia, e ſeu fiſcal, e com Alvaro Rodriguez de Eſcovar, do que á Rainha pe-

zou

zou muito, e deu ſuas eſcuſas as melhores que pode, e el Rey lhe mandou rogar, que ſe foſſe para elle a Tordeſilhas, a Rainha ſe eſcuſou quanto pode; mas em fim veio el Rey, e lhe pedio o caſtello de Alva de Liſte, e os outros caſtellos, que no Reyno tinha, dandolhe razoens, porque lhos devia entregar, e lhe rogou, que por tirar ſoſpeitas, que della ſe tinhaõ, de ter falla, e tratos com el Rey de Navarra, e os Infantes ſeus filhos, que eſtiveſſe alguns dias no Moſteiro de Sancta Clara daquella Villa de Tordeſilhas; e que eſtando alli, ceſſaraõ todas aquellas ſoſpeitas, e que por iſſo naõ perderia couſa alguma de ſeu Eſtado, e fazenda; e que dalli podia tambem mandar adminiſtrar todo o ſeu, como deſdo Moſteiro de Medina do campo, onde eſtava. A Rainha pezou muito do requerimento del Rey ſeu genro, temendo que ſe huma vez entrava naquelle Moſteiro, naõ lhe dariaõ lugar que ſahiſſe mais delle. Em fim entrou, e mandou aos Alcaides de ſeus caſtellos de Alva de Liſte, Tedra, Uruenha, e Montalvaõ, que os entregaſſem logo ao Condeſtabel D. Alvaro de Luna, para que os tiveſſe na ſobredita maneira.

Deſta maneira de força ſe queixou a Rainha a el Rey de Portugal ſeu tio, o qual mandou rogar com muitas palavras a el Rey de Caſtella por ſeus Embaixadores, que deſſe lugar á Rainha, para ſahir daquelle Moſteiro, aonde a obrigava eſtar, e lhe mandaſſe entregar ſuas Villas, e deſembargar ſuas rendas, aſſi por a razaõ que com ella tinha, como porque era notorio, que ella era mui anojada por os erros de ſeus filhos. El Rey de Caſtella reſpondeo, que ſe elle ſoubera que a Rainha levava deſprazer de eſtar naquelle Moſteiro, naõ conſentira que nelle eſtivera; e que elle o fizera, cui-

cuidando que a ella vinha bem, por ſe tirar de ſoſpeitas, que della ſe tinhaõ; e que as rendas lhe naõ mandara embargar, por lhe tomar alguma couſa do ſeu; mas porque lhe diziaõ, que ſoccorria aos Infantes ſeus filhos com ellas, e que ſua vontade era naõ lhe tomar, mas darlhe do ſeu, e ajudala, e honrala como ſua mãi propria; e que ella podia ſahir logo daquelle Moſteiro, e ir aonde quizeſſe, e ſem dilaçaõ lhe mandaria deſembargar ſeus caſtellos, e rendas; o que logo poz por obra, mandando a D. Pedro Lopes de Ayala ſeu Apozentador mór, e ao Doutor Franco, que foſſe a el Rey de Portugal com eſta repoſta, e que paſſaſſem por Tordeſilhas, e tudo aquillo fizeſſem ſaber á Rainha Dona Leanor ſua ſogra. Tambem mandou a D. Gonçalo de Carthagena Biſpo de Plazencia, que deſpois o foi de Siguenca, que foſſe a Tordeſilhas, para que ſe a Rainha quizeſſe dahi ſahir, foſſe com ella a Medina do campo, ou a outra parte, onde ella mais quizeſſe, e mandoulhe deſembargar ſeus caſtellos, e rendas, com tanto que ella déſſe ſua fé, que naõ ſoccorreria com nenhuma couſa do ſeu a ſeus filhos. Reſpondeo mais el Rey aos Embaixadores de Portugal, que quanto ás pazes, ou tregoas com os Reys de Aragaõ, e de Navarra, e os Infantes, já mandava repoſta por ſeus Embaixadores; que naõ tinha mais que lhe dizer. Entaõ mandou a Pedro Lopes de Ayala, e ao Doutor Franco, que mui largamente informaſſem a el Rey de Portugal de tudo o que era acontecido nos Reynos de Caſtella deſpois da morte da Rainha Dona Catharina ſua mãi.

Como el Rey tinha mandado aos Reys de Caſtella, e de Aragaõ ſeus Embaixadores, para tentar ſe os podia concordar, como eſtá dito atraz, mandandolhe por eſte tempo el Rey de Caſtella di-

zer por ſeus Embaixadores, como os Reys de Aragaõ, e Navarra lhe mandaraõ pedir tregoas, e elle lhas avia outorgado, com certas condiçoens, que veria pelos capitulos dellas, que lhe mandava. El Rey ficou mui ſentido dos Reys de Aragaõ, e Navarra, por o pouco cumprimento, que tiveraõ com elle; porque de huma parte deixaraõ ſeus negocios em ſuas maõs, e pela outra fizeraõ as tregoas, ſem lho fazer a ſaber.

CAPITULO CII.

Apregoaõſe pazes perpetuas entre Portugal, e Caſtella: vem o Infante D. Pedro de Aragaõ a Portugal.

NO anno ſeguinte de mil e quatrocentos e trinta e hum mandou el Rey Pedro Gonçalvez Malafaya, e o Doutor Ruy Fernandez por ſeus Embaixadores a Caſtella, como em tempo de ſua menor idade, á Rainha Dona Catharina ſua mãi, e el Rey D. Fernando ſeu tio ſeus tutores, e com conſelho dos tres Eſtados de ſeus Reynos, fora tratada, e outorgada paz perpetua, entre elle Rey de Caſtella, e o de Portugal; e que, como el Rey de Caſtella fora de idade de quatorze annos, fora requerido por el Rey de Portugal, que outorgaſſe eſta paz, ou a fizeſſe de novo; e que pelas differenças, e negocios arduos, que entaõ em Caſtella ſuccederaõ, naõ tivera el Rey de Portugal repoſta final, ſalvo que fora acordada paz pelos Embaixadores de hum Rey, e outro, até ſer de idade de vinte e nove annos, em certa fórma, e debaixo de certas condiçoens; e que agora queria el Rey de Portugal ſaber ſua tençaõ. El Rey de Caſtella reſpondeo que agradecia muito a el

Rey

Rey de Portugal a boa tençaõ, que tinha em querer paz com elle: e que sobre isso averia conselho com os do seu Reyno. Sobre o que el Rey mandou, que o Conde de Benavente D. Rodrigo Affonso Pimentel, e os Doctores Pedreanes, e Diogo Rodriguez praticassem com os Embaixadores de Portugal, com os quaes muitas vezes altercaraõ, mas naõ se concluio entaõ cousa alguma.

Estando despois el Rey de Castella em Cordova, tornou a elle o mesmo Pedro Gonçalvez Malafaya a pedir a resoluçaõ da paz, a que antes viera a Palencia; e el Rey lhe respondeo que naõ estava em tempo, nem em lugar para fallar, senaõ na guerra dos Mouros, que tinha entre maõs; que sahindo da guerra, fallaria no que lhe pedia. Pedro Gonçalvez desejava tanto de acabar o negocio a que viera, porque já a outra sua vinda fora em vaõ, que por naõ ir sem reposta, quiz esperar até que el Rey viesse de Granada; e determinou de ir com elle, por ser a guerra contra inimigos da Fé; e el Rey vendo sua boa vontade, lhe mandou dar armas, e cavallos para elle, e para os seus.

Vindo el Rey de Castella da guerra de Granada, Pedro Gonçalvez Malafaya lhe fallou em Medina sobre as pazes; e posto que el Rey já tivera sobre ellas muitos conselhos, tornou outra vez a aver seu conselho. A muitos descontentava a paz por as mortes de seus parentes, e amigos, que morreraõ na batalha ás maõs dos Portuguezes, e desejavaõ de os vingár. Sobre isso duvidavaõ se el Rey de Castella tinha algum direito para fazer guerra a Portugal; polo que seu avô passara em Portugal, pois o casamento da Rainha Dona Beatris, por quem fazia guerra, era separado por sua morte, sem ficar delle filho algum, e da dita Rai-

nha. Pola qual razaõ, e por naquelle tempo el Rey de Castella trazer guerra com os Reys de Aragaõ, Navarra, e Granada, lhe parecia grave cousa querer tambem tella contra Portugal. Polo que por todos os Estados se concluio, que com Portugal tivesse paz perpetua. E logo el Rey a jurou, e juntamente o Principe D. Henrique, em presença dos Embaixadores de Portugal, perante Notarios publicos de hum Reyno, e outro, que formaraõ instrumentos assinados por el Rey com seus sellos.

Os Embaixadores com procuraçaõ, que tinhaõ del Rey de Portugal, e do Infante D. Duarte seu filho, confirmaraõ a paz, e se obrigaraõ, que el Rey, e o Infante D. Duarte a outorgariaõ, e assinariaõ, e jurariaõ dentro de dez dias; que por parte del Rey de Castella fossem requeridos; e por quanto havia differenças sobre os danos, que cada hum dos ditos Reynos haviaõ recebido dos outros nas guerras passadas, concordouse, que cada hum dos Reys satisfizesse a seus naturaes. Como isto assi se contratou, el Rey de Castella mandou a Portugal por seu Embaixador ao Doutor Diogo Gonçalvez Franco seu Ouvidor do Conselho Real, para que perante elle Rey de Portugal, e o Infante D. Duarte jurassem, e confirmassem a paz, e o conteudo nos capitulos della, e recebesse seus juramentos assinados, e sellados, como se fizera em Castella, o que tudo se cumprio, e as pazes foraõ apregoadas em Lisboa.

No anno de mil e quatrocentos e trinta e dous, andando os Infantes de Aragaõ em suas differenças com el Rey de Castella, e o Condestabel D. Alvaro de Luna, o Mestre de Alcantara D. Joaõ do Soto Maior entregou o castello, e fortaleza de seu mesmo Convento ao Infante D. Pedro con-

contra o ſerviço del Rey, de cuja obediencia ſe ſahio; polo que, ſendo o Meſtre auſente da Villa de Alcantara, o Comendador mór D. Guterre de Soto Maior ſeu ſobrinho a requerimento, e inſtancia do Doutor Franco, que no meſmo caſtello eſtava prezo pelo Infante D. Henrique, por andar em ſerviço del Rey, prendeo ao Infante D. Pedro, do que elle, e os ſeus ficaraõ muito atemorizados. Polo que a Infanta Dona Leanor, irmãa do Infante, e o Infante D. Henrique por ſeus menſegeiros pediraõ a el Rey D. Joaõ de Portugal, e ao Infante D. Duarte, e aos mais Infantes, quizeſſem intervir no caſo da prizaõ de ſeu irmaõ. O meſmo fez o Infante D. Pedro, obrigandoſe ambos os Infantes a fazer tudo o que el Rey de Portugal, e ſeus filhos ordenaſſem, e mandaſſem, com tanto que elle foſſe ſolto.

El Rey, e o Infante D. Duarte, mandaraõ a el Rey de Caſtella, que entaõ eſtava em Salamanca, Pedro Gonçalvez Malafaya, que outras vezes já enviara a Caſtella, por ſer homem mui prudente, e deſtro em ſemelhantes embaixadas. E tanto fez Pedro Gonçalvez niſſo, tornando a Portugal, e ao Infante D. Henrique de Aragaõ, com o que achava em el Rey de Caſtella, até que ſe concordaraõ, e juraraõ certas capitulaçoẽs em Cidade Rodrigo por el Rey, e por Pedro Gonçalvez, com procuraçaõ do Infante D. Henrique de Aragaõ. As quaes eraõ: que o Infante D. Henrique entregaſſe a el Rey a Villa, e fortaleza de Albuquerque, e todas as Villas, e fortalezas, que o dito Infante D. Henrique tinha nos Reynos de Caſtella; e que el Rey ſoltaſſe ao Infante D. Pedro, e foſſe entregue em Portugal; e elle, e o Infante D. Henrique ſe foſſem a Aragaõ.

Fernaõ Lopes de Guſmaõ, homem nobre do

conſelho del Rey D. Joaõ o ſegundo, que foi naquelle meſmo tempo, eſcreve na Cronica do meſmo Rey, que o Infante D. Pedro foi entregue ao Infante D. Henrique de Portugal. Mas Gomez Anes de Zurara, que foi no meſmo tempo em Portugal, e homem de autoridade, na Cronica do Conde D. Pedro de Menezes Capitaõ de Ceita, diz que el Rey de Caſtella, naõ quiz que ſe entregaſſe o dito Infante D. Pedro, ſenaõ ao Infante D. Pedro de Portugal, a que ficara mui affeiçoado do tempo, que fora ſeu hoſpede, vindo de ſua peregrinaçaõ; e que elle teve o Infante em ſua caſa com tanta honra, e magnificencia, aſſi no tratamento de ſua peſſoa, como em ſua guarda, que moſtrou bem ſua nobreza de animo; porque o Infante lhe ficava mui obrigado; e eſtando alguns mezes em Portugal em caſa do Infante D. Pedro, quando veio tempo de ſe ir a Aragaõ com muitas dadivas del Rey, e do Infante D. Duarte ſeu cunhado, e do Infante D. Pedro ſeu carcereiro, e ſeu tio, partio para o Algarve, até onde o acompanhou Nuno Martinz da Silveira, e lhe deu embarcaçaõ, e dahi partio para Aragaõ, onde el Rey D. Affonſo eſtava preſtes para entrar em Caſtella, ſenaõ ſobreviera a ida de Napoles, para onde era chamado.

CAPITULO CIII.

Morte del Rey D. Joaõ o primeiro: ſeu enterro, e ſentimento de ſeus Vaſſallos.

POr as indiſpoſiçoens que el Rey tinha, que a muita idade lhe acrecentava, muitas vezes encarregou ao Infante D. Duarte ſeu filho, por ſua grande prudencia, e idade, que já tinha madura, que governaſſe por elle, como ſe vê em

muitos negocios expedidos, cartas de doaçoẽs assinadas, e Cortes feitas por elle, em vida del Rey seu pai. Estando em Alcochete lugar de Riba Téjo, onde fora por conselho de Fisicos, por ser mais conveniente a sua infermidade, sentiase muito fraco, e com os accidentes, que lhe vinhaõ; entendeo que se lhe chegava o fim. Polo que rogou a seus filhos, o levassem a Lisboa; porque naõ era decente a sua pessoa morrer em hum lugar pequeno, e em casas de hum homem privado, estando taõ junto a mór Cidade de seus Reynos, e onde tinha tantas casas Reaes. E logo o mudaraõ para Lisboa, e o levaraõ aos Paços da Alcaçova, que entaõ mandava emnobrecer.

Passados alguns dias, sentindo em si alguma melhoria, que elle tinha por sospeita em tanta idade, e doença, por a muita devaçaõ, que tinha ao bemaventurado S. Vicente, quiz antes de sua morte despedirse de suas reliquias. Polo que mandou que o levassem á Sé, e ahi na Capella, onde seu corpo jazia, lhe puzeraõ seu estrado; e em huma Missa solemne, que seus Capellaẽs disseraõ, encommendou sua alma a Deos com muita devaçaõ. E á offerta da Missa offereceo tanta somma de moedas de ouro, que ahi mandou trazer, quanta por juizo de officiaes, pareceo que bastava para se acabar a Capella mór da mesma Sé, que elle tinha mandado começar, para que despois de sua morte, naõ ouvesse na obra alguma falta, ou tardança; e ao Veedor da obra encommendou, que della naõ desistisse, até de todo a acabar, e he a que agora se vê. Da Sé, porque receava que era aquelle o seu ultimo tempo, foi a nossa Senhora da Escada, que elle mandara edificar por sua devaçaõ, junto ao Mosteiro de S. Domingos, donde despedindose com grande conhecimento de sua morte,

te,

te, foi tornado aos Paços. E logo ſe começou a achar de maneira, que ſe via faltar, e foi entregue a Religioſos, que o acompanharaõ até acabar.

Eſtando com elles, e pondo elle a maõ na barba, que achou crecida algum tanto, a mandou logo fazer, dizendo: que naõ convinha a Rey, que muitos aviaõ de ver, ficar eſpantoſo, e disforme deſpois de morto. Feito iſto, com eſpirito prompto em Deos, e encommendandoſe a elle com muita contriçaõ, e arrependimento de ſeus peccados, tendo tomado todos os Sacramentos, como Catholico Principe, que era, falleceu aos 14 dias de Agoſto, veſpora da Aſſumpçaõ de N. Senhora do anno de 1433., avendo entaõ hum grande Ecclypſe do Sol. Viveo ſetenta e ſeis annos, quatro mezes, e tres dias. Reynou quarenta e oito annos.

Tanto que a nova del Rey ſer morto correo pola Cidade, ſe fez geralmente por todo o Eſtado de homens, e molheres taõ grande pranto, qual nunca ſe vio por outro nenhum Rey; e parecia que cada hum perdia pai, e mãi, ou filhos, e a couſa que mais amava; porque como el Rey era taõ amigo de todo o povo de Lisboa, por elles o fazerem ſeu Defenſor, e Regedor, e ſerem partes para elle ſer Rey, e por elle ſoffreraõ tantos trabalhos no cerco, e em outras partes, arriſcando ſuas vidas, e fazendas, toda ſua boa ventura atribuia a elles; e aſſi era amado de todos, naõ como ſenhor, ſenaõ como proprio pai de cada hum.

Deixara el Rey em ſeu teſtamento, que o enterraſſem no Moſteiro da Batalha, onde já tinha feita ſua ſepultura; mas como o tempo era de eſtio, por ſenaõ corromper, naõ podia ſer levado taõ em breve, com o decóro, que a tal Principe convinha. Polo que meteraõ o corpo em huma caixa

xa de chumbo cuberta de outra madeira, guarnecida de veludo negro, e o tiveraõ assi atè tarde; e como anoiteceo, posto em humas andas, foi levado á Sé aos hombros de seus filhos os Infantes, e de outros grandes, em huma solemne procissaõ de todos os Clerigos, e Religiosos da Cidade, com grande numero de tochas, e espantoso pranto de homens, e molheres, que o acompanharaõ, e ahi o deixaraõ ante o Altar de S. Vicente, em outra tumba mais alta, a que sobiaõ por degraos; ao redor da qual ardiaõ muitas tochas, sendo a Capella cuberta de pannos negros.

E ordenouse que até vinte sinco dias de Outubro seguinte, que o corpo ahi esteve, até se trasladar, certos, que foraõ de seu conselho, o acompanhassem; e assi muitos Frades o guardassem de dia, e de noite, por repartiçaõ, rezando sempre, e rogando a Deos por sua alma. E os seus Capellaẽs eraõ assi ordenados, que nunca a Capella estivesse sem nella se dizerem os Officios, e horas mui devotamente; e em cada hum dia diziaõ muitas Missas cantadas, e rezadas. E cada semana se fazia por elle hum Saimento mui solemne, com Vesporas, e Missa, a que o Collegio da Sé, e toda a Clerezia da Cidade, e Ordens eraõ presentes.

Foi el Rey D. Joaõ homem de rosto formoso, e grande corpo, e mui bem proporcionado, e de grandes forças, segundo se vê por algumas peças de armas de seu corpo, que estaõ no almazem do Reyno, em que ha hum elmo de grandeza naõ vulgar, e huma facha de armas, com que sohia pelejar, que senaõ póde menear sem grande força. Do animo foi mui esforçado, e verdadeiramente magnanimo; nos contentamentos, ainda que fossem grandes, nunca lhe enxergavaõ no rosto ale-

gria,

gria, nem nos casos adversos tristeza, mas tinha sempre huma perpetua serenidade, que dava testemunho de seu grande animo, e constancia. Era mui clemente, e piadoso, no que tambem mostrava sua magnanimidade. Polo que a muitos, que o offenderaõ, e que conspiraraõ contra elle para o matar, lhes perdoou, e restituio a sua graça; e lhes fez sobre isso honras, e mercês.

De sua condiçaõ era taõ liberal, que nunca dava cousas poucas, como se vê das muitas Villas, e lugares do Reyno, e herdades do patrimonio Real, que deu aos que o serviraõ nas guerras, e na paz; porque alienou os mais dos lugares, que agora andaõ fóra da Coroa, e outros muitos, que se tornaraõ a ella. Dos serviços que recebia, era taõ agradecido, que a muitos deu mais do que esperavaõ, sem aguardar que lho pedissem. A grandeza de seu animo tambem se via nos edeficios, que mandava fazer, em que a elegancia delles contende com a magnificencia, como se vê nos ricos, e grandes Paços de Cintra, feitos para recreaçaõ em lugar taõ pequeno. Os de Lisboa, os de Sanctarem, os de Almeirim, e outros muitos polo Reyno; o grande, e sumptuoso Templo de N. Senhora da Batalha, da Ordem de S. Domingos, que fez no lugar, onde ouve a victoria del Rey de Castella.

Outros muitos Templos fez polo Reyno, e entre elles o de Peralonga, que foi o primeiro da Ordem de S. Hieronimo, que neste Reyno se fundou. Obra del Rey D. Joaõ foi tambem o Mosteiro da Carnota, termo de Alanquer, da Ordem de S. Francisco; para o que comprou ás Freiras de Odivellas aquella grande, e antiquissima mata de arvores silvestres, que parece começou com o mesmo mundo. Foi sobre tudo Principe mui amigo de

Deos,

Deos, e zeloſo de ſua Fé, como ſe vio polas muitas doaçoẽs, que fez nas Igrejas, que edificou: pola guerra, que na velhice determinava fazer aos Mouros, por exalçamento della: polos privilegios, e liberdades, que deu aos Clerigos nas concordancias, que com elles fez: por a ſingular devaçaõ, que tinha á Virgem Noſſa Senhora.

Elle foi o primeiro, que neſte Reyno ordenou que ſe trasladaſſem, em lingoa Portugueza, as Horas da meſma Senhora, para que todos as rezaſſem; e aſſi mandou trasladar os Evangelhos, e a Vida de Chriſto, e outros livros eſpirituaes, para que a gente vulgar naõ ignoraſſe as couſas da Fé.

Da Ordem de Ciſter Militar, que profeſſou, ſe prezou tanto, que mandou que o eſcudo de ſuas Armas Reaes ſe aſſentaſſe ſobre a Cruz verde de Aviz, em memoria de como o Meſtre daquella Ordem veio ao Reyno, como ſe vê das moedas de ſeu tempo, e dos Reys ſeguintes, até el Rey D. Joaõ 2., que reformou aquelle eſcudo, como em ſua Vida ſe dirá; e por a devaçaõ, que tinha ao Martyr S. Jorge, como cavalleiro da Garrotea, em cujo appellido começava ſuas batalhas, poz por timbre de ſuas Armas Reaes, ſobre o elmo, e coroa huma Serpe, que era a inſignia do dito Santo, ſegundo vi, por huma memoria antiga, que em hum livro da nobreza do Reyno achei.

Finalmente por elle ſer taõ juſto, e magnanimo Rey, e taõ excellente Capitaõ, e aver nelle juntas todas as virtudes, que nos ſeus paſſados eraõ derramadas, lhe deraõ a honorifica alcunha de Rey de boa memoria.

CAPITULO CIV.

Filhos, e deſcendencia del Rey D. Joaõ.

OS filhos, que el Rey D. Joaõ ouve da Rainha Dona Philippa, foraõ oito, a ſaber: a Infanta Dona Branca, que mui minina falleceo; o Infante D. Affonſo, que de dez annos morreo em Braga, onde jaz na Igreja Cathedral; o Infante D. Duarte, que lhe ſuccedeo no Reyno, de que em ſua Vida ſe dirá.

Item ouve o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, varaõ excellente na paz, e na guerra, que da Infanta Dona Izabel ſua molher, filha do Conde de Urgel ouve honrada geraçaõ, a ſaber: D. Pedro Condeſtabel de Portugal, e Meſtre de Aviz; que ſendo chamado dos Catalaens, o fizeraõ Rey de Aragaõ, em odio del Rey D. Joaõ o ſegundo, como adiante ſe dirá na Vida del Rey D. Affonſo V., onde em breve morreo de peçonha.

Ouve D. Joaõ, o que chamavaõ de Coimbra, que foi dos primeiros cavalleiros do Toſaõ, e em caſa de ſua tia a Duqueza de Borgonha morreo, ſendo eſpoſado com Carlota filha herdeira de Joaõ Rey de Chipre.

Item D. Jaimes, Cardeal que foi de Santo Euſtachio, e Arcebiſpo de Liſboa, mancebo conſumado em muita doctrina de letras, e virtudes, e taõ continente; que ſendo doente de huma doença, que o chegou á morte, dizendolhe os Phiſicos, que ſararia della, ſe chegaſſe a molher, com grande animo, e maior pureza, reſpondeo que antes queria morrer limpo, que viver çujo; e aſſi morreo, eſtando em Florença, onde jaz enterrado honradamente na Igreja de S. Mimato.

Ou-

Ouve mais Dona Izabel, que foi Rainha de Portugal, molher del Rey D. Affonſo 5. Item ouve Dona Beatris, que deſpois da morte do Infante ſeu pai, a mandou levar a Frandes a Duqueza de Borgonha ſua tia, e em ſua caſa a deu por molher a Adolpho, ſenhor de Ravaſtein, filho do Duque de Cleves. Teve mais Dona Philippa, que foi Freira no Moſteiro de Odivellas.

Ouve mais el Rey D. Joaõ o Infante Dom Henrique, que foi Duque de Viſeu, e Meſtre de Chriſto, varaõ inſigne polas armas, e polos deſcobrimentos de Ilhas, e lugares da coſta de Africa, que por ſua induſtria ſe fizeraõ, e á ſua cuſta, a quem ſe devem os mais deſcobrimentos, que para o Oriente ſe fizeraõ polos Portuguezes, e ao Occidente polos Caſtelhanos.

Ouve o Infante D. Joaõ Meſtre de Sanctiago, e Condeſtabel do Reyno, homem de grandes virtudes, e prudencia, e mui zeloſo do bem publico. Eſte Infante foi caſado com Dona Izabel ſua ſobrinha, filha de D. Affonſo Conde de Barcellos, e primeiro Duque de Bargança, ſeu irmaõ natural, e de Dona Breatis Pereira filha unica, e herdeira do Condeſtabel D. Nuno Alvarez Pereira, de que ouve D. Diogo, que morreo moço, tendo já ſuccedido a ſeu pai nos ditos Eſtados; e aſſi ouve duas filhas, a ſaber: Dona Izabel, que foi Rainha de Caſtella, por caſar com el Rey D. Joaõ o 2., de que naceo a Rainha Dona Izabel a Catholica. A outra foi Dona Breatis, que caſou com o Infante D. Fernando ſeu primo com-irmaõ, filho del Rey D. Duarte, de que naceo el Rey D. Manoel, e a Rainha Dona Leanor, molher del Rey D. Joaõ 2. de Portugal, e a Duqueza Dona Izabel, molher do Duque de Bargança D. Fernando 2. Terceira filha do Infante D. Joaõ foi Dona

na Philippa, que morreo ſem caſar.

Ouve o Infante D. Fernando Meſtre da Ordem de Aviz, Principe de muita virtude, e ſanctidade, que por ficar em arrefens no cerco de Tangere, como na Vida del Rey D. Duarte ſe dirá, até ſe entregar Ceita aos Mouros, morreo em poder delles.

Ouve mais a Infanta Dona Izabel, Princeza de grandes virtudes, e grande animo, que caſou, como eſtá dito, com o Duque Filipo de Borgonha, a qual foi taõ valoroſa, que dizem nunca conſentio, que o Duque ſeu marido foſſe ás Cortes de França, nem ſe viſſe com el Rey, por naõ ſe aſſentar em lugar de Vaſſallo, e menos que Rey. Polo que avendo grandes differenças entre o Duque ſeu marido, e Carlos 7. Rey de França, ſobre a morte do Duque Joaõ, pai do dito Duque Filipo, que el Rey matara ſobre ſeguro, a meſma Infanta Dona Izabel ſe vio com el Rey Carlos, e concluio a paz, com partidos mui honroſos a ſeu marido. Dos quaes foi hum, que el Rey de França pagaſſe ao Duque de Borgonha quinhentas mil coroas, para fazer huma Capella, e outras couſas pola alma do Duque Joaõ; e que em quanto ſenaõ pagavaõ as ditas coroas, o Duque de Borgonha tiveſſe em penhor as Cidades de Troes, Renes, e Xalon na Xampanha.

Aqui neſtas viſtas contaõ, que mandando a Duqueza a ſeu Repoſteiro mór, que lhe levaſſem huma cadeira cuberta de panno de ouro, e lha aſſentaſſem debaixo do docel junto, e igual da del Rey, lha afaſtou, ao tempo que el Rey veio, para outro lugar mais inferior, onde o Duque de Borgonha ſeu marido ſe ouvera de aſſentar. E que ella a tornara mandar por debaixo do docel, dizendo que ella era filha de hum Rey, e de huma

Rai-

Rainha, e que tambem nacera debaixo de hum docel. Polo que el Rey de França mandou que lhe naõ mudassem a cadeira do lugar, onde a Duqueza se queria assentar.

Estes autos viriis, em que a Duqueza se metia, naõ eraõ por faltarem a seu marido espiritos, e grande prudencia; mas por sobejarem a ella. Porque elle foi hum dos valorosos Principes daquelle tempo, como mostrou nos mesmos dias, que sua molher foi a França, porque mandandolhe hum cavalleiro Ingrez, que era Conde de Sofolc, hum cartel de desafio, dizendo nelle, que se queria negar ser elle Duque hum cavalleiro fementido, e naõ aver faltado a fé, que por seu conselho avia dado a el Rey de Inglaterra seu soberano senhor, que de sua pessoa a sua, a toda requesta lhe combateria.

E sendolhe este cartel apresentado por Larretera Rey de armas de Inglaterra, o Duque mandou chamar todos os senhores grandes, que em sua Corte estavaõ; e os do seu conselho, e todos os estrangeiros, que entaõ na Cidade se acharaõ, assi Hespanhoes, como Francezes, e em presença de todos, mandou o Duque ler o cartel; e lido, mandou ao Rey de armas, que se sahisse da salla, e o Duque disse a todos, que os mandara chamar, para que vissem o cartel, que o Conde do Sofolc lhe mandara para lhe darem seu parecer, do que devia fazer naquelle caso.

E posto que alli estavaõ o Conde de S. Pollo, e o Conde de Laigni, e o Conde de Envers, e outros grandes senhores, todos seus vassallos quizeraõ que o senhor de Charni, como insigne cavalleiro, e que já tivera muitos desafios, respondesse primeiro que elles, o qual despois de muito rogado dos ditos Condes, e senhores grandes disse:

ſe ao Duque, que o ſeu parecer era, poſto que o Conde de Sofolc foſſe bom cavalleiro, e grande ſenhor por ſua boa fortuna, todavia a baixeza de ſua linhagem era tal, que até entaõ naõ ſe ſabia em Inglaterra quem era ſeu pai. E que ſeria grave couſa, que o mór Principe da Chriſtandade ſem coroa, ſe ouveſſe de combater com elle. E que lhe parecia, pois tinha vaſſallos, Condes, Baroẽs, e grandes ſenhores, devia de mandar a hum delles, que tomaſſe a requeſta por Sua Alteza, e defendeſſe ſua cauſa. E poſto que entre ſeus vaſſallos ouveſſe outros muitos melhores, que elle ſenhor de Charni, e mais diſpoſtos para iſſo, por mui grande mercê receberia querer darlhe eſſe cargo.

E que os Condes, e ſenhores que alli eſtavaõ, lhe perdoaſſem em ſe naquillo querer anticipar a elles; porque nos caſos em que ſe corria perigo, honeſtamente ſe podia quem quer preferir a outros maiores, que ſi. O Duque mandou aos outros ſenhores, que diſſeſſem ſeu parecer, e todos concordaraõ com a opiniaõ do ſenhor de Charni. Acabando de fallar aquelles ſenhores, o Duque diſſe: que ſem embargo de todos ſerem daquelle parecer, o ſeu era muito ao contrario; e que elle naõ queria ſaber quem era o pai do Conde de Sofolc, nem quem foraõ ſeus avós; que lhe baſtava ſaber que era elle bom cavalleiro, e valente de ſua peſſoa.

E que ſe deſdo Emperador até o menor gentil homem do mundo, ouveſſe algum que diſſeſſe elle aver feito couſa contra ſeu dever, de ſua peſſoa á ſua lho defenderia; e que naõ quereria Deos que ainda que elles, que o ouviaõ, foſſem bons, e valentes cavalleiros, pozeſſe elle ſua honra em outro nenhum, ſenaõ em ſeu braço direito. E logo mandou entrar o Rey de armas de Inglaterra,

terra, e perante todos lhe disse, que dissesse ao Conde de Sofolc, que elle vira seu cartel, e que era contente de lhe defender de sua pessoa á sua todo o contrario do que dizia; que por tanto buscasse a praça, que fosse segura a ambos; e que elle estava prestes para fazer o que dizia. O Rey de armas pedio ao Duque, que pois elle trouxera cartel sellado do sello do Conde de Sofolc, lhe mandasse dar a reposta por escrito, assi como elle trouxera a requesta. O Duque foi disso contente, e logo mandou responder por escrito, e dar ao Rey de armas huma roupa de brocado forrada de martas de muito preço, e quinhentas coroas para o caminho. Vista esta reposta em Inglaterra por el Rey, e polos grandes, dos quaes era o principal o Duque de Glocestre, disse, que el Rey naõ devia dar lugar a que aquella requesta mais adiante passasse. E que, posto que tivesse por imigo ao Duque de Borgonha, se devia lembrar de sua grandeza; e do parentesco, que com elle tinha. Pola qual razaõ el Rey de Inglaterra mandou ao Conde de Sofolc, que naõ falasse mais naquella requesta. E assi o fez, do que o Duque de Borgonha levou tanta mais honra, que o Conde de Sofolc, entre os cavalleiros, que de feitos de armas entendiaõ, quanto o Duque o excedia em dignidade, e grandeza.

Ouve el Rey D. Joaõ, além daquelles filhos legitimos, dous filhos naturaes de huma mesma mãi, D. Affonso, e Dona Britis; D. Affonso casou com Dona Britis primeira filha unica, e herdeira dos estados do Condestabel D. Nuno Alvarez Pereira, a que elle deu em dote o Condado de Barcellos, com a terra de Penafiel, de Bastos, Montalegre, em terra de Barrozo, Guimaraens, Baltar, e Arco de Boulhe, e certas quintas, que tinha entre

Dou-

Douro, e Minho, e outras rendas. E porque el Rey tinha prometido ao Condestabel, que em quanto elle fosse vivo, a ninguem faria Conde, pediolhe o Condestabel, pois dava a seu filho o Condado, lhe désse Sua Alteza o titulo, e assi foi. As vodas se celebraraõ com grandes festas, justas, e torneos, assi por parte del Rey, como do Condestabel. Deste matrimonio nasceo D. Affonso, que foi Conde de Ourem, e despois Marquez de Valença, que morreo sem casar, e sem herdar seu pai; e sómente deixou hum filho natural, que foi Bispo de Evora, e se chamou D. Affonso, que ouve de huma molher fidalga, irmãa de Ruy de Sousa Almotacel mór, que cuidou casar com elle. E assi ouve mais o dito Conde de Barcellos a D. Fernando, que lhe succedeo no Ducado de Bargança, e nos mais Estados; e Dona Izabel, que casou com o Infante D. Joaõ seu tio, por cujo meio ficaraõ sendo descendentes do Condestabel D. Nuno Alvarez Pereira os Reys de Portugal, e de Castella, e os Emperadores, que dos Reys Catholicos descendem.

Dona Britis casou com Thomas Conde de Arondel, que era hum grande senhor da Casa Real de Inglaterra, por meio de Joaõ Vasques de Almada, pai de D. Alvaro Vaz de Almada Conde de Abranches, que naquelle tempo estava em Inglaterra, e era hum dos cavalleiros da Gorrotea, com o Doutor Martim Docem, a contratar o casamento com o Conde, o qual se assentou desta maneira: que se o parecer, e disposiçaõ de Dona Britis contentasse aos Embaixadores, que o Conde a Portugal avia de mandar, a recebessem em seu nome, e que el Rey lhe avia de dar em dote cincoenta mil coroas, as vinte e cinco pagas logo, do dia que Dona Britis fosse a Inglaterra a hum

anno,

anno, e que el Rey a mandasse á sua custa, como cumpria á honra de ambos, com arras iguaes á terça parte do dote. Com os Embaixadores de Portugal vieraõ outros de Inglaterra, que foraõ hum fidalgo principal da casa do Conde, por nome Mossem Joan, Hucleit Syra, e Mestre Joan Doctor em Canones; e contentes do bom parecer, e outras partes de Dona Britis, a receberaõ em nome do Conde seu senhor no anno de mil e quatrocentos e quatro. A esta senhora chamavaõ em Portugal, antes que casasse, a Rica Dona, que entaõ era dignidade, como rico homem, como tambem chamavaõ em Castella rica femea a sua prima com-irmãa Dona Leanor, antes que cazasse com o Infante D. Fernando de Castella, que foi despois Rey de Aragaõ. Seu irmaõ D. Affonso a levou a Inglaterra em huma armada de tres carracas, e vinte e sinco naos, e navios, e tres galés mui bem acompanhada; e de Inglaterra tomou elle o caminho de Hierusalem, aonde foi em romaria, e tornou dahi a tres annos.

FIM

DA CRONICA DEL REY D. JOAÕ O I.

DE BOA MEMORIA.

INDEX
DOS CAPITULOS
desta Cronica del Rey D. Joaõ o I.

CAP. I. *Nacimento del Rey D. Joaõ o I. He eleito Mestre de Aviz: pertende a Rainha Dona Briatis de Castella ser acclamada Rainha de Portugal.* pag. 3.

Cap. II. *Como outras terras de Portugal resistiraõ a pertençaõ da Rainha Dona Briatis.* 7.

Cap. III. *Escreve el Rey de Castella em favor da Rainha Dona Briatis: e os senhores Portuguezes trataõ alguns delles da morte do Conde.* 9.

Cap. IV. *Trata o Mestre de Aviz de matar ao Conde Joaõ Fernandez de Andeiro: descobre seu intento a outros senhores.* 14.

Cap. V. *Vem o Mestre ao Paço, e dentro nelle mata ao Conde Joaõ Fernandez.* 17.

Cap. VI. *Da perturbaçaõ, que ouve na Cidade, cuidando que era morto o Mestre.* 21.

Cap. VII. *He morto do povo o Bispo de Lisboa, e o Prior de Guimarães.* 24.

Cap. VIII. *Vem o Mestre a visitar a Rainha: partese ella pera Alanquer, e o Mestre trata de se ir pera Inglaterra.* 27.

Cap. IX. *Trata o Povo de Lisboa de dissuadir o Mestre da jornada, que intentava.* 31.

Cap. X. *He o Mestre eleito pelo povo por Defensor, e Regedor do Reyno: começa a exercitar o officio, faz novos officiaes.* 35.

Cap. XI. *Mudase a Rainha de Alanquer pera Santarem: segue Nuno Alvarez Pereira ao Mestre, e he favorecido delle.* 41.

Cap. XII. *Como ficou pelo Mestre o Castello de Lisboa,*

boa, e seguio sua voz a Cidade de Béja, e de alguns Castellos, que o povo tomou. 43.
Cap XIII *Tomase o Castello de Evora: contase a furia daquelle povo, e a sua crueldade, matando a Abbadessa do Mosteiro de S. Bento.* 48.
Cap. XIV. *Manda o Mestre Embaixador a Inglaterra: el Rey de Castella prende o Conde de Gijon, e o Infante de Portugal, e mostra sentimento pela morte del Rey.* 51.
Cap. XV. *Vem el Rey de Castella a Portugal: entra na Cidade da Guarda: como o seguiraõ alguns fidalgos Portuguezes, repugnando outros.* 56.
Cap. XVI. *Parte el Rey da Guarda pera Sanctarem chamado por cartas da Rainha Dona Leanor: fazlhe ella renuncia do Governo de Portugal.* 60.
Cap. XVII. *Começa el Rey de Castella a exercitar o officio de Rey de Portugal com o favor de muitos fidalgos: e posse de algumas terras, e castellos.* 63.
Cap. XVIII. *Começase o Mestre a apparelhar contra o Rey de Castella: o primeiro encontro, &c.* 66.
Cap. XIX. *Das liberdades, que os Castelhanos usavaõ em Sanctarem: e como a Rainha Dona Leanor se começou a queixar del Rey de Castella.* 70.
Cap. XX. *Como el Rey foi a Coimbra, levando preza a Rainha Dona Leanor: trata esta de fugir de seu poder: o meio, porque foi descoberta.* 74.
Cap. XXI. *Como el Rey atalhou, e soube da pertençaõ da Rainha Dona Leanor, e a mandou pera hum Mosteiro de Castella: passaõse pera o Mestre os de Alanquer.* 79.
Cap. XXII. *Chega el Rey de Castella a Alanquer, e á Arruda: toma conselho de cercar Lisboa: elege o Mestre por Capitaõ a Nuno Alvarez contra os acometimentos dos Castelhanos.* 84.
Cap. XXIII. *Partese Nuno Alvares para o Alentejo: busca o inimigo, ajunta soldados, aos quaes*

ani-

animou com huma falla, que lhe fez, &c. 87.
Cap. XXIV. *Como Nunalvarez veio com pouca gente buscar o inimigo, e o venceo a primeira vez, e o cometeo outras, &c.* 92.
Cap. XXV. e XXVI. *De huma cavalgada, que fizeraõ os de Villa Viçosa, de que trouxeraõ muito gado: como foi prezo Vasco Porcalho.* 95.
Cap. XXVII. *Como os Castelhanos entraraõ em Villa Viçosa, e os Portuguezes lhe tomaraõ a Alvaro Coitado, que levavaõ prezo, &c.* 98.
Cap. XXVIII. *Soccorre o Mestre os de Alanquer: sem effeito prepara a sua armada: chega parte da de Castella: acomete el Rey a Lisboa.* 105.
Cap. XXIX. *Disposiçaõ do cerco, que el Rey poz a Lisboa: como o Mestre dispoz a sua gente pera a defender; e como os de Almada ficaraõ cercados, e se defenderaõ dos Castelhanos.* 111.
Cap. XXX. *Manda o Mestre pedir embarcaçaõ aos do Porto: parte de lá toda a armada: vemse pera o Mestre o Conde D. Gonçalo, &c.* 115.
Cap. XXXI. *Escapa Nunalvarez de huma treiçaõ: ha el Rey conselho sobre o lugar, em que as armadas haõ de pelejar: manda esperar a de Portugal.* 118.
Cap. XXXII. *Como se encontraraõ as duas armadas: do successo da peleja: vem soccorro á de Castella.* 123.
Cap. XXXIII. *Como os de Almada soffreraõ o cerco, e combates, e entregaraõ o castello a partido.* 127.
Cap. XXXIV. *De huma treiçaõ, que se pertendeo contra o Mestre: passase hum fidalgo para el Rey.* 132.
Cap. XXXV. *Dá peste no arraial Castelhano: comete el Rey concertos ao Mestre: recupera Nunalvarez Pereira o castello de Monçarás.* 135.
Cap. XXXVI. *De hum encontro, que Nunalvarez*

teve com os Castelhanos junto a Badajós, e como foi desafiado delles outra vez, &c. 140.
Cap. XXXVII. *Padecem os cercados de Lisboa intoleravel fome: ateasse a peste no arraial Castelhano: levanta el Rey o cerco, e vaise, &c.* 148.
Cap. XXXVIII. *Fazem os de Lisboa Procissaõ em acçaõ de graças: gratifica aos de Lisboa, levantandolhes muitos tributos.* 154.
Cap. XXXIX. *Deixa el Rey de Castella Capitaẽs em varios castellos de Portugal, &c.* 157.
Cap. XL. *Como el Rey entrou triste em Castella. Trata o Mestre de recuperar Cintra.* 159.
Cap. XLI. *O Mestre toma posse de Almada: entra Alanquer, cerca Torres Vedras.* 163.
Cap. XLII. *El Rey de Castella pertende matar o Mestre por huma treiçaõ: he descuberta, &c.* 167.
Cap. XLIII. *Deixa o Mestre o cerco de Torres Vedras: parte para Coimbra a celebrar Cortes: sua entrada na Cidade.* 173.
Cap. XLIV. *Fazemse Cortes em Coimbra. Proposta do Doctor Joaõ das Regras, &c.* 175.
Cap. XLV. *Continuase a pratica do Doctor Joaõ das Regras: Prova naõ ter direito, &c.* 180.
Cap. XLVI. *Continuase a mesma materia.* 184.
Cap. XLVII. *He o Mestre eleito Rey por todos os Estados de Cortes: sua acclamaçaõ, &c.* 190.
Cap. XLVIII. *Algumas cousas, que se proposeraõ em Cortes: como el Rey fez mercês, &c.* 194.
Cap. XLIX. *Assegura el Rey o castello de Coimbra: toma o Condestabel alguns castellos, &c.* 196.
Cap. L. *Como el Rey D. João ouve o castello de Guimaraens, e o de Braga, &c.* 199.
Cap. LI. *Toma el Rey por armas a Villa de Ponte de Lima, e suas torres.* 205.
Cap. LII. *Entrão por Portugal alguns Capitaens Castelhanos, sabemlhe os Portuguezes, &c.* 213.

Cap. LIII. *He Lisboa cercada da armada de Castella: vem el Rey com o Condestabel, &c.* 220.
Cap. LIV. *Entra el Rey de Castella em Portugal: resistemlhe os de Elvas, exercita crueldades nos Portuguezes: ha conselho, &c.* 223.
Cap. LV. *Entra el Rey de Castella por Portugal fazendo crueldades: ha el Rey D. Joaõ conselho, determinase a lhe dar batalha.* 229.
Cap. LVI. *Marchaõ os dous campos Portuguez, e Castelhano; avistaõse em Algibarrota, &c.* 235.
Cap. LVII. *Numero da gente dos dous exercitos; sua disposiçaõ pera a batalha, &c.* 241.
Cap. LVIII. *Faz el Rey de Portugal falla, animando os seus soldados; dasse batalha, &c.* 250.
Cap. LXIX. *He desbaratado o campo Castelhano; foge seu Rey: ha el Rey de Portugal victoria, e grande despojo do inimigo.* 256.
Cap. LX. *Numero de gente, que morreo nesta batalha de Algibarrota, &c.* 259.
Cap. LXI. *Acolhese el Rey de Castella da Batalha pera Sanctatem, e dahi pera Sevilha, &c.* 267.
Cap. LXII. *Ha el Rey de Portugal o castello de Sanctarem. Dá prizaõ a Pedro Lopez, &c.* 271.
Cap. LXIII. *He o Condestabel feito Conde com muitas mercês, &c.* 276.
Cap. LXIV. *He o Condestabel desafiado dos Castelhanos; acometeos muitas vezes, &c.* 281.
Cap. LXV. *Recupera el Rey de Portugal alguns castellos; poem cerco á Villa de Chaves, &c.* 288.
Cap. LXVI. *Toma el Rey a Villa de Almeida; tem de cerco tres somanas Coria sem a tomar, &c.* 294.
Cap. LXVII. *Soccorre el Rey ao Duque de Lancastro: entra elle por Galiza, &c.* 299.
Cap. LXVIII. *Casamento del Rey D. Joaõ; celebrase no Porto; faz el Rey casa á Rainha, &c.* 306.
Cap. LXIX. *Entraõ el Rey, e o Duque de Lancastro*

tro por Castella saqueando alguns lugares, &c. 311.
Cap. LXX. *Voltaõ pera Portugal el Rey, e o Duque de Loncastro, &c.* 321.
Cap. LXXI. *Chegaõ el Rey, e o Duque a Portugal; faz el Rey de Castella concerto com o Duque de Lancastro, &c.* 327.
Cap. LXXII. *Parte o Duque para Bayona. Algumas disposiçoẽs que el Rey fez; dá o Mestrado de Aviz, e Sanctiago.* 331.
Cap. LXXIII. *Cerca el Rey a Villa de Melgaço; sua entrega, e sahida dos Castelhanos, &c.* 337.
Cap. LXXIV. *Cerca el Rey, e toma a Villa de Campo Maior. Dá huma sentença mui rigorosa. Cerca, e toma a Cidade de Tuy.* 341.
Cap. LXXV. *Capitula tregoas el Rey de Castella com Portugal: morre o de Castella; succedelhe el Rey D. Henrique.* 348.
Cap. LXXVI. *Falta el Rey de Castella ao contrato das tregoas; procura o de Portugal recompensaçaõ; toma por industria Badajós.* 354.
Cap. LXXVII. *Fazem os Castelhanos acometimentos em Portugal; fogem vindo el Rey contra elles, prende este o Prior do Crato.* 362.
Cap. LXXVIII. *Passaõse alguns fidalgos Portuguezes pera Castella, e ahi saõ grandes senhores.* 365.
Cap. LXXIX. *Cobra el Rey de Portugal Salvaterra; poem cerco a Tuy, &c.* 372.
Cap. LXXX. *Tratase de tregoas entre os Reys de Portugal, e Castella.* 380.
Cap. LXXXI. *Morto el Rey de Castella, faz a Rainha pazes com Portugal.* 388.
Cap. LXXXII. *Emprendem os Infantes de Portugal a conquista de Ceita, &c.* 392.
Cap. LXXXIII. *Pões el Rey sua jornada em conselho, e fingidamente desafia o Duque de Holanda.* 400.

Cap.

Cap. LXXXIV. *Ajunta el Rey de Portugal grande armada, &c.* 405.
Cap. LXXXV. *Tememse da armada del Rey de Portugal, e mandaõ Embaixadores, &c.* 406.
Cap. LXXXVI. *Manda el Rey de Granada Embaixadores; voltaõ sem a segurança, que pediaõ.* 412.
Cap. LXXXVII. *Aprestase el Rey para a jornada de Ceita; parte de Lisboa, &c.* 418.
Cap. LXXXVIII. *Navega el Rey com sua armada; dá noticia a todos os seus da sua jornada.* 425.
Cap. LXXXIX. *Apartase a armada de Ceita por causa do tempo: ha varios pareceres, &c.* 431.
Cap. XC. *Anchóra outra vez a armada á vista de Ceita: poemse todos os Capitaẽs della á ordem del Rey para desembarcarem.* 435.
Cap. XCI. *Desembarcaõ os Infantes: entraõ por força de armas na Cidade de Ceita.* 439.
Cap. XCII. *Continuase a entrada de Ceita: relatase a generosidade, e esforço do Infante D. Henrique.* 446.
Cap. XCIII. *Desempara o Alcaide o Castello de Ceita; entraõ nelle os Infantes; tirase grande despojo da terra, &c.* 453.
Cap. XCIV. *Dasse noticia da Cidade de Ceita; qual seja seu proprio nome; benzese nella a Igreja, e dizem a primeira Missa.* 457.
Cap. XCV. *Saõ os Infantes armados Cavalleiros, e outros senhores: manda el Rey divulgar a nova de sua victoria.* 462.
Cap. XCVI. *Fica por Capitaõ de Ceita o Conde D. Pedro de Menezes com bom presidio. Parte el Rey para o Reyno, &c.* 465.
Cap. XC.VII. *Vem el Rey a Portugal: trata de pazes com Castella: he neste tempo cercada Ceita, e soccorrida del Rey.* 470.
Cap. XCVIII. *Manda o Infante D. Henrique desco-*

bridores ás Ilhas de Porto Sancto, e Funchal. 475.
Cap. XCIX. *Assenta el Rey de Portugal tregoas com o de Castella; faz o Infante D. Pedro sua peregrinaçaõ.* 479.
Cap. C. *Casamento do Infante D. Duarte com a Infanta Dona Leanor: festas, que se fizeraõ a esta Senhora no caminho, e sua chegada a Portugal.* 485.
Cap. CI. *Casamento dos Infantes D. Pedro, e Dona Isabel de Portugal: pertende el Rey de Portugal fazer pazes entre os de Castella, Navarra, e Aragaõ.* 489.
Cap. CII. *Apregoaõse pazes perpetuas entre Portugal, e Castella: Vem o Infante D. Pedro de Aragaõ a Portugal.* 466.
Cap. CIII. *Morte del Rey D. Joaõ o Primeiro: seu enterro, e sentimento de seus vassallos.* 500.
Cap. CIV. *Filhos, e descendencia del Rey Dom Joaõ.* 506.